

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DOUTORADO

ALEX DONIZETE VASCONCELOS

**IDENTIDADES HAITIANAS NA HISTÓRIA, NA LITERATURA E EM  
DISCURSOS MUDIÁTICOS DO HAITI, DA REPÚBLICA DOMINICANA  
E DOS ESTADOS UNIDOS (2004-2014)**

GOIÂNIA

2016

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinadas abaixo, para fins de leitura, impressão e download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:** [ ] Dissertação [X] Tese

**2. Identificação da Tese ou Dissertação:**

Nome completo do autor:

**ALEX DONIZETE VASCONCELOS**

Título do trabalho:

**IDENTIDADES HAITIANAS NA HISTÓRIA, NA LITERATURA E EM DISCURSOS MIDIÁTICOS DO HAITI, DA REPÚBLICA DOMINICANA E DOS ESTADOS UNIDOS (2004-2014)**

**3. Informações de acesso ao documento:**

**Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO**

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



---

**ALEX DONIZETE VASCONCELOS**

**Data 26 / 07 / 2016**

ALEX DONIZETE VASCONCELOS

**IDENTIDADES HAITIANAS NA HISTÓRIA, NA LITERATURA E EM  
DISCURSOS MIDIÁTICOS DO HAITI, DA REPÚBLICA DOMINICANA  
E DOS ESTADOS UNIDOS (2004-2014)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Doutor em História na linha de pesquisa “Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História”.

**Área de concentração:** Culturas, Fronteiras e Identidades.

**Linha de Pesquisa:** Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História.

**Orientador:** Prof. Dr. Eugênio Rezende de Carvalho.

GOIÂNIA

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Vasconcelos, Alex Donizete

Identities haitianas na história, na literatura e em discursos midiáticos do Haiti, da República Dominicana e dos Estados Unidos (2004-2014) [manuscrito] / Alex Donizete Vasconcelos. - 2016. CCCLV, 355 f.

Orientador: Prof. Dr. Eugênio Rezende de Carvalho.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2016.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, mapas, abreviaturas, tabelas.

1. Haiti. 2. Identities haitianas. 3. Representações haitianas. 4. Discursos midiáticos. I. Carvalho, Eugênio Rezende de, orient. II. Título.

CDU 94(7/8)

ALEX DONIZETE VASCONCELOS

**IDENTIDADES HAITIANAS NA HISTÓRIA, NA LITERATURA E EM DISCURSOS  
MIDIÁTICOS DO HAITI, DA REPÚBLICA DOMINICANA E DOS ESTADOS  
UNIDOS (2004-2014)**

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Doutor em História, na linha de pesquisa “Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História”. Aprovada em 8 de julho de 2015, às 18 horas, nas dependências da Faculdade de História da UFG, pela seguinte Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Eugênio Rezende de Carvalho – UFG  
Presidente da Banca

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Renata de Melo Rosa – UniCEUB  
Membro Titular Externo

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Kátia Cilene do Couto – UFAM  
Membro Titular Externo

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Libertad Borges Bittencourt – UFG  
Membro Titular Interno

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eliesse Scaramal – UFG  
Membro Titular Interno

---

Prof. Dr. Carlo Patti – PPGH-UFG  
Membro Suplente Interno

---

Prof. Dr. João Carlos Amoroso Botelho – FCS-UFG  
Membro Suplente Externo

## **AGRADECIMENTOS**

São tantos a agradecer...

Ao longo dessa extenuante caminhada, que teve início na jornada da seleção, em que cada etapa vencida representava um passo a mais em direção a realização de um sonho, foram inúmeras as dificuldades, os desafios e os momentos de angústia e aflição que se interpuseram entre nossos desejos e nossas capacidades. Só quem passa por aqui sabe o quão tortuosos e difíceis são esses caminhos...

Os desafios, que por vezes pareceram intransponíveis, foram sendo sobrepujados por meio de uma peleja diuturna, travada em várias frentes, visto as atividades laborais que desenvolvemos paralelo à realização desse projeto, que só se tornou possível graças ao apoio e à dedicação, em alguns casos em tempo integral, de familiares, parentes e amigos, que foram determinantes nos momentos em que fraquejamos... e não foram poucas vezes. Desabamos, em alguns momentos, mas sempre conseguimos nos reerguer, graças, em grande parte, à mão amiga, que sempre nos foi estendida. Hora de agradecer!

Gostaria, por uma questão de gratidão e respeito eternos, de agradecer primeiramente aos meus pais, em especial a minha mãezinha, uma Professora exemplar, muito admirada e querida, que desde muito cedo foi capaz de incutir em mim, apesar das dificuldades, de ordem pessoal e material, determinados valores e virtudes, muitos dos quais inalienáveis, como, por exemplo, o gosto pela educação e pelo conhecimento. Muito obrigado mãe, pelo seu exemplo e por seu amor incondicional, que certamente iluminaram a realização deste trabalho.

Andreia, minha esposa, companheira de todas as horas, melhor amiga, cúmplice, meu porto seguro. Meu amor. Não tenho dúvida nenhuma de que se você não estivesse ao meu lado, eu não estaria vivendo esse momento. Só você e eu sabemos das dificuldades, dos dramas, dos contratempos e das angústias dessa longa empreitada. Foi você, como sempre, que esteve a meu lado e me estendeu a mão nos momentos em que fraquejei; nos momentos em que o desânimo e a desesperança ameaçaram nossos propósitos. Este trabalho é seu... você fez parte disso, do início ao fim. Parabéns meu amor!

Ao meu filho, Bruno, que se ainda não compreendeu muito bem o significado de tanto empenho e abnegação, indispensáveis a um trabalho dessa natureza, um dia há de fazê-lo. Viver é um grande desafio... não vivamos em vão!

Professor Dr. Eugênio; quanta paciência! Agradeço-lhe pela acolhida, pela confiança, pelo respeito e, sobretudo, pelo profissionalismo e pela excelência com que me orientou ao longo desses últimos quatro anos. Sua experiência e elevado nível acadêmico e intelectual foram cruciais, especialmente nos momentos em que houve necessidade de realizar ajustes e/ou inflexões. Chegamos ao final de nossa jornada, sou-lhe muito grato.

Gostaria de agradecer também aos meus irmãos de farda, sobretudo aqueles que estiveram ao meu lado no Centro de Instrução de Engenharia de Construção do 2º Batalhão Ferroviário no decorrer dessa jornada. Seu incentivo, sua camaradagem e, principalmente, a sua compreensão, foram imprescindíveis para que esse trabalho fosse tornado possível. Não foram poucas as vezes que tive que contar com o apoio e a cobertura desses nobres camaradas para conseguir conciliar o trabalho na caserna com as lides acadêmicas. A vocês minha gratidão e deferência. Ao braço, firme!!!

Professoras Doutoradas Renata de Melo Rosa, Libertad Borges Bittencourt - Maestra querida! -, Eliesse Scaramal e Kátia Couto, agradeço pelo carinho e pela atenção que sempre me foram dispensados. Às Profas. Dras. Renata, Libertad e Eliesse, por terem contribuído, já no Exame de Qualificação, para que pudéssemos realizar os ajustes e correções que o trabalho demandava. Espero ter conseguido, sob a orientação do Prof. Dr. Eugênio, dar o rumo sugerido ao trabalho que vos apresentamos. À Profa. Dra. Kátia, por ter aceito de pronto, e tão gentilmente, nosso convite para participar desse momento tão significativo em nossa trajetória acadêmica. Meu muito obrigado às Senhoras.

Ao meu caro Euripedes, cujos conhecimentos e habilidades com bancos de dados nos permitiram organizar e classificar nossas fontes midiáticas, facilitando o manuseio, a consulta e o cruzamento de um grande volume dados. Muito obrigado, Soldado!

Sidimar, minha conterrânea, amiga de longa data, de um tempo que, apesar das dificuldades, deixou saudades... Agradeço por seu carinho, sua disponibilidade e boa vontade em colaborar. Sua participação foi de valor inestimável, sobretudo na última etapa dos trabalhos, quando realizamos uma necessária e trabalhosa revisão geral. A você meus mais sinceros agradecimentos.

Por fim, e não menos importante, gostaria de agradecer a todos aqueles que, muito embora não mencionados nominalmente, contribuíram, direta ou indiretamente, para que esse sonho pudesse se tornar realidade. Como disse Raul “Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto, é realidade!”

Muito obrigado a todos que fizeram parte desse sonho!

“Para iludir minha desgraça, estudo.  
Intimamente sei que não me iludo.  
Para onde vou (o mundo inteiro o nota)  
Nos meus olhares fúnebres, carrego  
A indiferença estúpida de um cego  
E o ar indolente de um chinês idiota!

A passagem dos séculos me assombra.  
Para onde irá correndo minha sombra  
Nesse cavalo de eletricidade?!  
Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:  
Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?  
E parece-me um sonho a realidade.”.

Augusto dos Anjos

## **RESUMO**

Este trabalho de pesquisa foi dedicado, em linhas gerais, a estabelecer os contornos de dada identidade, ou, com mais acerto, de uma longa tradição de identidade, que, engendrada nos idos coloniais, caracterizada por um conteúdo predominantemente negativo e depreciativo do “ser haitiano”, estrutura-se e se estabelece ao longo da história do país, influenciando, ainda hoje, na conformação de suas identidades. Busca-se, portanto, perscrutar o processo de construção e atribuição dessas identidades por meio da produção e da disseminação de uma discursividade e de uma ideologia anti-haitianistas. Para tanto, procede-se a um ‘mapeamento’ discursivo/ideológico, procurando, por um lado, delinear os contornos dessa tradição de identidade haitiana na historiografia e na literatura dedicadas ao tema, e, por outro, perceber e identificar sua manifestação nos discursos midiáticos produzidos e disseminados por meio de jornais haitianos, dominicanos e estadunidenses, ao longo dos dez primeiros anos de intervenção da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), ou seja, no período de 2004 a 2014. Nossas pesquisas evidenciaram, dessa forma – a partir de um mapeamento realizado na historiografia e na literatura afeta ao tema, produzida e reproduzida na longa duração –, a retomada e a apropriação dessa tradição – de seus estigmas, estereótipos e práticas – por parte dos discursos midiáticos contemporâneos que abordam a realidade histórica, social, cultural, política ou econômica do Haiti, bem como a influência dessa na conformação das identidades haitianas contemporâneas.

**Palavras-chave:** Haiti, Identidades haitianas, Representações haitianas, Discursos midiáticos

## **ABSTRACT**

This research was dedicated, in general terms, to establish the contours of certain identity, or, more precisely, of a long tradition of identity, that, engendered in the colonial period, characterized by a mainly negative and derogatory content of "being Haitian", that was structured and established throughout the country's history and, even today, influences in shaping the Haitians' identities. Therefore, we look for scrutinizing the process of construction and assignment of such identities by means of the production and dissemination of an anti-Haitian discourse and ideology. For that, we carried out a discursive/ideological 'mapping' procedure, seeking, at first, to outline the contours of that Haitian identity tradition in its historiography and literature devoted to the theme, and secondly, to understand and to identify its manifestation in the media discourse produced and disseminated through the Haitian, Dominican and American newspapers, over the first ten years of the United Nations Mission for the Stabilization of Haiti (MINUSTAH) intervention, i.e., from 2004 to 2014. That way, our researches showed, from a mapping process carried out in the nation's historiography and literature linked to the subject, produced and reproduced in the long term - the recovery and appropriation of this tradition - their stigmas, stereotypes and practices – by the contemporary media discourse that addresses the historical, social, cultural, political or economic reality in Haiti, as well as the influence of that reality in shaping the contemporary Haitian identity.

**Keywords:** Haiti, Haitian identities, Haitian representations, media discourse

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

<b>AD</b>	Análise do Discurso
<b>BRABATT</b>	Batalhão Brasileiro da MINUSTAH
<b>CARICOM</b>	Comunidade do Caribe
<b>CD</b>	Convergência Democrática
<b>CEP</b>	Conselho Eleitoral Provisório
<b>CNN</b>	<i>Cable News Network</i>
<b>CS</b>	Conselho de Segurança
<b>CSNU</b>	Conselho de Segurança das Nações Unidas
<b>CTRH</b>	Comissão Temporária para a Reconstrução do Haiti
<b>DDR</b>	Desarmamento, Desmobilização e Reintegração
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>FAd'H</b>	Forças Armadas do Haiti
<b>FFMD</b>	Fundo Fiduciário Multi Doadores
<b>FMP</b>	Força Multinacional Provisória
<b>FL</b>	<i>Fanmi Lavalas</i>
<b>GSI</b>	Gabinete de Segurança Institucional
<b>MICAH</b>	Missão de Apoio Internacional Civil no Haiti
<b>MICIVIH</b>	Missão das Nações Unidas no Haiti
<b>MINUSTAH</b>	Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti
<b>MIPONUH</b>	Missão de Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti
<b>OEA</b>	Organização dos Estados Americanos
<b>ONGs</b>	Organizações Não-Governamentais
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>OPL</b>	Organização dos Povos em Luta
<b>PNH</b>	Polícia Nacional do Haiti
<b>UN</b>	<i>United Nations</i> (Nações Unidas)
<b>UNMIH</b>	Missão das Nações Unidas no Haiti
<b>UNSMIH</b>	Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti
<b>UNTMIH</b>	Missão das Nações Unidas de Transição no Haiti

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 – IDENTIDADES HAITIANAS NA HISTÓRIA</b>	<b>36</b>
1.1. Formação histórica do Haiti: da conquista ao século XVIII	40
1.2. A revolução (1791-1804) e a (in)dependência haitiana	51
1.3. A intervenção estadunidense (1915-1934): o pretexto do caos	65
1.4. A história contemporânea: do duvalierismo à MINUSTAH (1957-2014)	75
<b>CAPÍTULO 2 – IDENTIDADES HAITIANAS NA LITERATURA: ENTRE A DETRAÇÃO E A VITIMIZAÇÃO</b>	<b>101</b>
2.1. <i>Hayti or The Black Republic</i> : A tradição estabelecida por John Spenser	106
2.2. Jacques Nicolas Léger: <i>O Haiti, sua história e seus detratores</i>	119
2.3. <i>Así habló el tío</i> : os fundamentos da haitianidade?	134
2.4. O anti-haitianismo dominicano como expressão da dominicanidade: <i>Manuel Arturo Peña Batlle e Joaquín Balaguer Ricardo</i>	145
<b>CAPÍTULO 3 – AS IDENTIDADES HAITIANAS NOS DISCURSOS MIDIÁTICOS CONTEMPORÂNEOS: CONFORMAÇÃO HISTÓRICA/POLÍTICA</b>	<b>165</b>
3.1. Prolegômenos anti-haitianistas: revolução, imperialismo e decadência	171
3.2. Intervenções, massacres e ditaduras: a exasperação do discurso anti-haitianista	186
3.3. De Aristide à MINUSTAH: <i>¿A quién amenaza Haití?</i>	201

<b>CAPÍTULO 4 – AS IDENTIDADES HAITIANAS NOS DISCURSOS MIDIÁTICOS CONTEMPORÂNEOS: CONFORMAÇÃO RACIAL</b>	<b>220</b>
4.1. A raça e o racismo como elementos definidores das identidades haitianas	224
4.2. Leis de Migração 285/04 e 168/13: o racismo como política de estado?	237
<b>CAPÍTULO 5 – AS IDENTIDADES HAITIANAS NOS DISCURSOS MIDIÁTICOS CONTEMPORÂNEOS: CONFORMAÇÃO CULTURAL</b>	<b>254</b>
5.1. Manifestações culturais haitianas: arcabouço de identidade e de denegação	258
5.2. Haiti, “ <i>trocito africano en el Caribe</i> ”. A cultura como representação da diferença	269
5.3. Espanhola e suas identidades: o “ser haitiano” como “negação do que queremos ser”	277
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>287</b>
<b>FONTES ANALISADAS</b>	<b>296</b>
<b>FONTES UTILIZADAS</b>	<b>319</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>334</b>
ANEXO A – Mapa político do Haiti	349
ANEXO B – Mapa das tropas da MINUSTAH no Haiti/2015	350
APÊNDICE A – Cronologia	351
APÊNDICE B – Principais acontecimentos geopolíticos e históricos na demarcação fronteiriça entre o Haiti e a República Dominicana	353
APÊNDICE C – <i>The Demographics of Saint Domingue (1789-1790)</i>	355

## INTRODUÇÃO

Não seria exagero afirmar que o Haiti, o pequeno país localizado na ilha de Espanhola, compartilhada com a República Dominicana, ex-colônia francesa, vizinho de Cuba e encrustado no coração do Caribe, no mais das vezes reconhecido ou lembrado – quando o é – como o país da Revolução dos escravos, do vodu e por ser contemporaneamente o país mais pobre das Américas, permanece um desconhecido dentro do próprio continente Americano, causando certo estranhamento naqueles que tomam contato com sua realidade histórica, política, social, econômica e cultural. Poderíamos dizer que não é raro perceber nas referências hodiernas ao Haiti, sobretudo a partir daquilo que Patrick Charaudeau (2009, p. 12) chamou de “discurso de informação”<sup>1</sup>, determinados elementos identitários ou representacionais que buscam apresentá-lo como o país do caos, da barbárie e de negros incapazes de se autogovernar. Dentro dessa perspectiva o pequeno país caribenho figura em alguns veículos midiáticos, de maneira reiterada, diga-se de passagem, ora como “uma nação patética”, ora como um “pedaço da África perdido no meio das Américas” (SCHWARTSMAN, *Folha de São Paulo*, 14/01/2010, n. p.), ou, ainda, como “um dos piores buracos do inferno sobre a terra” (FREIRE, *Folha de São Paulo*, 17/01/2010, n. p.).

---

<sup>1</sup> Trata-se, segundo Charaudeau (2009, p. 12), de “[...] uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário” (CHARAUDEAU, 2009, p. 12). Os discursos midiáticos produzidos e disseminados por meio da rede mundial a partir de sítios de jornais, revistas, *blogs*, etc., como os que utilizaremos em nosso trabalho podem ser considerados como tais, uma vez que se enquadram nos pressupostos apresentados pelo autor.

Tais referências – diferente do que o leitor menos afeito à temática pode ser levado a supor<sup>2</sup> – não constituem novidade, estando inscritas, como teremos oportunidade e observar, em um quadro de permanências e continuidades que se corporifica em uma tradição de identidade secular, anti-haitiana, cujas origens remontam à colonização da ilha de Espanhola por espanhóis e franceses e que segue influenciando, em alguma medida, nas relações do povo haitiano com o Outro<sup>3</sup>. É sobre esse desconhecimento e esse reconhecimento que buscaremos tratar aqui. Sobre essa tradição que faz com que determinados aspectos prevaleçam e outros sejam silenciados, abrindo espaço para a construção de uma representação estereotipada e negativa do Haiti, aí compreendidos aspectos diversos de sua história, cultura<sup>4</sup> e sociedade.

A análise fortuita ou superficial de certos discursos midiáticos que nos informam sobre o Haiti, contribui para reforçar determinados estigmas que, estruturados a partir de diferentes vozes e diferentes temporalidades, perduram, tornando prisioneiros não só o povo haitiano, mas grande parte daqueles que deles se valem como único referencial. O componente histórico, fundamental para que se proceda a uma análise que busque escapar ao imediatismo sensacionalista e pueril que caracteriza essa discursividade é, na maioria das vezes, negligenciado ou simplesmente ignorado, quando não intencionalmente dissimulado. Essas são, à propósito, segundo Charaudeau (2009, p. 134), duas características essenciais dos discursos de informação: a a-historicidade e a efemeridade. Dessa maneira, o racismo e o preconceito ou aversão cultural, desenvolvidos, quase que invariavelmente, em função de suas raízes culturais e ancestrais africanas, mobilizados por

---

<sup>2</sup> O trabalho aqui desenvolvido foi concebido a partir de um conjunto de inquietações oriundas tanto do meio acadêmico, quanto de experiências pessoais, vivenciadas junto a um grupo de sujeitos que, apesar de conhecedores do drama haitiano contemporâneo, pode ser considerado como um público leigo, academicamente falando. Muitas das questões levantadas ao longo do trabalho, apesar de não constituírem novidade ao público acadêmico, sobretudo para um restrito grupo de especialistas na temática haitiana ou caribenha, certamente contribuirão para aclarar aos não especialistas ou leigos, algumas das motivações e os porquês da permanência de determinadas perspectivas de cunho histórico, político, cultural e econômico na construção das representações e das identidades do pequeno país. Assim sendo, desde já, pedimos a compreensão daqueles que se colocam entre os primeiros, pelo fato de que em alguns momentos de nosso trabalho certamente teremos que adentrar ou nos ater a determinadas questões ou discussões que, embora consistam conhecimento basilar de sua especialidade, seguramente escapam à compreensão ou ao conhecimento do público médio, não especialista, a quem, em grande parte, esse trabalho é dedicado.

<sup>3</sup> Optamos por grafar esse “Outro” com a inicial maiúscula por entendermos que se trata, aqui, de um sujeito substantivado, real, a partir do qual as identidades haitianas são pensadas e discursivamente construídas.

<sup>4</sup> Buscando fugir de certas discussões, que envolvem o caráter amplamente polissêmico desse conceito, optamos, nos limites desse trabalho, por sua definição mais simples, nem por isso menos precisa, segundo a qual, de acordo com Silva & Silva (2009, p. 405) a cultura diz respeito a “[...] um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente [...] um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade.”

um aparato discursivo que remonta de longa data, tornam-se os principais marcos da denegação do haitiano.

Desenvolveu-se assim, sobre essas bases, em função das conturbadas relações que os habitantes do terço ocidental de Espanhola mantiveram, desde os tempos coloniais, com franceses, espanhóis, ingleses, dentre outros, e sobretudo a partir da célebre Revolução Haitiana e seus desdobramentos, determinado *anti-haitianismo*<sup>5</sup>. Frank Moya Pons (*Diario Libre*, 12/12/2009, n. p.), historiador dominicano, fala-nos de um *antihaitianismo histórico*, elaborado, como o próprio nome indica, a partir das intrincadas relações históricas de *Saint-Domingue*, mais tarde Haiti, com franceses, espanhóis, ingleses e dominicanos, e de um *antihaitianismo de Estado*, que, assentado sobre o suporte cultural do primeiro, é sustentado e transmitido por meio do sistema educativo e pelos meios de comunicação, especialmente dos dominicanos. Tanto um quanto outro constituem parte do alicerce sobre o qual as representações depreciativas do Haiti encontram-se assentadas. É da ação dessa prática discursiva, suas permanências e continuidades, sobre as identidades haitianas que buscaremos tratar aqui. É desse discurso que nos serviremos aqui. É a partir dessa problemática que nosso trabalho se estrutura e se desenvolve.

Minhas inquietações acerca da temática haitiana remontam aos idos de 2008, ano em que concluí o curso de graduação em História pela Universidade Federal de Goiás, apresentando um trabalho de conclusão de curso intitulado *Sarmiento e Bilbao: da barbárie à utopia: conformação das identidades sul-americanas no século XIX*<sup>6</sup>. Neste trabalho perscrutei determinada discursividade, presente em algumas obras de dois importantes autores sul-americanos: o argentino Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) e o chileno Francisco Bilbao Barquín (1823-1865).<sup>7</sup> Chamava minha atenção, principalmente, o

---

<sup>5</sup> Denomina-se anti-haitianismo determinado viés discursivo, racista, desenvolvido inicialmente pelas autoridades coloniais – (francesas e espanholas), em decorrência de suas conturbadas relações com os habitantes de *Saint-Domingue*, que culminam com a Revolução Haitiana (1791-1804) – e, posteriormente, pelos dominicanos – a partir, sobretudo, das sucessivas e malfadadas tentativas de unificação da ilha pelo governo haitiano – contra os haitianos e seus descendentes. A reiterada reprodução e disseminação dos motes anti-haitianistas fez com que tais discursos extrapolassem os limites da ilha de Espanhola, passando a orientar, em certa medida, determinadas práticas discursivas, sobremaneira negativas e depreciativas do Estado e do povo haitiano. (SAGÁS, 1993, 1-5)

<sup>6</sup> VASCONCELOS, Alex Donizete. *Sarmiento e Bilbao: da barbárie à utopia – Conformação das identidades sul-americanas no século XIX*. 2007. 119 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

<sup>7</sup> Trata-se das obras *Facundo, Civilização e Barbárie* (1845) e *Conflicto y armonias de las razas en América* (1883), de Domingo Faustino Sarmiento; e *La América en Peligro* (1862) e *El Evangelio Americano* (1864) de Francisco Bilbao Barquín.

viés negativo reservado ao latino-americano no discurso de Sarmiento em *Conflicto y armonias de las razas en América* (1883). Assim, com claras influências eurocentristas, o latino-americano – em especial aqueles que descendiam dos nativos – era rotulado como indolente, capcioso, preguiçoso e, principalmente, incapaz, sendo representado, quase sempre, como um estorvo e como uma das principais causas da suposta barbárie observada na América Latina.

Ocorre que, nessa mesma época, paralelo à realização desse trabalho, estávamos em contato, também, com um grupo de militares do Exército Brasileiro que, por força de sua profissão<sup>8</sup>, atuava desde o ano de 2004 no Haiti, como componentes da MINUSTAH<sup>9</sup>. Começamos a perceber, a partir das experiências obtidas com a realização do trabalho acadêmico e dos relatos de parte daqueles militares, que, muito embora o aparente distanciamento entre as duas realidades – a Argentina, do século XIX e do Haiti contemporâneo –, pareciam haver determinadas permanências e/ou continuidades, entre os discursos presentes na obra de Sarmiento (1883) e aqueles relatos, que buscavam nos informar acerca da pequena nação caribenha. Sobressaía, tanto lá quanto cá, uma perspectiva notadamente depreciativa dos sujeitos representados. Havia, segundo suspeitávamos, para além das disparidades objetivamente delineadas, algo que aproximava essas realidades. Aos poucos fomos percebendo que as aproximações diziam respeito à natureza do discurso que lhes era ou é dirigido.

Concluí o curso de graduação em 2007 e já em 2008 iniciei o mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH/UFG). Nessa oportunidade buscamos desenvolver um projeto que tinha como

---

<sup>8</sup> Esses militares, assim como eu, estavam lotados na Brigada de Operações Especiais, sediada em Goiânia-GO. Esta Organização Militar, que abriga em seus quadros o grosso das tropas de elite do Exército Brasileiro, enviava, à época, um considerável número de especialistas ao Haiti, dentre estes, aqueles militares com os quais convivíamos cotidianamente. Esse convívio certamente foi determinante em nossa decisão de desenvolver um trabalho que buscava apresentar algumas respostas a determinadas questões – suscitadas em nossos bate-papos e reencontros –, que, apesar de aparentemente óbvias, intrigavam-nos, sobretudo em função de nossas lides acadêmicas.

<sup>9</sup> Sigla derivada do francês: *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haiti*. Em sua resolução 1542 (2004), de 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança da ONU estabeleceu, em 1º de junho de 2004, a Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH), em substituição à Força Multinacional Provisória (FMP) – composta por França, Estados Unidos, Canadá e Chile – que atuava no Haiti desde a queda do ex-presidente Jean-Bertrand Aristide, com o intuito de ‘restabelecer a ordem no país’. Dentre as principais metas da MINUSTAH, estavam: a estabilização do Haiti; a implementação e o desenvolvimento do Programa DDR (Desarmamento, Desmobilização e Recolocação dos grupos rebeldes, representados, em sua maioria, por ex-militares das Forças Armadas do Haiti, dissolvidas em 1995 por Aristide); a realização de eleições livres; e, por fim, o desenvolvimento econômico e institucional do país.

propósito principal evidenciar a existência e, talvez com mais acerto, a permanência dessa discursividade que, em linhas gerais, buscava representar o haitiano – tal qual Sarmiento fizera com seus compatriotas nos idos do século XIX – sob uma perspectiva enviesada, em que sobressaíam determinados estigmas históricos, raciais e culturais. Assim, durante a realização do mestrado, no período de 2008 a 2010, desenvolvi um trabalho pensado e elaborado no contexto da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH)<sup>10</sup>, procurando evidenciar – por meio de um vasto e diversificado *corpus*, que compreendia documentos oficiais da ONU/OEA e matérias e reportagens veiculadas pela mídia nacional, publicadas pelo jornal *Folha de São Paulo*, em seu formato digital –, a presença desses discursos nas referências, oficiais ou oficiosas, dirigidas ao povo e ao Estado haitiano, e, por conseguinte, em suas representações e identidades.

Foi possível perceber, ao final do trabalho, a partir da análise das fontes anteriormente listadas, a prevalência de certa interdiscursividade – caracterizada, segundo Fernandes (2005, p. 49), “[...] pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais” –, bem como a relação desta com determinadas identidades e representações, barbarescas e barbarizantes, do povo haitiano. Foi possível perceber também que tais discursos, que orientavam e sustentavam estas construções distinguiam-se, sobretudo, pelo seu caráter pedante, a-histórico e sensacionalista, fatores estes que não impediam que eles fossem tomados por determinados sujeitos que figuravam nas fontes então utilizadas – dentre os quais podemos destacar repórteres e jornalistas, políticos, diplomatas, militares a serviço da MINUSTAH, funcionários e representantes da ONU e de ONG que atuavam no Haiti – em função de sua ampla e reiterada disseminação, como verdades pacíficas. Mas isso não era tudo.

Se, por um lado, determinadas questões tornavam-se um pouco mais mais evidentes, algumas resolvidas – pois parecia patente que para além dos graves problemas estruturais, o Haiti, mais precisamente dada representação do país, estava sob a influência desses discursos – outras permaneciam abertas e outras mais se colocavam. Quais eram os marcos constitutivos destes discursos? Como e a partir de onde eles se estruturavam? Seria possível historicizá-los, delimitando-os a partir de determinado espaço-tempo?

---

<sup>10</sup> VASCONCELOS, Alex Donizete. *A MINUSTAH e a alteridade: representações e identidades haitianas nos discursos da ONU e da Folha de São Paulo (2004-2010)*. 2010. 189 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Curso da Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

Teríamos um discurso e diferentes temporalidades ou esses discursos seriam distintos? Haveria determinadas permanências que os caracterizariam, aproximando-os ou, até mesmo, tornando-os uníssonos? Qual o papel da mídia no agenciamento dessas representações discursivas? O que havia para além desses discursos? Quais interesses os alimentavam? Em suma, tornava-se necessário proceder a um mapeamento de tais discursos, determinando seus limites, suas condições de produção, as possíveis causas para seu recorrente agenciamento e, principalmente, determinar em que medida esses discursos se faziam presentes e/ou influenciavam na construção das identidades e representações do povo haitiano.

A oportunidade para aprofundar essas questões veio com minha aprovação para o doutorado, no segundo semestre de 2011, momento em que, concomitantemente, preparava-me para compor os quadros do 16º Contingente de Forças de Paz do Haiti, que seria enviado aquele país em abril de 2012. Iniciei essa nova empreitada no PPGH/UFG em março de 2012 e em abril embarquei para o Haiti como *peacekeeper*<sup>11</sup> da MINUSTAH, após um longo e exaustivo período de capacitação, que se desenvolvera no decorrer do segundo semestre de 2011 e nos primeiros três meses de 2012. Este período de preparação e de permanência no Haiti, mais especificamente em Porto Príncipe, constituiu-se como uma grande oportunidade, tanto para o militar quanto para o historiador/pesquisador. Em solo haitiano tive contato com uma realidade intangível por meio da literatura. Pudemos verificar, *in loco*, o que até então nos havia sido apresentado de maneira indireta – tanto por meio da literatura pesquisada, quanto por nossos interlocutores brasileiros – e muitas vezes deturpada, tanto no que diz respeito a determinados aspectos históricos e políticos, quanto ao papel desempenhado pelas forças de ocupação da MINUSTAH, das quais éramos partícipes naquele momento.

Dessa forma, o trabalho ora desenvolvido constitui-se não tanto como uma continuação, mas certamente como um aprofundamento daquele realizado anteriormente. Nosso recorte temporal, em que pese o recuo realizado em determinados momentos – que buscam dar conta das condições de produção desses discursos (aspectos

---

<sup>11</sup> Os *peacekeepers* (mantenedores da paz) são militares a serviço da ONU que atuam em missões de paz como a MINUSTAH. Estivemos no Haiti por sete meses, no período compreendido entre os meses de abril e novembro de 2012, atuando junto ao 16º Contingente de Força de Paz brasileiro enviado ao país. Neste período tivemos a oportunidade ímpar de constatar, *in loco* o descompasso, por vezes gritante, entre o que se ouve/lê e o que se vê. Infelizmente as particularidades e as demandas decorrentes de nossa posição naquele momento inviabilizaram a realização de um trabalho de campo mais substancial, com a realização de uma pesquisa sistemática e delineada por parâmetros metodológicos claros e precisos, que pudessem contribuir para a validação de nossas hipóteses, fato que não invalida, por certo, a rica e singular experiência.

históricos, sociais e ideológicos), logo, do estabelecimento desta tradição discursivo-identitária, a partir de uma pesquisa bibliográfica e da análise de determinadas obras e autores diretamente relacionados ao tema – é balizado pelo estabelecimento da MINUSTAH em 2004, que se dá após a queda de Jean-Bertrand Aristide, avançando por toda a primeira década da intervenção<sup>12</sup>, até 2014. A opção por esse espaço temporal pode ser justificada não só por sua importância histórica, mas também por se caracterizar como um período em que – em função da agudização da crise sociopolítica e econômica atravessada pelo país desde a deposição dos Duvalier – os discursos e as práticas anti-haitianistas são retomados pela mídia escrita ou televisiva, interna e externa, estando presentes, amiúde, por exemplo, nas páginas dos jornais *on-line* em artigos e reportagens que constituem as fontes utilizadas nos três últimos capítulos deste trabalho.

A opção por trabalhar com esse tipo de fonte sobrevém, por um lado, de uma dificuldade, e, por outro, de uma experiência que, em um momento anterior, rendera bons frutos. A dificuldade diz respeito à relativa escassez de fontes ou referências que possam dar conta da problemática haitiana na perspectiva que buscamos tratar, qual seja: evidenciar a influência da manifestação de determinados discursos e práticas, inscritos em uma longa tradição haitiana, na construção das identidades haitianas contemporâneas. As mídias escritas, disponíveis na rede mundial, revelaram-se mais profícuas para o tipo de análise que realizamos. Os bons resultados obtidos no trabalho desenvolvido na realização do mestrado, quando procedemos à análise de um conjunto de artigos e reportagens publicados no formato digital do jornal *Folha de São Paulo*, no período de 2004 a 2010, versando sobre a temática haitiana, mais especificamente sobre a intervenção da MINUSTAH, foram determinantes para que optássemos, mais uma vez, por esse tipo de fonte.

Definida a tipologia das fontes, tornava-se necessário realizar a seleção dos veículos midiáticos que pudessem atender, por um lado e inicialmente, as demandas quantitativas e objetivas, e, por outro, as qualitativas e subjetivas, de nossa pesquisa. Quais critérios poderiam nortear nossa escolha? Qual seria o percurso metodológico

---

<sup>12</sup> Optamos, o âmbito deste trabalho, pelo emprego do termo intervenção em lugar de ocupação em função, principalmente, da carga ideológica que cada um deles pode comportar. O emprego do termo intervenção parece remeter à ideia de uma ação conciliadora de uma terceira parte – interventora – que concorre para a solução ou amenização de determinado problema. O termo ocupação, por outro lado, conduz à ideia de invasão, posse, embargo. Para nossos fins utilizaremos, daqui por diante, quando nos referirmos à MINUSTAH, o termo intervenção, visto que, ainda que em tese, os componentes civis e militares presentes em solo haitiano estão, ou deveriam estar, empenhados em apresentar uma solução mediada e conjunta para uma parte dos problemas que afligem o povo haitiano.

empregado na análise dessas fontes? De onde nos posicionaríamos para tentar perceber as possíveis relações entre a reprodução e a disseminação desses discursos e a permanência ou continuidade de elementos que formam e integram certa tradição de identidade haitiana? Nossa seleção seria definida a partir de indicadores quantitativos, ou seja, definiríamos os veículos privilegiando, por exemplo, aqueles que se destacassem em relação aos números relativos à circulação média diária, ou procederíamos à seleção a partir de uma análise preliminar dos conteúdos, de onde seria possível delimitar quais jornais publicavam artigos ou matérias que viessem ao encontro de nossos propósitos, principalmente no que diz respeito à perspectiva e à abordagem? Poderíamos nos valer também da representatividade desses jornais, no que concerne ao grupo de especialistas e intelectuais engajados na produção e na publicação de artigos referentes à nossa temática?

É certo que algumas indicações já haviam sido delineadas durante a análise das obras que compunham o acervo bibliográfico utilizado na elaboração do primeiro capítulo do trabalho, quando buscamos estabelecer as condições de produção dos discursos e daquelas práticas, realizando o mapeamento dessa discursividade na longa duração, ou seja, a explicitação dos elementos básicos e fundamentais da tradição de identidade haitiana que tencionamos desvelar. Dessa análise definimos que esses discursos seriam buscados em veículos midiáticos do Haiti, da República Dominicana e dos Estados Unidos. A opção por veículos midiáticos haitianos deu-se principalmente em função da necessidade de se buscar compreender o modo pelo qual determinados discursos anti-haitianistas são recebidos e processados pela mídia haitiana, e, sobretudo, como e em que medida lhe influencia. No que toca aos Estados Unidos e à República Dominicana a opção se deu em função, em especial, do papel histórico desempenhado por esses atores na estruturação, no estabelecimento e na perpetuação dessa discursividade performática anti-haitiana.

Definidos os “lugares”, passamos, então, à seleção dos veículos propriamente ditos. Na definição de quais jornais comporiam o *corpus* de análise, levamos em conta, inicialmente, aspectos de ordem objetiva, uma vez que esses certamente teriam um caráter restritivo não só para a pesquisa, mas, também, para futuras consultas ao material utilizado.<sup>13</sup> Neste primeiro momento foram considerados, dentre outros aspectos, a

---

<sup>13</sup> O que de fato acabou acontecendo, por exemplo com o jornal haitiano *The Haitian Times*. Antes da finalização do trabalho percebemos que o referido jornal passou a exigir um cadastro e o pagamento de uma taxa para permitir o acesso aos seus conteúdos.

regularidade, o volume, a acessibilidade, a disponibilidade, o alcance e o idioma das publicações referentes ao tema no período considerado (2004 a 2014). Estabelecidos esses parâmetros iniciais, realizado um primeiro recorte, decidimos então que, a partir daí, os aspectos qualitativos se sobreporiam, até mesmo pelo fato de que não dispúnhamos de mecanismos ou dispositivos confiáveis, que pudessem mensurar adequadamente a recepção daqueles artigos e reportagens pelo público. Assim, em lugar de sobrevalorizar dados referentes à circulação das reportagens e artigos que seriam analisados, optamos por priorizar o conteúdo, a atenção dedicada ao tema, e à perspectiva adotada pelos diferentes veículos.

Iniciamos então um longo e exaustivo trabalho de pesquisa – busca, análise prévia e seleção – de veículos midiáticos do Haiti, da República Dominicana e dos Estados Unidos que atendessem aqueles requisitos iniciais. Ao longo desse trabalho começamos a perceber que a discursividade buscada se manifestava, principalmente, em determinados cadernos, prioritariamente na seção “opinião” e no “editorial”, que se destacavam, dentre outros motivos, por serem espaços povoados por uma multiplicidade de atores, vozes e posicionamentos. Optamos, ademais, por esses dois espaços. Ao final dessa primeira etapa foram selecionados, dentre uma série de outros<sup>14</sup>, seis jornais, sendo dois do Haiti (*Alter Presse* e *The Haitian Times*), três da República Dominicana (*Hoy Digital*, *El Nacional* e *El Día*) e um dos Estados Unidos (*The New York Times*).<sup>15</sup> Esses jornais, além de atenderem aos critérios objetivos, descritos anteriormente, apresentavam um conjunto de publicações que, em uma análise preliminar, contemplavam os aspectos qualitativos perseguidos em nossa pesquisa.

Os jornais haitianos – *Alter Presse* e *The Haitian Times* – aproximam-se, sobretudo no que diz respeito a seu pretensão deslocamento em relação à mídia dominante ou conservadora, sobre a qual se consideram “alternativos” e “autônomos”<sup>16</sup>. Esse

---

<sup>14</sup> Durante a seleção, pelos motivos explicitados, fomos obrigados a abrir mão de uma série de jornais que certamente também poderiam ter contribuído para nossa pesquisa, dentre os quais podemos citar os haitianos *Le Nouvelliste*, *Le Matin*, *Haiti en Marche* e *Haiti Liberte*; os dominicanos *Listín Diario*, *El Caribe*, *Diario Libre* e *El Nuevo Diario*; e os estadunidenses *Miami Herald*, *Washington Post* e *El Nuevo Herald*. Abrimos mão desses jornais tanto por questões práticas e objetivas, ligadas à necessidade de se estabelecer recortes – sempre arbitrários em qualquer trabalho de pesquisa – quanto por questões qualitativas, relativas ao conteúdo das publicações apresentadas, que foram, em última instância, fator determinante da seleção.

<sup>15</sup> Ver inventário das fontes no item FONTES, ao final do corpo do texto.

<sup>16</sup> Os principais jornais haitianos são o diário *Le Nouvelliste* e o semanário *Le Matin*, ambos publicados em francês, com uma circulação impressa que alcança cerca de 15.000 e 10.000 cópias respectivamente. Estes jornais também estão disponíveis na rede mundial nos endereços [www.lenouvelliste.com](http://www.lenouvelliste.com) e [www.lematinhaiti.com](http://www.lematinhaiti.com).

fato contribuiu para que fossem considerados como opções para o desenvolvimento de nosso trabalho, visto que, nas fontes haitianas, buscávamos uma discursividade muito peculiar, que se constituísse, antes, como um contraponto aos discursos ditos conservadores, tanto externos, quanto das elites políticas e econômicas haitianas, ou seja, uma espécie de contradiscurso.

O *Alter Presse – Réseau alternatif haïtien d'information*, publicado e disseminado a partir de Porto Príncipe, em *creolle*, inglês, francês e espanhol, foi fundado em 2001 e pertence ao *Grupo Médialternatif*, que tem no jornal sua principal fonte de expressão.<sup>17</sup> Como o próprio nome sugere, o jornal busca se afirmar como uma rede alternativa, disponibilizando tanto conteúdos produzidos por seu editorial ou por seus articulistas, quanto por outros veículos de informação da região caribenha, em especial da República Dominicana. Apesar de estar sediado na capital haitiana, o *Alter Presse* também pretende ser uma liderança na articulação dos amplos contingentes de haitianos que vivem na diáspora.<sup>18</sup> É justamente nesse tocante que o jornal se aproxima do *The Haitian Times*.

O *The Haitian Times – Bridging the Gap*, que se autointitula “*the diaspora voice*” é produzido e disseminado no Brooklyn em Nova York, no idioma inglês. O jornal destaca-se, principalmente, por realizar uma crítica contundente contra a situação política e econômica de seu país e de seus compatriotas, o que deve ser facilitado, em certa medida, por seu relativo distanciamento. Foi esse, aliás, o fato que despertou nossa atenção e fez com que este se constituísse em nossa segunda opção em relação aos veículos de informação haitianos. O *The Haitian Times* constitui aquilo que Matsaganis; Ballrokeach; & Katz (2010, p. 5) denominaram “*Ethnic media*”, a que, em alguma medida, também se encaixa o *Alter Presse*.<sup>19</sup> Acreditamos que esse caráter diaspórico – marcado pela

---

<sup>17</sup> “O Grupo Médialternatif é uma associação profissional de comunicação de massas e outras disciplinas relacionadas. Foi fundado oficialmente em Port-au-Prince, em 20 de outubro de 2001, por dois jornalistas de carreira que já haviam trabalhado e militado juntos por mais de 10 anos. O Grupo Médialternatif visa criar e ajudar a impulsionar espaços de comunicação e informação como parte de uma visão alternativa, baseada no respeito pelos direitos humanos e às normas éticas que regem a profissão jornalística. (Tradução nossa) Disponível em: < <http://www.medialternatif.org/spip.php?page=cgm> >. Acesso em: 25 maio. 2015.

<sup>18</sup> Para saber mais ver: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?page=es> > Acesso em: 25 maio. 2015.

<sup>19</sup> “*Ethnic media are media produced for a particular ethnic community. The Haitian Times, for example, is a newspaper published in New York. It aims to cover all the news that Haitian-origin people living in the city care about. The paper’s staff may write about developments in the political situation in Haiti, but they may also cover the campaign of Haitian candidates running for a seat on the City Council of New York. The Haitian Times is an ethnic medium. It is produced for the 200,000 Haitians who live in New York. But it is also produced by that ethnic community.*” “Mídias étnicas são mídias produzidas para uma comunidade étnica específica. O *Haitian Times*, por exemplo, é um jornal publicado em Nova York. Destina-se a cobrir todas as notícias que possam interessar a pessoas de origem haitiana que vivem na cidade. Seus quadros de funcionários podem escrever sobre o desenvolvimento da situação política do Haiti, mas também podem

proximidade das relações estabelecidas com o Outro, em um espaço outro – acaba abrindo a possibilidade de uma percepção mais clara do papel dos discursos inscritos nessa tradição na atribuição das identidades haitianas. Certamente a veemência – e o tom por vezes combativo – dos discursos publicados por esses jornais foi o fator determinante para que se destacassem diante de outros, de maior renome, inclusive, pois interessava-nos mais o conteúdo das publicações do que sua representatividade quantitativa. Não é demais lembrar que, apesar de constituírem “vozes da diáspora” – o que faz com que sejam vistos com certa desconfiança por parte dos haitianos que vivem no Haiti –, continuam sendo vozes haitianas, em primeiro lugar.

Quanto aos jornais dominicanos, optamos pelos jornais *Hoy Digital*, *El Nacional* e *El Día*, todos pertencentes ao *Grupo Corripio de Comunicaciones*<sup>20</sup>, que na República Dominicana representa aquilo que Wooding & Moseley-Williams (2004, p. 71), chamou de *oligarquia*, ou seja, grupos que detêm uma influência social, cultural e política em seu país e “*A través de los medios de comunicación proyecta una visión del país tradicional, paternalista e hispánica*”.<sup>21</sup> Não por acaso, os discursos reproduzidos por esses jornais acerca da problemática haitiana guardam todas essas características. Afora a perspectiva privilegiada pela autora, cabe ressaltar também a multiplicidade de vozes que ali se manifestam por meio dos artigos e reportagens, bem como o considerável volume de publicações afetas ao tema, em especial do jornal *Hoy Digital*.

Se os jornais haitianos representam, então, um contradiscurso – na medida em que buscam refutar ou se posicionar em relação a essa discursividade detratora ou depreciativa dirigida ao Haiti – tal consideração deve ser feita, principalmente, em relação a certos discursos produzidos e disseminados por essa ‘oligarquia’ conservadora da mídia dominicana, de onde o *Hoy Digital*, o *El Nacional* e o *El Día* se destacam. Mais uma vez foi

---

cobrir a campanha de candidatos haitianos aos assentos do Conselho da Cidade de Nova York. O *Haitian Times* é uma mídia étnica. É produzido para os 200.000 haitianos que vivem em Nova York. Mas também é produzido por essa comunidade étnica” (MATSAGANIS; BALL-ROKEACH; & KATZ, 2010, p. 5, grifos dos autores, Tradução nossa)

<sup>20</sup> O Grupo Corripio, fundado pelo patriarca Manuel Corripio, na década de 1930, e atualmente dirigido por José Luis Corripio Estrada (*Pepín*), é um grande conglomerado empresarial que congrega empresas de diversos setores da economia, dentre as quais o midiático. Além dos jornais *Hoy Digital*, *El Día* e *El Nacional* o grupo comanda outros meios de imprensa, rádio e televisão, como os canais de televisão telesistema11, telenoticias, teleantillas, infoteleantillas, arteymedio, digotv, e as rádios hijb830 AM e lanota957 FM, dentre outros.

<sup>21</sup> Apesar disso, corroboramos a assertiva de Petersson (2011, p. 2) acerca da dificuldade de se encontrar provas de suas distintas orientações políticas e ideológicas.

preciso estabelecer cortes, abrindo mão de jornais que, aos moldes do que ocorrera na seleção dos jornais haitianos – e se repetiria no caso dos jornais estadunidenses –, possuíam, em alguns casos, maior alcance do que aqueles escolhidos. Uma vez mais prevaleceram os aspectos qualitativos, explicitados na análise preliminar dos conteúdos.

O *The New York Times*, um dos maiores e mais renomados – e certamente influente – veículos de comunicação dos Estados Unidos – seja na forma impressa ou digital – surge em meio às fontes utilizadas nos três últimos capítulos como um espaço que, apesar do aparente distanciamento, poderia contribuir para darmos corpo às nossas hipóteses acerca da reverberação e da apropriação de determinados aspectos dessa discursividade anti-haitianista para além dos limites geográficos da pequena ilha. Além dos aspectos qualitativos, que acabaram constituindo o principal critério de seleção, chamou nossa atenção o extenso arquivo digital disponibilizado, o qual reúne artigos e reportagens publicadas acerca da temática haitiana desde meados do século XIX, do ano de 1851, para ser mais exato. Com a escolha desse jornal, buscamos perscrutar, também, em que medida a perspectiva apresentada por Jacques Nicolas Léger (1907)<sup>22</sup> – que pode ser enquadrada dentro da tradição de identidade aqui apresentada – em sua obra *Haiti, her history and her detractors*, analisada na segunda parte do trabalho, encontra acolhida ou reverbera entre os estadunidenses.

Uma vez estabelecidos os veículos, iniciamos a busca, a consulta e a seleção de artigos e reportagens que, direta ou indiretamente, pudessem contribuir para o desenvolvimento de nosso trabalho. Uma seleção preliminar foi realizada a partir do

---

<sup>22</sup> Jacques Nicolas Léger, autor haitiano que publicou, em 1907, sua mais polêmica obra *Haiti, her history and her detractors* – que será analisada em pormenores no decorrer do trabalho –, afirmava que, apesar da relativa proximidade entre os dois países, os estadunidenses se viam tomados por erros e preconceitos, de ordem histórica, política, racial e cultural, que os levavam a ter uma imagem deturpada do seu país e de seus compatriotas. Segundo ele “*Although at a comparatively short distance from the United States, Haiti is nevertheless very little known in this country, where in most cases books written in English by unscrupulous travelers or authors are their only source of information. In this manner errors and prejudices became rooted in the minds of many Americans, who believe that my fellow-countrymen are addicted to all kinds of gross superstitions and are reverting to barbarism instead of progressing in civilization. This rather severe arraignment of my fellow-countrymen is founded upon slanders which everybody repeats without taking the trouble of examining facts in order to ascertain the truth.*” “Embora a uma distância comparativamente curta dos Estados Unidos, o Haiti é, não obstante, muito pouco conhecido neste país, onde, na maioria dos casos, livros escritos em inglês, por inescrupulosos viajantes ou autores, constituem suas únicas fontes de informação. Dessa maneira erros e preconceitos tornam-se enraizados nas mentes de muitos estadunidenses, que acreditam que meus compatriotas são tomados por todo tipo de grosseiras superstições e estão regredindo à barbárie em vez de progredir para a civilização. Esta grave acusação aos meus compatriotas é fundada sobre calúnias que todos repetem sem ter o trabalho de examinar os fatos a fim de apurar a verdade. (LÉGER, 1907, p. 13, Tradução nossa).

estabelecimento de determinadas categorias de análise – palavras-chave > campos semânticos (associativos) > bases identitárias – estruturadas por meio do mapeamento histórico-discursivo levado a cabo no primeiro capítulo do trabalho. Os campos semânticos, uma vez delimitados, permitiram-nos classificar e agrupar conjuntos de enunciados discursivos dentro de um escopo mais amplo, representado pelas bases identitárias/eixos temáticos (histórico-políticos, raciais e culturais etc.) que sustentam a reprodução de uma longa tradição de identidade haitiana, caracterizada, sobretudo, por seu estilo negativo e depreciativo.<sup>23</sup> Cabe ressaltar, ainda, que tais categorias de análise foram estruturadas tendo em conta tanto aspectos quantitativos – ligados ao aparecimento recorrente de determinadas palavras/expressões no conjunto das fontes – quanto qualitativos – relacionados aos valores ou juízos atribuídos a determinados termos e expressões inerentes à temática haitiana.

De um levantamento preliminar dos textos publicados no período 2004-2014, obtivemos um total de 1846 artigos/reportagens, assim distribuídos: *Hoy Digital* (1139), *El Nacional* (286) e *El Día* (89); *Alter Presse* (158), *The Haitian Times* (80) e *The New York Times* (64). Desse recorte inicial, procedemos a uma nova análise, balizada por uma leitura mais crítica, orientada pelas bases identitárias e pelos parâmetros conceituais e metodológicos assinalados anteriormente. Dessa depuração resultou um total de 848 artigos – *Hoy Digital* (519), *El Nacional* (96) e *El Día* (89); *Alter Presse* (73), *The Haitian Times* (43) e *The New York Times* (28) – que compõem o *corpus* analisado. E é a partir dessas produções discursivas, dirigidas ou relacionadas ao Haiti, ao povo haitiano e às problemáticas que os cercam, que nos valem para tentar evidenciar a prevalência e a influência de determinada tradição – caracterizada por certas continuidades e permanências – na construção das identidades haitianas contemporâneas.

O trabalho realizado com esse *corpus* midiático foi precedido, como sinalizamos, pela análise de algumas obras que tratam da temática haitiano-dominicana, visto estas constituírem, segundo acreditamos, marcos estruturantes e explicitadores dessa tradição identitária. É da análise dessa bibliografia que procuraremos delinear o surgimento, a construção, a disseminação e as repercussões desse conjunto de representações na maneira enviesada como o Estado e o povo haitiano são percebidos ou reconhecidos em suas relações

---

<sup>23</sup> Tais campos semânticos constituem conjuntos de palavras/expressões associativas ou relacionais que, por sua recorrência, deixam entrever a elaboração de determinadas representações acerca de um objeto/sujeito, ou seja, são grupos de palavras/expressões que se unem pelo sentido ou pelo uso em relação a determinado objeto ou sujeito.

com o Outro. Dessa forma, nosso objetivo pode ser descrito então, em linhas gerais, como um esforço para evidenciar – por meio da análise de um *corpus* discursivo amplo e diversificado, produzido por autores que estiveram direta ou indiretamente ligados à essa temática e pelos discursos midiáticos contemporâneos, presentes nas fontes já elencadas –, o papel dos discursos midiáticos contemporâneos na retomada e na apropriação de uma longa tradição de identidade haitiana, bem como a influência das permanências e continuidades que a distinguem sobre a conformação das identidades haitianas hodiernas – caracterizadas, em muitos casos, por um viés predominantemente negativo e depreciativo.

Estruturadas as fontes e delineados os objetivos, ainda que em linhas gerais, torna-se necessário definir um método. Os bons resultados obtidos em trabalhos realizados anteriormente, já assinalados, fizeram com que nos aproximássemos da Análise do Discurso (AD), privilegiando uma abordagem que toma o discurso como uma prática que extrapola a textualidade; como uma construção sócio-histórica que, por meio do tensionamento de dada memória – discursiva – produz sentidos, delimita espaços de ação, posições-sujeito, redes de poder, fazendo emergir essas ou aquelas identidades. Procuramos seguir, assim, o percurso metodológico proposto por João Bosco Cabral dos Santos (2004), em que o trabalho de análise é realizado em duas etapas ou momentos. Em uma primeira aproximação com o *corpus* é estabelecida uma análise daquilo que Santos (2004, p. 113) denomina de *macro-instância*, que seria a oportunidade “em que se situaria o discurso em sua conjuntura enunciativa”, em sua formação social, ou discursiva, que corresponde, em certa medida, aos dois primeiros capítulos de nosso trabalho. Em um movimento posterior, procede-se a análise dos discursos em uma *micro-instância*, “focalizadora de potenciais de significação dos sentidos no interior de uma manifestação discursiva” (SANTOS, 2004, p. 113), que contempla os demais capítulos.

Ao longo dos dois primeiros capítulos deste trabalho buscaremos desvelar, assim, as condições de produção – e reprodução – desses discursos, aqui denominados detratores ou anti-haitianistas, de modo a estabelecer, então, os limites dessa macro-instância proposta por Santos (2004). Estaremos empenhados em explicitar, assim, tanto quanto possível, a manifestação de determinadas permanências e continuidades, que nos permitirão estabelecer as “fronteiras discursivas” do processo enunciativo em foco, que será analisado nos três últimos capítulos. Nesse caminho procederemos, norteados pela proposta de Santos (2004): “i) uma descrição das características históricas; ii) uma percepção do

cenário social; iii) uma interpretação do lugar dos sujeitos nesse cenário; iv) um esboço da situação enunciativa instaurada; e v) uma projeção de sentidos produzidos nessa conjuntura interativa.” (SANTOS, 2004, p. 113-114).

Fizemos esse mapeamento inicial nos valendo de fontes bibliográficas diversas (literárias, acadêmicas, jornalísticas, midiáticas etc.), incluindo algumas obras referenciais no que diz respeito à temática haitiana, dentre as quais destacamos *Hayti or the Black Republic* (1884), de St. John Spenser, *Haiti her history and her detractors* (1907), de Jacques Nicolas Léger, *Así habló el Tío* (1928), de Jean Price-Mars; *Orígenes del Estado haitano* (1954), de Manuel Arturo Peña Batlle, e *La Isla al Revés: Haití y el destino dominicano* (1984), de Joaquín Balaguer. É em grande parte a partir desses discursos e dessa literatura, dos “discursos na história”, conforme Maria do Rosário Valencise Gregolin (2007, p. 49), que se instituem determinadas formações ideológicas que passam a governar a reprodução das representações e das identidades do povo haitiano, o que acaba contribuindo para o estabelecimento da tradição identitária que buscamos evidenciar. Cabe salientar que ao proceder à análise das obras referenciadas anteriormente, optamos – em função de sua relevância no desenvolvimento e na consolidação das discussões em torno da problemática discursiva e identitária que tratamos – por apresentar ao leitor uma análise pormenorizada das obras, ainda que sob o risco de penalizar, de certa forma, aqueles que lidam com essa temática, a quem, de antemão, pedimos a compreensão.

A partir da determinação dessas regularidades, estabelecemos uma “síntese matricial”, que nos permitiu operacionalizar o procedimento de micro-análise da segunda parte. Essas matrizes constituem, segundo Santos (2004, p. 114), “[...] um mapeamento de ocorrências das regularidades no todo do *corpus*, com vistas a uma organização distintiva da conjuntura discursiva da enunciação em análise”. Delimitadas essas bases, tornou-se possível estabelecer uma inter-relação sentidural – interdiscursiva ou intertextual – entre os enunciados mapeados na macro-instância e as manifestações discursivas do *corpus* em análise na micro-instância, composto pelas fontes midiáticas já elencadas.

O enfoque teórico empregado na análise do *corpus* discursivo dos três últimos capítulos foi, portanto, o interdiscursivo. Dessa forma, procuramos explicitar, por meio do estabelecimento de certas relações interdiscursivas, a manifestação de discursos outros nos discursos midiáticos contemporâneos em análise, ratificando a hipótese da

precedência do interdiscurso sobre o discurso de Dominique Maingueneau (2008, p. 20), para quem “[...] a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos”. É dessa relação interdiscursiva, ainda segundo Maingueneau (2008, p. 20-21), que se estruturaria a identidade. Deve-se notar, também, que o estabelecimento dessa interdiscursividade pressupõe o agenciamento de determinada memória discursiva, que segundo Fernandes (2012, p. 95) “[...] refere-se ao reaparecimento de discursos e/ou acontecimentos outros, de diferentes momentos históricos [...] certa reparição do passado em novas condições sociohistóricas”.

Nossa proposta justifica-se assim, por um lado – sobretudo nos dois primeiros capítulos do nosso trabalho –, como uma tentativa de estabelecer os contornos de uma tradição de identidade haitiana, cujo processo de construção e atribuição, por certas elites políticas e intelectuais, remontam ao período anterior à própria formação do Estado nacional haitiano, perpassando-o. Por outro – especialmente nos três últimos capítulos –, buscamos explicitar como parte significativa dos discursos midiáticos contemporâneos que abordam a realidade histórica, social, cultural, política ou econômica do Haiti no período 2004-2014 é responsável, consideradas as especificidades históricas do período, por retomar e apropriar-se daquela tradição de identidade haitiana. Tencionamos, em certa medida, desvelar a historicidade que subsume ao sensacionalismo e à espetacularização com que são tratadas a história e a cultura haitiana, explicitando, tanto quanto possível, os contornos políticos e ideológicos das construções discursivas que formam e integram esta tradição identitária.

Dessa maneira, nossas hipóteses podem ser descritas, em linhas gerais, da seguinte forma: 1) Parte significativa dos discursos midiáticos contemporâneos que aborda a realidade histórica, social, cultural, política ou econômica do Haiti no período entre 2004 e 2014 – representada por determinados órgãos de imprensa deste país, bem como da República Dominicana e dos Estados Unidos – é responsável, não obstante as especificidades desse novo contexto histórico, por retomar e apropriar-se de uma longa tradição de identidade haitiana. Tal identidade, ecoada e reverberada – e ao mesmo tempo reforçada – por esses discursos e representações midiáticas contemporâneas se caracteriza por um conteúdo predominantemente depreciativo e seu processo histórico de construção e atribuição, por certas elites políticas e intelectuais, remonta ao período anterior à própria formação do Estado nacional haitiano, perpassando-o. Assim, em contraste com as importantes mudanças verificadas nesse novo contexto histórico do Haiti – aberto a partir de 2004, com o

estabelecimento das forças de ocupação da ONU em seu território –, destacam-se em tais discursos midiáticos as permanências e continuidades de elementos que formam e integram certa tradição de identidade haitiana; 2) Há uma tradição de identidade haitiana, secular, que se constitui, estabelece-se e se mantém, a partir da (re)produção de um conjunto difuso de discursos (históricos, literários, acadêmicos, políticos, jornalísticos, etc.) que buscam representar o haitiano a partir de uma perspectiva predominantemente negativa e depreciativa; 3) A constituição e o estabelecimento dessa tradição de identidade haitiana remonta ao período anterior à própria formação do Estado nacional haitiano e foi engendrada, em grande parte, por certas elites políticas e intelectuais, tanto do Haiti quanto dos países com os quais os haitianos estiveram historicamente ligados, destacadamente a República Dominicana e, em menor medida, os Estados Unidos; 4) Determinados discursos midiáticos contemporâneos do Haiti, da República Dominicana e dos Estados Unidos, que abordam a realidade histórica, social, cultural, política e econômica do país caribenho no período de 2004-2014, retomam e apropriam-se de certos discursos e representações que formam e integram esta tradição de identidade haitiana; 5) As identidades haitianas contemporâneas, sobretudo aquelas tributárias dos discursos midiáticos produzidos e disseminados por determinados órgãos de imprensa do Haiti, da República Dominicana e dos Estados Unidos, constituem ecos, reverberações ou apropriações de uma tradição discursiva secular, anti-haitiana, que pode ser caracterizada, principalmente por seu caráter detrator e pelo estranhamento que orienta as relações do haitiano com o outro.

Nossas hipóteses buscam, contudo, evidenciar a existência e a persistência de elementos que conformam e integram uma tradição de identidade haitiana – predominantemente depreciativa e estabelecida sobre bases históricas, políticas, sociais e culturais – nos discursos midiáticos contemporâneos produzidos por determinados órgãos de imprensa do Haiti, da República Dominicana e dos Estados Unidos no período 2004-2014. Pretende-se, então, estabelecer os limites históricos e as condições de produção e reprodução desse discurso e dessas representações que constituem algumas das bases sobre as quais se estabelecem determinada identidade haitiana contemporânea. Com o intuito de dar conta desse mapeamento discursivo, nosso trabalho estará dividido em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, de caráter introdutório, intitulado *Identidades haitianas na história*, subdividido em quatro subtópicos, procuraremos apresentar os marcos históricos a partir dos quais determinada identidade haitiana se projeta, no espaço e

no tempo. Faremos um recuo na história haitiana, buscando delinear, por meio da bibliografia relacionada, os contornos dessa tradição de identidade haitiana na longa duração até o presente, revelando o que acreditamos ser seus principais referenciais históricos estruturantes, como, por exemplo, a conquista e a colonização de Espanhola, que estão diretamente relacionadas à formação social do Haiti, que, iniciada no século XVI avança até o último quartel do século XVIII; a Revolução (1791-1804), que representa, a um só tempo, um rito de libertação e da decadência daquela que fora, por um breve período, e ao custo de milhares de vidas, a Pérola das Antilhas; a ocupação estadunidense (1915-1934), que acaba estabelecendo um pernicioso marco na história do país, tornando-se a primeira de uma série de intervenções sofridas pelo povo haitiano ao longo dos séculos XX e XXI; e, por fim, a história contemporânea, que tem início, na perspectiva apresentada, com a implantação da ditadura duvalierista, em 1957, passando pela ascensão e queda do ex-padre Jean-Bertrand Aristide, culminando com o estabelecimento da MINUSTAH em 2004, que figura como um dos limites de nosso recorte temporal, até o final de sua primeira década de atuação no Haiti, em junho de 2014.

No segundo capítulo, intitulado *Identidades haitianas na literatura: entre a detração à vitimização*, composto, também, de quatro subtópicos, buscaremos explicitar o papel desempenhado por determinadas obras literárias, produzidas entre o último quartel do século XIX e meados do século XX<sup>24</sup>, diretamente afetas à temática haitiana, na conformação, no estabelecimento e na reprodução dessa tradição de identidade haitiana, já delineada ao longo do primeiro capítulo. Apresentaremos e analisaremos, nessa ordem, as seguintes obras: *Haity or the Black Republic* (1884), do inglês St. John Spenser, considerada, ainda hoje, a obra mais negativa já produzida acerca do Haiti e, por conseguinte, um marco da literatura anti-negra e anti-haitianista; *Haiti her history and her detractors* (1907), do haitiano Jacques Nicolas Léger, que surge como um contraponto à obra e ao discurso de Spenser e uma pretensa resposta aqueles considerados por ele como detratores do povo haitiano; *Así habló el Tío* (1928), do pensador haitiano Jean Price-Mars, considerada um marco de uma haitianidade peculiar e um elemento central do nacionalismo moderno haitiano; e *La Isla al Revés: Haití y el destino dominicano* (1947/1983) e *Orígenes del Estado haitano* (1954), dos dominicanos Joaquín Balaguer e Manuel Arturo Peña Batlle, respectivamente,

---

<sup>24</sup> A obra *La Isla al Revés: Haití y el destino dominicano*, de Joaquín Balaguer, apesar de publicada em 1983, constitui, como teremos oportunidade de observar, uma revisão de outra obra, do mesmo autor, intitulada *La realidad dominicana: semblanza de un país y de un régimen*, publicada em 1947.

que constituem uma clara demonstração da forma como as apropriações desse discurso por certas elites políticas e intelectuais de Espanhola acabam influenciando na construção e na consolidação de uma representação do haitiano como um perigo e uma ameaça ao Outro e, sobretudo, à dominicanidade. Será possível perceber como todas estas obras passam a influenciar, direta ou indiretamente, em maior ou menor grau, na reprodução de um conjunto de representações que, ainda hoje, permeiam os construtos identitários haitianos.

Nos três últimos capítulos de nosso trabalho, que constituem o espaço onde nossa tese ganha corpo, ocuparemos-nos em demonstrar, por meio da análise de nossas fontes midiáticas – constituídas dos 848 artigos obtidos junto aos jornais *Hoy Digital* (519), *El Nacional* (96) e *El Día* (89); *Alter Presse* (73), *The Haitian Times* (43) e *The New York Times* (28) –, a forma pela qual determinadas práticas discursivas anti-haitianistas – já evidenciadas ao longo dos dois primeiros capítulos do trabalho – são retomadas e apropriadas pelos discursos midiáticos contemporâneos, influenciando, em maior ou menor medida, na conformação das identidades haitianas, contribuindo, assim, para a reprodução dessa tradição de identidade haitiana, caracterizada por determinadas continuidades e permanências que fazem com que o Haiti e os haitianos continuem sendo representados, de forma recorrente, a partir de uma perspectiva negativa e depreciativa.

No terceiro capítulo – *As identidades haitianas nos discursos midiáticos contemporâneos: conformação histórica/política* –, perceberemos como o componente histórico-político, uma vez apropriado e tensionado por essa discursividade – anti-haitianista – acaba desempenhando um papel central na conformação das identidades haitianas contemporâneas, fazendo com que o haitiano continue sendo tomado, por força e pela ação do que Pons (*Diario Libre*, 12/12/2009, n. p.) chamou de ‘anti-haitianismo histórico’, como um problema e uma ameaça para aqueles que, por motivos diversos, com eles se relacionam. Revisitaremos os pontos de inflexão da história haitiana, valendo-nos das publicações que compõem nossas fontes midiáticas, procurando desvelar a forma como a história do Haiti vai sendo construída, e contada, a partir de uma perspectiva outra, que busca apresentar o haitiano como uma excrescência histórica e política, ou, em alguns casos, como uma impossibilidade, sobretudo se considerarmos aquelas publicações veiculadas pelos jornais dominicanos. Veremos, então, como determinados marcos históricos haitiano-dominicanos são instrumentalizados, retomados e apresentados, por meio do tensionamento

dessa memória discursiva, como um passado-presente, como uma ameaça latente, sempre em vias de se repetir.

No quarto capítulo – *As identidades haitianas nos discursos midiáticos contemporâneos: conformação racial/racista* –, dividido em dois tópicos, veremos como os discursos produzidos e dirigidos ao povo haitiano, ou que buscam dar conta das problemáticas que o envolvem, são atravessados, ainda hoje, por certo essencialismo, de cunho racista que, por vezes, aproxima-se daqueles que, em outros momentos da história haitiana, foram utilizados de maneira recorrente para justificar determinadas políticas de Estado e certas práticas institucionais contra o povo e o Estado haitianos. Buscaremos demonstrar a forma pela qual certos elementos de ordem racial e determinadas manifestações racistas acabam figurando como elementos definidores das identidades haitianas, institucionalizando-se – como no caso das Leis de Migração 285/04 e 168/2013 (LM 285/04 e LM 168/13) – como parte de uma política de Estado que visa, em última instância – a despeito dos discursos que buscam justificá-las –, constituir um obstáculo à suposta e propalada ameaça de haitianização da República Dominicana. Trata-se, portanto, de evidenciar certas permanências e continuidades de determinados elementos raciais, racistas e xenofóbicos no interior do ideário anti-haitianista que constitui, segundo nossas hipóteses, um dos pilares dessa secular tradição de identidade haitiana que aqui buscamos evidenciar.

No quinto e último capítulo – *As identidades haitianas nos discursos midiáticos contemporâneos: conformação cultural* –, composto de três subtópicos, buscaremos evidenciar a forma como determinadas práticas e manifestações culturais haitianas são transformadas, por força desses discursos e dessa ideologia anti-haitianistas, em espaços privilegiados de denegação de suas identidades, ao mesmo tempo que contribuem, direta ou indiretamente, para a disseminação de um conjunto de representações barbarescas que deita raízes, na perspectiva aqui privilegiada, nas manifestações anti-haitianistas colonialistas. Essas manifestações culturais, sobretudo aquelas ligadas às heranças africanas, ou à negritude, como o vodu e o creole – que constituem traços distintivos das identidades haitianas, logo, de sua haitianidade –, são tomadas, por um lado, como uma espécie de “aglutinante cultural” que contribuiu para a conformação histórica, política e social do povo e da nação haitiana, e, por outro, como supostas manifestações da barbárie e da bestialidade atribuídas ao haitiano. Tornam-se, a um só tempo, todavia, arcabouço de identidade e de denegação. Nesse sentido, o Haiti torna-se um país deslocado, a meio caminho da África e da

América, tão distante de um como do outro, sendo visto como *un trocito africano en el Caribe* e o haitiano, sobretudo se considerado em relação ao dominicano, é transformado em um sujeito abjeto e marginal, um não-ser, ou, ‘na negação do que queremos ser’. Assim, as heranças e as raízes culturais haitianas, percebidas com um conjunto multifacetado de práticas e costumes, passam a constituir o espaço onde o estranhamento ao “ser haitiano” se materializa de forma mais evidente. A negação da cultura evidencia a negação do ser, o não-reconhecimento e, por fim, a denegação das identidades haitianas.

A esse último capítulo seguem as considerações finais. É o momento em que procuraremos apresentar uma síntese analítica de nosso trabalho, buscando evidenciar, dentre outras coisas, a pertinência e a coerência de nossas hipóteses, bem como possíveis caminhos que todo trabalho de pesquisa acaba desvelando.

Assim, foi a partir da dissecação desse discurso, desse mapeamento discursivo, perseguido ao longo do trabalho, que pretendemos legitimar nossas hipóteses iniciais de que, para além das gritantes dificuldades estruturais, sociopolítico e econômicas que há tempos acometem o Estado e o povo haitiano – materializadas no quadro de miséria quase que absoluta, cujas raízes históricas remontam ao período colonial, tão presentes nas imagens que rodam o mundo estampadas nas capas dos jornais ou nas páginas da internet –, existe um componente discursivo que contribui para a reprodução de determinada tradição de identidade, na qual o haitiano é apresentado, de forma recorrente, a partir de um viés negativo, depreciativo, pejorativo e barbarizante. Esperamos assim, ao final de nossos trabalhos, em que pesem todas as nossas limitações, contribuir para que, num futuro próximo, outros possam ver por sobre este aparato que se ergue entre o que se diz (o discurso) e o que se vê, ou se apaga (o sujeito).

## CAPÍTULO 1

### **IDENTIDADES HAITIANAS NA HISTÓRIA**

*El conocimiento del carácter de esta estructura [social] y los móviles sociales y morales que informan su fundación, es indispensable, no solamente para explicar cabalmente los acontecimientos posteriores de emancipación e independencia, sino también la situación actual de la República de Haití, pues muchos de los rasgos sobressalientes de su vida contemporánea se remontan directamente a las peculiaridades de la organización colonial. [...] una de las más brillantes, brutales y opulentas en toda la historia de América.*  
(PATTEE, 2008, 37)

Para compreendermos a história do Haiti, sobretudo se estamos interessados em desvelar determinados traços de sua conformação social, política e econômica, de modo a fugir de certa interpretação histórica que Ricardo Pattee (2008, p. 228) chamou de “buffonesca”<sup>25</sup>, torna-se necessário proceder a um recuo temporal que abarque certos aspectos de seu intrincado processo histórico, aí incluídas a conquista e a colonização da ilha de Espanhola, levada a cabo sobretudo por espanhóis e franceses, em um período que

---

<sup>25</sup> Alusão ao naturalista francês Georges-Louis Leclerc de Buffon (1707-1788), conde de Buffon, que desenvolveu a tese da inferioridade, da debilidade e da imaturidade das espécies animais das Américas. Seus escritos, que causaram grande repercussão, foram compilados em uma obra póstuma *Histoire Naturelle*, um calhamaço de 44 volumes, publicado entre 1749 e 1804. Para Buffon, o homem americano caracterizava-se, principalmente, por sua frieza, debilidade, incapacidade, credulidade e covardia. Antonello Gerbi realizou um trabalho primoroso acerca do tema em sua obra *O Novo Mundo: história de uma polêmica* (1750-1900), publicado no Brasil pela editora Companhia das Letras, em 1996.

se estende de fins do século XV ao último quartel do século XVIII. Foi a partir deste período – que se inicia com a chegada de Colombo às Américas e culmina com a insurreição dos escravos da então colônia de *Saint-Domingue* – que determinada discursividade começou a se estruturar, concedendo ensejo ao desenvolvimento de uma tradição que, ainda hoje, permeia os construtos identitários do povo haitiano.

Essas estruturas identitárias, caracterizadas por um viés notadamente depreciativo e negativo do Haiti e do haitiano, são parte – ou o resultado – de um intrincado jogo de poder que, uma vez iniciado, avançará com voracidade, não só sobre o haitiano, mas sobre o “pagão”, sobre o “selvagem”, sobre o “bárbaro”, colocando em questão, muitas vezes, aquilo que Michel Agier (2001, p. 27) classificou como o “mínimo de identidade”, que “permite o diálogo entre todos os humanos e torna compreensível uma intertextualidade mínima entre todas as culturas”. Trata-se, então, de um jogo em que, à submissão física, segue-se a colonização mental, a colonização da memória, nas quais, segundo Eduardo Eide Nagai (2012, p. 201) “[...] a cultura desse sujeito estará invadida por signos da opressão sofrida”, onde “a história lembrará de fatos manipulando essa opressão e mostrando o opressor como herói” e, por conseguinte, espaço em que o colonizado, figurará, conforme o caso haitiano, como um sujeito abjeto e marginal. A identidade do detrator, no caso o conquistador/colonizador europeu foi construída, assim, a partir do estabelecimento e da explicitação e do reforço das diferenças, da bestialização, e da demonização do colonizado, aqui representado pelo haitiano.

Nesse sentido, foi necessariamente a partir da compreensão das condições de produção desses discursos, da história da colonização desses corpos e dessas memórias, que foi possível perceber o que há por trás dessas construções identitárias, que ainda hoje pesam sobre o Estado e o povo haitiano. O dito – de maneira veemente e incessante – parece dissimular o interdito. Tais identidades, de acordo com Stuart Hall (2009, p. 108), figuram como produtos históricos e discursivos, produzidos em locais históricos e institucionais específicos, não podendo seu entendimento prescindir da história. “Toda identidade humana é construída e histórica”, segundo Kwame Anthony Appiah (1997, p. 242-243). Assim, o que se percebe hoje são, de certa forma, os ecos tardios da celeuma colonialista; as manifestações contemporâneas de uma tradição de identidade que toma forma a partir dos embates que têm lugar no ato de imposição de um referencial de identidade que se afirmava, em grande parte, sobre a negação histórica, racial e cultural do colonizado.

Conforme Homi Bhabha (2003) o discurso colonial, que tem como “principal estratégia discursiva” o estereótipo, “[...] é uma forma de discurso crucial para a ligação de uma série de diferenças e discriminações que embasam as práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural”, e tem por objetivo “[...] apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 2003, p. 105, 107, e 111). Esse discurso, no que toca o caso haitiano, cumpriu e continua cumprindo muito bem o seu papel.

Nesse esforço por operar um apagamento ou encobrimento histórico, racial e cultural dos povos submetidos – apresentando o colonizado quase que invariavelmente sob uma perspectiva estereotipada e barbarizante – o colonizador, segundo Eugênio Carvalho (2014) – em consonância a perspectiva de Bhabha (2003) –, acaba fixando ou congelando determinadas características – históricas ou biológicas – dos indivíduos ou grupos que procuram dominar, o que é conseguido, muitas vezes, por meio de sua incessante repetição, visando à legitimação político ideológica dessas identidades (CARVALHO, 2014, p. 7). Nesse sentido as identidades coloniais, sobre as quais se assentam as identidades haitianas, devem ser compreendidas como parte de um processo mais amplo, no qual o que está em jogo é, em última instância, a afirmação de um conjunto de valores históricos, políticos e culturais que, na medida em que nega ao colonizado aquele “mínimo de identidade”, de que nos falava Agier (2001) – bestializando-os –, confere ao colonizador a possibilidade de, em nome de Deus, do Estado, da civilização, e, em tempos mais recentes, da democracia, operar a conformação daqueles tipos rotos e bestiais, o que reforça a assertiva de Benjamin Abdala Júnior (2002, p. 50) de que “o exercício da hegemonia não se faz apenas com coerção, mas sobretudo com a circulação de idéias, que têm atores determinados, que se situam em determinados territórios.”

O que se percebe então, e nesse sentido o caso haitiano é bastante emblemático, é que o rompimento dos laços coloniais diretos – materializados pela coerção física do colonizado pelo colonizador –, verificados a partir do último quartel do século XVIII, longe de significar algum avanço nas relações entre o “Um” e o “Outro”, acabam contribuindo para a exasperação daquela “linguagem zoológica”<sup>26</sup>, sobre a qual nos fala Frantz Fanon (1968), secularmente dirigida aos povos submetidos. Os levantes anti-

---

<sup>26</sup> Que, segundo Fanon (1968, p. 30-31) “Faz alusão a movimentos réptis do amarelo, às emanações da cidade indígena, às hordas, ao fedor, à população, ao bulício, à gesticulação.”

colonialistas constituirão, na perspectiva do colonizador, uma prova contundente da barbárie daqueles sujeitos. Uma vez efetuado o rompimento, o embate físico dá lugar ao embate ideológico. Dessa forma o anti-haitianismo, entendido aqui como um desdobramento desse intrincado processo, foi pensado e estruturado a partir dessa “linguagem”, dessa discursividade, desse campo ideológico constituído, de acordo com Jacques d’Adesky (2001, p. 34), de estereótipos e de preconceitos “[...] que apresentam a imagem do negro [e não só dele] inferiorizada em relação à do branco”. Desenvolve-se, dessa maneira, uma tipologia identitária dual e antinômica, em que, segundo Fernando Ainsa (1994, p. 62), “*Todo signo de identidad se sostiene en su opuesto*”.

Assim, o “bárbaro é produzido”, segundo Laennec Hurbon (1993, p. 11), sem que haja uma ruptura decisiva entre as práticas discursivas e sociais que lhe dão suporte desde a conquista do Novo Mundo, ou durante, pelo menos, os três últimos séculos (HURBON, 1993, p. 16). Estabelecem-se então, a partir desse *continuum*, da preservação dessas práticas sociais e discursivas, as bases de uma tradição, inventada – certamente –, conforme propôs Eric John Ernest Hobsbawn (1984), que toma forma a partir de um conjunto de práticas, rituais ou simbólicas que “[...] visam inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWN, 1984, p. 9). Trata-se, em nosso caso, de uma tradição de identidade haitiana, que se estabelece a partir dos discursos e práticas anti-haitianistas engendradas e dirigidas, sobretudo pelos colonialistas franceses e espanhóis, contra o negro trasladado da África para perecer – ou para renascer, de acordo com determinadas crenças africanas –, nas *plantations* caribenhas.

Foi por força dessas práticas discursivas, retomadas e apropriadas de forma reiterada por uma série de sujeitos, que por motivos diversos acabaram tomando contato com o povo haitiano – como, por exemplo, viajantes, comerciantes, cientistas, escritores, homens de Estado, etc –, que o haitiano foi transformado, paulatinamente, em um perigo e/ou uma ameaça latente para a República Dominicana, para o Caribe e, igualmente, apesar do aparente paradoxo, para os interesses políticos e estratégicos dos Estados Unidos na região a partir do início do século XX. Desenvolve-se, assim, sobretudo a partir do início do século XX, a apropriação e o emprego desses discursos por determinados sujeitos para tentar justificar, sob pretextos humanitários, civilizatórios e democratizantes, uma série de ações – invasões, intervenções, ocupações – e boicotes

impostos ao país. Foi este o caso, por exemplo, da intervenção estadunidense de 1915 a 1934, do Massacre de *Perejil*, perpetrado por Trujillo contra o povo haitiano em outubro de 1937, e, por fim, da intervenção da MINUSTAH, iniciada junho em 2004.

Nesse contexto, buscaremos contruir nosso trajeto no primeiro capítulo de nosso trabalho, procurando demonstrar, a partir da análise desses e de outros pontos de inflexão da história haitiana, que a retomada e a reapropriação recorrente desses motes discursivos na longa duração justificam parte de nossas hipóteses, sobretudo daquelas que dizem respeito ao estabelecimento dos contornos de determinada tradição de identidade haitiana, cujo processo de construção e atribuição, por certas elites políticas e intelectuais, remontam ao período anterior à própria formação do Estado nacional haitiano, perpassando-o. Vejamos então, nesse primeiro capítulo, a maneira pela qual essas práticas discursivas se estruturam e se estabelecem ao longo da história haitiana, o que enseja que se tenha a uma tradição que, segundo nossas hipóteses, continua sendo apropriada e retomada pelos discursos midiáticos contemporâneos que buscam dar conta da realidade haitiana.

## **1.1. Formação histórica do Haiti: da conquista ao século XVIII**

### **1.1.1. A conquista: o discurso lascasiano e o apagamento do Outro**

A chegada de Colombo às terras de Guacanagari<sup>27</sup>, em 6 de dezembro de 1492, marcou o início de um dos capítulos mais trágicos e perturbadores da história ocidental. Colombo aporta inicialmente no noroeste da ilha – vide mapa a seguir – que foi por ele batizada de Espanhola, região onde hoje está localizada a cidade de *Môle Saint-Nicolas*, e é recepcionado por Guacanagari, cacique da região, que logo foi recebido

---

<sup>27</sup> À descoberta, *Hispaníola*, mais tarde rebatizada de *La Española* - utilizaremos Espanhola -, era ocupada, segundo estimativas nem sempre confiáveis, por cerca de 1,1 milhão de nativos, os quais estavam distribuídos em cinco grandes ‘cacicados’: Jaragua, Maguana, Marién, Magua e Higüey. Guacanagari era o cacique da costa noroeste do atual Haiti, onde, para sua infelicidade e dos seus, Cristovão Colombo aportou.

com honras, pelo próprio Comandante, a bordo da nau Santa Maria.<sup>28</sup> Tem início assim a conquista e a colonização do Novo Mundo, que, orientadas por ideais materiais e espirituais, resultaram no submetimento físico, psicológico e na obliteração cultural daqueles povos que ali habitavam. Segundo Victor Schoelcher (2011, n. p.) “*La imaginación más sombría habría tenido dificultad para inventar las horribles crueldades que diezmaron a esta raza desafortunada.*” Espanhola foi, dessa forma, o marco geográfico a partir do qual a conquista da América ganhou impulso. Foi a partir dessa pequena porção de terra, localizada no coração do Caribe, que inicialmente os espanhóis, e depois os franceses, os holandeses e os ingleses, desenvolveram e implementaram o *modus operandi* de uma das maiores empresas da história.

Mapa 1 – Ilha de Espanhola 1754



Fonte: Library of Congress, Geography and Map Division<sup>29</sup>

Marc Ferro (2004, p. 52) classificou essa investida como sendo a “destruição de toda a ordem social haitiana em proveito de um escravagismo cujo único limite era o desaparecimento físico do povo dominado”.<sup>30</sup> Nesse sentido Fanon (1968, p. 73)

<sup>28</sup> Este encontro é parte daquilo que Michel de Certeau (2002) classificou – ao proceder à análise da alegoria de outro célebre encontro, em que figuram Américo Vespúcio (o explorador), diante da Índia América (o conquistado), desenhada por Jan Van der Straet – como sendo a “colonização do corpo pelo discurso do poder” (CERTEAU, 2002, p. 9).

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://www.loc.gov/resource/g4930.ct000117/>>. Acesso em: 11 maio. 2015.

<sup>30</sup> Convém observar que Ferro e alguns outros autores que tratam do tema, utilizam o termo Haiti para se referir à parte ocidental de Espanhola e à colônia de *Saint-Domingue*, indistintamente. Acreditamos que tal

afirma que “[...] o aparecimento do colono significou, sincreticamente, morte da sociedade autóctone, letargia cultural, petrificação dos indivíduos”. Compartilhamos, em parte, dessas perspectivas, pois, se em um primeiro momento a destruição é dirigida ao desaparecimento físico dos povos subjugados, à medida que se desenvolve, busca aniquilar quaisquer vestígios destes, procedendo, portanto, ao seu apagamento cultural. Ao instituir a vassalagem, Colombo, segundo Schoelcher (2011, n. p.) “*condenó a toda esta raza al extermínio*”.<sup>31</sup> Logo, a tônica dessas primeiras décadas recai, segundo Tzvetan Todorov (2010, p. 3) na “[...] descoberta que o ‘eu’ faz do ‘outro’”. É um jogo tenso, em que o poder se manifesta em todos os atos: nos discursos, na submissão do corpo e do espírito e, sobretudo, em seu silenciamento.

Um dos mais conhecidos relatos deste período, que chegou até nós, está contido na obra *Brevíssima Relação da Destruição das Índias: o Paraíso destruído*, do Frei dominicano Bartolomé de Las Casas<sup>32</sup>, que configura, consoante posicionamento de Jorge Luiz Gutiérrez (2010, p. 3) “[...] um relato constrangedor. Um testemunho aterrador sobre a conquista.” Foi a partir da publicação dessa obra que começou a ser engendrada a imagem, quase indelével, do nativo como um ser submisso e incapaz. A “polêmica” da obra lascasiana é centrada na defesa do índio do Novo Mundo, contra a brutal dominação europeia. De sua causa resulta, a despeito de sua intenção, determinada representação acerca do nativo, caracterizado mormente por sua passividade e indolência. Tais estigmas não se apagaram, tornando-se um traço distintivo dos discursos dirigidos não só aos primeiros habitantes daquelas terras, mas, de acordo com nossas hipóteses, a todos os seus descendentes.

A narrativa lascasiana, apesar de seu incontestável valor como fonte histórica e documental, foi e continua sendo criticada por seu caráter supostamente excessivo e dramático, fato que, obviamente não invalida ou diminui sua importância, sobretudo no que se refere à sua utilização em nosso trabalho. O que se quer assinalar aqui, de

---

classificação, apesar de seu aparente anacronismo, não compromete a análise dos autores que assim procedem.

<sup>31</sup> A esse respeito Báez (2010, p. 107) afirma que a “partir do etnocídio, a América Latina conheceu, desde o século XV, um transplante cultural violento em que se conformou uma sociedade colonial baseada no princípio da exploração do ouro, da prata e de produtos agrícolas”.

<sup>32</sup> O frade dominicano Bartolomé de Las Casas (1474-1556), ficou conhecido principalmente por sua defesa dos índios frente à desumana exploração dos colonizadores espanhóis. Las Casas notabilizou-se principalmente por sua obra mais conhecida – e polêmica – *Brevíssima Relação Sobre a Destruição das Índias*, publicada poucos anos antes de sua morte, em 1552, em Sevilha, como parte de uma obra mais ampla, intitulada *Os Tratados*, que era composta de oito de seus escritos, sendo um deles a *Brevíssima Relação Sobre a Destruição das Índias*.

maneira bastante concisa, é a estruturação dessa discursividade, que tende a estabelecer, inicialmente, uma representação pejorativa e caricatural do nativo, e, em um momento seguinte, daquilo que Bhabha (2003, p. 111) chamou de “povos sujeitos”. Nesse sentido somam-se outros tantos relatos que buscam construir uma representação desses povos. O acatamento da proposição lascasiana pela Coroa espanhola, se não impediu o apagamento quase que completo do “Outro”, o autóctone, fez com que o componente negro, que já se fazia presente desde os primeiros anos da conquista, ainda que de maneira tímida, passasse a desempenhar um papel cada vez mais importante na estrutura social nascente.

Na impossibilidade de se valerem da mão de obra indígena, os espanhóis, já em 1503, segundo Schoelcher (2011, n. p.), “[...] *comenzaron a introducir negros para reemplazar a las víctimas expiradas*”. A introdução dos negros africanos escravizados – tão, ou ainda mais vilipendiados que os nativos – no Novo Mundo está na origem dos eventos que culminaram com a revolução que mudaria os rumos da história da colônia de *Saint-Domingue* no final do século XVIII. Os ideais emancipatórios, paulatinamente desenvolvidos, tornam-se o móvel do ódio e de toda a sorte de crueldades que caracterizariam, daí por diante, a história do terço ocidental da pequena ilha de Espanha.

### 1.1.2. Bucaneiros, flibusteiros e *hatitants*: a conformação social de *Saint-Domingue*

A conquista representou, nesse contexto, o primeiro ato de uma trama dantesca. Ao fim deste breve período, que não duraria mais que algumas décadas, já não restavam em Espanha mais que algumas centenas de nativos, se tanto. Passadas as primeiras décadas da chegada dos espanhóis à Espanha, momento em que os nativos já haviam sido quase que completamente dizimados, seja por guerras ou por doenças trazidas do Velho Mundo, novas preocupações surgiam. Tornava-se necessário povoar a ilha, não só visando afugentar possíveis invasores, sobretudo franceses, ingleses e holandeses, garantindo assim sua posse definitiva, mas, principalmente, para fazer com que aquela empresa pudesse se desenvolver, tornando-se economicamente viável. Não é difícil imaginar que a escassez de homens e mulheres aptos e dispostos a enfrentarem as incertezas dessa aventura, fez com que o quantitativo se sobrepusesse ao qualitativo, possibilitando com que rumasse para a ilha “[...]”

um aporte inevitável de aventureiros e de indivíduos de passado muito nebuloso” (FRANCO, 2008, p. 39).

O contingente populacional da colônia nesses primeiros tempos caracterizava-se, assim, por sua escassez e heterogeneidade. Constituíam-se de um número ínfimo de remanescentes dos nativos, de um parco contingente de negros africanos escravizados – que logo se tornariam numericamente superiores –, outro tanto de espanhóis, e depois franceses, e um vacilante grupo de homens do mar que por vezes se fixavam, transitoriamente, nas ilhotas próximas à Espanhola, notadamente em Tortuga, ao norte da ilha, com a nítida intenção de praticar o corso. A ação desses corsários – cujas lides acabaram contribuindo para a difusão de uma representação fantástica e lúdica da ilha – foi decisiva para que dela a França tomasse posse de um terço ocidental. Estes aventureiros, segundo José Luciano Franco (2008, p. 66), “[...] fizeram sua aparição em Espanhola pouco depois da primeira metade do século XVI [e] converteram Tortuga em praça d’armas e base de suas operações no Caribe”. (FRANCO, 2008, p. 81).

Dessa forma, Espanhola fora, durante todo o século XVI e início do XVII, não mais que um entreposto comercial da Espanha no Caribe. A economia da ilha baseava-se, quase que exclusivamente – dado o inexpressivo rendimento da extração de minerais, o escasso volume de braços disponíveis para lavrar as terras, somado ao desinteresse da Coroa espanhola, cujas atenções estavam voltadas para a exploração do ouro e da prata do continente – na criação de gado, que os espanhóis concentraram inicialmente na parte oriental da ilha, que eram utilizados, principalmente, para a produção de couro. Fruto desse incipiente comércio, das atividades ligadas ao corso, e da criação de gado, que logo se espalhou por toda a ilha, surgiram três tipos sociais que caracterizaram esse período da colonização e que acabaram contribuindo decisivamente para que os franceses se estabelecessem definitivamente na parte ocidental da ilha. São eles: os contrabandistas, os *bucaneiros* e os *flibusteiros*, que são, nas palavras de Pattee (2008, p. 30) “[...] os elementos que deram origem ao que seria mais tarde a colônia francesa de Saint-Domingue e a República do Haiti”.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Foi com vistas a impedir ou minimizar os prejuízos decorrentes da atuação dos primeiros que Felipe III, soberano espanhol, adotou, em 1603, a polêmica medida de despovoar a costa norte da ilha. A fim de combater o comércio ilícito entre a escassa população costeira, abandonada à própria sorte pela Coroa espanhola, e os corsários que por ali agiam, o monarca determinou às autoridades civis, militares e

Os bucaneiros – apresadores de gado selvagem – e os flibusteiros – piratas, que viviam do corso – faziam parte, inicialmente, dos grupos de colonizadores e aventureiros vindos, voluntária ou involuntariamente, da Europa, seduzidos pelas promessas de enriquecimento e fortuna do Novo Mundo. Os primeiros eram assim conhecidos em função do local e do aparato com que preparavam e secavam a carne e o couro dos animais abatidos, que era conhecido pelos índios por *bucán*.<sup>34</sup> Os flibusteiros eram, em sua maioria, bucaneiros ou descendentes destes, que por motivos diversos, lançaram-se ao mar, em pequenos barcos holandeses, chamados *flibots*, para saquear e capturar todos os navios e barcos espanhóis que pudessem (FRANCO, 2008, p. 75).

A estes contingentes de degredados e fugitivos, em sua grande maioria homens, segundo Franco (2008, p. 103), outro tanto de fugitivos e marginalizados vieram se somar. Foi a partir da união desses tipos que a sociedade de *Saint-Domingue* se estruturou. A penetração dos bucaneiros ao interior da parte ocidental da ilha em busca de gado selvagem acabou contribuindo para a sua fixação à terra. À medida que a exploração de ouro e prata do continente começa a escassear, a prática do corso decai, fazendo com que seus agentes busquem desenvolver outras atividades, como o tráfico negreiro ou atividades ligadas ao cultivo de gêneros tropicais, como a cana-de-açúcar, o tabaco, o cacau e o anil. Segundo Juan Francisco Peria Martinez (2010, p. 4) a sedentarização desses tipos, que daí por diante começam a se autodenominar *habitants*, começa a ocorrer por volta de 1660, o que provoca importantes transformações na região oriental da ilha.

A essa altura, portanto, estavam assentadas as bases sociais da colônia francesa de *Saint-Domingue*. A ligação do homem à terra, o relativo desinteresse por parte da Coroa espanhola e a instabilidade política verificada na Europa, contribuíram para que no final do século XVII a França reivindicasse, oficialmente, a posse da parte ocidental da ilha por meio da assinatura do tratado de Ryswick.<sup>35</sup> Ryswick cinde a ilha de norte a sul,

---

eclesiásticas da ilha que despovoassem a referida costa, fato que, segundo alguns especialistas, dentre os quais Franco (2008) e Pattee (2008), contribuiu para o avanço dos franceses.

<sup>34</sup> Franco (2008, p. 74), os descreve como “Gentes truculentas e inquietas, vítimas de naufrágios ou fugitivos da justiça, marinheiros desertores de barcos do comércio clandestino, soldados indisciplinados que fugiam dos castigos, negociadores arruinados ou, simplesmente, indivíduos de nacionalidade e origens diversas, empurrados pelo irresistível afã de aventuras.”

<sup>35</sup> Pelo tratado de Ryswick, assinado em 1697 – que pôs fim à Guerra dos Nove Anos, entre a França e a Liga de Augsburgo, que envolveu, em distintos momentos, vários países europeus – a França recebia da Espanha o terço ocidental da ilha, que representa, em linhas gerais, o território do Haiti atual. A assinatura desse tratado também contribuiu para a dispersão dos flibusteiros que, de acordo com o posicionamento de Franco (2008,

estabelecendo os marcos territoriais a partir dos quais as identidades haitiano-dominicanas foram erigidas. A esse respeito Eliesse dos Santos Scaramal (2006, p. 120-121), afirma que “[...] a demarcação das fronteiras deveria ser, por si só, um forte referencial na conformação das respectivas identidades dos povos que habitavam os dois territórios”, no caso, a *Saint-Domingue* francesa e a Santo Domingo espanhola.

Abria-se assim um novo período da colonização, caracterizado pelo vertiginoso crescimento econômico e pelo significativo incremento populacional na ilha. Dessa maneira, de acordo com Martinez (2010, p. 4), “O período que vai desde fins do século XVII a princípios do XVIII é uma etapa na qual se vão assentando as bases econômicas, políticas e sociais da colônia.” Espanhola tornar-se-ia, algumas décadas depois, a mais rentável colônia francesa, e, em decorrência disso, a mais explosiva. Ocorre que as riquezas produzidas, obtidas principalmente a partir da produção de açúcar, em uma escala nunca dantes vista, reclamava um número cada vez maior de almas, que, trasladadas da África, seriam submetidas, dia após dia, a um regime que também se tornava cada vez mais bárbaro e brutal. Assim, o açúcar, de acordo com Susan Buck-Morss (2011, p. 135), “transformou as plantações coloniais das Índias Ocidentais [...] gerando um aumento acentuado na importação de escravos africanos e uma intensificação brutal da exploração de sua mão de obra”.

Percebe-se então que se em um primeiro momento, relativo à conquista, houve uma prática sistemática do extermínio, dirigida contra os nativos que habitavam Espanhola, acompanhada e justificada por dado discurso, sobre a qual se erigia uma imagem idealizada do conquistador, como portador da civilização e da salvação, em detrimento das gentes que ali habitavam, vistas como seres inferiores e degenerados, haveria, em um momento posterior, uma ampliação do escopo desse discurso, e também dos sujeitos a quem ele se dirigia. Além dos nativos – dos poucos que resistiram – os mestiços, ou *criollos*, e sobretudo os negros, passaram a ser destinatários desse discurso, que, a propósito, não silenciaria.

Os excessos e a devassidão desse sistema, alimentado por mais de dois séculos, dariam lugar a um movimento revolucionário sem precedentes. As condições extremas da ilha produziram uma Pérola das (nas) Antilhas, uma joia que, em função da cobiça que despertou, alterará profundamente a ordem colonial estabelecida, fazendo

---

p. 118), “[...] em sua quase totalidade, se somaram aos colonos, de quem aceitaram os cargos, para beneficiar a prosperidade da colônia”.

florescer, de acordo com Pattee (2008, p.38), “[...] uma das mais brilhantes, brutais e opulentas [sociedades] em toda a história da América”. A colônia de *Saint-Domingue* representou, a um só tempo, a opulência e, em alguma medida, a ruína do sistema colonial praticado no mundo caribenho/latino-americano.

### 1.1.3. *La Perle des Antilles*: entre o trágico e o maravilhoso

O Tratado de Ryswick formalizou uma situação que, pelos motivos anteriormente descritos, já não se sustentava. Nas décadas que se seguiram à assinatura do tratado a economia de *Saint-Domingue*, inicialmente baseada nas atividades do corso, do contrabando e do apresamento de gado selvagem para a produção de couro e carnes, foi migrando paulatinamente para a cultura de produtos tropicais, dentre os quais, passa a se destacar, em dado momento, a cana-de-açúcar. Concomitantemente, há um incremento exponencial do tráfico e da entrada de negros africanos escravizados na colônia – sobretudo a partir da segunda metade do século XVII –, pois, segundo Martinez (2010, p. 4), os franceses concluíram ser essa a “‘única solução’ para atender a crescente demanda por mão de obra”. *Saint-Domingue* foi, assim, ainda de acordo com Martinez (2010, p. 4) “(re)povoada de africanos”, o que acabou contribuindo decisivamente para o crescimento e o fortalecimento de uma economia que, a depender apenas do trabalho livre, certamente não teria alcançado tamanho incremento produtivo.

O destino desses amplos contingentes de negros, trasladados como objetos da África para as Américas, não seria muito diferente daquele experimentado pelos milhares de nativos durante os primeiros anos da conquista. O excesso foi lugar comum nos dois momentos, de modo a perdurar. A violência colonial, de acordo com as palavras de Fanon (1968, p. 9), iria “desumanizá-los [...] liquidar as suas tradições [...] substituir a língua [...] destruir a sua cultura [...] embrutecê-los pela fadiga”. A insensatez das autoridades coloniais, movida pela avidez incontrolável por riquezas, fez com que meio milhão de negros fossem capturados, escravizados, vendidos, e transportados para o continente americano sob condições inumanas, para perecerem sob o flagelo do látigo, no cultivo das *plantations*,

criando um verdadeiro inferno no Caribe, dando lugar a uma tragédia que deixaria traumas irreparáveis<sup>36</sup>.

Nossa assertiva de que não deve haver um hiato histórico-discursivo entre a conquista, a colonização e os movimentos revolucionários que levaram à independência do Haiti, toma corpo quando damos conta que as tragédias que se abateram sobre uns e outros diferiram, muitas vezes, apenas pela gradação, pois o *modus operandi*, ao que parece, foi sempre o mesmo: dominar, escravizar e destruir. Houve, a todo tempo, por parte do colonizador, um deliberado propósito de se afirmar, em detrimento e a partir do outro. A “descoberta”, a conquista e a colonização da América levaram, em última instância, de acordo com Scaramal (2006, p. 13), à construção de uma ordem “[...] unívoca e monovalente, dominante e unidimensional”, orientada, quase sempre, por um racismo exacerbado e brutal. Esses movimentos resultariam, por um lado, no desenvolvimento de uma representação inferiorizada e barbaresca do não-europeu, sobretudo do negro africano escravizado, e, por outro, na afirmação de um ideal eurocêntrico de civilização, em que a “identidade branca” passa a ser considerada “a identidade”, única e natural, avaliada, segundo Popkin (2008, p. 295) como “a mais significativa [que] alcançou dimensões históricas imensas, estendendo-se das viagens de descoberta e do início da escravidão no Mundo Atlântico [...] até o mundo pós-colonial dos nossos dias”.

Deste processo decorre um esforço, por parte do colonizador, em estabelecer uma “classificação” ou uma “normalização” do colonizado, não europeu, legitimando a assertiva de Bhabha (2003, p. 111), segundo a qual o objetivo do discurso colonial consiste em “[...] apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução”. Com vistas a dar sustentação a essa perspectiva – e dando corpo a algumas de nossas hipóteses – nos valemos de Schoelcher (2011, n. p.), que afirma que “*Lo que decía [...] sobre la inferioridad de la raza negra y sobre su proximidad con el mono, es lo que se repite estúpidamente sobre su predestinación a la esclavitud, los españoles lo habían dicho ya hace siglos a propósito de los caribes.*” Assim, os negros não teriam melhor sorte do que os nativos, sendo classificados, aos moldes do que ocorrera com aqueles, segundo relato

---

<sup>36</sup> Os reflexos de tal disparate podem ser observados ainda hoje, mais de duzentos anos depois, pois, de acordo com Seitenfus (1994, p. 27), “O Haiti conserva [...] as mais profundas marcas do extraordinário e desumano enxerto populacional, provocado pelo tráfico de escravos negros, que afluíram massivamente ao seu território.”

publicado em 1789, apresentado por Cyril Lionel James (2000, p. 31), como “[...] injustos, cruéis, bárbaros, semi-humanos, traiçoeiros, pérfidos, ladrões, beberões, arrogantes, preguiçosos, sujos, sem-vergonhas, furiosamente ciumentos e covardes”.

Essas demarcações tornam-se ainda mais rígidas à medida que o contraste epidérmico se acentua, pois o negro africano, capturado, feito escravo, vendido e trasladado para a América, surge como um componente que vai tornar mais vívidas as menores nuances raciais. Desenvolve-se, nesse contexto, um discurso identitário essencialista, de bases histórico-biológicas – ao menos nestes primeiros momentos – que justificaria, e, em alguns casos, talvez ainda busque justificar, toda sorte de infortúnios a que eles foram submetidos. A exasperação desse discurso foi sempre acompanhada pelo recrudescimento da violência e da brutalidade, buscando conformar, assim, não só o corpo, mas, sobretudo, a mente do colonizado.

Dentro dessa ordem, e dos ideais que a norteiam, restará ao negro africano escravizado, e à história que se produz a partir de seus movimentos e suas ações, um papel secundário e ideologicamente marcado, além de, ao mesmo tempo, negado. Segundo D’Adesky (2001, p. 70) “Essa negação por indiferenciação racial do negro é acompanhada de uma segunda negação, de tipo cultural. O negro não somente é negado em sua raça, mas também em sua história, em sua língua, em sua arte etc.” Assim, o racismo e a indiferença para com o outro encontram seu paroxismo na *Saint-Domingue* colonial, onde, segundo Schoelcher (2011, n. p.) “*el prejuicio de color es [ou foi] uno de los más intratables de todos que han perturbado la razón de los hombres*”. Enquanto toda essa riqueza jorrava da colônia para a metrópole, milhares de vidas se perdiam nas *plantations* que dominavam o cenário caribenho. Franco (2008, p. 147) afirma que “não havia refinamentos que o medo ou uma imaginação depravada não inventassem e fossem empregados para destruir o espírito do escravo, satisfazendo os gostos ignóbeis e a cólera de seus amos maiores”. As relações senhor-escravo tornar-se-iam dia-a-dia mais tensas, culminando em uma revolução que foi discursivamente transformada – pelos discursos que aqui buscamos desvelar –, em um símbolo da barbárie e da subversão da ordem.

Não podemos deixar de chamar a atenção, no entanto, para o fato de que os contingentes negros trasladados como escravos não padeceram subservientemente durante todo esse longo período. A resistência – física e cultural – contra a

ordem colonial eurocêntrica, que tinha na colônia francesa de *Saint-Domingue* um de seus mais elaborados protótipos, esteve sempre presente. Os negros escravizados utilizaram-se, a todo tempo, dos mais variados ardis para tentar fazer frente à desumana opressão a que estavam submetidos. O suicídio, o envenenamento e os crimes de morte cometidos contra seus amos, e sobretudo a fuga, constituíam os principais recursos empregados na resistência. Os *cimarrones* – escravos que fugiam para as montanhas ou lugares ermos para viverem comunalmente, em relativa liberdade – tornar-se-iam, sobretudo a partir do primeiro quartel do século XVIII, símbolos emblemáticos da resistência e da luta pela liberdade.

Na esteira desses movimentos de resistência, que tiveram como símbolo principal a figura do *Nègre Marron* (negro marrom), surge um dos maiores ícones históricos e culturais haitiano. Trata-se do vodu<sup>37</sup>, que, segundo James (2000, p. 91) seria “o meio da conspiração”. É sobretudo a partir da aproximação e do entrecruzamento desses componentes socioculturais que a resistência ganha sentido, e, conseqüentemente, a Revolução começa a se desenhar. Foi a partir daí também que outro aspecto discursivo muito recorrente na história haitiana, presente em grande parte de suas representações, passou a ser explorado e disseminado. Estamos nos referindo ao mágico e ao maravilhoso. De acordo com Franco (2008, p. 14), é no vodu que “[...] *se puede notar con mayores detalles la estrecha unidad de lo fantástico y lo maravilloso con la historia real del pueblo haitiano*”. Um pouco antes, o referido autor (2008, p. 12) afirma que o vodu torna-se “[...] *elemento singular que no registra ninguna otra de las historias nacionales de los pueblos de nuestro continente, ni mucho menos la historia europea, lo es la estrecha relación entre mito, leyenda y realidad.*”

Esses elementos trouxeram consigo, ao longo da história haitiana, a depender do momento e da situação, conseqüências positivas – como por exemplo, quando utilizado pelos precursores dos movimentos revolucionários para agrupar e inflamar os escravos em luta pela liberdade – ou negativas – como no caso da apropriação dessas manifestações culturais por uma literatura sensacionalista e tendenciosa, a qual contribuiu para que o seu povo fosse reiteradamente qualificado, quase sempre de maneira pedante,

---

<sup>37</sup> O vodu é a religião haitiana por excelência. Com fortes influências africanas, constitui uma das principais heranças culturais do país, ao lado do creole, a língua falada por mais de 95% dos haitianos. Segundo Hurbon (1987, p. 77) “[...] o vodu representa, de uma parte, a expressão de relação de classes: como religião e cultura por excelência das camadas populares, ele é taxado de superstição primitiva ao mesmo tempo em que seus adeptos são explorados pelas classes dominantes; de outra parte, o vodu representa aquilo que Batiste chamava de ‘dialeitização do social’, no sentido em que ele é linguagem que reflete as situações, dá-lhes sentido e possibilita seu controle e sua orientação”.

como bárbaro, abjeto e supersticioso, o que possibilitou o estabelecimento de uma tradição de identidade haitiana que, forjada a partir do levante de 1791, ainda perdura. Vejamos, no próximo tópico, como a Revolução – Negra ou Haitiana – entrou para a história mundial como um testemunho da luta pela liberdade, e, concomitantemente, em um aparente paradoxo, como uma mácula indelével na história do povo haitiano.

## 1.2. A revolução (1791-1804) e a (in)dependência haitiana

*Le peuple Haïtien a à son actif une révolution phénoménale, la plus complexe des temps modernes, la seule qui fut à la fois une guerre sociale d'esclaves contre leurs maîtres, une guerre raciale de noirs contre blancs et mulâtres, une guerre civile des noirs et mulâtres du nord et de l'ouest contre les mulâtres et les noirs du sud; une guerre internationale, contre les Espagnols et les Anglais et une guerre d'indépendance d'une Colonie contre une Métropole. Cette guerre aux multiples aspects n'aurait pu se faire sans de grands leaders et l'accord résolu des masses; Haïti put compter avec ces deux facteurs.*<sup>38</sup> (BOSCH, 1986, n. p.)

A Revolução, Negra ou Haitiana, a depender da perspectiva ideológica adotada, repercutiu, de forma profunda e irreversível, não só no mundo colonial, que àquela altura era, ainda, quase que completamente dependente da força de trabalho escrava, mas, também, e de forma permanente, no futuro do povo haitiano, que, para tentar se livrar de seus algozes e do ranço da escravidão, levou sua luta às últimas consequências. A postura extremada adotada em determinados momentos por alguns dos líderes revolucionários e pelas massas encanizadas, com vistas a responder ou fazer frente à situações particulares,

---

<sup>38</sup> “O povo haitiano tem o crédito de uma revolução fenomenal, a mais complexa dos tempos modernos, a única que foi tanto uma guerra social, de escravos contra seus mestres, quanto uma guerra racial, de negros contra brancos e mulatos, uma guerra civil de negros e mulatos do norte e do oeste contra os mulatos e negros do sul; uma guerra internacional, contra os espanhóis e ingleses e uma guerra de independência de uma colônia contra uma metrópole. Essa guerra multifacetada não teria sido possível sem grandes líderes e o acordo resoluto das massas. O Haiti pôde contar com os dois fatores.” (BOSCH, 1986, n. p., Tradução nossa)

parece avultar sobre outros aspectos desse que foi, certamente, um ponto de inflexão na história colonial.

A experiência revolucionária iniciada no norte do Haiti – levada a cabo por ex-escravos, *cimarrones*, e escravos, boçais ou ladinos – sob os auspícios dos Loas do vodu<sup>39</sup>, ecoaria para além das fronteiras da ilha de Espanhola, alterando, de forma permanente, as estruturas sociopolítico-econômicas e culturais do mundo colonial. Vejamos como se desenvolve essa luta singular.

### 1.2.1. Haitianismo e anti-haitianismo: duas faces da Revolução<sup>40</sup>

Vista ora como um símbolo da luta pela liberdade, que de início se traduzia na abolição da escravidão e na posse da terra, ora como um movimento bárbaro e desordenado, guiado apenas pela cega sede de vingança de uma massa discursivamente bárbara e abjeta, a Revolução transformar-se-ia, a despeito dessas interpretações, em um grande obstáculo para o Estado e para o povo haitiano, pois, conforme o posicionamento de Leandro Fontella & Elisabeth Medeiros (2007, p. 60), também temos motivos para acreditar

---

<sup>39</sup> Para os praticantes do vodu os Loas são “[...] os espíritos que o protegem, que o avisam dos perigos, que indicam os remédios e, finalmente, ajudam nas dificuldades. [...] são os espíritos da família, dos avós, dos antepassados, da ‘Guiné’, ou seja, da África ‘mítica’: constituem o fundamento da coesão do grupo social e cultural”. (HURBON, 1987, p. 123-126)

<sup>40</sup> Convém esclarecer o sentido aqui atribuído aos conceitos de *haitianismo* e *anti-haitianismo*. Acreditamos que o haitianismo estrutura-se como um conceito que busca dar conta do sentimento de terror e de repúdio ao sujeito haitiano, sobretudo em função dos desdobramentos da Revolução de 1791, mais especificamente em sua última fase, quando Dessalines, um dos líderes da Revolução, leva a cabo a guerra de independência propriamente dita – que culminou com a eliminação de parte das minorias brancas que ainda ocupavam a ilha – que, não por acaso, a despeito da complexidade dessa Revolução, passa a orientar determinada discursividade que se produz acerca da Revolução a partir de então. Trata-se, portanto, de um estado de aversão ao haitiano desenvolvido em função do temor que sublevações semelhantes àquela promovida pelos escravos de *Saint-Domingue* pudessem se repetir em outros países/colônias que dependiam da mão de obra escrava – como era o caso de Cuba, Estados Unidos e do Brasil. Segundo Carlos Eugênio Soares & Flávio Gomes (2002, p. 132-133), havia um temor de uma parte das autoridades de que houvesse um “contágio” dos ideais revolucionários que orientaram os levantes de *Saint-Domingue* “[...] As autoridades receavam que os cativos, “contagiados” pelas “idéias de liberdade” advindas da Europa mediante comunicações com as colônias estrangeiras, viessem a articular uma grande revolta, a exemplo do que ocorrera no Haiti.” O anti-haitianismo, por outro lado, tem suas raízes no período colonial e se desenvolve a partir das conturbadas relações entre os dois lados da ilha, num primeiro momento entre as colônias espanhola e francesa e, posteriormente, entre o Haiti e a República Dominicana. Trata-se, portanto, de um conjunto de ideias, de cunho predominantemente racista, baseadas em um essencialismo histórico e biológico fatalista, que em dado momento passa a orientar as políticas de Estado dominicanas endereçadas aos haitianos.

que a “grave crise social, econômica e política, pela qual passa o Haiti, tem raízes profundas em seu processo histórico, que por sua vez, tem como divisor de águas a Revolução Haitiana.” Interessa-nos assim, neste momento, proceder a uma análise da Revolução que privilegie, sobretudo, os aspectos que fizeram com que ela se tornasse, inicialmente, por força de dada discursividade, voltada à manutenção de determinada ordem ou *status quo*, em um mal ou ameaça a ser evitada e combatida, e, a *posteriori*, em um marco indelével e estigmatizante, tanto para aqueles que a empreenderam, quanto para seus descendentes.

A Revolução caracterizou-se, sobretudo – como afirmara Juan Bosch (1986, n. p.), na citação da epígrafe –, por sua complexidade, não sendo exagero, ou um simples recurso de retórica, classificá-la como uma das mais complexas dos tempos modernos. Assim, o movimento revolucionário iniciado em agosto de 1791 não pode e não deve ser pensado de forma linear e causal. Existem inumeráveis avanços e retrocessos, tanto políticos quanto econômicos. Momentos de relativa tranquilidade, nos quais prevaleceram a diplomacia e o respeito mútuo, alternados com outros em que imperaram a violência e o terror. Todas essas condicionantes estiveram presentes, em maior ou menor grau, no decorrer do processo, variando no tempo e no espaço, dando à Revolução o caráter multifacetado atribuído pelo autor supracitado.

Ainda a esse respeito, Eugene Genovese (1983, p. 86-87) afirma que a Revolução se diferencia das revoluções escravas do período colonial na medida em que se distancia de certos movimentos que, de alguma maneira, estavam voltados para a África e não para a América. Para o autor (1983, p. 87), as revoltas escravas afro-americanas caracterizavam-se, até então, por seu caráter “restauracionista”, pois “almejavam a restauração de um modo de vida africano”. Nesse sentido, a Revolução que teve lugar no Haiti destacou-se, também, por romper com os estreitos limites dos movimentos que a precederam, pois buscou lançar as bases de um estado livre e soberano nas Américas, propósito este que, no entanto, nunca se concretizou plenamente.<sup>41</sup> Ainda assim, trata-se, de um movimento singular, haja vista que, pela primeira vez “uma revolta de escravos tornou-se uma grande revolução nacional e parte vital do processo histórico que refez irrevogavelmente o mundo inteiro” (GENOVESE, 1983, p. 95). Afinal, com a Revolução, conforme as

---

<sup>41</sup> A esse respeito, Renata de Melo Rosa (2006, p. 19) afirma que embora “a Revolução haitiana de 1804 tenha representado um poderoso marco simbólico de afirmação da negritude e dos valores nobres que acompanham os haitianos, como bravura, independência e espírito guerreiro, o processo de construção da igualdade não foi sequer implementado.”

considerações de Silvio Torres-Saillant (2012, p. 42), “*el Estado haitiano contrarrestaba la médula misma, el tuétano de la economía que sustentaba a la civilización cristiano-occidental*” (TORRES-SAILLANT, 2012, p. 42). Sem o braço escravo, o mundo colonial, e tudo o que ele representava, ameaçava ruir.

Nos limites deste trabalho devemos ter sempre presente, no entanto, que a Revolução representa, não só o marco fundante da nação haitiana, mas, sobretudo, dos estigmas que lhe acompanhariam. Foi a partir do trauma da Revolução, e de seus desdobramentos, que colocam em causa a “convicção de que as sociedades criadas pelas populações brancas, de origem europeia, estariam a salvo da destruição por pessoas de cor” (POPKIN, 2008, p. 294), que o Haiti foi pensado. É a partir desse marco histórico-social que o paradoxo se instaura, tornando-se onipresente na história haitiana, figurando como o aspecto mais explorado para a formulação dos anti-haitianismos que passam a conferir uma identidade negativa e depreciativa ao haitiano. A Revolução teve, assim, um caráter notoriamente polissêmico, e por vezes antagônico, pois, se por um lado, entra para a história como um signo da luta de resistência contra a escravidão e a ordem estabelecida, insurge, por outro, como um funesto e aterrador espetáculo.

A Revolução torna-se, nessa perspectiva, com todos os seus traumas e dramas, o elemento estruturante desse ideal anti-haitianista, mas não o seu único referencial. Segundo Johanna Grafenstein (2010, n. p., grifo da autora) a vinculação da Revolução com as ideias de destruição e violência desenfreada é parte “[...] *de una visión de los amos, en su mayoría blancos, aunque algunos de ellos pertenecían al grupo llamado “gente de color libre”*”. A independência da colônia de *Saint-Domingue* constituiu um duro golpe para o sistema colonial e uma irreparável perda para a metrópole. Assim, de acordo com Fanon (1968, p. 33) ao “dar-se conta da impossibilidade de manter seu domínio nos países coloniais, a burguesia colonialista resolve iniciar um combate de retaguarda no terreno da cultura, dos valores, das técnicas etc.” Tornava-se necessário, então, proceder ao escárnio da vitória, duramente conquistada pelos haitianos. Segundo Henry Louis Gates Jr. (2014)

[...] o resto do mundo não estava interessado em dar as boas-vindas ao Haiti. Na realidade, a luta do Haiti para se fundar como Estado independente estava apenas começando. Praticamente todo o mundo ocidental aliou-se para sufocar a nova república no berço. Mesmo quando não se entendiam entre si, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos uniam forças contra o Haiti. Recusavam-se a reconhecê-lo

como uma nação legítima. A simples lembrança do Haiti era uma ameaça grande demais [...] Esses países não podiam permitir que o exemplo do Haiti motivasse outros negros no Caribe, na América Latina e, principalmente, no sul dos Estados Unidos, a lutar para libertar-se da escravidão. Entretanto, é claro que o exemplo da revolução teve exatamente esse efeito. (GATES JR., 2014, p. 239)

Elabora-se, a partir daí, um aparato ideológico perene e eficaz, que ecoará no tempo e no espaço. A Revolução, abonada sua singularidade e a maneira – força – como repercutiu por todo o mundo colonial, tornar-se-á um importante instrumento de negação do haitiano, uma vez que, conforme afirmou Hurbon (1993, p. 44) após a independência “[...] *muy pronto, circularán a través de toda europa rumores de canibalismo, de salvajismo, de despotismo inherentes a una población de ‘raza negra’ cercenada del mundo ‘blanco’*”. Isto posto, comprovamos a assertiva de Rosa (2006, p. 1), segundo a qual “o valor atribuído contemporaneamente aos haitianos [...] reside na tematização altamente negativa dos processos históricos que acompanham a construção da própria nação haitiana”. As imagens e os discursos produzidos acerca da Revolução e de seus desdobramentos constituiriam, assim, o alicerce sobre o qual os discursos anti-haitianistas se estruturaram, o que ensejou os mais torpes estereótipos.

A Revolução tornara ainda mais patentes, por meio do haitianismo que engendrou, os motes anti-haitianistas que daí por diante caracterizariam a forma como o haitiano passaria a ser percebido em suas relações com o Outro. “Sempre as mesmas histórias sobre a animalidade do negro [...] contadas (compulsivamente) repetidamente”, de acordo com Bhabha (2003, p. 120). Denegados e bestializados, os haitianos tornam-se sujeitos desse discurso e dessas representações. Nos escritos sobre a Revolução, segundo Grafenstein (2010, n. p.), “*abundan los calificativos de “cruelísimos negros”, “bárbaros africanos”, “antropófagos negros”, predominando, quase sempre, “imágenes negativas” e “frecuentemente apocalípticas”*”. Foi a partir desse conjunto de estereótipos, repetidos compulsivamente, de acordo com Bhabha (2003), que essa representação de identidade haitiana tomou forma.

Essas foram, contudo, as duas faces mais pronunciadas da Revolução: o *haitianismo*, que pode ser entendido – em linhas gerais – como certo temor desenvolvido por parte das elites coloniais, sobretudo dos proprietários de escravos, de que o ocorrido em *Saint-Domingue* pudesse encorajar os escravos de outras localidades a se rebelar

contra o sistema instituído; e o anti-haitianismo, que constitui, em um primeiro momento, um desdobramento do haitianismo, podendo ser caracterizado, também, em linhas gerais, como um mote ideológico-discursivo, detratador e estigmatizante, fundado sobre um conjunto de preconceitos históricos, culturais e raciais de origem colonial, que acaba ganhando força com o advento da Revolução, extrapolando os limites da ilha. Pode-se dizer, dessa forma, que tanto o haitianismo, quanto o anti-haitianismo, afiguram-se como desdobramentos da revolução, diferindo-se, em grande parte, pelo fato de que enquanto o haitianismo permanece ligado a ela, o anti-haitianismo avança, superando seus limites espaço-temporais.

Desta feita, a sociedade colonial de *Saint-Domingue*, ordenada, em grande parte, a partir de referenciais raciais e econômicos eurocêntricos, vai se desestruturando, a começar pela inversão operada pela ascensão dos ex-escravos aos cargos político-administrativos mais relevantes da colônia, antes ocupados apenas pelas elites brancas e, em certos casos, *criollas*. Nesse sentido a Revolução opera uma significativa alteração nas relações sociais da ilha, muito embora não tenha contemplado, de maneira ostensiva, as massas, que continuaram privadas da terra e da liberdade pela qual lutaram. Vejamos como essas alterações acabam contribuindo para reforçar a abjeção e a repulsa – característicos do anti-haitianismo – dirigidas ao haitiano.

### 1.2.2. O levante negro e a subversão da ordem

A Revolução, que segundo consta foi desencadeada a partir de uma conspiração que teve lugar em 14 de agosto de 1791, liderada por Dutty Boukman – um escravo de origem jamaicana e *hougan* vodu (sacerdote do vodu) – em *Bois Caïman*, na propriedade de Lenormand de Mézy, situada em Morne Rouge, próximo à Le Cap, no norte do Haiti, representou um duro golpe em um sistema brutal de exploração que, àquela altura, arrastava-se por quase três séculos. Conforme afirma James (2001, p. 39) “os jacobinos negros de São Domingos fariam a história que mudaria o destino de milhões de homens e o curso econômico de três continentes”. Não há exagero na afirmação do autor, visto que a Revolução que se inicia com o chamado de Boukman em *Bois Caïman* varrerá toda a ilha de

Espanhola, tornando-se uma ameaça à ordem colonial e a um mundo movido pelo suor e pelo sangue escravo.

O movimento revolucionário, iniciado em 22 de agosto de 1791, só conhecerá fim em 1804, quando Dessalines e os seus colocam termo em uma luta que durara tempo demais, consumindo grande parte dos recursos humanos e materiais da ilha. Nesses mais de doze anos de lutas, a colônia conhecera toda a sorte de tragédias e desgraças. Houve, no entanto, em meio às inumeráveis batalhas e escaramuças, momentos de relativa tranquilidade e de prosperidade que raramente são referenciados nos discursos que tratam da questão.<sup>42</sup> Os períodos mais conturbados, em que imperaram a desordem e a violência, que por sinal são os que sobressaem nos discursos historiográficos ou literários anti-haitianistas, dizem respeito, de maneira geral, ao choque inicial – em que os negros subvertem a ordem, vingam-se, por assim dizer, de seus antigos senhores, destruindo praticamente toda a estrutura produtiva da colônia – e aos momentos finais, quando Dessalines inicia a guerra pela independência propriamente dita. Ademais, há que se considerar que se trata, antes de tudo, de um movimento disruptivo, libertário, anti-colonialista.

As irreconciliáveis dissensões internas, aliadas às pressões externas, exercidas principalmente pela França, Inglaterra e Espanha, contribuíram para que a Revolução se radicalizasse. É essa radicalização – marcada pelo rompimento com a metrópole francesa e pela expulsão, caça e eliminação dos colonos brancos, levada a cabo logo nos primeiros momentos da Revolução e, principalmente, após a guerra de independência capitaneada por Dessalines a partir de 1803 –, que costumeiramente sobressai, havendo, de certa maneira, um silêncio relativo às atuações metropolitanas, que se caracterizaram,

---

<sup>42</sup> Ricardo Pattee (2008) nos explicita um esquema sugerido pelo historiador haitiano Beaubrun Ardouin que representa, ainda que de forma bastante geral, o desenvolvimento da Revolução, de seus albores até o seu coroamento, com a independência da colônia, em 1803. O autor faz referência a seis períodos, assim divididos: “I. JULIO DE 1789 HASTA SEPTIEMBRE DE 1792. Desde la toma de la Bastilla hasta la llegada a la Colonia de la Comisión encargada de velar por la ejecución del decreto sobre la igualdad. Es un período en que los hombres libres, tanto blancos como de color, participan activamente, pero sin involucrar a la masa esclava. II. SEPTIEMBRE 1792 HASTA JUNIO 1794. Período durante el cual la Comisión permanece en Saint Domingue. La Colonia vive una época sumamente azarosa, amenazada por España e Inglaterra en coalición contra Francia. III. JUNIO 1794 A OCTUBRE 1798. Cambio definitivo de régimen. Guerra contra los españoles e ingleses. La parte Española de la isla cedida a Francia. Triunfo de Toussaint Louverture. IV. OCTUBRE DE 1798 A JULIO DE 1800. Luchas internas y Guerra civil entre los dos jefes locales, Louverture y Rigaud. V. JULIO 1800 A ENERO 1802. Gobierno y administración de Toussaint Louverture como gobernador general. VI. ENERO 1802 A NOVIEMBRE 1803. Intento, por parte de Francia, de ocupar de nuevo la colonia. Gobierno de Rochambeau. Deportación de Louverture. Esfuerzo por restablecer la esclavitud. Guerra de independencia dirigida por Jean Jacques Dessalines.” (PATTEE, 2008, p. 55-56).

sobretudo, pela deslealdade, pelas conspirações, pela perfídia, pela insídia e pela traição contra os haitianos. Nesse sentido vale lembrar a assertiva de Fanon (1968, p. 26), de que a descolonização é um processo histórico que não pode ser compreendido de forma intelegível e transparente “senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo”.

A multiplicidade de atores, a assimetria das forças, os conflitos de interesses, bem como os reflexos da política metropolitana sobre a colônia, fizeram com que a Revolução conhecesse diferentes nuances políticas, econômicas e sociais, ao longo de seu desenrolar. O período compreendido entre os primeiros levantes no norte do Haiti, em 1791, e a declaração de sua independência por Dessalines, em 1804, caracterizou-se essencialmente pela grande efervescência sociopolítica e econômica, tanto de um lado, quanto do outro do Atlântico. Boa parte das metrópoles coloniais – França, Espanha, Inglaterra – encontrava-se envolvida em conflitos internos e externos, muitos dos quais decorrentes das políticas expansionistas francesas. Em *Saint-Domingue*, as dissensões internas, nutridas sobretudo pelos antagonismos raciais e de classe, continuavam fomentando as lutas e os enfrentamentos, constituindo um quadro de fragmentações que ainda hoje podem ser percebidas por meio daquilo que Ricardo Seitenfus (2006, p. 5), chamou de “linhas de conflito” e que Hurbon (1993, p. 214) denominou de “oposições estruturais e hierarquizadas”.<sup>43</sup> É por meio da apropriação e da exasperação dessa prática e dessa memória discursiva, que determinada tradição de identidade haitiana vai, aos poucos, se estruturar, estabelecer-se e ser performaticamente construída.

A revolução estende-se de agosto de 1791 até fins de 1803. Foi uma luta extremamente desigual, e talvez por isso, épica. As massas escravas, ao se levantarem, não dispunham de muito mais que um invulgar desejo de liberdade. O movimento revolucionário, com o intuito de estabelecer uma aproximação ao posicionamento de o Genovese (1983, p. 95), “refaz o mundo”, de modo a provocar uma fissura considerável nas estruturas coloniais. Opera-se, em certa medida, a subversão da ordem nos limites da pequena ilha, uma vez que o negro, bestializado e desumanizado por um sistema brutal de exploração, toma o lugar do branco, tornando-se, em alguns casos, seu senhor. Dessa forma, numa

---

<sup>43</sup> O Estado haitiano estruturar-se-á, dessa maneira, a partir de uma série de antinomias e polarizações – senhores/escravos; branco/negro/de cor; bárbaro/civilizado; rico/pobre; letrado/analfabeto, campo/cidade; católico/vodu; creole/francês; militar/civil; nacional/estrangeiro – que, ainda que presentes no período colonial, são potencializadas pela experiência revolucionária e pelo discurso que ela engendra.

perspectiva colonialista, com o colapso da colônia de *Saint-Domingue*, a ordem dá lugar à *des*-ordem. O impensável se instala na medida que, conforme Jeremy Popkin (2008, p. 295), a preservação da identidade branca, hegemônica, é desafiada.<sup>44</sup>

Com o fim dos embates bélicos, inicia-se outro, travado no campo discursivo, ideológico. De acordo com a assertiva de Sonia Maria Saura de Godoy (2003, p. 105) “[...] com a perda do domínio territorial e a conseqüente independência de suas colônias, os colonizadores procuraram viabilizar um projeto de manutenção do domínio ideológico, através dos estudos de língua e literatura.” A derrota e a humilhação, infligidas às metrópoles coloniais, nunca foram bem aceitas ou reconhecidas, mas tomadas como elemento de estigmatização do haitiano. No período que se segue à Revolução constrói-se um ideário de terror e repulsa, que logo se dissemina, sendo apropriado, principalmente, por aqueles que tinham no trabalho escravo o motor de suas economias. O anti-haitianismo se estrutura, ganha força a partir da subversão da ordem operada por meio, ou a partir, da Revolução. Constrói-se, ou se reforça, a representação do haitiano como um ser vil e ameaçador, o qual deveria ser evitado e combatido.

Esses motes anti-haitianistas tornam-se ainda mais explícitos e aviltantes quando passam a ser utilizados – como no caso dominicano – como parte de uma política ideológica de Estado que busca se constituir e se firmar a partir da negação do haitiano. As relações haitiano-dominicanas, que desde o período colonial eram caracterizadas por seus irreconciliáveis antagonismos, tornam-se ainda mais complexas com as sucessivas tentativas dos líderes haitianos em materializarem o projeto louverturiano de tornar Espanhola una e indivisível. Tais discrepâncias – e o uso político-ideológico que disso se faz – permitem que a República Dominicana se transforme em um *locus* da (*re*)produção dos discursos anti-haitianistas. Vejamos, então, como esses passam a representar, em dado momento, um componente estruturante das identidades dominicanas e, por conseguinte, das haitianas.

---

<sup>44</sup> “Dentre todas as formas de identidade grupal que figuraram na História Moderna ocidental, certamente nenhuma foi mais significativa que a dos homens brancos. A convicção de que os habitantes de pele clara da Europa constituíam um único ramo da humanidade, mais avançado que os demais povos, alcançou dimensões históricas imensas, estendendo-se das viagens de descoberta e do início da escravidão no Mundo Atlântico, no século XV, até o mundo pós-colonial dos nossos dias.” (POPKIN, 2008, p. 295)

### 1.2.3. Hispaniola, “una e indivisible”? As relações haitiano-dominicanas como *locus* da (re)produção dos discursos anti-haitianistas

O traumático movimento revolucionário haitiano, que durara mais de uma década, e que culminou com a *independência* do país, inaugura um período caracterizado pelas sucessivas e malfadadas tentativas de ocupação da parte oriental da ilha pelo incipiente Estado haitiano<sup>45</sup>. A intensificação dessas movências transfronteiriças acaba contribuindo para a ampliação do escopo dos discursos anti-haitianistas, de modo a erodir, paulatinamente, as já fragilizadas relações entre os dois lados da ilha. Os discursos reproduzidos a partir dessas relações dão ensejo ao desenvolvimento daquilo que Pons (*Diario Libre*, 2009, 05/12/2009, n. p.) chamou de anti-haitianismo histórico<sup>46</sup>, que, temos motivos para acreditar, continua a se manifestar nos discursos midiáticos contemporâneos.

Assim, com a deterioração das relações entre os dois lados da ilha, os discursos anti-haitianistas ganham cada vez mais espaço e tornam-se elemento estruturante do pensamento dominicano, a ponto de, em dado momento, a negação do “ser” haitiano ser tomada como uma afirmação da dominicanidade, o que legitima a assertiva de Torres-Saillant (2012, p. 16), segundo a qual “*el antihaitianismo aparece como un componente definidor de la dominicanidad*”. Reforçando essa perspectiva Domingo Lilón (2010, p. 287) afirmou que uma das principais características dessa dominicanidade é, até os dias de hoje, um profundo anti-haitianismo. As sucessivas ocupações, sobretudo a mais longa delas, capitaneada por Jean-Pierre Boyer, que se estendeu de 1822 até 1844, passam a desempenhar, destarte, um papel central na produção das identidades dominicanas. Foi, em grande parte, a partir dessas disputas, que foram estabelecidos os marcos que balizaram a

---

<sup>45</sup> Houve, a partir da independência do Haiti, algumas tentativas, por parte deste, de unificar a ilha. Essas investidas foram inicialmente justificadas como medidas de segurança tomadas para evitar que a França utilizasse a parte oriental da ilha para atacar e recolonizar o Haiti. Para os fins de nosso trabalho destacamos três delas: a primeira, realizada em 1801, por Toussaint L’Overture; a segunda em 1805, por Jean-Jacques Dessalines e Henri Christophe; e a terceira, e mais duradoura, por Jean-Pierre Boyer, no período de 1822 a 1844.

<sup>46</sup> O anti-haitianismo histórico, segundo Pons (*Diario Libre*, 2009, 05/12/2009, n. p.) “[...] surge de, y se sostiene en, la evolución real de ambos pueblos, de ambas naciones. En su origen remoto, este tipo de antihaitianismo tiene mucho que ver con las malas relaciones que sostenían franceses y españoles en el siglo 18 en la isla de Santo Domingo. [...] Existe, pues, una raíz de malas relaciones entre ambas partes de la isla que se deterioraron aún más al comenzar la Revolución Haitiana, [...] y [...] llegaron a su peor momento durante las invasiones haitianas de 1801 y 1805. Estas invasiones marcan todavía la psicología dominicana y son realmente la raíz histórica de ambas formas de antihaitianismo”.

estruturação dos projetos identitários haitiano-dominicanos, em especial o dominicano, já que, em conformidade ao que preceitua Gates Jr. (2014, p. 198)

[...] a aversão aos haitianos se tornou, por assim dizer, parte da alma dominicana. Ser dominicano passou a significar, cada vez mais, “não ser haitiano”. E quando a República Dominicana por fim se livrou da ocupação haitiana, em 1844, os dominicanos praticamente rejeitaram tudo o que se relacionava com seu vizinho. Rejeitaram a cultura do Haiti, sua língua, suas ideias... E até certo ponto sua cor. Como o Haiti era negro, de uma hora para outra ser negro passou a ser ruim.

Esses ressentimentos – apropriados e nutridos por determinados grupos conservadores, que se viram diante da ameaça de serem alijados do poder ou interessados em criar condições para controlar e dirigir as massas dominicanas – assentados sobre a ideia de um pseudo “imperialismo haitiano”, contribuíram sobremaneira para que os discursos históricos produzidos a partir desses eventos fossem paulatinamente incorporados aos ideais nacionalistas que dão ensejo a um outro tipo de anti-haitianismo, denominado por Pons como anti-haitianismo de Estado, que “[...] *se asienta en el soporte sociocultural del antihaitianismo histórico, y se sostiene y trasmite a través del sistema educativo y a través de los medios de comunicación*” (PONS, *Diario Libre*, 12/12/2009, n. p.). Trata-se, dessa maneira, da institucionalização dos discursos anti-haitianistas, que pouco a pouco vão sendo incorporados como parte de uma política de estado, com o intuito de justificar, em certa medida, toda sorte de ataques e ofensas dirigidas aos haitianos, sobretudo daqueles contingentes diaspóricos.

Opera-se, por meio da reprodução e da proliferação de textos propagandísticos anti-haitianistas (livros didáticos, textos acadêmicos, literários, etc.), elaborados a partir do tensionamento de uma memória discursiva, também anti-haitiana, a negação e o encobrimento do Outro, haitiano. Desenvolve-se assim, sob a chancela de eminentes figuras do meio intelectual e acadêmico e em proveito de determinados grupos, um aparato discursivo empregado, em última instância, para promover a coisificação e a bestialização dos sujeitos a quem se dirigem. O campo histórico torna-se, nessa perspectiva, espaço privilegiado para a construção de sentidos, logo, de identidades. Assim, o anti-haitianismo histórico constitui um suporte para o anti-haitianismo de Estado, que, por sua vez, estabelece-se e se desenvolve, conforme considerações de Pons (*Diario Libre*, 12/12/2009, n.

p.). O campo histórico torna-se campo fértil para o desenvolvimento e a disseminação da ideologia anti-haitianista. Segundo Christina Violeta Jones (2006),

*Nationalist Dominican historians have thus traditionally represented the Unification of Haiti and Santo Domingo as an act of aggression or domination carried out by Haitians. [...] Nationalists have thus reconstructed the history of the Dominican Republic and have recreated these “drastically” cultural, social, and political differences; in order to strengthen the current anti-haitianism ideology. [...] The idea that “the issue or conflict” between the two countries began with Haiti’s early nineteenth century attempts at political, economic, and cultural domination over the entire island has been circulated widely.*<sup>47</sup> (JONES, 2006, p. 97-98)

A história que tem lugar a partir desse “problema” ou “conflito” marcará o desenvolvimento das duas nações, condenadas, definitivamente, a compartilhar a pequena ilha de Espanhola. Foi a partir do estabelecimento de um amplo conjunto de antinomias (africano x hispânico, negro x mestiço, católico x vodu, bárbaro x civilizado etc.) que os discursos identitários haitiano-dominicanos foram pensados. Como afirmou Gates Jr. (2014, p. 198), com o desenvolvimento e a implementação dessas ideologias o ser “dominicano passou a significar, cada vez mais, ‘não ser haitiano’”. Perceberemos como essas proposições – que por ora apenas destacamos –, estão presentes de forma definitiva nas representações que se estabelecem acerca do Outro, tanto de um lado quanto do outro da ilha, sobretudo a partir da década de 1930, momento em que as duas nações se colocam a pensar suas identidades modernas.

Depois de mais de vinte anos de ocupação, em 1844, Juan Pablo Duarte, considerado um dos “*padres de la patria dominicana*”, põe fim a mais longa ocupação haitiana à República Dominicana, liderando aquela que ficaria conhecida como a segunda independência do país. Ao mesmo tempo que a República Dominicana alcança sua autonomia, o Haiti, arruinado pela guerra de independência e por seus desdobramentos, dentre os quais o bloqueio econômico externo e as lutas internas pelo poder, conheceria um século e

---

<sup>47</sup> “Historiadores nacionalistas dominicanos tem tradicionalmente representado a Unificação do Haiti e Santo Domingo como um ato de agressão ou dominação executada pelos haitianos. [...] Nacionalistas tem reconstruído a história da República Dominicana e recriado essas ‘drásticas’ diferenças culturais, sociais e políticas a fim de reforçar a ideologia anti-haitianista atual. [...] A ideia de que ‘o problema ou conflito’ entre os dois países inicia com as primeiras tentativas haitianas do século dezenove de dominação política, econômica e cultural sobre toda a ilha tem circulado amplamente.” (JONES, 2006, p. 97-98, Tradução nossa)

meio de decadência (GRONDIN, 1985, p. 28).<sup>48</sup> É a partir desse conjunto de perturbações sociopolíticas e econômicas que o haitiano foi apresentado, de forma recorrente, como um tipo inferior ou incapaz. É, também, a partir dessa negação que o Outro, o dominicano, buscou se projetar e se afirmar sob uma perspectiva mais positiva, como um sujeito pretensamente superior. A República Dominicana, por força das intrincadas relações que mantém com o Haiti, torna-se assim, um *locus* privilegiado da (re)produção dos discursos anti-haitianistas. Nesse sentido Fernando Valerio-Holguín (2001) assevera que

*De las oposiciones binarias bueno/malo, racional/irracional, civilizado/salvaje, cultural/natural, muchos dominicanos expulsan de su ser el segundo término de las oposiciones y lo proyectan en los haitianos, como mecanismo de defensa. En su gran mayoría, los dominicanos han conformado su identidad cultural y nacional a partir de la negación de la cultura haitiana. De esa manera, también se construyen imaginariamente como lo-que-no-son.* (VALERIO-HOLGUÍN, 2001, p. 2)

Afora os movimentos do Estado haitiano para o lado oriental da ilha, no intento de torná-la *una e indivisible*, como queriam Toussaint e Dessalines, o século XIX foi marcado principalmente pelo agravamento da crise que sobreveio à Revolução. Durante as quatro primeiras décadas de sua história, (1804-1843), período que James Leyburn (2011, p. 53) classifica como “*los años de la formación*”, o Estado haitiano foi governado por quatro líderes revolucionários: o imperador Dessalines (1804-1806); o rei Henry Christophe (1807-1820), no norte; Pétion (1807-1818), no sul; e Boyer (1820-1843). É neste breve e agitado período, no qual o Haiti encontra-se cindido por dissensões políticas e raciais, e padecendo de uma acentuada inanição econômica, que tem origem boa parte dos problemas estruturais que, tal qual os discursos anti-haitianistas, caracterizaram sua história. Dentre esses destacam-se a militarização do Estado, implementada por Dessalines e Christophe, a pulverização das terras, principalmente sob o governo de Pétion e, por fim, a contração de uma dívida indenizatória por Boyer com a França, em 1825, como pagamento pelo reconhecimento da independência, que fora duramente conquistada em 1804.

---

<sup>48</sup> As investidas haitianas contra a República Dominicana ainda se repetiriam sob o governo de Faustin Solouque, nas décadas de 1840 e 1850, totalizando oito incursões haitianas à República Dominicana ao longo do século XIX – 1801, 1805, 1822, 1844, 1845, 1849, 1855, 1856 – tornando ainda mais agudos os rancores e a aversão do dominicano para com o haitiano, fazendo com que os discursos anti-haitianistas fossem ainda mais empregados por parte de determinados grupos minoritários.

Esses malfadados projetos, ainda que questionáveis, representaram, naquele período, alternativas ou paliativos para um país sem margem para manobra, pressionado tanto interna quanto externamente, e, apesar de repercutirem, não podem ser tomados como causas primeiras da decadência política e econômica do país, sendo, antes, as primeiras consequências da política isolacionista dispensada pelas metrópoles ao pequeno país rebelde ao longo de praticamente todo o século XIX. A “apoteose da independência” transforma-se, assim, de acordo com Fanon (1968, p. 77) na “maldição da independência”, pois “[...] por meios colossais de coerção, a potência colonial condena ao retrocesso a jovem nação.” (FANON, 1968, p. 77).

Em fins do século XIX e início do século XX o Estado haitiano encontrava-se imerso, portanto, em uma grave crise política, econômica e social. A Revolução, que lhes conferira alguma liberdade e autonomia, não se completou, deixando intactas muitas das estruturas coloniais que continuavam a pesar sobre o Estado e o povo. Internamente, o período compreendido entre 1804 até fins da década de 1850 foi marcado por uma série de conturbações que, longe de pacificar e conferir organicidade ao país, fizeram com que as cisões e as dissensões se multiplicassem. No plano externo, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, ocorre um rearranjo das forças políticas e econômicas em nível mundial, do qual se destaca a ascensão dos Estados Unidos como um ator capaz de contrastar e sobrepujar as potências anteriormente estabelecidas.

O contexto sociopolítico e econômico da virada do século marcou, de maneira definitiva, conforme preceitua Gérard Pierre-Charles (1990, p. 183-186), o impulso expansionista dos Estados Unidos, influenciando, diretamente, os destinos do povo e do Estado haitiano. Com o pretexto de afastar essas ameaças e estabelecer uma nova ordem no ‘caos’ caribenho, os Estados Unidos intervêm no Haiti em 1915. É para esse período da história haitiana que nossas atenções estarão voltadas a seguir. A ocupação estadunidense do Haiti durou quase duas décadas, de 1915 até 1934, e contribuiu, significativamente, para o reconhecimento, a legitimação e o uso político dos discursos anti-haitianistas. A ocupação institucionaliza, definitivamente, o uso desses discursos, tornando-se um ignominioso precedente, na medida em que utiliza e reforça determinados estigmas históricos, raciais e culturais para tentar justificar sua empresa. Daí por diante seu uso foi recorrente. Por ora, voltemos nossas atenções para essa que foi a primeira, e também uma das mais significativas, de uma série de intervenções que o Haiti seria alvo ao longo de sua história. Vejamos como

essa intervenção torna-se, também, um dos marcos históricos e referenciais do desenvolvimento e da perpetuação dos motes discursivos anti-haitianianos.

### **1.3. A intervenção estadunidense (1915-1934): o pretexto do caos**

O avanço do poderio estadunidense, sobretudo a partir do início do século XX, caracterizado principalmente pela implementação de uma série de medidas protecionistas e intervencionistas, refletiram diretamente sobre as pequenas e incipientes repúblicas caribenhas e centro-americanas, que passaram a ser alvo de sucessivas e intermináveis ocupações. O Haiti, em função de sua proeminência ou singularidade histórica e de sua importância geoestratégica e econômica, passa a ser alvo, nesse período, de uma disputa entre forças antagônicas, representadas principalmente pelos seguintes países: França, que até o início do século XX manteria o domínio econômico e cultural sobre o país; Alemanha, cuja influência se manifestava principalmente nas atividades comerciais e mercantis desenvolvidas em solo haitiano; e pelos Estados Unidos, que valendo-se de sua influência e proximidade, acabam suplantando os dois primeiros, estabelecendo-se como força hegemônica não só no Haiti, mas em todo o Caribe e América Central e, posteriormente, em nível mundial (ÉTIENNE, 2007, p. 158-159). Foi com o intuito de garantir o controle político e econômico sobre essa extensa área – que se tornava ainda mais vital para os interesses estadunidenses com a abertura do canal do Panamá, inaugurado em 1914 –, que os Estados Unidos intervieram nos pequenos países caribenhos e centro-americanos; assim, o Haiti foi militarmente ocupado em 28 de julho de 1915.

A intervenção estadunidense no Haiti (1915-1934) constituiu um marco indelével na história do país, uma vez que seus significados foram muito além da ingerência política e econômica, exercidas pelos grupos políticos orientados pelos interesses de *Wall Street*, representantes dos grandes *trusts* estadunidenses. Para além dessa perspectiva política e economicista, a intervenção parecia confirmar e reforçar alguns dos ideais presentes nos discursos anti-haitianistas, principalmente aqueles que buscavam denotar sua suposta inferioridade, colocando em questão a capacidade do negro para o autogoverno. Para além de

seu significado político-econômico sobressai, então, o seu caráter simbólico.<sup>49</sup> Com a invasão, os discursos anti-haitianistas ganham fôlego e disseminam-se, tornando-se ainda mais contundentes. Prevalece a ideia de que o povo haitiano, corriqueiramente representado como bárbaro, anárquico e incapaz, carece realmente da tutela de um estado forte e civilizado. É esse o mote discursivo e ideológico que subjaz a intervenção e que faz com que ela se arraste por quase duas décadas em solo haitiano.

### 1.3.1. Aspectos políticos e econômicos da intervenção

A proclamação da independência do Haiti por Dessalines, após mais de uma década de pelejas, longe esteve de constituir um rito de liberdade, no sentido lato do termo. O grosso da população, sobretudo as camadas menos favorecidas, continuou subsumido em meio à miséria e à opressão, sem gozar de grande parte das benesses aventadas no calor das lutas que foram travadas.<sup>50</sup> A economia do país, essencialmente agrícola e dependente do mercado externo, também não superara a destruição resultante da Revolução e das políticas estatais implementadas pelos primeiros governantes haitianos, em que pese, por vezes, suas boas intenções. O comércio, que de início passou às mãos dos haitianos, continuou orientado, por um longo tempo, para a antiga metrópole. Todos esses desajustes, além de comprometerem o desenvolvimento econômico haitiano, contribuíram, principalmente, para transformar o Haiti em um país extremamente vulnerável e sobremaneira dependente dos aportes econômicos estrangeiros.<sup>51</sup>

É nesse contexto que o Haiti se torna, sobretudo a partir da virada do século XIX para o XX, um espaço de influência disputado por países como França,

---

<sup>49</sup> Institui-se assim, como veremos à frente, o que Pierre-Charles (1990, p. 183), classificou como “o pretexto do caos”, assentado principalmente sobre a ideia recorrente da incapacidade política do povo negro, no geral, e do haitiano, em particular.

<sup>50</sup> Para saber mais ver Marcelo Grondin (1985) e/ou José Luciano Franco (2008).

<sup>51</sup> No tocante às finanças, como já tivemos oportunidade de observar, os compromissos firmados por Boyer com a França em 1825 e em 1838, visando ao reconhecimento formal da independência haitiana, acabaram comprometendo os poucos recursos ainda disponíveis, abrindo espaço para a penetração dos capitais estrangeiros no país. Para saber mais, ver Suzy Castor (1971) e/ou James Leyburn (2008).

Alemanha, Estados Unidos e, em menor medida pela Inglaterra.<sup>52</sup> A ameaça representada pelos interesses estratégicos e geopolíticos e pela influência cada vez mais explícita dos países europeus na região caribenha, em particular sobre o Haiti, somados aos desajustes sociopolíticos e econômicos que sacudiam boa parte dos países da América Central e do Caribe, acabam contribuindo para que os Estados Unidos, orientados por seus ideais imperialistas, materializados na Doutrina Monroe<sup>53</sup> e no corolário Roosevelt<sup>54</sup>, e pela consequente necessidade de se afirmar enquanto força decisória, interviessem na região a partir do final do século XIX. Segundo Willian MacCorkle<sup>55</sup> (1915, p. 37) os Estados Unidos deveriam controlar, militar e comercialmente, o Mar do Caribe e o acesso para o Canal do Panamá.

A ocupação estadunidense do Haiti tem lugar nesse contexto e caracteriza-se, sobretudo, na concepção de Sauveur Étienne (2007, 154-158), por sua natureza plural e multifacetada, que engloba aspectos relacionados tanto ao plano interno, quanto ao plano externo. No plano interno destacam-se, consoante o autor, as intermináveis e encarniçadas disputas pelo poder por parte das elites haitianas. No plano externo, por sua vez, sobressaem as lutas que se desenvolvem entre as forças estrangeiras pelo domínio da região e, em uma perspectiva mais abrangente, as tensões advindas da Europa, relacionadas à primeira

---

<sup>52</sup> O interesse das grandes potências pelo Haiti, segundo Leslie Manigat (2004, p. 246-247), era motivado, em grande parte, por quatro razões: primeiro, sua situação estratégica na rota do Panamá; segundo, a necessidade de o Haiti se modernizar economicamente, o que demandava polpudas quantidades de investimentos, prontamente disponibilizadas pelos agentes financeiros estrangeiros na forma de empréstimos; terceiro, o controle do comércio exterior do Haiti; e, por fim, a dívida externa do país, garantida por firmas estrangeiras instaladas na ilha.

<sup>53</sup> Doutrina anunciada pelo presidente estadunidense James Monroe, ao Congresso dos Estados Unidos em 2 de dezembro de 1823. Baseada no pensamento do Destino Manifesto, segundo o qual os cidadãos dos Estados Unidos seriam “eleitos” de Deus para civilizar a América, a Doutrina Monroe significou, na prática, uma política levada a cabo pelo governo dos Estados Unidos contra a intervenção colonialista/imperialista europeia nas Américas, cuja ideia força materializava-se no *slogan*: A América para os americanos.

<sup>54</sup> O corolário Roosevelt, expresso na mensagem anual do presidente ao Congresso dos Estados Unidos em seis de dezembro de 1904, constitui uma espécie de adendo à Doutrina Monroe e proclamava a possibilidade real de intervenção de uma nação civilizada – dos Estados Unidos, no caso do hemisfério ocidental –, com poder de polícia internacional, naquelas nações que padecessem de injustiça crônica ou de impotência que resultasse de um relaxamento geral da regras.

<sup>55</sup> Willian Alexander MacCorkle (1857 – 1930) foi um advogado, político e escritor estadunidense, nascido na cidade de Lexington, Virginia. Elegeu-se governador daquele Estado em 1892 e senador em 1910. Em 1914 escreveu *The Monroe Doctrine in its relation to the Republic of Haiti*, que constituía, segundo ele, “[...] a statement of the present situation of the Republic of Haiti and our relation to it under the Monroe Doctrine, a statement that is made for the purpose of giving our people some information as to this little known but most important and strategic island.”: “[...] uma declaração da situação atual da República do Haiti de nossa relação com ela sob a Doutrina Monroe, uma declaração que é feita com o propósito de dar ao nosso povo algumas informações desta pouco conhecida mas importante e estratégica ilha.” (MACCORKLE, 1915, p. 5, Tradução nossa). Para saber mais ver: <http://www.wvencyclopedia.org/articles/1469>. Acesso em: 13 mai. 2015.

Guerra Mundial. Assim, a intervenção militar do Haiti, levada a cabo pelos *marines*, sob o comando do almirante Caperton<sup>56</sup>, cria condições para que um grupo de burocratas e tecnocratas estadunidenses passem a atuar diretamente sobre as esferas política e econômica haitianas.

Munidos de um discurso altruísta e civilizatório, os Estados Unidos promovem um verdadeiro aparelhamento estatal, passando a ter ingerência direta na administração pública haitiana. O controle das aduanas e do Banco Nacional, primeiras ações implementadas, colocam a economia haitiana nas mãos dos ocupantes, garantindo os custos da empreitada. Por consequência, as motivações (pressões) econômicas, em que pesem os aspectos político-estratégicos já mencionados, ou as justificativas aventadas pelo governo estadunidense para justificar a intervenção, parecem ter tido um peso considerável na decisão dos Estados Unidos em ocupar o país, pois o Haiti, mesmo que soçobrando em meio a uma crise econômica e estrutural, representava, no panorama político-econômico das primeiras décadas do século XX, um potencial mercado consumidor para os produtos e serviços estadunidenses ou europeus e uma oferta considerável de terras e mão de obra barata.<sup>57</sup>

Havia, no entanto, a preocupação, por parte desses investidores estadunidenses, em obter garantias de seu governo quanto aos riscos representados pelo quadro de instabilidade crônica, representado, sobretudo, pelo estado de agitação social e política que há muito dominava o cenário haitiano. O governo estadunidense, desde sempre muito atento às reivindicações de seus *business men* e a fim de garantir o controle da região, autoriza o desembarque dos *marines* em solo haitiano; um dos pretextos consistia em garantir a proteção aos cidadãos e aos investimentos estadunidenses depois dos acontecimentos do dia 28 de julho de 1915<sup>58</sup>. O controle das aduanas – que precedeu à ocupação militar – do sistema financeiro e da fazenda pública, constituíam a segurança reclamada por parte dos investidores estadunidenses ao seu governo. Os ingressos fiscais e aduaneiros assegurariam o retorno

---

<sup>56</sup> Willian Caperton, almirante e comandante-chefe dos assuntos latino-americanos e caribenhos durante o governo de Woodrow Wilson, de 1913-1921.

<sup>57</sup> Segundo Sauveur Étienne (2007, p. 159) “[...] a instalação dentro do país da Tropical Dyewood Co., l’American Dyewood Co., da National Railroad Co., e da Corporation Trust Co. of America, é a expressão de uma certa agressividade do capital americano”.

<sup>58</sup> Em 28 de julho de 1915, um grupo de haitianos de Porto Príncipe, tomado por grande comoção em função do assassinato de 173 políticos encarcerados, por ordem do chefe da prisão, o General Charles Oscar Étienne, invade a embaixada da França em Porto Príncipe e mata e esquarteja o então presidente Vilbrun Guillaume Sam, arrastando partes do seu corpo pelas ruas da cidade.

financeiro dos investidores estadunidenses no Haiti. Tem lugar assim, ainda que veladamente, uma verdadeira pilhagem financeira do Estado haitiano.<sup>59</sup>

A ocupação se estende por quase duas décadas, sob um regime de exceção caracterizado, por um lado, pela submissão política e econômica, garantida pelo poderio financeiro e militar estadunidense, que no início do século XX suplanta os interesses das potências europeias no Caribe, e, por outro, pela estigmatização e pela abjeção ao haitiano, o que ocorre por meio da apropriação e da disseminação de uma discursividade anti-haitiana àquela altura secular. Assim, os discursos anti-haitianistas, que figuram como objeto de nosso trabalho, tornam-se, em certa medida, parte do aparato ideológico da intervenção. O povo e o Estado haitiano – tomados como bárbaros, anárquicos, caóticos e bestiais – são transformados em uma ameaça à ‘segurança’ da região. Instaura-se o “pretexto do caos” – Pierre-Charles (1990, p. 183) – alicerçado sobre a premissa recorrente da incapacidade de os negros para se autogovernarem. Uma vez considerados incapazes, os haitianos tornam-se passivos de tutela. Vejamos como essa discursividade acaba permitindo e justificando essa intervenção, que passa a figurar como um pernicioso precedente na história haitiana.

### 1.3.2. A pretexto da incapacidade para o autogoverno, o pretexto do caos

A intervenção política, econômica e militar levada a cabo pelos marines e pelos burocratas estadunidenses está ligada, conforme Castor (1971), Pierre-Charles (1991) e Manigat (2004), aos preceitos da Doutrina Monroe, do Corolário Roosevelt e da política expansionista/imperialista estadunidense, entendidos como parte da política estratégica de Estado para tentar fazer frente às possíveis ameaças representadas pela influência de algumas potências europeias na região caribenha. O Haiti torna-se, dentro dessa perspectiva, um ponto chave para que os Estados Unidos possam exercer o controle mais

---

<sup>59</sup> O empréstimo de 1922, concedido pelo National City Bank, do grupo Rockefeller, ao governo haitiano, sob o pretexto de unificar e melhor gerir a dívida externa, torna-se um claro exemplo disso. Dos quase vinte e quatro milhões de dólares concedidos pelo *National City Bank*, uma parte substancial, quase dois terços do total, foi empregada para pagar dívidas com a França, adiantamentos feitos pelo Banco Nacional e credores estadunidenses. Outra parte foi utilizada para pagar a dívida interna e o restante para sanar dívidas com a National Railroad Co., uma das grandes beneficiárias da ocupação. Dessa maneira o montante tomado pelo Estado haitiano retorna às mãos dos credores estrangeiros antes mesmo de entrar no país. Assim o Haiti torna-se um negócio fabuloso para os operadores financeiros de *Wall Street*. A política do *Big Stick* e a diplomacia do dólar ditam os *descaminhos* da política reservada ao Haiti. Para saber mais ver Castor (1971).

efetivo dessa imensa área, considerada, na visão de determinadas correntes, um espaço vital para o desenvolvimento daquele país. A ocupação militar e o intervencionismo político-econômico foram os principais instrumentos empregados pelos Estados Unidos para assegurar o controle do Caribe, em geral, e do Haiti, em particular.

Os motes anti-haitianistas, sobretudo aqueles que buscam representar os negros como incapazes para o autogoverno ou como uma ameaça para a região, estão presentes na maioria dos discursos que buscaram justificar a intervenção dos Estados Unidos no Haiti. Enquanto o Haiti era representado como um problema e uma ameaça, os Estados Unidos surgiam como seu contraponto. Era a afirmação do “Um”, realizada a partir da negação do “Outro”. Fazendo um estudo comparativo entre a intervenção de 1915 e a de 1991, quando os Estados Unidos invadiram novamente o Haiti, para, em tese, tentar debelar um golpe de estado promovido pelo comandante das Forças Armadas do Haiti, o General Raoul Cedras, Melody Santos (2012) argumenta que que:

*Los discursos contruidos sobre Haití, desde los mismos orígenes de este país, han estado plagados de caracterizaciones y estereotipos vinculados a la barbarie, la anarquía y la infantilización. Tanto la Revolución haitiana de 1791, como la lucha armada que les llevo a obtener su independencia de Francia en 1803, fueron observadas desde los Estados Unidos como un ejemplo de la “barbarie” que podrían vivir si ocurría una revuelta de escala similar en su territorio [...] Es por esto que en ambas intervenciones militares [1915 e 1991] Haití se imagina y se construye como un estado anárquico y necesitado de un “nuevo comienzo” para restaurar su sociedad. Mientras que Estados Unidos se plantea como la única potència con autoridade “moral”, militar y económica para, utilizando los medios que sean necesarios, “re-construir” el estado haitiano. (SANTOS, 2012, p. 1)*

O Haiti, que até fins do século XIX figurava apenas como uma ilha exótica e obscura, povoada por negros bárbaros e insurretos, dados ao canibalismo, praticantes de seitas selvagens e bestiais, vai se transformando, a partir da primeira década do século XX, por força da ideologia democrático-civilizadora, característica dos discursos imperialistas do período, em um ponto de desequilíbrio, uma ameaça à política e à economia regionais, diga-se, estadunidense, conforme a assertiva de MacCorkle (1915, p. 91) de que “*The condition of the Republic of Haiti is fraught at this time with peril to the peace and*

*safety of the United States.*”<sup>60</sup> Essa ideia é disseminada e passa a ocupar a pauta política dos Estados Unidos, não por acaso, sendo debatida no Congresso, o que repercute também na imprensa escrita.<sup>61</sup>

A instabilidade política, observada principalmente ao fim da primeira década do século XX – resultante de uma série de desajustes estruturais, de ordem interna e externa – e que culmina com o trágico assassinato do presidente Vilbrun Guillaume Sam, o qual teve seu corpo mutilado e arrastado pela multidão enfurecida, dá ensejo ao desenvolvimento de uma ideia que, utilizada para justificar a intervenção de 1915, estará presente, também, nos discursos empregados para legitimar futuras intervenções em solo haitiano, dentre as quais a última, estabelecida em 2004, sob a chancela da ONU. Trata-se daquilo que o sociólogo haitiano Gérard Pierre-Charles denominou, muito apropriadamente, por sinal, de “pretexto do caos”. Segundo Pierre-Charles (1990, p. 183) “[...] aproveitando o pretexto do caos, e proclamando a necessidade de restaurar a ordem nesse país de ‘negros incapazes de se governarem a si mesmos’ [...] os Estados Unidos desembarcam suas tropas e procedem à ocupação militar do país”.<sup>62</sup>

A assertiva de Pierre-Charles (1990) traz duas questões centrais acerca dos discursos anti-haitianistas reproduzidos por ocasião da intervenção de 1915: o pretexto do caos e a tão propalada incapacidade dos negros para o autogoverno. É sobretudo por meio destas duas ideias que a intervenção foi ideológica e moralmente justificada. Havia, de acordo com Castor (1971, p. 110-111) “[...] *una verdadera campaña de denigración contra la república de Haití*”, levada a cabo por um grupo de funcionários do Departamento de Estado e alguns oficiais da marinha que se valiam dos canais midiáticos (imprensa, cinema e rádio), com o fito de obter, principalmente, a prorrogação da ocupação. Santos (2012, p. 19), todavia, chancela a assertiva de Castor (1971) ao afirmar que os debates midiáticos e a opinião pública estadunidense “[...] *tendieron a construir un imaginario en torno al haitiano*

---

<sup>60</sup> “A condição da República do Haiti é, neste momento, repleta de perigos para a paz e a segurança dos Estados Unidos.” MacCorkle (1915, p. 91, Tradução nossa).

<sup>61</sup> Segundo Santos (2012, p. 14) “[...] *se sostenía [nesses debates] la amenaza que un estado “anárquico” representaba para los intereses comerciales estadounidenses y la seguridad en la ruta marítima del Caribe y el Canal de Panamá*”.

<sup>62</sup> Para corroborar a ideia de Pierre-Charles podemos nos valer da assertiva de Johnson (1920), que afirmava, em um conjunto de quatro artigos publicados em forma de panfleto, na década de 1920, intitulado *Self-determining Haiti*, que a “derrubada de Guillaume e suas consequências não constituíram a causa da intervenção estadunidense do Haiti, apenas forneceram a aguardada oportunidade.” (JOHNSON, 1920, p. 7). O pretexto, literalmente.

*que sirvió para excluirles de los estándares civilizatórios/democratizador, y por tanto, justificar moralmente las intervenciones militares”* É certamente nesse sentido que Scaramal (2006) considera:

O episódio da primeira invasão dos Estados Unidos no Haiti (1915-1934) favoreceu a construção e a divulgação de elementos que contribuíram para tecer a imagem do país como um *locus* da barbárie. Um dos elementos constitutivos dessa techedura foi a divulgação de uma literatura e uma historiografia especializadas em anunciar o horror em que a cultura haitiana estaria mergulhada. (SCARAMAL, 2006, p. 62)

As ideias de ameaça, desordem e anarquia – fundadas em grande parte sobre uma base racista – tornam-se os pilares de uma discursividade imperialista que, daí por diante, orientará as relações assimétricas entre os dois países e contribuirá, de forma cabal, para a disseminação dos motes anti-haitianistas. Aflora, dessa maneira, um discurso identitário marcado principalmente por seu caráter essencialista, incrustado por determinismos biológicos, raciais e culturais, a partir dos quais o haitiano era sempre apresentado sob estereótipos depreciativos e inferiorizantes, próprios daquela literatura e daquela historiografia – conforme Scaramal (2006). O Haiti figurava assim, nas palavras de Manigat (2004, p. 247), como “[...] uma anomalia, numa época em que a ideologia do imperialismo continuava a considerar que um Estado negro era incapaz de governar-se por si só.” Perpetuam-se, assim, determinadas “práticas negativas” dirigidas ao haitiano, tais como a exclusão, a exploração, a privação, a intolerância, a discriminação e o preconceito (GIORGIS, 1993, p. 1). Nos Estados Unidos, segundo Castor (1971, p. 11), essas ideias eram disseminadas, principalmente, “[...] para apoiar su tesis acerca de la pretendida incapacidad de la raza negra para gobernarse.”

Essa discursividade, reproduzida e disseminada pelos componentes civis e militares intervencionistas, com o intuito de justificar ou prolongar sua permanência, assim como para assegurar o domínio político e econômico do país e da região, contribuiu, em decorrência de sua ampla repercussão, para que os motes barbarescos e barbarizantes, que há muito orientavam a construção das representações e das identidades haitianas, ganhassem certo estatuto de verdade. O caos, utilizado como pretexto, permitiu que os Estados Unidos garantissem o controle da região, suplantando a hegemonia francesa no país e afastando a ameaça alemã. À sujeição física e moral, conseguida por meio do emprego

da força, operada pelos marines, e da detração, realizada pelas mídias e pela mobilização da opinião pública estadunidense, segue-se a pilhagem financeira. Os grandes conglomerados capitalistas estadunidenses, dentre os quais se destacaram o *National City Bank of New York* e a *Railroad Co.*, operaram a completa submissão da economia haitiana aos desígnios da política de Estado dos Estados Unidos.

Assim, a inferiorização e a barbarização do povo e do Estado haitiano, conseguida por meio do escárnio, da negação e do achincalhamento de sua história e de sua cultura, secularmente operada, sobretudo a partir da Revolução, produz seu primeiro fruto. Um fruto nutrido pelo ódio racial, pela intolerância, pela ganância, pelos interesses escusos e pelo rancor. A intervenção estadunidense, longe de promover avanços sociopolíticos e econômicos significativos, que pudessem promover a melhoria das condições de vida do povo haitiano, acabou hipotecando seu futuro, pois aprofundou uma política de dependência, que ainda hoje caracteriza, em certa medida, as relações do Haiti com a comunidade internacional.

O Haiti foi desocupado, militarmente, em 1934, em meio a uma onda de protestos e greves que, iniciados nos últimos anos da década de 1920, tomaram o país e mobilizaram amplos setores da sociedade. Um sentimento libertário surge e se desenvolve tanto entre as elites intelectuais urbanas, que se reuniam nos salões de Porto Príncipe, quanto entre os camponeses, nos recônditos vales no interior do Haiti, de onde brotaram as primeiras forças de resistência armada, representadas pelos *Cacos*, imortalizados na figura de Charlemagne Peralte. A retirada das tropas não significou, no entanto, o fim das ingerências, haja vista que, de ali por diante o destino do povo haitiano estaria atrelado aos humores da política de Estado do gigante do norte. O Haiti torna-se, a partir da intervenção, um apêndice dos Estados Unidos no Caribe.

É nessa conjuntura, marcada por uma intensa efervescência social, caracterizada pela afirmação de determinados valores e ideais haitianistas e pelo rechaço à dominação política, econômica e cultural estrangeira, que os marcos de uma identidade haitiana moderna, se é que podemos pensá-la dessa maneira, começam a ser estabelecidos. Estas manifestações, principalmente as de cunho político-intelectual, diferente do que ocorrera até então, buscavam evidenciar os traços de uma cultura autenticamente

nacional, sem negar suas raízes africanas e sua negritude<sup>63</sup>, que passam a constituir motivo de orgulho e figurar como parte de um discurso de afirmação dos valores constitutivos dessa haitianidade.<sup>64</sup>

O fim da ocupação estadunidense na ilha – a República Dominicana também havia sido ocupada no período de 1916 a 1924 – faz com que as atenções, dantes dirigidas contra o invasor, voltem-se, novamente, para as questões internas. A intervenção, que colocava em questão a própria existência dessas nações, despertara, tanto entre os haitianos, quanto entre os dominicanos, a necessidade de repensar suas histórias, suas identidades, sobremaneira fragilizadas. Foi em meio a essas inquietações que o médico François Duvalier, um notório representante da elite negra e defensor da negritude, destaca-se, dando início a um longo e conturbado período – caracterizado, principalmente, pelo terror e pela violência perpetrada pelos ícones do duvalierismo, os *Tontons Macoutes*<sup>65</sup>.

O período que analisaremos a seguir tem início com a ascensão de François Duvalier ao poder, em 1957, e se estende até a derrubada do ex-padre Jean-Bertrand Aristide, em 2004, que acabou culminando com o que Bridget Wooding (2010, p. 114) denominou como “*la crise de los boat people*” ocorrida no início das décadas de 1990 e

---

<sup>63</sup> A negritude, de acordo com Márcio Antônio de Santana (2003, p. 36) “[...] corresponde ao movimento literário afro-franco-caribenho e também norte-americano, iniciado por volta da década de 1930 baseado na concepção de que há um vínculo cultural compartilhado por africanos negros e seus descendentes onde quer que eles estejam no mundo. Os primeiros proponentes da Negritude enfatizavam, como pontos capitais no movimento, a reivindicação, por parte do negro, da cultura africana tradicional, visando a afirmação e definição da própria identidade. Visam o combate ao eurocentrismo advindo do colonialismo europeu e da educação ocidental prevalecente e ainda a valorização da cultura negra no mundo em razão de suas contribuições específicas do ponto de vista cultural e emocional, os quais o Ocidente, materialista e racionalista, nunca valorizou nem soube apreciar devidamente. [...] Refutaram também, as teorias de inferioridade biológica ou racial defendida por alguns positivistas [...] em relação aos negros [...] que seriam incapazes de se adaptarem à civilização ocidental. Buscam o reconhecimento de que o Caribe e outras regiões da América (onde o elemento negro estivesse mais presente) estariam vinculadas à África mediante seu folclore, local de preservação da cultura original pelas camadas populares. E por último, esses autores fazem uma crítica ao propagado pela civilização ocidental, ou seja, de ser esta a ‘única civilização verdadeira’”. Trata-se, para além do exposto, de um sentimento de pertencimento e de afirmação à/da cultura negra africana. Para saber mais, ver Santana (2003).

<sup>64</sup> Essa haitianidade está alicerçada, em grande parte, sobre a ideia da pureza racial do haitiano e logo de dada *noblesse haitiana*, que segundo Rosa (2004, n. p.) é uma categoria nativa, cuja história remonta à Revolução e que foi sendo amadurecida durante a formação da nação haitiana. A autora afirma ainda que é a partir dessa noção que o povo haitiano começa a se separar dos “outros” e que essa categoria se contrapõe à uma categoria muito cara para a formação de outras nações, como a República Dominicana, que é a *mezcla* ou mestiçagem. Para maior aprofundamento, ver Rosa (2004).

<sup>65</sup> Forças paramilitares criadas e empregadas por Duvalier para, dentre outras coisas, silenciar seus opositores. Constituem um dos ícones da ditadura duvalierista e, numa perspectiva mais ampla, anti-haitianista, figura como um símbolo da suposta barbárie e da incapacidade dos líderes haitianos em governarem sem o emprego da violência e da opressão.

2000 e com o estabelecimento da MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti), em meados de 2004. Vejamos, então, como as representações produzidas sobre esse período e esses personagens da política haitiana acabam influenciando, ainda que indiretamente, na reprodução e no reforço dos estigmas anti-haitianistas contemporâneos.

#### **1.4. A história contemporânea: do duvalierismo à MINUSTAH (1957-2014)<sup>66</sup>**

No Haiti hodierno, marcado por uma intervenção internacional onuseana que já se estende por mais de uma década, não é difícil constatar o peso que determinadas heranças políticas e ideológicas têm na condução de um processo de democratização e abertura política que, iniciado a partir de meados da década de 1980, ainda se desenvolve, cabe assinalar, de forma bastante precária. Para os fins que nos interessam, estabelecemos como “contemporâneo” o período que se inicia com a crise de meados da década de 1950, que culminou com a eleição de François Duvalier à presidência do Haiti, e avança até os dias atuais, passando, evidentemente, pela ascensão e queda de Jean-Bertrand Aristide, bem como pelo estabelecimento da MINUSTAH, a última intervenção da ONU no Haiti, que, por sinal, ainda perdura.

O primeiro destes períodos, aqui denominado “duvalierista”, tem início com a ascensão ao poder do médico e intelectual haitiano François Duvalier, o *Papa Doc*, que, eleito presidente em 1957, tornou-se um dos mais sanguinários e corruptos ditadores que o Haiti já conheceu. O segundo período, que aqui denominaremos “Era Aristide”, começa a se desenhar com a derrocada do regime duvalierista em 1986 e tem início, de maneira efetiva, em 1990, com a eleição do ex-padre salesiano Jean-Bertrand Aristide (1953) para a presidência do país. Trata-se de dois períodos recobertos de importância,

---

<sup>66</sup> Algumas das questões apresentadas nesse capítulo fazem parte de – ou estão relacionadas a – um trabalho anterior, que certamente constitui uma das referências e um dos principais motivos para o desenvolvimento deste, que ora apresentamos. *A MINUSTAH e a alteridade: representações e identidades haitianas nos discursos da ONU e da Folha de São Paulo (2004-2010)* foi um trabalho desenvolvido no período de 2008 a 2010 e apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, em agosto de 2010, para obtenção do título de Mestre.

sobretudo no que diz respeito à reprodução de determinados motes anti-haitianistas que contribuem para a sedimentação dessa tradição de identidade haitiana que aqui perseguimos.

O período duvalierista e a era Aristide passam a ser tomados, assim, dentro do viés *ahistórico* que costuma caracterizar os discursos anti-haitianistas, ora como evidências da propensão do povo haitiano à barbárie, à tirania e à opressão, ora como uma prova cabal da tão propalada incapacidade do negro para o autogoverno. Cabe ressaltar, para evitarmos cair na mesma armadilha que buscamos evidenciar, que não negamos ou desconsideramos os excessos e os descaminhos que porventura tenham ocorrido em ambos os períodos. Apenas chamamos a atenção para a-historicidade que subjaz cada fato ou acontecimento, geralmente negligenciada, intencionalmente ou não, por aqueles que figuram aqui como detratores do povo haitiano.

Dedicamos o último tópico deste capítulo ao período que tem início com a segunda deposição de Jean-Bertrand Aristide do governo haitiano<sup>67</sup>, que acaba culminando com o estabelecimento da Força Multinacional Provisória (FMP), em março de 2004, e, finalmente, da MINUSTAH, em junho do mesmo ano. O estabelecimento desta última, além de constituir o marco inicial de nosso recorte temporal, que se estende até 1º de junho de 2014 – quando a ocupação completou uma década de permanência em solo haitiano –, marca, também, o início de um período determinante para o futuro do povo Haitiano. Vejamos então, inicialmente, como os Duvalier conseguiram implantar e sustentar, por quase três décadas (1957-1986), um regime patrimonialista e tirânico – caracterizado pela violência, pela corrupção e pela promíscua relação com o governo estadunidense – que teve como saldo mais evidente a morte e a alienação de milhares de haitianos, assim como a completa dilapidação da economia do país.

#### 1.4.1. Duvalierismo (1957-1986): da desagregação à polarização

---

<sup>67</sup> Aristide sofrera um golpe militar, encabeçado pelo Comandante das Forças Armadas do Haiti, general Raoul Cédras (1949) em setembro de 1991, poucos meses após tomar posse, sendo destituído novamente do poder em 28 de fevereiro de 2004, embora não se saiba, ainda, se por iniciativa própria ou pela força, coagido por agentes do governo dos Estados Unidos .

Após quase duas décadas de ocupação, em 1934 o governo dos Estados Unidos, incapaz de promover transformações efetivas, tendo que se ocupar com outras frentes, e fatigado pelos movimentos sociais que militavam em favor da desocupação, retiraram suas tropas do Haiti. Desnecessário dizer que, a essa altura, já não havia mais necessidade da presença física dos *marines* em solo haitiano para garantir a influência estadunidense na ilha. Para os haitianos, sobretudo para as futuras gerações, apenas o pesado fardo da ocupação: uma elite entreguista e corrupta e um país que política e economicamente pouco – ou nada – se diferenciava daquele do início da intervenção. Os tímidos avanços alcançados, sobretudo em infraestrutura, foram executados com vistas a atender antes aos interesses dos ocupantes e, apenas eventualmente ou indiretamente, às demandas do povo haitiano.

As duas décadas que separam a desocupação da ilha pelos *marines*, da crise de 1956, que acaba resultando em um vazio de poder, ocupado em 1957 por François Duvalier, constitui, segundo Étienne (2007, p. 157-164), um período de rearranjos políticos, sociais e econômicos, tanto internos quanto externos. Internamente, o sistema representativo deixado pelos norte-americanos se mantém, ainda que sob a salvaguarda do Exército. No plano econômico, os trustes estadunidenses, principais beneficiários da ocupação, continuariam a determinar os rumos da economia haitiana. No que diz respeito ao quadro externo, houve uma reorganização da política internacional, motivada, sobretudo, pelas repercussões da crise mundial do final da década de 1920, pelas privações provocadas pelo período de guerra (1939-1945), e pelos deslocamentos político-ideológicos decorrentes da bipolarização da política mundial, que marcaram o início da guerra fria.

As elites políticas – segundo Pierre-Charles (1990, p. 181-202) – após um longo período de submissão e humilhação imposta pelos interventores, voltam a ocupar seu espaço, tornando-se, juntamente com a pequena burguesia mercantil, os principais representantes dos interesses forâneos no país. As camadas intermediárias e subalternas, urbanas e camponesas, continuaram lutando contra a miséria e entregues à própria sorte. Os governos que se seguem à intervenção – Stenio Vicent (1930-1941), Élie Lescot (1941-1946), Dumarsais Estimé (1946-1950), Paul Magloire (1950-1956), Joseph Nemours Pierre-Louis (1956-1957) e Franck Sylvain (1957) – permanecem sob a supervisão atenta do departamento de Estado estadunidense. Em meio a essa alternância de humores, que mesclavam momentos de relativa calma, com brotes crescentes de insatisfação e descontentamento, gerados, em

grande parte, pela inépcia e apatia dos governos títeres, a população de Porto Príncipe e das maiores e mais importantes cidades do Haiti se mobilizam por meio de associações estudantis, político-partidárias e de classe, promovendo paralisações e greves que visavam pressionar por mudanças.

Assim, no bojo de mais uma crise, iniciada após a deposição do coronel Paul Magloire, em 1956, desponta Jean François Duvalier<sup>68</sup>, o *Papa Doc*, que tornar-se-á uma das figuras mais emblemáticas da política haitiana contemporânea. Duvalier valeu-se, em parte, de sua desenvoltura e articulação social e política para angariar a simpatia e o apoio de diferentes setores da sociedade haitiana, já que, apesar de ser um representante da elite negra, gozava do respeito e da admiração de seus opositores e representava, em meio às perturbações políticas e sociais que haviam derrubado os últimos presidentes, uma garantia à manutenção do *status quo* daquela sociedade e, também – e talvez principalmente – dos interesses imperialistas estadunidenses no Haiti. Contando com o apoio da oligarquia negra, de certas frações da elite mulata e do imperialismo norte-americano, além da admiração e o respeito das massas, Papa Doc torna-se o elemento que oferecia mais garantias quanto à manutenção da ordem (PIERRE-CHARLES, 1991. p. 207).

Desse modo, Jean François Duvalier acabou valendo-se de um discurso nacionalista, de cunho populista, e de um programa político apoiado em estudos da realidade haitiana, publicados em vários livros de sua autoria, para se aproximar e conquistar a simpatia das massas haitianas, que, como prova de sua admiração e reconhecimento, concederam-lhe a alcunha de Papai Doutor. Suas qualidades pessoais, ligadas a um programa de governo marcado por forte ideologia populista, vinculadas à defesa e à valorização da negritude – que promovia o resgate das raízes africanas, associando-as ao nacionalismo, e o repúdio da dominação haitiana por estrangeiros – renderam-lhe a admiração de diversos setores da população haitiana que, ainda hoje, num aparente paradoxo, enfatizam, com certo saudosismo, sua popularidade e as virtudes de seu governo, que foi marcado, especialmente,

---

<sup>68</sup> Médico de profissão, diplomado pela *Université d'Etat de Port-au-Prince*, Duvalier pós-graduou-se em Sociologia pela Sorbonne, em Paris, e, em que pese o fato de figurar nos manuais escolares e na literatura apenas como um ditador frio, sanguinário e bárbaro, como, aliás, é representada grande parte do povo haitiano – apesar da excepcionalidade do caso – François Duvalier também transitou nos meios intelectuais haitianos, sendo influenciado, inclusive, por Price-Mars, que segundo Pierre-Charles (1986, p. 30) exerceu um papel capital em sua formação, seu estilo e seu trabalho. Duvalier atuou como diretor do Instituto de Etnologia do Haiti, ao lado de Larimer Denis, em 1944, desviando, segundo Depestre (2000, p. 14), sua missão científica, fazendo daquele local um “*centro de difusión de sus divagaciones ideológicas.*”

pela dissonância entre discurso e *práxis*, não fugindo, aliás, do que parece ser um traço distintivo das classes políticas haitianas.

Sua aproximação com alguns elementos da cultura haitiana, como o vodu, por exemplo, foi vista por seus críticos e opositores, como uma instrumentalização da cultura haitiana pelo poder.<sup>69</sup> Seus opositores afirmavam que François valeu-se de seus conhecimentos e de sua proximidade com essa cultura para se eleger e, talvez ainda mais importante, para fazer-se presidente vitalício do Haiti. Seu alinhamento com o imperialismo estadunidense, cujo apoio foi primordial para sua permanência à frente do governo haitiano, também constitui uma crítica recorrente. Assim, segundo Grondin (1985),

[...] ao se declarar defensor dos interesses da grande maioria negra do país [...] e aparentando favorecer, com sua ideologia de ‘negritude’ certos elementos culturais da massa negra, como a língua créole e o vodu, Duvalier manipulou as massas e projetou-se como o presidente delas. Para manter-se no poder, Duvalier submeteu o país à hegemonia norte-americana no Caribe: fez do Haiti um satélite incondicional do país do Norte [...] E com o apoio do governo americano, instalou no país um regime de terror. (GRONDIN, 1985, p. 48)

Dessa forma, o governo de François Duvalier, que se tornou presidente vitalício do Haiti em 1964, após o silenciamento de grande parte de seus opositores, prolonga-se até sua morte, em 1971. Antes de morrer, porém, Papa Doc deixa uma terrível herança ao povo haitiano, ao fazer seu sucessor e também presidente vitalício do Haiti – contando com o beneplácido estadunidense – seu filho, Jean-Claude Duvalier, que contava à época com pouco mais de 19 anos de idade. Ocorre que Jean-Claud Duvalier, o Baby Doc, não herdara, segundo Grondin (1985, p. 48) “[...] a estatura intelectual, profissional e política do pai.” Tais carências, evidenciadas sobretudo por seu despreparo e por sua notória incompetência política, foram minimizadas, portanto, pelo copioso aporte financeiro fornecido pelo governo norte-americano no período. Grande parte desses recursos fora indevida e fraudulentamente apropriada pela família Duvalier, que acaba estendendo seu poder político e econômico sobre amplos setores da sociedade haitiana, que, a despeito de alguns indicadores, padecia sob um quadro de pobreza e miséria quase que absolutas.

---

<sup>69</sup> Segundo Pierre-Charles (1986, p. 31), Jean François Duvalier “[...] rapidamente percebeu as vantagens de um desvio dos fins científicos para os fins políticos da etnologia e da utilização das estruturas sócio-culturais da instituição religiosa do vodu como instrumento de poder”.

Em fevereiro de 1986 o regime duvalierista chega ao seu limite. Após uma malfadada tentativa de liberalização do regime, iniciada no final da década de 1970, e a perda do apoio e o conseqüente afastamento dos Estados Unidos, em função das recorrentes denúncias de violação dos direitos humanos, feitas por organizações internacionais, a situação torna-se insustentável e Jean-Claude Duvalier é obrigado a deixar o país, evidenciando, por um lado, a sua incapacidade para dar continuidade ao regime inaugurado por seu pai em 1957 e, por outro, o fortalecimento de determinados grupos de oposição ao modelo político que os Duvalier representavam. *Baby Doc* fora incapaz de harmonizar os diversos interesses que possibilitariam sua permanência no poder. Os embates entre a ala duvalerista, conservadora, beneficiária do sistema, com a oposição emergente, possibilitada por uma conjuntura política externa favorável, culminam com a queda de um regime bárbaro e desumano, cujas atrocidades cometidas – tendenciosamente generalizadas e apresentadas pelos anti-haitianistas como uma característica imanente do povo haitiano – contribuíram para reforçar os discursos que aqui procuramos delinear.

Assim o duvalierismo, valendo-se do apoio de uma classe dominante parasitária e entreguista, bem como dos interesses das políticas imperialistas estadunidenses, leva o Estado haitiano ao seu limite. Ao fim de quase trinta anos de uma ditadura que figura entre as mais cruéis e sanguinárias das Américas, resta um país afetado por uma prática que, apesar de travestida em uma nova roupagem, encontrava-se ainda completamente atravessada pelos velhos ideais colonizadores e racistas de outrora. A desagregação, observada por ocasião da chegada de François Duvalier ao poder, dá lugar a uma crescente polarização social e política do povo haitiano, o que resultará em um quadro agudo de crise, a qual seria causa, daí para frente, de sucessivas e fracassadas intervenções e ocupações do país por parte dos Estados Unidos e de organizações internacionais, como a OEA e a ONU. Mas em meio à lama surge uma esperança.

A fuga de Jean-Claude resulta, mais uma vez, em um vazio de poder que, entre tentativas de golpes e a instalação de juntas governativas, só conhecerá fim com a primeira eleição de Jean-Bertrand Aristide à presidência, em 1990. A ascensão do ex-padre salesiano ao poder dá início àquilo que aqui denominamos “Era Aristide”, que seria interrompida em 2004, com o estabelecimento do mandato da FMP (Força Multinacional Provisória) para conter a ameaça de uma guerra civil, resultante do embate entre os partidários de Aristide e seus opositores. A compreensão desse breve período, apresentado pelos anti-

haitianistas como mais um argumento em favor da suposta incapacidade e da inaptidão do negro para o autogoverno – em que pese o aparente anacronismo – constitui, aqui, o último capítulo dessa longa tradição, tão cara e nociva ao povo haitiano.

#### 1.4.2. Jean-Bertrand Aristide (1991-2004): *tout moun se moun*?<sup>70</sup>

O ex-padre católico Jean-Bertrand Aristide (1953) é, certamente, a figura mais representativa e controversa da história política contemporânea do Haiti. *Titid*, como era carinhosamente chamado pelas massas haitianas, foi expulso da ordem dos Salesianos em 1988, sob a alegação de que se utilizava de seu púlpito para questionar alguns posicionamentos políticos dos dirigentes haitianos, principalmente dos Duvalier. Dotado de um espírito combativo e uma retórica singular, Aristide angariou grande apoio popular, tornando-se uma espécie de líder das massas, atraindo, conseqüentemente, a atenção interna – de políticos, militares e opositores haitianos – e, como não poderia deixar de ser, externa, sobretudo dos Estados Unidos e da França.

A queda de *Baby Doc*, em 1986, decorrente em parte da mobilização popular, mais tarde canalizada por Aristide, deveria representar um ponto de inflexão na história haitiana. As feridas, no entanto, eram sobremaneira profundas e os recursos para remediá-las bastante escassos. O espólio desse longo período foi um Estado em crise e uma sociedade completamente desestruturada e autofágica. O fim do governo de Jean-Claude Duvalier, segundo Irene Pessôa de Lima Câmara (1998, p. 54), “não exorcizou do Haiti os demônios de seu arraigado autoritarismo. O duvalierismo permaneceria sem os

---

<sup>70</sup> Segundo Rosa (2012, p. 108) “Nas palavras de Jean Casimir (2009, p. 101), ‘no Haiti, toda pessoa é uma pessoa’ (*tout moun se moun*) e toda pessoa é um ‘negro’. Ser negro no Haiti é condição anterior ao conceito de pessoa. No entanto, esta definição não se relaciona e nem exclui indivíduos pela cor da pele. Ser negro no Haiti é pertencer. Só pertence ao Haiti quem se enquadra nesta categoria, que exige muito mais do indivíduo que apenas ter a pele escura. Exige modos de vida não-ocidentais, expressar-se em *kreyòl* e viver no Haiti. Segundo Casimir, *tout moun se moun* é um provérbio que representa uma das invariantes da cultura haitiana. Não é uma frase qualquer, mas um princípio valorativo fundamental em uma cosmovisão radicalmente igualitária da vida social, um postulado fundamental que explica o processo dialético da história política e social haitiana”. Segundo Jean-Michel Caroit (2006, n. p.), em “dezembro de 1990, quando os haitianos compareceram em número maciço às urnas para eleger Jean-Bertrand Aristide, este se havia aproveitado de sua imagem de benfeitor dos favelados para encarnar a idéia de mudança democrática. ‘Todas as pessoas são humanas’, ele costumava dizer às massas miseráveis do país, reconhecendo pela primeira vez sua condição de cidadãos”.

Duvaliers.” No interregno compreendido entre a fuga de *Baby Doc* e a eleição de Aristide, nada menos que cinco governos, três dos quais militares, , revesaram-se à frente do Estado. Grande parte dos órfãos do antigo regime permaneciam no Haiti, atuando nos bastidores, conspirando entre si no sentido de refrear o ímpeto democratizante que finalmente parecia grassar sobre o país.

A verborragia de Aristide, inicialmente proferida a partir dos púlpitos católicos, ganha novo impulso com a fundação do *Lavalas*<sup>71</sup>, em 1990. Tendo como um de seus *slogans* a máxima haitiana “*tout moun se moun*” (todo homem é um homem / todos somos homens), Aristide busca se aproximar, e se confundir, com as massas haitianas – historicamente ignoradas, renegadas e exploradas pelas elites – trazendo-as para o centro do palco, promovendo, por meio de um discurso facundo e populista, um *frenesi* social que o conduzirá ao poder em 1990. O período iniciado com a queda dos Duvalier e a ascensão de Aristide em 1990 foi politicamente prolífico para o Haiti. Foi um período bastante singular, em que, segundo Rosa (2010, p. 102), o surgimento do partido *Lavalas*, que tinha a frente o ex-padre Jean-Bertrand Aristide, fez com que houvesse uma mobilização nacional mínima voltada para a estruturação de um projeto de nação que não se efetiva.

Dirigindo seu discurso contra as elites, contra os militares e contra a influência estrangeira no Haiti (França e Estados Unidos), Aristide é eleito, segundo algumas fontes, com 67% dos votos, surgindo como uma esperança depois de quase três décadas de ditadura e quase cinco anos de incertezas. Aristide havia vencido uma batalha, mas não a guerra. Seus opositores – internos e externos –, derrotados no escrutínio, promoveriam uma tentativa de golpe de Estado, encabeçada por Roger Lafontant, ex-chefe dos *Tonton Macoutes*, e um de seus mais ferrenhos opositores, em 7 de fevereiro de 1991. A tentativa de Lafontant acabou sendo frustrada por uma onda de manifestações populares e pela falta de apoio das Forças Armadas, historicamente atrelada aos golpes e sedições promovidos contra os governantes haitianos. Este seria apenas um prematuro sinal do que estava por vir.

---

<sup>71</sup> Partido político fundado em 1990 por Aristide e alguns de seus aliados, como Gérard Pierre-Charles e Chavannes Jean-Batiste, que mais tarde tornar-se-iam grandes opositores do presidente. *Lavalas* é um termo *créole* que significa avalanche/torrente popular, inundação, multidão. Aristide acreditava que essa torrente popular seria capaz de expurgar a corrupção e o patrimonialismo característico das classes políticas haitianas.

*Titid* tenta implementar sua estratégia “lavalassiana”, dando início a uma ampla reforma político-administrativa, que, como podemos imaginar, não foi bem recebida por certos setores que, direta ou indiretamente, ainda detinham considerável influência na vida política haitiana. Aristide é vítima, então, de um segundo golpe, em 29 de setembro de 1991, desta vez perpetrado pelo Comandante-em-Chefe das Forças Armadas – formado nos Estados Unidos – Raoul Cedras, descrito por Seitenfus (1994, p. 47) como um “militar brilhante e um traidor inescrupuloso”. O pretexto para o golpe teria sido um discurso proferido por Aristide em 27 de setembro de 1991, no Palácio Presidencial, em que ele supostamente incitava a população a aplicar o *Père Lebrun*<sup>72</sup> contra aqueles que supostamente haviam feito fortuna explorando-a e oprimindo-a. Em meio à crise Aristide foi preso, feito refém, e posteriormente liberado para deixar o país a bordo de uma aeronave da Força Aérea Venezuelana, que o conduziu inicialmente para Caracas e de lá para Washington, nos Estados Unidos. A queda de Aristide dá ensejo a mais um regime ditatorial – encabeçado por Raoul Cedras – que desemboca, como de praxe, em uma violenta perseguição às dissidências – sobretudo daquelas ligadas ao presidente *in absentia*. Estima-se que de três a cinco mil haitianos tenham perdido a vida ou desaparecido nos pouco mais de três anos em que Cedras esteve à frente do poder.

Não tarda, no entanto, para que os Estados Unidos intervenham, munidos de seu discurso “democrático-civilizador”, exigindo o restabelecimento de Aristide no poder. Em 19 de setembro de 1994, quase três anos após o golpe, tropas americanas desembarcam em Porto Príncipe. Por trás do “ideário democrático” do governo estadunidense – que, diga-se de passagem, fora utilizado como justificativa para várias intervenções no Haiti no início da década de 1990 – estavam patentes, também, segundo Seitenfus (1994, p. 43), interesses econômicos referentes a privatizações que seriam realizadas pelo governo haitiano – contrariando os interesses de alguns grupos e setores que o acusavam de esquerdista ou comunista –, também sondadas pelo governo francês, e, principalmente, a necessidade de conter as vagas de *boat people* que abandonavam o Haiti em direção aos países do Caribe, e,

---

<sup>72</sup> *Père Lebrun*, ou suplício do colar, era uma forma empregada por certos grupos haitianos para assassinar seus opositores. Consiste em vestir o indivíduo em pneus automotivos e atear-lhe fogo, provocando uma morte lenta e angustiante.

sobretudo, à costa leste dos Estados Unidos, dando ensejo ao que Wooding (2010, p. 114) denominou “la crise de los *boat people*”.<sup>73</sup>

Aristide reassume efetivamente o poder em setembro de 1995, quase quatro anos após o fatídico golpe. Nesse meio tempo, conforme assinala em minha dissertação de Mestrado (VASCONCELOS, 2010, p. 62-85), Aristide toma uma das decisões mais importantes e polêmicas de seu governo: a dissolução das Forças Armadas do Haiti (FAd’H). Esta ação, muito embora tenha garantido alguma governabilidade, acaba criando um exército de inimigos e opositores que contribuirão decisivamente para a sua queda em fevereiro de 2004. Em dezembro daquele mesmo ano Aristide promove novas eleições, das quais sai eleito presidente René Préval, seu aliado e representante do *Lavalas*. Préval tornar-se-ia o primeiro presidente eleito a encerrar um mandato sem interrupções, o que permite inferir que apesar dos fracassos e dos poucos resultados alcançados pelas sucessivas e quase que ininterruptas intervenções experimentadas pelo Haiti ao longo da década de 1990 e 2000<sup>74</sup>, as operações da ONU/OEA/CARICOM contribuíram – ainda que de forma precária – para conferir alguma estabilidade ao Estado haitiano.

Ao fim do mandato de Préval, novas eleições foram realizadas, em maio de 2000. Essas eleições, que deveriam figurar como um sinal da consolidação das bases democráticas do país, acabaram tendo um efeito desalentador e contrário, pois a polarização e a fragmentação política acabaram inviabilizando a governabilidade e afundando o país em mais uma crise.<sup>75</sup> Aristide sai candidato pelo *Fanmi Lavalas* e se reelege, em meio a

---

<sup>73</sup> Ratificando a essa perspectiva Scaramal (2006, p. 92) afirma que o “Haiti tornou-se referência mundial desse tipo de migração desde o golpe de 1991 contra o presidente Jean Bertrand Aristide. O golpe militar foi seguido de uma profusa onda migratória realçada, sobretudo, por centenas de balseiros (*boat people*) que se lançaram ao mar rumo a vários países do Caribe e aos Estados Unidos, fugindo da miséria econômica, da violência e da instabilidade.” Estima-se que cerca de 40.000 haitianos tenham deixado o Haiti com destino aos Estados Unidos no período em questão.

<sup>74</sup> A deposição de Aristide pelos golpistas em 1991 acaba desencadeando uma série de operações de organismos internacionais, notadamente da ONU, OEA e CARICOM, no Haiti ao longo de toda a década de 1990 e 2000. Ao todo foram seis missões que precederam à última (MINUSTAH), ainda curso. Em ordem cronológica, foram estabelecidas a Missão Civil Internacional no Haiti (MICIVIH), OEA/ONU, em 1993; a Missão das Nações Unidas no Haiti (UNMIH), da ONU, em 1993; a Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti (UNSMIH), da ONU, em 1996; a Missão das Nações Unidas de Transição no Haiti (UNTMIH), da ONU, em 1997; a Missão de Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti (MIPONUH), da ONU, em 1997; a Missão de Apoio Internacional Civil no Haiti (MICAH), da OEA e o CARICOM, em 2000.

<sup>75</sup> As eleições de 1995 acabaram potencializando algumas dissensões internas, que levam à cisão do *Lavalas* e, conseqüentemente, na criação da Organização dos Povos em Luta (OPL) – que em 2000 passaria a se chamar Convergência Democrática (CV) – e do *Fanmi Lavalas* (FL), em 1996 (VASCONCELOS, 2010, 70). A disputa e a acirrada rivalidade política e ideológica entre esses dois partidos, levadas às últimas conseqüências por seus partidários e militantes, conduziram o país a um quadro ainda mais agudo de crise com a eleição de Aristide no ano de 2000.

uma série de denúncias de fraudes, corrupção e violência, capitaneadas, segundo seus opositores, por seus seguidores e correligionários, conhecidos como *Chimères*. Apesar da celeuma e dos atos de protesto, Aristide vence as eleições de novembro de 2000 e assume novamente o poder em fevereiro de 2001, fato que concorre, ainda mais para a agudização do cenário político e social haitiano. As esperanças do povo, que tinha Aristide como um dos seus, logo tornar-se-iam desilusão. Aristide renasce em meio a uma crise política e institucional que àquela altura durava mais de vinte meses. Seu histórico e a ferrenha atuação de seus opositores tornam sua permanência à frente do governo haitiano insustentável.

Em meio a esse quadro de instabilidade a população se vê, uma vez mais, vitimada pela miséria e pela violência, não tendo em quem se apoiar, uma vez que Aristide, que se projetara politicamente no início da década de 1990 como um ícone da transformação e da esperança, transformara-se – ou fora transformado – pouco mais de uma década depois, no principal estorvo para o Estado e para o povo haitiano. A tensão toma conta do país e a ameaça de uma guerra civil, que acabaria resultando em uma nova debandada de haitianos para os países circunvizinhos e para a costa leste da Flórida, passa a ser considerada pela comunidade internacional. Diante de tal ameaça Keith Desmond Knight, Ministro das Relações Exteriores da Jamaica, e Dominique Villepin, Ministro das Relações Exteriores da França, enviam solicitações de reunião extraordinária ao Conselho de Segurança da ONU (CSNU) em fevereiro de 2004, com o intuito de avaliar a deterioração da situação haitiana, que passava a representar, segundo eles, um risco para a região (ONU-S/2004/143, 2004, p. 5).

O Presidente do CSNU não tardaria para se manifestar sobre o assunto, tanto mais que a solicitação enviada por Knight, em 23 de fevereiro de 2004, havia sido seguida de dezesseis outras, enviadas por representantes de diversos outros estados.<sup>76</sup> Foi convocada então, no dia 26 de fevereiro de 2004, a 4917.<sup>a</sup> sessão do Conselho de Segurança da ONU<sup>77</sup>, com vistas a tratar da ‘questão haitiana’. Findas quaisquer possibilidades de negociação para restabelecer a governabilidade com Aristide no poder, a sessão foi encerrada,

---

<sup>76</sup> Argentina, Bahamas, Bolívia, Canadá, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Irlanda, Jamaica, Japão, México, Nicarágua, Peru e Venezuela.

<sup>77</sup> A 4917.<sup>a</sup> sessão do CSNU foi realizada em Nova York, em 26 de fevereiro de 2004, tendo como pauta *la cuestión de Haití*. Era uma resposta à solicitação contida na carta de Knight, Representante Permanente da Jamaica na ONU, de 23 de fevereiro de 2004. Participaram desta sessão os representantes dos seguintes países: Alemanha, Angola, Argélia, Benin, Brasil, Chile, Espanha, Estados Unidos, Federação Russa, Filipinas, França, Paquistão Reino Unido e Romênia, sendo que todos, em maior ou menor grau, apontavam para a necessidade da criação de uma Força Multinacional que se ocupasse da questão haitiana.

como de praxe, com a declaração do Presidente do CSNU, que confirmava a decisão de uma nova intervenção das tropas da ONU no Haiti.

Nas primeiras horas do dia 29 de fevereiro de 2004, em mais um momento de contingências e incertezas, Jean-Bertrand Aristide deixa o país – e desta vez sem perspectiva de retorno –, sob condições ainda hoje não muito claras. O padre-presidente não conseguira cumprir o juramento que fizera em 7 de fevereiro de 1991, diante da Assembleia Nacional, de respeitar os direitos do povo haitiano e zelar para que fossem respeitados por todos (ARISTIDE & WARGNY, 1995, p. 11). Aristide partia, as controvérsias permaneciam. Sobre *Titid* pesavam acusações de corrupção, violação dos direitos humanos, prevaricação, associação com o crime e com grupos armados, dentre outras. No período compreendido entre a sua histórica vitória, em 1990, e os momentos que antecedem a sua queda, em fevereiro de 2004, mesclam-se uma profunda vontade de mudança com uma notória incapacidade ou impossibilidade de mudar os rumos do país. As expectativas acalentadas pelas massas haitianas com a chegada ao poder de *Père Titid* transformaram-se em desilusão.

Aristide sempre fora um personagem controverso, conhecido por sua eloquência, carisma e grande capacidade de mobilização, mas, também, por outro lado, por sua pernicioso associação com tudo aquilo que seu discurso combatia. Um padre, que segundo Jean-Bertrand Aristide & Christophe Wargny (1995, p. 14), os haitianos consideravam um profeta. O ex-presidente haitiano figura ora como vítima, ora como vilão, como um “demagogo, um iluminado, um comunista, mescla de Robin Hood, de Robespierre ou de Che Guevara “ (ARISTIDE & WARGNY, 1995, p. 15), e, em outros momentos, como um líder autenticamente popular, uma espécie de Messias, que estaria destinado a arrebatá-lo o povo haitiano de seu interminável calvário. Aristide passou de herói a algoz, de solução a problema, de redentor a opressor do povo haitiano.

Seus críticos acusam-no de ter abandonado as bandeiras progressistas e pluralistas que o haviam levado ao poder, cedendo, pouco a pouco, à arbitrariedade, à violência e à corrupção (TOKATLIÁN, 2005, p. 1). Seus defensores, por outro lado, afirmam que suas quedas (1991 e 2004), orquestradas e promovidas por ex-duvalieristas, pelas elites entreguistas, por militares/ex-militares e pelos governos estadunidense e francês, constituem prova de sua luta. Carlos Sánchez Hernández (2010) pondera que:

*Desde finales de los 1980's, justo tras el derrocamiento de Duvalier de 1986, Aristide empezó a alzar su voz contra los poderosos, los ricos, los militares, y contra la influencia en Haití de las Potencias Extranjeras, singularmente Estados Unidos y Francia, un discurso claramente populista y para sus críticos demagogo que sin embargo fue calando en la mayoría de los haitianos, que sólo habían conocido la pobreza y la brutalidad. (HERNÁNDEZ, 2010, n. p.)*

Em entrevista concedida a Peter Hallward – professor de filosofia da Universidade de Middlesex (Inglaterra) –, durante seu exílio em Pretória, na África do Sul, em 20 de julho de 2006, publicada pela ANNCOL Brasil, Aristide insiste em afirmar que tanto em um momento, quanto em outro (1991-2004), houve uma “campanha de desestabilização” e/ou uma “campanha de desinformação”, dirigida por seus opositores ao povo haitiano e à comunidade internacional, em meio ao que denominou ser uma “guerra de relações públicas” ou uma “batalha das comunicações”, que visava atingir sua imagem – caracterizando-o como violento e corrupto – e de seu partido, o *Fanmi Lavalas*. Tratava-se, segundo ele, de “[...] criar uma imagem que eles poderiam vender mundo afora”. (ANNCOL Brasil, 2010, n. p.). Podemos notar, ademais, independente de qualquer valor ou juízo, o papel dos discursos midiáticos na conformação das representações e das identidades haitianas.

A inaptidão ou a incapacidade atribuída a Aristide para estar a frente do governo do Haiti certamente não deriva, portanto, de suas aptidões pessoais, estando ligadas, antes, ao histórico argumento anti-haitianista relativo à inata incapacidade do negro para o autogoverno. Trata-se, segundo Valerio-Holguín (2001), de um tropos primitivista, anti-haitianista, tributário dos discursos colonialistas – logo, de uma tradição – em que os haitianos são representados como animais, canibais, selvagens, violentos, ladrões, promíscuos e prolíficos (VALERIO-HOLGUÍN, 2001, p. 1-2). Aristide, ao se declarar um homem do povo, torna-se alvo de todos os estigmas e estereótipos que pesam sobre aquele. Toda essa discursividade anti-haitianista, engendrada e orquestrada pelos seus opositores, ou detratores, como diria Léger (1907), visa, em última instância – haja vista que, em tese, Aristide consubstanciar, com o povo, um ideal de nação, até então inexistente –, desqualificar um e outro, Aristide e as massas haitianas.<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> Cabe ressaltar, uma vez mais, que não se busca aqui realizar uma defesa dos desvios, equívocos ou excessos porventura cometidos por Aristide ou por seus seguidores ao longo de seus dois mandatos, nem da violência que se lhes atribui. Não é este o caso. O que se pretende é, antes de tudo, tentar evidenciar a ação de dada discursividade na conformação das identidades do povo haitiano por meio da análise de determinadas

O aumento das tensões e a radicalização das ações entre alguns grupos ligados a Aristide levam à sua derrocada e à intervenção. Aristide, que outrora figurara como a esperança para milhares de haitianos, passa a perfilar então ao lado dos mais sanguinários ditadores haitianos, comparado até mesmo a figuras como François e Jean-Claude Duvalier, dentre outros. As representações veiculadas pela imprensa não tergiversam quanto ao que se quer fazer pensar.<sup>79</sup> A esperança tornara-se – ou fora transformada em – desilusão. Aristide fracassara, e com ele sucumbia uma grande parcela da população, que sempre lhe dera apoio. Sua queda representou um duro golpe ao povo e ao Estado haitiano, sobretudo pelo fato de ter ocorrido em um momento revestido de significados.

O ícone tardio da democracia haitiana, sobre o qual convergiram os sonhos e as esperanças de um povo marcado por uma história de dramas e sofrimento, não resistira aos severos temporais que, uma vez mais, abateram-se sobre as terras de Toussaint L'Ouverture. Aristide se retira, ou é retirado, da cena política haitiana, deixando para trás os “sonhos despedaçados” de grande parte dos haitianos, tornando-se um dos fantasmas, ou demônios, que buscara exorcizar. A “Era Aristide”, que tivera início com o fim de um dos períodos mais sombrios da história haitiana, e que se tornara, talvez por isso, espaço de sonhos e esperanças, chegara ao seu ocaso. O Haiti, e seu povo, viram-se novamente interditados e tutelados por aqueles contra quem, uma vez mais, ousaram se levantar. À queda de Aristide segue-se o estabelecimento da FMP e, posteriormente, da MINUSTAH, que passou a figurar como uma espécie de ultimato ao povo haitiano. Entre avanços e retrocessos, lá se vão dez anos de intervenção. Vejamos como o estabelecimento e a permanência da MINUSTAH em território haitiano acaba contribuindo, também, para a reprodução dos motes anti-haitianistas e, por conseguinte, para a propagação de uma tradição que, longe de silenciar, continua ecoando.

#### 1.4.3. MINUSTAH (2004-2014): mais do mesmo?!<sup>80</sup>

---

reconstruções e permanências, estabelecendo os marcos constitutivos de determinada tradição de identidade haitiana, confirmando, assim, parte de nossas hipóteses.

<sup>79</sup> Michael Deibert (2006, n. p.) afirma que Aristide “[...] se tornou um espelho dos ditadores que muitos esperavam que sua eleição fosse afastar da Presidência. [...] Aristide deixou para trás um rastro de cadáveres e sonhos despedaçados.”

<sup>80</sup> “Mais do Mesmo, é, no senso comum, o ápice da redundância-cansativa-e-sem-expressão, é um obvio ululante e passivo.” (LIMA, 2013, n. p.) Talvez seja esse o caso da MINUSTAH, se levarmos em conta o

A MINUSTAH foi a sétima de uma série de intervenções da ONU em solo haitiano, desde a chegada de Aristide ao poder. Os fracassos experimentados pelas intervenções precedentes deixaram uma amarga herança e um enorme desafio para a Organização, que se vira compelida a repensar alguns dos paradigmas que, até então, orientavam sua atuação no Haiti e em outras partes do mundo. O estabelecimento do mandato da MINUSTAH está inscrito em um momento no qual tem lugar uma série de discussões sobre a reestruturação da ONU, sobretudo no que diz respeito às Operações de Paz.<sup>81</sup> Havia um indissimulável desconforto quanto ao emprego de tropas internacionais para tentar dar solução a um problema que, em alguma medida, constituía um desdobramento dos insucessos experimentados pelas forças onuseanas durante quase toda a década de 1990 e início do novo milênio. O caso haitiano, como afirmou Seitenfus (2005, p. 2), abrigava singularidades e sofisticções que exigiriam “[...] uma nova concepção de intervenção e de cooperação internacional”.

A MINUSTAH emerge, assim, como *ultima ratio Regis*<sup>82</sup>, tanto para a ONU, quanto para o Haiti.<sup>83</sup> A Resolução 1542, de 30 de abril de 2004, estabeleceu seu mandato, cujas determinações estavam contidas na Resolução 1529, de 29 de fevereiro de 2004 e no Informe do Secretário-Geral, de 19 de abril de 2004. Instituída inicialmente com mandato de seis meses, prorrogáveis por sucessivos períodos de igual duração, a MINUSTAH atuaria visando inicialmente, de acordo com James Cavallaro (2005, p.10), “[...] manter a segurança e a estabilidade no Haiti; promover boa governança e o processo político e democrático; e monitorar, proteger e informar sobre a situação dos direitos humanos”.

Os hercúleos desafios encontrados, sobretudo nos primeiros anos da intervenção resultaram em pesadas críticas, produzidas e disseminadas por determinados segmentos contrários à solução experimentada, que buscavam, em um só movimento, culpabilizar tanto os haitianos quanto os componentes militares que ali atuavam

---

histórico das ocupações/intervenções sofridas pelo Haiti em detrimento aos pífios resultados alcançados ao longo do século XX e início do XXI. A interrogação, seguida da exclamação, sinaliza, como se pode depreender, que nos abtemos de afirmar, deixando uma provocação ao leitor.

<sup>81</sup> Para saber mais ver Juliana de Paula Bigatão (2008).

<sup>82</sup> *Ultima ratio Regis* é uma inscrição latina que era usualmente gravada nos canhões reais e que significa, literalmente, ‘O último argumento/recurso dos reis’.

<sup>83</sup> Para saber mais ver Vasconcelos (2010).

pela demora em dar solução à crise, isentando-se, assim, de sua histórica responsabilidade pelo drama secular vivido pelo país. Apesar de todas as adversidades, pode-se afirmar que o componente militar conseguiu, ainda que precariamente, e com as devidas ressalvas, cumprir a missão que lhe fora atribuída: proceder à estabilização. Parecia existir, sobretudo nestes primeiros anos, uma propensão por parte de alguns meios de informação<sup>84</sup> em sobrevalorizar determinados aspectos da crise vivida pelo povo haitiano, reforçando certos estigmas recorrentes em sua história. Ganha espaço, assim, uma perspectiva negativa e depreciativa que tendia a reforçar ou a perpetuar a ideia de um povo incapaz e de um Estado em permanente anarquia e caos, ainda que, por vezes, a realidade demonstrasse a fragilidade dessas proposições. Isso fica evidente na assertiva de Augusto Heleno Ribeiro Pereira (2005), quando assevera que:

[...] qualquer disparo para o alto, na capital Porto Príncipe, e a imprensa afirma que a cidade está um caos, que há um pânico generalizado [...] Incidentes pequenos e pontuais são divulgados como situação de caos, o que é péssimo para o país, mas não há como mudar esse comportamento da imprensa [...] *No Haiti, a imprensa e os correspondentes estrangeiros, principalmente, estão ali para passar ao resto do mundo a idéia de desorganização, e eles não só transmitem essa idéia, como exageram para valorizar o seu próprio trabalho.* (PEREIRA, 2005, p. 14, grifo nosso)

Esse negativismo constitui parte, ou um desdobramento, daquela tradição cuja historicidade buscamos desvelar. A predominância de tal discursividade não passa despercebida, causando o desconforto e a indignação em determinados grupos locais, conforme pode ser observado no trecho de um informe do Secretário Geral (ONU, 2009, p. 12), em que um grupo de empresários haitianos insistia na “[...] necessidade de melhorar a *imagem negativa do Haiti no exterior* e de apresentá-lo sob uma luz mais favorável” (grifo nosso). O que ocorre, entretanto, grande parte das vezes, é exatamente o contrário. Há, ao que parece, uma prática difusa e secular – cujas motivações não foram ainda muito bem delineadas, pois vão do racismo à defesa de interesses estratégicos, passando por questões territoriais e culturais – de apropriação e (re)produção desses estigmas, sobretudo a partir das crises que se abatem sobre o país. Tem-se assim uma espécie de círculo vicioso, em que tais práticas discursivas, denominadas por Louis Joinet (2007, p. 12) de “práticas

---

<sup>84</sup> Sobretudo por parte de Agências internacionais, dentre as quais algumas brasileiras, como, por exemplo, a *Folha de São Paulo*. Para mais detalhes, ver Vasconcelos (2010).

desestabilizadoras” – geralmente disseminadas pelos veículos midiáticos, nacionais ou internacionais – acabam desencadeando tensões e crises que, por sua vez, contribuem para que tais práticas se difundam e se cristalizem.

Um momento singular e que pode contribuir para nossos propósitos pode ser buscado no sismo que devastou Porto Príncipe em 12 de janeiro de 2010. Esse catastrófico evento, que comprometeu seriamente grande parte da já precária infraestrutura da maior parte do país e tirou a vida de mais de duzentos e trinta mil haitianos e de dezenas de funcionários e militares da ONU/MINUSTAH, trouxe o Haiti/povo haitiano novamente para o centro do palco global, fazendo ressurgir, com uma força e uma agressividade incomuns, os mais infames e ultrajantes discursos e estereótipos. A catástrofe provocada pelo sismo fez com que houvesse uma verdadeira corrida ao Haiti, dando lugar a um dantesco espetáculo, transmitido em tempo real pelas câmeras e teleobjetivas das principais agências de notícias do mundo. O Haiti, em especial Porto Príncipe, cidade mais próxima do epicentro do terremoto, logo a mais atingida, transformou-se, da noite para o dia, em um cenário apocalíptico e hollywoodiano, onde militares, sobreviventes e equipes de apoio internacional se debateram com equipes de reportagem dos principais conglomerados de comunicação do mundo, as quais não fizeram questão alguma de poupar o sofrimento do povo haitiano.

Em decorrência da grande comoção causada pelo desastre, não tardou para que a repulsa e a abjeção ao povo haitiano emergissem, por meio de reportagens e matérias que, afora a espetacularização, buscavam – impassíveis – apresentar justificativas e culpabilizar o povo haitiano pelo funesto acontecimento, empregando, para isso, os mais absurdos e ignominiosos argumentos. Segundo Omar Ribeiro Thomaz (*Folha de São Paulo*, 2010, n. p.), duas reações foram bastante comuns nos discursos midiáticos do pós-terremoto: “Uma, [...] era a de responsabilizar a natureza. A outra, a de responsabilizar os próprios haitianos [...] Afinal, foram *incapazes* de construir um Estado e, por isso, são *incapazes* de reagir” (grifos nossos). Assim, nos dias e semanas que se seguiram ao sismo – a despeito do drama vivido pelos milhares de haitianos que perderam familiares e entes queridos, que putrefaziam amontoados nas ruas de Porto Príncipe e adjacências ou eram enterrados em valas comuns nos arredores da cidade – as práticas discursivas anti-haitianistas ganharam cada vez mais espaço, em função, certamente, do dinamismo – que se traduz em volume, fluidez e alcance – que as novas tecnologias da informação passaram a lhes conferir.

Uma multiplicidade de sujeitos – dentre os quais historiadores, cronistas, antropólogos, geólogos, jornalistas, políticos, diplomatas, acadêmicos, pesquisadores, clérigos, pastores protestantes, dentre outros – vão tentar buscar nos recônditos da história haitiana as possíveis causas, explicações ou justificativas para tamanho infortúnio. O imponderável parecia não figurar entre as hipóteses aventadas. Os discursos, assim como os sujeitos, são matizados. Em comum, na maioria desses discursos, apenas essa representação – negativa e depreciativa – do haitiano, que figura, como de costume, como inferior e, acima de tudo, incapaz. As descrições, análises e opiniões, publicadas e disseminadas pelos mais diversos veículos midiáticos, acabam reproduzindo e reforçando um conjunto de estigmas e representações que acabam tomando o povo haitiano como reféns, ou, em alguns casos, como vítimas.

Um exemplo significativo e bastante revelador, que permite entrever a carga ideológica e a intencionalidade que subjaz tais discursos, pode ser buscado no texto “Haiti nas trevas”, publicado pela *Folha de São Paulo*<sup>85</sup>, no caderno “+(s)ociedade”, traduzido por Jean Marcel C. França, em 17 de janeiro de 2010 – apenas cinco dias, portanto, após o terremoto. Em seu relato – dividido em três partes: ‘Ruas imundas’; ‘Exército cômico’ e ‘Ladrões’, precedidas de uma pequena introdução – o suposto autor, Guerrit Verschuur, descreve, por meio de um discurso que já nos é familiar, a experiência vivida na Porto Príncipe de fins do século XIX. Apesar de um pouco extenso, optamos por reproduzir grande parte do texto, visando possibilitar ao leitor uma melhor compreensão daquilo que buscamos evidenciar. Segundo o texto atribuído a Verschuur:

A baía de Porto Príncipe é uma das mais encantadoras que conheço. Em formato de ferradura, ela é toda circundada por uma exuberante vegetação [...] Para obter a permissão de desembarque é necessário submeter a lista dos passageiros ao ministro do Interior e ao presidente da República, de modo que somente três ou quatro horas depois de ancorar é que se tem a bendita autorização para desembarcar. Ruas imundas – [...] Turgeaut [local onde provavelmente ficara hospedado] é o local de residência da maior parte dos negociantes estrangeiros e cônsules, pois aí pode-se desfrutar de um ar fresco, de uma atmosfera salubre e de umas variadas e pitorescas perspectivas. Infelizmente, o caminho que vai da cidade até este lugar é *um verdadeiro caminho*

---

<sup>85</sup> O jornal *Folha de São Paulo* deu ampla cobertura ao acontecimento, enviando equipes de campo ao Haiti ou reproduzindo notícias publicadas por outras agências internacionais. Esse texto, segundo informações da *Folha*, seria parte de um relato feito por Guerrit Verschuur – um viajante holandês, em 1892, durante/após uma visita a Porto Príncipe – que procurava descrever a pobreza, a violência e o ódio racial que, segundo ele, tomavam conta do país.

*haitiano*, pleno de pedras e de enormes buracos [...] As ruas da cidade são ainda mais imundas do que as de Jacmel e Les Cayes, [cidades do interior do Haiti] estando a sua limpeza entregue somente ao vento e à chuva. Certo dia, numa via, que tem o sugestivo nome de rua dos Milagres, encontrei uma mula morta obstruindo a circulação; no dia seguinte, o corpo do pobre animal encontrava-se intocado no mesmo lugar. Foi somente dois dias mais tarde que, "por milagre", a infecta carcaça foi removida. [...] Exército cômico – [...] *O país é ainda semisselvagem* [sic.] e, *sem o auxílio e o empenho dos estrangeiros, nem as coisas mais elementares estariam disponíveis*. [...] *O Exército haitiano parece saído de uma ópera cômica*; o estrangeiro em visita ao país que deixar de ver a revista da tropa estará perdendo um divertimento que reputo único no mundo. [...] O exército haitiano tem tantos oficiais quanto soldados; o número de generais e coronéis é enorme, e os uniformes são os mais variados e bizarros que se pode conceber [...] Certo dia, o cônsul inglês levou-me para conhecer a Câmara dos Deputados [...] Ao retornar da sessão, vi um agente de polícia perseguir o pobre diabo de um negro, que roubara uma galinha. O representante da lei deu uma dura pancada no malfeitor com um bastão enorme. *Uma única pancada daquele bastão seria suficiente para pôr qualquer ser humano fora de combate, mas a cabeça de um haitiano é dura como um pote de ferro*. Ladrões – O negro somente deixou cair o objeto do crime e continuou a correr do policial. Nesse ínterim, a galinha foi recolhida por um *outro ladrão*, que fugiu o mais rápido que pôde. *Os ladrões, a propósito, não são poucos por aqui*, sobretudo depois do entardecer, por isso, *é comum ver brigas e ouvir tiros de pistola pela cidade*. Aos ladrões vêm ainda se juntar os *bêbados*, os marinheiros em licença e uma enorme variedade daqueles tipos que estão sempre prontos para se meterem em discussões e armarem brigas. É também comum encontrar *loucos* perambulando pela cidade, *sendo os casos de loucura mais comuns entre os negros do que entre os brancos*. (HAITI NAS TREVAS, 2012, n. p., grifos nossos)

A primeira questão a ser levantada diz respeito ao propósito de uma publicação dessa natureza em um momento em que o país/povo ainda se encontrava prostrado, sepultando os corpos dos milhares que pereceram na tragédia. Cada referência dada por Verschuur constitui um ataque aos usos, práticas, costumes, instituições e tradições haitianas. O Exército, acintosamente achincalhado, transforma-se, com seus ‘uniformes bizarros’, em uma “ópera cômica” destinada à diversão dos visitantes. O povo surge como “semisselvagem e incapaz das coisas mais elementares”, sendo representado, na oportunidade, pelos tipos mais abjetos, dentre os quais ladrões, bêbados e loucos. O narrador ocupa-se ainda em desumanizar o haitiano ao afirmar que a pancada desferida pela autoridade haitiana na cabeça do “pobre diabo”, ladrão de galinhas, seria suficiente para pôr qualquer “ser humano” fora de combate, mas, como se tratava da cabeça de um haitiano, “dura como um pote de ferro”, não havia produzido qualquer efeito.

Houve – dentre os artigos e reportagens publicados pela *Folha de São Paulo* – outros discursos bastante significativos, carregados de racismos e preconceitos que a todo tempo caracterizam os discursos anti-haitianistas. Outro caso bem ilustrativo diz respeito a uma declaração feita por George Samuel Antoine, à época cônsul geral do Haiti em São Paulo, ao programa “SBT Brasil”, publicada pela *Folha* em 16 de janeiro de 2010. Antoine afirmara naquela oportunidade: “Acho que, de tanto mexer com macumba, não sei o que é aquilo. *O africano em si tem maldição*. Todo lugar que tem africano está fodido [...] a desgraça do Haiti está sendo ‘uma boa’ porque o país ‘fica conhecido’.” (GALVÃO, 2010, n. p., grifo nosso). Nessa mesma linha surge o discurso do pastor estadunidense Pat Robertson, que esteve na CNN (Cable News Network) e afirmou que o terremoto seria uma punição divina pelo pacto demoníaco realizado pelo povo haitiano para conseguir sua independência dos franceses.<sup>86</sup>

Na contramão dessa discursividade, no entanto, surgem outras perspectivas, um tanto menos claudicantes, pautadas em uma historicidade que está ausente ou é intencionalmente omitida na maioria dos discursos anti-haitianistas. No artigo *O Haiti estava de joelhos; agora, está prostrado*, do antropólogo Omar Ribeiro Thomaz – professor da UNICAMP – publicado pela *Folha* em 14 de janeiro de 2010, constitui um bom exemplo dessa perspectiva. Em seu discurso Thomaz (2010) busca alertar o leitor acerca da historicidade que os discursos anti-haitianistas/detratores procuram omitir. Dessas manifestações discursivas ficam de fora os embargos políticos e intelectuais seculares, as sucessivas e desastrosas ocupações e intervenções, e a interminável ingerência internacional – sobretudo estadunidense, na política, na economia e na cultura haitiana. Segundo Thomaz (2010):

Ao embargo político e intelectual secular – como definir de outra forma o ostracismo ao qual foi relegado o Haiti após sua vitoriosa revolução que culminou com sua independência em 1804? – sucederam-se intervenções e ocupações que sempre procuraram negar aos haitianos o sentimento do orgulho dos seus feitos [...] Diante da fúria da natureza [o autor se refere ao terremoto de 12 de janeiro de 2010] não cabe outro sentimento que o de uma frustração que deita raízes numa história profunda e que subitamente pode ganhar cor: o mundo dos brancos nos destruiu; *o mundo dos brancos diz que quer fazer alguma coisa, mas o que faz, além de nutrir seus telejornais com*

---

<sup>86</sup> Disponível, na íntegra, em <<http://edition.cnn.com/2010/US/01/13/haiti.pat.robertson/>>. Acesso em: 23 maio. 2015.

*fotos miseráveis que só fazem alimentar a satisfação autocentrada dos países ditos ocidentais?* (THOMAZ, 2010, n. p., grifo nosso)

O cataclismo e todos os seus desdobramentos, acabam trazendo o Haiti para as primeiras páginas dos principais veículos de mídia do globo. As manifestações, de natureza diversa, publicadas em forma de matérias, artigos e reportagens, traduzem, em grande medida, a amplitude e a complexidade da temática, ao mesmo tempo que evidenciam a ação dessa discursividade – anti-haitianista/detratora – sobre a conformação das identidades haitianas. É por meio dos telejornais, abarrotados de fotos miseráveis e estarrecedoras – e de tantos outros meios/veículos de mídia/informação – que o haitiano é tragicomicamente apresentado ao mundo. Thomaz (2010), na citação anterior, fortalece nossa perspectiva ao demonstrar o direcionamento que a mídia costumeiramente confere à problemática haitiana, apresentando e enfatizando apenas os aspectos negativos de sua história, ligados à miséria social em que vive o povo, que surge como o único responsável por toda sorte de desgraças que há séculos os sufoca, colaborando para reforçar aquilo que chamamos, em outro momento, de “a realização do outro” e que Thomaz (2010, n. p.) preferiu chamar de “satisfação autocentrada”.

A tragédia, para além de uma prática discursiva secular, faz ressurgir, também, um antigo “problema”: o *boat people*. A ameaça de uma debandada de haitianos para o entorno, especialmente para a República Dominicana e para a costa leste dos Estados Unidos constitui um dos motivos capitais para o estabelecimento da MINUSTAH em 2004. O governo estadunidense, procurando se antecipar a esse “problema”, despega-se de seu discurso altruísta e, sem demora, lança mão de uma aeronave, equipada com rádio-transmissores e que passa a sobrevoar diariamente alguns pontos do litoral haitiano com o objetivo de disseminar uma mensagem – gravada por ninguém menos que o embaixador do Haiti em Washington – que, segundo Batista Jr. (2010, n. p.), fazia o seguinte alerta: “Não se apressem a deixar o país. Se vocês pensam que chegarão aos EUA e todas as portas estarão abertas, vocês estão enganados. Vocês serão interceptados no mar e enviados de volta para casa”. Como se percebe, o sismo, apesar de sua força e de seu poder destrutivo, deixou algumas estruturas intactas. Os discursos anti-haitianistas não sofrem qualquer abalo, pelo contrário.

A destruição causada pelo sismo comprometeu ainda mais a já deplorável situação do país. Sem alternativas, o povo haitiano, ainda que a contragosto, foi obrigado a pactuar com as forças intervenientes. O pouco que havia sido conseguido ao longo dos quase seis anos de intervenção ruína, regredindo, em alguns casos, a índices ainda mais negativos e alarmantes do que aqueles apresentados por ocasião da deposição de Aristide, em fevereiro de 2004. O projeto de desmobilização gradual dos componentes militares, inicialmente previsto para o segundo semestre de 2011, foi substituído, face às circunstâncias, por uma mobilização substancial de novos contingentes.<sup>87</sup> O amargo remédio tornou-se, dadas as circunstâncias, vital para a sobrevivência do moribundo Estado haitiano.

Em outubro de 2010, não bastassem todas as dificuldades e desafios trazidos pelo terremoto, o Haiti foi atingido também por um surto de cólera que acabou infectando algo em torno de 600 mil haitianos, dos quais cerca de 8 mil foram vitimados, até que o surto pudesse ser controlado, cerca de três anos depois. A suspeita de que a origem do surto estaria ligada a uma base militar nepalesa da MINUSTAH, localizada no departamento de Artibonite, ao norte de Porto Príncipe, fez estremecer, ainda mais, as já fragilizadas relações entre a população e os interventores. O povo foi às ruas – como fora inúmeras outras vezes – cobrar soluções para o problema, bem como a apuração e a punição dos possíveis culpados e, sobretudo, reclamar a retirada das tropas do país. Essa última reivindicação, aliás, tem sido bastante recorrente desde o início da missão, em 2004, sendo alimentada, amiúde, por grupos de oposição, contrários à intervenção, que se valem daquilo que Joinet (2005) classificara como uma “cultura/síndrome do rumor”, disseminada, sempre que necessário, para mobilizar a população.<sup>88</sup>

Apesar de todos os óbices e contratempos, o povo haitiano reiniciou, mais uma vez, sua tortuosa caminhada. Grande parte das promessas e

---

<sup>87</sup> O Batalhão Brasileiro da MINUSTAH (BRABAT), praticamente duplicou seus efetivos, indo de um aproximado de 1200 homens para um total, também aproximado, de 2400, pouco tempo após o terremoto.

<sup>88</sup> Existe, como diria Joinet (2005), especialista independente contratado pela ONU, o que se convencionou chamar de ‘cultura do rumor’ ou de ‘síndrome do rumor’. Há, não só na documentação produzida pela ONU, os informes do Secretário-Geral e dos Especialistas Independentes, mas também em outras fontes, fortes evidências de que existe uma considerável distância entre o universo factual, das práticas cotidianas, e aquele construído por meio dos diferentes discursos, sobretudo os midiáticos. No informe sobre a missão do CSNU no Haiti, ocorrida de 13 a 16 de abril de 2005, desvela-se a inquietação e o desconforto causados por essa prática. Observamos, neste documento, certa disposição por parte da imprensa em carregar ainda mais os tons desse quadro problemático: “muitos interlocutores nacionais e internacionais faziam referência ao negativismo e ao sensacionalismo dos meios de difusão do Haiti.” Cria-se assim um quadro ainda mais negativo e caótico, comprometendo não somente a atuação da MINUSTAH, mas levando ao desenvolvimento de um estado de permanente tensão entre a população.

compromissos firmados pela comunidade internacional no calor dos acontecimentos em prol da “reconstrução do Haiti” esvaíram-se junto com a poeira levantada pelo sismo. A Comissão Temporária para a Reconstrução do Haiti (CTRH) – que tinha como um de seus principais dirigentes o ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton – e o Fundo Fiduciário Multi Doadores (FFMD), administrado pelo Banco Mundial, ambos criados sob o pretexto da reconstrução, não foram muito além das ‘boas intenções’. Dos bilhões de dólares que seriam destinados à reconstrução do país, apenas uma ínfima parcela chegou à ponta da linha, pois, segundo Seitenfus (2006, p.18), “[...] a quase totalidade dos gastos com a operação de mediação no Haiti foi [e segue sendo] destinada aos próprios estrangeiros”.<sup>89</sup>

Contrariando as expectativas mais otimistas, ainda em 2010 o povo foi às urnas para eleger o sucessor de René Préval, que havia sido reeleito em 2005, após a deposição de Aristide. Em meio a uma conturbada corrida presidencial, destacaram-se na disputa a professora universitária, política e ex-primeira-dama Mirlande Manigat<sup>90</sup> e o controverso Michel Martelly, um antigo músico haitiano, artisticamente conhecido por suas extravagantes performances e por seus excessos no palco. Martelly, também conhecido como “*Sweet Micky*”, que inicialmente não figurava entre os favoritos, acabou derrotando Mirlande no segundo turno das eleições gerais de 2010 – após uma reviravolta que levou o país à recontagem dos votos e à retirada da candidatura do candidato apoiado por Préval, Jude Célestin. Martelly, assim, elegeu-se presidente do Haiti. Com uma campanha agressiva, Martelly apresentava propostas bastante polêmicas, como a retirada das tropas da MINUSTAH e a reorganização das FAd’H, dissolvidas por Aristide em 1995. Nesse contexto, conclui-se facilmente que o presidente eleito não teria um caminho fácil pela frente.

Sob as incertezas do governo de Martelly e, sobretudo, do futuro do país, em 1º de junho de 2014, a intervenção da MINUSTAH completou seu primeiro decênio em solo haitiano.<sup>91</sup> Foram “dez anos haitianos”, parafraseando Juan Gabriel Valdés, enviado especial da ONU ao Haiti, que em agosto de 2005, ao se referir às eleições do país em 2006, afirmou que não seriam “eleições austríacas”, seriam “eleições haitianas” (MAISONNAVE, 2005, n. p.). Foram dez anos enfrentando problemas estruturais, muitos dos

---

<sup>89</sup> Para saber mais ver Jean Anil Louis-Juste (2007).

<sup>90</sup> Mirland Manigat (1940) foi esposa de Leslie Manigat (1930-2014), que governou o Haiti por um breve período, de fevereiro a junho de 1988, quando fora derrubado por um golpe de estado encabeçado pelo general Henri Nanphy.

<sup>91</sup> Ver ANEXO B – Mapa das tropas da MINUSTAH no Haiti.

quais seculares e para os quais as soluções experimentadas em outras frentes não surtiram nenhum efeito.<sup>92</sup> Qualquer solução para o histórico de graves perturbações sociopolítico e econômicas – patrocinadas ou incitadas por países como os Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra, dentre outros, que sempre mantiveram uma relação díspar e pautada sobre interesses escusos com o povo haitiano – iria requerer alterações estruturais, amplas e profundas, que estão muito além das possibilidades de uma força interventora que apesar de seu empenho, apresenta inúmeras limitações e fragilidades.

Ainda hoje a MINUSTAH é combatida por grupos de filiação político-ideológica diversa, que buscam representá-la apenas como uma força composta por militares de países periféricos que estariam a serviço dos países imperialistas e do grande capital. Nós, sobretudo em função de nossa experiência pessoal, como componente da missão, ficamos a meio caminho e preferimos acreditar – ainda que com algumas ressalvas – no caráter humanitário da missão. Minha estada no Haiti, no período de abril a novembro de 2012 – quando já desenvolvíamos o presente trabalho – como componente do 16.º Contingente de Força de Paz no Haiti, constituiu uma oportunidade ímpar – tanto para o militar quanto para historiador/pesquisador – principalmente pelo fato de ter tido a oportunidade de conhecer, em pormenores, a doutrina de emprego daquela força e, talvez ainda mais importante, vivenciar, *in loco*, um pouco da triste e trágica história do povo haitiano, que, seguramente, nenhum livro ou artigo de jornal pode descrever.

Não é possível fazer qualquer previsão sobre o futuro do Haiti e, por conseguinte, da MINUSTAH. O que parece certo, por hora, é que a MINUSTAH, estabelecida como um desafio, tanto para a ONU, quanto para o Haiti, não pode e não deverá permanecer no Haiti *ad aeternum*. As sucessivas extensões/prorrogações de seu mandato, além de criarem uma perniciosa dependência, acabam dando ainda mais fôlego a determinados discursos e ideologias, de cunho anti-haitianista, consolidando a ideia-força, secularmente propagada acerca da suposta incapacidade do povo haitiano para o autogoverno. Cabe lembrar, ainda, que o fracasso dos *casacos azuis* no deslinde da crise que se arrasta há mais de uma década representaria, em última instância, um duro golpe sobre o povo haitiano,

---

<sup>92</sup> Conforme afirmara Seitenfus (2006, p. 14) “[...] a sociedade haitiana [diferente do que possa parecer] é complexa, contraditória, sofisticada e maximalista”. Estar atento a essas peculiaridades seria, portanto, o primeiro passo para tentar não recair nos mesmos erros que fizeram fracassar as tentativas anteriores e que, de certa maneira, comprometiam a presença da ONU no Haiti.

já que sobre ele certamente recairia, como de hábito, se não toda, mas grande parte da responsabilidade, e por que não, da culpa por tal fracasso.

Ao fim de dez anos de ocupação o cenário haitiano não conheceu quaisquer avanços substanciais. Para além dos discursos, muito pouco se fez. A estabilidade, um dos motes que orientaram e justificaram a intervenção, se foi alcançada, o foi precariamente. Em meio a acusações, interesses diversos e conflitantes, intermináveis disputas sociopolíticas e econômicas, o povo haitiano continua sua caminhada, incerta e insegura. A prosseguir nesse caminho a MINUSTAH parece dar mostras de estar em curso de se tornar apenas mais um dos tristes capítulos da história do povo haitiano, figurando, ao fim das contas, como parte de um discurso que se perpetua, como “mais do mesmo”.

Os ideais libertários, levados às últimas consequências pelo povo haitiano em determinados momentos de sua história, fizeram com que seu país e sua história fossem apropriados, amiúde, como a antítese da ordem e da civilização, estabelecendo aquilo que acreditamos ser uma tradição de identidade haitiana, caracterizada, de forma recorrente, por sua contribuição para a perpetuação de uma representação sempre negativa e depreciativa do povo e do Estado haitiano. A celeuma anti-haitianista ecoa no tempo e no espaço, de modo a estabelecer os contornos dessa tradição, que repercute para além dos limites de Espanhola. Os discursos anti-haitianistas precedem ao surgimento do Estado haitiano, já que são anterior a ele, o que contribui para a emergência de um conjunto difuso de estigmas de cunho histórico, político, racial e cultural, produzido e difundido a partir de relatos de viajantes, pesquisadores, acadêmicos, trabalhadores, escritores, dentre outros, que, por motivos diversos, tomaram contato com a realidade haitiana.

Destaca-se, nesse contexto, sobretudo a partir das últimas décadas do século XIX, a produção de determinada literatura, tributária dos discursos coloniais e que, aos moldes daqueles, continuam a ter no estereótipo, segundo Bhabha (2003, p. 105), sua principal estratégia discursiva. O desenvolvimento dessa literatura revela, dentre outras questões, o poder e o alcance daqueles discursos, uma vez que sua análise permite entrever que se trata, em grande medida, de uma continuidade dos estigmas e estereótipos engendrados naquele período. Examinaremos, no segundo capítulo deste trabalho, como esses discursos repercutem e ganham contornos ainda mais vivos, a partir do desenvolvimento dessa literatura secular que, produzida a partir desse conjunto difuso de estigmas, repercutirá de maneira determinante, desde sua publicação, na perpetuação de determinados estigmas e

estereótipos que reforçam e perpetuam essa tradição de identidade haitiana que figura como objeto de nossas hipóteses.

## CAPÍTULO 2

### **IDENTIDADES HAITIANAS NA LITERATURA:** **ENTRE A DETRAÇÃO E A VITIMIZAÇÃO**

A finalidade do homem, ao falar, não é a de recortar, descrever, estruturar o mundo; ele fala, em princípio, para se colocar em relação com o outro, porque disso depende a própria existência, visto que a consciência de si passa pela tomada de consciência da existência do outro, pela assimilação do outro e ao mesmo tempo pela diferenciação com relação ao outro.  
(CHARAUDEAU, 2009, p. 42)

O Haiti, em si, parece não existir – sobretudo se levamos em conta os discursos produzidos a partir de uma discursividade anti-haitiana – figurando, de maneira recorrente, nos discursos que buscam representá-lo, apenas de forma negativa, de onde o outro – seja ele o espanhol, o francês ou o dominicano – afirma-se. As representações haitianas são estruturadas, assim, segundo Valerio-Holguín (2001), a partir de um “tropos primitivista”, composto de um conjunto de imagens barbarescas e bestiais, muito comuns nos discursos literários e acadêmicos que, empregados pelos colonizadores europeus durante a conquista para se referirem aos africanos, aos asiáticos, aos latino-americanos em geral e aos caribenhos em particular, ainda se manifestam, em conformidade ao posicionamento do referido o autor, com certa vitalidade (VALERIO-HOLGUÍN, 2001, p. 2-3). Essa discursividade, que enseja o desenvolvimento e o estabelecimento dessa tradição de identidade haitiana, ganha ímpeto a partir do último quartel do século XIX, mais

especificamente a partir da publicação de *Hayti or the Black Republic*, que passa a constituir, desde então, um marco dos discursos “detratores” e de uma tradição literária anti-haitianista.

Aos poucos a coerção física dos povos submetidos vai dando espaço a outro tipo de sujeição, menos primitiva, mais sofisticada. Dessa forma, esgotadas as possibilidades de uma recolonização pela força, como temiam Dessalines, Petión e Boyer nas primeiras décadas que se seguiram à Revolução, opera-se, a partir de meados do século XIX, uma mudança de estratégia por parte dos ex-colonos ou daqueles que buscavam manter ou estender seus domínios. Logo, a violência física do período colonial dá lugar a outro tipo de violência: a verbal, a escrita, a virtual. Nesse sentido ganha espaço determinada literatura, denominada literatura de viagem, produzida e disseminada a partir de relatos de viajantes, aventureiros, homens de estado, políticos, cientistas, comerciantes, dentre outros, que, tomando contato com o Outro, neste caso o haitiano, buscam representá-lo a partir de um conjunto de estigmas e estereótipos que, apesar de ruidosos, já não constituíam novidade, mas, antes, apropriações de narrativas que já se faziam presentes – de maneira difusa – em momentos anteriores. Mas, conforme Michel Foucault (2009, p. 26) o “novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.” O que está em causa, portanto, não é o estabelecimento, mas certa sistematização e instrumentalização desses discursos.

A partir daí, conforme nos expõe Eduardo Nagai (2012, p. 199-200), a violência foi perpetrada sem a necessidade da presença física do agressor, haja vista que este estava representado nos signos e nos discursos materializados nessa literatura; estava presente performaticamente, no sentido discursivo, no poder da palavra escrita. Instrumentalizado, o discurso substitui o látigo, a ideologia opera o assujeitamento, o envilecimento e a desumanização do Outro. Foi, então, por meio dessa literatura, em grande medida, que os estigmas e estereótipos colonialistas acerca dos haitianos se disseminaram, tornando-se parte do ideário anti-haitianista moderno.

Esses textos, longe de constituírem mera descrição das sociedades às quais se dirigem, constituem, antes, rastros ou ecos de alteridade, de memórias, de ideologias. O Outro, que emerge de suas páginas, é sempre inferior, bestial, está sempre no limiar do civilizado, do humano, da ordem; é o contraponto a partir do qual o colonizador e/ou o interventor e/ou ocupante se apresentam como um personagem benfazejo, providencial e, acima de tudo, necessário. Desse modo, as representações barbarescas e estigmatizantes do haitiano ganhavam o mundo nas páginas desses textos, consolidando determinados traços

dessa tradição de identidade que aqui buscamos delinear, o que reafirma a assertiva de Fernando Ainsa (1994, p. 56), de que “*La identidad de un pueblo cristaliza en las imágenes simbólicas de textos representativos.*” Nessa perspectiva Márcio Santana (2003, p. 19) apresenta a literatura como:

[...] um produto social, a documentação de uma visão de mundo, portanto, como material de registro de determinadas representações sociais [que] também informam e formam consciências, ao estabelecerem comunicação entre os homens. Por formarem e informarem atuam de forma central nos processos de formação de identidades por serem elas que melhor fixam os estereótipos pois agem simbolicamente dentro dos imaginário sociais.

Ao procurar pensar os processos que permeiam a “formação dessas consciências” estaremos empenhados, também, em desvelar a conformação/produção dessas identidades estabelecidas a partir de condições sócio-históricas de produção que, apesar de específicas, localizadas no interior de determinada formação social, encontram-se atravessadas por ideologias outras, assim como, outras memórias e discursos. É do caráter performático desses discursos que os sentidos emergem, que as identidades se estruturam, sob o olhar inquiridor do Outro. Olhar homogeneizador, que opera, a despeito ou apesar da resistência, uma taxionomia dos espaços, das culturas e dos sujeitos. É um olhar desviante, incapaz de perceber – ou de reconhecer – o outro em sua singularidade; hegemônico, apresenta-se como possibilidade única, e certamente por isso, sempre transgredida. Esse olhar não é novo nem estranho, pois se afirma há muito, em meio aos traumas e rupturas que passaram a orientar, em dado momento, a construção de determinada identidade haitiana.

A segunda metade do século XIX no Haiti foi caracterizada, em grande parte, pelas sucessivas e infrutíferas tentativas de se estabelecer ordem ao alto grau de fragmentação, resultante, em grande medida, das políticas predatórias – embargos político-econômicos – empreendidas por países como França, Inglaterra, Espanha e Estados Unidos, após a conquista da independência em 1804 (GRONDIN, 1985, p. 88). As heranças políticas e econômicas dos períodos colonial e pós-independência, não deixaram margem para manobra, e ainda foram bastante agravadas pelas lutas intestinas pelo poder. A falta de organicidade e a ausência de uma liderança agregadora impediram o desenvolvimento de um projeto de nação capaz de promover a união de amplos setores da sociedade em prol de uma causa comum, fato que gerou uma crise de hegemonia. As massas, que representavam – e representam ainda – o

grosso da população, seguiam alijadas do poder e entregues à própria sorte, enquanto as elites, esses “escravos forros”, conforme Fanon (1968, p. 51), “reciclam e renovam conceitos coloniais”, travando, com aquelas, um eterno diálogo de surdos (CASIMIR, 2008, p. 839).

É nesse contexto, em fins do século XIX, que os motes anti-haitianistas se apresentam com contornos cada vez mais vivos e adquirem novo impulso a partir da publicação daquela que é considerada, ainda hoje, a obra mais negativa já publicada sobre o Haiti: *Hayti or the Black Republic* (1889), de St. John Spenser. O autor não inova, no que diz respeito ao conteúdo dos discursos anti-haitianistas. Seu mérito reside, antes, na sistematização e na compilação daquilo que Santana (2003, p. 13-14) chamou de “discurso da identidade condenada”. Hurbon (1993, p. 71-72) afirma que a publicação da “devastadora” *Hayti or the Black Republic* marca o “início das campanhas dirigidas no estrangeiro contra o Haiti”, que não cessariam, segundo o autor, até a década de 1940. Na esteira da obra spenseriana seguem outras tantas, o que leva Pattee (2008, 146-147) a afirmar que St. John estabeleceu uma tradição “grotesca” ou “escandalosa” acerca do Estado ou do povo haitiano.

*Hayti or the Black Republic* repercute, é reeditado, torna-se uma sensação, fato que causa grande repercussão no Haiti. Não tarda, todavia, que um haitiano se levante em defesa de sua pátria e de seus concidadãos, em especial daqueles mais abastados. Foi isso que fez o haitiano Jacques Nicolas Léger, com a publicação de *Haiti her history and her detractors* (1907), que constitui, explicitamente, uma resposta àquele que entrou para a história como o principal detratador do povo haitiano. A publicação dessas obras, sobretudo da primeira, coloca o anti-haitianismo definitivamente fora dos limites da pequena ilha. Com Léger passa-se da detração à vitimização e se o autor não alcança seu desígnio, certamente contribuiu para que a polêmica se instalasse, fazendo reverberar, de forma ainda mais veemente, os discursos que ousou combater. *Haiti her history and her detractors* (1907) foi produzida em um momento no qual o Haiti passou a figurar, conforme explicitado no capítulo anterior, como objeto de disputa de países como França, Alemanha e Estados Unidos, as quais buscavam estabelecer uma zona de influência estrategicamente colocada no coração do Caribe e às portas do Canal do Panamá. Léger parece se antecipar à ocupação estadunidense, deixando transparecer, sobretudo nas últimas páginas certa tensão em relação ao perigo que se avizinhava.

A *intervenção*, como explicita o primeiro capítulo deste trabalho, tornou-se um marco na história de Espanhola – os *marines* desembarcaram nos dois

lados da ilha, permanecendo por um período relativamente longo: de 1916-1924 na República Dominicana e de 1915-1934 no Haiti. Apesar de seu aspecto conjuntural, ligado a um projeto político-estratégico estadunidense, constituiu-se, também, em um momento crucial para que tanto o Haiti, quanto a República Dominicana, se pusessem a (re)pensar suas bases identitárias modernas e, por conseguinte, seus projetos nacionais. Não é difícil depreender, pelo que foi apresentado até o presente momento, que esses projetos centraram-se na afirmação e no reforço de certas diferenças, fossem elas de natureza histórica, racial, territorial e/ou cultural.

Grande parte dos argumentos empregados pelos invasores para dar legitimidade à sua empresa repousava sobre uma prática discursiva secular, consubstanciados, naquela oportunidade, pelo “pretexto do caos” e pela exaustivamente apregoada “incapacidade dos negros para o autogoverno”, descritas por Pierre-Charles (1990, p. 183). A ideologia anti-haitianista, inscrita em uma historicidade que remontava ao período colonial, abriu caminho, pela primeira vez, para que o Haiti tivesse seu território ocupado e sua soberania questionada por uma força estrangeira. O anti-haitianismo tornara-se assim uma prática instituída. Deixara o campo das ideias, em que até então orbitara, para figurar como parte de uma política ideológica que seria empregada, daí por diante, como justificativa para grande parte das futuras intervenções que o Estado haitiano sofreria.

Os discursos e as práticas anti-haitianistas passam a desempenhar, destarte, um papel central na conformação das identidades haitianas, sobretudo se considerada a partir da perspectiva dominicana. É nesse contexto que surgem, tanto do lado haitiano, quanto da parte dominicana, um grupo de intelectuais que se destacaram não só pelo apelo nacionalista de suas obras, mas, também, pela ativa militância política e social. Foi destes autores e destas obras de que nos servimos – juntamente com as das duas anteriormente descritas –, neste segundo capítulo. Analisaremos aqui, ainda que de maneira breve e sucinta, três obras consagradas acerca desta temática no contexto haitiano-dominicano. Tratam-se das obras *Así habló el Tío*, de Jean Price-Mars (1928); *La Isla al Revés: Haití y el destino dominicano*, de Joaquín Balaguer (1983), e *Orígenes del Estado haitiano*, de Manuel Arturo Peña Batlle (1954).

Faremos, assim, uma breve apresentação das principais ideias que norteiam essas produções, bem como de seu papel na *re*-produção e/ou na contestação – no caso de Léger e Price-Mars – dos discursos anti-haitianistas que desde há muito

conformavam, em maior ou menor medida, as identidades haitianas. Inicialmente, ocupar-nos-emos do livro *Hayti or the Black Republic* (1884), do inglês St. John Spenser – considerada, ainda hoje, e não por acaso, a obra mais negativa já produzida sobre o Haiti – e *Haiti her history and her detractors* (1907), do haitiano Jacques Nicolas Léger – que constitui um desagravo às “detrações” publicadas na obra de St. John. Estas obras dão impulso à polêmica anti-haitianista, colocando-a, definitivamente, fora dos limites da pequena Espanha. Em um segundo momento, obedecendo à cronologia dessas publicações, passaremos às obras de Jean Price-Mars, certamente um dos maiores e mais representativos intelectuais haitianos de todos os tempos, e na sequência dos livros de Joaquín Balaguer Ricardo e de Manuel Arturo Peña Batlle, ambos considerados os principais mentores do regime *trujillista* e de seu ideal de dominicanidade, expressão genuína do anti-haitianismo moderno.

Não poderíamos nos furtar de apresentar e analisar essas obras em nosso trabalho, visto o papel que desempenham na historicização desse discurso que, de acordo com nossas hipóteses, possui profundas raízes históricas e ideológicas. Vejamos, então, como esses autores e suas obras colaboraram para o desenvolvimento, o estabelecimento e, principalmente, para a disseminação e o reforço dessa longa tradição de identidade haitiana.

### **2.1. *Hayti or The Black Republic*: a tradição estabelecida por John Spenser**

St. John Spenser, Ministro Residente e Cônsul Geral da Grã-Bretanha no Haiti no período de 1863 a 1874, figura na literatura como um dos maiores detratores do povo e do Estado haitiano, tanto mais se levarmos em conta a obra do autor haitiano Jacques Nicolas Léger *Haiti her history and her detractors*, que será analisada no próximo tópico. Tal título se deve, sobretudo, à publicação de polêmica obra *Hayti or the Black Republic*<sup>93</sup>, em 1889, que inaugura, segundo alguns autores, uma nova tradição em

---

<sup>93</sup> St. John Spenser Buckingham (1825-1910), além de um homem de Estado, demonstrava certo gosto pela escrita e já havia publicado e ainda publicaria outras obras, dentre as quais destacamos: *Life in the Forests of*

relação às obras produzidas sobre o Haiti. *Haiti or the Black Republic* torna-se, assim, um ícone do discurso anti-haitianista, diferenciando-se de outras obras publicadas anteriormente.<sup>94</sup> A obra repercute a ponto de, quatro anos após a publicação da primeira edição, em 1889, Spenser publicar a segunda edição – que por sinal é a que utilizaremos em nosso trabalho – com respostas às críticas recebidas por suas escabrosas considerações sobre a vida e os costumes do Haiti e alguns acréscimos nos capítulos 5 – *Vaudoux-Worship and Cannibalism* e 6 – *Cannibalism*, que são justamente os capítulos em que os excessos parecem estar mais evidentes.

Assim, St. John estabelece um divisor de águas no que tange a produção literária dirigida ao Haiti, o que dá ensejo ao que Pattee (2008, 146-147) classificou como uma tradição “grotesca” ou “escandalosa” que, apesar de tender ao exagero – ou talvez justamente por isso, atende à demanda de um público ávido por este gênero literário – e, em consequência, torna-se sensação e, em certa medida, uma referência. A obra de Spenser, apesar do hiato temporal que a separa de nossos dias, continua repercutindo, principalmente quando utilizada para reafirmar determinados posicionamentos racistas e xenofóbicos contra o povo haitiano.<sup>95</sup>

---

*the Far East* (1862); *The life of Sir James Brooke: rajah of Sarawak* (1879); *Rajah Brooke: the Englishman as ruler of an eastern state* (1897); *The adventures of a naval officer* (1905); e *Essays on Shakespeare and his works* (1908).

<sup>94</sup> Conforme pode ser observado em Pattee (2008, p. 146-147) “*Haití, y el negro en América, en general, ha sufrido a manos de una pléyade de escritores y viajeros, que han deformado la interpretación de su realidad, introduciendo la nota exótica, el elemento sensacional, que no caracterizaba en absoluto la literatura de hace cien años acerca del tema. [...] desde mediados del siglo pasado, la literatura grotesca ha conocido tal auge, que durante algún tiempo, especialmente en los Estados Unidos, estava de moda publicar libro tras libro del tema haitiano, cada uno más fantástico en sus tergiversaciones que el anterior [...] Haití se ha presentado como una especie de cámara de horrores, donde el ambiente está impregnado de misteriosas fuerzas y los destinos de la masa de la gente presididos por creencias atávicas que repugnan al siglo XX. [...] esta tendencia hacia la exageración arranca de la publicación de la obra que conoció una sensación en su día: *Hayti or the Black Republic*, escrita por sir Spenser St. John [...] El tono de esta obra se colige de la frase citada en la página inicial, y atribuida a Napoleón III: ‘Haïti, Haïti, pays de barbares.’ [...] Desde entonces la literatura escandalosa sobre Haití ha prosperado, hasta tal punto que es singularmente difícil distinguir entre las obras serias sobre el país y las que se mantienen dentro de la tradición establecida por St. John.*” (grifos nossos)

<sup>95</sup> Para Hunter Wallace (2014, n. p.), editor do *Pro-White Occidental Dissent* ([www.occidentaldissent.com](http://www.occidentaldissent.com)) “*Even today, Sir Spenser St. John’s Hayti, or, The Black Republic still enjoys a reputation as the most negative book ever written about Haiti. [...] St. John is the founder of the “retrogression school” of Haitian development. His Hayti, or, The Black Republic was a commercial success which spawned numerous progeny. These include Hesketh Prichard’s Where Black Rules White: A Journey Across and About Hayti, Blair Niles’ Black Hayti: A Biography of Africa’s Eldest Daughter, William Seabrook’s The Magic Island (which popularized the “zombie” in American culture), and John Houston Craige’s Black Bagdad and Cannibal Cousins.*” “Ainda hoje, o livro Haiti ou a República Negra, de St. John Spenser, é reputado como o livro mais negativo já escrito sobre o Haiti. [...] St. John é o fundador da “escola do retrocesso” do desenvolvimento haitiano. Seu Haiti ou a República Negra foi um sucesso comercial que gerou numerosa

Mas o que diferencia esse livro dos demais? Por que *Haiti or the Black Republic* tornara-se um “clássico” da literatura anti-haitianista? Acreditamos, em primeiro lugar, que o momento de sua produção constitui um dado relevante. Trata-se de um período de inflexão da geopolítica mundial, em que as forças hegemônicas coloniais perdem espaço ou migram, constituindo vazios de poder que, diga-se de passagem, não tardam a ser ocupados. Talvez esse seja o caso da expansão estadunidense em detrimento do esfacelamento das antigas metrópoles europeias nas Américas. Esses movimentos, bem como a consequente ocupação desses e de outros espaços, acabam gerando uma demanda por uma ampla gama de conhecimentos e, logo, por uma produção literária que pudesse proceder a uma ‘taxionomia’ dessas gentes e desses espaços. Outro aspecto relevante diz respeito ao papel performático desempenhado por essa literatura – ou desse discurso – na definição e na afirmação de determinadas identidades negativas, no caso haitiano.

A edição que utilizamos em nosso trabalho – a segunda, publicada em 1889 – é composta por trezentas e oitenta e nove páginas, divididas em onze capítulos<sup>96</sup>, precedidas por uma introdução, que constitui, em parte, uma resposta de St. John às críticas recebidas na primeira edição. Com o objetivo de tornar a análise mais adequada aos nossos propósitos, procuraremos realizá-la norteados pelos eixos temáticos/bases identitárias que estruturam os três últimos capítulos deste trabalho (históricos, raciais/racistas, territoriais e culturais), de modo a não nos ater, portanto, à divisão estabelecida pelo autor. Analisaremos, assim, apenas aqueles aspectos que julgarmos relevantes para a nossa proposta e eles serão retomados no tópico seguinte, quando procederemos à análise da obra de Léger – *Haiti her history and her detractors* – que constitui, declaradamente, uma resposta a Spenser e a sua obra.

De maneira geral, parece sobressair – na obra – a ideia de que o Haiti era, à época, um país em estado de rápida decadência social, política, econômica e cultural – sobretudo após a guerra civil, experimentada no período de 1867-1869 – atribuída,

---

linhagem. Esta inclui Onde os negros governam os brancos: uma jornada através e sobre o Haiti, de Hesketh Prichard; Haiti negro: Uma biografia da filha mais velha da África, de Blair Niles; A Ilha Mágica (que tornou o “zumbi” popular na cultura estadunidense), de William Seabrook; e Bagdá Negra e Primos Canibais, de John Houston Craige.” (Tradução nossa)

<sup>96</sup> I. *General description of Hayti*, pp. 1-27; II. *History before independence*, pp. 28-75; III. *History since independence*, pp. 76-129; IV. *The population of Hayti*, pp. 130-186; V. *Vaudoux-Worship and Cannibalism*, pp. 187-231; VI. *Cannibalism*, pp. 232-257; VII. *The Government*, pp. 258-276; VIII. *Religion, Education, and Justice*, pp. 277-307; IX. *The Army and Police*, pp. 308-339; X. *Language and Literature*, pp. 340-357; e XI. *Agriculture, Commerce, and Finance*, 358-389.

segundo se depreende, a uma suposta inferioridade ou incapacidade ‘natural’ do negro, ou da raça negra, para se autogovernar. Spenser (1889, p. XXII) assevera que a ideia principal do livro era descrever os costumes das “classes baixas”. A descrição dessas maneiras tende, no entanto e de forma recorrente, ao exagero, já que faz do cotidiano do povo haitiano um aterrador espetáculo. Parece patente, algumas vezes, que ao perceber o direcionamento de sua argumentação, o autor busca, num aparente paradoxo, ocupar uma posição pretensamente antirracista, transferindo o dolo de suas considerações aos próprios haitianos, afirmando que: “*All who knew me in Hayti know that I have no prejudice colour (sic.); and if I place the Haytians (sic.) in general in an unfavourable light, it is from a strong conviction that it is necessary to describe the people as they are, and not as one would wish them to be.*”<sup>97</sup> (SPENSER, 1889, p. X). Certamente esse posicionamento constitui uma resposta às possíveis críticas com relação ao caráter explicitamente racista do livro, seguramente ainda mais pronunciado na primeira edição, muito embora a circulação desse tipo de discurso não chegasse a ser excrescência em fins do século XIX.

Existe também uma preocupação recorrente por parte do autor em validar suas alegações apoiado em fontes – diversas e nem sempre nominadas ou fiáveis. O autor emprega, para este fim, uma série de evidências colhidas de documentos oficiais haitianos, da imprensa de Porto Príncipe, de membros confiáveis do governo haitiano, de colegas estrangeiros e de pessoas que há muito haviam se estabelecido no Haiti. (SPENSER, 1889, p. XI-XII). Ainda assim, os relatos de Spenser foram feitos, em grande parte, a partir de um interlocutor, o que permitirá que seus inquiridores, dentre os quais Léger, acusem-no de pedante, racista e descomedido, principalmente em relação aos já mencionados capítulos 5 – *Vaudoux-Worship and Cannibalism* e 6 – *Cannibalism*, que são, seguramente, os que mais repercutem, em função de seu exotismo e centralidade que o autor lhes confere. Em outra passagem, ao discorrer sobre a produção da obra – “*A few words as to the origin of this book.*”<sup>98</sup> – justificando-se, uma vez mais, Spenser (1889), relata que

*In 1867 I was living in the hills near Port-au-Prince, and having some leisure, I began to collect materials and write rough drafts of the principal chapters. I was interrupted by civil war, and did not resume*

---

<sup>97</sup> “Todos que me conhecem no Haiti sabem que eu não tenho preconceito de cor; e se geralmente eu coloco os haitianos em uma luz desfavorável, isto se deve a uma forte convicção de que é necessário descrever as pessoas como elas são, e não como alguém desejaria que elas fossem.” (Tradução nossa)

<sup>98</sup> “Umás poucas palavras sobre a origem deste livro.” (Tradução nossa)

*work until after I had left my country. It may have been the modifying effects of time, but in looking over the chapters as I originally wrote them, I thought that I had been too severe in my judgments on whole classes, and I have therefore softened the opinions I then expressed; and the greater experience which a further residence of seven years gave me enabled me to study the people more avoid too sweeping condemnations.*<sup>99</sup> (SPENSER, 1889, p. XVII)

Parece estar claro o aspecto condenatório, ou detrator, da obra. A *mea culpa* do autor, reconhecendo a possibilidade de poder ter sido muito severo em seus julgamentos o demonstram. Mas, diferente do que possa parecer, é justamente esse caráter exagerado e descomedido que confere notoriedade à obra e ao autor. A celeuma provocada por essa publicação retrata, dentre outras coisas, o impacto do livro sobre as representações haitianas. No decorrer dos onze capítulos que a compõem, apesar do aparente, e momentâneo, arrependimento demonstrado, o autor utilizar-se-á de todos os meios para descrever, sempre a partir de um olhar negativo e depreciativo, as “maneiras” e os costumes daquilo que ele classificou como sendo as classes populares e incultas do Haiti.

O haitiano – negro e das classes baixas – emerge nas páginas de *Hayti or the Black Republic*, como uma aberração. As descrições, pormenorizadas, dão conta tanto de sua compleição física, quanto de sua (in)sociabilidade, visto serem representados por Spenser, com raríssimas exceções, como inferiores, incapazes, ignorantes, corruptos, desonestos, bárbaros, antropófagos, supersticiosos, promíscuos, descuidados, passionais, orgulhosos, falsos, venais, beberrões, infiéis etc. É a partir dessa desqualificação e desse apagamento – operado por um discurso muito semelhante ao que os conquistadores dirigiam aos nativos e, posteriormente, os colonos aos seus escravos – que Spenser vai erigindo sua obra, que é, ao que parece, um eco de outras vozes, como é possível denotar quando Spenser (1889, p. 34) afirma que “[...] *there are still many whites born in our colonies [...] who not only look upon the negro as of an inferior species – which he may be – but as fit only for*

---

<sup>99</sup> “Em 1867 eu estava vivendo nas colinas próximas a Porto Príncipe, e tendo algum tempo livre, comecei a coletar material e a escrever rascunhos dos capítulos principais. Eu fui interrompido pela guerra civil e não retomei o trabalho enquanto não deixei meu país. Pode ter sido os efeitos modificadores do tempo, mas vendo os capítulos como eu originalmente escrevi, eu pensei ter sido severo em meus julgamentos sobre certas classes, e então eu tenho suavizado as opiniões que expressei; e a grande experiência que sete anos de residência me deram me permitiram estudar melhor o povo para evitar condenações generalizadas.” (Tradução nossa)

*servitude, and quite unworthy of freedom*”.<sup>100</sup> Certamente, apesar do aparente distanciamento, Spenser se coloca entre estes colonos brancos.

Este autor opera uma verdadeira taxionomia do haitiano. No tocante aos aspectos físicos, Spenser procura descrevê-los como “criaturas” destituídas de beleza e muito próximas aos símios, um comportamento que não era raro à época. Como “monstros africanos”, é assim que ele (1889) os caracteriza:

*In general they are very ugly, having no point of beauty. [...] It is a curious trait that the negro has a shy dislike of monkeys; he has an uneasy feeling that the whites imagine that there is no great difference between a very ugly negro (and there are ugly ones) and the handsome gorilla. The first evening I went to the theatre in Port-au-Prince, I was startled by the exclamation of my companion, "Qui est ce monstre africains?"*<sup>101</sup> (SPENSER, 1889, p. 148-149)

Spenser tenta penetrar no corpo e na alma do haitiano. Ainda em relação aos traços físicos ou corporais, o autor faz referências ao suposto odor excessivo que exalam e à sua falta de asseio. Segundo ele “*Like the negroes, the mulattoes have often a decided odour [...]*” (SPENSER, 1889, p. 174), acrescentando, pouco a frente, que “[...] *their greatest defect is their want of cleanliness, which is observable in their houses, their children, and their own clothes [...]* *Their bedrooms have a close stuffy smell [...]* *their rooms had the smell of a stable.*”<sup>102</sup> (SPENSER, 1889, p. 175-176). As descrições fornecidas pelo autor parecem fazer com que o leitor desenvolva, instintivamente, uma repulsa física e psicológica ao haitiano. Além de “muito feios”, “malcheirosos” e “sujos”, os haitianos são retratados também como dados a vícios, em especial ao álcool e à devassidão sexual, o que os torna, na perspectiva do autor, ainda mais relapsos e pouco dignos de respeito e/ou confiança. O consumo excessivo de álcool – tafia ou rum, bebidas extraídas da cana de açúcar – é, segundo

---

<sup>100</sup> “Ainda há muitos brancos nascidos em nossas colônias [...] que não só veem o negro como uma espécie inferior – o que ele pode ser – mas como apto apenas para a servidão, e completamente indigno de liberdade.” (Tradução nossa)

<sup>101</sup> “Em geral eles são muito feios, não tendo pontos de beleza [...] É um traço curioso que o negro possui uma tímida antipatia dos macacos; ele tem uma sensação desconfortável de que os brancos imaginam que não há grandes diferenças entre um negro muito feio (e há alguns feios) e um belo gorila. A primeira vez que eu fui ao teatro em Porto Príncipe eu me assustei com a exclamação de meu companheiro: ‘Quem é este monstro africano?’” (Tradução nossa)

<sup>102</sup> “Como os negros, os mulatos têm, frequentemente, um forte odor [...] seu maior defeito é a falta de limpeza, como pode ser observado em suas casas, em suas crianças e em suas próprias roupas [...] Seus quartos tem um cheiro insuportável [...] suas salas tem cheiro de estábulo.” (Tradução nossa)

Spenser (1889, p. 361), um dos motivos da decadência haitiana, pois “[...] *keep the population in a continued state of intoxication*”.<sup>103</sup> Acerca da suposta promiscuidade sexual, que acaba sendo, segundo o autor, uma das causas profundas do relaxamento das normas morais, Spenser (1889), faz o seguinte relato:

*The lower orders in Hayti have been accused of great incontinence, and the higher classes have not escaped the same accusation [...] continence is not considered a virtue by the lower classes [...] and lover-stories are told by mothers before their young daughters in all their crudest details, and no effort whatever is made to keep the minds or bodies of the young girls caste. The consequence is, that in early life, particularly among relatives, intercourse is almost promiscuous.*<sup>104</sup> (SPENSER, 1889, p. 155-156)

Muito embora essas observações não sejam determinantes para os fins de nosso trabalho, fazemos questão de apresentá-las, sobretudo com o intuito de evidenciar o esforço do autor para tentar tornar o conjunto de suas proposições críveis. A bestialização e a desumanização do haitiano por Spenser tem como propósito principal apresentar ao leitor aquilo que inicialmente foi por ele denominado como “signos de decadência”. A descrição das (*más*)maneiras do haitiano, em especial de suas “classes inferiores”, acabam contribuindo, de certa forma, para tornar o público mais suscetível a aceitar e a internalizar as descrições de Spenser acerca de sua (in)sociabilidade. As assertivas de Spenser a respeito da suposta inferioridade e inaptidão ou incapacidade do negro, por antonomásia do haitiano, para o autogoverno, segue sendo uma questão ainda muito presente em nossos dias, sempre empregada, ainda que indiretamente, como uma das justificativas para as sucessivas intervenções sofridas pelo Haiti. Assentam-se sobre uma base racista, muito em

---

<sup>103</sup> “mantém a população em um contínuo estado de intoxicação.” (Tradução nossa). Em outra passagem, acerca da mesma questão, Spenser (1889, p. 176-177) afirma: “*From my own observation, and that of many of my friends, I may assert with confidence as a general proposition that the Haytian [...] is more given to drink, [...] than any other people with whom we were acquainted.*”: “De minha própria observação, e de meus amigos, eu posso afirmar com certeza que o haitiano [...] é mais dado à bebida [...] que qualquer outro povo com quem nos estamos familiarizados.” (Tradução nossa). Como de praxe, nesta citação, o autor utiliza duas estratégias que caracterizam a obra: a primeira, diz respeito à utilização de testemunhos outros, nem sempre nomináveis ou afiançáveis, como no caso “muitos de seus amigos”, e a segunda está relacionada com o exagero, presente no final da citação, quando o autor coloca os haitianos como os “mais dados que qualquer outro povo”, fato que, certamente, não poderia ser mensurado e comprovado.

<sup>104</sup> “As classes inferiores no Haiti têm sido acusadas de grande incontinência, e as classes altas não escapam da mesma acusação [...] continência não é considerada uma virtude pelas classes inferiores [...] e histórias de amor são contadas pelas mães diante de suas filhas com todos os detalhes cruéis e nenhuma tentativa é feita para manter as mentes ou os corpos de suas jovens castos. A consequência é que no início da vida, particularmente entre familiares, a relação sexual é quase promíscua.” (Tradução nossa)

voga no último quartel do século XIX, em que o negro figura como um ser bárbaro e abjeto. Essa proposição, central na obra, deixa entrever o empenho do autor para diminuir e desconstruir a importância dos feitos e conquistas dos haitianos por ocasião de seu processo de independência, ao mesmo tempo que impõe um discurso civilizador, eurocêntrico.

Desta forma, Spenser descreve o Haiti da segunda metade do século XIX como um país em franca decadência, sempre reforçada pela comparação estabelecida pelo autor com a outrora ‘próspera’ colônia de *Saint-Domingue*. O autor afirma que “*Wherever you may go in Hayti, you come across signs of decadence, not only from the exceptional prosperity of the French period, but even of comparatively recent years.*”<sup>105</sup> (SPENSER, 1889, p. 18). O levante dos escravos da colônia francesa é apresentado, dessa forma, como um divisor de águas que marca o fim de um período de prosperidade econômica, em que a França possuía, segundo Spenser (1889, p. 32), “*the finest colony in the world [...] a white population, rich, refined, enjoying life as only a luxurious colonial society can enjoy it*”<sup>106</sup>, e o início da decadência, ou seja, o negro – que em sua perspectiva é sempre representado como inferior, inapto e incapaz – torna-se, de um momento ao outro, a causa e o signo dessa decadência. Spenser (1889) não titubeia, sendo categórico ao afirmar que, naquele presente, a raça negra era incapaz do autogoverno. Nesse sentido Spenser (1889) conclui que:

*I know what the black man is, and I have no hesitation in declaring that he is incapable of the art of government [...] What the negro may become after centuries of civilised (sic.) education I cannot tell, but what I know is that he is not fit to govern now. There are brilliant exceptions doubtless, [...] but we must judge them as a race, and as a race they are incapable.*<sup>107</sup> (SPENSER, 1889, p. XI)

A ênfase do autor no estabelecimento desses contrastes, entre um passado de riqueza e opulência e um presente marcado pela decadência econômica e moral, entre o homem branco civilizado e laborioso, em detrimento ao negro bárbaro e

---

<sup>105</sup> “Onde quer que você vá no Haiti, você irá se deparar com sinais de decadência, não somente se comparado à prosperidade excepcional do período de francês, mas também com relação aos anos recentes [1889]”. (Tradução nossa)

<sup>106</sup> “A melhor colônia no mundo [...] uma população branca, rica, refinada, gozando a vida como somente uma luxuriosa sociedade colonial pode gozar”. (Tradução nossa)

<sup>107</sup> “Eu sei que homem negro é, e não tenho hesitação em declarar que ele é incapaz da arte do autogoverno [...] o que o negro pode se tornar após séculos de educação civilizada eu não posso dizer, mas o que eu sei é que ele não está apto para governar agora. Há brilhantes exceções, sem dúvida [...] mas nós devemos julgá-los como uma raça, e como raça eles são incapazes.” (Tradução nossa)

indolente, demonstra, dentre outras coisas, o jogo de poder que se estabelece em torno da afirmação dessas identidades, ligadas à manutenção de determinado *status quo*.<sup>108</sup> Assim, buscando dar sentido a sua tese, de que a “decadência” haitiana resulta, em grande parte, da inferioridade e da incapacidade do negro para se autogovernar, o autor estabelece outro contraste bastante interessante, e esclarecedor, ao descrever, em linhas gerais e a seu modo, os aspectos geográficos e sociais do país. Sobressai, como é de se imaginar, a ideia da corrupção do paraíso pelo pecador, no caso, o haitiano. Spenser estabelece este contraponto, de modo a conceder lugar a outra noção que também estará muito presente, daí por diante, nos discursos anti-haitianistas: o haitiano como problema ou “o problema haitiano”. Nessa perspectiva, o problema do Haiti não é outro senão os próprios haitianos. Essa abordagem abre espaço para a elaboração de uma discursividade que dispensa ou ignora a historicidade que subjaz à realidade haitiana, isentando, assim, quaisquer outros atores por tal estado de decadência. Nesse sentido Spenser (1889) sustenta que

*No country possesses greater capabilities or a better geographical position, or more variety of soil, of climate, and of production [...] And yet it is now the country to be most avoided, ruined as it has been by a succession of self-seeking politicians, without honesty or patriotism, content to let the people sink to the condition of an African tribe.*<sup>109</sup> (SPENSER, 1889, p. 20)

O discurso acerca da inferioridade e da incapacidade ou da inaptidão da raça negra para se autogovernar seria retomado de forma recorrente, assim como a antinomia que Spenser faz entre África e civilização. Em outra passagem, o autor reforça essas ideias e as radicaliza. O discurso civilizador, que estabelece uma relação de dependência entre os sujeitos em contato, é utilizado para negar ao haitiano, caso estes estejam livres da influência o “homem branco”, qualquer possibilidade de progresso ou civilização. Nesse contexto, o referido autor (1889) traz à luz o seu posicionamento:

---

<sup>108</sup> Refere-se à marcação das diferenças, que Woodward (2009) afirmou ser crucial no processo de construção de identidades. Segundo a autora, a “diferença é reproduzida por meio de sistemas *simbólicos* [...] As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença.” (WOODWARD, 2009, p. 39, grifos da autora)

<sup>109</sup> “Nenhum país possui maiores capacidades ou melhor localização geográfica, maior variedade de solo, de clima e de produção [...] E ainda assim é agora um país a ser evitado, arruinado como tem sido por uma sucessão de políticos egoístas, sem honestidade ou patriotismo, satisfeitos em deixar o povo mergulhar em uma condição de tribo africana.” (Tradução nossa)

*I thought of the capacity of the negro to hold an independent position. As long as he is influenced by contact with the white man, as in the southern portion of the United States, he gets on very well. But place him free from all such influence, as in Hayti, and he shows no signs of improvement; on the contrary, he is gradually retrograding to the African tribal customs [...] I now agree with those who deny that the negro could ever originate a civilisation (sic.), and that with the best of educations he remains an inferior type of man. He has as yet show himself totally unfitted for self-government, and incapable as a people to make any progress whatever [...] It is pitiable to read their history and see how they are almost ever swayed by the meanest impulses of personal interest and ambition, and how seldom they act from patriotic motives.*<sup>110</sup> (SPENSER, 1889, p. 134-135)

Como pode ser constatado nas citações anteriores, os dirigentes haitianos são, com raríssimas exceções, retratados como corruptos, ignorantes, estúpidos, desqualificados, limitados e incapazes de agir por outros impulsos que não sejam o interesse pessoal e a sede de poder. Os únicos para quem Spenser reserva alguma dignidade são Toussaint e Geffrard. Para Spenser (1889, p. 136) “*Politically speaking, the Haytians are a hopeless people*”.<sup>111</sup>

A noção de civilização defendida por Spenser, bem como todo seu discurso, está assentada sobre pressupostos históricos, políticos, raciais, territoriais e culturais eurocentristas em que o Haiti/haitiano figura como uma completa impossibilidade, sobretudo se levarmos em conta que sua história política constitui, em uma perspectiva anti-haitianista, um marco da subversão da ordem e da negação desse modelo civilizatório defendido pelo autor. Mas os ataques de Spenser não se restringem à política. Se sob esse olhar o Estado haitiano é considerado decadente e seu povo incapaz de se autogovernar, no plano cultural, espaço marcado pela manifestação das heranças afroamericanas, dentre as quais se destacam sua língua e sua religião, o vodu, há, segundo Spenser, uma regressão que os aproxima da “condição de uma tribo Africana” (SPENSER, 1889, p. 20), com toda carga

---

<sup>110</sup> “Eu acredito na capacidade do negro para ocupar uma posição independente. Enquanto ele é influenciado pelo contato com o homem branco, como na porção sul dos Estados Unidos, ele vai muito bem. Mas coloque-o livre de tal influência, como no Haiti, e ele não mostrará sinais de desenvolvimento; pelo contrário, retroagirá gradualmente aos costumes tribais africanos [...] Eu agora concordo com aqueles que negam que o negro poderia originar uma civilização (sic.) e que mesmo com a melhor educação ele permanece um tipo de homem inferior. Ele tem se mostrado totalmente inabilitado para o autogoverno e incapaz, como povo, para fazer qualquer progresso que seja [...] é lamentável ler sua história e ver como eles são quase sempre influenciados pelos mais vis impulsos de interesse pessoal e ambição, e como raramente eles agem por motivos patrióticos.” (Tradução nossa)

<sup>111</sup> “Politicamente falando, os haitianos são um povo sem esperança.” (Tradução nossa)

racista e pejorativa que essa afirmação comporta. Afinal, para Spenser, assim como para os colonialistas que o precederam, o continente africano era considerado como sendo, não mais que “[...] uma toca de selvagens, uma região infestada de superstições e fanatismo, fadada ao desprezo, atingida pela maldição de Deus, terra de antropófagos, terra de negros” (FANON, 1968, p. 176).

Suas considerações em torno das práticas do vodu – que incluem, segundo suas considerações, o canibalismo – constituem o espaço no qual seu discurso se exaspera. O autor afirma – assim como fizera a respeito da incontinência e do etilismo, retratando uma sociedade promíscua e intoxicada pelo álcool – que sua prática era generalizada e “[...] *almost every Haytian of the lower orders* [e parte de suas elites] *is more or less connected with one or other of the Vaudoux sects.*”<sup>112</sup> (SPENSER, 1889, p. 190). O tema também parece ser espinhoso e Spenser (1889, p. 187) deixa isso evidente quando afirma que “*There is no subject of which it is more difficult to treat than Vaudoux-worship and the cannibalism which too often accompanies its rites.*”<sup>113</sup> Certamente essa dificuldade advém das pesadas críticas à primeira edição, de tal sorte que levaram o autor a reescrever algumas partes dessa segunda edição, em especial dos capítulos 5. *Vaudoux-Worship and Cannibalism* e 6. *Cannibalism*, reservados ao tema.

O vodu é considerado pelo autor o símbolo maior da barbárie e da ignorância atribuída ao povo haitiano, sendo apresentado como uma seita de canibais, entranhada em toda a sociedade haitiana, que, juntamente a outras causas, inerentes à raça, “[...] *prove that Hayti is, of all the Republics in America, the most backward and the most pernicious in every point of view*”<sup>114</sup> (SPENSER, 1889, p. 226). Seus templos são descritos pelo autor como locais restritos e obscuros, reservados às orgias, aos sacrifícios e ao consumo de carne humana. Spenser arrola uma série de testemunhos e reportagens, de origem sempre duvidosa, que buscam consubstanciar seus relatos, querendo induzir o leitor a depreender que essas práticas são parte do cotidiano de todos os haitianos. Em algumas passagens o autor chega a relatar casos de comércio de carne humana em feiras e mercados. Nesses casos, de

---

<sup>112</sup> “[...] quase todos os haitianos das classes baixas são mais ou menos conectados com uma ou outra das seitas do vodu”. (Tradução nossa)

<sup>113</sup> “Não há assunto do qual seja mais difícil tratar que a adoração ao vodu e o canibalismo que sempre acompanha seus ritos.” (Tradução nossa)

<sup>114</sup> “provam que o Haiti é, de todas as repúblicas na América, a mais atrasada e a mais perniciosa, em todos os pontos de vista”. (Tradução nossa)

acordo com o autor, o canibalismo seria praticado não com fins religiosos, mas, o que seria ainda mais condenável e injustificável, com vistas à alimentação.

Certamente a intenção dos relatos do “consumo profano”, se é que pode ser assim entendido, consiste em reforçar a ideia de que há, para além dos motivos “sagrados” – que poderiam, porventura, amenizar o impacto de tais práticas – uma barbárie atávica e, portanto, inextirpável. Segundo Spenser (1889, p. 241) “[...] *there is another phase cannibalism as practiced for the sake of the food which the slaughtering of human beings affords*”.<sup>115</sup> Na página seguinte há um relato atribuído à viúva de um missionário, sobre a qual não há maiores detalhes, que teria estado no norte do Haiti por volta de 1868 e que afirmara que os sacrifícios humanos eram tão constantes que a carne humana era vendida abertamente no comércio local (SPENSER, 1889, p. 242). Porém, o ponto alto de suas análises acerca do vodu e do canibalismo advém de sua afirmação de que essas práticas estavam a tal ponto disseminadas que acabavam comprometendo, inclusive, o rápido crescimento da população. A esse respeito Spenser (1889) comenta:

*The deaths of children in Hayti are so numerous that it is impossible for the population to increase rapidly; the revelations made in these and other trials lead to the supposition that the population is being eaten down by this society of children poisoners, which is scattered through every district of the republic.*<sup>116</sup> (SPENSER, 1889, p. 245)

O apelo sensacionalista e propagandístico da obra torna possível compreender a polêmica que a cerca, bem como as críticas recebidas e, embora tente, Spenser não consegue dissimular esse caráter detrator, que acaba constituindo o verdadeiro sentido de seu trabalho. As justificativas apresentadas pelo autor na introdução da segunda edição – de que nos valemos – e ao longo da obra o denunciam. Mas Spenser parece se dar conta desse caráter panfletário, sentindo, por conseguinte, a necessidade de negá-lo. É o que fica evidente, por exemplo, quando o autor relata que durante uma estada em Cabo Haitiano, na primavera de 1886, após a publicação da primeira edição, em 1884, encontrou-se com alguns senhores

---

<sup>115</sup> “Há outra fase do canibalismo praticada por causa da comida que o abate humano proporciona.” (Tradução nossa)

<sup>116</sup> “As mortes de crianças no Haiti são tão numerosas que é impossível para a população aumentar rapidamente; as revelações feitas nesses e em outros ensaios levam à suposição que a população está sendo comida pela sociedade de envenenadores de crianças, que estão espalhados por todos os distritos da república.” (Tradução nossa)

dominicanos que falaram bastante sobre a existência do canibalismo e insistiram que sua existência não era, como os haitianos afirmavam, coisa da mente de escritores desejosos de publicar suas histórias sensacionalistas. (SPENSER, 1889, p. 203). Em outro momento Spenser (1889, p. 254) assinala “*How few of those who have written about Hayti have dared to touch this subject at all! One reason is, that people are so little interested in that country that books fall flat unless they amuse their readers by caricatures of the people.*”<sup>117</sup> Parece claro, todavia, que, apesar do pouco interesse das pessoas pelo tema, a obra de Spenser tenha se tornado, não por acaso, uma sensação e uma referência.

A obra repercutiu tanto interna quanto externamente, tornando-se uma espécie de compêndio anti-haitianista. Spenser se apropria da história e da cultura do povo haitiano e constrói uma fantasmagoria dos mesmos. Os haitianos que emergem das páginas de *Hayti or the Black Republic* não são apenas violentos, corruptos e incapazes. São os mais violentos, os mais corruptos e os mais incapazes se comparados com quaisquer outros povos. Se Spenser não figura como criador dessas representações, inscritas na longa duração, pode ser considerado, certamente, como aquele que estabeleceu, de maneira definitiva, esta tradição literária que Pattee (2008, p. 146-147) classificou de grotesca ou escandalosa. Por meio dela os estigmas anti-haitianistas, que em um primeiro momento estiveram restritos aos contornos da pequena Espanha, ganhariam o mundo, disseminando uma visão negativa e depreciativa do Estado e do povo haitiano. Em Spenser a história dá lugar ao racismo e à xenofobia.

Jacques Nicolas Léger seria a voz que se levantaria de maneira mais veemente e contundente contra Spenser, sobretudo por meio da publicação, em 1907, de outra obra que, apesar de menos conhecida, também acabaria se tornando referência para os estudos que se voltam para a temática. *Haiti, her history and her detractors*, foi concebida para ser – como o próprio título sugere – uma resposta aos detratores do Haiti, dentre os quais Spenser, que se destaca ao ser referenciado por diversas vezes ao longo do texto. Vejamos como Léger, no afã de estabelecer o contraponto ao discurso spenseriano, acaba dando mostras de sua alienação sociocultural, justificando a tese de Casimir (2008, p. 819) de que a distância entre as massas e as elites haitianas “[...] *no permite traducir en práctica política*

---

<sup>117</sup> “Como poucos daqueles que escrevem sobre o Haiti têm se atrevido a tocar nesse assunto em tudo! Uma razão é que as pessoas estão pouco interessadas nesse país em que os livros fracassam, a não ser que eles divirtam seus leitores com caricaturas do povo.” (Tradução nossa)

*una concepción cualquiera del bien común*”, tornando impossível formular um “contrato social” capaz de superar suas irreconciliáveis diferenças.

## 2.2. Jacques Nicolas Léger: *O Haiti, sua história e seus detratores*

O haitiano Jacques Nicolas Léger (1859-1918), um notório representante da elite haitiana, foi, tal como Spenser, um diplomata a serviço do seu país, que certamente entrou para a posteridade como um dos primeiros, se não o primeiro, a se levantar ostensivamente contra aqueles que ele chamou de detratores do povo – ou das elites, nesse caso – haitiano. Léger publicou, em 1907, quando vivia em Washington, no Estados Unidos, como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Haiti naquela cidade, *Haiti her history and her detractors*, que se tornou um dos mais contundentes protestos de um haitiano contra os discursos e as representações anti-haitianistas produzidas e disseminadas por homens que, segundo ele, sedentos por notoriedade, não exitavam em publicar o que quer que fosse. Segundo Léger (1907, p. 282-283) “*The truth is of very little account to a certain class of travelers. Provided that their sensational books be sold, what matter to them that they outrage the honor and the dignity of a whole nation!*”<sup>118</sup>

O livro possui trezentas e setenta e duas páginas e está dividido em duas partes: a primeira, denominada *History of Haiti*, composta de vinte e quatro capítulos, e a segunda, *Calumnies and their refutation*, de outros seis. Na primeira parte do livro Léger se dedica, a seu modo, à uma enfadonha e faustosa narrativa da história do Haiti, de Colombo até a presidência de Tiresias Simon-Sam (1896-1902). Na segunda parte, a que está diretamente relacionada ao nosso trabalho, o autor trata das condições naturais do país, de sua organização geral e das maneiras e costumes do povo, aproveitado a oportunidade, segundo ele, “[...] *to refute most current calumnies, of which Haiti has of late had a full share*” (LÉGER, 1907, p. 14). Apesar de não afirmar literalmente, o livro constitui, em grande parte, uma resposta a *Hayti or the Black Republic*, de Spenser, e foi pensado e escrito

---

<sup>118</sup> “A verdade importa pouco para certa classe de viajantes. Desde que seus livros sensacionalistas sejam vendidos, o que importa a eles a indignação, a honra e a dignidade de toda uma nação!” (Tradução nossa)

buscando atingir um público externo, sobretudo os cidadãos estadunidenses, como se constata já no primeiro parágrafo da obra, quando Léger (1907) assegura que

*Although at a comparatively short distance from the United States, Haiti is nevertheless very little known in this country, where in most cases books written in English by unscrupulous travelers or authors are their only source of information. In this manner errors and prejudices became rooted in the minds of many Americans, who believe that my fellow-countrymen are addicted to all kinds of gross superstitions and are reverting to barbarism instead of progressing in civilization. This rather severe arraignment of my fellow-countrymen is founded upon slanders which everybody repeats without taking the trouble of examining facts in order to ascertain the truth.*<sup>119</sup> (LÉGER, 1907, p. 13)

A preocupação evidenciada pelo autor nos permite inferir, dentre outras coisas, a repercussão causada por *Hayti or the Black Republic* nos Estados Unidos, mesmo após mais de duas décadas de sua publicação e, também, sua aceitação junto ao público leitor, reforçando a afirmação de Hunter Wallace (2014, n. p.), no tópico anterior, de que “*The Black Republic was a commercial success*”.<sup>120</sup> Assim Léger concebe sua obra voltado para os Estados Unidos e não para o Haiti. De acordo com o autor (1907, p. 14) o livro foi escrito em inglês, já que sua intenção era possibilitar, sobretudo aos estadunidenses, os meios para formarem uma opinião imparcial sobre o Haiti. A pretensa imparcialidade de Léger, portanto, não vai além da introdução. O livro, tal qual *Hayti or the Black Republic*, de Spenser, notabiliza-se por seu caráter sensacionalista e propagandístico, por meio do qual Haiti é apresentado sob uma perspectiva oposta, sobremaneira positiva e benevolente, e, todavia, igualmente enganadora. *Haiti her history and her detractors* surge como o contraponto do discurso de Spenser. É o contradiscurso. Spenser e Léger colocam-se em dois extremos, seus discursos polarizam-se, sendo raros os momentos em que se aproximam. Ocorre que tanto em uma perspectiva, quanto em outra, o haitiano segue estereotipado.

---

<sup>119</sup> “Embora a uma distância relativamente curta dos Estados Unidos, o Haiti é, no entanto, muito pouco conhecido naquele país, onde, na maioria dos casos, livros escritos em inglês por viajantes ou autores sem escrúpulos são sua única fonte de informação. Deste modo, erros e preconceitos tornaram-se enraizados nas mentes de muitos americanos, que acreditam que os meus compatriotas são viciados em todos os tipos de superstições grosseiras e estão revertendo à barbárie em vez de progredir na civilização. Este grave denúncia de meus compatriotas é fundada nas calúnias que todos repetem sem se dar ao trabalho de examinar os fatos para averiguar a verdade.” (Tradução nossa)

<sup>120</sup> “A República Negra foi um sucesso comercial.” (Tradução nossa)

Spenser é referenciado por Léger (1907) como o principal dos detratores do povo haitiano e *Haiti or The Black Republic* como um “libelo contra o Haiti” (LÉGER, 1907, p. 302). Um dos prováveis motivos para tal comportamento, segundo Léger, residiria no fato de os haitianos não terem se curvado diante do governo britânico em suas diversas investidas realizadas durante a Revolução. Assim, para Léger (1907, p. 302) “[...] *there are up to the present time Englishmen who cannot forgive the Haitians for having kept for themselves an island which, in their opinion, ought to be numbered among the British possessions*”.<sup>121</sup> Em uma nota de rodapé Léger faz menção ao autor ao afirmar que um daqueles ingleses é Sir Spenser, e, na sequência, ao livro *Haiti or The Black Republic*, qualificando-o como um livro que “[...] *is quite a bill of indictment against Haiti*”. Em outro momento, reforçando a centralidade da obra em questão em seu trabalho, Léger (1907, p. 347-348) assevera que “*St. John, whose book seem to be universally accepted as a truthful account of the country, has related the most extraordinary tales upon no better foundation than hearsay.*”<sup>122</sup>

Nessa perspectiva, a revolução haitiana também é apresentada por Léger como um ponto crucial para se entender a reprodução dos discursos detratores ou anti-haitianistas, dirigidos aos seus concidadãos, pois foi a partir da derrota – e da vergonha – infligida pelos haitianos contra as metrópoles coloniais, dentre as quais a Inglaterra, de Spenser, que os discursos detratores se disseminaram e ganharam força. Léger busca desconstruir a ideia corrente da excessiva violência e selvageria atribuída aos haitianos. A esse respeito Léger (1907, p. 293) atesta, não sem razão, que “*The war of independence [...] was a war of extermination. Both parties killed, burned, and destroyed all that stood in their way.*”<sup>123</sup> A centralidade desse evento na reprodução dos discursos detratores fica clara quando Léger (1907, p. 300-301) assevera que:

*By rising up against their masters and in revealing themselves on the battlefields their equals in courage, the slaves of Saint-Domingue had committed what was to the minds of the partisans of slavery an unpardonable crime, rendered all the more monstrous as the Haitians,*

---

<sup>121</sup> “[...] há atualmente ingleses que não podem perdoar os haitianos por terem mantido consigo uma ilha que, em sua opinião, deveria ser contada entre as possessões britânicas.” (Tradução nossa)

<sup>122</sup> “St. John, cujo livro parece ser universalmente aceito como um relato fiel do país, relacionou os mais extraordinários contos, não melhores fundados que boatos.” (Tradução nossa)

<sup>123</sup> “A guerra de independência [...] foi uma guerra de extermínio. Ambas as partes mataram, queimaram, e destruíram tudo o que estava em seu caminho.” (Tradução nossa)

*after having dispossessed the whites of their property and becoming in their turn masters of the country [...] Such an example was considered highly dangerous. [...] In this way began the slanders against the Haitians, the ridicule and distortion of all facts concerning them succeeding so well as to provoke the greatest aversion at the mere mention of their name.*<sup>124</sup>

Após a Revolução, o Haiti/haitiano passa a ser um “exemplo altamente perigoso”, uma ameaça a um mundo que ainda era, aquela altura, quase que completamente dependente da mão de obra escrava. A escravidão é para Léger (1907, p. 303) “[...] unquestionably the principal cause of the ill will of the American people toward Haiti”.<sup>125</sup> A revolução coloca esse modelo em questão, tanto intrínseco quanto extrinsecamente, desestruturando-o, ou contribuindo significativamente para sua derrocada. Em função da afronta, materializada na Revolução, conforme Léger (302-303), países como Inglaterra, França e Espanha, que tinham interesse na manutenção da escravidão, passam a hostilizar seu país e seu povo, disseminando o haitianismo por todo o mundo colonial. O temor de que outros levantes de escravos acontecessem, dão lugar, segundo o autor (1907, p. 301), a representações exageradas e deturpadas dos fatos, que, repassados de geração em geração, acabam contribuindo para a disseminação de uma “má reputação”, injustamente adquirida, conforme considerações do autor. Dessa forma Léger (1907, p. 301), considera que:

*The bad reputation she thus unjustly acquired was transmitted from generation to generation; legendary stories, some of them of the most atrocious character, were thus diffused and are still in circulation [...] Little by little, therefore, it has become the habit to represent Haiti as the home of all evil and where right and virtue are the exception rather than the rule.*<sup>126</sup> (LÉGER, 1907, p. 301)

---

<sup>124</sup> “Por se levantarem contra seus mestres e se revelarem iguais a eles em coragem nos campos de batalha de Saint-Domingue, cometeram aquilo que para os partidários da escravidão era um crime imperdoável, apresentando como ainda mais monstruosos os haitianos depois de eles terem desapossado os brancos de suas propriedades, tornando-se, por sua vez, mestres do país [...] Tal exemplo foi considerado altamente perigoso [...] Dessa forma iniciaram as calúnias contra os haitianos; a ridicularização e a distorção de todos os fatos relativos a eles, contribuem, então, para provocar uma grande aversão à mera menção de seu nome.” (Tradução nossa)

<sup>125</sup> “[...] inquestionavelmente a principal causa da má vontade dos Estadunidenses para com o Haiti.” (Tradução nossa)

<sup>126</sup> “A má reputação, injustamente adquirida, foi transmitida de geração em geração; histórias lendárias, algumas das quais com o caráter mais atroz, foram difundidas e ainda estão em circulação [...] Pouco a pouco, portanto, tornou-se hábito representar o Haiti como a casa de todos os males, onde direitos e virtudes são a excessão e não a regra.” (Tradução nossa)

A empreitada de Léger consiste, portanto, em linhas gerais, em tentar desconstruir essas representações e esses discursos, sobretudo os de Spenser, que constituem, de acordo com Wallace (2004) e Pattee (2008), um marco e uma referência dessa tradição anti-haitianista e, logo, de uma longa e ruidosa tradição de identidade haitiana. Um dos principais problemas da obra consiste na notória distância existente entre o autor e aquilo que Spenser chamou de “*lower classes*” haitianas. O Haiti de Léger é um país idealizado, certamente tão ou mais distante da realidade da grande maioria do povo quanto aquele presente nas representações de Spenser ou de outros detratores. No afã de proceder, de forma pretensamente imparcial, a defesa de seu país, Léger acaba incorrendo, como fez Spenser, no exagero e na generalização, como, por exemplo, quando aborda temas referentes à organização financeira, educacional e judiciária do país. A condescendência de Léger o torna tão vulnerável quanto aqueles contra quem ele se levanta, depondo contra seu propósito inicial.

No Haiti desenhado por Léger ao longo do capítulo II da segunda parte de sua obra, os jovens haitianos oriundos de famílias mais abastadas são enviados para França ou a Alemanha, ainda que com grandes sacrifícios, conforme o autor, a fim de que possam completar sua educação. Os haitianos de Léger são apaixonados por viagens e suas casas são confortáveis, bem mobiliadas, e homens e mulheres se vestem igualmente bem, dando-se ao luxo, quando seus recursos permitem, de encomendar suas roupas de Paris (LÉGER, 1907, p. 283-284). Se Spenser nivela por baixo, buscando tornar ostensivas determinadas atitudes e comportamentos desviantes, dando ensejo a uma análise notadamente negativa e prejudicial ao Estado e ao povo haitiano, Léger, por seu turno, busca nivelar para cima, visto fantasiar ou atenuar excessivamente determinadas questões.

Acerca da incontinência, do etilismo e da falta de limpeza ou asseio descritos por Spenser, Léger afirma primeiramente que “*One of the characteristic features of the Haitian woman is her strong sense of duty*”, e conclui afirmando que “*Few Haitian women there are who understand otherwise their duty as wife and mother.*”<sup>127</sup> (LÉGER, 1907, p. 284-285). No que diz respeito ao etilismo, apontado por Spenser como uma das causas da decadência do povo haitiano, Léger (1907, p. 286) garante que “*Alcoholism is unknown among the country people, who will however, readily their thirst with*

---

<sup>127</sup> “Um dos traços mais característicos da mulher haitiana é seu forte senso de dever.” [...] “Poucas são as mulheres haitianas que entendem de outra forma seus deveres de esposa e mãe.” (Tradução nossa)

*a drink of tafia or rum; but this is never carried to excess.*”<sup>128</sup> Em relação à suposta falta de limpeza e asseio corporal, o autor afiança que seu povo possui excelentes hábitos de higiene e alimentação e que “[...] *it is a well-known fact that a laborer or a peasant never goes to bed without taking a bath [...] One must not judge them by their appearance when at work.*”<sup>129</sup> (LÉGER, 1907, p. 287). O autor faz referência ainda, em outra passagem, às representações que buscam retratar o Haiti como um país em que a falta de condições sanitárias constitui uma ameaça aos estrangeiros, tema que ainda hoje é muito recorrente. Segundo ele as condições internas são, em muitos casos, melhores que em muitos outros países, mas esses dados são deturpados, o que cria a ideia de que o Haiti é sede de todos os tipos de doenças. Léger (1907) afirma, ainda, que:

*The sanitary condition of Haiti is very unlike that which it is represented to be abroad; it is in reality better than in many countries. [...] Yet newspapers in the United States have often undertaken to pervert public opinion against Haiti by representing it as the seat of all kinds of diseases [...] These declamations have had a bad effect on the minds of those who, knowing nothing about Haiti, are led to believe that her sanitary condition is a great danger.*<sup>130</sup> (LÉGER, 1907, p. 275-276)

Em referência à indolência e à preguiça atribuídas aos haitianos, outro aspecto apontado por Spenser, que coloca o povo haitiano como o principal problema do Haiti, Léger (1907, p. 287) afirma, por um lado, que esses detratores ou não conhecem, ou não se deram ao trabalho de observar os costumes dos camponeses haitianos, apressando-se em generalizar algum caso isolado que tenham, porventura, presenciado, e, por outro lado, que o fato de o solo haitiano ser inesgotavelmente fértil acaba influenciando nos costumes do povo, dispensando grandes esforços para produzir o suficiente para seu sustento. O autor contra-argumenta, ainda, apresentando uma série de números – que segundo ele foram propositalmente omitidos por seus detratores – que evidenciam um crescimento na produção de

---

<sup>128</sup> “O alcoolismo é desconhecido entre as pessoas do campo, que irão porém, prontamente saciar sua sede com um copo de táfia ou rum; mas isso nunca é levado ao excesso.” (Tradução nossa)

<sup>129</sup> “[...] É um fato bem conhecido o de que um operário ou um camponês nunca vai para a cama sem tomar um banho [...] Não se deve julgá-los por sua aparência quando estão trabalhando. (Tradução nossa)

<sup>130</sup> “As condições sanitárias do Haiti são muito diferentes daquelas representadas no estrangeiro; na realidade são melhores que as de muitos países [...] No entanto jornais nos Estados Unidos têm tentado influenciar a opinião pública contra o Haiti, representando-o como a sede de todos os tipos de doenças [...] Esse discurso tem tido um efeito perverso nas mentes daqueles que, não sabendo nada sobre o Haiti, são levados a acreditar que suas condições sanitárias são um grande perigo.” (Tradução nossa)

diversos produtos – como por exemplo, o açúcar, o café, o algodão e o cacau –, em relação ao período marcado pela dominação francesa, ao considerar que “[...] *some of them have not only equalled but have considerably exceeded the yield of the most prosperous period of the French domination*”<sup>131</sup> (LÉGER, 1907, p. 294).

Apesar de dedicar atenção a essas questões – que mesmo não sendo determinantes, acabam contribuindo para tornar o público mais suscetível a aceitar outras mais relevantes –, a atenção de Léger estará voltada, sobretudo, à refutação das detrações relacionadas à questão da incapacidade de o haitiano se autogovernar e da barbárie que lhe é atribuída em função da prática disseminada e contumaz, segundo Spenser, do vodú e do canibalismo. Se essas questões foram centrais na obra de Spenser, também o foram aqui, pois é a partir de *Hayti or the Black Republic* que *Haiti her history and her detractors* ganha sentido.

A incapacidade para o autogoverno atribuída aos haitianos está relacionada, na defesa de Léger, a uma série de aspectos sociopolíticos e econômicos, que vão desde as acusações de corrupção generalizada de seus políticos, até a estagnação econômica ressaltada no período pós-independência. Uma das estratégias adotadas por Léger, bastante evidenciada na segunda parte da obra, consiste em estabelecer uma análise comparativa da história haitiana com as histórias dos países de onde, supostamente, partem as detrações. Sua argumentação busca convencer o leitor, em linhas gerais, que todas essas nações (França, Espanha, Inglaterra e Alemanha) também passaram por desajustes sociopolíticos e econômicos ao longo de sua história e que o Haiti não seria, portanto, uma exceção à regra.<sup>132</sup> Assim, o Haiti, na perspectiva defendida pelo autor, que também estava em consonância com as teorias sociológicas da época, estaria “apenas” em um estágio menos “desenvolvido” do que os países que lhe detravam. Essa autoatribuída imaturidade política fica evidente quando Léger (1907) assegura que:

*The haitians would indeed be extraordinary beings if their civilization, which dates back only one hundred years, could equal that of Europe for instance. Before passing judgment on them by peremptorily*

---

<sup>131</sup> “[...] alguns deles não apenas se igualam, mas excedem, consideravelmente, à produção dos mais prósperos períodos da dominação francesa.” (Tradução nossa)

<sup>132</sup> Para Léger (1907, p. 332) “*She is not exception to rule.*”. Mais à frente, este autor assinala que (1907, p. 338) “*Haiti is no exception to the general rule.*” Por último, Léger (1907, p. 369) diz o seguinte: “*Haiti is not exception to this rule.*”

*declaring that they are incapable of governing themselves, one must remember the condition of their coming into existence as a nation and their extraction, and compare this with the length of time which France, Great Britain, and Germany have taken to arrive at their present state of civilization.*<sup>133</sup> (LÉGER, 1907, p. 305)<sup>134</sup>

No intento de desconstruir outra ideia muito difundida pelos detratores haitianos, e que está diretamente ligada a sua suposta incapacidade para o autogoverno, no que diz respeito à corrupção, supostamente disseminada em todo corpo social, Léger argumenta que os detratores tomam o todo pela minoria, generalizando casos pontuais, o que, em parte, concordamos. Segundo Léger (1907, p. 342) “*The principal impression produced by many books on Haiti is that honest men are in the minority in the country and that the great majority of the Haitians, from the highest to the lowest classes, are corrupt.*”<sup>135</sup> Com a finalidade de conferir mais legitimidade a sua argumentação Léger prossegue, afirmando que graves escândalos também ocorrem na França, mas “[...] *nevertheless, no impartial minded person will infer this that the French people are corrupt [...] a whole nation cannot be made to suffer for the faults or the failings of a few of its citizens.*”<sup>136</sup> (LÉGER, 1907, p. 344). Ocorre que Spenser e outros detratores pensam as identidades haitianas – e as identidades afro e latino-americanas em geral – a partir de um referencial eurocêntrico normatizador, que faz com que da identidade do Outro se destaquem

---

<sup>133</sup> “Os haitianos deveriam ser seres extraordinários se sua civilização, que remonta apenas cem anos, pudesse se igualar aquela da Europa, por exemplo. Antes de passar ao julgamento, declarando peremptoriamente que eles são incapazes de se autogovernar, deve-se lembrar as condições de sua existência como nação e sua origem, e comparar com o período de tempo no qual França, Gran Bretanha, e Alemanha tem levado para chegar ao seu presente estado de civilização.” (Tradução nossa)

<sup>134</sup> Em outro trecho, validando essa ideia, Léger (1907, p. 339), lembra que “*The errors of others are allowed to sink into oblivion, but not so with those of Haiti, which meet with implacable and lasting severity. Her most insignificant deeds are purposely exaggerated and misrepresented, with the sole aim of creating the impression that she is incapable of governing herself.*”: “Os erros dos outros podem cair no esquecimento, mas não é assim com os erros do Haiti, que encontram uma implacável e duradoura austeridade. Seus mais insignificantes atos são propositalmente exagerados e distorcidos, com um só objetivo, o de criar a impressão que ela [a República do Haiti] é incapaz de se autogovernar.” (Tradução nossa)

<sup>135</sup> Spenser, como pudemos observar, fez uso indiscriminado deste expediente ao descrever o que chamou de sinais de decadência do povo haitiano. “A principal impressão produzida por muitos livros sobre o Haiti é que homens honestos são minoria no país e que a grande maioria dos haitianos, das classes altas e baixas, é corrupta.” (Tradução nossa)

<sup>136</sup> “[...] no entanto, nenhuma pessoa imparcial irá inferir disso que o povo francês é corrupto [...] Toda uma nação não pode pagar pelas faltas ou falhas de alguns de seus cidadãos.” (Tradução nossa)

apenas aspectos negativos e condenáveis. Daí as representações que tendem circunscrever todos os haitianos, ou a grande maioria deles, em um recorte notadamente negativo.<sup>137</sup>

Léger sabe muito bem que esta fora a principal estratégia utilizada pelos detratores do Haiti e, por fim, toma o caminho que lhe é peculiar e que acaba caracterizando a obra. Com a intenção de se contrapor a Spenser, no tocante à tendência ao exagero e à generalização e à normalização, Léger procura “dar a César o que é de César”, ou seja, procura minimizar e condenar as asserções de seus detratores - que, segundo ele, tendem à execração e à estigmatização coletiva -, tratando certas “tendências” como casos isolados. Nesse sentido Léger (1907) questiona:

*If a whole were to be declared criminal and corrupt because of the presence of a few criminals and unscrupulous men among its citizens, which of the nations of the world would enjoy the reputation of respectability? For amongst all nationalities, in every class of men assembled in society, there will be found good and bad men, and thieves and assassins in the midst of honest and honorable men. Let us them judge everyone according to his merits and refrain from the injustice of holding a whole country responsible for the shortcomings of a few of its citizens!*<sup>138</sup> (LÉGER, 1907, p. 346)

Outro tema bastante explorado pelos detratores haitianos, sobretudo por Spenser, e que, por conseguinte, merecerá a atenção de Léger, diz respeito ao vodu e ao canibalismo, que figuram, em sua perspectiva, como *superstitious practices*, que, segundo o autor, existem tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. A linha de persuasão de Léger não se altera, de modo a tender sempre ao exagero. O autor busca minimizar a presença do vodu entre os haitianos para, em um segundo momento, apresentá-lo sob uma nuance mais

---

<sup>137</sup> Nesse sentido, segundo Tadeu Tomaz Silva (2009, p. 83) “Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é ‘natural’, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade. [...] A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade.”

<sup>138</sup> “Se um todo for declarado criminoso e corrupto por causa da presença de uns poucos homens criminosos e inescrupulosos entre seus cidadãos, quais nações do mundo poderiam gozar de reputação e respeitabilidade? Entre todas as nacionalidades, em todas as classes de homens reunidos em sociedade, serão encontrados homens bons e maus, e ladrões e assassinos no meio de homens honestos e honoráveis. Vamos julgar cada um de acordo com seus méritos e nos abster da injustiça de responsabilizar todo o país pelas falhas de alguns poucos de seus cidadãos!” (Tradução nossa)

positiva como, por exemplo, ao enfatizar seu papel no movimento de independência, quando foi usado para unir e encorajar os escravos. Prosseguindo, Léger (1907, p. 270) afirma, também, que a grande maioria dos haitianos era católica: “*The great majority of the Haitians are Catholics*”. Apesar de não fazer nenhuma referência ao vodu, o autor reconhece, no entanto, que existem “outros credos”, protegidos pelos haitianos graças a sua tolerância religiosa e aos seus pontos de vista liberais. Segundo Léger (1907, p. 271) “*The privileged situation which the Catholic Church enjoys in Haiti does not prevent the Haitians from granting full protection to all other creeds.*”<sup>139</sup>

Em uma referência direta a Spenser, Léger (1907, p. 355) assevera que o “[...] *vaudou-cannibalism as described by St. John and other writers, does not exist in Haiti*”<sup>140</sup>, citando ainda que há uma diferença muito grande entre a realidade e a forma como ele é usualmente representado. Mas, não querendo, ou não podendo, negar uma realidade incontestável, Léger acaba reconhecendo o lugar do vodu na sociedade haitiana, afirmando, inclusive, o papel desempenhado pelo mesmo nos ideais revolucionários que conduziram o país a sua independência em 1804, pois, segundo ele “[...] *these semi-political and semi-religious tales raised the courage of the slaves*”<sup>141</sup> (LÉGER, 1907, p. 356). Um pouco a frente Léger afirma o caráter exagerado e sombrio do vodu, bem como os motivos de sua permanência, minimizando, no entanto, sua importância naqueles dias (1907), visto ser, segundo ele, uma prática restrita às montanhas do Haiti. Tal afirmativa torna-se plausível apenas se considerado o fato de que o Haiti caracteriza-se principalmente por seu relevo montanhoso e acidentado, do que é possível depreender que o vodu está, assim, por toda a parte. Consoante posicionamento de Léger (1907),

*In order to strike the masters with fear and to impair their resistance, the leaders who were preparing the great struggle for liberty did not scruple to spread all kinds of horrible stories and to exaggerate the influence and power of the vaudou cult. Legends were thus created; and as it is very difficult to uproot the legends of a people, especially*

---

<sup>139</sup> “A situação privilegiada que a Igreja Católica goza no Haiti não impede os haitianos de garantir total proteção a todos os outros credos.” (Tradução nossa). O autor acrescenta ainda, em outra passagem (LÉGER, 1907, p. 359), que não “há nenhum mistério impenetrável no Haiti. Suas montanhas e suas florestas podem ser atravessadas de um lado a outro com segurança pelos viajantes, nativos ou estrangeiros. Nos locais mais remotos são encontradas capelas, nas quais a religião católica é praticada. O cristianismo prevalece em todos os lugares; e se ainda houver alguns adeptos do que é chamado vodu, eles não são muito numerosos.”

<sup>140</sup> “[...] o vodu-canibalismo como descrito por St. John e outros escritores, não existe no Haiti”. (Tradução nossa)

<sup>141</sup> “[...] esses contos semi-políticos e semi-religiosos elevaram a coragem dos escravos”. (Tradução nossa)

*when based upon fear, those concerning vaudou are still in circulation. Traces of this institution can perhaps still be found in the mountains of Haiti; for, after having helped to accomplish heroic deeds, what is called vaudou could not be expected to disappear from one day to the other.*<sup>142</sup> (LÉGER, 1907, p. 357-358)

No que respeita ao canibalismo, supostamente praticado, ora como um rito sagrado, como parte das cerimônias do vodu, ora como um ato profano, empregado para satisfazer aos apetites antropofágicos dos haitianos, Léger (1907, p. 357-358) o nega de modo peremptório, afirmando, uma vez mais, que os detratores haitianos – que segundo ele têm um prazer especial em repetir, uma após a outra, sempre as mesmas calúnias e ficções acerca do Haiti e dos haitianos – exageram e generalizam casos isolados e pontuais, com o intuito de produzir a impressão de que os haitianos são canibais e a carne humana uma iguaria no país.

*Sympathy, or even mere impartiality, has seldom inspired those who have written about Haiti. On the contrary, they seem to take a especial pleasure in repeating one after other the same slanders and the same horrible fictions. In this manner they have almost succeeded in producing the impression abroad that the Haitians are cannibals and that human flesh is accounted a delicacy amongst them.*<sup>143</sup> (LÉGER, 1907, p. 357-358)

O autor busca desqualificar as acusações de canibalismo feitas por St. John e por outros autores traçando, inicialmente, um perfil benfazejo dos campesinos haitianos, afirmando, em seguida, que todas as suas “horíveis ficções” – dentre as quais aquela produzida por St. John – foram escritas, invariavelmente, a partir de testemunhos ou relatos de terceiros, não havendo um único caso em que o autor tenha presenciado sobre o que

---

<sup>142</sup> “Com vistas a atingir seus mestres com o medo e enfraquecer sua resistência, os líderes que prepararam a grande luta pela liberdade não hesitaram espalhar todos os tipos de histórias horríveis e exagerar a influência e o poder do culto do vodu. Lendas foram então criadas; e como é muito difícil extirpar as lendas do povo, especialmente quando baseadas no medo, aquelas que dizem respeito ao vodu permanecem em circulação. Traços desta instituição podem, quem sabe, ser encontradas nas montanhas do Haiti; pois, depois de ter ajudado a realizar feitos heróicos, não se pode esperar que aquilo que é chamado de vodu desapareça de um dia para o outro.” (Tradução nossa)

<sup>143</sup> “Simpatia, ou mesmo mera imparcialidade, raramente tem inspirado aqueles que escrevem sobre o Haiti. Pelo contrário, eles parecem ter um prazer especial em repetir, uma após a outra, as mesmas calúnias e as mesmas horíveis ficções. Dessa maneira, eles quase conseguiram produzir no exterior a impressão que os haitianos são canibais e que a carne humana é tida como uma iguaria entre eles.” (Tradução nossa)

descreveu. Segundo o autor haitiano, os detratores valeram-se ora do relato de um amigo, ora do testemunho de um padre francês e, em outros momentos, buscaram se afiançar nas publicações de “um jornal de Nova York”, não havendo nada mais concreto e digno de crédito. Segundo Léger (1907)

*Those who know the Haitian peasant and his kindly, confiding, and hospitable disposition will not hesitate to affirm that the charge of cannibalism brought him constitutes one of those calumnies which, by reason of their constant reiteration by foreigners interested in misrepresenting the country, have become so rooted in the minds of outsiders as to be difficult to eradicate. None those who contribute to propagate such a slander lay claim to having been an eye-witness of the horrifying scenes described in the many books concerning Haiti.*<sup>144</sup>  
(LÉGER, 1907, p. 347)

Prosseguindo em seu intento de desacreditar St. John e outros detratores do povo haitiano, Léger busca se valer dos discursos de alguns ilustres, publicados em jornais referenciados pelo autor. Segundo Léger (1907, p. 350), Mr. E. E Bassett, que havia vivido por mais de nove anos no Haiti, atuando como Ministro dos Estados Unidos no país, havia publicado um artigo no jornal *New York Sun* no qual afirmara, dentre outras coisas, o seguinte: “*I solemnly declare my [...] conviction that the whole story about cannibalism in Haiti is nothing more than a myth, which, like many other myths, has gained credence by persistent repetition*”<sup>145</sup> (BASSETT apud LÉGER, 1907, p. 350). Essa repetição se caracteriza como um dos aspectos mais eficazes na produção das identidades, pois em conformidade ao expresso por Silva (2009a, p. 94) “É de sua repetição e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato linguístico desse tipo tem no processo de produção da identidade.” Um pouco a frente Léger utiliza-se da declaração de um inglês, denominado A. S Haigh, que em publicação no jornal *The Tribune*, de Nassau, em fevereiro de 1904, teria afirmado

---

<sup>144</sup> “Aqueles que conhecem os campesinos haitianos e seu gentil, confiante, e hospitaleiro temperamento, não irá exitar em afirmar que a acusação de canibalismo contra ele constitui uma das calúnias que, por razão de sua constante reiteration por estrangeiros interessados em deturpar a imagem do país, tem se tornado tão enraizadas nas mentes das pessoas de fora, como difíceis de se erradicar. Ninguém que contribui para propagar tal calúnia afirma ter sido uma testemunha ocular das horríveis cenas descritas em muitos livros concernentes ao Haiti.” (Tradução nossa)

<sup>145</sup> “Eu declaro solenemente minha [...] convicção de que toda a história do canibalismo no Haiti não é mais do que um mito, que, como muitos outros mitos, tem ganhado crédito por sua persistente repetição.” (Tradução nossa)

*I have read Spenser St. John's book, 'Haiti or the Black Republic' and it was indeed surprising to me to find things in Haiti so very different from what he had written. [...] I do not hesitate to say that the books written about Haiti show up the very worst side, and that even is, in some cases, exaggerated [...] The glaring and preposterous accounts of belief and practises in witchcraft and obeah by the Haitian have been very much exaggerated by writers.<sup>146</sup> (HAIGH apud LÉGER, 1907, p. 354)*

Outro aspecto presente na obra de Léger – e que de certa maneira acaba sendo uma de suas principais características – é uma tendência recorrente de tentar vitimizar o haitiano em suas relações com o Outro. Semelhante ao que acontecera em *Hayti or the Black Republic*, mas num sentido oposto, os haitianos são apresentados sob um ponto de vista exageradamente complacente e benfazejo, e, certamente, tão ou mais enviesado. Por esse olhar os haitianos são apresentados como tipos pacíficos, ordeiros, amigáveis, civilizados, precavidos, avessos aos excessos e vícios e, sobretudo, honestos e capazes. Essa perspectiva, em certa medida vitimizadora, pode ser percebida explicitamente, por exemplo, quando Léger se queixa do abandono e da falta de apoio por parte de algumas forças estrangeiras (França, Inglaterra, Estados Unidos), mesmo naqueles momentos em que o país se viu afetado por catástrofes e calamidades naturais. Léger (1907), pondera:

*Haiti has, without exaggeration, never enjoyed either support, nor even the mere good will of the foreign Powers [...] Even when undeserved calamities have befallen her, Haiti has never received the sympathy or help of the other nations. Abandoned to her own resources she is, step by step, making steady progress up the ladder of civilization.<sup>147</sup> (LÉGER, 1907, p. 304)*

Mesmo criticando Spenser, Léger se vale dos mesmos expedientes para tentar tornar plausíveis seus argumentos. Ambos se caracterizam pelo

---

<sup>146</sup> “Eu li o livro de St. John Spenser, ‘Haiti ou a República Negra’, e foi realmente surpreendente para mim encontrar no Haiti coisas tão diferentes daquelas que ele escreveu [...] Eu não hesito dizer que os livros escritos sobre o Haiti apresentam o lado mais ruim, até mesmo exagerando, em alguns casos [...] Os flagrantes e absurdos relatos de crenças e práticas de bruxaria e obeah [cultos/práticas religiosas de origem africana] têm sido muito exagerados por escritores.” (Tradução nossa)

<sup>147</sup> “O Haiti, sem exagero, nunca gozou de tanto apoio, nem mesmo da mera boa vontade das potências estrangeiras [...] Mesmo quando imerecidas calamidades têm se abatido sobre ela [a República do Haiti], o Haiti não tem recebido a simpatia ou a ajuda de outras nações. Abandonado aos seus próprios recursos ela vai, passo a passo, fazendo firme progresso nos degraus da civilização.” (Tradução nossa)

exagero e pela generalização, ainda que seus objetivos sejam simetricamente opostos. Spenser, imbuído de seus ideais racistas e eurocêntricos, busca se afirmar a partir do estabelecimento e da exacerbação das diferenças, o que resulta na negação do Outro, no caso, do haitiano. Léger, por seu lado, procura desconstruir o discurso detratador de Spenser e de outros escritores a partir de um local de fala desconhecido pela grande maioria de seus concidadãos. Algumas vezes tem-se a impressão de que Léger está tão ou mais distante do Haiti do que Spenser. O Haiti retratado por Léger em *Haiti her history and her detractors* é o país de uma minoria de abastados que, incapazes de alterar as antigas estruturas coloniais, elaborando um projeto de nação pensado a partir de sua historicidade e capaz de açambarcar todas as suas matizes culturais e políticas, mantêm-se distantes e indiferentes da realidade da esmagadora maioria da população do país.

Léger busca construir um contradiscurso, e em alguma medida consegue. Ocorre que nessa tentativa, o autor acaba evidenciando, também, as fragilidades de sua retórica e a impossibilidade de escamotear determinados aspectos inalienáveis da política e da cultura haitianas. Nesse sentido talvez tenha fracassado, já que sua proposta inicial, de “[...] *to give the Americans the means of forming an impartial opinion on Haiti for themselves*”.<sup>148</sup> (LÉGER, 1907, p. 14), não foi alcançada, ao menos no que diz respeito à imparcialidade e à isenção pretendida. Mas, ainda que Léger não tenha sido capaz de alcançar plenamente seus intentos, sua obra constitui um marco dessa discursividade anti-haitiana. O referido autor se insurge, não só contra Spenser e seu *Hayti or the Black Republic*, mas contra um grupo de ‘autores estrangeiros’ que buscou, a todo tempo, retratar o Haiti e seu povo de uma forma notoriamente negativa e depreciativa, estabelecendo os contornos de uma tradição de identidade haitiana que, segundo nossas hipóteses, ainda repercute. Assim, Léger (1907) afirma que:

*Every country, even the most advanced and civilized, has certain peculiarities. Haiti is no exception to this rule; like others nations she has her peculiarities, but the one who describes this peculiarities alone in order to excite the ridicule of his readers is like a person who, after visiting a mansion, describes only a kitchen or the stables [...] For more than a century it has been the usual thing to ridicule Haiti [...] Nevertheless, she still exists and has proudly maintained her independence. But the foreign writers do not care to know these*

---

<sup>148</sup> “[...] dar aos estadunidenses os meios para formar uma opinião imparcial sobre o Hati.” (Tradução nossa)

*qualities [...] they have almost all made the caricature rather than the description of the Haitian people.*<sup>149</sup> (LÉGER, 1907, p. 369)

Ele publicou seu *Haiti her history and her detractors* em 1907, cerca de vinte e três anos após a publicação da primeira edição de *Hayti or the Black Republic*, de Spenser, e menos de uma década antes da ocupação estadunidense, que iniciada em 1915, estendeu-se até 1934. A obra desponta como um protesto e uma pretensa resposta aos detratores haitianos, em especial a Spenser, em virtude certamente da circulação e da receptividade de sua obra por parte de determinado público. Mas essa não é toda a história. Os discursos anti-haitianistas nunca foram simples recursos de retórica, que buscavam apenas achincalhar e escarnecer o povo haitiano para o deleite dos leitores estadunidenses ou europeus. Tais discursos, longe de serem apenas uma distração, constituíram-se como uma prática fomentada e instituída a partir de propósitos políticos e econômicos muito bem delineados. Ao que parece Léger conhecia esses desígnios e o alerta apresentado no final da obra talvez deixe entrever seu verdadeiro sentido. São suas palavras:

*In the United States people take all possible advantage of this slander. Does a politician desire to create the impression that it is necessary to assume a certain control on some of the American Republics on account of the probable opening of the Panama Canal, he at once resorts to the famous theme of Haiti's reverting to barbarism.*<sup>150</sup> (LÉGER, 1907, p. 370)

Parece ficar patente que, àquela altura, os planos de ocupação do Haiti pelos Estados Unidos já repercutiam e Léger, que à época ocupava o cargo de Ministro Plenipotenciário do Haiti em Washington, talvez buscasse dissuadir tanto políticos quanto à opinião pública estadunidense daquelas ideias que poderiam justificar tal atitude. Apesar de seu esforço, Léger, ao menos no que tange à ocupação, fracassou, pois ela foi efetivada em 28

---

<sup>149</sup> “Todo país, mesmo os mais avançados e civilizados, tem certas particularidades. O Haiti não é exceção a essa regra; como outras nações ele tem suas peculiaridades, mas aqueles que descrevem essas peculiaridades somente para excitar o ridículo de seus leitores são como uma pessoa que, depois de visitar uma mansão, descreve apenas a cozinha ou os estábulos [...] Por mais de um século isso tem sido uma coisa usual para ridicularizar o Haiti [...] Não obstante, o Haiti continua a existir e tem mantido orgulhosamente a sua independência. Mas os escritores estrangeiros não se importam em conhecer essas qualidades [...] quase todos eles têm feito uma caricatura, em vez de uma descrição do povo haitiano. (Tradução nossa)

<sup>150</sup> “Nos Estados Unidos as pessoas tiram todas as vantagens possíveis dessa calúnia. É um desejo político criar a impressão de que é necessário assumir certo controle de algumas das Repúblicas Americanas em função da provável abertura do Canal do Panamá, ele imediatamente recorre ao famoso tema do retrocesso do Haiti à barbárie.” (Tradução nossa)

de julho de 1915, sobre aquilo que o sociólogo haitiano Gérard Pierre-Charles (1990, p. 183) denominou de “pretexto do caos”. Foi no decorrer dessa agressão imperialista que emergiria um dos principais intelectuais haitianos de todos os tempos: Jean Price-Mars. Este se destaca na medida em que procura se distanciar e combater determinadas perspectivas e autores que, como Léger, viam nas raízes culturais africanas um sinal de decadência e barbárie do povo haitiano. Price-Mars irá se voltar para a África para pensar os fundamentos daquilo que classificou como haitianidade. Nesse sentido *Así habló el Tío* foi, conforme Despradel (2000, p. 8), “[...] un estudio que contribuyó a relanzar el nacionalismo haitiano”. Vejamos, então...

### **2.3. Así habló el tío: os fundamentos da haitianidade?**

A intervenção, que inicialmente fora combatida pelas milícias camponesas representadas pelos movimentos armados dos *Cacos*, liderados por Charlemagne Peralte, conheceu, sobretudo no período compreendido entre os últimos anos da década de 1920 e os primeiros anos da década de 1930, uma expressiva resistência dos círculos letrados e das classes populares haitianas. Dentre os intelectuais que estiveram à frente desse movimento de contestação e de afirmação da cultura, e por conseguinte, das identidades haitianas, destacou-se o médico de formação e literato por vocação Jean Price-Mars.

Price-Mars nascera em 1876, em um pequeno povoado ao norte do Haiti, chamado *Grande Rivière du Nord*, próximo a *Cap-Haitien*, uma das principais cidades haitianas, localizada no extremo norte do país. Dali mudou-se para Porto Príncipe, ainda jovem, onde, após concluir seus estudos intermediários no *Liceo Pétion*, em 1895, foi agraciado com uma bolsa para cursar medicina em Paris. Não seria antes de 1923, porém, que Price-Mars tornar-se-ia médico, face algumas contingências ligadas ao custeio de seu curso, pago com uma bolsa oferecida pelo governo haitiano. Mesmo antes de concluir sua formação acadêmica, porém, Price-Mars já se destacava como homem de Estado, atuando na diplomacia de seu país a partir do ano de 1903, representando-o em diversos países, dentre os quais a Alemanha, Estados Unidos e França, bem como às renomadas entidades internacionais, a exemplo, as Nações Unidas. No início da década de 1930, Price-Mars

arrisca-se na política, candidatando-se ao cargo máximo do país, sendo vencido, no entanto, por Stenio Vicent. Mesmo derrotado na corrida presidencial, Price-Mars elegeu-se senador, mas acabou destituído, no entanto, antes de concluir seu mandato, em 1932.

Foi nesse período de militância política e de intensa agitação social que nosso autor lançou uma de suas obras mais consagradas. Estruturado a partir de uma série de palestras e conferências proferidas por Price-Mars durante a intervenção, mais precisamente no período de 1920 a 1928, o livro logo ganhou projeção entre a intelectualidade haitiana e internacional.<sup>151</sup> *Así Habló el Tío* figura, dessa forma, como um grito de protesto, não só contra a intervenção estadunidense, em pleno curso àquelas alturas, mas também contra um conjunto difuso de manifestações anti-haitianistas, tanto externas, quanto internas.

Certamente o sucesso e a acolhida da obra por parte da juventude e da intelectualidade haitiana se devem ao fato de o livro figurar como uma das primeiras tentativas realmente lúcidas de análise da realidade haitiana, sobretudo de seus costumes e de sua cultura, que constituíam a matéria prima a partir da qual determinada prática discursiva, anti-haitianista, instala-se e se reproduz. Preocupavam-lhe a cultura; a questão racial/racista; a história, parcial ou negada; e as identidades haitianas. Price-Mars busca afirmar aquilo que para aqueles que outrora Léger intitulara detratores, constituíam as vulnerabilidades do povo haitiano: a ascendência e a cultura africana, profunda e inegavelmente presentes no cotidiano de seu povo, observáveis principalmente em suas manifestações sociais, religiosas e linguísticas. A obra ganha sentido a partir da observação – certamente privilegiada – do diplomata e do cosmopolita, que pôde se deslocar e prescrutar seu objeto a certa distância, de uma perspectiva diferenciada, que buscava compreender as relações que se estabelecem entre o haitiano e o(s) Outro(s), sobretudo os dominicanos.

Um campo privilegiado de análise, que marcou sobremaneira a obra de Price-Mars; e aqui não nos referimos apenas à obra ora analisada, diz respeito às

---

<sup>151</sup> René Depestre, um dos mais proeminentes poetas e literatos haitianos, afirma, no prólogo da primeira edição de *Así habló el Tío*, transcrito para a edição por nós utilizada, que “*El libro tuvo una enorme resonancia sobre las generaciones de intelectuales que entonces despuntaban, pues las invitaba a desembarazarse de ‘prejuicios que los ataban y los constreñían a las imitaciones triviales del extranjero’ [...] ‘Así habló el Tío’ fue recibido con entusiasmo como la mejor defensa y la mejor ilustración de la cultura nacional haitiana que hayan sido nunca antes intentadas por un intelectual del país. El libro llegaba en el momento en que los jóvenes haitianos que entonces tenían talento sentían, bajo la odiosa ocupación extranjera, la necesidad de romper definitivamente con la imitación estéril de las corrientes estéticas importadas de París [...] En ‘Así hablo el Tío’, Jean Price-Mars atropellando con fuerza los prejuicios y los tabús de la mediocre burguesía haitiana, osó descubrir Haití, el pueblo haitiano y su folklore, el vudú y su compleja mitología, con ojos nuevos e inteligentes.*” (DEPESTRE, 2000, p. 14-15).

relações haitiano-dominicanas, alicerçadas, em grande medida, sobre a negação recíproca e sobre o estabelecimento e a afirmação de certas diferenças, sobretudo de natureza histórica e cultural. Foi a partir dessa perspectiva que Price-Mars estabelecerá aquilo que chamou de bovarismo racial, caracterizado como uma suposta pretensão “[...] de *blancura racial que la dominicanidad ha manejado en su ideología para oponerlo como esencia a la haitianidad*” (DESPADREL, 2000, p. 17)<sup>152</sup>. O autor vai buscar na psicologia, na antropologia e em outros campos do conhecimento, como a história e a geografia, os recursos conceituais que lhe permitiriam caracterizar as antagônicas relações haitiano-dominicanas.

O livro possui pouco mais de duzentas e cinquenta páginas, divididas em oito capítulos<sup>153</sup>, nas quais o autor busca fugir do que poderíamos classificar, com certa ironia, de bovarismo haitiano, ou seja, da pretensão e da propensão, sobretudo das elites haitianas, de se imaginar e se comportar antes como franceses do que como haitianos. Price-Mars procura estabelecer os cânones identitários e culturais haitianos ao enfatizar e delinear aproximações com a cultura africana, ao mesmo tempo em que nega, desconsidera ou minimiza as influências francófonas. A afirmação de uma identidade fundada a partir dessas raízes – raciais, históricas e culturais – africanas constituía, também, uma crítica às identidades dominicanas, alicerçadas sobre ideais hispânicos ou indigenistas, mas nunca negros ou africanos, apesar de sua evidente ascendência.

A pureza perseguida por Price-Mars, que revestia os haitianos de uma espécie de “nobreza”, contrastava com a mescla defendida por parte dos intelectuais dominicanos para explicar suas origens e compor suas identidades. Rosa (2004, n. p.) afirma que é especialmente a partir do pensamento de Price-Mars que essa *noblesse haitiana* “[...] começa a demarcar a fronteira que separa o povo haitiano dos ‘outros’.”<sup>154</sup> Essa perspectiva

---

<sup>152</sup> A origem do termo, segundo o mesmo autor, provém de Emma Bovary, personagem central da novela *Madam Bovary*, do francês Gustave Flaubert. O termo também é utilizado pela psicologia para caracterizar certos desvios neuróticos em que os indivíduos se imaginam diferentes do que realmente são. Price-Mars foi pioneiro no que se refere ao emprego do termo no campo sociocultural. Para nosso autor o termo indica certa alienação cultural e intelectual que antecede/dificulta o estabelecimento de uma identidade cultural própria. A esse respeito Alberto Despradel (2000, p. 17) afirma “*El ‘bovarismo’ racial de los dominicanos, [...] cabalga en la historia en el memorial de agravios de las numerosas incursiones de las tropas haitianas a la parte española de la isla, pero se sustenta en las argumentaciones teóricas, de carácter antropológico, destinadas a separar por contraste las dos esencias que comparten la isla: la haitianidad e hispanidad.*”

<sup>153</sup> Capítulo I – O que é o Folklore?; II – As crenças populares; III – A África, suas raças e sua civilização; IV – As sociedades africanas e o mundo exterior; V – O animismo africano; VI – O sentimento religioso das massas haitianas; VII – O folklore e a literatura; e VIII – Conferência pronunciada na “primavera”.

<sup>154</sup> Ainda na concepção da autora (2004, p. 15) a “nação descolonizada que levou o nome de Haiti é concebida, [...] como a nação negra que mostrou possuir uma negritude nobre, capaz de enfrentar o poder colonial em

vai ao encontro, portanto, da afirmação de Despradel (2000, p. 8) de que Price-Mars relança o nacionalismo haitiano, logo, suas bases identitárias modernas, soberbamente negras, cabe ressaltar. O haitiano é nobre porque negro, porque descende dos nobres reinos africanos. Nesse sentido Price-Mars (2000, p. 256) indaga: *¿Pero qué puedo yo sentirme humillado de saber dónde vinieron, si llevo mi marca de nobleza humana en la frente como una estrella radiosa, y si en mi ascensión havia más luz me siento aligerado por la herida sagrada del ideal?*

Assim, Price-Mars volta-se para a África para pensar o Haiti, pois, segundo ele, dos aspectos mais perturbadores das crenças haitianas destaca-se, sempre “[...] *su vinculación con la mística africana*” (PRICE-MARS, 2000, p. 138). O autor penetra profundamente no continente negro para tentar reestabelecer as origens do povo haitiano e, por conseguinte, suas identidades, haja vista que afirmar tais influências significava, também, combater uma discursividade que há tempos servia como mote para o estabelecimento de certos ideais anti-haitianos, muito caros ao povo haitiano. Price-Mars se levanta contra essas práticas discursivas, asseverando que

*[...] aquellos que fueron durante cuatro siglos los artesanos de la servidumbre negra, en virtud de tener a su servicio la fuerza y la ciencia, han magnificado la aventura contando que los negros eran desechos de humanidad, sin historia, sin moral, sin religión, a los cuales había que infundir, no importa cómo, nuevos valores morales, una nueva investidura humana.* (PRICE-MARS, 2000, p. 21)

As origens dos discursos anti-haitianistas, na perspectiva adotada por Price-Mars, remontam, em concordância com a exposição realizada em nosso primeiro capítulo, aos primórdios da conquista e da colonização das Américas, o que reclamou, conforme visto, um grande afluxo de mão de obra de africanos escravizados para o continente, em substituição ou para complemento à escassa e inapropriada mão de obra indígena. A submissão física foi acompanhada – ou possibilitada – pela submissão cultural, obtida, dentre outros meios, pelo reiterado emprego de discursos que buscavam – e buscaram –

---

nome da liberdade, porque a essência própria da raça negra emergiu. Valores como superação, bravura, resistência, insubordinação e pureza são percebidos como atributos da raça que, por razões históricas, construíram o nacionalismo haitiano cuja peculiaridade está no fato de não poder ser definido apenas a partir das fronteiras internas da nação posto que [...] a história nacional foi condicionada pela semente de liberdade e insubordinação inscrita na raça negra desde a África e é deste continente que derivam as identidades religiosas, culturais e de cor [...] A *noblesse* haitiana está plenamente retratada na obra *Ainsi Parla L’Oncle*, de Jean Price-Mars.” (grifos da autora)

representar o negro africano, haitiano ou de onde quer que fosse, como desumano, bestial, supersticioso e bárbaro. Cabe alertar que essas representações não constituem uma prática exógena, dirigida aos haitianos pelos colonizadores ou interventores, pois esses discursos são apropriados e utilizados, também, pelas elites haitianas com vistas a estabelecer um distanciamento das massas, vistas quase sempre como caóticas e ameaçadoras. Price-Mars (2000) vai de encontro a essas discursividades, combatendo aquilo que poderíamos denominar de ideologia bovarista, pois, segundo ele

*[...] a medida que nos esforzábamos por creernos franceses “de color”, olvidábamos ser haitianos, es decir, hombres nacidos en condiciones históricas determinadas [...] la palabra negro [logo, haitiano] [...] adquiere un sentido peyorativo. En cuanto a la de “africano”, siempre ha sido, es el apóstrofe más humillante que pueda ser dirigido a un haitiano. (PRICE-MARS, 2000, p. 22-23)*

Afirmar tais influências significava, também, combater uma discursividade que há tempos servia como mote para o estabelecimento de certos ideais, em que o haitiano era retratado como um povo sem humanidade, sem história, sem moral e sem religião (PRICE-MARS, 2000, p. 21). Assim, Price-Mars leva a cabo uma espécie de cruzada haitianista, procurando reconstruir os elos culturais entre a África colonial e o Haiti moderno – que à época padecia sob o jugo imperialista estadunidense – por meio da ênfase e da valorização do *Folklore*, das crenças populares, da história, da literatura, da cosmogonia, da religião e do sentimento religioso das massas haitianas. E foi a essas pessoas, diga-se de passagem, que Price-Mars dedicou seu trabalho, afirmando que “*Es sobre ella a la que se aplica la investigación que perseguimos desde las primeras páginas de este libro.*” (PRICE-MARS, 2000, p. 144)

No que diz respeito à valorização do *Folklore*, Price-Mars tenta trazer a cultura popular para o centro do palco, o que permite que o povo salte de uma posição secundária e marginal dentro da história haitiana à condição de protagonistas, por meio do resgate e da valorização daquilo que denominou “*sabiduria popular*” (PRICE-MARS, 2000, p. 27), a qual era representada por uma série de tradições e costumes populares, como os contos, as lendas, o canto e a dança, dentre outros. Os dois primeiros ligados ao mágico e ao maravilhoso, duas características marcantes da cultura haitiana, sendo o canto e a dança também muito presentes no dia a dia dos haitianos, sobretudo em suas manifestações

religiosas e artísticas.<sup>155</sup> O autor destaca ainda a importância dessas práticas na preservação das tradições haitianas, transmitidas, especialmente, por meio da oralidade.

Ao adentrar o campo dessas tradições, Price-Mars aborda um dos principais aspectos da cultura haitiana, certamente, um dos que mais contribuíram para a reprodução dos discursos e dos ideais anti-haitianistas. Trata-se do *Voudou*, que é, certamente, a manifestação cultural que mais repercute e que causa maior estranhamento nas relações do haitiano com o Outro. Price-Mars esforça-se para desmistificar o vodu e suas práticas, procurando colocá-lo no mesmo panteão de outras religiões tradicionais, como o catolicismo e o budismo, por exemplo. A partir da colocação da questão *¿Qué és la religión?*, Price-Mars (2000, p. 58) busca estabelecer, através de uma análise comparativa, as aproximações e os distanciamentos entre o vodu e as “grandes religiões”. E conclui que ele se enquadra como uma religião e que seria um grande equívoco querer julgá-lo a partir de uma moral outra, como a cristã, por exemplo. Assim, para Price-Mars (2000) o vodu

*[...] es una religión, porque todos sus adeptos creen en la existencia de seres espirituales [...] porque el culto dedicado a sus dioses exige un cuerpo sacerdotal jerarquizado, una sociedad de fieles, templos, altares, ceremonias [...] porque, a través del cúmulo de leyendas y la corrupción de las fábulas, se puede entresacar una teología, un sistema de representación.* (PRICE-MARS, 2000, p. 58)

O autor, para confirmar suas assertivas e dar fôlego ao seu projeto de valorizar as raízes africanas na cultura haitiana – ao mesmo tempo que delimita os traços distintivos de suas identidades – vai, uma vez mais, aos recônditos do continente africano buscar as origens do vodu, atribuindo aos *dahomeys*, que segundo ele figurava na primeira linha dos povos da África, o papel de precursores e disseminadores das práticas ancestrais sobre as quais a religião haitiana estava assentada. O autor assinala ainda o papel desempenhado pela religião voduísta no conturbado processo de emancipação do povo haitiano; para tanto, evoca a emblemática passagem de *Bois Caimán*, destacando, também, o relevante papel desempenhado pelos dois principais líderes pré-revolucionários, Mackandal e Bouckman, ambos ativos praticantes do vodu.

---

<sup>155</sup> Acerca dessa propensão do haitiano para o canto e a dança Price-Mars (2000, p. 44) afirma que o povo haitiano poderia ser definido, muito justamente “[...] como um pueblo que canta y sufre, que padece y ríe, que baila y se resigna. ‘Del nacimiento a la muerte, la canción está asociada’ a toda su vida.”

Em sua defesa quanto ao vodu, Price-Mars minimiza o papel desempenhado pela magia, pela bruxaria e pelos polêmicos relatos de práticas antropofágicas no interior da religião. Acerca das duas primeiras, o autor afirma, com aparente tranquilidade, que “[...] *es raro encontrar una religión, incluso entre las más ricas en abstracción, cuyos comienzos no estén tejidos de taumaturgia y de magismo*” (PRICE-MARS, 2000, p. 62). Em outra passagem, ele afirma que se há certa confusão ou indistinção entre religião e bruxaria na prática do vodu, isso se dá por “[...] *un esfuerzo más que secular de civilización occidental*” (PRICE-MARS, 2000, p. 196). No tocante às acusações de antropofagia ou canibalismo – um dos pontos mais explorados pelos detratores haitianos, dentre os quais Spenser –, Price-Mars é mais enérgico e contundente, já que afirma, com certa ironia que a “*decir la verdad, nada conocemos de más bajamente estúpido que la leyenda que hace del Vaudou un culto de antropofagia*” (PRICE-MARS, 2000, p. 193).

O autor alerta para a espetacularização promovida acerca das vivências e práticas das massas haitianas, em especial dos sentimentos religiosos das massas rurais, a quem Price-Mars dedica o estudo, pois “*Es sobre ella [a massa rural, segundo ele] a la que se aplica la investigación que perseguimos desde las primeras páginas de este libro. Es a ella a quien va dirigida nuestra curiosidade y nuestra simpatia*” (PRICE-MARS, 2000, p. 144). Para o autor, essa espetacularização – por meio da qual afloram os principais discursos barbarizantes feitos contra o povo haitiano – é resultante, em grande parte, do oportunismo de certos repórteres ou jornalistas – descritos por Price-Mars (2000, p. 143-144) como *miopes periodistas* – e acaba colaborando para o fortalecimento dos discursos anti-haitianistas. As inquietações de Price-Mars acerca da detração promovida por meio da espetacularização, assim como da visão tendenciosa e parcial dos agentes estrangeiros, fossem eles escritores, repórteres, cronistas e estudiosos – e até mesmo da própria elite haitiana – sobre as tradições e os costumes das massas haitianas, principalmente em relação às suas manifestações religiosas, representadas sobretudo pelo vodu, vão ao encontro de nossas assertivas sobre o papel desempenhado por esses discursos na conformação das identidades haitianas. Na concepção de Price-Mars (2000),

*Teniendo en cuenta tal mentalidad, no resulta nada sorprendente que reporteros de la prensa extranjera recientemente llegados al país lancen en sus periódicos crónicas sensacionales sobre la barbárie haitiana, con motivo de sacrificios humanos de los que no han visto las huellas en ninguna parte, ya que, a fin de cuentas, el material de*

*sus historias tontas e inverosímiles ha sido obtenido de la credulidad, del pueblo haitiano.* (PRICE-MARS, 2000, p. 194)

Ainda em relação à ação desses sujeitos e desse discurso que se produziu acerca do vodu, que remonta ao período colonial, Price-Mars afirma que St. Méry (1750-1819), foi o primeiro a fazer uma análise mais detalhada do culto voduísta, pouco antes da Revolução. E que, a partir daí “*Esta manifestación religiosa consolidó su fama y se hizo el tema amplificado, desfigurado [...] por escritores que ni siquiera han tenido oportunidad de observarlas*” (PRICE-MARS, 2000, p. 147). Nessa linha de pensamento, fica patente a preocupação deste autor com o restabelecimento dos nexos étnico-raciais que ligam o povo haitiano ao velho continente, revelando que, para além da visão simplista e pueril que tende a retratá-lo como *locus* da barbárie e da selvageria, existe uma história da civilização africana e, por conseguinte, das origens do povo haitiano. Nessa perspectiva, ao realizar uma análise – e uma defesa – comparativa da África com outros povos contemporâneos, da Europa ocidental, Price-Mars (2000, p. 147) assevera que “[...] *no parece que sea entre los negros que encontraríamos la mayor inclinación hacia un regreso a la barbárie sino la mayor aspiración a un ideal más elevado de vida social.*”

O autor se empenha, todavia, em combater a suposta inferioridade e/ou incapacidade do homem negro, um dos principais argumentos empregados por aqueles que Léger classificou como detratores para depreciar o povo haitiano. Para Price-Mars (2000, p. 106-107) os que “*reprochan a los negros su inferioridad o su supuesta ineptitud a la civilización, hacen muy facilmente abstracción de las terribles condiciones de la vida negra en la zona equatorial.*” O determinismo do meio físico surge, nesse contexto, como um dos principais argumentos do referido autor para justificar os insucessos e a estagnação sociocultural de determinados grupos sociais africanos. A raça negra foi bloqueada, segundo ele, na região ao sul dos desertos africanos e impedida de se mesclar e interagir com as raças caucásias da Europa, da África setentrional e da Ásia Ocidental.<sup>156</sup> Logo, se se observa nos afrodescendentes haitianos algum traço de primitivismo ou de selvageria, as explicações deveriam ser buscadas, na perspectiva de Price-Mars, no meio

---

<sup>156</sup> Buscando dar mais corpo a sua tese, um pouco adiante, Price-Mars afirma ainda que “*Se concibe que ninguna sociedad humana, sofocada por tales restricciones, pueda progresar, ya que la base de todo progreso es la estabilidad y la perdurabilidad.*” (PRICE-MARS, 2000, p. 111).

externo e não no sujeito, como fizeram grande parte daqueles a quem o autor certamente se dirigia.

As críticas de Price-Mars não são dirigidas apenas aos agentes externos, anteriormente nominados. O autor também critica as elites haitianas, que, segundo ele, padecendo de uma alienação racial e cultural – bovarismo racial/cultural – prefere se ver e se pensar como mulatos franceses, esquecendo ou negando sua haitianidade e suas raízes raciais/culturais africanas. Em meio a essas críticas o autor diz ainda – na tentativa de evidenciar a apatia e o despreparo político dessas elites – que a própria Revolução – que desempenhou um papel transformador do estatuto da sociedade colonial, uma vez que levou à ruína o antigo regime e ensejou o surgimento de uma nova nacionalidade – não chegou a significar mais que um deslocamento do poder político “[...] *de las manos de la aristocracia blanca a las manos de los mestizos y la peble negra [...] allí, no hubo mas que sustitución de amos [...] el status social permaneció lo mismo*” (PRICE-MARS, 2000, p. 141).

Após mais de um século de independência o autor assinalava, com acerto, que sua situação das massas era ainda de miséria e opressão. Quanto a esse aspecto, Price-Mars (2000, p. 142) considera: “[...] *a quien no le repugne descorrer el velo de las apariencias, la sociedad haitiana de hoy día [da década de 1920] se le asemeja estrechamente a aquella de la cual surgió*”. De um lado, as massas, entregues à própria sorte, padecendo às agruras de uma revolução que não se completou, de outro as elites, isoladas e alienadas, completamente alheias ao destino daquelas, vivendo o jugo de uma dependência cultural e intelectual que a Revolução não fora capaz de suplantar. Em referência ao assunto, Price-Mars (2000) afiança que:

*[...] nuestra élite se aísla en una negación obstinada y huraña. La élite cierra los ojos a la evidencia. Le bastaría, sin embargo, observar el desarrollo demográfico de nuestro pueblo para darse cuenta de cuán vana es su tonta pretensión de personificar en ella sola a toda la comunidad haitiana [...] Privada del papel histórico de conductora de la nación por apatia, pusilanimidad o inadaptación, [...] por incapacidad de mezclarse al resto de la nación, sólo ejerce una especie de mandarinzgo que se marchita y se atrofia cada vez más.* (PRICE-MARS, 2000, p. 142, grifos do autor)

Assim, portanto, o Haiti é delineado na perspectiva de Price-Mars. A elite haitiana, isolada, seguia, segundo ele, privada “*del papel histórico de*

*conductora de la nación por apatía, pusilanimidad o inadaptación, [...] por incapacidad de mezclarse al resto de la nación.*” (PRICE-MARS, 2000, p. 142). Entregues e subjogadas aos interesses e aos caprichos das classes dominantes, as massas agonizam, mas resistem, dando mostras, acima de tudo, de sua inquestionável resiliência, que constitui, por sinal, o traço predominante da nação haitiana. Entre esses dois extremos, um vazio criado pela inexistência de uma classe intermediária<sup>157</sup>. Diferente de Léger (1907), que buscou abordar essas questões com suas atenções voltadas para o exterior (Estados Unidos, França, Inglaterra, Espanha etc.), de modo a negar suas origens e sua cultura, Price-Mars volta-se para seu povo – sobretudo para as camadas subalternas –, na tentativa de captar suas idiossincrasias, prescrutar suas origens, para evidenciar aquilo que seus predecessores buscaram silenciar, e por vezes negar.

Price-Mars apresenta o Haiti e o povo haitiano a partir de uma perspectiva outra, e busca fundamentar seus estudos por meio de um discurso pretensamente cientificista, a partir do qual afirmou e reafirmou as origens do Estado haitiano. Assim, enalteceu suas raízes históricas e culturais, além de promover um resgate cultural que significou, em última instância, o resgate do próprio povo haitiano. Inquiridor, combateu e pôs em questão toda a natureza de intolerâncias e preconceitos que possibilitavam ou favoreciam a intervenção e a dominação estrangeira. No último capítulo de sua obra o autor questionava, em tom de desabafo: “*¿no resulta deplorable que dejemos desvanecerse algunos de entre los más sugestivos de esos símbolos que exortaban la existencia de la gente de antaño? Nos sentimos avergonzados de ellos porque se nos ha dicho que eran supersticiones y prejuicios. ¿Lo creen ustedes?*” (PRICE-MARS, 2000, p. 254). Na sequência o autor faz uma provocação e uma advertência:

*¡Ah!, sé con qué repugnancia choco atreviéndome a hablarles de África y de cosas africanas. El tema les parece inelegante y desprovisto de todo interés, ¿no es cierto? ¿No será, amigos míos, que tales sentimientos se asientan en un fondo de escandalosa ignorancia? Vivimos de ideas enranciadas por la prodigiosa tontería de una cultura mal asimilada, y nuestra vanidad sólo se satisface cuando anotamos las frases escritas por otros donde se glorifica a “Los Galos, nuestros abuelos”. Ahora bien, sólo nos será dado ser nosotros mismos a condición de no repudiar ninguna parte de la herencia ancestral. Pues bien, esta herencia es en sus ocho décimas partes un don del África.* (PRICE-MARS, 2000, p. 255)

---

<sup>157</sup> Conforme apontado anteriormente por outros autores, como Sauveur Pierre Étienne (2007) e Suzy Castor (1971).

Price-Mars ousou justamente onde outros hesitaram e transigiram. Daí o reconhecimento da importância de sua obra. Estamos de acordo, assim, com a assertiva de Rosa (2004, n. p.) de que Price-Mars delineou a identidade do povo haitiano com seu *Así habló el Tío*, em um momento considerado politicamente instigador, marcado pela invasão estadunidense e pela ascensão das elites mulatas ao poder. O autor parece ter percebido, com muito acerto, que as profundas mudanças sociopolíticas-econômicas e culturais, necessárias ao restabelecimento da soberania e da plena liberdade do povo haitiano, deveriam ser buscadas no âmago daquela sociedade e que o resgate e a desalienação cultural constituíam um primeiro passo para alcançá-las.<sup>158</sup> Por meio de um estudo pioneiro e singular, Price-Mars buscou desvelar as origens históricas e culturais do seu povo, estabelecendo, a partir desse resgate, suas bases identitárias modernas.

O período que segue à publicação de *Así Habló el Tío*, final da década de 1920 e início da década de 1930, foi de efervescência política e cultural tanto no Haiti quanto na República Dominicana. De ambos os lados inicia-se um processo de construção e consolidação das identidades nacionais, gestadas a partir dos movimentos reivindicatórios do período imediatamente anterior. O vazio deixado pela retirada do invasor faz com que as atenções se voltem, uma vez mais, para questões internas, reacendendo velhos ressentimentos e conflitos. Os discursos anti-haitianistas brotam do lado dominicano com uma força nunca dantes vista.

É nesse contexto que Manuel Arturo Peña Batlle e Joaquín Balaguer Ricardo ganham espaço, na medida em que buscam estabelecer, aos moldes do que havia sido feito por Price-Mars no caso haitiano, as bases identitárias do povo dominicano. A diferença substancial entre a perspectiva haitiana e a dominicana reside no fato de que enquanto Price-Mars volta-se para a África, a fim de tentar compreender e estabelecer os marcos identitários do povo haitiano, Peña Batlle e Balaguer constroem seus argumentos a partir da negação dessas raízes e tudo aquilo que a elas estivesse ligado, inclusive o próprio povo haitiano. Ser dominicano significava não ser e não parecer haitiano. Vejamos como

---

<sup>158</sup> Nos últimos parágrafos da obra o autor, evocando a necessidade de se inclinar sobre as origens históricas e étnicas do povo, pois do conhecimento e da aceitação desse passado, dependeria seu futuro, faz um apelo em favor do patrimônio ancestral haitiano, concitando a todos seus “amigos” que “*Amémosle, considerémosle como un bloque intangible. Repitamos más bien la orgullosa estrofa que el viejo bardo pone en boca de un habitante del Olimpo: ‘No hay nada feo en la casa de mi padre’*”. (PRICE-MARS, 2000, p. 272). Não há nada feio, não há do que se envergonhar.

esses autores pensaram essas questões a partir de uma perspectiva que acabou contribuindo, de maneira singular e determinante, para o fortalecimento dessa tradição anti-haitianista.

## **2.4. O anti-haitianismo dominicano como expressão da dominicanidade: Manuel Arturo Peña Batlle e Joaquín Balaguer Ricardo**

### 2.4.1. Peña Batlle e as origens do Estado haitiano

Manuel Arturo Peña Batlle (1902-1954), advogado de formação e historiador por vocação, é considerado, ainda hoje, um dos maiores expoentes do nacionalismo conservador dominicano e um dos principais mentores intelectuais do *trujillismo*, que é como ficou conhecido o regime imposto pelo ditador Rafael Leónidas Trujillo Molina, que ocupou o cargo máximo do país por mais de três décadas.<sup>159</sup> Segundo Robin Derby & Richard Turits (1992, p. 68) “*Peña Batlle fue quizás el intelectual de más influencia durante el período de Trujillo, sirviendo como escritor de discursos para Trujillo, embajador y diplomático hasta su sorpresiva muerte en los años 50.*” Os ideais nacionalistas de Peña Batlle, caracterizados por um pensamento rigidamente conservador, garantiram seu lugar no interior do regime, consolidado em 1935. Por meio de uma crítica áspera e contundente ao passado dominicano – marcado pelas intermináveis revoluções, pela abulia e pelo personalismo político – e pela revalorização da figura de Trujillo, transformada em mito, Peña Batlle destaca-se como um baluarte do regime e do nacionalismo dominicano. Segundo Raymundo Peña (2007, p. 171), compreender Peña Batlle “[...] *significa entender que él dedicó todas las fuerzas de su genio a la fundamentación conservadora de la nación y a la justificación del despotismo, pues en ello residía la verdad de su teoría de la nación*”.

---

<sup>159</sup> Rafael Leónidas Trujillo Molina (1891-1961), também conhecido como *El Jefe*, foi mais um dentre vários governos autoritários que a América Latina e o Caribe conheceram. Governou a República Dominicana, direta ou indiretamente, no período de 1930 a 1961, quando foi assassinado. Trujillo, como os Duvalier, seus vizinhos haitianos, ficou conhecido principalmente pela violência e pelo personalismo com que governava. Seu regime, conhecido como *trujillismo*, caracterizou-se pelo nacionalismo exacerbado e pelo paroxismo das ideologias anti-haitianistas que, institucionalizadas, tornaram-se parte das políticas dominicanas de Estado a partir de então.

O governo de Trujillo caracterizou-se, sobretudo a partir de meados da década de 1930, como já sinalizamos, por seu empenho em restabelecer e consolidar os marcos identitários modernos da sociedade dominicana, fundados em grande parte na promoção e na disseminação de ideais racistas e xenofóbicos, dirigidos, principalmente, contra o povo haitiano.<sup>160</sup> Assim, com Trujillo, os discursos anti-haitianistas são institucionalizados e passam a fazer parte de uma política ideológica endereçada à defesa de sua dominicanidade – pensada e estruturada a partir de seu contraponto haitiano – que implicava, de antemão, a redução do número de estrangeiros (haitianos) no país. Quanto ao assunto, Jorgen Yri (2008, p. 39) afiança que Trujillo foi o líder político dominicano que primeiro sistematizou e institucionalizou esses sentimentos anti-haitianistas, e destaca o que mais lhe chamou a atenção: “[...] *la función que cumplió [...] en la fomentación y el desarrollo de los sentimientos antihaitianos en el país, la institucionalización de las ideas de la superioridad del dominicano frente al haitiano*”.

Trujillo coloca as relações haitiano-dominicanas como um componente central de suas políticas e, valendo-se da contribuição intelectual de Peña Batlle e Balaguer, faz do haitiano o inimigo externo/interno, transformando-o em um perigo e uma ameaça para a nação dominicana. Implementa-se, então, a “*dominicanización de la frontera*”, com vistas a evitar a suposta *haitianización* da República Dominicana. Dominicanizar a fronteira, significava, dentre outras coisas, assistir e modernizar as províncias fronteiriças. Essas melhorias, implementadas na fronteira, intencionalmente, ou não, acabavam contribuindo para disseminar e solidificar a ideia da suposta “superioridade dominicana”, uma vez que, segundo Derby & Trurits (1993, p. 73), “*los pueblos haitianos al otro lado de la frontera*”, quando comparados com os dominicanos “*parecían cada vez más retrasados*”. Promove-se, desta feita, uma política ideológica fundada na reprodução de ideais nacionalistas e conservadores, alicerçada sobre preceitos discriminatórios, a partir dos quais o haitiano passa a figurar como um ser ainda mais vil e abjeto do que fora até então.

---

<sup>160</sup> De acordo com Derby & Turits (1993, p. 70-71) “*La historia dominicana fue reconcebida por el régimen trujillista como la lucha del pueblo dominicano por mantener su autonomía cultural y política contra Haití. Segundo esta reconstrucción de la historia, Haití es presentado como un agresor imperialista y sangrento cuya obsesión es destruir a sus vecinos hispanos amantes de la paz, y como un veneno inminente que poco a poco se va filtrando por los poros de la frontera y así va contaminando a la nación dominicana.*”

No bojo dessa política tem lugar um dos acontecimentos mais significativos e aterradores das relações haitiano-dominicanas: o *masacre del Perejil*<sup>161</sup>. *Perejil* tornou-se um ponto de inflexão não só pelas proporções – estima-se que até cerca de vinte mil haitianos e/ou dominicanos de ascendência haitiana podem ter sido assassinados em outubro de 1937 – mas também pela maneira súbita como ocorreu. O massacre passa a figurar, então, segundo Lilón (2010, p. 288), como “[...] *la mayor expresión del antihaitianismo dominicano durante toda su historia*”, constituindo-se como o marco inicial da exacerbação do nacionalismo dominicano moderno, que tinha como mote principal o combate às influências e ingerências estrangeiras (diga-se, haitianas) no país. Na concepção de Yri (2008, p. 43) o massacre, para além de constituir um acontecimento histórico trágico e indelével, teria também repercussões ideológicas profundas.<sup>162</sup> Já Lauren Derby (1994, p. 490) explicita seu posicionamento: “*After the 1937 Haitian massacre, the state embarked on a heavy propaganda campaign to demonize haiti, constructing the slaughter as the result of popular tensions between Haitians and Dominicans in the border.*”<sup>163</sup> Dessa forma, após o massacre o haitiano passa a figurar, decididamente, como um problema e uma ameaça a serem combatidos, também, pelo Estado dominicano.

Assim, se *Perejil* representou, em última instância, uma espécie de “solução final” ensaiada por Trujillo para erradicar o “problema haitiano”, longe esteve de conter o afluxo dos *braceros* ou *bateys*<sup>164</sup>, que continuaram cruzando sazonalmente a porosa fronteira haitiano-dominicana, para movimentar as engrenagens da indústria açucareira dominicana. Na esteira de *Perejil*, são aprovadas leis de migração com o intuito de impedir ou restringir a entrada de haitianos em território dominicano, exceto daqueles necessários ao

---

<sup>161</sup> Massacre da Salsa – Um dos estratagemas utilizados pelos militares para tentar identificar os haitianos seria fazer com que pronunciassem, em espanhol, a palavra *perejil* (salsa em português). Os haitianos, em função da raiz francesa do *kreyól ayisyen*, não conseguiam pronunciar corretamente a palavra, sendo logo identificados. Durante o massacre foram assassinados também um considerável número de dominicanos indocumentados de ascendência haitiana. Os poucos haitianos poupados foram aqueles que trabalhavam para multinacionais açucareiras estadunidenses, sediadas em território dominicano.

<sup>162</sup> Derby & Turits (1993, p. 65), respaldando nossa perspectiva acerca do desenvolvimento e do estabelecimento de uma tradição de identidade haitiana a partir da (re)produção dos discursos anti-haitianistas, afirmam que “*Un examen de la masacre haitiana de 1937 en la República Dominicana nos revela, cómo racionalizar el presente se reconstruye el pasado y se inventan tradiciones. En este caso, el concepto de Haití como un enemigo imaginario fue el elemento clave de una nueva identidad nacional basada en una nueva representación del pasado.*”

<sup>163</sup> “Depois do massacre haitiano de 1937, o Estado embarcou em uma pesada campanha de propaganda para demonizar o Haiti, apresentando a matança como o resultado de tensões entre haitianos e dominicanos na fronteira.” (Tradução nossa)

<sup>164</sup> Trabalhadores haitianos explorados pela indústria açucareira dominicana.

corte da cana e ao fabrico do açúcar nas subsidiárias estadunidenses. (WOODING & MOSELEY-WILLIAMS, 2004, p. 21). Por esse viés, é possível perceber que, se por um lado, o haitiano passa a ser representado como uma ameaça à nacionalidade dominicana, consoante afirmavam os nacionalistas dominicanos, dentre os quais Balaguer e Peña Batlle, por outro, figura como um elo fundamental para a sobrevivência da indústria da cana de açúcar do país – e não só para ela<sup>165</sup> – sobretudo a partir da década de 1930, quando as sucessivas crises mundiais fizeram com que a República Dominicana despontasse como um dos principais produtores de açúcar do mercado mundial, atendendo, sobretudo, às demandas do governo estadunidense.

O histórico repúdio ao haitiano por parte de alguns setores da sociedade dominicana, sobretudo quando institucionalizado, pode ser interpretado também, de acordo com a linha de pensamento de alguns autores, como um engodo discursivo que encobre e dissimula determinados óbices sociopolíticos e econômicos dominicanos. Se, por um lado, o discurso produzido a partir das ideias de “invasão silenciosa” ou “invasão pacífica” – que é a maneira pela qual os conservadores dominicanos se referem à emigração haitiana para a República Dominicana – faz emergir antigos agravos e ressentimentos – em um momento em que a República Dominicana procurava estabelecer suas bases identitárias modernas, por meio do desenvolvimento de um nacionalismo fundado, sobretudo, no repúdio às influências estrangeiras – tornando ainda mais precárias as já conturbadas relações entre os dois países, por outro, atua atendendo a interesses voltados para a manutenção de determinadas estruturas que acabam se tornando sustentáculo do regime dominante. Ernesto Sagás (1993) considera que:

*In 1937, however, a massacre of Haitians by the Trujillo regime marked a drastic turn in Trujillo's Haitian policy. Relations between the countries were strained and Trujillo used the 1937 massacre as the starting point of his policy to secure, develop, and transform the Dominican borderlands into a national showcase. On the other hand, this policy was also designed by Trujillo to bolster his control over the national territory and to develop Dominican nationalism into a cultural shield against "foreign" (i.e. Haitian) influences. In order to do so, Trujillo recruited the services of some of the better-known intellectuals who remained in the Dominican Republic, particularly Manuel A. Peña Batlle and Joaquín Balaguer.*<sup>166</sup> (SAGÁS, 1993, p. 2)

---

<sup>165</sup> Para saber mais ver Silié (2002).

<sup>166</sup> “Em 1937, porém, um massacre de haitianos pelo regime trujillista marcou uma drástica mudança na política trujillista haitiana. As relações entre os países estavam tensas e Trujillo usou o massacre de 1937 como ponto

É nesse contexto, portanto, que se destaca a figura de Peña Batlle. Segundo Bridget Wooding & Richard Moseley-Williams (2004, p. 21) a dominicanização da fronteira passou a compor parte da ideologia trujillista e com “*este fin Trujillo atrajo hacia su régimen a uno de los más distinguidos intelectuales dominicanos, el historiador Manuel Arturo Peña Batlle*”. Apesar de sua morte prematura, em 1954, motivada por complicações cardíacas, aos cinquenta e dois anos de idade, Peña Batlle deixou uma considerável produção literária, voltada, em grande parte, para pensar determinadas questões sociopolíticas-econômicas e culturais de seu país e de suas intrincadas relações com seu indesejável coabitante. Dentre estas obras destaca-se *Orígenes del Estado Haitiano* (1954), uma obra que, apesar de inconclusa, acabou contribuindo consideravelmente para a reprodução e a difusão dos motes anti-haitianistas.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, a mais relevante para nossos propósitos, o autor procura desvelar as origens do Estado haitiano a partir da análise da organização social colonial, formada, segundo ele, por três tipos sociais distintos: brancos, libertos e escravos negros e mulatos. Na segunda parte, o autor volta suas atenções para o processo revolucionário propriamente dito, tencionando evidenciar o papel desempenhado por cada grupo e as trágicas consequências da sublevação das massas negras e, sobretudo, do desfecho do movimento, que transformara os outrora escravos – ainda que uma pequena minoria, restrita quase que somente aos líderes revolucionários – em senhores absolutos da ilha. Trata-se, portanto, de uma pequena – e inconclusa – obra, com pouco mais de sessenta páginas e que constituía, na verdade, o primeiro capítulo daquilo que seria o livro *Historia de la formación del Estado Haitiano*, um projeto inacabado, tragicamente interrompido por sua morte. Héctor Incháustegui Cabral (1912-1979), escritor dominicano, afirmou, no prólogo da edição de que nos valeremos em nosso trabalho, que na obra de Peña Batlle seria possível distinguir três preocupações capitais: “*los de relación y vecinidad con Haití, las raíces hispánicas de la nacionalidade dominicana y el retorno de las energías,*

---

de partida para sua política com o intuito de proteger, desenvolver, e transformar as fronteiras dominicanas em uma vitrine nacional. Por outro lado, esta política também foi desenhada por Trujillo para reforçar seu controle sobre o território nacional e para elaborar o nacionalismo dominicano como uma proteção cultural contra influências estrangeiras (i. e. haitianas). Para fazê-lo, Trujillo recrutou os serviços de alguns dos intelectuais mais conhecidos que haviam na República Dominicana, particularmente Manuel A. Peña Batlle e Joaquín Balaguer.” (Tradução nossa)

*España y la Iglesia, que nos conformaron como pueblo.*” As duas primeiras constituem o cerne da obra. (CABRAL, 1954, p. 17).

A tese de Peña Batlle parece girar em torno da ideia de que os negros africanos, de quem descendem os haitianos – capturados e tornados escravos, trasladados, vendidos e submetidos a um sistema perverso e degradante, destituídos de ideais morais, políticos e culturais agregadores, reunidos e movidos apenas por sua sede de vingança e destruição, materializada no movimento revolucionário que se tornara o marco fundante de sua história – seriam incapazes de, por si, promover seu desenvolvimento e de seus semelhantes e, por conseguinte, engendrar um projeto de nação sólido e duradouro. Nessa perspectiva o Haiti, enquanto nação, padecia de um mal de origem e estaria fadado, desde a sua fundação, ao fracasso e ao insucesso. O autor vai tentar buscar nas origens do Estado haitiano os argumentos que lhe permitirão justificar sua tese. Segundo Peña Batlle (1954)

*Producto directo del pingue e infame comercio negreiro con que se deshonraron las potencias protestantes en los siglos XVII y XVIII, la población de la colonia [Saint-Domingue), en su inmensa mayoría no evoluciono hacia ninguna forma de cultura, ni fué jamás favorecida, por ninguna directiva del espíritu, ni por ninguna función política organizada, que le permitiera a aquellas gentes iniciar-se en un proceso de integración nacional. Faltaron, sobre tudo, las influências religiosas, como fator social de imponderable valor constructivo. (PEÑA BATLLE, 1954, p. 44)*

Muito embora não haja referência direta à *La realidad dominicana: semblanza de un país y de un régimen* (1947), de Joaquín Balaguer – que, de acordo com o já citado, foi revisada e republicada em 1983, com o título *La Isla al Revés: Haití y el destino dominicano* –, a convergência dos pensamentos ali expressos deixam entrever a proximidade de propósitos dos dois autores dominicanos. É possível identificar também, e aí textualmente, a influência e a repercussão das ideias defendidas por Price-Mars em *Así habló el Tío*. Existe, certamente, uma aproximação ideológica com Balaguer e uma clara tentativa de refutar ou desconstruir os argumentos apresentados por Price-Mars. Essa aproximação e esse distanciamento acabam ditando o ritmo da obra. Peña Batlle (1954), ao criticar a obra de Price-Mars, deixa entrever o sentido antitético que norteia seu trabalho. Segundo ele

[...] de este ensayo [Así habló el Tío] no se desprende una sola conclusión que pueda desmentir ni desfigurar a la que hemos llegado nosotros en cuanto a la ausencia casi completa de un **aglutinante cultural** en el proceso constitutivo de aquella sociedad amorfa y anodina. **Esa es una sociedad sin historia propiamente dicha, sin antecedentes tradicionales, sin punto de partida y sin raíces espirituales.** La historia de Haití como nación se inicia con la rebelión de los esclavos y no tiene ningún punto de apoyo en el pasado. Nótese que los grandes ensayos históricos y sociológicos escritos para explicar el país, comienzan en el momento que nosotros señalamos; todos prescinden de antecedentes, que realmente no existen. (PEÑA BATLLE, 1954, p. 53, grifo nosso)

Fica claro, a partir do trecho supracitado, e ao longo da obra, que em *Orígenes del Estado Haitiano*, Peña Batlle vai de encontro à proposta de Price-Mars, na medida em que, em sua perspectiva, a falta de organicidade atribuída à nação haitiana resulta, em grande parte, da falta daquilo que denominou de *aglutinante cultural*. Existe, conforme constatado na obra, um pronunciado e proposital descaso do autor para com os antecedentes históricos e culturais africanos e coloniais que constituíam, na perspectiva de Price-Mars, as bases estruturais da nação haitiana. Tais antecedentes, que instituía o alicerce sobre o qual Price-Mars estabeleceu seu pensamento, são explicitamente ignorados ou desprezados por Peña Batlle.

A Revolução, que na perspectiva haitianista figura como o símbolo maior da força, da determinação e da comunhão de propósitos do povo haitiano, é apresentada por Peña Batlle (1954, p. 62) como um acontecimento trágico, com profundas consequências políticas, pois significou a subversão abrupta da ordem, cujas classes oprimidas, sem tradição histórica, sem formação cultural e sem estrutura espiritual, jurídica e política tornaram-se, da noite para o dia, o único sustentáculo social e político da nova nação. Esse parece ser o principal argumento deste autor para justificar suas críticas e seu posicionamento. Para ele, essas condicionantes históricas, culturais, jurídicas e políticas não estariam presentes na formação do Estado haitiano porque se produzem no tempo e na história, dentro de uma larga tradição cultural, sem a qual não haveria possibilidade de prosperidade social, econômica, espiritual e política de uma nação (PEÑA BATLLE, 1954, p. 92). A formação social que tem lugar com a revolução ressentia-se, segundo Peña Batlle, de todas essas premissas estruturantes, dado seu abrupto e traumático advento. Faltava-lhes,

como destacara, um *aglutinante cultural* capaz de promover a aproximação de elementos e de propósitos tão díspares.<sup>167</sup>

A trama discursiva de Peña Batlle em *Orígenes del Estado Haitiano* se estrutura e se desenvolve, dessa forma, a partir uma série de inquietações históricas, políticas, sociais e, sobretudo, culturais. Por um lado, há a negação e o menosprezo por um amplo e difuso conjunto de costumes e tradições africanas que, apropriadas por intelectuais haitianos, passam a ser tomadas como símbolos de sua haitianidade – fato que as torna, por conseguinte, ainda mais desprezíveis. E, por outro, a afirmação e a exaltação das manifestações culturais e das tradições hispânicas, que permitem estabelecer – por contraste – , os marcos daquilo que Price-Mars chamou de dominicanidade. Ao perscrutar as origens do Estado haitiano, Peña Batlle não leva em conta a cultura do Outro – africano/haitiano – e tanto menos o fato de que o prolongado contato entre os diversos tipos que compunham a sociedade colonial, na qual o negro escravizado e trasladado para as Américas teve um papel de primeira grandeza, constituía um espaço de cultura por excelência.<sup>168</sup>

Peña Batlle analisa e julga os antecedentes sociopolíticos e culturais haitianos a partir de um enquadramento ideológico que não lhe permite inferir quaisquer aspectos positivos acerca de seu objeto. A indiferença e o desdém demonstrados constituem o expediente a partir do qual o autor busca evidenciar uma suposta inferioridade haitiana e, por conseguinte, afirmar uma pretensa superioridade dominicana. Mas é justamente essa perspectiva excludente e discriminatória que lhe confere um lugar de destaque no interior do regime *trujillista* e dessa tradição anti-haitianista. Ao negar tais antecedentes, Peña Batlle está delineando o espaço a partir do qual as identidades dominicanas passam a ser pensadas e estruturadas, pois, neste caso, o que se nega, é o que se quer afirmar.

O traumático processo que conduzira as massas haitianas à liberdade – ou talvez mais apropriadamente, que colocara fim no julgo colonial francês, já que a liberdade ampla e irrestrita não foi mais que um mote revolucionário – a desafiar e a

---

<sup>167</sup> Segundo o autor (1954, p.96) “*Del caos, de la negacion de toda regla, de la ausencia literal de todo principio de organización no es dable esperar ningún resultado verdaderamente contrutivo.*”.

<sup>168</sup> A esse respeito Reina Rosario & Jorge Ulloa (2006, p. 76) observam que “*La identidad dominicana entonces se intenta manejar, se construye [...] sobre la base de la deculturación de la identidad haitiana, lo que se expresa claramente en la obra de Manuel Arturo Peña Batlle al exponer las supuestas carencias que han impedido concretar la identidad haitiana.*”

subverter a ordem, torna-se, na perspectiva adotada pelo autor, um falha estrutural irreparável. Dessa forma o Estado haitiano é apresentado por Peña Batlle como uma impossibilidade, visto carecer de aglutinantes culturais capazes de consolidar os alicerces nacionais. Ao negar as origens do povo haitiano, Peña Batlle colocava em questão o seu presente e denegava seu futuro, de modo a atestar, por meio de sua obra, a irrupção de um Estado natimorto. Vejamos, no tópico seguinte, como os ideais *trujillistas* acabam fazendo com que as obras de Peña Batlle e de seu conterrâneo, Joaquín Balaguer, tornem-se tão próximas, sobretudo no que diz respeito à negação e à bestialização do povo e da cultura haitiana, que foram a base sobre a qual Balaguer erigirá a defesa dessa dominicanidade, que, aos moldes do que se vê em Peña Batlle, tem como seu contraponto o “ser haitiano”<sup>169</sup>.

#### 2.4.2. Joaquín Balaguer: *O Haiti e o Destino Dominicano*

Joaquín Antonio Balaguer Ricardo (1906-2002), advogado de formação, assim como Peña Batlle, foi um controverso político e renomado escritor dominicano que Governou o país em sete oportunidades, compreendidas em três períodos: 1960-1962, 1966-1978 e 1986-1996, permanecendo no poder por um total que extrapola a vinte anos. Como escritor, publicou quase sessenta obras sobre temas diversos, que abarcam poemas, escritos políticos, históricos, biografias, dentre outros. Foi, ao lado de Peña Batlle, um dos mentores intelectuais e, por vezes, conselheiro pessoal de Trujillo, participando ativamente do seu governo. Ocupou importantes cargos no regime *trujillista* no período de 1930 a 1960<sup>170</sup>, quando ascendeu à presidência e sucedeu Héctor Trujillo – irmão de Leonidas Trujillo. Com o assassinato de Trujillo em 1961, Balaguer assumiu o poder – tornando-se peça central na transição da ditadura para a democracia – embora tenha herdado um país profundamente ressentido de uma grave crise estrutural, em função das mais de três décadas de corrupção, desmandos e arbitrariedades do regime *trujillista*.

---

<sup>169</sup> Cabe observar que sempre que esses termos forem utilizados conjuntamente ao longo do trabalho o termo ser deverá “ser” entendido não apenas a partir de sua função substantiva, como um ente, mas, também, e ao mesmo tempo, uma denotação verbal.

<sup>170</sup> Secretário da delegação dominicana em Madri (1932-1935), Subsecretário da Presidência (1936), Subsecretário de Relações Exteriores (1937), Embaixador Extraordinário para o Equador e a Colômbia (1940-1947), Embaixador no México (1947-1949), Secretário de Educação (1949-1955) e Secretário de Relações Exteriores (1953-1956).

A trajetória pública de Balaguer foi marcada por sua habilidade política e familiaridade com o poder. Balaguer acreditava estar predestinado a salvar a nação, após a queda de Trujillo, em 1961, e, certamente, incumbido de evitar a desnacionalização ou a haitianização da República Dominicana em função da “invasão pacífica” ou “silenciosa”, e da “ameaça haitiana”, decorrente da afluência massiva de haitianos para o território dominicano, sobretudo nos momentos de crise no país vizinho. As práticas políticas de Balaguer para com os imigrantes haitianos deixam entrever que o discurso do acadêmico/escritor estava alinhado ao seu pensamento político, ou vice-versa, pois durante os períodos em que esteve à frente do poder, em consonância com as considerações de Wooding & Moseley-Williams (2004, p. 22) “[...] *las autoridades azusaron [sic.] el sentimiento anti-haitiano y realizaron deportaciones masivas, entre las cuales destacan las de 1991.*”

É bem possível que alguns setores da sociedade dominicana, sobretudo as elites, às quais Balaguer estava ligado, compartilhavam de seus sentimentos, uma vez que, conforme assevera Yri (2008, p. 46) “*Balaguer manejaba con alta precisión y seguridad los sentimientos de temor compartidos por grandes partes de la sociedad dominicana frente a lo haitiano.*” Interessa-nos aqui, principalmente, o papel desempenhado pelo escritor – tanto mais que sua prática política foi, ao que parece, um reflexo de sua produção escrita –, sobretudo dos escritos que deram forma a uma de suas obras mais conhecidas, e polêmicas: *La Isla al Revés: Haití y el destino dominicano* (1983). Esta, como referido anteriormente, deriva de outra obra do autor, intitulada *La realidad dominicana: semblanza de un país y de un régimen* (1947), que foi revisada e republicada com o título atual, tornando-se uma referência para a análise das relações haitiano-dominicanas modernas.<sup>171</sup>

---

<sup>171</sup> *La Isla al Revés* deriva de outra obra do autor, intitulada *La realidad dominicana: semblanza de un país y de un régimen* (1947), que foi revisada e republicada com o título atual. Segundo Pons (1990, p. 711) a obra constituía “[...] *in reality a tendentious apology for Trujillo in the context of a pessimistic and extreme racist interpretation of Dominican history. This book was written as part of the propaganda campaign launched to justify the murder of the Haitians in 1937 and to explain the Dominicanization of the frontier. It reviews a large part of the ideology of Trujillo's regime and condenses the official vision of the economic and social problems of the 1940s. It would have remained almost forgotten had not Balaguer reedited and published it again under the new title La isla al revés.*”: “[...] na realidade, um tendencioso pretexto para Trujillo no contexto de uma interpretação pessimista e extremamente racista da história dominicana. Esse livro foi escrito como parte de uma campanha de propaganda lançada para justificar o assassinato dos haitianos em 1937 e para explicar a dominicanização da fronteira. Ele revê grande parte da ideologia do regime trujillista e condensa a visão oficial dos problemas econômicos e sociais dos anos de 1940. O livro teria permanecido quase esquecido, não tivesse Balaguer o reeditado e publicado novamente sobre o novo título *A ilha ao revés.*” (Tradução nossa)

Tal centralidade pode ser inferida, por exemplo, pelo número de reedições lançadas no período de 1983 – ano da publicação da primeira edição – a 1993<sup>172</sup>, o qual ficou conhecido como “la crise de los *boat people*” (WOODING, 2010, p. 114), caracterizado por uma grave crise político-econômica – decorrente principalmente do colapso do regime duvalierista e da ascensão e queda de Aristide em função do golpe perpetrado por Raoul Cedras em 1991. Esta crise levou à evasão de grandes contingentes de haitianos em direção aos países circunvizinhos, sobretudo para a costa leste dos E.U.A e para a República Dominicana. Com o endurecimento das políticas de imigração estadunidenses, que capturavam e repatriavam os haitianos que tentavam entrar no país – considerados refugiados econômicos –, a República Dominicana torna-se, então, o principal destino para os refugiados haitianos. Daí, certamente, um dos motivos para a repercussão e a aceitação da obra nesse momento capital.

*La isla al revés*, de Balaguer – cujas principais ideias já se faziam presentes em *La realidad dominicana: semblanza de un país y de un régimen* (1947) –, torna-se um referencial para os discursos anti-haitinistas, tal qual *Orígenes del Estado haitiano*, de Peña Batlle, o que faz com que seja retomado e reproduzido com certa regularidade, sobretudo nos períodos de crise entre os dois países. Tal fato poderá ser comprovado no próximo capítulo. Apesar da proximidade e da convergência de propósitos – haja vista a razão que move os dois autores consistir, em grande medida, na relação de “*vecinidad*” com o Haiti – existem determinados aspectos que diferenciam e conferem, a cada um(a) dos(as) autores/obras, a sua singularidade. Enquanto Peña Batlle se ocupa, em linhas gerais, com questões de fundo cultural, ligadas às raízes culturais – hispânicas – que conformam o povo dominicano, Balaguer exaspera o tom, suscitando um discurso racista que, de certa forma, acaba caracterizando seu trabalho. A esse respeito Yri (2008, p. 68) afirma que “*Balaguer se manifiesta abiertamente como un feroz racista, bajo el motivo de querer defender su nación contra los peligros biológicos del país y el pueblo vecinos.*”<sup>173</sup>

---

<sup>172</sup> Foram sete reedições, referentes aos anos: 1983, 1984, 1986, 1987, 1989, 1990 e 1993.

<sup>173</sup> Segundo Wooding & Moseley-Williams (2004, p. 21) “*Peña Batlle fue un nacionalista e hispanista de derecha cuyos textos de historia dominicana presentan un carácter anti-haitiano pero no racista. La dimensión racista de la “dominicanización” aparece con mayor crudeza en un libro publicado por Joaquín Balaguer en 1947 con el título **La Realidad Dominicana**, del cual se reproducen secciones importantes en su obra de 1983 *La Isla al Revés: Haití y el Destino Dominicano*. Tal como se presenta en estas obras, el enfoque de Balaguer es una versión vulgar del darwinismo social.*”

Em sua sétima edição (1993) a obra é apresentada em três partes, divididas em sessenta pequenos capítulos – 23 na primeira parte, 21 na segunda e 16 na terceira – acrescida de dois apêndices, o que perfaz um total de pouco mais de 250 páginas. Na primeira parte o autor dedica sua atenção ao estabelecimento dos contornos histórico-políticos das relações haitiano-dominicanas, no intuito de demonstrar os esforços imperialistas despendidos pelo Estado/povo haitiano para efetivar o antigo projeto de unificação de Toussaint Louverture, depois retomado por Dessalines, Boyer e Soulouque, bem como dos perigos e das ameaças de ordem econômica, moral, política e racial que essa invasão representa para o povo dominicano. Na segunda parte – *El factor demográfico* – o autor se volta para a República Dominicana – sem perder de vista seu enfoque anti-haitianista.

Busca-se evidenciar, assim, por um lado, as repercussões e as influências da invasão haitiana na decadência demográfica dominicana e, por outro, os esforços empreendidos pelos dominicanos no sentido de normatizar e promover o crescimento demográfico dominicano, o que significa que o seu desenvolvimento seria alcançado, segundo acreditava, em decorrência da implementação de políticas migratórias favoráveis aos povos caucásios/hispânicos e, propositalmente, desfavoráveis aos haitianos. Na terceira e última parte – *Las perspectivas futuras* – Balaguer, além de seguir explicitando as diferenças e incompatibilidades entre os dois povos, busca estabelecer os marcos contemporâneos das relações estabelecidas entre Haiti e República Dominicana. Entretanto ao final, em um aparente paradoxo, sinaliza acerca de uma aproximação entre os dois países, a qual seria materializada por meio do estabelecimento daquilo que denominou “*confederación de ambos pueblos*”.

As preocupações de Balaguer giram, em linhas gerais, portanto, em torno do problema representado pela difícil convivência desses dois povos na pequena ilha de Espanhola e, principalmente, da ameaça representada pela influência haitiana sobre o destino do povo dominicano. Balaguer (1993, p. 99), neste contexto, afirma que “*La vecindad de Haití ha sido, pues, y sigue siendo el principal problema de la República Dominicana.*” O autor reforça e institucionaliza, de forma definitiva, a ideia do haitiano como um problema e uma ameaça para a República Dominicana<sup>174</sup>, o que contribui para reforçar a perspectiva apresentada por Sigrid Petersson (2011, p. 36) acerca da situação das pessoas de

---

<sup>174</sup> A estratégia de Balaguer, segundo Jesús Zaglul (2009, p. 418), consiste em “[...] *crear el miedo – el horror, el terror – y la desconfianza en la relación con este enemigo común de los dominicanos y de la dominicanidad que es Haití*”.

origem haitiana, sobretudo dos imigrantes, que, em suas relações com o Outro, são apresentados, quase sempre como “[...] *una fuerza incontrolable, con enfermedades, ignorancia y ilegalidad*”.

A tese de Balaguer se encadeia a partir daquele que parece ser o marco fundante de sua trama: o ideal imperialista haitiano representado pelo princípio geral da indivisibilidade da ilha, que foi inicialmente defendido por Toussaint Louverture na constituição haitiana de 1801, e posteriormente apropriado e reafirmado por Dessalines, Boyer e Soulouque ao longo do século XIX. Esse “imperialismo” – temos dúvida quanto ao emprego dessa terminologia – justificado de início como uma forma de defesa contra a recolonização francesa e espanhola – degenera-se, tornando-se, segundo Balaguer (1993, p. 29), um plano dirigido contra a independência de Santo Domingo e à população de origem hispânica da ilha. O discurso de repulsa e negação do haitiano em Balaguer assenta-se, dessa maneira, sobre essa base estruturante, representada pelo ideal anexionista/imperialista haitiano. Nesse sentido, Balaguer (1993, p. 24) afirma que o histórico sentimento de antipatia ao haitiano seria fruto das “[...] *atrocidades cometidas por Toussaint Louverture y Dessalines en 1801 y 1806 y resíduo también de una idea predominante, [...] de que nuestros vecinos constituían una raza inferior*”. Assim, *La Isla al Revés* constitui, tal qual *Hayti or the Black Republic* (1889), de Spenser, uma espécie de compêndio dos discursos anti-haitianistas, a partir dos quais determinada tradição de identidade se fortalece e se pereniza.

O suposto pendor imperialista dos governantes haitianos não constituía, entretanto, nem a única, nem a principal ameaça à nacionalidade dominicana. Existia, segundo o autor, um problema ainda mais preocupante – e de difícil controle – que as campanhas armadas empreendidas contra a parte oriental da ilha pelos governantes haitianos. Esse problema, por sinal, já não representava sério perigo desde que as últimas investidas de Soulouque foram rechaçadas, na década de 1850. Trata-se da invasão pacífica ou silenciosa, que segundo Balaguer (1993, p. 31), constituía um expediente utilizado pelos haitianos, a fim de se apropriarem, paulatinamente, de zonas inteiras do território dominicano por meio da corrupção física, moral, cultural e espiritual do povo dominicano, pelo contato com o pior do povo haitiano, de acordo com o autor. Os “ameaçadores haitianos” passaram a empregar – após sua decadência política e militar – recursos menos drásticos, mais sutis, mas, ao mesmo tempo, mais perigosos.

É em resposta a esse conjunto de questões que *La realidad dominicana: semblanza de un país y de su régimen*, foi lançado em 1947. A publicação desta obra foi uma tentativa para justificar a matança de *Perejil*, ocorrida em 1937, que representou parte da política ideológica da dominicanização da fronteira, de Trujillo, posta em prática, em tese, para conter essa invasão pacífica. Em 1983 o livro foi republicado em outro momento conturbado, caracterizado pela fuga de ondas de refugiados em direção ao mar do Caribe ou à República Dominicana, denominado por Wooding (2010, p. 114) como “la crise de los *boat people*”.<sup>175</sup> Ainda que as armas e o imperialismo haitiano não representassem, àquela altura, um perigo em potencial, a haitianização continuava sendo ideologicamente transformada em uma ameaça real por meio do indissimulável racismo presente em *La isla al revés*. Balaguer utiliza critérios biológicos e raciais para tentar justificar, não só a pretensa superioridade do dominicano em relação ao haitiano, mas, também, para promover e justificar as sanções e as desastrosas políticas de imigração dirigidas contra o povo haitiano ao longo da história, de onde se destaca o evento de 1937.

A fronteira compartilhada e o comércio – trocas materiais e simbólicas – com o Haiti, de acordo com Balaguer (1993, p 57), diminuía “[...] *el “poder étnico” de la población dominicana reduciendo su eugenismo*”, contribuindo, também, para “[...] *depreciaciones de valores y a nuestras decadencias políticas y morales*”. Os grandes contingentes populacionais haitianos e seu aumento incontido, constituía, nessa perspectiva “[...] *una amenaza creciente para la República Dominicana [...] por una razón biológica: el negro, abandonado a sus instintos y sin el freno [...] se multiplica con rapidez casi semejante a la de las especies vegetales*”. Em outras oportunidades o autor descreve os negros haitianos como “[...] *seres tarados por lacras físicas deprimentes*” ou como praticantes “[...] *de el incesto y otras prácticas no menos bárbaras [com] tremendas deformaciones morales.*” (BALAGUER, 1993, p. 57, 35-36, 49 e 82).

Na concepção adotada pelo autor a perniciosa influência haitiana colocava em questão e constituía uma ameaça à constituição étnica, física e moral do povo dominicano. O contato entre o negro haitiano – representado pelo autor como um degenerado biológico e moral – com as camadas inferiores da população dominicana, acabava

---

<sup>175</sup> Segundo Zaglul (2009, p. 414) “*La isla al revés es una especie de reedición, bajo una forma algo suavizada, de las tesis anti-haitianas y anti-negras publicadas ya por Balaguer en un libro de 1947: La realidad dominicana. Párrafos y partes enteras de éste han sido reincorporadas sin la más mínima corrección, treinta y seis años después.*”

influenciando-os e aquebrantando seus sentimentos patrióticos, tornando-se, portanto, uma ameaça para a nacionalidade ou à dominicanidade: hispânica, católica, branca e civilizada (BALAGUER, 1993, p. 48). Para Balaguer (1993, p. 96), portanto, o problema racial na República Dominicana se confundia com os problemas sociais e políticos. A subsistência do povo dominicano como “*nación española*” dependeria, fundamentalmente, da afirmação das diferenças e desses contrastes definidores de suas identidades. Abdicar desse ideal seria condenar a nação dominicana à desnacionalização e, o que é pior, à haitianização. De acordo com o autor,

*La desnacionalización de Santo Domingo, persistentemente realizada desde hace más de un siglo por el comercio con lo peor de la población haitiana, ha hecho progresos preocupantes. Nuestro origen racial y nuestra tradición de pueblo hispánico, no nos deben impedir reconocer que la nacionalidad se halla en peligro de desintegrarse si no se emplean remedios drásticos contra la amenaza, que se deriva para ella de la vecindad del pueblo haitiano. El primer indicio de esa desnacionalización lo constituye la decadencia étnica progresiva de la población dominicana. [...] El contacto con el negro ha contribuido, sin ningún género de dudas, a relajar nuestras costumbres públicas.* (BALAGUER, 1993, p. 45)

Foi a partir de considerações dessa natureza que o autor buscou promover a defesa do regime *trujillista* e de suas políticas de imigração. Para o autor (1993, p. 96) “*El empeño de depuración racial que animó en ciertos momentos a la ditadura de Trujillo no obedeció, pues, a un absurdo prejuicio de casta*”, sendo o preconceito de caráter religioso o único existente em Santo Domingo. A própria ideia de depuração racial, presente na citação, torna indefensável tanto o regime quanto a sua posição. É compreensível que Balaguer saia em defesa do regime *trujillista*, o que significa que, ao defender o regime o autor busque promover sua própria defesa, principalmente se levarmos em conta que ele fora um dos principais mentores intelectuais de tais políticas, além do fato de que, à época do *Masacre de Perejil*, ele figurava como Subsecretário de Relações Exteriores de Trujillo. Muito embora não haja nenhuma ligação direta entre seu nome e o massacre é possível depreender, a partir de suas publicações, sobretudo de *La isla al revés*, a ligação entre criador e criatura.

Uma constante na obra, e que também acaba depondo contra a pretendida isenção do autor, em relação às questões raciais, é sua reiterada preocupação – aos

moldes do que também fizera Spenser (1889) em *Hayti or the Black Republic* – em negar o caráter racista de seus discursos e do povo dominicano. Essa é, aliás, uma inquietação que afeta não só o autor, mas grande parte do povo dominicano. Suas origens, segundo especialistas, podem ser buscadas tanto nas intrincadas relações históricas haitiano-dominicanas, quanto nas atitudes chauvinistas demonstradas por certos setores da sociedade dominicana na busca pela afirmação de sua dominicanidade, o que implica, por certo, a negação ou a contraposição aos elementos estruturantes da haitianidade defendida por Price-Mars.

Balaguer se esforça para justificar seu controverso posicionamento ao longo da obra, como, por exemplo, ao afirmar que não “*puede atribuirse, [...] la repugnancia del pueblo dominicano a la dominación haitiana a escrúpulos de carácter étnico ni a diferencias raciales*”, ou, quando em outro momento assegura que vale “*la pena insistir en que en Santo Domingo no han existido ni existen prejuicios raciales*”; ou ainda que “*[...] en Santo Domingo no haya existido nunca el racismo*”, (BALAGUER, 1993, p. 163, 188, 189). A ênfase com que o autor busca refutar as acusações dirigidas contra o povo dominicano, em geral, e contra sua obra em particular, e o exagero das proposições, deixam entrever que a questão racista tem um lugar de destaque em seus escritos.<sup>176</sup>

Para tentar dar respaldo a sua tese antirracista, Balaguer adota um contradiscurso, a partir do qual as críticas dirigidas ao povo dominicano – que os qualifica como racistas – são direcionadas aos haitianos, que, na concepção do autor, possuem, estes sim, uma história marcada por intermináveis lutas interraciais. Balaguer afiança que o racismo está intrinsecamente presente na conformação da nação haitiana, figurando a cor da pele como um de seus traços distintivos, sobrepondo, inclusive, fatores políticos e socioeconômicos. Na República Dominicana, na perspectiva de Balaguer (1993, p. 215), diferente do que ocorre no país vizinho, “*[...] la división se opera sobre bases distintas, especialmente sobre la de la educación y el nivel económico*”, mas não na raça.

Com o objetivo de avaliar suas proposições Balaguer (1993, p. 186) utiliza-se da afirmação do escritor haitiano Alfred Viau (1955), de que “*[...] el prejuicio de color en Haití es un sentimiento colectivo, opresivo, sanguinario y monstruoso. Es la*

---

<sup>176</sup> Conforme afirmou Dustin Muñoz (2008, p. 1) “[...] *es innegable la actitud racial antinegra y por tanto necesariamente antihaitiana que se manifiesta en algunos dominicanos; aunque hay escritos que quieren ocultar eso, como por ejemplo: en La isla al revés de Balaguer*”.

*causa de todas nuestras desgracias. Es la peste que devora a Haití.*” (VIAU, 1955, p. 11). Parece evidente o papel desempenhado pela questão racial na história haitiana, mas a pretensão de Balaguer em relação a uma possível isenção, tanto de sua obra, quanto do povo dominicano a esse respeito beira à insensatez. Balaguer quer transformar o problema do racismo em algo exclusivo do haitiano, eximindo a si e ao povo dominicano de tal atitude. Nesse sentido, na concepção de Balaguer (1993)

*[...] el prejuicio de color, hecho que quiérase o no, ha influido poderosamente en el destino político del pueblo haitiano y hasta en las relaciones humanas de los componentes que integran sus distintos núcleos sociales. Aunque Price Mars niega en algunos pasajes sobresalientes de su libro [Así habló el Tío] que la oposición entre los hombres de diferente color haya influido notablemente en la evolución de la sociedad haitiana, grandes publicistas del país vecino insisten en que la evolución de las ideas democráticas en Haití ha tropezado con el “prejuicio de color”, agente que ha trascendido a la vida pública de esa nación y que ha actuado en ella, durante ciertos períodos por lo menos, como el factor predominante. (BALAGUER, 1993, p. 192-193)*

Outro aspecto que chama a atenção, muito em função da abordagem territorialista utilizada, diz respeito a aquilo que Balaguer (1993, p. 224) chamou de “fatalidade física”. Nesta perspectiva, a fronteira torna-se repleta de sentidos e de significados, extrapolando, em muito, o papel de simples marco geográfico entre os dois países. Dominicanizada, ou não, a fronteira torna-se um objeto político, passando a representar um espaço de lutas, sempre ameaçado por uma cultura outra, que não chega a ser necessariamente estranha aos dominicanos, mas que deve ser, obrigatoriamente, combatida e denegada. A porosidade da fronteira torna-se, assim, o grande problema a ser enfrentado pelos dominicanos, pois a “*apertura de las fronteras terrestres entre las dos naciones y la poca vigilancia [...] expone a nuestro pueblo a peligros permanentes y no simplemente pasajeros*” (BALAGUER, 1993, p. 218). Bem entendido, Balaguer, ao mesmo tempo que ergue barreiras físicas e ideológicas contra a migração “clandestina”, permite e incentiva a entrada de amplos contingentes de *braceros* ou *bateys* haitianos para perecer nas *plantations* dominicanas.

Outro aspecto que também está diretamente vinculado a esta questão, diz respeito ao que Zaglul (2009, p. 417) chamou de “*enemización*”, que consiste na criação e no estabelecimento de um simulacro, um inimigo interno/externo, que acaba permitindo aos governantes dominicanos – dentre os quais Balaguer – escamotear a realidade

sociopolítica e econômica e os desarranjos estruturais de seu próprio país.<sup>177</sup> Assim o haitiano é transformado em inimigo número um do país, uma ameaça, sempre presente, que coloca em risco a própria existência do povo dominicano.

Apesar da perspectiva anti-haitianista que orienta o discurso de Balaguer em *La isla al verés*, o autor surpreende, de certa forma, nos últimos capítulos da obra, com uma proposta que, ainda hoje, repercute e causa arrepios – sobretudo em função de uma interpretação rasa e enviesada –, em especial entre certos grupos dominicanos mais conservadores. Depois de reconhecer a impossibilidade ou a incapacidade de seu país receber grandes contingentes de haitianos que, segundo Balaguer (1993, p. 218) careciam de espaço vital em seu país natal, o autor propõe uma aproximação, que seria realizada aos moldes de uma confederação. Desta feita, conforme considerações do autor (1993, p. 220), seria possível estabelecer uma constituição paralela, sob um regime democrático e fundamentalmente idêntico entre os dois países, que passariam a se ajudar mutuamente. Poderia ser concedida, inclusive, com determinadas restrições – as quais o autor não faz nenhuma alusão – uma dupla cidadania aos cidadãos dos dois países.

Esta “*confederación de ambos pueblos*”, ou “*confederación dominico-haitiana*” é pensada por Balaguer a partir do velho ideal de uma “Confederação Antilhana”, defendida por alguns pensadores antilhanos<sup>178</sup> e por influência do historiador dominicano Américo Lugo – que figurava, segundo o autor, como um símbolo do nacionalismo e da intransigência patriótica. Este seria, de acordo com o posicionamento de Balaguer (1993, p. 224), o primeiro passo para resolver problemas que, como a invasão pacífica ou clandestina, constituíam sérios obstáculos para uma maior aproximação política entre as duas nações. Tal aproximação, conforme o autor preceitua, daria fim aos preconceitos histórico-raciais existentes de um lado e outro, ao mesmo tempo que contribuiria para aplacar a falsa crença de que os dois países não poderiam compartilhar de princípios e ideais capazes de superar suas históricas diferenças (BALAGUER, 1993, p. 224). Outro aspecto destacado pelo autor – e que está diretamente relacionado aos nossos propósitos – referente a sua

---

<sup>177</sup> Nesse sentido Zaglul (2009, p. 417) afirma que essa prática, denominada por ele de “*proceso de enemización*” constitui uma das chaves hermenêuticas do texto de Balaguer, e que “[...] *la identidad nacional dominicana es establecida esencialmente en la oposición radical a Haití. Esta oposición casi absoluta se expresa en términos político-nacionales a través de la consideración y de la constitución del sujeto nacional haitiano como «enemigo» principal de la nación dominicana.*”

<sup>178</sup> Uma retórica propugnada por homens como Betances, Hostos, Luperón e Martí, que defendiam a unidade das repúblicas latino-americanas. Propugnavam a união da raça latina e consideravam as Antilhas o ponto de equilíbrio das Américas. (OLIVEIRA, 2006, p. 47)

proposta de aproximação, diz respeito à necessidade de um esforço conjunto para superar os preconceitos históricos que a dificultam.

Para Balaguer (1993, p. 227, seria necessário “[...] *analizar a la luz de conceptos más constructivos y más imparciales, la formación histórica de Haití y la de la República Dominicana*”, ou seja, promover a desmistificação e a desconstrução desses discursos que impedem ou dificultam essa comunhão de princípios. Balaguer parece perceber que a solução para o drama dominicano – ligado a uma possível haitianização da cultura e das identidades dominicanas pelas massas haitianas, que invadiam pacificamente seu país – passa, necessariamente, pela superação desse projeto nacionalista/identitário sectário e discriminatório materializado na ideologia anti-haitianista. O discurso racista parece dar lugar a um discurso conciliatório. Balaguer parece se dar conta, ao final das contas, que tal qual duas irmãs siamesas, Haiti e República Dominicana, estariam destinados a coabitar, *ad eternum*, aquela pequena porção de terra que Colombo batizara de Espanhola, e que a morte de uma significaria, certamente, o ocaso da outra; que da sobrevivência e do desenvolvimento do Haiti dependeria o destino dominicano.

É a partir desse conjunto difuso de ideias que *La isla al revés*, de Balaguer, passa a constituir uma referência para os discursos anti-haitianistas, que procuram representar o povo e o Estado haitiano, de forma recorrente, sob um prisma inferiorizante e barbaresco, sobretudo nos momentos em que, por força de graves perturbações internas, o povo haitiano tomava/toma o rumo da República Dominicana. O haitiano insurge, assim, como uma ameaça a todos os valores que Balaguer elencara para contruir esse ideal de dominicanidade. O “ser haitiano”, na perspectiva defendida pelo autor, figura como a antítese do “ser dominicano”. Em Balaguer, mais que em qualquer autor dominicano, ser dominicano representou, de forma cabal e inequívoca, não ser e não parecer haitiano.

Balaguer, os autores e obras apresentadas ao longo deste capítulo acabaram influenciando, de maneira significativa, no estabelecimento e, talvez com maior ênfase, na disseminação de um ideário anti-haitiano, que, em virtude de sua perenidade, acabam contribuindo para o desenvolvimento e para o estabelecimento de determinada tradição de identidade haitiana, retomada e apropriada, de maneira recorrente, pelos discursos midiáticos contemporâneos. Assim, veremos, na sequência, por meio da análise do *corpus* já descrito – composto pelos jornais *Alter Presse* e *The Haitian Times*, do Haiti; *Hoy Digital*, *El Nacional* e *El Día*, da República Dominicana; e o *The New York Times*, dos Estados Unidos –

a forma como esses estigmas e estereótipos anti-haitianistas, gestados e reproduzidos na longa duração, continuam presentes e influenciando na conformação das identidades haitianas hodiernas, caracterizadas, como outrora, por uma representação predominantemente negativa e depreciativa do país e de seu povo.

### CAPÍTULO 3

#### **AS IDENTIDADES HAITIANAS NOS DISCURSOS MIDIÁTICOS CONTEMPORÂNEOS: CONFORMAÇÃO HISTÓRICA/POLÍTICA**

No decorrer dos dois primeiros capítulos de nosso trabalho, buscamos descrever os contornos de um discurso que, de acordo com nossas hipóteses, deita raízes na longa duração, e que constitui um desdobramento ou um eco tardio de uma discursividade colonialista fundada, de acordo com Fanon (1968), sobre um “humanismo racista” e uma “ideologia mentirosa”, a partir da qual o europeu se fez homem fabricando escravos e monstros (FANON, 1968, p. 16-17). O anti-haitianismo, histórico ou de Estado – e, por conseguinte, as identidades que se estruturam a partir de seus discursos e suas práticas – figuram, portanto, como um efluente desses discursos, uma vez que foi a partir dos estereótipos e estigmas gestados no período colonialista que o povo e o Estado haitiano – e não só eles – passaram a ser representados após o levante de 1791. Essas representações, caracterizadas quase sempre por apresentar o Haiti e o povo haitiano sob um viés negativo e depreciativo, ganham espaço na medida em que essa ideologia anti-haitiana vai se consolidando e se disseminando, por meio de uma multiplicidade de vozes e atores, dentre os quais aqueles analisados no capítulo precedente.

Com base nessas representações o haitiano foi apresentado ao mundo como um sujeito bárbaro, abjeto, vil e ameaçador. O Haiti foi transformado, por força desses discursos, e das práticas que o acompanham, na perfeita representação da decadência e do caos; foi considerado, de acordo com Hurbon (1993, p. 11), “o guia dos povos dominados”

e “o primeiro desafio apresentado ao ocidente”. Um desafio que foi, certamente, muito além das questões imediatas, de natureza político-econômicas, desencadeadas pelo rompimento político-administrativo com a França. O levante haitiano colocou em questão, portanto, não apenas um modo de produção, mas uma série de elementos representacionais vitais para a manutenção de um *status quo* e de uma identidade que, até então, figurava como a única possível e aceita: a “identidade branca”, bastião da história moderna ocidental (POPKIN, 2008, p. 295).

Trata-se, todavia, de perscrutar a construção de uma identidade forjada na longa duração, a partir de uma discursividade secular – colonial, ou colonizadora, conforme Nagai (2012, p. 201) – estabelecida, em grande parte, sobre critérios históricos, raciais – ou biológicos – e culturais; uma identidade cujas principais estruturas discursivas encontram-se alicerçadas, de acordo com nossas hipóteses, sobre um conjunto de representações estigmatizantes e estereotipificadoras, que ainda se manifestam, por vezes, com uma vitalidade incomum, nos discursos midiáticos contemporâneos. Foi a partir de tais manifestações, caracterizadas por um conjunto abrangente de permanências e continuidades – próprias do interdiscurso – observáveis nas fontes midiáticas utilizadas doravante, que nos colocamos a pensar as identidades haitianas contemporâneas – sempre denegadas – como parte de uma longa tradição discursiva, cuja trajetória de sentido foi já esboçada nos primeiros capítulos deste trabalho.

Nessa perspectiva, tal identidade deverá ser pensada, aproximando-nos de Pedro Luís Navarro-Barbosa (2007, p. 93), como “[...] um processo de produção e um efeito de discurso [...] construída no e pelo discurso”, ou ainda, conforme Carvalho (2014), como “[...] uma criação linguística elaborada no âmbito das relações socioculturais, que adquire sentido por meio da representação [...] resultado de um processo – nunca completado – de produção discursiva que tende a demarcar certas fronteiras simbólicas.” (CARVALHO, 2014, p. 16). Destarte, se num primeiro momento nos ocupamos em “demarcar” esses limites, ou essas “fronteiras simbólicas”, nos quais se acham circunscritos os elementos constituidores dessa tradição de identidade, a partir daqui estaremos empenhados em evidenciar suas manifestações, sua emergência nos discursos veiculados por meio de determinados órgãos de imprensa do Haiti, da República Dominicana e dos Estados Unidos.

Dessa forma, se nos dois primeiros momentos de nosso trabalho nos interessava aquilo que poderíamos considerar como sendo as “condições de produção” desses discursos, nos quais, de acordo com Fernandes (2004, p. 112), são considerados os aspectos históricos, sociais e ideológicos que lhes são próprios, daqui para frente procuraremos apresentar a forma pela qual esses discursos continuam sendo apropriados e retomados pelas mídias, que, ao tensionar memória e esquecimento – por meio da ideologia – acabam construindo uma “história do presente” eivada de signos do passado (GREGOLIN, 2003, p. 96). Assim, ao desempenhar um “papel de mediação” entre o leitor e a realidade, aquilo que as mídias, ou os textos de mídia, oferecem ao leitor não é mais que uma intenção de verdade, uma “verdade mediana”, uma atitude discursiva dependente do sujeito interpretante (CHARAUDEAU, 2009, p. 187). Trata-se, talvez com mais acerto, de um espaço de reconhecimento, “[...] uma construção que lhe permite produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta [...] no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmo e em relação aos outros” (GREGOLIN, 2003, p. 97). E é justamente a partir desse espaço midiático, relacional – de um lado a outro discursivo – que se constitui, também, como um espaço de alteridade, que, acreditamos, as identidades haitianas contemporâneas são pensadas e estruturadas.

A mídia é percebida, então, no âmbito do presente trabalho, como uma instância privilegiada da produção de sentidos – e logo, de identidades. Os discursos (re)produzidos acerca do Haiti e de seu povo tornam-se, assim, parte de uma prática em que a mídia opera, segundo Navarro-Barbosa (2007, p. 97), por meio de um saber, de um poder e de um lugar que lhes são próprios, uma espécie de “panoptismo”, “[...] de onde tudo observa, mede, controla e transforma os fatos em acontecimentos históricos e memoráveis”. Nesse sentido, a mídia figura, conforme Charaudeau (2009, p. 29), semelhante a uma “máquina de fabricar sentido social”, por meio, sobretudo, daquilo que o autor classificou como “discurso de informação”, que se traduz em “[...] uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário”, e que se caracteriza, também, por sua natureza essencialmente efêmera e a-histórica (CHARAUDEAU, 2009, p. 12).

O discurso de informação torna-se, assim, o agente de dada memória discursiva – portadora de “implícitos” e “preconstruídos” –, caracterizada, conforme considerações de Maria da Conceição Fonseca-Silva (2007, p. 23-24) pela “circulação,

repetição, retorno, esquecimento, conflito/polêmicas, transformação, permanência e atualização de sentidos”. Nesse sentido, a mídia conforma na medida em que informa. É preciso estar atento, por um lado, às condições de produção e, por outro, e ao mesmo tempo, às condições produzidas, pois, na concepção de Charaudeau (2009, p. 28) “[...] o texto produzido é portador de *efeitos de sentido possíveis*, que surgem dos efeitos visados pela instância de enunciação e dos efeitos produzidos pela instância de recepção.” Trata-se, todavia, de pensar a mídia – e os discursos por ela produzidos – como um espaço onde são engendradas, mediante determinadas condições, e sob a ação de determinada ideologia, as representações que dão lugar e suporte a essas ou àquelas identidades. (VASCONCELOS, 2010, p. 33). Nesse sentido Tânia Regina Luca (2009, p. 139), nos lembra, abonando a assertiva de Navarro-Barbosa (2007), de que a imprensa periódica “seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, tudo aquilo que elegeu como digno de chegar ao público”. Nessa mesma direção, Gregolin (2007), afirma, também, que

Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma história do presente como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata [conforma] a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. (GREGOLIN, 2007, p. 16)

Não há, entretanto, isenção no ato de informar. O dizer, segundo Luzmara Cursino (2011, p. 183), “[...] não é livre, nem individual; ao contrário, ele é determinado por coerções históricas, sociais e culturais de diferentes ordens”. Os discursos que nos servem de objeto constituem um testemunho contundente dessas influências. Assim, caberá a nós, enquanto historiadores, munido das ferramentas teórico-metodológicas apropriadas, e em conformidade às ponderações de Luca (2009, p. 139), “[...] problematizar a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento.” Buscaremos evidenciar então, a partir da análise das fontes listadas – com o intuito de desempenhar o papel que nos cabe –, a emergência de determinadas permanências e continuidades – predominantemente depreciativas – nos discursos midiáticos contemporâneos e, também, a forma pela qual certas manifestações históricas, raciais e culturais acabam constituindo suporte ao estabelecimento e à perpetuação de uma tradição de identidade haitiana, que se constrói, na perspectiva aqui privilegiada, a partir da negação do Haiti e dos haitianos.

O haitiano passa a ser identificado e apresentado, então, por força desses discursos, logo, dessa tradição, veiculados pela mídia – sobretudo quando se move, por mar ou por terra, emigrando para os países circunvizinhos ou para o lado oriental de Espanhola, em meio ou em função das sucessivas crises que assolam o país –, como um problema e uma ameaça, tanto mais para aqueles com quem mantêm relações diretas, como os dominicanos, por exemplo. Os motes anti-haitianistas, engendrados na longa duração, são assim retomados e sistematizados por historiadores, escritores, homens de Estado, acadêmicos, jornalistas, dentre outros, emergindo de forma recorrente nos veículos midiáticos de que nos serviremos. Pela ação destes a mídia passa a exercer, consoante D’Adesky (2001, p. 88), um “[...] papel não negligenciável na produção da identidade, na medida em que é o vetor de informações e de imagens que podem ser valorizadas ou manipuladas segundo os interesses em jogo”. Nessa perspectiva Étienne (2007), referindo-se à relação haitiano-dominicana, afirma que:

*Hoy en día, los medios de comunicación, tanto escritos como radiales, dominados por los grupos de poder, se dedican a transmitir mensajes antihaitianos promoviendo la idea de que éstos son seres inferiores semi salvajes que dañan la "raza dominicana", traen enfermedades al país, viven de los servicios públicos que pagan los dominicanos, en fin, que son una plaga en crecimiento que amenaza con acabar con la dominicanidad y la existencia misma del pueblo y estado dominicanos. (ÉTIENNE, Alter Presse, 28/05/2007, n. p.)*

Nessa concepção, percebe-se que a barbarização, a bestialização e a inferiorização, já destacadas por autores como Fanon (1968), Hurbon (1993), Bhabha (2003), dentre outros, continuariam constituindo uma das bases dos discursos midiáticos produzidos e dirigidos aos haitianos e ao Haiti contemporâneo, logo, fariam parte de suas identidades. O “ser haitiano” emergirá nesses discursos, quase sempre, como teremos oportunidade de observar, como um “ser” denegado. Este seria a negação do “ser” ocidental, fundado sobre a premissa de uma identidade branca e eurocêntrica, para a qual a história haitiana surge como um secular contraponto, ou, em certos casos, como uma impossibilidade. Sua história/política e suas raízes étnicas-culturais figuram, grande parte das vezes, como desviantes: o haitiano foi representado pelos discursos que nos servem de fonte – como o fora ao longo dos últimos dois ou três séculos, conforme asseverou Hurbon (1993) – ora como um tipo inferior, incapaz/inapto para o autogoverno ou para a ‘civilização’; ora como um ser

bárbaro, ameaçador, guiado pelos instintos mais primitivos, praticante de seitas macabras e de costumes repugnantes, herdados e atribuídos, em grande parte, as suas heranças africanas.

Ao longo do terceiro capítulo, contudo, apoiados nas fontes referidas, buscaremos explicitar como determinados componentes histórico-políticos ganham relevo nos discursos midiáticos contemporâneos, passando a desempenhar um papel substancial na perpetuação dessas práticas discursivas, anti-haitianistas, que constituem uma das bases dessa longa tradição de identidade haitiana que, conforme nossas hipóteses, tem exercido um destacado papel na construção das identidades haitianas desde que o país se viu livre do domínio francês, ou mesmo antes. Os fatos/acontecimentos histórico-políticos relacionados ao povo haitiano são apresentados nas fontes midiáticas utilizadas nesses últimos capítulos, com seus sentidos “deslocados, retomados e transfigurados”, de modo a ensejar, conforme Fernandes (2012), a emergência de certa memória discursiva, a “[...] certa reaparição do passado em novas condições sócio-históricas de produção dos discursos [...] um discurso atualizado em outro, ou em outros” (FERNANDES, 2012, p. 95-96).

Foi, então, a partir do tensionamento dessa(s) memória(s) – que remonta(m) aos idos da Revolução –, dessas permanências e dessas continuidades – que, conforme nossas hipóteses, continuam a ecoar nos discursos midiáticos contemporâneos –, que determinada identidade começa a ser conformada e se mantém. Faremos esse percurso inicial balizados, em linhas gerais, pelos marcos históricos que orientaram a elaboração do primeiro capítulo de nosso trabalho, procurando demonstrar como determinados fatos e acontecimentos da história e da política haitiana – relacionados à fundação, ao estabelecimento e ao desenvolvimento do Estado e do povo haitiano – continuam sendo retomados e apropriados com vistas à validar ou reforçar determinadas perspectivas anti-haitianistas produzidas e reproduzidas na longa duração até o presente, e, não menos importante, evidenciar como esses motes anti-haitianistas que seguem influenciando, tal qual em outros momentos, a construção das identidades haitianas hodiernas. Vejamos então como a história haitiana, marcada por um sem número de dramas e tragédias, ganha forma e sentido nos enunciados extraídos dessas fontes, tornando-se, também ela, um instrumento de denegação das identidades haitianas contemporâneas.

### 3.1. Prolegômenos anti-haitianistas: revolução, imperialismo e decadência

*El espectáculo que ofrece Haití en nuestros días es  
remedo de cuanto aconteció desde las primeras horas  
en que proclamó su independencia.  
(ITURBIDES, 2004, n. p.)*

Talvez não seja exagero afirmar, tendo como base os discursos reproduzidos a partir de nossa bibliografia e de nossas fontes literárias e midiáticas, que a Revolução Negra/Haitiana, apesar de temporalmente distante, longe de silenciar, ressoa e repercute, influenciando, ainda hoje, a reprodução das identidades haitianas. O levante dos escravos da colônia de *Saint-Domingue* torna-se um marco indelével nas relações coloniais. O negro haitiano, segundo Casimir (2008, p. 815) distancia-se do “negro europeu” na medida em que nega a racialização das relações de trabalho, reiventando-se. O haitiano, ainda de acordo com esse autor, “[...] *tal como se construye en el curso de las guerras de la independencia [...] no puede vivir sino en los márgenes del capitalismo; en el corazón del sistema, tiene que desaparecer.*” (CASIMIR, 2008, 817). A história do Haiti passa a ser, dessa maneira, e em certa medida, a história desta Revolução, um dantesco espetáculo em que a mais próspera e rentável colônia francesa fora reduzida – junto com as gentes que a habitavam –, por força do ódio e da cobiça, e também por obra dos ideais anti-haitianistas aí engendrados, a pouco mais que nada, em uma pífia lembrança daquilo que fora outrora.

A história do povo haitiano, no entanto, longe de absolver, condena, pois, conforme Susana Merino (*Alter Presse*, 29/04/2010, n. p.), apesar do fato de que quase “*todas las crónicas describen a Haití como uno de los países más pobres del planeta*” poucas, segundo ela, “*se detienen a analizar cuales han sido las causas que lo han condenado a esa situación*”. É nesse sentido, também, que Francisco Alvarez Castellanos (*Hoy Digital*, 14/10/2004, n. p.) afirmara, no artigo *Qué hacer con Haití*, que o Haiti “*Es un pueblo digno de lástima por su turbulenta historia pasada y su historia presente.*” Jacinto Pellerano (*Hoy Digital*, 10/10/2010, n. p.) vai além ao afirmar que “*La historia haitiana es una tragedia, tragicómica por momentos breves, absurda e inexplicable la mayor parte del tiempo.*” Será possível verificar, ao longo dos próximos capítulos, que nos artigos e

reportagens dos jornais haitianos, dominicanos e estadunidenses, representações dessa natureza não constituem excessão.

A Revolução, que libertara o povo haitiano do jugo francês, tornara-se, ao longo de sua história, um aparente paradoxo, uma espécie de prisão, onde, contraditoriamente, tudo começa e termina. É o que se depreende na perspectiva explicitada pelo editorial do jornal *Hoy Digital*, em um momento no qual, uma vez mais, o Haiti encontrava-se em crise, em função, principalmente, das ameaças e dos enfrentamentos travados entre grupos rivais, pró e anti Aristide, em 2003. Segundo o artigo: “*Las noticias de la actualidad no se pueden entender prescindiendo del ayer. El presente se explica con el pasado. Muertes y caos en Haití solo se entienden a la luz del bicentenario que se recuerda. Y de más atrás.*” (HOY DIGITAL, 28/12/2003, n. p., grifos do autor). É estabelecida assim, a partir da tensão das memórias dos traumas provocados pela Revolução, por meio de uma prática anti-haitianista, tributária dos discursos racistas e eurocentristas que remontam do período colonial, determinada tradição de identidade em que o povo haitiano insurge, não raro, como sujeitos abjetos e ameaçadores ou, numa perspectiva diversa, como abjetos e desprezíveis.

Há, como se pode perceber, uma tentativa de se estabelecer um nexó analítico, e em certa medida causal, entre os dois momentos, caracterizados pelo morticínio e pelo caos revolucionário. Amy Wilentz (2011) deixa entrever, por um lado, a presença da Revolução na memória das elites haitianas e, por outro, o papel que ela desempenhara na construção de um discurso em que o povo haitiano figura, de maneira geral, sob um ângulo negativo e depreciativo. Para Wilentz (2011),

*Two centuries later [daquilo que a autora classificou como sendo “a historic and singular victory over the French Army in 1804”], the elite, some of whom are descendants of the French colonists, still have a profound fear of the poverty-stricken general population. They understand fully that the triumph of the slaves never brought about the structural changes in Haitian society for which those early, bloody Battles were fought. The ruling class still fears the overturning of the customary order. Revolution is a scary thing.*<sup>179</sup> (WILENTZ, *The New York Times*, 15/03/2011, n. p.)

---

<sup>179</sup> “Dois séculos mais tarde [daquilo que a autora classificou como sendo “uma vitória histórica e singular sobre o Exército francês em 1804”], a elite, alguns dos quais são descendentes dos colonialistas franceses, ainda tem um profundo temor da população miserável em geral. Eles entenderam plenamente que o triunfo dos escravos nunca ocasionou mudanças estruturais na sociedade haitiana para os quais inicialmente, sangrentas

Para determinadas correntes ou grupos, a história do Haiti, que se desenvolve a partir das disputas entre franceses e espanhóis pelo controle daquela que Colombo havia batizado como Espanhola, tem início, efetivamente, a partir da eclosão desta Revolução, que pela ação de determinada ideologia – anti-haitianista –, torna-se um dos principais eventos históricos do mundo atlântico daquele período. O levantamento dos escravos na parte ocidental da ilha, inflamados, de início, pelos próprios colonos de *Saint-Domingue*, arrastou consigo várias controvérsias e paradoxos. Desse modo, a Revolução encampada pelos escravos daquela colônia marcou, a um só tempo, o nascimento da nação haitiana e talvez, numa outra perspectiva, o seu ocaso, operando, além disso, uma inegável transformação sociopolítico-econômica e cultural do mundo colonial. O Haiti parece tomado, assim, de um mal de origem, sendo visto e representado como uma excrescência quando comparado aos demais países latino-americanos.

Acreditamos, assim, que a Revolução, tanto do ponto de vista político, quanto do ponto de vista histórico, represente o espaço a partir do qual, se não todos, mas a maioria dos estigmas dirigidos ao Haiti e seu povo se originam, articulam-se e se reproduzem. Como este evento encontra-se entranhado na gênese da nação haitiana, sendo percebido, ao lado do vodu e do creole, como um símbolo de sua haitianidade, é recorrente encontrarmos referências a ele em artigos e reportagens disponíveis nos jornais que nos servem de fontes. A depender do ponto de vista adotado – que varia de acordo com a fonte, o autor, as circunstâncias, o contexto etc. – a Revolução seria tomada a partir de um recorte positivo ou negativo, de onde emergirão determinados traços e comportamentos sociopolíticos e culturais atribuídos ao povo haitiano contemporâneo.

Em que pese essa natureza negativa que geralmente caracteriza esses movimentos, tanto a Revolução, quanto as incursões haitianas à colônia espanhola/francesa que se seguem – vistas na primeira parte do trabalho – são representadas, em dado momento e a partir de determinados espaços, dentro de uma perspectiva, por vezes, mais complacente. Por esse caminho, a Revolução chega a figurar como um exemplo invulgar e obstinado de pioneirismo na luta pela liberdade, sendo celebrada, em certos momentos,

---

batalhas foram travadas. A classe dominante ainda teme a derrubada da ordem tradicional. A revolução é uma coisa assustadora.” (Tradução nossa)

como um marco emancipacionista dos estados modernos. Neste sentido Torres (*El Nacional*, 07/01/2014, n. p.), adverte que “*Los caribeños no debemos olvidar que fue la haitiana la primera revolución en la región [...] que inició el proceso que culminaría con la abolición de la esclavitud.*” Em conformidade a essa linha de pensamento, Rafael Ciprián (2013), assevera que:

*Cuando Haití se independizó de la patria de Napoleón Bonaparte, dio un ejemplo mundial. Realizó la revolución más compleja y hermosa de la historia. Desarrolló una guerra que al mismo tiempo fue social, racial, antiimperialista, antiesclavista y de liberación nacional. (CIPRIÁN, El Nacional, 12/10/2013, n. p.)*

A luta do povo haitiano – na perspectiva privilegiada por esses autores – colocou em questão não apenas a independência político-administrativa da colônia de *Saint-Domingue*. Foi muito além. A assertiva de Bosch (1986, n. p.) de que a Revolução haitiana foi, a um só tempo, uma guerra social, racial, civil, internacional e, por fim, ou como consequência, uma guerra de independência, reafirmada por Ciprián (2013), permite-nos perceber a dimensão e a profundidade desse singular feito histórico, considerado, ainda hoje, como um paradigma, sobretudo no que tange às lutas emancipatórias desencadeadas na América Latina e no Caribe a partir de fins do século XVIII e início do século XIX. Johnny Guerrero refere-se à Revolução como aquela que:

*[...] forjo la independencia haitiana y que marco un hito en los anales de la historia. Esta revolución fue una guerra de liberación social, racial y nacional y constituyo la primera guerra de independencia victoriosa en Latinoamérica y el Caribe en contra del colonialismo de una potencia europea. Es posible que sea una Revolución única en el mundo por las características de sus logros [...] Esta revolución paradigmática fue un referente para los libertadores de Latinoamérica y el Caribe. (GUERRERO, El Día, 09/01/2013, n. p.)*

Para além da exaltação do papel histórico da Revolução e de sua amplitude, outro aspecto que se faz presente em uma significativa parcela dos discursos que buscam representá-la diz respeito à posição assumida pelas grandes potências coloniais, em especial pela França – durante e após a Revolução –, diante da imposição de tão ignominiosa derrota. A esse respeito, Narciso Isa Conde (2010), nos fala de uma *Maldición Imperial*,

aproximando-se, de certa forma, da perspectiva apresentada por Guerrero (2013, *El Día*, 09/01/2013, n. p.). Segundo Conde (2010):

*Los imperios coloniales y el imperialismo moderno nunca le perdonaron al pueblo haitiano el hecho de haber fundado la primera república independiente de nuestra América, realizado la primera revolución social anti-esclavista [...] Desde entonces se ensañó en su contra la **maldición imperial: neocolonialismo, intervenciones militares, dictaduras feroces, saqueo y empobrecimiento** hasta devastar su territorio y formar la sociedad más crónicamente empobrecida del Hemisferio Occidental. (CONDE, *El Nacional*, 16/01/2010, n. p., grifo nosso)*

Pode-se observar que esses discursos abarcam, de maneira geral, períodos bastante extensos, e buscam estabelecer relações e contrastes entre a situação vivida pela colônia de *Saint-Domingue* às vésperas da Revolução<sup>180</sup>, com o Estado haitiano que emerge do processo revolucionário, e, por vezes, com o Haiti hodierno, no intuito evidenciar, ao que parece, o alcance sociopolítico e econômico da Revolução e seus devastadores efeitos sobre aquele incipiente Estado. Ou, por outro lado, a inaptidão/incapacidade do negro para o autogoverno, fazendo eco dos discursos presentes nas obras de Spenser, Balaguer e Peña Batlle, apresentados no segundo capítulo de nosso trabalho. Nesse sentido, José B. Gautier (2006), questiona:

*¿Cuándo van a perdonar esos países colonialistas europeos y americanos a Haití por haber sido la primera nación en el mundo contemporáneo integrada por libertos, antiguos esclavos negros, que derrotaron a sangre y fuego el intento de retroceso social napoleónico de regresar a la caverna restableciendo el sistema esclavista? (GAUTIER, *Hoy Digital*, 10/07/2006, n. p.)*

A encarniçada luta travada contra as maiores e mais poderosas potências econômicas e militares do mundo colonial repercutiu, e ainda repercute. A ignomínia dos *jacobinos negros*, como afirmara James (2000), não seria, e não foi, perdoadada ou esquecida. Dessa maneira, a Revolução sela o destino do Haiti em uma dupla perspectiva, pois, se a partir daí, o país passa a figurar, por um lado – de maneira mais tímida – como um

---

<sup>180</sup> Caracterizada, sobretudo, pela pujança na produção de açúcar e outros bens, além de produtos tropicais explorados pelos colonos e comerciantes franceses – ao custo de milhares de vidas – que faziam daquela a mais cobiçada colônia do Caribe e das Américas.

exemplo do desprendimento e do pioneirismo libertário que passaria a grassar sobre o continente a partir daquele final de século, logo, como um símbolo da luta pela manumissão da escravidão, por outro, certamente com maior destaque, torna-se o país da anarquia e do caos, sendo apresentado por diversos cronistas, acadêmicos, literatos e historiadores como o reino do terror e da barbárie, comandado por negros insubmissos, supersticiosos, lascivos e, sobretudo, inaptos e incapazes de se autogovernar. A desonra não foi aceita e, conforme Eduardo Galeano (*Alter Presse*, 30/09/ 2011, n. p.) “*Aquella insolencia negra sigue doliendo a los blancos amos del mundo.*”

A Revolução é percebida, então, como parte de um conjunto difuso de transformações, que deixou marcas profundas e indeléveis em todos os domínios da sociedade colonial, principalmente sobre o Haiti. Apesar do trauma, representado pelas enormes perdas humanas e materiais, não é difícil depreender que essa ruptura não se traduziu em autonomia ou melhoria das condições de vida para o grosso da população, constituída, em sua esmagadora maioria, por escravos/ex-escravos negros. A independência não se realiza, todavia, em sua plenitude, passando a Revolução haitiana a ser apresentada, também, como uma caricatura mal acabada da Revolução francesa e o Estado haitiano como um arremedo da República francesa. Nesse sentido, segundo Pellerano (*Hoy Digital*, 05/10/ 2013, n. p.) “*En el Haití independiente se imitó lo peor de la Revolución Francesa: la guillotina, los trajes y atuendos de la corte gala, el castigo brutal... Tuvieron hasta Emperador... Imitaron lo malo.*”

Não havia, ao fim das contas – temos sérias dúvidas, por uma série de questões, se há – um projeto de nação capaz de atenuar a celeuma gerada internamente pela Revolução. Apesar da grandiosidade do feito, a Revolução não avança. Retrocede. Desse modo, ratificamos a perspectiva apresentada por Darío Meléndez (*Hoy Digital*, 08/02/2006, n. p.), segundo a qual “[...] *Los haitianos deben reconocer que, a pesar de su heroica independencia [...] su país no ha logrado salir de la esclavitud de la pobreza.*” Nesse sentido, Robert Fatton Jr. (2004), afirma ainda que:

*The revolution symbolized the Haitian quest for liberty and solidarity, but the repressive despotism of colonialism and the violence of the struggle for emancipation left the country with a troubled legacy. Haiti inherited the wounds of racial and class enmity and confronted the hostility of slave-holding powers, including the United States. The country also had to face the material ruin that resulted from the*

*bloody struggle for emancipation. [...] The paradox of the Haitian revolution is that it was fought in the name of liberty and equality and yet the country has experienced little of either.*<sup>181</sup> (FANTON, *The New York Times*, 04/01/2004, n. p.)

A Revolução torna-se, assim, por força dos discursos anti-haitianistas que a partir daí se reproduzem e tomam impulso, uma espécie de fronteira entre uma era de prosperidade e um tempo de decadência, entre a civilização e a barbárie, o progresso e decadência, o avanço e o retrocesso. Melvin Matthews (*Hoy Digital*, 14/01/2011, n. p.) reforça essa perspectiva ao assegurar que “*Desde su independencia para acá, Haití sólo ha sido capaz de ofrecer tragedias políticas y sociales, al tiempo que sobrevive precariamente a las periódicas y furiosas embestidas de la naturaleza.*”

Essa discursividade, reproduzida a partir de uma matriz colonial, imperialista e, sobretudo, anti-haitianista, procura desumanizar, marginalizar e demonizar aquela que certamente figura como a principal conquista do povo haitiano. Conforme Fanon (1968, p. 77) a “apoteose da independência transforma-se em maldição da independência. Por meios colossais de coerção, a potência colonial condena ao retrocesso a jovem nação.” A colônia de *Saint-Domingue*, sempre lembrada como uma das mais ricas e prósperas das Américas ou do mundo colonial – a despeito dos meios empregados para tal – passa a ser o referente a partir do qual o fruto da Revolução foi visto e pensado. Assim, o ano de 1804 foi tomado, nas palavras de Fabio Herrera-Miniño (*Hoy Digital*, 06/05/2011, n. p.), como o início do atraso, da ignorância e da barbárie, dando corpo a assertiva de Sucre Vásquez (2007), segundo a qual

*[...] a raíz de la sangrienta revolución de independencia del 1803 [...] no sólo acabaron con el dominio francés, sino que barrieron con todo vestigio de civilización, ciencia, instrucción, y con los medios eficaces de producción agrícola e industrial. Era Haití, antes de ese salvaje aunque hermoso, proceso de la libertad, una de las colonias más ricas de América, con gran producción de azúcar, algodón, cocoa, y entonces los bosques de [...] Haití, estaban llenos de pájaros, árboles y animales.* (VÁSQUEZ, *Hoy Digital*, 10/07/2007, n. p.)

---

<sup>181</sup> “A revolução simbolizou a busca haitiana pela liberdade e pela solidariedade, mas o despotismo do colonialismo e a violência da luta pela emancipação deixou o país com uma conturbada herança. O Haiti herdou as feridas da inimizade racial e de classe e confrontou a hostilidade dos poderes escravistas, incluindo os Estados Unidos. O país também teve que enfrentar a ruína material que resultou da sangrenta luta pela emancipação [...] O paradoxo da Revolução Haitiana é que ela foi travada em nome da liberdade e da igualdade e o país ainda experimentou pouco delas.” (Tradução nossa)

O leitor menos informado pode ser levado a pensar, ou a deduzir, a partir de tais discursos, que na *Saint-Domingue* francesa – pois a rigor o Haiti não existia como país ou nação – as benesses da civilização, da ciência, da instrução e da produção agrícola e industrial, estavam ao alcance de todos. Completo e absoluto equívoco. É bem conhecido o papel e o lugar daquela colônia e dos cerca de meio milhão de escravos na organização da metrópole francesa e do mundo colonial. Sabe-se, também, que a pujança e a riqueza da colônia de *Saint-Domingue* só foi tornada possível graças ao emprego de um dos mais brutais sistemas de exploração de mão de obra escrava do mundo, fato que acabou fornecendo o combustível que animou a Revolução. Mas, ainda mais importante, é termos clareza de que essas questões tornam-se secundárias, uma vez que o que se quer denotar é, exatamente, o contraste entre o pré e o pós “[...] *salvaje aunque hermoso, proceso de la libertad [...]*”, conforme Vásquez (*Hoy Digital*, 10/07/2007, n. p.).

A partir dessa visão anti-haitianista, a ruptura e a destruição da *Perle des Antilles* marcam o início de um tempo outro, caracterizado, sobretudo, pelo caos e pela anarquia, e, nesse sentido, diametralmente oposto ao anterior. Nessa perspectiva Eduardo Jorge Prats (*Hoy Digital*, 21/01/2010, n. p.) afirmara – com alguma razão – parafraseando Juan Bosch, que “[...] *la revolución haitiana, es un desastre a la vez natural, político, económico y social.*” Na mesma direção Pedro Gil Iturbides (*Hoy Digital*, 21/01/2009, n. p.) lembrava que, com o fim da revolução, em 1804, “[...] *se iniciaba la involución. Proceso éste que no se ha detenido ni en lo político, ni en lo económico, ni en lo social.*” O desastre natural, político, econômico e social, e a conseqüente “involução” que se segue, e que, ao que parece, ainda não conheceu fim, são habilmente orquestrados de maneira a sustentar o mote anti-haitianista da incapacidade do negro para o autogoverno.

Sobre o haitiano recai toda e qualquer culpa e responsabilidade pelo “desastre”. A violência, a barbárie, a selvageria, a perfídia, a insídia e a desonra, aparecem, à luz destes discursos, como características natas do haitiano. Sobre as abomináveis e deploráveis práticas dos colonizadores franceses e de seus congêneres ingleses, espanhóis ou estadunidenses para com os negros de *Saint-Domingue* e, mais tarde, do Haiti, nem uma palavra. Tudo se passa, ou é apresentado, como se de um momento para outro, sem motivos aparentes ou que justificassem, os escravos, em um ato desleal e desumano, tivessem se rebelado e eliminado, cruelmente, todos os seus amos. O caráter simplista e lacunar não é

gratuito, nunca foi. No trecho abaixo José Báez Guerrero (2007), ilustra bem algumas destas questões ao afirmar que:

*Los franceses establecieron una colonia que llegó a ser la más importante de toda América, tanto que en un momento producía iguales riquezas que los Estados Unidos. A finales del siglo XVIII, los negros se sublevaron, y una noche mataron a todos los blancos, degollándolos mientras dormían. Al amanecer de ese día, Haití se había convertido en un país puramente africano. En poco tiempo entró en un proceso involutivo que cada año la dejaba más pobre y caótica.* (GUERRERO, *Hoy Digital*, 20/02/2007, n. p., grifo nosso)

A noção prosperidade-revolução-decadência, costumeiramente atrelada à suposta incapacidade de os negros haitianos se autogovernarem e à barbárie que sempre lhes foi atribuída, ocupa um papel central na reprodução dos discursos anti-haitianistas, que, pelo tensionamento de uma memória discursiva anti-haitiana, buscam estabelecer nexos analítico-explicativos, muitas vezes causais, entre o acontecimento e as dificuldades que lhe sobrevieram. A Revolução passa a ser representada, então, como um equívoco, um erro crasso, conforme pode ser observado na assertiva de Juan Carlos García (*El Nacional*, 03/05/2012, n. p.) que certifica que “*Después de la independencia de Haití, todo se revirtió y Haití se convirtió en uno de los países más pobres del mundo.*” Nessa mesma direção, José Antonio Rojas (*Hoy Digital*, 04/01/2014, n. p.) assevera que o Haiti tem se “[...] *convertido en un Estado casi fallido y paupérrimo por su decisión de eliminar a los franceses en la época de mayor bonanza de la Colonia.*”

Não se pode negar que o estabelecimento de tais relações, realizadas dentro de certos limites, seja, por vezes, quase que impositivo. O que se questiona é, no entanto, a omissão e o encobrimento das condicionantes históricas, políticas e econômicas que subjazem todo o processo e que, em conjunto, foram determinantes para que o Haiti chegasse à situação que se encontra atualmente e se tornasse conhecido, desde há muito, por epítetos como “país mais pobre das Américas/do Hemisfério”, “país patético” ou “pedaço de África perdido nas Américas”, dentre outros. O trecho abaixo constitui, em certa medida, uma síntese dessas abordagens, sendo notório, principalmente, o caráter a-histórico apresentado. Segundo Arvelo (2010):

*No se puede hablar de Haití como un país, de una nación, de un Estado, de una república, de algo auténticamente organizado, sino de un caos, un desorden, una anarquía, un desastre. Es una lástima que el primer país de estas tierras indoamericanas que se independizó, en fecha tan lejana ya como 1804, hoy está sumido en la más abyecta miseria, en la más profunda debilidad institucional y en la incertidumbre más terrible. La que fuera más rica colonia del otrora imperio francés y una de las más ordeñables de aquellos días coloniales, es hoy la tierra más pobre de América Latina y de todo el continente americano, y una de las más paupérrimas del mundo. (ARVELO, *El Nacional*, 26/07/2010, n. p.)*

A desgraça política e social do povo haitiano, sob esse ângulo, parece ter suas origens, então, no fato de os haitianos terem ousado se tornarem independentes e livres da tutela da metrópole francesa e da ingerência de outras, tais como as metrópoles inglesa e espanhola. Dentre as “acusações” que lhes eram imputadas figuram, nos artigos e reportagens de que nos valem, “[...] *su origen africano y su decisión de enfrentar a los blancos, franceses, españoles, británicos y norteamericanos*” (HERNANDEZ, *El Nacional*, 28/03/2012, n. p.); “[...] *haber dado el “mal” ejemplo de libertad y ayudado solidariamente a muchos países (sobre todo, los de América Latina) a ser libres*” (LOUDOR, *Alter Presse*, 20/10/2006, n. p.); “[...] *haber fundado la primera república independiente de nuestra América, [e] realizado la primera revolución social anti-esclavista*” (CONDE, *El Nacional*, 16/01/2010, n. p.); e, dentre outras, “[...] *la humillación infligida a la raza blanca, [...] tras la derrota de los ejércitos de España, Francia e Inglaterra*” (Johnny GUERRERO, *El Día*, 09/01/2013, n. p.).

Outro aspecto relacionado à Revolução, que também figura, de forma reiterada – sobretudo por parte dos jornais dominicanos – como uma condenação ou uma pretensa asserção da barbárie e da selvageria que lhes é atribuída, diz respeito às sucessivas investidas haitianas contra a colônia espanhola de Santo Domingo, sobretudo ao longo da primeira metade do século XIX. As incertezas e os temores relativos à constante ameaça de recolonização, aliados ao contexto histórico da virada do século XVIII para o XIX, em que ainda vigorava o Tratado de Basiléia<sup>182</sup>, fazem com que os mandatários haitianos, uma vez independentes, busquem tomar posse da parte oriental da ilha, implementando o projeto louverturiano, de torná-la *una et indivisible*. Tal fato, tomado como uma ameaça por parte dos – a aquela altura – colonos espanhóis, contribuiu para que os sentimentos de repulsa

---

<sup>182</sup> Assinado em 1795, pela Espanha, concedia a posse da parte oriental de Espanhola à França.

e abjeção ao haitiano, já presentes no período anterior, tornassem-se ainda mais agudos e explícitos. Nesse sentido, conforme a assertiva de Marlene Lluberés (2004):

*La isla de Santo Domingo es la única en el mundo dividida en dos Repúblicas. Haití había invadido la parte dominicana de manera continua a finales de la primera mitad del siglo XIX, creando sentimientos de repulsión contra el invasor, sobre todo, por los crímenes y excesos cometidos en su contra [...] la pretensión de los haitianos de que la isla era una sola e indivisible, creó un sentimiento de rechazo permanente tanto con unos como con otros, además de que por hablarse la lengua española, elemento fundamental de la cultura, el ciudadano dominicano se siente español y cataloga al haitiano como inferior, habiéndose desarrollado marcados niveles de discriminación.* (LLUBERES, *Hoy Digital*, 29/10/2004, n. p.)

Como visto no primeiro capítulo, Dessalines (1805), Boyer (1822-1844) e Soulouque (1849, 1850, 1855 e 1856), motivados por uns ou outros dos motivos supracitados, investem contra a decadente colônia espanhola, com a intenção primeira de garantir a unificação da ilha, dando ensejo àquilo que determinada corrente historiográfica dominicana denominou como “imperialismo haitiano”. Nesse sentido, Guillermo Peña Capellán (*Hoy Digital*, 22/11/2013, n. p.) afirma que os “*libros de textos de historia dominicana tergiversan, manipulan y hasta fomentan el odio en muchos hechos y acontecimientos históricos ocurridos en el país, y la historia sobre la independencia dominicana de Haití no escapa a esto.*” Assim, alinhado com os discursos de determinadas correntes anti-haitianistas dominicanas, César Pérez (2007), valendo-se Balaguer (1994), afirmou que:

*La Independencia haitiana nació obviamente unida a la idea imperialista”, sostiene el doctor Joaquín Balaguer en su obra “La Isla al Revés”. Haití fue el primer país latinoamericano que se rebeló del dominio imperial francés en 1804, luego subyugó a esta parte de la isla durante 22 largos años, cometiendo todos tipos de tropelias.* (PÉREZ, *Hoy Digital*, 18/02/2007, n. p.)

Dentre todas essas investidas, duas se destacam naqueles discursos que buscam conformar as identidades dominicanas, pensadas, quase sempre, a partir do contraponto haitiano: a invasão de 1805, liderada por Jean-Jacques Dessalines e a de 1822, capitaneada por Jean-Pierre Boyer. A primeira, efêmera, notabilizou-se pelos excessos

supostamente cometidos por Dessalines contra a população de algumas cidades da então colônia francesa – em virtude da vigência do Tratado de Basileia – durante sua retirada, face à ameaça da armada da antiga metrópole haitiana que chegara em socorro de Santo Domingo. A segunda por ter se prolongado por mais de duas décadas, a despeito dos protestos e da resistência orquestrada por uma parte das elites dominicanas, destituídas de seus postos e encargos. Dessa forma, tanto a Revolução, quanto as incursões haitianas contra a ex-colônia espanhola de Santo Domingo, não seriam esquecidas, passando a figurar, em diferentes momentos da história, como um argumento reiteradamente empregado pelos dominicanos para tentar justificar quaisquer ações promovidas no sentido de conter a ameaça haitiana. Esta representada, sobretudo, pela migração haitiano-dominicana pela porosa fronteira, ou ainda, como forma de responder às acusações de racismo, promovidas contra imigrantes haitianos.

Nessa perspectiva, a Revolução e a unificação da ilha sob o governo haitiano são representadas pelos discursos midiáticos contemporâneos, que nos servem de fontes, dentro de um amplo espectro interpretativo, sendo vistos, quase sempre, como parte de um mesmo processo, contemplando desde aquelas posições acentuadamente negativas ou detratoras, mais disseminadas, até aquelas que circunscrevem esses movimentos dentro de um quadro menos insidioso, que, como é possível depreender, é tanto mais incomum. Um dos poucos exemplos deste entendimento que se destaca dos artigos e reportagens dos jornais utilizados é apresentada por Johnny Guerrero (2012), que assevera:

*[...] lo que ocurrió en 1822 fue una unión política y territorial de la isla, a la cual aspiraban, por un lado, en la parte oriental, los negros esclavos que deseaban su libertad y los mulatos que soñaban con las reparticiones de tierra que les prometía el gobierno haitiano, y, por el otro lado, en la parte occidental, un gobierno que se sentía amenazado por una inminente invasión francesa, basada y avalada por los acuerdos del Tratado de Basilea, y que restauraría la esclavitud en todo el territorio insular. (GUERRERO, *El Día*, 19/01/2012, n. p.)*

No mais das vezes, no entanto, a conjunção desses dois movimentos contribuiu para o desenvolvimento de um discurso segundo o qual o haitiano insurge como um perigo ou uma ameaça à ordem e à liberdade, sobretudo da República Dominicana e do entorno – sendo este, por sinal, um dos principais argumentos que buscam justificar a ocupação sofrida pelo Haiti em 2004. Foi se construindo, assim, a partir das relações que aí se estabelecem entre o “Um” (haitiano) e o “Outro” (dominicano, caribenho,

estadunidense etc.), uma representação histórico-política da qual se destacam, quase sempre, representações negativas endereçadas tanto ao Estado quanto ao povo haitiano. Sob essa linha de pensamento, tanto a Revolução quanto as intervenções ressurgem nos discursos midiáticos contemporâneos – por meio do tensionamento da memória discursiva – como uma espécie de alerta acerca do perigo e da ameaça de uma haitianização da República Dominicana e dos países circunvizinhos, dos Estados Unidos, ou ainda, em casos mais recentes, de destinos mais longínquos, como o Brasil, por exemplo. Mesmo consideradas as variantes espaço-temporais, prevalecem nessas discursividades a abjeção e a repulsa ao haitiano.

Para os dominicanos, em especial, os eventos pós-revolução – a despeito do contexto histórico peculiar e das motivações sociopolíticas e econômicas, que animaram cada um dos líderes haitianos – acabam sendo vistos e rememorados como atos atentatórios contra sua dominicanidade, que se estrutura, na perspectiva defendida por Trujillo, Peña Batlle e Balaguer, a partir de certos ideais anti-haitianistas, alicerçados, em grande parte, sobre a negação e a depreciação do “ser haitiano”. Nesse sentido Rosa (2008, p. 64) confirma que mediante “o uso comparativo da história entre os dois povos, pares de dicotomias puderam ser retrabalhados, de modo a consolidar os haitianos como alteridades elementares aos dominicanos.” Em consonância a esta linha de argumentação defendida por Rosa (2008), Matthews (*Hoy Digital*, 20/12/2005, n. p.) afirma que o “*Haití [...] es la negación histórica de la independencia y la nacionalidad dominicanas.*” Assim, ao passo que, por um lado, a rememoração dos acontecimentos de 1822-1844 – tais como a Revolução e o massacre de *Perejil*, de 1937 – constituem um dos principais motes históricos do anti-haitianismo contemporâneo – logo, de dada dominicanidade – por outro, e ao mesmo tempo, essa lembrança ao passado passa a figurar como um elemento definidor de determinada identidade haitiana em um jogo cujos limites entre o que se nega e o que se quer afirmar tornam-se demasiado tênues.

A ocupação do território dominicano pelo governo de Boyer, poucas semanas após a proclamação daquela que ficou conhecida na historiografia dominicana como primeira independência, ou, “Independência Efêmera”, tornou-se, assim, por força de tais práticas discursivas, uma mácula indelével na história do povo dominicano e um marco estruturante das relações políticas e sociais entre os dois países. Conforme Rivas (*Hoy Digital*, 16/01/2012, n. p.) o “*pretérito de nuestras relaciones con Haití ha resultado doloroso y traumático por el dominio de 22 años que ejerció sobre nuestro terruño,*

*cuando no éramos país, sino una masa amorfa [...] sin noción nacional.*” Tal perspectiva pode ser observada, ainda, na declaração de Castellanos (*Hoy Digital*, 21/05/2010, n. p.), de que “*Los dominicanos tenemos en nuestra historia las páginas negras de la ocupación haitiana, del 1822 al 1844*”, e, também, na assertiva de Johnny Guerrero (*El Día*, 09/01/2013, n. p.), de que “*Muchos de nuestros historiadores y gobernantes no perdonan a Haití el haber invadido nuestro territorio en 1822.*”<sup>183</sup>

Ao dominicano cumpriria, então, não esquecer. Há, aí, uma espécie de dever de memória e, por conseguinte, um projeto identitário que se afirma a partir dessa incessante “ameaça”, conforme pode ser observado no alerta constante do editorial publicado no jornal *Hoy Digital*: “*Nosotros debemos estar alertas y recordar siempre que los haitianos aprovecharon la debilidad del gobierno de Núñez de Cáceres para invadirnos y dejar sentado su planta en nuestro suelo por 22 largos años de vejaciones y dominio*” (*Hoy Digital*, 28/12/2003, n. p.). Cumpre não esquecer, porém, que, apesar do domínio e das vexações impostas, ou no caso da citação anterior – em que se relata o doloroso e traumático domínio exercido pelos haitianos sobre os dominicanos –, que os haitianos, quando dominaram ou se impuseram, não o fizeram por sua força ou superioridade, mas, tanto mais, pela inexistência ou debilidade do governo espanhol ou dominicano.

Se 1822 representa, por um lado, aquilo que poderíamos considerar – segundo essa discursividade – o apogeu do espírito “imperialista” que animou os primeiros mandatários haitianos, 1844 assinalaria, por outro, o declínio do ímpeto bélico dos haitianos contra o território dominicano e a consolidação dos ideais anti-haitianistas entre os dominicanos, pois, segundo Rosa (2008, p. 70), a “Independência Dominicana reforçou a ideia, segundo a qual, odiar um haitiano representa uma demonstração de civismo e patriotismo.” As malfadadas tentativas de Soulouque em reaver a parte leste da ilha, em 1849, 1850, 1855 e 1856, constituem os últimos espasmos desse suposto ímpeto imperialista. Daí em diante, segundo cronistas e pensadores dominicanos, inicia-se um novo período.

Os haitianos, na perspectiva dos conservadores dominicanos, depõem das armas, mas não de seus ameaçadores objetivos. O abandono da via armada significou, para aqueles, quando muito, uma mudança de estratégia. A invasão, a partir daí,

---

<sup>183</sup> É sobretudo a partir desses dois vetores históricos que desenvolver-se-á aquilo que Pons (*Diario Libre*, 05/12/2009, n. p.) denominou, na primeira parte do trabalho, de anti-haitianismo histórico e anti-haitianismo de Estado.

ocorreria por outros meios. Em lugar da invasão armada, experimenta-se a “invasão pacífica”, reiteradamente propagada por Balaguer (1993). Do ponto de vista discursivo-identitário, não há solução de continuidade, haja vista que o haitiano, tal como antes, continuaria representando um estorvo ao Estado e ao povo dominicano. Assim, segundo Herrera-Miniño (*Hoy Digital*, 19/06/2013, n. p.), “*Transcurridos más de 150 años de las últimas batallas entre dominicanos y haitianos, estos, han logrado posicionarse, con su lenta y permanente invasión pacífica, de diversas áreas del territorio dominicano.*”

Desse modo, a Revolução e as incursões haitianas ao território dominicano desempenharam, para além de um papel histórico-político fundamental, outro, certamente de maior envergadura, relacionado à reprodução de determinados traços elementares, tanto das identidades haitianas quanto das dominicanas. Estruturam-se, assim – a partir dos discursos produzidos em decorrência da movência dos haitianos para fora do seu domínio –, os marcos distintivos dessa tradição de identidade haitiana, cujo processo de construção e atribuição, de acordo com nossas hipóteses, remonta ao período anterior à própria formação do Estado nacional haitiano, perpassando-o. Esta se tornará uma questão chave para compreender a problemática haitiana. O “ser haitiano”, pensado a partir de uma série de manifestações anti-haitianistas, de cunho sociocultural, passa a constituir o contraponto do “ser dominicano”. É sobre o estabelecimento e, mais apropriadamente, sobre o reforço dessas diferenças, das fronteiras físicas, históricas, políticas e culturais, que os projetos de nação haitiano-dominicano tomam forma e se estruturam.

O discurso anti-haitianista seguiu marcando as relações haitiano-dominicanas ao longo de todo o século XIX, variando de tom conforme as circunstâncias. Dia após dia o haitiano seguirá sendo representado e reconhecido pelos dominicanos como um perigo e uma ameaça às suas identidades. Na fase anexionista, cujo apogeu se deu com a anexação da República Dominicana pela Espanha, no período de 1861-1865, há uma fragilização das identidades dominicanas e, por conseguinte, um recrudescimento dos motes anti-haitianistas. No período que se segue, representado pelo último quartel do século XIX e pela primeira década do século XX, há um arrefecimento destas questões, visto que os dois países encontravam-se às voltas com questões internas.

No início do século XX, diante de um quadro externo extremamente conturbado, marcado por acirradas disputas por espaço e poder na região caribenha os Estados Unidos intervêm no Haiti e na República Dominicana, em 1915 e 1916,

respectivamente. Os interventores permaneceriam por oito anos no lado dominicano e quase duas décadas no Haiti, deixando profundas marcas na constituição sociopolítica, econômica dos dois países, sobretudo do lado haitiano. A mobilização pela retirada das forças interventoras acaba contribuindo, no entanto, para o desenvolvimento de um movimento nacionalista, tanto em um país quanto no outro. As elites, os intelectuais e determinados movimentos populares colocam-se à frente deste processo, inaugurando uma nova fase na vida política e social dos dois países, que repercutirá por praticamente todo o século XX. Vejamos, então, como se desenha esse período, que, apesar de se caracterizar, supostamente, pelo novo, surge marcado – nos discursos midiáticos contemporâneos – por inextirpáveis arcaísmos.

### **3.2. Intervenções, massacres e ditaduras: a exasperação do discurso anti-haitianista**

O período abarcado pelas quatro primeiras décadas do século XX foi marcado por intensas agitações e grandes incertezas, tanto em nível global, quanto para grande parte das repúblicas centro americanas e caribenhas, especialmente para o Haiti e para a República Dominicana. As intervenções estadunidenses, nos dois lados da ilha – que constituíram um claro reflexo dessas perturbações – representaram um duro golpe, não só para vida política e econômica dos dois países, mas, em especial, para os fragilizados projetos nacionais, estruturados, ainda, sob uma perspectiva *malinchista*, em que ocorre, segundo Juan Castaingts Teillery (2005, p. 213), “[...] *una autovalidación negativa de nosotros mismos que subvalora todo lo interno y que sobrevalora todo lo externo.*” Tal comportamento pode ser justificado, em parte, pelo fato de que, naquele período, ambos os povos, haitianos e dominicanos, encontravam-se ainda muito presos ao seu passado colonial, sobretudo no que diz respeito à sua conformação sociocultural.

Emergem, em meio a ameaça à soberania e às frágeis identidades haitianas e dominicanas – representadas pelas ocupações estadunidenses, a partir de meados da década de 1920, e ao final das mesmas (1924 na República Dominicana e 1934 no Haiti) – tanto de um lado quanto de outro, um nacionalismo conservador e em determinados aspectos chauvinista, apoiado e animado por políticos e intelectuais dispostos a repensar as bases daquilo que, dali por diante, constituiria, de uma parte, aquilo que os

haitianos, sob Price-Mars, denominariam *haitianidade* e que, de outra, como um contraponto, o que os dominicanos passaram a reconhecer como *dominicanidade*. O malinchismo, até então imperante, muito embora não desapareça, cede lugar à uma perspectiva dualista, que estruturar-se-á a partir do estabelecimento e do reforço das diferenças políticas, históricas, culturais e raciais, nas quais ser dominicano representa, em última instância, não ser ou não parecer haitiano. Essa perspectiva teve vida longa e foi o pano de fundo a partir do qual as relações haitiano-dominicanas foram pensadas ao longo do século XX e, em certa medida, contemporaneamente.

A despeito de não serem tão recorrentes nos jornais dominicanos (*Hoy Digital*, *El Nacional* e *El Día*) e no estadunidense (*The New York Times*), as referências à ocupação estadunidense ao Haiti entre 1915 e 1934 nos jornais haitianos (*Alter Presse* e *The Haitian Times*) são, quase que invariavelmente, negativas. A intervenção estadunidense tornara-se um marco histórico-político haitiano, uma vez que representara, dentre outras coisas: o retorno dos brancos ao país; a perda, ainda que relativa, da soberania conquistada em 1804; a inserção do Haiti no rol das políticas geoestratégicas do governo dos Estados Unidos e, sobretudo, um argumento favorável às teses anti-haitianistas assentadas sobre a suposta incapacidade do negro-haitiano para o autogoverno. As quase duas décadas de intervenção são percebidas como um acontecimento que, apesar de ter operado consideráveis alterações na dinâmica política, econômica e social do povo haitiano, acabou não se traduzindo em alterações efetivas no sistema que buscara combater, assim como acontecera, outrora, com a Revolução. Conforme a assertiva de Mark Danner (*The New York Times*, 21/01/2010, n. p.) “[...] *by the time they [os militares e os gestores estadunidenses] finally left, little in the original system had fundamentally changed.*”

Assim, a intervenção de 1915, além de ter sido praticamente inócua na solução dos problemas que supostamente buscara atacar, acabou se tornando, ela mesma, um grande problema para os haitianos, uma vez que colaborou de maneira decisiva para a conformação das estruturas políticas, econômicas e sociais haitianas a um modelo voltado para atender às demandas e às políticas de Estado dos Estados Unidos. Nessa perspectiva, esta intervenção passa a ser percebida apenas como a “primeira” de uma série de outras intervenções, que foram orientadas pela mesma lógica e revelaram-se incapazes de ser a solução para os problemas haitianos, ao mesmo tempo que contribuíram para reforçar

determinados estigmas e estereótipos anti-haitianistas. Nesse sentido Max Joseph (2010), ao comentar a intervenção de 2004, certificou que:

*[...] 70 years after the U.S occupation ended, Haiti was once more invaded and occupied by U.S and French forces acting under the cover of a U.N. Security Council resolution. Despite this interlude, the rationale remained the same: forestalling political violence and stabilizing the country's institutions, [...] This reasoning is rooted in a paternalism which exposes Haitians as inherently irresponsive to foreign directives and inclined to self-destruct, hence the perpetual disdain for the country, its people, culture and institutions.*<sup>184</sup>  
(JOSEPH, *The Haitian Times*, 2010, n. p.)

A intervenção de 1915-1934 torna-se, então, o ponto a partir do qual aquilo que poderíamos chamar de “a história moderna do Haiti” começa a ser pensada. Com o fim da intervenção, em 1934, aos moldes do que acontecera com a República Dominicana a partir de 1924, o Haiti busca se reinventar, e o fará a partir daquela que passou a ser considerada sua segunda independência. Incapazes de se desvencilhar de suas intrincadas historicidades, determinados grupos políticos e intelectuais haitianos e dominicanos buscaram construir projetos nacionais caracterizados, sobretudo, pela exasperação das diferenças de ordem histórica, política, cultural e racial existentes entre os dois países. Os primeiros anos pós-intervenção foram marcados, assim, por uma intensa agitação política e intelectual que, levada ao limite, acaba culminando com o massacre de *Perejil*, em 1937, que figurará, daí por diante, como um dos principais referentes para se pensar as relações entre os dois países que coabitam a pequena ilha de Espanhola.

*Perejil* vem na esteira da intervenção. Os movimentos que culminaram com a retirada dos ocupantes estadunidenses, acabaram conduzindo, também, ao rearranjo das forças internas, nos dois lados da ilha, e, por conseguinte, ao estabelecimento de um paradigma identitário que, se não era novo, estava assentado sobre uma nova base. Um velho quadro colocado em uma nova moldura. Com a ascensão de Trujillo, no início da década de 1930, os discursos anti-haitianistas ganham espaço, tornando-se centrais para o

---

<sup>184</sup> “Setenta anos após o final da ocupação estadunidense, o Haiti foi invadido e ocupado uma vez mais pelas forças estadunidenses e francesas, atuando sobre o manto do Conselho de Segurança da ONU. A despeito desse interlúdio, o raciocínio permaneceu o mesmo: prevenir a violência política e estabilizar as instituições do país [...] Este raciocínio está enraizado em um paternalismo que expõe os haitianos como inerentemente insensíveis às diretivas estrangeiras e inclinados a autodestruição, daí o perpétuo desdém pelo país, pelo seu povo, por sua cultura e por suas instituições.” (Tradução nossa)

desenvolvimento e a implementação das políticas de dominicanização da fronteira, que constituíam parte de um projeto nacionalista estruturado sobre uma base racista e chauvinista que resultará, não muito tempo depois, no desastre de 1937.

Assim, com Trujillo, a partir da década de 1930, os discursos anti-haitianistas são institucionalizados, compondo parte do arcabouço ideológico dessa política de dominicanização das fronteiras, inaugurada em meados daquela década. *Perejil* é lembrado, ainda hoje, como uma das principais tragédias da história haitiana, representando, dentre outras coisas, a exasperação dos discursos anti-haitianistas, gestados a partir da Revolução e de seus desdobramentos, dentre os quais se destacam as incursões haitianas à parte oriental da ilha ao longo da primeira metade do século XIX. *Perejil* é, em suma, a máxima anti-haitianista e, talvez por isso, esteja tão presente nos discursos analisados, sobretudo nos jornais dominicanos, sendo constantemente revisitado pelos periodistas, de modo frequente, como um passado-presente, que teima em não silenciar.

*Perejil* não constituiu, portanto, uma excrescência política ou histórica. Tampouco Trujillo. Ambos, criador e criatura, são os frutos mais proeminentes de uma larga tradição anti-haitianista, que tem suas origens nos levantes revolucionários dos negros de *Saint-Domingue*, ou, mais apropriadamente, no caso em questão, na luta contra a reprodução dos ideais que dali emanaram, destacadamente o projeto louverturiano de tornar a pequena ilha “una e indivisível”. Trujillo representa, assim, a personificação desta tradição anti-haitianista, sendo *Perejil* a principal obra de seu portfólio. Trujillo e *Perejil* são frutos dessa tradição, mas também do momento. O projeto político encabeçado por *El Jefe* é concebido e estruturado a partir de um nacionalismo exacerbado, alicerçado sobre questões históricas, raciais, territoriais e culturais, sustentado pela exacerbação dos motes anti-haitianistas.

Existe, historicamente, sobretudo por parte do povo dominicano, um esforço evidente para vincular os acontecimentos de 1937 às campanhas realizadas por Toussaint, Dessalines, Boyer e Soulouque no sentido de unificar a ilha. Assim, *Perejil* figura nos discursos midiáticos de que nos valemos, ora como uma resposta, ainda que tardia, às investidas ‘imperialistas’ dos haitianos contra o povo dominicano, ora como um movimento natural ou necessário à evolução histórica e social do país. Em relação à primeira perspectiva, Rosario Espinal (*Hoy Digital*, 06/12/2011, n. p.) afirma que “*Entre Haití y República Dominicana ha primado una historia de discordias por los excesos [...] Los haitianos*

*ocuparon la parte oriental en el siglo 19, y Trujillo los mató en el siglo 20.”* A segunda perspectiva pode ser observada quando Gautier (*Hoy Digital*, 23/06/2006, n. p.) se refere ao massacre como um ato “[...] *necesario para completar y concluir la obra iniciada durante la sangrienta guerra de independencia del 1844 [...] para convertirnos en una nación libre, independiente y soberana.*”

No que concerne às questões raciais/racistas, buscava-se reforçar certas diferenças de origem, que constituem, ainda hoje, um espaço privilegiado de discussão. O povo dominicano, cuja imensa maioria, dentre os quais o próprio Trujillo, era (e ainda é) composta por negros de ascendência africana, renunciam suas origens em favor de um ideal hispânico-indigenista, em que o negro passa a se reconhecer como mulato ou índio. O racismo, que figura como um elemento estruturante das relações identitárias haitiano-dominicanas, desempenha, na perspectiva analisada, um papel determinante na deflagração do massacre de outubro de 1937. Nesse sentido, Tirso Mejía Ricart (*Hoy Digital*, 06/10/2013, n. p.) alega que o “*genocidio cometido por Trujillo contra miles de haitianos en 1937 fue consecuencia de la visión racista de muchos dominicanos de elite.*” Johnny Guerrero (2013), por sua vez, afiança o que segue:

*La xenofobia racista antihaitiana promovida por intelectuales fascistoides dominicanos, fue el móvil principal que condujo a Trujillo ordenar la famosa matanza de 1937, llamada “El Corte”, donde fueron asesinados miles de haitianos, de todas las edades y sexo, y dominicanos de piel negra, confundidos como haitianos; lo cual evidenció la connotación racista de esa matanza. (GUERRERO, El Día, 11/09/2013, n. p.)*

As questões territoriais, essenciais para se reforçar as diferenças – mais ideológicas do que factuais – também passaram a ser alvo de atenção dos dominicanos após a desocupação do país pelos Estados Unidos, em 1924, como demonstram as negociações e acordos fronteiriços haitiano-dominicanos firmados em 1929 e 1936. Nesse contexto, a fronteira, ponto nevrálgico das relações haitiano-dominicanas, é recoberta de sentidos e significados pelos trujillistas, tornando-se uma categoria central para se pensar as relações haitiano-dominicanas sob a perspectiva trujillista ou anti-haitianista. À sombra de Trujillo a fronteira torna-se ponto de dissídio, espaço onde *Um*, dominicano, realiza-se a partir da negação ou da estigmatização do *Outro*, haitiano. A fronteira haitiano-dominicana torna-se, enfim, o espaço a partir do qual os dominicanos constroem seu projeto de nação, logo, suas

identidades, em tudo anti-haitianas. A atenção dispensada por Trujillo a essas categorias (raça, território, fronteira) deixa entrever sua centralidade no interior da ideologia que buscava estruturar.

Se é certo que Trujillo não cria ou inventa o anti-haitianismo, não se pode negar, entretanto, que o aperfeiçoe, e, sobretudo, que o institucionalize. Com *El Jefe*, o anti-haitianismo ganha ares de política de Estado. A “política de dominicanização da fronteira”, perfeita representação da ideologia trujillista, torna-se um instrumento político, jurídico e ideológico, empregado, sempre que necessário, para justificar os excessos cometidos contra os estrangeiros – leia-se: haitianos –, dentre os quais, *Perejil*. Conforme o editorial do *Hoy Digital* (06/06/2004, n. p.) “*La dominicanización de la frontera con Haití llevó a Trujillo a una espantosa masacre cuando su dictadura aún no cumplía diez años*”. Nesse sentido Rafael Molina Morillo (2006), assevera que a:

*“dominicanización fronteriza” llevada a cabo por el dictador Rafael Trujillo, se pone en evidencia que, aparte de la inexcusable matanza de haitianos en el 1937, había en el ánimo del gobierno dominicano un marcado interés en preservar vigentes todos los signos de la dominicanidad en las remotas y olvidadas provincias limítrofes con Haití. (MORILLO, Hoy Digital, 06/04/2006, n. p.)*

A dominicanização da fronteira representou, assim, a afirmação de um conjunto de valores, costumes e tradições sociopolíticas e culturais dominicanas – realizados em um espaço limítrofe, de contato e de trocas – em detrimento ou a partir da negação de valores, costumes e tradições não apenas diferentes, mas assimetricamente opostas, a partir das quais o haitiano passa a ser percebido, quase sempre, sob um prisma negativo e depreciativo. Pode-se perceber, assim, o poder e a penetração dessa discursividade no ideário dominicano quando se afirma, no editorial do *Hoy Digital* (10/03/2004, n. p.), que a dominicanização da fronteira foi “[...] *un compromiso de todos, un compromiso con la nacionalidad y con la dominicanidad, que se hizo posible por el esfuerzo mancomunado y el sacrificio de muchos de nuestros mejores hombres*”, e, diga-se de passagem, de milhares de haitianos.

Esta política, bem como todo o aparato discursivo que lhe dará suporte, também não fora obra genuína do ditador. Foi uma tarefa realizada, conforme o trecho supracitado, pelos *mejores hombres* dominicanos. Trujillo se acercará, desde o início

de seu governo, de renomados intelectuais dominicanos, dentre os quais se destacaram Balaguer e Peña Batlle, que passam a figurar como mentores intelectuais do sistema. Dessa forma, Reynaldo Espinal (2005), assevera que:

*Asesorado por sus áulicos [Balaguer e Peña Batlle] Trujillo no escatimó esfuerzo alguno con tal de considerar su campaña de dominicanización fronteriza como una acción de ribetes nacionalistas, lo cual en el fondo tenía el trasfondo de contener la propagación de la población haitiana en nuestro suelo, llegando incluso a invocar nuestra ascendencia hispánica cuando ello fue preciso para justificar dicha política. (ESPINAL, Hoy Digital, 19/05/2005, n. p.)*

De um lado a fronteira, de outro o haitiano, entre ambos, Trujillo, seus sequazes ideólogos e um povo que, ainda hoje, parece convencido de que o haitiano é seu principal problema. A ameaça de haitianização da fronteira e, logo, a consequente degeneração dos traços distintivos de sua *dominicanidad*, torna-se a divisa que animará o anti-haitianismo trujillista. *Perejil* vem à tona, então, como uma resposta ao problema e à ameaça haitiana. Balaguer, herdeiro do trujillismo, destaca-se como o principal teórico do regime, seguido por Peña Batlle. As lucubrações teóricas desses ideólogos não apenas dariam causa, mas também, justificariam as desastrosas ações de Trujillo e de outros governantes dominicanos – dentre os quais o próprio Balaguer – anti-haitianistas. A força, a penetração e a relevância desses discursos, e dessas práticas, podem ser mensuradas quando constatamos que, ainda hoje, apesar do hiato temporal, os acontecimentos de 1937 ainda constituem uma realidade pulsante. De acordo com Prats (2007),

*“cuando Trujillo ordenó atacar al pueblo haitiano”, la intelectualidad al servicio del régimen trujillista tenía en su arsenal todas las municiones teóricas para desplegar una campaña anti haitiana de tal magnitud que, todavía hoy, sirve de fuente de inspiración y de referencia teórica a quienes sostienen la existencia de una “amenaza haitiana”. (PRATS, Hoy Digital, 27/07/2007, n. p.)*

Assim, o trujillismo, em lugar de sobrepasar os velhos paradigmas representacionais haitiano-dominicanos, fundados em um intrincado conjunto de contraposições, de cunho histórico, político, cultural etc., acaba reforçando-os e, de certa forma, contribuindo para a sua perpetuação. Os discursos trujillistas acerca do Estado ou do

povo haitiano exacerbam-se, dando ensejo a um anti-haitianismo invulgar, que ainda ressoa. A campanha anti-haitianista promovida pelo Estado dominicano, comandado por *el generalísimo* Rafael Leonidas Trujillo, orientada pelos preceitos norteadores de sua política de dominicanização da fronteira, patrocinada por uma intelectualidade racista e chauvinista, tornara-se um pernicioso paradigma. Passadas quase oito décadas daquele fatídico 2 de outubro de 1937 – e das semanas que se seguiram – em que milhares de haitianos foram brutalmente assassinados em nome de uma ideologia racista e chauvinista, *Perejil* permanece, ainda, muito presente na memória e nos discursos do povo dominicano, constituindo, sob determinada perspectiva, como constataremos a seguir, uma ameaça presente, latente e, segundo alguns, em vias de se repetir, de acordo com a premonitória assertiva publicada no editorial do *Hoy Digital* (20/03/2004, n. p.), que assevera que “[...] *todo parece indicar que aunque no nos guste [os dominicanos], estamos abocados a repetir ese hecho, no importa que nos tilden de bárbaros*”.

Seja como possibilidade ou como uma indelével, e ao mesmo tempo, incontornável fatalidade, *Perejil* se faz presente, no imaginário e na memória tanto de haitianos, quanto de dominicanos. É possível perceber essa ‘presença’, por exemplo, quando Bienvenido Vega (*Hoy Digital*, 12/09/2004, n. p.) afirma: “*Tengo la idea de que el horrible crimen de 1937 no solo traumatizó a Haití, sino también a los dominicanos. En sentido diferente, por supuesto. Me parece que procuramos evitar el riesgo de que pueda repetirse algo igual*”. Ericq Pierre, ex-ministro de Preval, por sua vez, apresenta-nos outra perspectiva, que também acaba sendo bastante comum, sobretudo por parte do povo haitiano, acerca dos eventos de 1937. Pierre (2007) faz alusão a determinado “dever de memória”, evocado como forma de sensibilizar os contemporâneos para o fato de que, grande parte dos componentes presentes em 1937 estão, em maior ou menor medida, presentes nos dias atuais. Segundo Pierre (2007),

***Vale la pena recordarlo. Ha existido y sigue existiendo una cuestión haitiana del otro lado de la frontera. Hace setenta años, varios millares de compatriotas fueron asesinados; porque eran haitianos; porque eran negros, como todos los haitianos. [...] Debemos tratar de no contribuir a matar por una segunda vez nuestros compatriotas, obligándolos a compartir su asesinato con otros. No nos hagamos tampoco cómplices del neo revisionismo dominicano [...] no podemos ni borrar ni olvidar la matanza de 1937. Pero, el deber de memoria no puede fijarse solo sobre el pasado. Hay que cultivar también la memoria de los tiempos presentes. Y recordar que actualmente cientos de millares de nuestros compatriotas se encuentran de nuevo del otro***

*lado de la frontera [...] Hay que esperar que las reflexiones sobre la matanza de 1937, los recuerdos del **deber de memoria** contribuyesen a sensibilizar un poco más la sociedad civil, el sector privado, el gobierno y el pueblo haitiano en general sobre la necesidad de aparentar más preocupado por la cuestión haitiana del otro lado de la frontera e implementar medidas concretas para una solución durable e digna.* (PIERRE, *Alter Presse*, 22/10/2007, n. p., grifos nossos)

“Vale la pena recordarlo... *Segue existindo uma questão haitiana do outro lado da frontera*”, enfatiza Pierre (2007), que destaca, também, o cunho racista que costuma sobressair nas perspectivas anti-haitianistas: os haitianos foram mortos porque negros, como negra é a esmagadora maioria dos haitianos. Como é possível verificar, apesar do hiato temporal, sobre o Haiti e seu povo continuam pesando as mais torpes e abjetas condenações. Os discursos (re)produzidos e disseminados no período trujillista – pelo próprio, ou por seus mentores intelectuais – com o objetivo de justificar toda sorte de violências (física, moral, psicológica) cometidas contra a população radicada na região fronteiriça entre os dois países, ainda ecoam, sendo aceitos e, em certos casos, defendidos, sobretudo por certos setores conservadores dominicanos. A ideologia anti-haitianista parece repousar, ainda hoje, sobre os mesmos argumentos que outrora levaram ou justificaram *Perejil*, revelando seu poder e sua influência, e, por que não, sua atualidade.

Trujillo se foi, o trujillismo e o anti-haitianismo não. Nesse sentido Fernando Rodríguez (*Hoy Digital*, 1.º/06/2014, n. p.) afirma que “*Con el ajusticiamiento del dictador Rafael Leónidas Trujillo Molina se decapitó la tiranía pero no se eliminó el trujillismo, cuya influencia sigue gravitando en nuestra sociedad.*” O trujillismo sobrevivera a Trujillo, na forma de um nacionalismo conservador e xenofóbico que continua a animar determinados setores da população, conforme pode ser notado na afirmação de Prats (*Hoy Digital*, 31/07/ 2008, n. p.) de que “[...] *el nacionalismo dominicano es, como lo diseñó la ideología trujillista, un nacionalismo que se estructura a partir de la oposición a Haití y a lo haitiano*”. Assim, o anti-haitianismo, algumas vezes travestido como um “preconceito histórico”, tal qual o trujillismo, sobrevive. Trujillo o institucionalizara, transformando-o em uma prática política e de Estado que se perpetuaria e que seria apropriada e retomada por Balaguer e outros chefes de Estado dominicanos ao longo de grande parte do século XX, pois, de acordo com Edwin Paraison (*El Día*, 06/08/2013, n. p.) o “*antihaitianismo de Estado siempre ha utilizado los grandes medios para sus fines. Adoctrinamiento en las escuelas o*

*campañas a través de los medios de comunicación.*” Essa prática tornara-se, ao fim das contas, o eixo estruturante das identidades dominicanas. Conforme assinalou María Elena Muños (2005),

*[...] la mayoría de nuestros gobernantes desde Trujillo hasta nuestros días ha acudido al antihaitianismo para consolidar el poder en varios sentidos y fines diversos. Entre otros, podemos señalar, el afán de reelegirse, o de crear una dictadura, ejercer un mayor control desembarazándose de sus enemigos o exorcizando los demonios que se desatan cuando asoma una crisis interna o externa, que lo amenaza. La estrategia consiste en crear una crisis dentro de otra. La primera desvía la atención de la segunda. En otras ocasiones la fija. Con esta se aglutina alrededor del Presidente de turno, al pueblo, en nombre de un nacionalismo ‘amenazado’ por los vecinos, ya vengan del otro lado de la frontera o desde dentro. En este contexto, Trujillo y Balaguer constituyen los paradigmas por excelencia de este reciclaje permanente del antihaitianismo. (MUÑOS, Hoy Digital, 13/10/2005, n. p.)*

Observa-se, entretanto, em Muños (2005), o quanto Balaguer e Trujillo destacam-se como referências no que diz respeito à reprodução de determinada tradição anti-haitianista. Ainda assim, não é possível extrair da ideologia anti-haitianista trujillista, um pensamento genuíno, inovador ou dissociado de uma prática anterior, visto estar ligada, conforme nossas hipóteses, a uma tradição de identidade haitiana, àquela altura secular. A maior parte dos elementos teóricos e estruturais constantes dos discursos anti-haitianistas daquele período já estavam presentes, por exemplo, nos próprios discursos que apregoavam pareceres contra o povo do Haiti, reproduzidos ao longo do século XIX – sobretudo no que respeita seu viés racista, de matriz social-darwinista –, que constituíam o eixo de obras icônicas, como, por exemplo, *Hayti or the Black Republic*, de Spenser, analisada anteriormente. Trujillo, Balaguer, Peña Batlle, reapropriam-se desses discursos e promovem uma “reciclagem”, conforme assinalou Muñoz (2005).

Mas, se está claro que não há ruptura em relação à determinada prática anti-haitianista, não há como negar, por outro lado, que se opera uma acentuada inflexão no direcionamento dado a esses discursos. Diferente de outros momentos dessa intrincada história, como aqueles relacionados às inquietações provocadas pelas invasões dos próceres haitianos ao longo da primeira metade do século XIX, sobretudo daquelas capitaneadas por Dessalines e Boyer, o período trujillista é marcado por um discurso

pretensamente emancipador, em que o haitiano emerge como um perigo e uma ameaça não apenas à fronteira ou ao território dominicano, mas, a algo que não estivera presente nos momentos anteriores e que constituiria, sob determinado ponto de vista, uma justificativa para *Perejil: la dominicanidad*, que, segundo Tahira Vargas (*Hoy Digital*, 30/10/2009, n. p.) “[...] *encierra patrones de arraigo, enculturación de valores, símbolos-representaciones y cohesión social vinculada al sentido de pertenencia*”.

Com Trujillo, ao anti-haitianismo histórico vem se juntar o anti-haitianismo de Estado. Nesse sentido Paraison (*El Día*, 06/08/2013, n. p.) afirma, reforçando nossa assertiva, que a estrutura ideológica do anti-haitianismo de Estado “[...] *se construyó durante la era de Trujillo, particularmente antes y después de la masacre de 1937*”. Trata-se do estabelecimento de um projeto nacional, logo, identitário, forjado a partir da negação ou, ainda, do apagamento – físico, como em 1937, ou cultural, como buscaremos evidenciar no último capítulo – do “Outro”, o haitiano. É nesse contexto que Balaguer torna-se uma referência e se projeta, em função, sobretudo, da verve racista e do apelo político-ideológico de seus escritos. É aí, também, que se torna possível compreender *Perejil*. Com Balaguer, o anti-haitianismo ganha novos ares. Ao lado de Peña Batlle, o futuro presidente dominicano institui as bases dessa “dominicanidad”, que perdura. *Perejil*, ainda que injustificável, torna-se inteligível sob as bandeiras anti-haitianistas do trujillismo – ainda em voga – que fazem do haitiano uma ameaça à *dominicanidad*. É isso que se percebe quando Castellanos (2006) questiona:

*[...] ¿tuvo algo “positivo” ese genocidio? [...] políticamente hay que decir que si tal acto no se hubiera llevado a cabo, hoy la isla fuera... “una e indivisible”, porque los haitianos se habrían posesionado pacíficamente en nuestro país, se hubieran consumado miles de matrimonios o concubinatos entre haitianos y dominicanas y dominicanos y haitianas, y habríamos perdido la soberanía [...] ¿Qué habría pasado si el genocidio del 1937 no hubiera ocurrido? Simplemente que hoy fuéramos haitianos de tercera clase, como son los mulatos de pura sangre haitiana, ya que en Haití el negro es el que manda. Y aquí, en la antigua Española, estuvieran los Pié, Pierre, etc., “haciendo ola”. Y toda la isla estaría en el mismo estado de devastación que ofrece Haití a la vista del mundo contemporáneo, y que lo ha convertido en un país inviable [...] “un estado fantasma”. (CASTELLANOS, *Hoy Digital*, 06/06/2006, n. p.)*

O ângulo delineado por Castellanos (2006) não constitui um grito no vazio ou uma exceção à regra no conjunto dos discursos presentes nas fontes analisadas, sobretudo daquelas publicadas nos jornais dominicanos. No trecho supracitado é possível identificar claramente as ressonâncias da ideologia trujillista e, sobretudo, do ideário balaguerista. Depreende-se, então, que se a ilha não fora unificada e a República Dominicana não se transformara em um país inviável ou fantasma, o balanço de *Perejil* fora positivo, tanto para Castellanos (2006) quanto para determinados setores da população dominicana, que certamente compartilham de suas ideias. Mas, apesar do impacto político e psicológico, os efeitos práticos – ou pretendidos – da matança perpetrada por ordem de Trujillo não perduraram tanto.

O trauma afugentara, por algum tempo, a entrada de haitianos ilegais pela porosa fronteira haitiano-dominicana, mas não constituiu uma solução definitiva, como certamente desejara Trujillo. Afora o afluxo sazonal de haitianos para atender as demandas da indústria açucareira dominicana, as crises políticas e econômicas vividas pelo Haiti a partir de meados da década de 1980, agravadas pelo vazio de poder ocasionado pela derrubada da ditadura dos Duvalier e pelos insucessos experimentados por Jean-Bertrand Aristide à frente do governo haitiano, acabam criando um ambiente de extrema instabilidade que resultou em uma série de intervenções no país, o que fez com que a imigração, tanto para a República Dominicana, quanto para outros países da região, atingisse níveis nunca antes vistos. Houve, face ao descomedido aumento do afluxo de haitianos para a República Dominicana, um recrudescimento, não menos representativo ou preocupante, dos discursos anti-haitianistas, do qual as sete reedições da obra *La Isla al revés*, de Balaguer, no período de 1983 a 1993, considerada por José Manuel Ibarra (*Hoy Digital*, 08/04/2014, n. p.) “*el evangelio de los xenófobos*”, constituem um claro indicativo. É nesse contexto que os discursos anti-haitianistas vêm à tona e que *Perejil* e todos os fantasmas que o cercam ressurgem como uma ameaça presente. Nessa perspectiva, Etienne (2007) assegura que:

*Hoy en día, a siete décadas de aquella fechoría [Perejil], pareciera que la historia estaría por repetirse. Por primera vez en la historia dominicana contemporánea, el racismo antihaitiano, que siempre ha sido el caballo de batalla de los sectores más reaccionarios de la burguesía dominicana, especialmente en períodos de crisis económica como el actual, está teniendo cabida en ciertas capas de la población, particularmente la pequeña burguesía desfavorecida tanto urbana como rural. (ETIENNE, Alter Presse, 28/05/2007, n. p.)*

Etienne prossegue seu posicionamento, referindo-se aos meios de comunicação, que, conforme postulamos, exercem um papel determinante na difusão do anti-haitianismo de Estado:

*Apelando al nacionalismo dominicano y en base a una sistemática tergiversación de la historia de las relaciones entre los dos pueblos, los medios de comunicación, así como también políticos oportunistas en busca de votos, tratan de desviar la atención del pueblo trabajador de los verdaderos problemas que agobian la sociedad dominicana. (ETIENNE, Alter Presse, 28/05/2007, n. p.)*

*O Masacre del Perejil*, apesar de vivamente presente na memória de haitianos e dominicanos, jamais se repetirá. O mesmo não poderíamos dizer a respeito dos discursos e das práticas anti-haitianistas que, conforme Etienne (2007), encontram acolhida em determinados setores da população dominicana e, em momentos de crise e de dificuldades econômicas ou políticas, acabam sendo instrumentalizados e utilizados por grupos ligados ao poder com o objetivo de desviar a atenção dos dominicanos de problemas não menos graves. Uma prática bastante comum, diga-se de passagem, não só na República Dominicana. O haitiano continua a ser, por força e por obra desses discursos, o nó górdio dominicano.

Outra questão que fica patente no discurso de Etienne (2007) – central em nosso trabalho – diz respeito ao relevante papel desempenhado pelas mídias na disseminação e na perpetuação desses estigmas, alinhando com a assertiva de Navarro-Barbosa (2007, p. 101) de que “[...] a identidade que é construída na prática discursiva da mídia impressa resulta de uma relação sempre descontínua entre o discurso e a história”. Por fim, podemos observar que as *ideias-força* presentes nos discursos transmitidos pelos veículos midiáticos contemporâneos, são, quase que em sua totalidade, tributárias dos discursos apropriados, retomados e disseminados a partir da ditadura trujillista, sobretudo por Joaquín Balaguer Ricardo.

A *Perejil* segue-se um quadro de instabilidade sociopolítica e econômica e de ingerência, cada vez mais acentuada, do governo dos Estados Unidos sobre os destinos do país. É nesse contexto que François Duvalier – munido de um discurso populista, alicerçado sobre os ideais nacionalistas gestados durante os movimentos libertários do final da década de 1920, que tinham como grande expoente Jean Price-Mars –, se instala no poder, na

segunda metade da década de 1950, inaugurando uma longa e sanguinária ditadura, que se estenderia por quase três décadas – com Papa Doc (1957-1971) e Baby Doc (1971-1986).

É nesse período, o qual figura como um dos mais sombrios da história contemporânea do Haiti, que os motes anti-haitianistas, relativos à suposta incapacidade do negro para o autogoverno, à barbárie e à violência que o acompanham ganhariam novo fôlego, pois, conforme Danner (*The New York Times*, 21/01/2010, n. p.) o “*Haitian nationalism, piqued by the reappearance of white masters [...] produced the noiriste movement that finally brought to power in 1957 François Duvalier, the most brilliant and bloody of Haiti’s dictators.*”<sup>185</sup> François Duvalier não é apenas mais um ditador, como fora Trujillo, Somoza, Pinochet e tantos outros. É, de acordo com a assertiva de Danner (2010), o mais brilhante e o mais sanguinário dos ditadores modernos. Não sem razão. Tanto que Rivas (*Hoy Digital*, 23/01/2004, n. p.) afirma, na mesma direção de Danner (2010), que, com Papa Doc tem início “[...] *uno de los períodos más sombríos y execrables de las dictaduras modernas y de las peores recientes que ha padecido el pueblo haitiano*”.

O “*Negrismo, ‘vodou’ y creole, fueron el eje ideológico de Duvalier*”, segundo Frederico Gratereaux (*Hoy Digital*, 14/03/2010, n. p.). Assim, Papa Doc torna-se a personificação daquilo que os discursos anti-haitianistas buscam representar. Sua proximidade com as massas e com a cultura haitiana, e a posição assumida à frente do governo, acabam contribuindo para a construção dessa imagem icônica. François Duvalier instrumentaliza a cultura haitiana não apenas para se eleger, mas, sobretudo, para permanecer no poder, valendo-se de um misto de admiração e terror que sempre o acompanharam. Um exemplo disso está em uma descrição de Wilentz (2012). Segundo a autora,

*In traditional Voodoo belief, in order to get back to lan guinée<sup>186</sup>, one must be transported there by Baron Samedi, the lord of the cemetery and one of the darkest and most complicated of the religion’s many complicated gods. Baron is customarily dressed in a business jacket, a top hat and dark glasses; he’s foul-mouthed and comic in a low, vicious way. One of Baron’s spiritual functions, his most important, is*

<sup>185</sup> “O nacionalismo haitiano, estimulado pelo reaparecimento dos senhores brancos [...] produziu o movimento noiriste que finalmente levou François Duvalier, o mais brilhante e sanguinário dos ditadores haitianos, ao poder em 1957.” (Tradução nossa)

<sup>186</sup> Segundo a autora “lan guinée (literally Guinea, or West Africa) [...] is the phrase in Haitian Creole that even now means heaven.” “lan guinea (literalmente Guiné, ou África Ocidental) [...] é uma frase em creolo haitiano que ainda hoje significa céu.” (WILENTZ, *The New York Times*, 30/10/2012, n.p., Tradução nossa)

*to dig a person's grave and welcome him to the other side. [...] Haiti's notorious dictator François Duvalier, known as Papa Doc, who controlled Haiti with a viselike grip from 1957 until his death in 1971, well understood the Baron's role. He dressed like Baron, in a black fedora, business suit and heavy glasses or sunglasses. Like Baron at a ceremony, when Duvalier spoke publicly, it was often in a near whisper. His secret police, the Tontons Macoutes, behaved with the complete immorality and obedience of the undead, and were sometimes assumed to be zombies under the dictator's control.*<sup>187</sup> (WILENTZ, *The New York Times*, 30/10/2012, n. p.)

Com *Papa Doc*, os discursos anti-haitianistas se realizam. Ali encontram-se presentes, em maior ou menor grau, todos os componentes daquela discursividade: a barbárie, a violência, a corrupção, o misticismo etc. Sob a personificação dos Duvalier, sobretudo do pai, os haitianos são representados, como em outros momentos de sua história, por meio de um dualismo estreito, ora como desumanos e cruéis, como *Papa Doc* e seus seguidores, os *tontons macouts*, ora como vítimas passivas, submissas, supersticiosas e incapazes, como o grosso da população submetida; sem meios-termos. Nesse mesmo caminho, se *Papa Doc* tornou-se a representação do atavismo sanguinário e bárbaro do haitiano, *Baby Doc*, seu filho e sucessor, foi, então, um retrato da inépcia e da estupidez tradicionalmente atribuída ao povo haitiano. Duvalier filho, ao que parece, possuía os mesmos desvios e vícios do pai, mas não as mesmas habilidades. Essa é, por sinal, a lógica anti-haitianista que, de modo geral, orienta a construção das representações dos governantes e políticos haitianos, de Toussaint a Aristide, como poderá ser espreitado no próximo subtópico.

A queda de Jean-Claude Duvalier, em 1986, ocorre em meio a mais uma grave crise estrutural, provocada por um sistema predatório que corrompera a sociedade haitiana até os ossos, em todos os sentidos. A fuga de *Baby Doc*, abre, uma vez mais, um vazio no poder, que dá lugar, como em outros momentos da história haitiana, a uma

---

<sup>187</sup> “No vodu tradicional acredita-se que para retornar para *lan guinée*, deve-se ser transportado pelo Barão Samedi, o senhor dos cemitérios e um dos mais obscuros e complexos dos complicados deuses da religião. O Barão está habitualmente vestido com um terno, uma cartola e óculos escuros. [...] Uma de suas funções espirituais, sua mais importante, é escavar a sepultura de uma pessoa e dar-lhe as boas vindas do outro lado [...] O notório ditador haitiano François Duvalier, conhecido como *Papa Doc*, que controlou o Haiti com mãos de ferro de 1957 até sua morte em 1971, conhecia bem o papel do Barão. Ele se vestia como o Barão, com um chapéu Fedora preto, terno e pesados óculos ou óculos de sol. Como o Barão em uma cerimônia, quando Duvalier falava publicamente, ele o fazia quase sempre por um sussurro. Sua polícia secreta, os *Tontons Macoutes*, comportava-se com a completa imoralidade e obediência dos mortos-vivos, e assumiram, algumas vezes, serem zumbis sobre o controle do ditador.” (Tradução nossa)

encarniçada luta para se obter o domínio, o poder. É nesse contexto que o padre salesiano Jean-Bertrand Aristide emerge no cenário político haitiano como uma possível resposta às tragédias e àquilo que, em outro momento, Conde (*El Nacional*, 16/01/2010, n. p.) chamou de “*maldición imperial*”. As agitações do período, relacionadas, em grande parte, à atuação de Aristide à frente do governo haitiano, acabam conduzindo o país a um quadro de instabilidade que tem como reflexo imediato a debandada de grossos contingentes de haitianos para os países circunvizinhos e para a costa leste dos Estados Unidos. A ameaça haitiana faz com que sejam estabelecidas uma série de intervenções – capitaneadas pela OEA e pela ONU, ou, de forma unilateral, pelo governo estadunidense –, que tinham como escopo, para além do humanitarismo aventado, manter a ameaça sobre controle, ou seja, impedir que o haitiano deixasse os limites de Espanhola.

Em fevereiro de 2004, após a segunda deposição de Aristide, a ONU, face aos sucessivos fracassos experimentados ao longo da década de 1990, resolve intervir de forma mais contundente, tomando o Haiti como um desafio, assim como outrora, de acordo com Hurbon (1993, p. 11), fizera o ocidente. Estabelece-se a MINUSTAH, em junho de 2004. O Haiti volta a ser notícia. Os haitianos voltam a estampar as capas dos jornais, fazendo brotar, com uma força incomum, os motes anti-haitianistas de outrora. Veremos, no próximo subtópico, como esses discursos acabam fazendo com que os descendentes de Toussaint L’Overture sejam apresentados, uma vez mais, como uma ameaça a ser contida, sufocada, ainda que, após mais de dez anos de intervenção, não se saiba *¿A quién amenaza Haití?*.

### **3.3. De Aristide à MINUSTAH: *¿A quién amenaza haití?***

O período que se inicia com a fuga de Jean-Claude Duvalier do Haiti, depois de quase três décadas de um regime brutal, que se tornara referência entre as ditaduras do período, foi seguido, como em outros momentos, por um vazio de poder que levou ao estabelecimento de juntas e comissões, civis e militares, no sentido de tentar restabelecer a ordem e a governabilidade, há muito ausentes, diga-se de passagem. Aos

moldes do que acontecera com Trujillo e com o regime trujillista no início da década de 1960, na vizinha República Dominicana, a derrocada dos Duvalier do poder não representaria o fim do duvalierismo e de suas práticas. Ao deixar o Haiti, Jean-Claude deixa para trás um país desestruturado, com uma economia dilapidada, um sistema político seriamente comprometido e um povo alienado e traumatizado por décadas de uma brutal opressão física e psicológica, operada pelos *Tontons Macoutes*, que também se tornaram uma marca indelével do duvalierismo, e, por que não, da suposta tendência “natural” do haitiano à barbárie. De acordo com Wilentz (2012), no artigo *Impunity in Port-au-Prince*:

*In nearly 30 years of power, the Duvalier regimes offered impunity for their operatives. The army and the Tontons Macoute committed gross violations of human rights, including arbitrary arrest, prolonged incarceration without trial, starvation and torture of political prisoners and the persecution and killings of their associates and families. The violence persisted after Baby Doc fell. While he and his family fled to France aboard a United States cargo plane, crowds wielding rocks and machetes destroyed the homes of known Duvalierists and hunted down and killed dozens of Tontons Macoute.*<sup>188</sup> (WILENTZ, *The New York Times*, 08/02/2012, n. p.)

Conforme assinala a autora: “*The violence persisted after Baby Doc fell*”. À queda, sobrevém um período de incertezas e, em meio a essas, uma oportunidade de se romper com um modelo sociopolítico e econômico personalista e patrimonialista que levava o Estado haitiano ao caos e à bancarrota. Os Duvalier deixaram uma amarga – e duradoura – herança para o povo haitiano. A corrupção e as violações dos direitos humanos, sistematicamente praticadas – num amplo espectro – com o apoio ou, no mínimo, a anuência de países como Estados Unidos e França, fizeram com que o povo haitiano, uma vez mais, buscasse apagar – em certa medida como ocorrera no final da Revolução – inclusive fisicamente, quaisquer vestígios do sistema imposto. Assim, a barbárie que se lhes atribui, embora não possa ser justificada, também não deve ser tomada como um traço distintivo de sua natureza ou de seu “ser”, como afirmam determinadas manifestações anti-haitianistas.

---

<sup>188</sup> “Em quase 30 anos de poder, o regime duvalierista garantiu a impunidade para seus agentes. O exército e os *Tontons Macoute* cometeram graves violações aos direitos humanos, incluindo prisões arbitrárias, encarceração prolongada sem julgamento, inanição e tortura de prisioneiros políticos e a perseguição e assassinato de seus seguidores e familiares. A violência persistiu depois da queda de *Baby Doc*. Enquanto ele e sua família fugiam para a França a bordo de um avião de carga dos Estados Unidos, multidões empunhando pedras e facões destruíram as casas de conhecidos duvalieristas e caçaram e assassinaram dezenas de *Tontons Macoutes*.” (Tradução nossa)

É em meio a essas tensões e desacertos que Jean-Bertrand Aristide, um dos personagens mais controversos da história contemporânea do Haiti, emerge. A trajetória do ex-padre salesiano constitui, por uma série de particularidades, um capítulo à parte da história haitiana. Aristide começa a se projetar a partir dos púlpitos eclesiásticos dos subúrbios de Porto Príncipe, de onde proferia, com uma eloquência peculiar, seus exaltados sermões que, para além de um rito litúrgico, constituíam, talvez com mais acerto, uma pesada crítica aos históricos desajustes sociopolíticos e econômicos haitianos e, mais especificamente, às elites e às classes dirigentes, ligadas ao poder. Ao longo de pouco mais de uma década, portanto, no período de 1990 a 2004, Aristide irá de redentor a algoz do povo haitiano, tornando-se, ele também, um ícone nos discursos anti-haitianistas.

Aristides se projeta no cenário político haitiano com um discurso populista e radical, sendo ovacionado pelas massas esfaimadas e perseguido pelos grupos que viam no vazio de poder gerado pela fuga de *Baby Doc* uma oportunidade para se estabelecer e se projetar. Essas disputas, que tiveram como protagonista o ex-padre salesiano, inviabilizaram, por duas vezes, em 1991 e em 2004, sua permanência à frente do governo haitiano, e fizeram com que o país fosse alvo de uma série de intervenções ao longo das décadas de 1990 e 2000, que culminaram com o estabelecimento da MINUSTAH. Esta iniciou seus trabalhos após a destituição de Aristide da presidência do Haiti, em fevereiro de 2004, e completou, em junho de 2014, dez anos de permanência no país.

Tanto Aristide quanto a MINUSTAH compõem capítulos fundamentais da história e da política haitiana contemporânea, emergindo, nos discursos presentes em artigos e/ou reportagens publicados nos jornais que nos servem de fonte, sob uma multiplicidade de perspectivas. Por um lado, existem aqueles que, em minoria ou resignados, acreditam que Aristide fora uma vítima das forças seculares que atuam sobre o Haiti, uma vez que se levantara e questionara muitos de seus interesses; por outro, temos um grupo majoritário e mais ativo, no que diz respeito às manifestações discursivas, que procura retratá-lo a partir de uma perspectiva negativa e depreciativa, claramente anti-haitianista, colocando-o ao lado – ou acima – de figuras como os Duvalier, por exemplo. Pode-se constatar que essa última perspectiva é mais pronunciada nos jornais dominicanos, enquanto que a primeira ganha destaque nos veículos haitianos, havendo, no entanto, manifestações favoráveis ou contrárias em todos os jornais, independente do local de produção.

Sobre a MINUSTAH recaem, quase sempre, tanto de um lado, quanto de outro, críticas de toda ordem, sendo recorrentes as comparações com a intervenção estadunidense de 1915-1934. Cabe observar, todavia, que, para além de sua centralidade política e histórica, tanto a emblemática figura de Jean-Bertrand Aristide, quanto o estabelecimento e a permanência da MINUSTAH em território haitiano por um período de mais de uma década, são recobertos de importância em nosso trabalho, sobretudo pelo fato de constituírem espaços privilegiados para a reprodução dos discursos e das práticas anti-haitianistas que buscamos evidenciar. Assim, determinadas críticas e escárnios dirigidos a Aristide, então “representante” – ou representação – do povo haitiano, podem ser percebidos, a depender das circunstâncias, como parte de um “ataque”, não a sua pessoa, mas àqueles a quem representa. Logo, a incapacidade, a inépcia, a tirania, a corrupção, a barbárie e todas as outras adjetivações que lhe são atribuídas, são, na verdade, ou ao mesmo tempo, endereçadas ao povo haitiano. Nesse sentido, a própria permanência da MINUSTAH, ou as referências aos sucessivos fracassos das missões onuseanas que a precederam, ou ainda, as comparações e inferências realizadas com relação à intervenção de 1915, podem indicar, em última instância, uma tentativa de se evidenciar, por exemplo, a suposta incapacidade do povo haitiano para se autogovernar ou que o Haiti é, como querem alguns, um problema sem solução.

A chegada de Aristide ao poder, em 1991, é cercada de expectativas, não só por parte do povo haitiano, que, pela primeira vez em sua história elegera, por vias democráticas, um presidente – que era, segundo seu discurso, povo como eles –, mas, também, por parte de alguns Chefes de Estado e instituições que, por motivos – ou interesses – diversos, tornaram-se partícipes do drama haitiano e esperavam que uma ruptura histórica e política pudesse ser operada a partir da ação dessa nova liderança. Aristide se fez povo. *Tout moun se moun*, afirmava ele. Assim, segundo Wilentz (*The New York Times*, 15/03/2011, n. p.) “Mr. Aristide gave the Haitian people two invaluable things: self-confidence and a voice, and thereby earned their lasting loyalty.”<sup>189</sup> Nessa mesma direção, no editorial do *Hoy Digital* (07/03/2004, n. p.) Aristide é retratado como “[...] un jefe carismático; un verdadero líder de masas.”

---

<sup>189</sup> “Aristide deu ao povo haitiano duas coisas de valor inestimável: autoconfiança e voz, e recebeu, assim, sua lealdade duradoura.” (Tradução nossa)

Se a proximidade com as massas foi, portanto, afora suas habilidades e qualidades pessoais, o que lhe permitiu se projetar no cenário político haitiano, não há exagero em dizer, por outro lado, que esta seria, também, a sua ruína. Aristide se elegera, por duas vezes, mas não governara. No primeiro mandato, de 1991-1995, passado quase todo em *in absentia*, Aristide esteve ocupado tentando exorcizar os velhos fantasmas do duvalierismo, ainda muito presentes e, de certa forma, agarrados às estruturas de poder. No segundo, de 2001 a 2004, teve que se ocupar com os paramilitares remanescentes das FAd'H, dissolvidas pelo próprio durante seu primeiro mandato. Além desses problemas, cabe lembrar que Aristide herdara um país acometido por uma grave crise estrutural, economicamente inviável, para a grande maioria de seus cidadãos, e politicamente polarizado.

Nessa perspectiva, o “líder carismático”, que se levantara em defesa das massas despossuídas a partir dos idos de 1984 e que fora eleito em duas oportunidades como presidente, esbravejando palavras de ordem contra o poder instituído, apresentado, muitas vezes, como uma espécie de Messias para o povo haitiano e, quiçá, para o Caribe, vai, aos poucos, transformando-se (ou sendo transformado) – metamorfoseando-se, como Gregor Samsa, no drama kafkiano – em um monstro, tão ou mais ameaçador que aqueles que tentara combater. O “pai dos pobres” ou “*Père Titid*”, como costumava ser chamado por seus seguidores e admiradores, converter-se-ia – e/ou seria convertido?! – em um déspota, corrupto e sanguinário que, em 2004, seria retirado do poder, sob condições ainda pouco esclarecidas, em meio a mais uma grave perturbação social. Aristide, que de início parecia imune aos estereótipos históricos e políticos costumeiramente atribuídos aos mandatários haitianos, acaba sucumbindo. Uma vez mais venceu o discurso. Pablo Sánchez (2004) pondera:

*Cuando Aristide [...] alcanzó el poder en 1990, en unas elecciones democráticas, supervisadas por la comunidad internacional, llegó la esperanza. Era el llamado “cura de los pobres”. El sacerdote, seguidor de la teología de la liberación, se coló en el alma de los haitianos y tuvo el respaldo de la ONU, de la OEA y de Caricom. Su legitimidad estaba asegurada. El apoyo de los más ricos, también [...] en el poder, se volvió despótico, corrupto. Se enamoró del lujo y se olvidó de los pobres. Disolvió el Ejército en 1994 [1995] y quiso quedarse con el país, al más puro estilo de los anteriores dictadores a quienes él había combatido, los Duvalier. (SÁNCHEZ, Hoy Digital, 03/03/2004, n. p.)*

A esperança durara pouco, como observou Sánchez (2004). Se por um lado Aristide figurara como um líder carismático, capaz de trazer ou devolver a esperança e a autoconfiança, há muito perdida, ao povo haitiano, por outro, mais recorrente, passaria a figurar apenas como mais um tiranete que se valera do desespero alheio para alcançar o poder, agindo, segundo Alvarez-Veja (*Hoy Digital*, 19/11/2004, n. p.), como “[...] *un demagogo que utilizó el púlpito eclesiástico para enamorar a los buscadores de esperanza*”. Euclides Félix (*El Nacional*, 13/12/2010, n. p.) o descrevera como “[...] *un alucinado, políticamente analfabeto y brujo [...] enemigo frontal de los dominicanos y una figura incoherente y disparatada, que pudo aparecer en el escenario político de esta isla de Santo Domingo*.” A pouca estima demonstrada pelos dominicanos, nas palavras de Félix (2010), sobressai nas críticas de alguns autores dirigidas ao ex-padre. Os princípios entusiasticamente defendidos por Aristide nos púlpitos da igreja de São João Bosco, na periferia de Porto Príncipe, foram abandonados, segundo seus detratores, tão logo ele assumira o poder. A “*maldición imperial*”, segundo Conde (*El Nacional*, 16/01/2010, n. p.), e o discurso anti-haitianista parecem ter criado um monstro, pois, de acordo com o editorial do *Hoy Digital* (2004), Aristide:

*se convirtió en un politiquero más, portador de un nuevo caudillismo, autócrata y renegador de los principios que defendió en la oposición. Como casi todos los que llegan al poder en esta isla, sólo piensa en prolongarse en el mismo, a cualquier precio. (HOY DIGITAL, 22/02/2004, n. p.)*

Aristide tornara-se, por meio dessa discursividade, mais um, “*Como casi todos los que llegan al poder en la isla*” (HOY DIGITAL, 22/02/2004, n. p.). Rivas (*Hoy Digital*, 14/02/2004, n. p.), vai além, no artigo *Aristides depuesto*, afirmando que Aristide tornara-se “[...] *idéntico al viejo médico rural Francois Duvalier, Papa Doc, con los Tontons Macoutes, y los excesos como el Pere Lebrum*.” As comparações e aproximações entre os Duvalier e Aristide são recorrentes e, ainda que problemáticas, constituem outro expediente por meio do qual se busca estabelecer a “*normatização*” e a “*homogeneização*”, por meio da qual, conforme Silva (2009, p. 83), ao ver um, ter-se-á visto todos.

Sua primeira derrocada do poder, decorrente do golpe militar de setembro de 1991, perpetrado pelo então Comandante das FAd’H, Raoul Cedras, e o consequente exílio em Washington, nos Estados Unidos, até outubro de 1994, é, segundo

alguns de seus críticos, um componente a mais da “metamorfose aristidiana”. A aproximação com o governo dos Estados Unidos, a despeito das circunstâncias ou ainda do fato de que desde a intervenção de 1915-1934, o Estado haitiano tenha passado a orbitar na zona de influência estadunidense, também constitui uma das críticas recorrentes contra Aristide, sobretudo pelo fato de que o anti-imperialismo – ou anti-americanismo – constituía um dos principais motes de seus inflamados discursos. A esse respeito Elías (2004) comenta que:

*Los años USA hicieron de Aristide un megalómano consumado [...] El famoso héroe resentido parido en las entrañas salesianas dominicanas, final se convirtió en un barato tiranuelo de poca monta cuyos intereses personales y cuentas bancarias extranjeras, han sido más importante que su “proyecto” político concebido en el exilio USA. (ELÍAS, Hoy Digital, 12/01/2004, n. p.)*

O exílio torna-se um marco, uma vez que o retorno de Aristide, em outubro de 1994, só se concretiza em função da intervenção direta e unilateral do governo dos Estados Unidos, mais especificamente, dos ex-presidentes Bill Clinton e Jimmy Carter. Essa aproximação, intencional ou circunstancial, acaba contribuindo para que os próprios movimentos de esquerda ou centro-esquerda que apoiavam Aristide começassem a abandoná-lo, o que leva, dentre outras coisas, à criação do *Fanmi Lavalas*, em 1996. Sally Burch (*Alter Presse*, 27/04/2004, n. p.) afirmava que algumas organizações que o apoiavam no início de sua caminhada, consideram que Aristide “*traicionó los objetivos e ideales del movimiento popular de 1986 (que derrocó al dictador Duvalier) y que su régimen aplicaba sumisamente los dictados de Washington y del FMI.*”

Ademais, Aristide, que já contava com a oposição de grande parte das elites haitianas, dos antigos quadros duvalieristas, dos ex-militares das FAd’H – dissolvida por Aristide após seu retorno – dentre outros, passa a contar também com o desprezo e a resistência de determinados grupos e de antigos parceiros políticos e intelectuais que em outro momento deram-lhe apoio e suporte, como é o caso de Christophe Wargny e Gerard Pierre-Charles, que afirmara, em entrevista ao repórter Jean-Michel Caroit, cujo pequeno trecho fora publicado no artigo *Gerard y Haití de cara al Sol*, do editorial do jornal *Alter Presse*, que “*Aristide traicionó todos los valores morales que lo llevaron al poder en 1990. Se ha convertido en ser perverso y maléfico*” (ALTER PRESSE, 14/10/2004, n. p.). Apesar de angariar, ano após ano, a animosidade de uns e outros, Aristide, em um aparente

contrassenso, reelege-se novamente em 2000, sob os protestos da oposição e de alguns organismos internacionais, que contestavam os resultados e a lisura do pleito, alegando irregularidades eleitorais. As dificuldades para se manter no poder pareciam prenunciar, como costumamos dizer, o começo do fim. O último ato de uma grande tragédia.

Se as graves dificuldades que se abatiam sobre o Haiti o tornavam um país praticamente ingovernável, tanto mais seria, dadas as circunstâncias, sob a presidência do ex-padre salesiano. Os anos que se seguiram às eleições de 2000 foram marcados pelo agravamento de uma crise que Aristide, é certo, não criara, mas certamente alimentara. Aristide resistiria no poder até fevereiro de 2004, quando se retirara – ou fora retirado – do país, para um longo exílio inicialmente na República Centro-Africana e, posteriormente na África do Sul, onde permanecera até março de 2011. Após mais de sete anos fora do país Aristide retorna, sendo acolhido com entusiasmo por seus antigos correligionários e pela massa de desfavorecidos, que, indiferentes às acusações que lhe pesavam, seguiam lhe apoiando. Se o retorno fora motivo de comemoração para alguns, não o seria para outros. Para antigos opositores e inimigos políticos a volta de Aristide ao Haiti – que fora precedida pelo retorno do ex-ditador Jean-Claude Duvalier, que ocorrera em janeiro do mesmo ano – representava o início de um período de incertezas e preocupações. A esse respeito Wilentz (2011) argumenta que

*The Haitians one meets on the street or in their little shops or in the market or on the byways of the countryside and in the shantytowns of the provincial capitals are for the most part pleased at the prospect of former President Aristide's return this week from seven years' exile in South Africa. But when members of Haiti's tiny elite, small middle class and growing international community here discuss Mr. Aristide, they look over their shoulders, shake their heads, raise their eyebrows. They speak in whispers or in great gulps of nervousness.*<sup>190</sup>  
(WILENTZ, *The New York Times*, 15/03/2011, n. p.)

A diferença entre o enfoque dado pelos órgãos de imprensa ao retorno de Baby Doc, em janeiro daquele mesmo ano, e o retorno de Aristide, dois meses

---

<sup>190</sup> “Os haitianos que se encontram nas ruas ou em suas pequenas lojas, ou no mercado, ou nas estradas do interior e nas favelas das capitais das províncias estão, em grande parte, satisfeitos com a perspectiva de retorno do antigo presidente esta semana, após sete anos de exílio na África do Sul. Mas quando membros da diminuta elite haitiana, da pequena classe média e da crescente comunidade internacional discutem sobre Aristide, eles olham sobre seus ombros, abanam a cabeça, levantam as sombrancelhas. Eles falam em sussurros ou em grandes goles de nervosismo.” (Tradução nossa)

depois, constitui um indicativo do papel que ambos desempenham no imaginário do povo haitiano. O alvoroço, tanto em apoio quanto em repúdio, constitui, também, um indicativo daquilo que buscamos demonstrar com nossas hipóteses. Se as inquietações deixavam entrever, por um lado, que Aristide continuava a representar um perigo e uma ameaça ao que Wilentz (*The New York Times*, 15/03/2011, n. p.) chamou de “*tiny elite, small middle class and growing international community*”, por outro, constituíam um indicativo do aparente descompasso existente entre o discurso e a coisa em si.

Já em 2010, quando os rumores de seu possível retorno começavam a tomar parte dos noticiários, alguns autores tratavam de advertir sobre seu poder e influência. Àquela altura Álvaro Arvelo (*El Nacional*, 26/07/2010, n. p.), por exemplo, alertava que “[...] *allí [Haiti], nos guste o no nos guste, solo hay un líder político; Jean Bertrand Aristide.*” Ao afirmar que “[...] *only one man possesses the power to extricate the poor out of their lethargic state and galvanize them into actions against their oppressors, and that is Jean-Bertrand Aristide*”<sup>191</sup>, Joseph (*The Haitian Times*, 2010, n. p.) foi ainda mais enfático. Já Nelson Encarnación (*El Nacional*, 22/01/2011, n. p.), alertava que Aristide “*Es un individuo frente al cual no se puede ser indiferente. Aristide tiene una enorme influencia sobre las masas*”. Seus opositores bem o sabiam.

Apesar de combatido e exorcizado, Aristide estava de volta. Em contraposição aos discursos que buscavam detratá-lo, surgem outros, que lhe são mais favoráveis. Há, em meio à celeuma provocada pelo seu retorno, um movimento que buscava resgatar sua imagem, com o intuito de apresentá-lo, uma vez mais, como vítima e defensor do povo haitiano. Aristide era parte do problema e não “o problema”, pois, conforme Richard Dooley (*The New York Times*, 06/01/2004, n. p.) “*Aristide may be the current president but decades of dictators preceded him and the United States and France, among others, have supervised centuries of neglect and exploitation in Haiti that have resulted in its current state of chronic anarchy.*”<sup>192</sup> Nessa mesma direção, Max Joseph (2011) assegurava que:

---

<sup>191</sup> “[...] somente um homem possui o poder para libertar os pobres de seu estado de letargia e reanimá-los em ações contra os seus opressores, e este é Jean-Bertrand Aristide.” (Tradução nossa)

<sup>192</sup> “Aristide pode ser o atual presidente, mas décadas de ditadores o precederam e os Estados Unidos e a França, entre outros, têm supervisionado séculos de negligência e exploração no Haiti, que têm resultado no atual estado de anarquia crônica.” (Tradução nossa)

*Under the widely publicized and accepted version of the ills afflicting Haiti, one man, Jean Bertrand Aristide, twice elected by the people and twice evicted from power by the now-defunct Haitian military (1991) and a US-French invasion (2004) has been personally held responsible for the current state of affairs. Naturally this **orchestrated propaganda campaign**, meant to obscure the true role of economic liberalism, which accelerated the country's descent into wretched poverty and despair beginning in the mid-1980's, had had the desired effect. Although kidnappings, gross human rights violations, political violence, systemic corruption, drug trafficking and armed gangs were a fact of life for millions of Haitians during the military dictatorships that ruled the country from 1986 through 1994, Aristide is invariably blamed for their introduction in Haiti.<sup>193</sup> (JOSEPH, *The Haitian Times*, 2011, n. p.)*

De herói a vilão, de vilão à vítima. Entre a detração e a vitimização, a história de Aristide, tal qual a história do Haiti e do povo haitiano, continua sendo escrita, sem que seja possível precisar a distância entre o que se diz e o que se vê. A queda – ou a retirada – de Jean-Bertrand Aristide do poder em fevereiro de 2004 abriria um novo, e inconcluso, capítulo da história haitiana. Como afirmamos no início deste tópico a MINUSTAH, tal qual Aristide, surge nos artigos/reportagens publicados nos jornais que utilizamos, cada um a seu modo, como espaços a partir dos quais os discursos anti-haitianistas se reproduzem e se intensificam, pois, se Aristide emerge aí como a perfeita representação da incapacidade do haitiano para o autogoverno, carregando consigo os principais estigmas dirigidos por esses discursos ao Estado e ao povo haitiano, a MINUSTAH passaria a ser entendida, nessa perspectiva, como uma imprescindível tutela, uma prova cabal dessa inaptidão.

A MINUSTAH fora estabelecida em junho de 2004 em substituição à Força Multinacional Provisória, que, composta por forças dos Estados Unidos, França, Canadá e Chile, buscava dar uma pronta resposta à crise que culminara com a queda de Jean-Bertrand Aristide, em 28 de fevereiro daquele ano. O povo haitiano, que por diversas vezes buscara se apoiar na figura do ex-padre e em seus inflamados discursos, via-se, uma vez

---

<sup>193</sup> “Sob uma versão amplamente divulgada e aceita dos males que afligem o Haiti, um homem, Jean Bertrand Aristide, duas vezes eleito pelo povo e duas vezes despossado do poder pelo extinto Exército haitiano (1991) e por uma invasão estadunidense-francesa (2004), tem sido pessoalmente responsabilizado pela situação atual. Naturalmente, essa orquestrada campanha de propaganda, destinada a obscurecer o verdadeiro papel do liberalismo econômico, que acelerou a descida do país na pobreza e no desespero iniciado em meados da década de 1980, teve o efeito desejado. Muito embora os sequestros, as graves violações dos direitos humanos, a violência política, a corrupção sistêmica, o tráfico de drogas, e as gangues armadas fossem um fato na vida de milhões de haitianos durante as ditaduras militares que governaram do Haiti de 1986 a 1994, Aristide é invariavelmente responsabilizado por sua introdução no Haiti.” (Tradução nossa)

mais, sob intervenção, justamente no ano em que se comemorava o bicentenário de sua independência, marco fundante da nação, e setenta anos após o fim da primeira ocupação do país pelos Estados Unidos, no período de 1915 a 1934.

A intervenção, uma vez mais, traz o Haiti e o povo haitiano para o centro do palco. A presença de uma força de ocupação em solo haitiano, sob o pretexto de que “[...] *Haití sigue constituyendo una amenaza a la paz y la seguridad internacionales de la región [...]*” (ONU, 2004, p. 2), acaba contribuindo para o recrudescimento de determinados discursos e práticas anti-haitianistas e, conseqüentemente, para o reforço e a difusão dos estigmas e estereótipos barbarescos que sustentam a tradição de identidade haitiana que aqui buscamos desvelar. Nessa perspectiva, conforme Joseph (*The Haitian Times*, 2012, n. p.), o país continua sendo tratado como uma tribo primitiva que necessita ser permanentemente supervisionada, uma vez que “[...] *its inhabitants cannot be trusted to uphold the basic moral precepts of this civilization, hence the notion of it being ‘a threat to international peace and security’*”.<sup>194</sup> Em outro artigo Joseph (2012) – um haitiano, diga-se de passagem –, faz algumas considerações acerca dessa discursividade que vão ao encontro de nossas perspectivas. Segundo ele,

*The Haitian people, the recipient of the Security Council’s benevolence, never had a say in the countless resolutions that abrogated their right as a nation because the international community sees them as sub-humans that were for two centuries unable to live up to the basic precepts of the western civilization [...] The notion that Haitians are parasites that cannot fend for themselves has become an article of faith in many circles — mainly among the citizenry of donor-nations. Declassified state documents, along with comments by academics, aid workers and foreign government officials in charge of formulating a concerted international response to this historical aberration (the existence of Haiti as a nation) have lent credence to it. Not surprisingly, the root causes of the present-day situation remain completely absent in the equation. equation.*<sup>195</sup> (JOSEPH, *The Haitian Times*, 2012, n. p.)

---

<sup>194</sup> “[...] seus habitantes não são confiáveis para manter os preceitos morais básicos desta civilização, daí a noção de serem uma ameaça para a paz e para a segurança internacional.” (Tradução nossa)

<sup>195</sup> “O povo haitiano, o recipiendário da benevolência do Conselho de Segurança, nunca teve uma palavra nas incontáveis resoluções que revogaram seus direitos como nação, porque a comunidade internacional os vê como sub-humanos, que foram, por dois séculos, incapazes de viver sobre os preceitos básicos da civilização ocidental [...] A noção de que os haitianos são parasitas que não podem cuidar de si mesmos tornou-se um artigo de fé em muitos círculos - principalmente em meio aos cidadãos das nações doadoras. Documentos estatais ostensivos, juntamente com comentários feitos por acadêmicos, trabalhadores humanitários e funcionários de governos estrangeiros encarregados de formular uma resposta internacional coerente para essa aberração histórica (a existência do Haiti como uma nação) têm dado crédito a isso. Não

Fica evidente, em primeiro lugar, a percepção do autor acerca das representações barbarescas e inferiorizantes reservadas ao povo haitiano pela comunidade internacional, para quem aqueles figuram como subumanos e incapazes de viver conforme os preceitos “básicos” da civilização ocidental. Um segundo ponto diz respeito à maneira como essa noção, longe de ser exclusiva de dominicanos e ou caribenhos, encontra-se presente em círculos diversos, que compreendem acadêmicos, funcionários e trabalhadores estrangeiros, dentre outros, que, não por acaso, constam do rol dos detratores elencados por Léger em *Haiti, her history and her detractors*. Um último aspecto diz respeito à a-historicidade que costuma caracterizar tais discursos, pois, conforme o autor, as causas, históricas presumivelmente, são sempre ignoradas ou intencionalmente omitidas, dando ensejo ao que Pierre Bourdieu (1997) chamou de uma visão “des-historicizada e des-historicizante”, “atomizada e atomizante”, representadas pelas mídias como uma sucessão de histórias aparentemente absurdas e semelhantes, que, surgidas sem explicação, desaparecerão sem solução (BOURDIEU, 1997, p. 140-141). É possível perceber, na descrição apresentada por Joseph (2012), uma sistemática que parece estar presente na grande maioria dos discursos e das práticas anti-haitianistas: a desumanização e a bestialização do haitiano; a suposta incapacidade para o autogoverno ou para a civilização; a afirmação dos discursos por meio de argumentos difusos ou fundamentados em discursos de autoridade, amplamente aceitos, e, por fim, a ausência de problematização das condicionantes históricas.

Diante desse quadro, torna-se possível perceber como determinados discursos, aparentemente inócuos, podem induzir o leitor menos afeito ou alheio à problemática em questão a uma percepção enviesada dos fatos. São bastante recorrentes nos artigos e reportagens analisados, por exemplo, determinadas críticas ou censuras dirigidas à MINUSTAH em função de uma aparente estagnação ou, em alguns casos, involução no quadro sociopolítico e econômico haitiano no período pós Aristide. Enunciados do tipo: “*A pesar de la prolongada intervención de la ONU, los resultados obtenidos hasta ahora son calificados como ‘limitadísimos’*”, de Gratereaux (*Hoy Digital*, 28/02/2010, n. p.), que à primeira vista parecem constituir uma crítica aos pífios resultados alcançados pela MINUSTAH ao longo do período de intervenção, podem ser percebidos, também, como uma

---

surpreendentemente, as causas fundamentais da situação atual permanecem completamente ausentes na equação.” (Tradução nossa)

afirmação da dificuldade ou da incapacidade do povo haitiano de se libertar dos hábitos bárbaros e bestiais que lhes são atribuídos, apesar de “todos os esforços” despendidos pelos organismos intervencionistas. O “problema” do Haiti, nessa perspectiva, continua sendo o haitiano. Dessa forma, o possível fracasso da MINUSTAH representaria, antes, o fracasso do Haiti e, de certo modo, a ratificação dos motes anti-haitianistas reproduzidos ao longo de sua história. Em outro artigo, Gratereaux (2013) apresenta o argumento:

*De ser la colonia más rica de Francia, Haití ha pasado a ser el pueblo más pobre del hemisferio [...] Después de más de dos siglos, todo sigue igual. Actualmente nuestros vecinos sufren la intervención de la ONU. Las tropas de la Minustah han expresado, una y otra vez, su fracaso en “relanzar” o “reorganizar” la sociedad haitiana. (GRATEREAUX, Hoy Digital, 19/06/2013, n. p.)*

Tudo segue igual, em que pese a ocupação. Ratificando a assertiva de Gratereaux (2013), o Haiti, na perspectiva apresentada por Herrera-Miniño (*Hoy Digital*, 02/08/2013, n. p.) continua a ser “[...] un país fallido, y que es reconocido en el continente por su insalubridad, pobreza, ignorancia e inestabilidad, ahora asegurada por la presencia de las tropas de intervención de las Naciones Unidas”. Se a MINUSTAH não figura como parte de uma possível solução, passa a ser percebida, como é possível entrever no trecho supracitado, como parte do problema. De seu estabelecimento, em 1º de junho de 2004, até 1º de junho de 2014, quando completara 10 anos de atuação em solo haitiano, a MINUSTAH enfrentou, e continua enfrentando, uma série de desafios, cuja solução não depende, como afirmava Pereira (2005, 28), única e exclusivamente, dos fuzis empunhados pelos *peacekeepers* da ONU. De salvação à danação, pois, segundo Johnny Guerrero,

*La presencia en Haití, desde el año 2004, de la Misión de Naciones Unidas para la Estabilización de Haití (MINUSTAH), ha significado para el pueblo haitiano uno de los tiempos más ignominiosos de su historia. Esa organización que fue creada, [...] para estabilizar el país y fomentar su desarrollo económico e institucional, se ha convertido en un ejército de ocupación, que viola los más elementales derechos humanos del pueblo haitiano; trajo la epidemia del cólera al país y es un obstáculo para su progreso político, social y económico. La MINUSTAH viola la soberanía nacional y la autodeterminación del pueblo haitiano. Actúa, usurpando poderes que corresponden al Estado haitiano, convirtiéndose en un poder paralelo al mismo; [...] un Estado dentro de otro Estado [...] La MINUSTAH esta asesinando, hiriendo, violando y maltratando a ciudadanos y ciudadanas*

*haitianos-as, incluyendo menores de edad.* (GUERRERO, *El Día*, 1.º/06/2012, n. p.)

Nem problema, nem solução. As sucessivas renovações do mandato da MINUSTAH por parte do Conselho de Segurança da ONU – a missão fora inicialmente estabelecida para um período de 6 meses – demonstram, por um lado, que não há solução em curto ou médio prazo para os problemas ou, se há, a MINUSTAH não dispõe de meios ou capacidade para implementá-los, e, por outro, que com a dilatação da permanência, a intervenção vai se afastando de seus “propósitos iniciais”, o que concede ensejo a críticas e questionamentos, internos e externos, fundamentados ou não. Uma dessas críticas, que também é bastante recorrente, diz respeito aos elevados custos destinados à manutenção de toda a estrutura logística e operacional da MINUSTAH, que compreende, segundo dados disponibilizados pela Organização, um efetivo aproximado de 8.408 pessoas no Haiti<sup>196</sup>, ao custo médio aproximado de cerca de setecentos milhões de dólares ao ano.<sup>197</sup> Herrera-Miniño (*Hoy Digital*, 10/09/2010, n. p.) expõe a questão nos seguintes termos: “*Si en Haití se recibe un dólar de ayuda, donada o prestada [...] 65% de ese dólar es para cubrir dietas de los funcionarios y técnicos, sus traslados, sus alojamientos, combustibles, uso de vehículos del año.*” Em consonância com a perspectiva indicada por Herrera-Miniño, em 2010, Galeano (2011) faz a afirmação:

*La ocupación militar de Haití está costando a las Naciones Unidas más de ochocientos millones de dólares por año. Si las Naciones Unidas destinaran esos fondos a la cooperación técnica y la solidaridad social, Haití podría recibir un buen impulso al desarrollo de su energía creadora.* (GALEANO, *Alter Presse*, 30/09/2011, n. p.)

Alguns críticos, dentre os quais Galeano (2011), afirmam, não sem razão, que se esse montante, em lugar de financiar aquilo que alguns chamam de “forças mercenárias”, tivesse sido investido em obras e programas sociais, voltados para atender às demandas das populações mais necessitadas, o país provavelmente estaria em melhores condições. Provavelmente, mas é preciso que algumas ressalvas sejam feitas. É preciso não

---

<sup>196</sup> Segundo dados disponibilizados pela própria Organização, os efetivos foram compostos, em 2015, de: 4.618 militares, 2.189 policiais, 333 funcionários civis internacionais, 1.142 funcionários civis locais, e 126 voluntários da ONU. Disponível em: <<http://www.un.org/es/peacekeeping/missions/minustah/facts.shtml>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

<sup>197</sup> Disponível em: <<http://www.un.org/es/peacekeeping/operations/financing.shtml>>. Acesso em 27 abr. 2015.

esquecer o relevante papel desempenhado pelos componentes militares da MINUSTAH, sobretudo nos primeiros anos que se seguiram à deposição de Aristide, quando o país se viu mergulhado, uma vez mais, em uma profunda crise sociopolítica em função da polarização política e do enfrentamento entre grupos rivais pró e contra Aristide, dentre outros. A intervenção da FMP e o estabelecimento da MINUSTAH foram, metaforicamente falando, um amargo, embora necessário, remédio, que, indicado para combater os efeitos e não as causas dos padecimentos que afligiam – e ainda afligem – o Haiti, ao final de dez anos, não surte mais os resultados esperados, trazendo, pelo contrário, uma série de efeitos colaterais.

Afora a precária estabilização – muitas vezes contestada – da violência que assolava as principais cidades do Haiti por ocasião da deposição de Aristide e nos anos que se seguiram até por volta de fins de 2007, o cenário sociopolítico e econômico haitiano continua quase que praticamente inalterado, o que, de certa maneira, fortalece, ainda que em partes, as críticas de Herrera-Miniño (2010) e Galeano (2011). A maioria absoluta da população, alheia ou completamente subsumida em meio aos ditames político-ideológicos que, em maior ou menor medida, orientam sua tortuosa caminhada, continua sobrevivendo em condições de extrema pobreza e, em muitos casos, em situações degradantes e desumanas que, captadas pelas lentes ou microfones da mídia, acabam contribuindo, ainda que de forma não intencional, para a perpetuação dos motes anti-haitianistas que buscamos delinear. Os quadros políticos, muito embora sejam renovados com relativa regularidade, por meio de eleições diretas ao fim de cada mandato, carecem de legitimidade e de meios para governar. A economia, em tudo dependente, resume-se, quase que exclusivamente, às atividades informais e mercantis de pequena monta e à produção de subsistência realizada nos vales mais férteis do país, como, por exemplo, *Cul-de-Sac*, ao norte de Porto Príncipe.

Existe, é certo, um gritante descompasso entre as ações dos componentes civis e militares da MINUSTAH. O General Augusto Heleno Ribeiro Pereira, primeiro *Forcer Commander* dos contingentes militares que desembarcaram no Haiti em 2004, já alertava, por um lado, para as pressões recebidas por parte de países como Estados Unidos e França para aumentar a repressão e o uso da força durante os primeiros anos da intervenção, e, por outro, sobre a lentidão na liberação dos recursos financeiros prometidos pela comunidade internacional (França, Canadá, Estados Unidos e Comunidade Europeia) para implementar ações e projetos voltados para a reestruturação do país.

Acreditamos ser neste descompasso que resida a verdadeira razão de ser da MINUSTAH. O que está em jogo, em última instância, não é um resgate do Estado ou do povo haitiano, ou, ainda, uma possível reparação de uma propalada dívida histórica desses atores para com o povo haitiano. Nunca foi. O Haiti e seu povo só passam a contar com a atenção de países como os Estados Unidos e França a partir de meados da década de 1980 e, principalmente, do início da década de 1990, quando, em função do recrudescimento da violência motivada pela desestruturação do regime duvalierista e da sanguinária ditadura do governo golpista de Raoul Cedras, os haitianos, em desespero, lançaram-se ao mar, aos milhares, aportando, em sua grande maioria, na Flórida, na costa leste dos Estados Unidos, na República Dominicana e, em menor número, nos países circunvizinhos.

Assim, mais uma vez, a intervenção buscava – aos moldes do que já ocorrera antes – preservar determinados interesses políticos e econômicos estrangeiros no Haiti, ameaçados pelo quadro de extrema instabilidade, e evitar uma nova debandada de refugiados (*boat people*) para os Estados Unidos e para os países caribenhos. A MINUSTAH seria, assim, de acordo com algumas perspectivas mais radicais, apenas um instrumento de contenção a serviço dos interesses políticos e econômicos dos Estados Unidos e da França, dentre outros. Levando em conta esse ponto de vista, a intervenção de 1915 e *Perejil* se repetem, inclusive, ao que parece, pelo rotundo fracasso que representaram. Nesse sentido, Gautier (2006) questiona:

*¿Cuántos caminos, escuelas, hospitales, puentes, puertos, aeropuertos han construido desde que llegaron las actuales fuerzas de ocupación de la ONU? ¿Qué inversión han hecho esos organismos internacionales [...] ¿Cuánta ayuda económica ha recibido un pueblo encadenado por una fuerza extranjera de ocupación? ¿Qué han hecho para reforestar sus devastadas montañas? ¿Qué han hecho las fuerzas de ocupación en Haití para controlar el narcotráfico, el comercio de armas y la migración ilegal? [...] ¿En realidad, que tiene [...] buscar con su domino armado los Estados Unidos de América y los países de la Unión Europea que no sea detener la migración haitiana a esos países, y que tan cándidamente han apoyado su participación en la intervención territorial, algunos países sur y centro americanos? [...] ¿Por qué hay que mantener la herida abierta y sangrante en Haití? (GAUTIER, *Hoy Digital*, 27/12/2006, n. p.)*

Com o passar dos anos, parece ficar claro que a intervenção, a despeito das promessas e acordos firmados em 2004 e renovados por ocasião do devastador terremoto de 12 de janeiro de 2010, limitara-se, em realidade, ao trabalho de ocupação e contenção, operacionalizado pelos componentes militares ali presentes, e por um número insignificante de ações e projetos desenvolvidos de maneira errática e ineficaz ao longo de mais de uma década de ocupação. É o que se percebe, por exemplo, na declaração do Secretário Geral da ONU, no informe S/2014/617, de 29 de agosto de 2014, de que “[...] *sigue habiendo graves problemas que hacen que los progresos realizados sean frágiles y susceptibles de retrocesos*” (ONU, 2014, p. 15). Em meio a tantas contingências, o futuro do povo haitiano permanece incerto, e a MINUSTAH, fadada ao insucesso, como todas as intervenções que a precederam.<sup>198</sup> Conforme Joseph (2011),

*Haiti is now abandoned to an uncertain fate; its people deprived of a raison d'être, which helps explain the current occupation (2004-?) by forces determined to erase its identity. Under the Great experiment, present-day Haiti is a 21st century version of a plantation where the Master controls every aspect of its subjects' lives right down to their way of thinking.*<sup>199</sup> (JOSEPH, *The Haitian Times*, 2011, n. p.)

Mas ainda que a MINUSTAH não consiga alcançar seus intentos, a responsabilidade por um eventual fracasso não recairá sobre seus quadros. Certamente serão culpabilizados – como tantas vezes o foram – os haitianos, que, por certo, continuarão a figurar nos anais da história como um povo que, em que pesem a ‘benevolência’ e a prolongada ‘assistência’ da comunidade internacional, ao longo de mais de duas décadas, foi incapaz de se restabelecer. Gautier (2006, n. p.), no artigo suprarreferenciado, levanta outras questões que, ao fim das contas, devem ser consideradas para se tentar entender o verdadeiro sentido da MINUSTAH, já que não se traduz, como querem, num gesto altruísta dos algozes de outrora para com o povo haitiano. *¡Basta ya de hipocresía!*, afirma Gautier (2006), que segue questionando:

---

<sup>198</sup> Se tomarmos em conta o escopo inicial de suas propostas, veremos que a grosso modo compreendiam: a estabilização do Haiti; a implementação e o desenvolvimento do Programa DDR (Desarmamento, Desmobilização e Recolocação dos grupos rebeldes, representados, em sua maioria, por ex-militares das Forças Armadas do Haiti, dissolvidas em 1995 por Aristide); a realização de eleições livres; e, por fim, o desenvolvimento econômico e institucional do país.

<sup>199</sup> “Haiti está agora abandonado a um destino incerto; seu povo privado de uma razão de ser, o que ajuda a explicar a ocupação atual (2004-?) por forças determinadas a apagar suas identidades. Sob o grande experimento, o Haiti é nos dias atuais a versão do século XXI de uma *plantation*, onde os Mestres controlam todos os aspectos da vida de seus súditos, até o seu modo de pensar.” (Tradução nossa)

*¿Qué hacen en realidad, las fuerzas militares de ocupación de las Naciones Unidas en la República de Haití? ¿Cuál ofensa tan grave ha cometido la nación haitiana, su pueblo, su gobierno, para merecer ese grosero castigo de atropellar su soberanía y sus libertades? ¿Qué peligro representa para la paz mundial el pleno ejercicio de la soberanía de una pequeña y empobrecida nación como Haití? (GAUTIER, *Hoy Digital*, 27/12/2006, n. p.)*

Galeano (14/10/2012, n. p.) faz coro aos questionamentos de Gautier (2006), que certamente são também nossos e de outros tantos que se debruçam sobre a questão haitiana para tentar entendê-la, e indaga: “¿A quién amenaza Haití? ¿A quién agrede? ¿Por qué Haití sigue siendo un país ocupado? ¿Un país condenado a vigilancia perpetua?”. Por que o Haiti? Artigos e reportagens recentes, publicados(as) por jornais e sites especializados, de diferentes partes do mundo, dão conta da “descoberta” de importantes reservas minerais e de hidrocarbonetos no Haiti<sup>200</sup>. De acordo com prospecções iniciais, realizadas por multinacionais estadunidenses e canadenses, ao custo de mais de trinta milhões de dólares, estimam algo entre vinte e quarenta bilhões de dólares em reservas de ouro, prata e cobre nas terras situadas ao norte do país. Alguns desses artigos afirmam, também, que essas descobertas, longe de serem recentes, remontam ao início do século XX, mais especificamente às pesquisas e aos levantamentos geológicos realizados por técnicos e funcionários do governo dos Estados Unidos ao longo dos dezenove anos de intervenção, de 1915 a 1934.

Muito embora esta não possa ser considerada, ainda, uma explicação plausível para os questionamentos de Gautier (2011) e Galeano (2012), ao ser confirmada, poderá lançar alguma luz sobre inúmeras outras questões que, até o presente, pairam no ar. O Haiti segue sob vigilância e assim deverá permanecer, ainda que, para além do que se diz, não se saiba a quem ameaça. Uma possível resposta deve ser buscada, segundo acreditamos, no longo histórico de invasões, perseguições, boicotes, sanções, sabotagens,

---

<sup>200</sup> Ver: < [http://www.nbcnews.com/id/47398045/ns/world\\_news-americas/t/gold-haiti-eyes-potential-billion-bonanza/#.VUEZbJMZE23](http://www.nbcnews.com/id/47398045/ns/world_news-americas/t/gold-haiti-eyes-potential-billion-bonanza/#.VUEZbJMZE23) >, < <http://www.theguardian.com/global-development/poverty-matters/2012/may/30/haiti-gold-mining> >, < <http://www.mining.com/ngo-warns-upcoming-mining-law-in-haiti-will-leave-20bn-of-mineral-wealth-in-foreign-hands-73216/> >, < <http://www.mining.com/haiti-20-billion-untouched-mineral-wealth-to-help-the-country-out-of-poverty-46646/> >, < <http://www.majescor.com/en/projects.aspx> >, < <http://www.eurasianminerals.com/s/haiti.asp> >, < <http://www.globalresearch.ca/oil-in-haiti-economic-reasons-for-the-un-us-occupation/17149> >, < <http://newsjunkiepost.com/2012/11/29/haitis-gold-rush-an-ecological-crime-in-the-making/> >, e < <http://jamaica-gleaner.com/gleaner/20120518/business/business93.html> >.

traições, espólios e, sobretudo, em um racismo inqualificável que, desde há muito, constitui um dos pilares dos discursos anti-haitianistas e da tradição de identidade que buscamos delinear. Luna (2010) lembra, fazendo uma crítica ao papel desempenhado pelas forças de ocupação:

*El pueblo haitiano es fuerte, inteligente, culto y orgulloso de sus raíces; necesita por tanto un espacio para actuar por sí mismo. Los donantes, y aquellos que envían militares para “mantener el orden”, ponen las reglas del juego en este proceso; pero lamentablemente su ego y el culto a su imagen crea un eclipse racial que genera estereotipos que denigran a nuestros vecinos. (LUNA, Hoy Digital, 03/04/2010, n. p.)*

Foi a partir desse viés racista que procuramos pensar nosso próximo capítulo, onde tentamos evidenciar a forma como certas perspectivas raciais/racistas se fazem presentes nos discursos analisados, reforçando determinadas manifestações de abjeção e repulsa que contribuem para a perpetuação dessa tradição de identidade anti-haitiana. Procuraremos demonstrar como o haitiano segue sendo denegado, sobretudo por determinados setores do povo dominicano, para quem, segundo Morillo (*Hoy Digital*, 19/02/2004, n. p.) todo “*haitiano es dañino, repugnante, perverso.*” Vejamos, então, como essas construções ideológicas e discursivas continuam a ser retomadas e apropriadas pelos discursos midiáticos contemporâneos, sobretudo aqueles produzidos e disseminados a partir da República Dominicana, onde a denegação do haitiano constitui a “*raison d’être*” do dominicano.

## CAPÍTULO 4

### **AS IDENTIDADES HAITIANAS NOS DISCURSOS MIDIÁTICOS** **CONTEMPORÂNEOS: CONFORMAÇÃO RACIAL**

*Haití es “Un drama horrendo” [...] Todo viene de lejos. Y viene de un concepto inhumano: “El negro no es gente”, “El negro es comía ‘de puerco’”. Si mueren, no importa.*  
(PELLERANO, *Hoy Digital*, 02/02/2008, n. p.)

A história do povo haitiano, cujas origens remontam ao período que antecede a luta pela independência, quando o país era ainda uma colônia francesa, estendendo-se até os últimos desdobramentos da ocupação das forças interventoras da MINUSTAH – iniciada em 2004, mas que ainda segue em curso –, constitui uma sucessão de fatos e acontecimentos que, aos menos afeitos ao tema, causa espanto ou, no mínimo, certo estanhamento. Os traumas e as tragédias sociopolíticas e econômicas vividas pelo povo haitiano ao longo dos últimos dois ou três séculos são, a um só tempo, em maior ou menor medida, causa e consequência de uma luta diuturna e secular por reconhecimento, pelo direito de existir, por aquele “mínimo de identidade”, a “identidade do humano”, sobre a qual nos falava Agier (2001, p. 8 e 27). Ao haitiano, negro em suas origens e em sua essência – pois, de acordo com Rosa (2012, p. 108), ser “negro no Haiti é condição anterior ao conceito de pessoa” –, foram denegadas, desde as primeiras horas de sua existência, por força de um racismo incomum, tanto uma quanto a outra.

A história do Haiti torna-se, assim, um triste e aterrador espetáculo. Sobre os negros escravizados e trasladados da África para perecerem nas *plantations* do Novo Mundo, que constituíam a esmagadora maioria da população de Saint-Domingue<sup>201</sup>, recaem não só os mais terríveis e cruéis tormentos físicos, mas, também, o poder de um discurso orientado por uma lógica maniqueísta, que busca, segundo Fanon (1968, p. 30-31) desumanizar o colonizado, animalizando-o. Foi a partir dessa lógica que o colonizador buscou se afirmar, engendrando uma discursividade detratora e racista que, ao mesmo tempo em que enaltece as pretensas qualidades e virtudes que acreditava possuir, esforça-se para evidenciar os supostos vícios e degenerescências do colonizado. Assim, o discurso colonialista buscava deformar, desfigurar e aniquilar o colonizado, não graduando esforços para transformá-lo – especialmente o negro – em um selvagem (FANON, 1968, p. 175-176). O haitiano experimentará, sobretudo a partir da afronta perpetrada contra as principais metrópoles coloniais, que acabou culminando com sua (in)dependência, em 1804, toda força e o poder desse discurso, passando a figurar, nos textos que buscavam retratá-lo, como um símbolo da selvageria e da barbárie e, por conseguinte, como um contraponto da civilização.

Apesar de apresentado com frequência e em linhas gerais como um conceito homogeneizador e simplificador, que opera quase sempre por meio do estabelecimento de nexos e relações entre determinados traços fenotípicos e morfológicos com certas atitudes e comportamentos – resultantes, em grande parte, de práticas e atividades culturais – próprios de determinados grupos, o racismo constitui, longe disso, um todo complexo e multifacetado, que vai muito além dos signos imediatos que o denotam. É nesse sentido que Appiah (1997, p. 75) afirma que o conceito de “raça”, elemento estruturante do racismo, “[...] atua como uma espécie de metáfora da cultura [...] ao preço de biologizar aquilo que é cultura, a ideologia”. As diferenças – assimétricas, pois o Outro, a quem o discurso racista é dirigido, não é apenas o oposto, mas o oposto negativo – estabelecidas a partir das relações mediadas por esses pressupostos raciais, ou racistas, apesar de dadas, portanto, como algo natural, por meio de “categorias biológicas”, decorrem, antes, de um “*constructio social*” (D’ADESKY, 2001, p. 34).

---

<sup>201</sup> Ver no Apêndice C – *The Demographics of Saint Domingue (1789-1790)*, ao final, a distribuição “racial” da população de *Saint-Domingue* nos anos que antecederam a Revolução.

Tanto o bárbaro, quanto a barbárie que lhe é atribuída, são construções sociais, componentes de certa tradição discursiva, secular, identitária, que ganha corpo, paulatinamente, nas obras de aventureiros, viajantes e historiadores que tomam contato com a cultura haitiana munidos de apriorismos e preconceitos inextirpáveis, visto constituírem, em uma outra perspectiva, elementos basilares de suas identidades, que se constroem, neste caso, a partir da negação e da caricaturização da cultura do “Outro”, do diferente. Assim, conforme Hurbon (1993, p. 11) o bárbaro é produzido “*como tal y alimento de todo lo que aún se denomina civilización*”. Portanto, os primeiros séculos da colonização do Novo Mundo configuram-se, em parte – como se depreende no primeiro capítulo de nosso trabalho –, uma tentativa de se operar, tanto quanto possível, o apagamento cultural dos povos subjugados. Na impossibilidade da plena realização dessa empreitada, opera-se, então, uma espécie de caricaturização desses povos, dos seus valores e costumes. Foi a partir da constatação dessa impossibilidade, evidenciada com o início dos levantes anticolonialistas, que determinados motes racistas ganharam espaço, havendo, conforme Appiah (1997, p. 75), uma biologização da cultura e, logo, da ideologia. As teorias racistas se impõem a partir de então, alcançando seu paroxismo em fins do século XIX, não silenciando mais, porém.

Verificar-se-á então, que o racismo, ainda que negado ou dissimulado – sobretudo pelos dominicanos – constitui, ainda hoje, uma categoria central para se tentar compreender determinados aspectos relacionados aos construtos identitários haitianos contemporâneos, fato que pode ser evidenciado, por exemplo, pelo espaço ocupado por essas questões nos meios que nos servem de fonte. Não há, ao que parece, uma ruptura ou uma inflexão realmente significativa entre os discursos racistas analisados nas produções bibliográficas e literárias apresentadas nos dois primeiros capítulos de nosso trabalho e aqueles que figuram de maneira recorrente nas páginas dos jornais dominicanos.

O que parece haver, ratificando o posicionamento de Hurbon (1993, p. 16) são “*saltos de una imagen a otra, en la repetición indefinida del ‘mismo’*”. Altera-se a forma, mas não o conteúdo e os usos, pois, conforme Bento (2002, p. 23) o racismo “a despeito de todas as leis antidiscriminatórias e da norma politicamente correta da indesejabilidade do preconceito na convivência social, apenas sofreu transformações formais de expressão.” Ocorre que, se o conceito de raça perde força a partir de meados do século XX, não respondendo de forma apropriada aos questionamentos científicos ou acadêmicos contemporâneos – diferente do que ocorria em fins do século XIX, quando as teorias

raciais/racistas derivadas do darwinismo social ganhavam força –, as práticas racistas que o acompanham, profundamente entranhadas no meio social, não declinam, tornando-se, quando muito, mais dissimuladas.

Há que se considerar então, a partir da apresentação e da análise dos artigos e reportagens dos jornais que compõe nossas fontes midiáticas, a forma como determinados motes racistas continuam sendo apropriados e retomados pelos veículos midiáticos contemporâneos, sobretudo daqueles produzidos e disseminados a partir da República Dominicana, uma vez que são empregados, em maior ou em menor medida, como elementos definidores das identidades haitianas hodiernas, que são apresentadas, de maneira recorrente, como símbolo da barbárie, da inferioridade e da incapacidade do negro, logo, como um contraponto da civilização e, em particular, da dominicanidade. Esses discursos vão sendo estruturados a partir dos mais torpes arcaísmos, orientados por um recorte essencialista que, assentado sobre determinismos históricos e biológicos, remetem, em um aparente anacronismo – sustentando nossas hipóteses –, aos brotes racistas engendrados e disseminados na longa duração, o que acaba possibilitando o desenvolvimento de determinados construtos identitários que contribuem para a perpetuação de uma determinada tradição de identidade haitiana, estabelecida a partir da marginalização histórica e política do Estado e do povo haitiano.

Assim, ao longo desse capítulo, pretendemos abordar uma questão incontornável para todos aqueles que, como nós, se arriscam em tentar compreender os meandros históricos e identitários do Estado e do povo haitiano. Interessa-nos, nesse momento, um conjunto de práticas e procedimentos discursivos seculares, performáticos, alicerçados sobre uma base difusa, que congrega elementos de ordem racial, histórica e cultural que, ainda hoje, repercutem, influenciando, de maneira contumaz, na forma como o haitiano é percebido em suas relações com o Outro e, conseqüentemente, na conformação de suas representações e identidades.

Trata-se, portanto, de um conjunto de práticas discursivas estruturantes; de um espaço a partir do qual foram/são engendrados os estigmas e estereótipos anti-haitianistas que antecedem o sujeito haitiano em suas relações. Um discurso racista, que se desenvolve na longa duração, perpassando toda a história do Haiti, caracterizado, segundo Van Dijk (2007, p. 9) como “[...] *una modalidad de la práctica social discriminatoria que se manifiesta tanto en el texto, como en el habla y la comunicación.*” Vejamos então, como uma

representação caricatural do haitiano vai se estabelecendo, a partir dessa “lógica maniqueísta”, conforme afirmou Fanon (1968, p. 30-31), que, engendrada nos idos da colonização, estabelece aquilo que Rosa (2010, p. 105) afirmou ser uma espécie de “colonialismo ideológico”, manifesto, principalmente, em “um projeto secular de construção da inferioridade do negro haitiano”.

#### 4.1. A raça e o racismo como elementos definidores das identidades haitianas

*Algunos lo pretenden. Argumentan que los sentimientos dominicanos contra la creciente presencia haitiana en nuestro país se debe a un racismo absurdo, porque nos consideramos blancos o semi-blancos apegados a los valores hispánicos y cristianos.*  
(HOY DIGITAL, 29/02/2004, n. p.)

Uma série de contingências geográficas, históricas e políticas fizeram com que Haiti e República Dominicana se vissem “condenados” a coabitar, tal qual duas “siamesas trágicas”, segundo Ricardo (*Hoy Digital*, 22/10/2005, n. p.), a pequena porção de terra localizada no coração do Caribe, outrora batizada por Colombo de Espanhola. Acreditamos não ser exagerada a metáfora empregada por Ricardo (2005) para representar a situação vivida pelas duas nações caribenhas. Siamesas trágicas, pois a pequena ilha, cindida de norte a sul desde a assinatura do Tratado de Ryswick, em 1697, abriga duas nações que, muito embora (in)dependentes, vêm-se às voltas de um passado que não silencia e com questões presentes que não podem ser ignoradas, sendo obrigadas a estabelecer e manter, *ad eternum*, um *modus vivendi* capaz de acomodar, ainda que precariamente, todas as suas diferenças.<sup>202</sup>

É na República Dominicana que o anti-haitianismo, materializado na abjeção e na repulsa ao “ser haitiano” e a tudo que ele representa, encontra

---

<sup>202</sup> Pois, conforme afirmou Torres (*El Nacional*, 23/07/2013, n. p.) “*La mayoría de los dominicanos han considerado a los haitianos como una raza inferior*” alertando, em seguida, para o fato de que “*la realidad es que olvidamos que compartimos un mismo territorio y estamos obligados a vivir en él.*”

sua forma mais apurada. Grande parte da nação dominicana, de acordo com Ciprián (*El Nacional*, 12/10/2013, n. p.) “*arrastra atavismos y es medular e históricamente anti haitiana. Su fobia contra los descendientes de Dessalines es tan grande como su amor por los norteamericanos, por los españoles y por las naciones desarrolladas.*” Essa paixão é, certamente, um reflexo ou parte daquilo que Price-Mars classificou como o bovarismo racial dos dominicanos. Não é de se estranhar, portanto, que a história desses dois países, seus projetos nacionais, e, sobretudo, seus arcabouços identitários, tenham sido quase sempre pensados – a despeito dos laços irrevogáveis e irretratáveis que os unem –, a partir da explicitação de determinados antagonismos e de um esforço incessante de obliteração do Outro, em especial do haitiano pelo dominicano. No cerne dessa abjeção encontra-se, muito embora a recusa por parte de alguns setores da população dominicana, o racismo, anti-negro, anti-haitiano. A questão racial desempenha um papel de primeira ordem na denegação do haitiano pelo dominicano. Não só por ele, diga-se de passagem. Ainda que se negue, conforme Conde (*El Nacional*, 08/12/2013, n. p.),

*Existe prejuicio racial, racismo atenuado, desprecio al negro o la negra desde los (sic.) primacía de la cultura blanca; existe complejo de ser negro o negra, mulato, mulata... Pero la negritud despreciada, maltratada, semi-esclavizada, estigmatizada, considerada “raza inferior”... es la haitiana y su descendencia dominicana.*

Essas questões, seculares, ganharam ainda mais espaço a partir da década de 1920, quando os projetos nacionais e identitários contemporâneos de ambos os países começam a ser delineados, buscando estabelecer um suposto rompimento com um conjunto de pensamentos e práticas ainda muito ligadas ao passado colonial – apresentado, por determinados setores da população dominicana, como retrógrado e como um obstáculo para seu desenvolvimento social, político e econômico. Assim, o Haiti e República Dominicana procuram se reinventar ao longo das décadas de 1920 e 1930. Nesse contexto emergiram, tanto de um lado quanto de outro, eminentes pensadores que, valorizando diferentes aspectos relativos a conformação histórica, política e social de suas pátrias, engendraram suas bases discursivas, logo representacionais e identitárias. Foi nesse contexto, por fim, que foram estabelecidos os marcos estruturais de determinada dominicanidade, pensada, em grande medida, em contraposição a haitianidade defendida por Price-Mars.

Foi a partir dessa ideia – *de la dominicanidad* –, aliás, pensada e definida, segundo Zaglul (2009), a partir “[...] *de la idealización de la raza y de la herencia cultural españolas como elementos constitutivos esenciales*”, que as relações haitiano-dominicanas modernas se estruturaram. Daí resultou um “‘*proyecto*’ de *sociedad ‘integrada’ y la idea de lo nacional establecida por contraposición a Haití*” (ZAGLUL, 2009, p. 411). Ganha força, assim, aquilo que o autor denomina “*la determinación y enemización ‘biológico-racial’*”, na qual o haitiano, negro e africano, passa a figurar como um inimigo, um perigo e uma ameaça ao dominicano, pretensamente “branco” – mulato, quando muito – e espanhol. Nessa perspectiva, os argumentos históricos e culturais ficam em segundo plano e, na concepção de Zaglul (2009, p. 423) “[...] *la raza pasa a ser el núcleo de la articulación. Es ella que guía el juego referencial de lo biológico-cultural en la definición de los dos países; es ella, por tanto, la que sirve de mediación principal en la oposición de las dos identidades nacionales*”. Estrutura-se, assim, a partir de uma concepção essencialista, de base biológica e histórica, um projeto de identidade dominicana, caracterizada, especialmente, pela contraposição racial, histórica e cultural ao Haiti e ao povo haitiano.

Nesse sentido, o primeiro contraste que se estabelece está relacionado com as origens pretendidas ou atribuídas. No caso haitiano, as origens africanas e, no caso dominicano, as bases subjetivas hispânicas e europeias. Em consonância a este entendimento, as raízes étnicas e culturais africanas do povo haitiano figuram nos discursos anti-haitianistas dominicanos, como uma panaceia explicativa, que busca dar conta e justificar<sup>203</sup>, se não todos, grande parte dos males que afligem o país, pois, conforme Alfonso (*Hoy Digital*, 24/07/2007, n. p.), “*El tema del retraso económico haitiano y de sus altos niveles de pobreza [...] aparecen como estigmas del ser haitiano y de su origen africano. Es frecuente en el pensamiento más conservador con fuertes ingredientes racistas.*”

Por esse caminho o continente africano continua a ser apresentado, confirmando a perspectiva apresentada por Fanon (1968, p. 176), como uma terra amaldiçoada, repleta de negros antropófagos, berço da barbárie, da selvageria, de superstições e fanatismos primitivos, dos quais os haitianos, considerados suas origens e vínculos, encontram-se impregnados. Assim, de acordo com Hernández (*El Nacional*, 28/03/2012, n. p.) é recorrente a ideia de que “*El pueblo haitiano parece destinado por la*

---

<sup>203</sup> Aos moldes do que tentara o Cônsul haitiano George Samuel Antoine, por ocasião do terremoto de 2010, em entrevista ao programa “SBT Brasil”, ao afirmar que “*o africano em si tem maldição*”.

*providencia a pagar con creces su origen africano y su decisión de enfrentar a los blancos, franceses, españoles, británicos y norteamericanos.*” Ademais de suas origens, lhes recai, ainda, conforme Hernández (*El Nacional*, 28/03/2012, n. p.), a censura por sua decisão, impensável e imperdoável, de “enfrentar os brancos”. Essa discursividade, que parece querer restabelecer os vínculos haitiano-africanos, faz com que o Haiti e o povo haitiano continuem deslocados, num entrelugar; nem africano, nem americano, mas carregando os estigmas que recaem sobre uns e outros, nos dois lados do Atlântico. O Haiti é, se levados em consideração determinados indicadores, como expectativa de vida, composição social, étnica e cultural, segundo o editorial do *Hoy Digital* (27/03/2004, n. p) “*una Ruanda en el Caribe de los americanos*”. Em conformidade com a essas ideias, Catalino (2004) assevera:

*Siempre que pensamos en un país fuera del continente africano con estructura social dramáticamente desigual; estructuras económicas y políticas inexistentes o extremadamente débiles; desarrollo institucional primitivo; estado de los recursos naturales y ambientales en niveles catastróficos; población mayoritariamente de raza negra y de supersticiosas creencias religiosas, el primero que llega a la mente es Haití. (Hoy Digital, 25/10/2004, n. p.)*

Enquanto do lado dominicano prevalece, entretanto, um ideal indigenista ou hispânico, do lado haitiano ganha força uma perspectiva diversa, que valorizava determinados aspectos da cultura negra, da negritude, que procura exaltar suas raízes e suas heranças socioculturais africanas, bem como tudo aquilo que a elas estivesse ligado. Essas orientações ideológicas penetram profundamente no imaginário social<sup>204</sup> dominicano, dando ensejo a uma espécie de *haitianofobia*, manifesta, de forma recorrente, nos discursos disseminados pelos setores mais conservadores da mídia do país. Parece haver, em determinados momentos, sobretudo em meio às crises políticas, econômicas e sociais que recaem sobre a ilha, uma verdadeira cruzada anti-haitianista. A “questão haitiana” ou o “problema haitiano”, acaba se transformando em um instrumento bastante empregado por parte das elites políticas e econômicas do país, por exemplo, para desviar a atenção de determinadas questões ou problemas internos. Conforme afirmou Guerrero (*El Nacional*,

---

<sup>204</sup> Entendido aqui, da mesma forma que para Silva & Silva (2009, 213), como “[...] o conjunto de imagens guardadas no inconsciente coletivo de uma sociedade ou de um grupo social [...] Ele abarca todas as representações de uma sociedade, toda a experiência humana, coletiva ou individual [sendo] parte do mundo real, do cotidiano, não [como] algo independente. Na verdade, ele diz respeito diretamente às formas de viver e de pensar de uma sociedade.”

25/10/2013, n. p.) “*La propaganda ultranacionalista ha sabido explotar el sentimiento xenofóbico y racista que hoy se manifiesta en amplios sectores de nuestra sociedad.*” Por esse viés, segundo Canaán (*Hoy Digital*, 17/10/2004, n. p.), para a grande maioria dos dominicanos,

*Haití no es un país amigo, sino una amenaza a nuestros valores, hábitos y costumbres cristianas. Ven (sic.) en Haití, un país dominado por el Budu, donde proliferan pandillas callejeras que cercenan la cabeza de sus contrarios, parecidas a las tribus más primitivas de África y mafias que protegen el tráfico de droga. Haití se ve así satanizado, su gente despreciada y su gobierno difamado. **El racismo anti-haitiano, es casi una tradición y costumbre del pensamiento dominicano.** (grifo nosso)*

Poderíamos dizer que, de maneira geral, os discursos racistas emergem nos textos que embasam este trabalho, geralmente de forma indireta – por motivos óbvios –, figuram como desdobramento de um conjunto de questões rotineiras, até certo ponto triviais, que passam a figurar como *starts* – questões históricas e culturais dos dois países; questões socioeconômicas, que perpassam, direta ou indiretamente a questão da imigração; questões ambientais etc. – as quais desencadeiam tais manifestações, que culminam, também com certa regularidade, num imbróglcio interminável, em que se busca proceder uma inversão de papéis, entre os perpetradores e as vítimas de tais agressões. Racistas, assim, seriam os haitianos, cuja história se estrutura – desde seus primórdios – e se desenvolve em meio a um incessante conflito de raças.

No que tange às questões de ordem histórica e cultural, há, ao que parece – conforme argumentos delineados nos capítulos anteriores – uma tentativa recorrente de justificar ou escamotear determinados rompantes racistas, apresentando-os como preconceitos de natureza histórica ou cultural, como se a abjeção não estivesse relacionada às origens étnicas ou raciais do haitiano, sendo apresentadas, ora como decorrência das agressões imperialistas sofridas pelos dominicanos, ora como resultado de determinadas práticas culturais estranhas e rechaçadas pelos dominicanos. Assim, as questões socioeconômicas são relacionadas, de maneira recorrente, à questão da imigração – que será um dos tópicos do próximo tópico –, haja vista que o haitiano, ao entrar na República Dominicana passa a ser percebido, também, como um peso e um encargo a mais aos cidadãos do país. As questões ambientais, apesar de tangenciais, também são empregadas como

instrumento de denegação e dizem respeito ao caráter supostamente destrutivo e depredador do haitiano. Nunca é demais lembrar que todas essas questões emergem nos discursos dos jornais que nos servem de fonte eivadas por uma carga ideológica bastante pronunciada, de forma a atenuar ou a escamotear suas condicionantes históricas, políticas, econômicas e sociais, essenciais à sua compreensão.

As questões históricas/políticas desempenham um papel muito significativo nas relações haitiano-dominicanas, figurando sempre como o pano de fundo sobre o qual suas representações e identidades se constroem e ganham sentido. Certamente, em decorrência dessa centralidade, parece haver um esforço constante por parte de alguns grupos ou setores conservadores da população dominicana – haitianóforos – em tentar desviar o foco de sua abjeção ao haitiano do campo racial para o campo histórico ou político, ou seja, busca-se atenuar ou minimizar determinados comportamentos ou atitudes de cunho racial/racista com explicações de cunho cultural ou com um discurso historicizante.

Como se pode notar, para estes grupos – anti-haitianistas ou haitianofóbicos – o descompasso verificado entre as duas nações e os sentimentos de repulsa ao haitiano estão relacionados muito mais aos antecedentes históricos haitianos e haitiano-dominicanos do que a um comportamento racista propriamente dito. É o que se depreende, por exemplo, quando Contreras (*Hoy Digital*, 17/07/2007, n. p.) afirma que “*Nuestro prejuicio hacia los haitianos tiene sus raíces en razones históricas y culturales, más que en razones de superioridad biológica*”, ou quando Gratereaux (2013) faz um breve apanhado dos principais eventos históricos ligados às disputas haitiano-dominicanas com o intuito de demonstrar a impropriedade de tal acusação, afirmando que

*Toussaint invadió, en 1801, en nombre de Francia. En 1805 Dessalines invadió otra vez el territorio donde, aproximadamente, se asienta hoy la República Dominicana. En ninguno de los casos podemos decir que fueron “guerras raciales”. Pudieron ser políticas o “ecológicas”, pero no raciales. En 1822 invadió Boyer otra vez y dominó hasta 1844. La independencia dominicana no fue tampoco una “guerra racial”. Las invasiones haitianas de 1844, 1845, hasta la última del emperador Soulouque en 1856, no fueron guerras raciales sino guerras de conquista. A los actuales problemas migratorios y laborales entre Haití y la República Dominicana, “es impropio” llamarles enfrentamientos raciales. (GRATEREAUX, *Hoy Digital*, 11/08/2013, n. p.)*

Esse ‘uso’ que se faz dos discursos históricos é parte daquilo que, em outro momento, Pons (*Diario Libre*, 05/12/2009, n. p.) denominou *antihaitianismo histórico*<sup>205</sup>, que se manifesta, de forma bastante pronunciada, nos meios de comunicação e/ou no sistema educacional dominicano. Nesse sentido, Torres (*El Nacional*, 07/01/2014, n. p.) faz um aparte e lembra, ao reafirmar o protagonismo e o apoio prestado por Boyer a Bolívar e San Martín, dentre outros, que “*La historia latino-americana [logo, a dominicana] ha sido ingrata con los haitianos, ya que esos aportes han sido minimizados por los historiadores, la mayoría influenciados por racismo*”. Porém, essa instrumentalização – se é que podemos colocar a questão nesses termos – dos discursos históricos haitiano-dominicanos não passa despercebida.

Se há um movimento haitianóforo que busca minimizar essas manifestações racistas por meio de um discurso historicizante, existe, por outro lado, um grupo de dominicanos, certamente mais numeroso, que se posiciona em sentido oposto, reconhecendo que “*En la historiografía dominicana abundan las concepciones antihaitianas, racistas e hispanófilas*” (GUERRERO, *El Día*, 08/08/2011, n. p.). Em outro artigo, Guerrero (2013), buscando destacar o papel desempenhado pelo racismo no interior dessa tradição historiográfica anti-haitiana, afirma que

*En la historiografía nacional se han tejido muchos mitos y leyendas respecto a los malvados negros haitianos, cuyos orígenes descansan en los criterios y prácticas racistas de las potencias imperiales de la época, que no podían reconciliarse con los logros libertarios alcanzados por negros esclavos y mulatos libertos y por la paliza que recibieron en las contiendas bélicas con ellos [...] Con esa reminiscencia histórica anti haitiana han elaborado toda una maraña xenofóbica y racista en contra de los haitianos.* (GUERRERO, *El Día*, 09/01/2013, n. p.)

Outra perspectiva presente nos discursos de que nos servimos, também histórica, uma vez que busca dar conta das origens dessa discursividade, é aquela que apresenta dado comportamento racista, presente em determinados setores da sociedade dominicana, como sendo uma herança ou uma decorrência das relações estabelecidas entre colonos e colonizados na ilha de Espanhola. Além das origens africanas, pesava, e certamente

---

<sup>205</sup> Que se estrutura e se desenvolve a partir das conturbadas relações históricas observadas entre as duas partes da ilha desde o período colonial, avançando no pós-independência dos dois países.

ainda pesa, sobre o povo haitiano, segundo Hernández (*El Nacional*, 28/03/2012, n. p.), “*su decisión de enfrentar a los blancos, franceses, españoles, británicos y norteamericanos.*” Consequentemente, os antecedentes desse comportamento e dessas práticas são buscados, ora no modelo de colonização implantado na ilha – estruturado sobre a brutal exploração da mão de obra escrava, sobretudo em sua porção ocidental –, ora em choques ocorridos entre os diferentes tipos e sujeitos que buscavam, cada um ao seu modo, defender seus interesses na ilha.

Assim, de acordo com Puig (2014), o racismo parece ser algo intrínseco à história da ilha e de sua conformação social. Negar a existência de preconceitos e discriminação racial na República Dominicana seria, portanto, “*negar la forma en que se constituyó nuestra sociedad, sobre la base de la explotación esclavista, con todas sus secuelas de discriminación, complejos y abusos*” (PUIG, *El Nacional*, 04/02/2014, n. p.). A prática do racismo surge no discurso de Puig (2014), todavia, como algo já dado, como uma herança, um elemento conformador da sociedade dominicana, e, sobretudo, de suas identidades. Atestando essas ideias, Prats (*Hoy Digital*, 14/02/2014, n. p.), afirma que “*El racismo dominicano [...] está en el código genético, en el sistema operativo, de la ideología de la modernidad occidental*”. Apesar de não ser dominicano, o racismo surge com algo que não pode ser contornado, que está na gênese e no sistema operativo e ideológico a partir do qual a República Dominicana busca se afirmar.

Como não poderia deixar de ser, as origens históricas do Estado haitiano figuram também como uma causa, ou uma pretensa explicação – ou justificativa – para o racismo imperante em Espanhola. Parece haver, nesse sentido, uma espécie de mal de origem, em que tanto o racismo manifesto nas relações haitiano-dominicanas quanto aquele dispensado por outras nações ao povo haitiano são apresentados como desdobramentos do trauma fundante, que figura na historiografia anti-haitianista como uma guerra ou um conflito social, mas sobretudo racial e, em última instância, como uma impossibilidade que, apesar de constituir um fato, segue, em alguma medida, sendo ideologicamente contestada. O atrevimento anticolonialista – e anticlerical ?! – segundo Gautier (*Hoy Digital*, 24/03/2006, n. p.), faz com que esse “*pequeno país de gente de raza negra*” sofra as consequências das “*naciones explotadoras de raza blanca*”.

Essas questões parecem ser reduzidas, dessa maneira, a um embate, quase que natural, entre uma “raça negra”, composta de tipos inferiores, bárbaros e

ameaçadores, sobre a qual recai toda a sorte de insultos, injúrias e danações, e uma “raça branca”, superior, civilizada, mas sobre permanente ameaça. Opera-se, assim, por meio da afirmação e da reiterada disseminação desses motes seculares<sup>206</sup>, o envilecimento do sujeito haitiano, que, não obstante, passa a ser percebido e representado como um ser abjeto e marginal. A Revolução torna-se, então, uma divisa libertária do Estado haitiano, das colônias do Novo Mundo e, sobretudo, da raça negra. Daí haver, em grande parte dessa sociedade, um certo repúdio em relação à referida raça. O Haiti torna-se, assim, segundo Peña (*Hoy Digital*, 21/01/2011, n. p.), o país “*que el pasado ni el presente de las potencias del mundo le ha perdonado la osadía de haberse convertido en la primera colonia latinoamericana en obtener su independencia*”. Quanto a essa perspectiva, Johnny Guerrero (*El Día*, 09/01/2013, n. p.) afirma:

*Las potencias imperiales de la época, Francia, España e Inglaterra, no reconocieron el naciente Estado haitiano, partiendo de concepciones racistas, ya que aún conservaban en sus colonias la esclavitud y no concebían un Estado gobernado por ex esclavos y sus descendientes [...] Las potencias imperiales de ayer y hoy nunca han perdonado al pueblo haitiano la humillación infligida a la raza blanca, hace más de dos siglos, tras la derrota de los ejércitos de España, Francia e Inglaterra por los Jacobinos Negros. (grifos nossos)*

Nesse contexto, os componentes políticos e sociais tornam-se secundários diante das questões de natureza racial. O racismo, ou as concepções racistas, segundo Johnny Guerrero (*El Día*, 09/01/2013, n.p.), orientam as decisões e impedem o reconhecimento do triunfo haitiano sobre as principais potências imperiais, uma vez que o que se colocava em jogo não era – e temos motivos para acreditar que ainda não é – a independência política e administrativa de uma colônia, mas sim, a primazia da “raça branca” sobre a “raça negra” e, por conseguinte, todos os aspectos políticos e ideológicos que esse par antitético comportava e, muito certamente, ainda comporta. A derrota das metrópoles colonialistas pelos Jacobinos Negros de *Saint-Domingue* colocava em questão alguns dos pilares do mundo e da ordem colonial: a manutenção do *status quo* da raça branca sobre a negra e do europeu sobre o africano ou autóctone. Nessa perspectiva, Vicioso (*Hoy Digital*, 28/01/2006, n. p.) afirma que o fato de

---

<sup>206</sup> Caracterizados, em linhas gerais por seu aspecto negativo e depreciativo, cuja materialidade ganha forma nessa tradição de identidade que buscamos delinear.

*[...] haber tenido la primera revolución negra del Nuevo Mundo y haber derrotado a los ejércitos Napoleónicos [...] para naciones racistas como las europeas de entonces, era inconcebible y algo tiene que ver con demostrarle al mundo antes **¿y ahora?** que los negros que osaron libertarse eran incapaces de construir una civilización medianamente democrática. (grifo nosso)*

Os questionamentos de Guerrero (*El Día*, 09/01/2013, n. p.) e Vicioso (*Hoy Digital*, 28/01/2006, n. p.) deixam entrever que essas questões, apesar de temporalmente deslocadas e distantes, continuam repercutindo – o que contribui, em certa medida, para afiançar algumas de nossas hipóteses. O reconhecimento formal da independência por parte da França<sup>207</sup> e de outros países, como os Estados Unidos, por exemplo, não significou o fim das contingências. O ostracismo político e econômico perduraria até o início do século XX, quando o Haiti passa a orbitar, uma vez mais, na zona de influência daqueles países (França, Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra). Durante todo o século XIX, conforme Ceara-Hatton (*Hoy Digital*, 20/09/2012, n. p.) o Haiti vive “*como un país amenazado y aislado, no sólo por la metrópolis [...] sino por la actitud del “mundo civilizado” y esclavista de la época que no quería permitir que un país de ex-esclavos pudiera ser exitoso*”. Alteraram-se, de lá para cá, os preceitos civilizatórios/civilizacionais e o modo de produção, mas o caráter ou a propensão racista do “mundo civilizado”, ao que tudo indica, não conheceu alterações substanciais.

Outra perspectiva a ser ressaltada é que há uma certa frequência nos discursos que buscam dar conta da problemática racial ou racista relacionada ao haitiano no que diz respeito ao posicionamento – ou seria uma estratégia de defesa? – anti-racista adotado por parte de alguns autores dominicanos. Essa atitude revela, dentre outras coisas, sinais de um profundo mal-estar por parte de determinados setores da população dominicana, que, ao se depararem com essa realidade, procuram negá-la ou, não podendo, minimizá-la, pois, conforme Herrera-Miniño (*Hoy Digital*, 17/06/2005, n. p.), “*Las relaciones con Haití [...] los dominicanos siempre llevan las de perder cuando se nos presenta ante el mundo como un pueblo racista*”. Uma das estratégias empregadas por parte de alguns dominicanos para se livrar do estereótipo de racista consiste em transferir ao haitiano aquilo que lhes é atribuído. Assim, conforme afirmou Castellanos (*Hoy Digital*, 13/05/2005, n. p.), “*aunque*

---

<sup>207</sup> Que sobreveio apenas mediante o pagamento de uma descabida e ignomniosa “reparação” que acabou comprometendo, em grande medida, as possibilidades de soergimento econômico do Estado haitiano.

*muchos no lo sepan, Haití es un país racista*". É certo que não foi essa uma tarefa muito difícil, visto que o racismo passa a ser percebido e apresentado como um elemento central da história haitiana. Reforçando essa perspectiva, José Baéz Guerrero (*Hoy Digital*, 19/11/2013, n. p.) afirma que

*A los dominicanos, por alguna mezquina razón, se nos quiere hacer parecer como más racistas que los propios haitianos, cuyo Estado nació en medio de un terrible baño de sangre que costó la vida a todos los colonos blancos. Haití es de los pocos países, por no decir el único, que mantuvo por décadas la racista prohibición del derecho de propiedad o a su nacionalidad a cualquier individuo en base exclusivamente a su raza: han sido "blancófobos".*

Repetindo outra estratégia discursiva que também não consitui novidade – o exagero –, o povo haitiano é apresentado por Gratereaux (2014) não apenas como racista, mas sim, como o povo “*más racista*” de todas as Antilhas. O autor afirma, em tom irônico, inclusive, que “*Si hubiese un concurso internacional de racismo – asunto terrible y negativo – a los haitianos habría que concederles el mayor galardón del archipiélago*” (GRATEREAUX, *Hoy Digital*, 6/11/2014, n. p.). Racistas, dessa forma, são os haitianos, portanto, de acordo com Guerrero (*Hoy Digital*, 19/11/2013, n. p.) ou Gratereaux (2014), o racismo não deve ser assimilado como algo inerente à natureza do povo dominicano, por constituir, antes, um traço distintivo do povo haitiano. Nesse sentido, independente de suas origens ou causas, não há como negar ou tergiversar no que tange à sua existência e/ou, de acordo com Conde (*El Nacional*, 08/13/2013, n. p.), suas peculiaridades. Então, não sendo possível negá-lo, torna-se necessário ao menos dissimulá-lo, ou, não havendo essa possibilidade, atribuir uma hierarquização em que o haitiano, conforme posicionamento em Gratereaux (2014), anteriormente, passa a figurar como um ícone do racismo, quando comparado ao povo dominicano.<sup>208</sup>

O esforço permanente em negá-lo ou de apresentá-lo como uma prática comum e disseminada entre os haitianos, longe de pacificar a questão, denota sua centralidade, não apenas para aqueles a quem é atribuído, pois, se o racismo constitui um componente não negligenciável das identidades haitianas, também não o é no que respeita a

---

<sup>208</sup> Assim, segundo Gratereaux (*Hoy Digital*, 06/11/2004, n. p.) “*Los prejuicios raciales en Santo Domingo parecerán mínimos*”, pois *Los haitianos negros odian a los mulatos haitianos; y odian aún más a los mulatos extranjeros de otras islas. No es cierto que los dominicanos somos más racistas que los haitianos*”.

matriz identitária dominicana. A dominicanidade vai sendo conformada a partir das lucubrações teóricas – balagueristas, sobretudo – e de determinadas práticas sistematizadas pelo regime trujillista, ganha forma e sentido principalmente a partir do estabelecimento daquilo que Zaglul (2009, p. 417) definiu como “*el proceso de enemización*”, que se desenvolve e toma dimensões biológico-raciais, etnoculturais e socioeconômicas. Não é difícil perceber que parte considerável dos motes anti-haitianistas presentes nas fontes (históricas, literárias e midiáticas) de que nos servimos – sobretudo daqueles relacionados à problemática haitiano-dominicana; mas não exclusivamente – são pensados e estruturados também, em maior ou menor medida, a partir dessas bases, variando sua gradação de acordo com a conjuntura.

Dessa forma, as manifestações racistas do povo dominicano constituem uma questão central e que acaba nortear suas relações com seus vizinhos haitianos. Conforme pode ser observado ao longo dos dois primeiros capítulos de nosso trabalho, os discursos identitários dominicanos vão se estruturando, até por volta da década de 1920, a partir de uma discursividade que se assentava, em especial, sobre determinados aspectos do desenvolvimento histórico e cultural do país, sendo reservado um papel secundário às questões raciais. Mas foi no início da década de 1930, a partir da implantação do regime trujillista – caracterizado por um nacionalismo conservador e xenofóbico, anti-negro e anti-haitiano, nutrido pelos discursos racistas das alas mais conservadoras e de determinados grupos de intelectuais, dentre os quais se destacou Balaguer – que as questões raciais se sobrepuseram.<sup>209</sup>

Assim, na perspectiva adotada por “*determinados sectores*” do povo dominicano, nem sequer a humanidade atribuída ao haitiano soa como algo natural, tornando necessário reafirmá-la. É o que se verifica no artigo *¡Alerta, dominicanos!*, do editorial do *Hoy Digital* (23/02/2004, n. p.): “*Son seres humanos, como nosotros, poseedores de un alma como nosotros*”, ou quando Iturbides (*Hoy Digital*, 31/08/2005, n. p.) afirma que “*Después de todo, es un ser humano igual a nosotros.*” Apesar dos pesares, ou apesar de não parecer, reconhece Iturbides (2005), é um ser humano como nós. Trata-se, ademais, de um jogo, de um espaço de disputa, de poder, que segundo Van Dijk (2007, p. 11), resume-se em projetar “[...] *una imagen negativa de ‘Ellos’ [haitianos], combinada frecuentemente con una*

---

<sup>209</sup> Naquele contexto o “Corte” de 1937 constituiu um marco das políticas racistas e anti-haitianas dominicanas, mas não o seu termo, pois, conforme Casanova (*El Nacional*, 22/07/2013, n. p.), a partir do genocídio de 1937 “[...] *determinados sectores todavía tratan a los haitianos más como bestias que como seres humanos*”.

*representación positiva de ‘Nosotros mismos’ [dominicanos]”. As identidades haitianas e dominicanas vão se projetando, assim, a partir da afirmação do “Um” e da negação do “Outro”, do delineamento das diferenças, da sobreposição da dominicanidade sobre a haitianidade e vice-versa, pois, conforme Silva (2009, p. 84), a “definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável e antinatural [...] sem cuja existência [no entanto] ela não faria sentido.” Daí que ser dominicano, conforme afirmou Gates Jr. (2014, p. 198), “passou a significar, cada vez mais, ‘não ser haitiano’”. Na construção da dominicanidade, o dominicano nega o haitiano, inclusive, a própria humanidade. Nesse sentido, Messina (*Hoy Digital*, 19/12/2005, n. p.), afirma, com certa ironia, que*

*[...] si no podemos alcanzar la anhelada blancura republicana, nos conformamos con ser haitianos de segunda clase, “indios claros” o “indios lavados” o “indios oscuros” o “javaos”, o “república bananera”, con lo que felizmente nos alejamos del “negro azul” haitiano, que es esclavo de sí mismo [...] Dirán que somos magnánimos al considerarlos “gente”, porque durante el cristianismo español de las santas inquisiciones, de los salamanca y de los papas buenos, se sostenía que “los negros no tenían alma”, que su carne de herejes estaba “des-almada” y rellena de vudú; que ellos eran simples cosas, objetos animados, bípedos como ciertos animales, con menos alma que las piedras que algunos hasta sostenían que tenían “almas pétreas”.*

A questão racial desempenha, nesse contexto, um papel preponderante na estruturação dos discursos identitários haitiano-dominicanos modernos, ainda que de maneira diversa, pois, enquanto os haitianos buscam pensar suas identidades a partir da afirmação de sua “negritude”, os dominicanos procuram se inventar estabelecendo um contraponto, negando suas heranças africanas e buscando se afirmar a partir de uma matriz hispânica, o que concede embasamento à assertiva de Doudou Diène & Gay MacDougall (2008, p. 29) de que “[...] *las manifestaciones culturales de racismo y discriminación racial guardan relación con la cuestión fundamental de la identidad nacional [dominicana]*”.

A discriminação e o racismo dispensados ao haitiano – baseados em critérios fenotípicos e/ou morfológicos, sobretudo epidérmicos –, tornam-se recursos empregados por determinados setores dominicanos para se contraporem ao haitiano, muito embora suas heranças históricas e culturais, e até mesmo seus traços físicos o denunciem.

Conforme Messina (*Hoy Digital*, 14/04/2007, n. p.), ao que parece “*No hay duda de que aquí es cosa importante el color de la piel [...] porque en verdad todos tenemos ‘el negro detrás de la oreja’*”. *Aquí la discriminación simplemente pasó a usarse contra los enemigos o los que no son de nuestro agrado.*” Assim, o discurso racista passa a orientar um conjunto de práticas excludentes e discriminatórias voltadas contra aqueles que, conforme Messina (2007), “*no son de nuestro agrado*”, revelando, antes de tudo, sua centralidade como elemento definidor das identidades haitianas e, conseqüentemente, das dominicanas.

Todas essas práticas ganham ainda mais espaço e relevância quando chanceladas pelas autoridades nacionais, emergindo como políticas de Estado, como no caso das políticas de dominicanização da fronteira, implementadas por Trujillo a partir de meados da década de 1930, que buscavam, em tese, evitar ou combater a suposta haitianização da República Dominicana. Apesar dos discursos em contrário, não há por onde negar o caráter discriminatório, baseado em critérios raciais ou racializantes, dessas políticas, o que não impede, portanto, que continuem a constituir uma prática ainda recorrente. Essa ocorrência poderá ser atestada em nosso próximo tópico, no qual apresentaremos e analisaremos a repercussão das Leis de Migração números 285, de 15 de agosto de 2004, e 168, 23 de setembro de 2013, editadas pelo “*Tribunal Constitucional de la República Dominicana*”, que, em linhas gerais, busca estabelecer os critérios para a concessão da nacionalidade dominicana a dominicanos e dominicanas de ascendência haitiana. Vejamos, então, como essa questão repercute nos veículos midiáticos de que nos valem e como as questões suscitadas repercutem, em maior ou menor medida, determinados componentes da tradição de identidade haitiana que buscamos apresentar, em especial aqueles de cunho racista.

#### **4.2 – Leis de Migração 285/04 e 168/13: o racismo como política de estado?**

Constatamos, até o presente momento, que as identidades dominicanas parecem estar assentadas sobre uma base frágil, sendo estruturadas, quase sempre, a partir da negação do “ser haitiano”, realizada por meio de uma ideologia – anti-

haitianista e, em grande medida, anti-negra –, que, engendrada ainda no período colonial, a partir do estabelecimento de um conjunto de diferenças de natureza histórica, política, racial e cultural entre os dois países, constitui, ainda hoje, um dos pilares das práticas de exclusão levadas a cabo por parte de determinados setores conservadores dominicanos. Ganha sentido, todavia, a assertiva de Silié; Segura & Cabral (2002, p. 42), de que os dominicanos “[...] *tratan de marcar su diferencia frente al haitiano, como si en ello estuviese en juego su propia identidad*”. Nessa perspectiva, o haitiano passa a representar uma “ameaça” ou um “problema” – como costuma ser referenciado nos discursos anti-haitianistas – para as identidades dominicanas, desestabilizando-as, colocando-as em questão, “em jogo”, sobretudo quando se move para o lado oriental da ilha, pois, na medida que o faz, leva consigo todos os estigmas e estereótipos dessa ideologia secular. Segundo afirmaram os três autores (2002) acima referidos,

*En nuestro contexto, la presencia haitiana ha sido presentada por las instituciones del Estado y los grupos de poder como un problema. El haitiano representa el “otro”, “negro”, “subordinado”, “inferior”, “bueno solo para cortar caña” [...] Esta ideología de la clase dominante ha penetrado en todos los sectores de la sociedad, incluso en el pueblo pobre que, como el haitiano, es también mayoritariamente negro y mulato. (SILIÉ; SEGURA & CABRAL, 2002, p. 41)*

O “problema” ou a “ameaça” haitiana repercute, portanto, todas as vezes que, por motivos diversos, o povo haitiano se vê obrigado ou forçado a deixar seu país<sup>210</sup> rumo às ilhas circunvizinhas, à costa leste dos Estados Unidos, mais especificamente da Flórida, ou, o que é mais comum, atravessando a fronteira seca para o lado oriental da ilha,<sup>211</sup> uma vez que, de acordo com Messina (*Hoy Digital*, 14/04/2007, n. p.), referindo-se ao caso dominicano, “*Con cada haitiano que nos llega, lamentablemente desembarca su hambre, su pobreza, su vudú, sus vicios y sus enfermedades.*” Esses movimentos transfronteiriços haitiano-dominicanos estão na gênese da formação sociopolítica e econômica

---

<sup>210</sup> Como nos momentos de crise política-institucional ou econômica, em função de catástrofes naturais, ou, ainda, quando vai de forma voluntária, em busca de melhores condições de vida para si e para os seus.

<sup>211</sup> Cabe lembrar, a esse respeito, que tanto a LM 285/04 quanto a LM 168/13 são editadas em uma conjuntura de crise e incertezas, onde, mais uma vez, o fluxo de refugiados se expandia. A primeira, editada no início do segundo semestre de 2004, vem à tona num momento de graves perturbações políticas e sociais, em que os enfrentamentos entre grupos pró e anti-Aristide quase levaram o país a uma guerra civil. Esse quadro culmina com o estabelecimento da FMP, em março de 2004, e da MINUSTAH, em junho do mesmo ano. A segunda toma forma algum tempo depois do cismo de 2010, que, além de ceifar a vida de cerca de 230.000 haitianos, deixa milhares de famílias desabrigadas ou deslocadas.

dos dois países, daí repercutirem, de forma tão pronunciada, na formação de suas nacionalidades, logo, de suas identidades. Humberto Muñiz & Jorge Giovannetti (2004, p. 122) comentam sobre o deslocamento populacional ocorrido por ocasião da ocupação da República Dominicana promovida por Boyer, entre 1822 e 1844, como um dos primeiros e mais importantes movimentos migratórios de haitianos para a parte oriental da ilha, não só em função do volume, mas, principalmente, por ter se convertido “[...] *en el núcleo ideológico de la discusión sobre la nacionalidade dominicana.*” Após esse período, o fluxo migratório, segundo os autores, mantém-se constante, porém indeterminado.

Uma nova vaga migratória, distinta daquela primeira, ganharia força a partir de 1919, quando, pela primeira vez “[...] *se legalizó la inmigración haitiana al permitir la entrada de braceros con permisos de permanencia temporal*” (VERAS, 1991, p. 113). A partir de então, os *braceros* haitianos passam a ser agenciados não só pelo Estado dominicano, à época sob intervenção, mas também pelo tráfico clandestino, para serem empregados no corte da cana-de-açúcar nos *bateys* dominicanos. Foi, portanto, a partir de 1952<sup>212</sup>, que esta prática se institucionalizou, de acordo com Veras (1991, p. 113), com a celebração do *Acuerdo sobre la contratación en Haíti y la entrada a la República Dominicana de Jornaleros Temporeros Haitianos*, entre os governos haitiano e dominicano. Daí por diante, a mão de obra haitiana, inicialmente radicada nos campos de cana-de-açúcar do país, passaria a ser um recurso bastante utilizado pelos governantes haitianos, dentre os quais Trujillo e Balaguer – ícones do anti-haitianismo moderno –, e, em um momento posterior, por setores da economia dominicana, como a agricultura e a construção civil, por exemplo.

A questão haitiana, sobretudo a perspectiva ancorada na defesa de que seria o haitiano o principal “problema” da República Dominicana, apesar de ser considerada por parte da população e defendida com veemência pelas alas mais conservadoras, não constitui ponto pacífico. A tese do “problema” e da “ameaça” encontra acolhida justamente entre os “*sectores más reaccionarios de la burguesia dominicana*” e, em

---

<sup>212</sup> Os acordos bilaterais entre o Haiti e a República Dominicana relativos à contratação de mão de obra haitiana para atender às demandas da indústria açucareira duraram de 1952 até 1986. No final desse período começa a haver um declínio geral da indústria açucareira devido, dentre outras coisas, à queda dos preços do produto, o que levará à privatização do *Consejo Estatal de Azúcar*, principal órgão do sistema, no final da década de 1990, a partir do que os contratos de trabalho passaram a ser firmados diretamente com as empresas estrangeiras que ganham as concessões estatais para a exploração dos campos de açúcar. Para saber mais, ver Petrozziello; Hintzen & Díaz (2014).

alguma medida, entre a “*pequeña burguesía*”, para quem, na concepção de Etienne (*Alter Presse*, 25/08/2007, n. p.) “*el racismo antihaitiano [...] siempre ha sido el caballo de batalla*”.<sup>213</sup> Ocorre que é majoritariamente desses estratos sociais “reacionários”, “burgueses” e “nacionalistas radicais” que se destacam as lideranças políticas dominicanas. Para estes, o haitiano constitui uma ameaça real, que compromete todo o corpo social dominicano, pois, de acordo com o *Hoy Digital* (20/01/2004, n. p.)

*No hay que ser dotado de un título universitario [...] para darse cuenta como casi toda la estructura social, económica, política, religiosa, intelectual y militar de la nación dominicana está podrida, padeciendo del cáncer de la haitianofilia, que poco a poco va comiendo todo lo sano de este cuerpo social llamado República Dominicana, transfigurándola en algo desconocido, aberrante.*

O perigo e a ameaça haitiana, ainda que reais, figurariam, portanto, nessa perspectiva, como um expediente ideológico empregado de forma recorrente por uma parcela das elites políticas e intelectuais dominicanas para tentar controlar a “opinião pública” do país, que, ocupada com o risco de uma invasão “pacífica” ou “silenciosa” ou da “haitianização” do país, daria menor atenção a problemas mais imediatos e tangíveis – que nessa perspectiva tornam-se “secundários”. Prevalece então a concepção de que, segundo Castellanos (*Hoy Digital*, 03/05/2008, n. p.) “*Haití, la nación más pobre de América, es nuestro gran problema desde hace más de 164 años.*” Assim, segundo Pérez (*El Nacional*, 28/11/2008, n. p.), “*Los depositarios de las distintas administraciones y su intelligentsia [muito certamente todos aqueles que sucederam Trujillo] lograron naturalizar esta concepción, sirviendo hoy día de leitmotiv del sentido común.*” Os ideais trujillistas e balaguerianos penetraram no âmago dessa parcela da população, que, não por acaso, constitui a espinha dorsal da nação. Mas, ao que parece, não comprometeram todo o sistema, pois, ainda que menos ruidosa, existe divergência, como se pode perceber em Jáquez (*Hoy Digital*, 29/12/2007, n. p.), que provoca e questiona:

*[...] los culpables de nuestros males somos nosotros mismos [...] ¿Serán también los haitianos responsables de que nuestros*

---

<sup>213</sup> O que, de certa maneira, é também considerado por Ibarra (*Hoy Digital*, 28/01/2014, n. p.), que afirma que “*Aunque histórica, la actitud xenófoba de algunos sectores no viene tanto de ‘realidades’ como de la intención de controlar la opinión pública [...] Las posiciones de nacionalismo radical [...] poco tienen que ver con la soberanía.*”

*campesinos y obreros prefieran la emigración y el “motoconcho” [mototáxi] a trabajar en la construcción, en la agricultura, etc., y de que los organismos que deben controlar la frontera sean tan “deficientes” y que veamos el comercio con nuestro mercado más natural de todos, como contrabando? [...] debemos evitar actuar como los avestruces y dejar de tomar a Haití como la excusa de nuestros males crónicos.*

Se é verdade, entretanto, que o haitiano constitui, em alguma medida, um “perigo”, uma “ameaça” ou um “problema” para o povo dominicano, sobretudo para suas identidades, não é menos verdade que se trata de um “problema” que contou – e continua contando – com a leniência e a transigência, para dizer o mínimo, do povo dominicano, em especial de uma parte de seus empresários e governantes. A produção açucareira – que até meados da década de 1980 constituía uma das principais fontes de divisas da República Dominicana –, profundamente dependente da mão de obra dos *braceros* haitianos, introduz uma contradição no interior da ideologia anti-haitianista, sobretudo do regime trujillista, que certamente foi onde anti-haitianismo encontrou sua maior expressão, pois, segundo Allison Petrozziello; Amelia Hintzen & Juan Carlos Díaz (2014, p. 44), Trujillo “[...] promovía el antihaitianismo como parte fundamental del nacionalismo dominicano, a la vez que facilitaba migraciones significativas de haitianos cada año a las zonas azucareras”. Balaguer, o mentor intelectual do regime e sucessor de Trujillo, também não pôde escapar dessa armadilha.<sup>214</sup> Mas a questão não se resume ao açúcar, sendo bem mais complexa.

É possível perceber, todavia, a partir da análise do estudo realizado por Silié; Segura & Cabral (2002), intitulado *La nueva inmigración Haitiana*, que, apesar de não constituir um problema recente, a migração de haitianos com destino à República Dominicana conheceu alterações substanciais ao longo das últimas décadas. Os *braceros azucareros*, formal ou informalmente contratados, levados e confinados nos *bateys* dominicanos, em sua grande maioria homens de meia idade, semi-analfabetos e de origem rural, foram perdendo espaço, a partir de meados da década de 1980 – certamente em decorrência da crise que então se instalava – para aquilo que Silié; Segura & Cabral (2002, p. 171) denominaram de “*nueva inmigración haitiana*”. Esta, cujo rosto é cada vez mais urbano, jovem e feminino, destaca-se, também, por ser mais escolarizada e possuidora de habilidades

---

<sup>214</sup> Pois, apesar do anti-haitianismo figurar como a pedra angular de sua filosofia política “[...] al igual que su predecesor, reconocía la importancia de la industria azucarera para su gobierno” (PETROZZIELLO; HINTZEN & DÍAZ, 2014, p. 46).

ocupacionais distintas (SILIÉ; SEGURA & CABRAL, 2002, p. 9) daquelas dos antigos *braceros*, o que lhes leva a reivindicar, por conseguinte, um lugar diferenciado no seio da sociedade dominicana, causando alvoroço ainda maior, como veremos adiante. Nesta perspectiva, Márquez (2011, p. 563) afirma que

*[...] la llamada nueva migración haitiana [...] ya no será netamente masculina y rural sino también femenina y urbana, con mayores niveles de educación, proveniente de todas las regiones de Haití y encontrará oportunidades de empleo en la construcción, las obras públicas, el comercio ambulante, los servicios domésticos, los transportes, el turismo y la producción agrícola, avícola y arrocera, entre otras.*

Ocorre que no decorrer desse longo período, que tem início, em linhas gerais, no final da década de 1910, com a legalização da imigração de *braceros* haitianos para atender às demandas da indústria açucareira dominicana – atrelada aos ditames da política intervencionista estadunidense – muitos daqueles contratados, que inicialmente viviam sob controle estrito dos funcionários do governo dominicano e dos administradores das empresas açucareiras – confinados nos *bateys* e enviados de volta para o Haiti ao final de cada safra –, conseguiram, por meio de expedientes diversos, burlar o sistema, estabelecendo-se, de maneira definitiva, não somente nos campos de açúcar, mas também em outras regiões, contando para isso, mais uma vez, com a leniência ou com a conivência dos agentes do Estado dominicano. Esses grupos de indivíduos, sozinhos ou acompanhados de suas companheiras, livres do controle estatal, ao se estabelecerem em diferentes regiões do país, acabaram fazendo da República Dominicana sua morada definitiva, engendrando, ao longo das gerações que lhes seguiram, uma nova classe de cidadãos, os “dominicanos de ascendência haitiana”, ou *Arrayanos*<sup>215</sup>, que estão no centro das polêmicas Leis de Migração 285/04 e 168/13, as quais constituem uma tentativa de o governo dominicano estabelecer algum controle sobre o fluxo migratório haitiano, já que, conforme preceitua Johnny Guerrero (2013)

---

<sup>215</sup> Segundo Sagás (1993, p. 150) “These Haitian-Dominicans are rejected by both countries. They have no defined rights, and very little group identity. Furthermore, they exist in a legal limbo; they are not considered “true” Dominicans and are often denied the rights and privileges of Dominican citizenship.”: “Esses Haitianos-dominicanos são rejeitados em ambos os países. Eles não possuem direitos definidos e muito pouca identidade de grupo. Além do mais, eles existem em um limbo legal; eles não são considerados “verdadeiros” dominicanos e muitas vezes lhes são negados os direitos e privilégios da cidadania dominicana.” (Tradução nossa)

*Esta presencia masiva de trabajadores haitianos en el país ha generado el resurgimiento de las ideas racistas xenofóbicas antihaitianas, bajo los argumentos de que “hay una invasión pacífica de haitianos y haitianas en el país”, de que “grupos grandes de haitianos se están preparando para una invasión violenta al país”, o de que “políticos e intelectuales haitianos y dominicanos en contubernio con potencias extranjeras [...] están haciendo gestiones para unificar la isla”. (GUERRERO, Johnny. *El Día*, 11/09/2013, n. p.)*

Assim, a LM 285/04 e a LM 168/13, editadas pelo *Tribunal Constitucional de la República Dominicana*, em 15 de agosto de 2004 e em 23 de setembro de 2013, respectivamente, constituem alguns dos capítulos mais recentes da questão relacionada aos *Arrayanos*, sendo o resultado de tensões verificadas entre o Estado Dominicano e os diversos órgãos e entidades haitiano-dominicanos que buscam representar e defender os direitos dos migrantes haitianos, sobretudo daqueles nascidos em território dominicano, que, pelo princípio do *jus solis*<sup>216</sup>, teriam direito à nacionalidade dominicana, o que acaba constituindo uma suposta ameaça à dominicanidade, pois, de acordo com a advertência feita por Garcia (*Hoy Digital*, 14/04/2004), que parece constituir um eco dos discursos balagueristas,

*[...] la infiltración “pacífica” de la nación dominicana por una masa de nacionales haitianos cuantitativamente significativa, arrastra consigo el inexorable peligro de la desintegración de la nación dominicana [...] El continuo patrón de emigración [...] garantiza de hecho la haitianización de la sociedad dominicana en todos sus aspectos, **a menos que la nación dominicana enarbole una política migratoria coherente y defensora de los intereses nacionales**. De lo contrario nuestra cultura, religión y costumbres que nos identifican como nación, sucumbirán a la idiosincrasia, creencias y cultura haitianas. (grifo nosso)*

---

<sup>216</sup> Pelo princípio do *jus solis*, consagrado pela constituição dominicana de 1929 – e mantido de forma quase invariável até a reforma de 2009 – todas as pessoas nascidas em território dominicano, com exceção dos filhos(as) de diplomatas e/ou de pessoas que se encontram em “trânsito” – a Lei 285/04 estabeleceu que as não residentes (legalmente) no país são consideradas “em trânsito” e que, nesse caso, seus filhos não adquirem a nacionalidade dominicana – têm garantida a nacionalidade dominicana. O princípio consagrado pela constituição haitiana é o *jus sanguinis*, que garante a nacionalidade haitiana a todo indivíduo filho de haitiano ou haitiana, independente do local de nascimento. Para saber mais, ver Márquez (2011) e Petrozziello; Hintzen & Díaz (2014).

Nesse sentido a LM 285/04 e, posteriormente, a 168/13, despontam como uma resposta aos “clamores nacionalistas” pela preservação da dominicanidade, ameaçada pelas massas de nacionais haitianos que penetram no território dominicano continuamente. Ocorre, no entanto, que enquanto a LM 285/04 busca estabelecer “*categorías de inmigrantes*”, sendo, de certo ponto de vista, menos restritiva, a LM 168/13 opera um corte abrupto, agrupando todos os filhos ou descendentes de haitianos não residentes como ilegais, negando-lhes, portanto, o direito à nacionalidade. Assim, o fato de a LM 168/13 ter causado maior furor, tanto interna, quanto externamente, não significa, logicamente, que a LM 285/04 não tenha repercutido ou tenha menor relevância, pois, conforme Ayuso (*El Nacional*, 17/01/2009) tratava-se de “[...] *una ley de migración [...] con las aberraciones de los ‘nacionalistas’, racistas y antihaitianos de la minoría blanca y acólitos [...] mestizos y negros renegados que con ello se hacen la ilusión de ser blancos*”. O racismo, ao que parece, é uma vez mais institucionalizado, como o fora em meados da década de 1930.

A questão norteadora, portanto, das respectivas leis – feitas tais ressalvas – diz respeito à categorização dos cidadãos haitianos que, por motivos diversos, como no caso dos *braceros*, haviam se instalado no país há duas, três ou, quiçá, quatro gerações, e, mais especificamente aos seus descendentes.<sup>217</sup> O que seriam, então, à luz dessas Leis de Migração, os *Arrayanos*? São residentes ou encontram-se “em trânsito”? São ilegais? O que são seus descendentes? Haitianos? Dominicanos? Dominicanos de ascendência haitiana? Qualquer coisa, ao que parece, menos dominicanos. Essa discussão evidencia, dentre outras coisas, ainda que se negue, o quão profundamente arraigada está a ideologia anti-haitianista – neste caso em suas dimensões racista e xenofóbica – na mentalidade e nas estruturas sociais e políticas dominicanas, uma vez que, para Wooding & Moseley-Williams

---

<sup>217</sup> A LM 285-04, conforme Diène & MacDougall (2008, p. 19), criou “[...] *las categorías de ‘inmigrantes residentes’ e ‘inmigrantes no residentes’*. Esta última categoría incluye a los trabajadores temporeros que residen en la República Dominicana y aquellos que son ilegales. En virtud de esta ley, la categoría de ‘no residentes’ es refundida con el concepto de estatuto de ‘transeúnte’, de forma que todos los inmigrantes no residentes y los inmigrantes indocumentados se consideran ‘en tránsito’, denegándose así la ciudadanía a sus hijos nacidos en territorio dominicano. Además, se da por supuesto que si alguien no tiene documentos y parece ser haitiano o tener un nombre haitiano, se trata de un inmigrante ilegal”, enquanto a LM 163/13, conforme Petrozziello; Hintzen & Díaz (2014, p. 15) “[...] *efectivamente agrupa a todas las personas nacidas de padres extranjeros bajo una sola categoría, una donde se niega el derecho a la nacionalidad dominicana. Eso, a pesar de haber gozado de ese estatus de acuerdo a la Constitución y leyes vigentes en el momento del registro de su nacimiento en la oficialía civil. Esa decisión solidifica décadas de prácticas discriminatorias por parte de instituciones del Estado dominicano contra personas de ascendencia haitiana que de hecho tienen diversas situaciones de parentesco y documentación, y que no necesariamente tendrían acceso a otra nacionalidad que no fuera la dominicana. Un eje de esa discriminación, fundamental pero muy poco explorado, es la discriminación de género en la privación del derecho a la nacionalidad.*”

(2004, p. 34) “*Las respuestas que se den a esos interrogantes casi siempre van a depender de factores ideológicos.*” Assim, o haitiano, ou seus descendentes, muito embora já incorporados à cultura local, não escapam dos estigmas e estereótipos anti-haitianistas, que buscam representá-lo como “*otro*”, “*negro*”, “*subordinado*”, “*inferior*” [e] “*bueno solo para cortar caña*”, conforme afirmaram Silié; Segura & Cabral (2002, p. 41), fazendo eco de um discurso secular, anti-haitianista, assinalado também pelo editorial do jornal *Alter Presse* (16/12/2004, n. p.), em que Edwin Paraison, ex-consul haitiano na República Dominicana atestava que

*[...] el migrante haitiano, hacen que [...] sea caricaturizado en los medios de comunicación como un "tonto", "negro" "inferior" y "picador de cana", llegando a ribetes xenofobos cuando el migrante haitiano con razón o no se encuentra implicado en algún escándalo o crimen [...] el migrante haitiano de niveles bajo y medio trata de escapar a esos estereotipos, negando su identidad, o buscando esconderla detrás de un nombre dominicano.*

O caráter xenofóbico, racista e ideológico das Leis de Migração parece tão manifesto, que, em determinados momentos, remetem, direta ou indiretamente, ao *Corte* promovido por Trujillo em outubro de 1937, que figura como um dos principais marcos do radicalismo anti-negro e anti-haitiano promovido pelo governo dominicano em sua história recente. Nesse sentido, Kurlansky; Díaz; Danticat & Alvarez (*The New York Times*, 29/10/2013, n. p.), afirmam que “*Such appalling racism is a continuation of a history of constant abuse, including the infamous Dominican massacre, under the dictator Rafael Trujillo, of an estimated 20,000 Haitians in five days in October 1937.*”<sup>218</sup>

Dessa forma, as Leis de Migração – em especial a 168/13, em virtude de seu caráter mais restritivo – são apresentadas como evidências da acolhida dos discursos anti-haitianistas por determinados estratos da população, em especial daqueles ligados às elites políticas, econômicas e intelectuais, os “ideólogos do anti-haitianismo”, e da possibilidade de radicalização e a proliferação de atos de violência praticados contra haitianos, sobretudo na região fronteira. Assim sendo, Johnny Guerrero (*El Día*, 10/10/2013, n. p.) alerta que “*Con esa sentencia y sus implicaciones político-ideológicas se pretende reeditar la matanza de 1937 [...] donde fueron asesinados miles de haitianos [...]*

---

<sup>218</sup> “Esse terrível racismo é uma continuação de uma história de abuso constante, incluindo o infame massacre Dominicano, sob o ditador Rafael Trujillo, de cerca de 20.000 haitianos em cinco dias, em outubro de 1937”. (Tradução nossa)

*incluyendo dominicanos y dominicanas de piel negra.*” Não custa lembrar, nesse tocante, que aproximadamente 85% da população dominicana é composta por negros.

Os fatos pontuais que dão ensejo aos debates e discussões que culminam com a edição das Leis de Migração 285/04 e da LM 168/13, a propósito, estão relacionados às solicitações de emissão de documentos de nascimento, de identidade ou eleitoral por parte de dominicanos de ascendência haitiana que nasceram e cresceram exclusivamente na República Dominicana. A LM 285/04 está relacionada ao caso de *Dilcia Yean* e *Violeta Bosico*, nascidas em 1996 e 1985, respectivamente, filhas de pais haitianos e mães dominicanas; enquanto a LM 168/13 decorre da solicitação de emissão de segunda via dos documentos, realizada por *Juliana Deguis*, filha de *braceros* haitianos, nascida em Yamasá, Monte Plata, República Dominicana, no ano de 1984. Tais solicitações, como se pode deduzir, foram negadas pelos órgãos competentes dominicanos sob a alegação de que os ascendentes das solicitantes, ainda que tendo se estabelecido de forma permanente na República Dominicana, encontravam-se em situação ilegal, muito embora, no caso de Juliana Deguis, já houvessem sido emitidos documentos anteriormente, sendo requerido apenas “*un duplicado*”, ou seja, a segunda via de seus documentos.

Essa decisão acabou gerando grande alvoroço e comoção, tanto entre os anti-haitianistas dominicanos quanto entre os *Arrayanos*, repercutindo, também, junto à comunidade internacional. Assim, as Leis de Migração 285/04 e 168/13 passam a figurar como um componente a mais nas já tensas e conturbadas relações haitiano-dominicanas e, sobretudo, nessa tradição de identidade haitiana, que acolhe um conjunto de representações quase sempre negativas e depreciativas do haitiano. A negativa do Estado dominicano em conceder nacionalidade e cidadania a todos os dominicanos de ascendência haitiana – atendendo ao estabelecido pela LM 168/13 – acaba extrapolando seu escopo, ligado ao controle das fronteiras ou da imigração, passando a incidir como um instrumento político-ideológico empregado pelos anti-haitianistas dominicanos para promover suas práticas, dentre as quais as deportações em massa, realizadas, segundo o *Comunicado de Solidarite Fwontalye/Solidaridad Fronteriza y del Servicio Jesuita a Refugia@s y Migrantes* (Alter Presse, 18/12/2007, n. p.) de “maneira selvagem”, pois “*A los deportados se les trata como a animales y se les agrede física, psíquica y sexualmente.*” Em outro comunicado da *Amnistia Internacional* (Alter Presse, 21/03/2007, n. p.) afirma-se que “*Las expulsiones son tan arbitrarias que se ha llegado a expulsar de su propio país a ciudadanos dominicanos porque*

‘parecen haitianos’”, fato que evidencia, ainda que se negue, o caráter racial – ou racista – dessas ações.

Para os ideólogos anti-haitianistas – muitos dos quais radicados nos setores mais conservadores e influentes da população dominicana, como a imprensa, por exemplo – as Leis de Migração constituíam/constituem marcos regulatórios, políticos e jurídicos, necessários para evitar a haitianização do país, operada, dentre outras formas, por meio da invasão “pacífica” ou “silenciosa”, propugnada por Balaguer e retomada e/ou apropriada sempre que necessário. Para esses grupos, a discriminação ou a xenofobia “porventura” praticada contra os haitianos não seria de natureza racial, sendo antes o resultado de inconformidades ou divergências históricas, culturais, políticas e econômicas/de classe. Nesse sentido, vimos Contreras (*Hoy Digital*, 17/07/2007, n. p.) afirmar que o preconceito dos dominicanos para com os haitianos está ancorado por raízes históricas e culturais mais que por razões de “superioridade biológica” – que, no entanto, não é negada.<sup>219</sup>

A edição da LM 168/13 representa, ademais, um dos últimos desdobramentos de um embate político-ideológico secular, no qual o que está em discussão ou em jogo é, em última análise, o estabelecimento ou o reforço de uma barreira social, política, ideológica, cultural e identitária – entre “Ellos”, haitianos, e “Nosotros”, dominicanos/não-haitianos, em que “Ellos” são representados, por meio do “discurso racista” – “[...] en todas las conversaciones cotidianas, en los libros de texto y, especialmente, en los medios de comunicación” –, quase sempre como “diferentes”, “perversos” e “ameaçadores”, além de “[...] menos listos, guapos, rápidos, trabajadores, democráticos, etc.” quando comparados com a “representación positiva de Nosotros”, dominicanos/não-haitianos. (VAN DIJK, 2007, p. 11).

Ocorre, no entanto, que se esse discurso prevalece, permeando as estruturas sociopolíticas dominicanas, sobretudo aqueles espaços ocupados por aquilo que Etienne (*Alter Presse*, 28/05/2007, n. p.) classificou como “los sectores más reaccionarios de la burguesía dominicana”, ele não se mantém incólume, sendo logo considerado pelos grupos *Arrayanos* ou pró-haitianos como um instrumento utilizado pelos anti-haitianistas para “[...]”

---

<sup>219</sup> Beato (*Hoy Digital*, 10/07/2007, n. p.) afirma também, nessa mesma direção, que “En el fondo la problemática es de índole económico” e que “Afirmar que existe una discriminación racial rampante de parte del pueblo y del gobierno dominicano hacia los haitianos es una exageración propia del que no conoce el problema en sus raíces.”

*manipular sentimientos en la población dominicana y para fomentar una campaña de odio contra dominicanos de ascendencia haitiana*”, conforme afirmou Moreno (*Hoy Digital*, 26/11/2013, n. p.). Portanto, se por um lado a LM 168/13 representa um trunfo dos setores anti-haitianistas dominicanos, por outro lado, ela acaba abrindo espaço para que grupos dissidentes, que certamente representam o sentimento da maioria da população, manifestem-se, condenando seu caráter xenofóbico, racista e sectário. Nesse sentido, na concepção de Wilesse Otten-Annisette (2014, p. 1-3)

*Una de las premisas principales de la satanización de la decisión del Tribunal Constitucional de la Republica Dominicana es la opinión que la sentencia está basada en el racismo y el antihaitianismo [...] Entre la comunidad internacional de grupos preocupados con los derechos humanos la teoría principal de la relación haitiana/dominicana se enfoca de manera subjetiva en el racismo [...] a pesar de la existencia de vestigios tangibles e intangibles de este racismo institucionalizado, hay mucha evidencia en la actualidad para mostrar que la relación haitiana/dominicana no se contamina totalmente con el racismo.”.*

Parece prevalecer, assim, um entendimento que vai de encontro às perspectivas mais radicais, defendidas pelas alas anti-haitianistas. Sobre a LM 168/13, recaem duras críticas e esta passa a ser vista, conforme o Editorial do *El Nacional* (19/10/2013, n. p.) como “[...] un crimen racista, anti-dominicano e inconstitucional”, como “Una sentencia irracional, excluyente, con tinte racista y que le arrebató la nacionalidad dominicana a un grupo considerable de dominicanos de origen haitiano”, de acordo com Cabral (*El Día*, 03/04/2014, n. p.), ou, ainda, como uma “pura jerigonza patrioterá con claro sabor a racismo”, conforme Ricart (*Hoy Digital*, 10/11/2013, n. p.). Brache (*El Día*, 7/10/2013, n. p.) parece sintetizar essas ideias, reafirmando, dentre outras coisas, o caráter racial ou racista da LM 168/13, ao expressar que

***La verdad es que la sentencia del tribunal constitucional es una sentencia racista, una sentencia basada en el color de la piel de los implicados; por demás, un contrasentido, pues hasta por el sol caribeño nuestras pieles se oscurecen. Si hubiéramos sido arropados por blancos alemanes, jamás se hubiera producido esa sentencia. Sin duda, estamos escribiendo una de las más vergonzosas páginas de derechos humanos que jamás haya sido escrita por nación alguna [...] la verdad está en el sentimiento anti haitiano [...] No es una sentencia para regularizar los extranjeros en suelo dominicano, es una sentencia con el objetivo de desconocer los derechos de los***

*haitianos. Dejémonos de farsas; todo porque son negros: ése es el pecado.* (grifos nossos)

Nesse sentido, se as Leis de Migração provocam grande alvoroço internamente, a ponto de mobilizar amplos contingentes de *Arrayanos* e um considerável número de entidades haitiano-dominicanas, dentre as quais uma expressiva quantidade de ONGs, que atuam ostensivamente, tanto no Haiti quanto na República Dominicana, elas também repercutem para além das fronteiras da Espanhola, fazendo com que haja, similarmente, no âmbito externo, um movimento de repúdio e condenação às políticas editadas por aqueles instrumentos jurídicos. As pressões exercidas por esses atores externos<sup>220</sup> fazem com que haja uma reação interna, tanto por parte dos setores que, implícita ou explicitamente, dão salvaguarda às Leis de Migração, quanto por parte daqueles grupos mais moderados, que procuram assumir um posicionamento crítico – e na medida do possível imparcial – diante das questões suscitadas por elas.

O primeiro grupo – composto, em grande parte, por partidários de um nacionalismo conservador, simpáticos, portanto, às políticas segregacionistas que dão corpo às LM 285/04 e 168/13 –, buscando desvencilhar-se das acusações de racismo e xenofobia que lhe são dirigidas, argumenta que há “*una campaña*” (Guzmán, *Hoy Digital*, 31/03/2007, n. p.) ou uma “*trama*” (*Hoy Digital*, 01/03/2008, n. p.), contra a República Dominicana, promovida pelos “amigos do Haiti” – Estados Unidos, França, Canadá e, em menor medida, Venezuela. Segundo Guzmán (*Hoy Digital*, 31/03/2007, n. p.), tal campanha busca “*crear un ambiente internacional donde los dominicanos aparecemos como ‘racistas’ o ‘esclavistas’ y ‘violadores’ de los Derechos Humanos de todos los haitianos*”. Em consonância a essa perspectiva, o editorial do *Hoy Digital* (01/03/2008, n. p.), assevera que “*El meollo de la acusación de racistas reside en la “problemática haitiana”*”; e que apesar de os Estados Unidos e a França se autodefinirem como “amigos do Haiti”, não querem haitianos em seu território, acrescentando: “*Que la migración haitiana la soporten los dominicanos*”.

Tais lucubrações convergem na medida em que afiançam a suposta implementação de um plano de “*unificar*” ou “*fusionar*” Haiti e República

---

<sup>220</sup> Países direta ou indiretamente envolvidos, como os países circunvizinhos, Estados Unidos, França, Canadá; entidades supranacionais, como o Conselho de Direitos Humanos da ONU (CDH/ONU), a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA (CIDH/OEA), o Comunidade do Caribe (CARICOM); e/ou ONGs, como a *Amnesty International* (AI) e o *International Crisis Group* (ICG), dentre outros.

Dominicana. Trata-se, segundo Arvelo (2009), de uma mentira grosseira, mas eficaz, propagada durante anos por um grupo pequeno, mas influente, poderoso, inteligente e manipulador, dirigida “[...] a los peores instintos primitivos del criollo: antihaitianismo, xenofobia, odio racial, venganza pseudo histórica y un nacionalismo mal entendido, acomodado, manipulado, manoseado y producto de la canallada politiquera” (Arvelo, *El Nacional*, 14/12/2009, n. p.).

Existe ou não discriminação racial na República Dominicana?, indaga Ibarra (*Hoy Digital*, 08/04/2014, n. p.). Torres (*El Nacional*, 13/05/2009, n. p.) afirma que “[...] la realidad es que en República Dominicana existe racismo en perjuicio de los haitianos. Y es tan irritante como el racismo que hay en Estados Unidos o España contra los hispanos.” Ibarra (2014), dando uma resposta ao seu questionamento e avalizando Torres (2009) confirma que “[...] el Estado en ninguna de las constituciones vigentes en los últimos 50 años recoge artículo alguno que sugiera que hay racismo o segregación racial” ainda que, afiança ele, “[...] todos sabemos muy bien que los negros y los mulatos pueden ser considerados inferiores en la RD, y eso se manifiesta en distintos niveles – y a distintos grados – en la vida cotidiana.”<sup>221</sup>

Entretanto, apesar de as perspectivas anti-haitianistas de natureza racista constituírem o mote dominante nos artigos e reportagens analisados, é possível perceber - por exemplo, no final da obra *A Ilha ao Revés*, quando Balaguer (1993, p. 218) propõe uma aproximação domínico-haitiana, que poderia ser materializada por meio de uma confederação, “*confereración de ambos pueblos*” ou “*confederación domínico-haitiana*” - um grupo não desprezível de autores que procuram pensar essas questões a partir de um recorte mais ameno, menos marcado por essas questões raciais, ou racializantes, buscando superar essa discursividade que, em um aparente anacronismo, busca apresentar o negro haitiano, e também o dominicano, com base em um ponto de vista sobremaneira conservador e excludente. Nesse sentido, Bali (*El Día*, 11/10/2013, n. p.) afirma que “*En algún punto del camino tendremos que tomar acción con miras a resolver el cáncer que representan la xenofobia y el racismo, símbolos de nuestra falta de consciência*”, ao que acrescenta: “[...]”

---

<sup>221</sup> Pérez (*Hoy Digital*, 05/02/2014, n. p.) vai além, e indagando “*Cómo negar que el racismo constituya uno de los peores lastres de la sociedad dominicana* [?], acrescenta, com certa ironia, pouco à frente: “*Somos una comunidad básicamente mulata y negra, pero esa circunstancia no elimina automáticamente la existencia del racismo. Solo el simplismo, la ignorancia y racismo mismo, permiten negar ese hecho.*”

nuestro país necesita urgentemente crear programas educativos que permitan superar tan oscuro entuerto”. Em relação a essa perspectiva, Espinal (2006) afirma que

*Un sector dominicano promueve el temor a lo haitiano que enciende la xenofobia. Otros, dentro y fuera del país, califican a los dominicanos de racistas y xenófobos. Los primeros enarbolan el patriotismo en defensa de su causa; los segundos la justicia social y la hermandad entre los pueblos [...] Negar que hay xenofobia [e consequentemente o racismo] es tapar el sol con un dedo, justificarla no absuelve a los practicantes. Identificar las formas de rechazo social y tener el valor de cambiarlas es fundamental para encontrar canales adecuados de convivencia, pero es tarea ardua de sensibilización humana que requiere esfuerzos constantes de educación en la familia, la escuela, los medios de comunicación y las organizaciones comunitarias; además de leyes y políticas públicas que promuevan mayor justicia e igualdad [...] La República Dominicana tiene que salir del marasmo en que se encuentra y superar la confrontación estéril entre el discurso nacionalista recalcitrante, por un lado, y de censura internacional, por otro. (ESPINAL, Hoy Digital, 03/10/2006, n. p.)*

Certamente existe um longo caminho a ser percorrido com vistas à superar esse quadro de estranhamento e repulsa, que constitui, em certo aspecto, um dos elementos definidores das identidades haitianas e dominicanas. A questão racial, e uma de suas principais intercorrências, o racismo, figuram, consoante o exposto, como um dos elementos-chave na construção das identidades haitianas, sobretudo a partir da perspectiva dominicana, pois o “*racismo anti-haitiano*” é compreendido, conforme afirmou Canaán (*Hoy Digital*, 17/10/2004, n. p.) anteriormente, como “*una tradición y costumbre del pensamiento dominicano*”. Não só do pensamento dominicano, acrescentaríamos. O racismo anti-haitiano é, se não no todo, mas em grande parte – ainda que se negue ou não se reconheça – um racismo anti-negro, que tem influenciado de maneira determinante na forma como o haitiano é percebido em suas relações com o “Outro” – seja ele o dominicano, o caribenho, o estadunidense, ou o *peacekeeper* onuseano –, ao longo de sua tortuosa trajetória.

Como deveria o mundo reagir diante da LM 168/13?, questionam Kurlansky; Díaz; Danticat & Alvarez (*The New York Times*, 29/10/2013, n. p.). “*Haven’t we learned after Germany, the Balkans and South Africa that we cannot accept*

*institutionalized racism?*<sup>222</sup>, complementam. As Leis de Migração 285/04 e 168/13, ainda que percebidas como um retrocesso, em função, principalmente, de figurarem como uma tentativa perpetrada pelos setores mais radicais da sociedade dominicana para institucionalizar o racismo, convertendo-o em uma política de Estado, constituem, certamente, um passo a mais no sentido de tentar superar os traumas e as feridas provocadas por séculos de enfrentamentos e animosidades entre haitianos e dominicanos, que, queiram ou não, estão, conforme Meléndez (*Hoy Digital*, 01/08/2005, n. p.), “*monolíticamente unidos en una isla, a manera de unión siamesa*”.

Em maio de 2014, após um conturbado período marcado por protestos e forte mobilização, tanto interna quanto externa, o governo dominicano recua e a LM 168/13 dá lugar à LM 169/14, que, dentre outras coisas, abre a possibilidade para a “naturalização” de filhos de estrangeiros – diga-se: haitianos – nascidos na República Dominicana.<sup>223</sup> Um grande avanço – sobretudo se comparada com o caráter restritivo e sectário da LM 168/13 – mas que certamente longe está de representar uma solução definitiva para os dramas que caracterizam essa conflituosa relação, pois o problema haitiano-dominicano não se restringe às questões migratórias e/ou fronteiriças. Trata-se de uma problema complexo, multifacetado, que se estrutura a partir de questões de ordem histórica/política, racial e cultural.

E será este último ângulo que constituirá o cerne sobre o qual assentaremos nossas argumentações no próximo e último capítulo de nosso trabalho. Discutiremos acerca da forma como determinados aspectos materiais e imateriais da cultura haitiana acabam se convertendo em espaço de denegação das identidades haitianas,

---

<sup>222</sup> “Já não aprendemos depois da Alemanha, dos Balcãs e da África do Sul que não podemos aceitar o racismo institucionalizado?”. (Tradução nossa)

<sup>223</sup> A Lei 169/14, editada em 16 de maio de 2014, “*establece un regimen especial para personas nacidas en el territorio nacional inscritas irregularmente en el registro civil dominicano y sobre naturalización*”, tendo por objetivo, de acordo com a letra a) de seu Art. 1º, estabelecer “*un régimen especial en beneficio de hijos de padres y madres extranjeros no residentes nacidos en el territorio nacional durante el periodo comprendido entre el 16 de junio de 1929 al 18 de abril de 2007 inscritos en los libros del Registro Civil dominicano en base a documentos no reconocidos por las normas vigentes para esos fines al momento de la inscripción*”. Para saber mais, consultar na íntegra. Disponível em: < <http://presidencia.gob.do/haitianossinpapeles/docs/Ley-No-169-14.pdf> >. Acesso em: 14 jan. 2016.

construídas, em grande parte, até o presente momento, como uma contraidentidade do sujeito ocidental e, sobretudo, de determinada dominicanidade.<sup>224</sup>

---

<sup>224</sup> Nessa perspectiva “Toda posituação negativa corresponde a uma denegação da identidade”, conforme Castro (2013, p. 459).

## CAPÍTULO 5

### **AS IDENTIDADES HAITIANAS NOS DISCURSOS MIDIÁTICOS** **CONTEMPORÂNEOS: CONFORMAÇÃO CULTURAL**

A história do povo haitiano, de sua (in)dependência até os dias atuais, encontra-se perpassada por uma discursividade secular, por meio da qual tanto o Estado quanto o povo haitiano surgem representados ora como uma impossibilidade, ora como um despropósito histórico, político, econômico, social e cultural. A ideologia anti-haitianista<sup>225</sup> – anti-negra em sua essência – cujas origens remontam ao período colonial, precedendo à fundação do Estado haitiano, constitui o cavalo de batalha dessa discursividade. Tal ideologia estrutura-se a partir de um conjunto de formulações teóricas e de determinadas práticas que se constituem como a antítese de dada haitianidade, que se estabelece sobre uma base cultural que tem como elementos fundantes: a *negritude* – que é, segundo Rosa (2004, p.

---

<sup>225</sup> “*Cultural Brainwashing*”, é a forma como Sagás (1993, p. 204) descreve a ideologia anti-haitianista, afirmando ainda que “*Antihaitianismo, as we know it today, is actually the present manifestation of a long-term evolution of racial prejudice, the selective interpretation of historical facts, and the creation of a nationalist Dominican false consciousness. That process, of course, did not take place spontaneously. It was orchestrated by powerful elite groups with strong interests to defend.*” : “Anti-haitianismo, tal como conhecemos hoje é, na verdade, a manifestação atual de uma longa evolução de preconceitos raciais, de interpretação seletiva de fatos históricos e da criação de uma falsa consciência nacionalista dominicana. Tal processo, é claro, não ocorreu espontaneamente. Ele foi orquestrado por grupos poderosos da elite com fortes interesses a defender.” (Tradução nossa). Concordamos com a perspectiva apresentada por Sagás (1993), observando apenas que a ideologia anti-haitianista, apesar de se manifestar de maneira mais explícita e contundente entre os dominicanos, sobretudo em meio às suas elites, pelas razões aqui apresentadas, não está restrita à República Dominicana. Costumam ocorrer nas práticas e em determinadas políticas dispensadas aos haitianos em países caribenhos e nos Estados Unidos, por exemplo. Para saber mais, ver Scaramal (2006, p. 87), para quem, a título de confirmação, a República Dominicana constitui um “pólo de dispersão” do anti-haitinismo.

19), anterior à própria cultura, em que a “haitianidade passa a encontrar sua força”; o *vodu* – considerado por Leyburn (2011, p. 181) como “*la religión viviente de las masas*”, e constitui, historicamente, uma força aglutinadora que se contrapõe ao catolicismo, que sempre lhe empreendeu combate; e o *creole* – que, de acordo com Pattee (2008, p. 197), “*ha desempeñado un papel histórico de inegable importancia*”, como uma língua que passa a figurar, também, como um símbolo de resistência à cultura dominante.

As manifestações políticas/históricas e raciais/racistas ocupam, assim, um lugar de destaque na consolidação dessa tradição de identidade haitiana que, caracterizada por seu conteúdo predominantemente negativo e depreciativo – e engendradora na longa duração, sob a influência dessa ideologia anti-haitianista –, continua sendo retomada e apropriada pelos discursos midiáticos contemporâneos, reforçando a secular repulsa ao sujeito haitiano. Nesse sentido, não poderíamos deixar de destacar o papel desempenhado pelos componentes de ordem cultural que, tal qual as manifestações políticas/históricas e raciais/racistas, influenciam na conformação de tal identidade, tanto mais se temos em mente as relações haitiano-dominicanas, pois, consoante posicionamento de Valerio-Holguín (2001, p. 8) “*La identidad cultural dominicana surge como negación de la cultura haitiana.*” O *modus operandi* colonial – segundo o qual, de acordo com Larrain (1996, p. 92) “*La formación de identidades culturales europeas [...] se produjo en oposición a ciertos ‘otros’ [entre os quais americanos, africanos e asiáticos]*” – parece orientar essas relações. O fato é que as identidades dominicanas – e não só elas – estruturam-se, dessa forma, a partir da negação do “Outro”, haitiano, em especial das suas manifestações culturais.

Como destacamos no segundo capítulo, houve, sobretudo a partir das décadas de 1920 e 1930 – momento em que as identidades modernas haitianas e dominicanas começam a ser repensadas –, um empenho, tanto de intelectuais haitianos – dentre os quais se destacou Price-Mars –, como dominicanos – a exemplo de Peña Batlle e Joaquín Balaguer – em delinear os espaços e os elementos definidores de suas identidades nacionais “modernas”. Convém lembrar que essa reestruturação, longe de romper com os ranços colonialistas, foi efetivada, principalmente, por meio do reforço de um conjunto de diferenças, históricas, políticas, raciais e, sobretudo, de ordem cultural em relação a esse Outro; nesse caso, o haitiano.

Dessa forma, avalizando a assertiva de Woodward (2009, p. 41), de que “as formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são

cruciais para compreender as identidades”, depreende-se que, enquanto Price-Mars volta-se para a África para tentar estabelecer os cânones identitários do povo haitiano, valorizando determinados aspectos da cultura haitiana, por exemplo, o vodu e o creole, traços distintivos da negritude, os dominicanos, capitaneados por Trujillo e seus sequazes ideólogos, Peña Batlle e Balaguer, renegam as raízes africanas do povo dominicano, voltam-se para a Europa e, contrapondo-se ao modelo haitiano, buscam afirmar-se como um povo hispânico – dentro do possível, não-negro – e cristão.

A cultura haitiana, sobretudo no que diz respeito às manifestações elencadas anteriormente (a negritude, o vodu, e ao creole), passa a constituir, quando apropriada pelos discursos midiáticos anti-haitianistas, um dos principais instrumentos de denegação de suas identidades. Cabe assinalar que a cultura é percebida aqui como um espaço simbólico compartilhado; como um espaço no qual nos reconhecemos e, ao mesmo tempo, nos distanciamos do Outro. Na perspectiva apontada por Sidekun (2006, p. 52), com a qual nos alinhamos, a cultura é apresentada como “[...] portadora de uma forma de concepção da dominância sobre outros grupos humanos [...] na fundamentação ideológica sobre outros seres humanos”. Trata-se, portanto, de perceber a cultura como um meio, e não como um fim; o terreno onde, de acordo com Fanon (1968, p. 33), se trava um “combate de retaguarda”, onde o “Um” se afirma a partir da negação, da inferiorização e do achincalhamento daquilo que constitui o “Outro”.

O conceito de denegação nos parece pertinente, nesse aspecto, tendo em vista que tais identidades, na perspectiva que aqui privilegiamos, especialmente neste momento do trabalho, não se estruturam – na grande maioria dos casos – de forma positiva, ou seja, não se constituem – majoritariamente – a partir de uma urdidura própria, interna, sendo estruturada, em grande medida, a partir do estabelecimento e do reforço de diferenças históricas, raciais e culturais, conformando-se principalmente a partir da ação de determinado discurso, de lucubrações ideológicas exógenas – anti-haitianistas –, decorrentes das relações que o haitiano mantém com o “Outro” – dominicano ou não. A denegação, segundo Karnal (2000, p. 91), em um breve artigo no qual busca discutir a relação Brasil/América Latina, não “significaria apenas, como diz o dicionário, negar a verdade, mas, através do silêncio e da afirmação contrária, destacar a importância do tema.” Atestando e ampliando a assertiva de Karnal (2000), Fabiana Fredrigo (2003) apresenta seu posicionamento acerca do conceito referido:

Denegar não é apenas recusar, negar ou não aceitar. Denegar pode significar também desmentir, contradizer [...] usando a imagem do outro para construir a sua própria imagem e definir identitariamente o que não [se quer] ser [...] a construção de identidades depende de uma relação na qual a alteridade deve colocar-se como componente [...] é inevitável à construção das identidades a demarcação de fronteiras e, portanto, a figura do outro é estabelecida a partir do eu que exclui [...] O problema aparece quando se observa que o outro eleito não é qualquer outro: ele é algo que se rejeita porque foi escolhido para ser rejeitado, e só pôde ser escolhido por conta do conhecimento que se tinha dele. (FREDRIGO, 2003, p. 90)

Nessa perspectiva e ratificando as considerações de Fredrigo (2003), o haitiano não é, ao que parece, “qualquer outro”, é o “bárbaro produzido”, pois fora transformado, ao longo de sua história, pela ação desses discursos e dessa ideologia, segundo Hurbon (1993, p. 11), no “guia dos povos dominados” e no “primeiro desafio apresentado ao ocidente”. Sobre e a partir desse sujeito, de sua história, produz-se um conhecimento, uma ideologia e um discurso bastante peculiares, que buscam apresentá-lo como um tipo bestial, inferior, incapaz, o contraponto da civilização ocidental. O “ser haitiano” constitui, dessa forma, aquele “oposto assimétrico”<sup>226</sup> – desse “Outro” – branco, ocidental, civilizado, cristão –, uma vez que passa a figurar e a ser percebido, de forma recorrente, como, desigual, privado e espoliado, sobretudo pelos dominicanos. Nesse sentido, de acordo com Gates Jr. (2014, p. 198), ser “dominicano passou a significar, cada vez mais, ‘não ser haitiano’”, de forma que, ainda de acordo com o autor, “[...] os dominicanos praticamente rejeitaram tudo o que se relacionava com seu vizinho [...] a cultura do Haiti, sua língua, suas ideias...” (GATES, JR., 2014, p. 198).

Dessa maneira, com o intuito de reforçar nossas hipóteses, ao longo deste último capítulo estaremos empenhados em evidenciar que, para além das

---

<sup>226</sup> Segundo Koselleck (2006, p. 191-193), “As denominações que as pessoas empregam para si próprias e para os outros fazem parte do dia-a-dia de cada um. Nelas se expressam a identidade da pessoa e suas relações com os outros [...] há uma diferença se, ao se designar as funções, se fala de ‘empregador’ e de ‘empregado’, ou se o primeiro é chamado de ‘explorador’ e o outro de ‘material humano’ [...] Em um caso as palavras implicam reconhecimento mútuo; no outro introduz-se nas designações um significado depreciativo, de modo que o parceiro pode considerar-se mencionado ou chamado, mas não reconhecido. Tais atributos que só podem ser usados em uma direção, e que na direção contrária são diferentes, serão aqui chamados de ‘assimétricos’ [...] Assim, a história reconhece numerosos conceitos opostos que são aplicados de um modo que o reconhecimento mútuo fica excluído. Do conceito utilizado para si próprio decorre a denominação usada para o outro, que para este outro equivale linguisticamente a uma privação, mas que, na realidade, pode ser equiparado a uma espoliação. Trata-se, nesse caso, de conceitos opostos assimétricos. Seu oposto é contrário, porém, de maneira desigual.”

influências históricas/políticas e raciais, consideramos que as identidades haitianas são conformadas, também – e em grande parte – por meio dessa secular denegação cultural, ou seja, da rejeição, conforme Gates Jr (2014), de determinados aspectos de sua cultura (religião, língua, ideias...) e, sobretudo, de certo “conhecimento” produzido acerca desse sujeito e dessas manifestações culturais ao longo dos últimos dois ou três séculos. Este “conhecimento” – materializado, neste caso, nos discursos e na ideologia anti-haitianistas –, não “precisamente empírico”, estabelecido a partir de “imagens pré-concebidas” – não fazendo jus, portanto, “à experiência social” – e de “informações esparsas ou abundantes”, seria – e continua sendo, como demonstram os discursos extraídos de nossas fontes midiáticas – “filtrado para ser traduzido conforme conviesse ao eu em sua construção identitária”. (FREDRIGO, 2003, p. 91). Parece ser o caso, sobretudo se temos em conta as relações que se desenvolvem entre haitianos e dominicanos, entre a haitianidade e a dominicanidade, estabelecidas a partir da contraposição de elementos que figuram como definidores das identidades que têm lugar, tanto de um lado quanto do outro da ilha de Espanhola.

### **5.1. Manifestações culturais haitianas: arcabouço de identidade e de denegação**

Acreditamos, por tudo o que foi apresentado até o presente momento, que podemos nos arriscar a aceitar a ideia da presença/ação de determinada ideologia – anti-haitianista – em certos discursos que buscam representar o sujeito haitiano. Considerando essa hipótese, poderíamos nos arriscar a afirmar, também, que não se trata de algo novo, pois os discursos que dão suporte a tal ideologia – que é em sua essência, anti-negra – remontam ao período colonial, ou seja, desenvolvem-se a partir das conturbadas relações entre a colônia francesa de *Saint-Domingue* e a colônia espanhola de Santo Domingo, antecedendo, todavia, à criação do próprio Estado haitiano, no início do século XIX. Não constitui novidade, do mesmo modo, o fato de que essa ideologia se constrói ou se estrutura, se não no todo, em grande parte, a partir da produção e da disseminação dessa discursividade acerca de determinadas questões de cunho histórico/político, racial/racista e cultural do povo haitiano. Segundo nossas hipóteses, tal ideologia acaba sendo apropriada ou

retomada pelos discursos midiáticos contemporâneos – dos quais os artigos e reportagens dos jornais aqui utilizados constituem, tão somente, uma pequena amostra – dando ensejo a certa tradição de identidade, forjada, sobretudo, a partir de uma representação negativa e depreciativa do povo haitiano.

Em que pese a inegável importância e influência dos aspectos históricos, políticos e raciais na elaboração dessa discursividade ou ideologia, e, por conseguinte na perpetuação dessa tradição de identidade, não poderíamos deixar de evidenciar, também, a relevância das manifestações culturais, sobretudo daquelas de matriz africana, historicamente contestadas e rejeitadas pelos pretensos herdeiros e representantes da cultura ocidental. Assim, ao serem apresentados ao mundo por Dessalines como a primeira República Negra da história – num momento em que o negro e sua cultura constituíam quase que um contraponto à “humanidade” e à civilização – e, mais tarde, ao serem proclamados por Jean Price-Mars como herdeiros e guardiões de um conjunto de costumes e tradições africanas no Caribe, o Haiti e os haitianos passam a ser alvo de todos os estigmas e estereótipos anteriormente reservados e dirigidos à África e aos africanos.

A cultura tem, dessa forma, um lugar central na elaboração da ideologia anti-haitianista e, conseqüentemente, das representações e de tais identidades haitianas, o que pode ser percebido, por exemplo, na importância que, a todo tempo, os “detratores” haitianos conferiram às questões relacionadas à sua negritude, de onde se destacam o vodu e o creole. Nesse caminho, Gratereaux (*Hoy Digital*, 17/01/2010, n. p.), reafirmando o papel da cultura na construção dessas identidades, afirma que

*[...] lo que define la identidad de los pueblos no es su raza [...] Las líneas básicas que definen sus respectivas “identidades persistentes” son las marcas de su cultura. En la cultura está la clave de la identidad y del comportamiento, no en la raza. Lengua, religión, historia, costumbres, son ingredientes del limo cultural sobre el que florece la identidad: el carácter específico de cada pueblo [...] Ningún pueblo puede divorciarse de su pasado, de las peripecias – desgraciadas o felices – que forman el conjunto de su “vividura” [...] la identidad de los haitianos descansa sobre tres pilares: la lengua creole, las prácticas de vodu, la afirmación constante de la negritud.*

A cultura emerge, então, de acordo com o enunciado de Gratereaux (2010), como elemento chave da identidade, revelando, dentre outras coisas, um

ponto de vista que parece prevalecer entre os articulistas dominicanos. Assim, no decorrer desse capítulo, não será raro verificar – aos moldes do exposto, por exemplo, nos escritos de Spenser (1889), de Peña Batlle (1954) e de Balaguer (1993) –, tais manifestações culturais surgirem como uma pretensa explicação ou justificativa para toda sorte de problemas e adversidades enfrentadas pelo povo haitiano ao longo de sua história. Desse modo, numa perspectiva anti-haitianista, essa ênfase no cultural se dá, quase que em sua totalidade, por meio da espetacularização e/ou do menoscabo a esses traços culturais, sendo a negritude apresentada como um atavismo fatalista e inextirpável; o vodu, quase sempre, como uma seita macabra e antropofágica, ou como simples atos de “bruxaria” ou “feitiçaria”, e o creole como um “dialeto” ou um *patois* rude e primitivo.

Em referência à negritude – considerada por alguns como um dos pilares de determinada identidade haitiana –, verifica-se nos artigos/reportagens utilizados, de maneira bastante tímida, uma perspectiva que busca enaltecer os valores, os hábitos e os costumes da cultura negra, apresentando-a como uma espécie de cimento sociocultural que confere certa organicidade ao povo haitiano, colocando-o como legítimo herdeiro e representante da cultura negra/africana no Caribe e/ou, quiçá, nas Américas, o que confirma a perspectiva apresentada por Rosa (2004, p. 6) de que, no Haiti, “a ideia de povo, a partir da Revolução de 1791, encontra no valor da negritude seu *devoir* mais explícito” (grifo da autora). Nesse sentido, devem ser ressaltadas as considerações feitas por um editorial do *Hoy Digital* (14/04/2004, n. p.) de que “*A nadie puede escapársele que Haití, con todo su atraso económico, tiene una cultura sólida en sus circunstancias específicas*”, ou que os haitianos são “[...] *una fuerza compacta, orgullosa de su negritud y su cultura africana*” (HOY DIGITAL, 11/06/2004, n. p.). Ainda de acordo com essa perspectiva, o escritor e jornalista Michael Deibert afirma, em entrevista concedida a Montealegre (*Alter Presse*, 29/03/2007, n. p.), que “*Los haitianos son gente maravillosa y muy decente. Es una cultura fantásticamente creativa, vibrante y resistente*”.<sup>227</sup>

Ocorre, no entanto, que esse orgulho exacerbado acaba se constituindo, de certa maneira, em um empecilho, que restringe ou dificulta suas relações com o “Outro”, uma vez que passa a ser percebida, também, por determinados grupos, como um “racismo inverso”, por meio do qual o haitiano discrimina e rechaça o não-negro e sua

---

<sup>227</sup> Sang Ben (*Hoy Digital*, 13/08/2012, n. p.) afirma que, ao lado de uma das histórias mais complexas e difíceis da América Latina, a cultura haitiana é “[...] *también considerada una de las más ricas de la región*”. Uma cultura rica e forte teria dado, assim, ensejo a uma identidade altiva, resistente, acima de tudo, resiliente.

cultura. É nesse sentido que Gratereaux (*Hoy Digital*, 13/05/2014, n. p.) afirma que “*Los haitianos son el pueblo más racista de todas las Antillas. La negritud es la primera columna de su identidad [...] En Haití la palabra ‘blanco’ es sinónimo de ‘extranjero’*”. A negritude, sob esse ângulo, longe de representar apenas um “vínculo cultural compartilhado por africanos negros e seus descendentes”, conforme Santana (2003, p. 36), passa a ser apresentada como um elemento que, se desde os primeiros momentos promoveu uma aliança entre o povo haitiano, também acabou contribuindo para seu isolamento regional e/ou continental, pois em sua afirmação da negritude, os “*viejos etnólogos*” – Jean Price-Mars, Francois Duvalier e Rene Depestre –, de acordo com Gratereaux (*Hoy Digital*, 26/02/2014, n. p.) “[...] *contribuyeron, tal vez sin quererlo, a que el pueblo haitiano se sintiera una ‘comunidad de exiliados’ del África, y no como una ‘procreación nueva’ de criollos negros americanos*”. Atualmente, ainda segundo Gratereaux (*Hoy Digital*, 26/02/2014, n. p.), “*la negritud exacerbada podría parecer una variante inesperada de ‘aislacionismo’*”.

Reforça-se, assim, outra perspectiva, mais amplamente disseminada – que também constituiu tema do capítulo anterior –, que consiste no estabelecimento de determinadas associações, de cunho ideológico-racista, que procuram apresentar o haitiano como um ser bárbaro, primitivo, inferior e incapaz, em função, especialmente, de suas raízes biológicas e culturais africanas. Nesse entendimento, a África é representada, ainda hoje – a partir de uma discursividade que busca se afirmar nas semelhanças fenotípicas e morfológicas e/ou nos rótulos e estereótipos seculares que lhes acompanham – como um bloco monolítico, homogeneizado, a despeito dos avanços realizados nos estudos históricos, sociológicos e antropológicos, desenvolvidos a partir de meados do século passado, e da enorme diversidade étnica e cultural prevalecente.

O creole, que também constitui um dos traços culturais haitianos mais evidenciados, é apresentado, sobretudo por determinados grupos anti-haitianistas dominicanos – mas não só por eles – como um dialeto ou como um “*patois*”<sup>228</sup> rude e primitivo. Este tem sido, de acordo com Nadal (*Hoy Digital*, 12/12/2004, n. p.), “[...] *el idioma del pueblo analfabeto, casi el 90%, y de los sirvientes*”, uma vez que “*Las élites intelectuales, económicas, sociales y políticas hablan y piensan en francés.*” Em função de

---

<sup>228</sup> Forma pejorativa que determinados grupos de dominicanos costumam se referir ao creole. Patoá, segundo consta no dicionário PRIBERAM, é uma linguagem usada por determinado grupo, numa região restrita, geralmente incompreensível para quem não pertence ao grupo. Disponível em: < <http://www.priberam.pt/DLPO/pato%C3%A1> > Acesso em: 25/01/2016.

sua ampla disseminação pelas “hordas” de haitianos que aos poucos “invadem”, pacificamente, o país, o creole figura, também, como uma das ameaças potenciais às identidades dominicanas, em especial ao idioma espanhol, orgulhosamente apresentado pelos dominicanos como uma das mais destacadas heranças culturais hispânicas. Assim, segundo Iturbides (*Hoy Digital*, 31/08/2005, n. p.), “*Del haitiano nos separa el idioma. Esta es la primera gran barrera establecida entre los dos pueblos. Sin embargo, siendo la primera no es la única ni la última.*”

Morillo (*Hoy Digital*, 30/08/2007, n. p.), numa posição destoante, afirma não compreender “*por qué ese temor o ese odio*” acrescentando que “*lo más lógico sería que los dominicanos conociéramos su idioma, para saber cómo piensan y cómo actúan*”. Tal posição repercute a ponto de o embaixador Radhamés Batista, presidente do *Consejo Nacional de Fronteras*, contestar – conforme transcrição de Morillo (2007) – que o creole

*[...] no es un idioma, ni tampoco tiene gramática lo que le resulta un impedimento para quienes lo hablan de poder encajarse con éxito en el mundo, ya que, solamente ellos hablan ese dialecto [...] la penetración cultural de que somos víctimas [...] es una amenaza real a nuestra identidad, porque usted mejor que yo sabe que lengua es identidad. (BATISTA apud MORILLO, Hoy Digital, 01/09/2007, n. p.)*

A fala atribuída a Radhamés Batista constitui uma visão dominante entre determinados grupos e deixa entrever uma questão bastante recorrente, que costuma orientar e caracterizar os discursos das alas mais conservadoras dominicanas sobre os haitianos: trata-se da ameaça haitiana. A penetração cultural operada por meio do creole – aos moldes do que ocorre com a negritude e com o vodu –, é apresentada por esses setores como uma ameaça potencial às identidades dominicanas. Trata-se de uma clara manifestação do anti-haitianismo balaguerista. Em outro artigo de Morillo (2007) há, também, uma fala atribuída à haitiana Jeanmarie Louis – segundo o próprio autor, muito importante e digna de ser compartilhada –, na qual é possível analisar o que seria uma resposta à crítica do Embaixador Radhamés Batista – citada anteriormente – e, ao mesmo tempo, uma defesa do creole:

*El creole no es un dialecto [...] hay 14 países del mundo que hablan creole [...] en Haití el creole ha avanzado mucho desde los años 60 [...] este idioma se enseña en nuestras escuelas primaria y secundaria, lo que significa que tiene reglas gramaticales, diccionario, libros de texto, principios, etc [...] en nuestra Constitución hay un artículo que dice que el creole y el francés son dos idiomas oficiales del pueblo haitiano [...] hay un grupo lingüístico haitiano que está trabajando para instalar una Academia de la Lengua Creole [...] se enseña creole en varias universidades de Estados Unidos y aquí en la República Dominicana se enseña en la universidad del Estado [...] El creole es un idioma reconocido por varias instituciones del mundo, como la ONU y la Academia de la Lengua Francesa. (LOUIS apud MORILLO, Hoy Digital, 05/09/2007, n. p.)*

Mas se a negritude e o creole despertam a atenção, sendo alvo de considerações e críticas por parte de determinados grupos anti-haitianistas, sobretudo daqueles mais aguerridos e combativos, foi em relação ao vodu que esses discursos e essas críticas se tornaram ainda mais exasperados. A centralidade que lhe é conferida certamente está ligada ao papel histórico e político que lhe foi atribuído desde a fundação do Estado haitiano, tanto interna quanto externamente. O vodu figura, desde os discursos fundantes da nação haitiana, como um elemento de coesão, que fora capaz, num primeiro momento, de congregar e organizar os escravos de *Saint-Domingue* em torno de um objetivo comum, tornando-se assim, segundo Santana (2003, p. 66), “[...] condição essencial do êxito do processo revolucionário”.

No entanto, se há, nesse tocante, um discurso que busca apresentar o vodu de forma mais positiva, alinhando-se com a perspectiva de Santana (2003), existe uma outra tendência, mais amplamente difundida, que busca apresentar o vodu a partir de uma perspectiva negativa e depreciativa – que prevalece –, caracterizando-o, de maneira geral, como um culto obscuro e diabólico. Um bom exemplo dessa perspectiva pode ser buscado no depoimento dado pelo reverendo estadunidense Pat Robertson à CNN, um dia após o terremoto de 2012 – transcrito por Galeano – em que o religioso afirma que “[...] *los negros haitianos habían conquistado la independencia de Francia a partir de una ceremonia vudú, invocando la ayuda de El Diabolo desde lo hondo de la selva haitiana*”. (ROBERTSON apud GALEANO, *Alter Presse*, 30/09/2011, n. p.). É possível perceber que, para além da condenação do vodu, há uma afirmação explícita – e que é apresentada de forma recorrente em discursos dessa natureza – da incapacidade dos negros haitianos de, por si, conquistarem sua independência. A admissibilidade dessa proposição e o fato de ser difundida em um dos

maiores veículos midiáticos dos Estados Unidos demonstra, dentre outras coisas, o papel desempenhado pelo vodu na espetacularização do caso haitiano e na disseminação do anti-haitianismo.

Mas sua atuação e sua influência não estão restritas apenas aos alvares do Estado haitiano. O vodu seguirá exercendo papel – direta ou indiretamente – destacado ao longo de toda a história do Haiti. Existe, a todo tempo, um embate entre aqueles que o praticam, aqueles que dele se utilizam – como instrumento de dominação ou de promoção de interesses escusos – e aqueles que buscam erradicá-lo. Sua relevância pode ser inferida, por exemplo, na atenção que lhe foi conferida, tanto internamente, por parte dos governantes haitianos<sup>229</sup>, fosse em sua defesa ou em seu repúdio, quanto por parte dos intelectuais, em especial Jean Price-Mars, ou externamente, por parte aqueles que Léger (1907) classificou como “detratores” do povo haitiano, em especial Spenser (1889), que dedica considerável parte de seus esforços, conforme assinalado no segundo capítulo de nosso trabalho, para tentar demonstrar que o vodu representaria, antes de qualquer coisa, o símbolo maior da barbárie, da ignorância e da supersticiosidade atribuída ao povo haitiano. Assim, o vodu passa a figurar como um importante referencial cultural para se pensar a formação e a construção das representações e das identidades haitianas, sendo percebido e apresentado como parte da gênese do povo haitiano, pois, em consonância com as palavras de Galván (*Alter Presse*, 16/07/2010, n. p.), tem-se que:

*La cultura Vudú es parte consustancial de la historia de resistencia y de liberación del pueblo haitiano. Sus tradiciones y cultura se conjugan con la política y las transformaciones sociales. Ningún hecho histórico o político en Haití ha estado al margen de esa cosmovisión.*

---

<sup>229</sup> É conhecida a ojeriza demonstrada por alguns governantes haitianos com relação ao vodu, dentre os quais podemos destacar os próceres da Revolução, Toussaint e Dessalines, bem como a sua utilização e emprego como instrumento ideológico a serviço do poder, como, por exemplo, durante a ditadura dos Duvalier (1957 a 1986), sobretudo em seus primeiros anos. Há, também, um combate sistematizado e institucionalizado, como, por exemplo, a “Campanha Anti-supersticiosa”, levada a cabo durante a presidência de Élie Lescot, no período de 1941 a 1942, que tinha como objetivo, segundo Pierre-Charles (1990, p. 190), “erradicar as práticas religiosas de ordem africana – o vodu – da mente do povo mediante o auto-de-fé, a destruição e o incêndio dos templos, altares e objetos de culto, a perseguição e a execração dos crentes”. Cabe acrescentar, ainda, que, para além dessa “Campanha” institucionalizada houve, a todo tempo, um combate empreendido por parte da Igreja Católica com vistas a extirpar sua prática entre os haitianos.

A “cultura do vodu”, conforme afirma Galván (2010), penetra profundamente no corpo social haitiano, não fazendo distinção de classe, sendo praticado tanto pelos pobres camponeses, que habitam os recônditos do interior do país, quanto pelos representantes mais abastados das elites políticas, econômicas e intelectuais de Porto Príncipe, sendo possível ouvir seus tambores em Pétion-Ville<sup>230</sup> ou nos arredores do antigo Palácio Nacional. O combate secular que lhe é empreendido, seja por parte de determinados governantes ou por parte da Igreja católica, não se limita à “destruição e o incêndio dos templos, altares e objetos de culto, ou à perseguição e a execração dos crentes”, conforme afirmou Pierre-Charles (1990, p. 190). Há, para além desses esforços “mais aparentes”, um empenho sistemático e secular – e nesse tocante a obra *Hayti or the Black Republic* (1889) constitui um marco – no sentido de demonizá-lo, de torná-lo um símbolo da degradação e da barbárie haitiana, transformando-o na maior evidência do atavismo e dos mais profundos instintos tribais africanos, de maneira que, de acordo com Vicioso (*El Nacional*, 11/07/2011, n. p.) “[..] *la imagen que se proyecta de Haití en el exterior es la de la miseria extrema y el supuesto oscurantismo del Voodoo.*”

O vodu passa a figurar, assim, ora como causa, ora como consequência de grande parte dos infortúnios que acometem o povo haitiano, fazendo com que as condicionantes históricas e políticas fiquem, como de costume, em segundo plano. Nesse sentido, atestando a perspectiva indicada por Vicioso (2011), Freedman (*The New York Times*, 19/02/2010, n. p.) afirma que mesmo artigos, broadcasts e blogs “supostamente mais informados”, “*depicted voodoo as the source of Haiti’s poverty and political instability – not because of divine punishment [...] but because voodoo supposedly is fatalistic and primitive by nature.*”<sup>231</sup> Prosseguindo, no mesmo artigo, outra declaração de Freedman (2010) faz ressurgir uma das questões norteadoras do livro *Haiti, her history and her detractors*, de Léger (1907), relacionada com o desconhecimento e a espetacularização de certos aspectos da cultura haitiana por parte do povo estadunidense. Segundo Freedman (2010),

*[...] the dismissive attitude about voodoo follows a tawdry history of misrepresentation in American journalism and popular culture [...]*

---

<sup>230</sup> Bairro localizado na parte alta da região oeste de Porto Príncipe. Constitui um contraste com grande parte da realidade da cidade e do país, abrigando luxuosas mansões e clubes, onde reside grande parte das camadas mais abastadas da população.

<sup>231</sup> “descrevem o vodu como a fonte da pobreza e da instabilidade política haitianas - não por causa de uma punição divina [...] mas porque o vodu supostamente é fatalista e primitivo por natureza.” (Tradução nossa)

*The occupation of Haiti by American military forces from 1915 until 1934 introduced a cartoonish version of voodoo enduringly into pop culture. The 1929 book “Magic Island,” by a Briton, W. B. Seabrook, became a best seller in the United States. While Mr. Seabrook was arguably enlightened for his time, the commercial success of his book inspired an array of B-movies in the 1930s and 1940s, like “White Zombie.” The resulting image of voodoo as sinister sorcery has, amazingly enough, survived into the present multicultural age.*<sup>232</sup> (FREEDMAN, *The New York Times*, 19/02/2010, n. p.)

Na República Dominicana, as perspectivas acerca do vodu vão do respeito – que pode ser traduzido como um certo temor – ao menoscabo e ao deboche. O vodu é visto ora como uma manifestação cultural legítima e determinante na conformação das identidades haitianas, ora com desdém, sendo apresentado como um simulacro ou um embuste exótico e apelativo utilizado por determinados grupos de haitianos para atrair a atenção daqueles que, por motivos diversos, têm contato a sua cultura. Segundo Castellanos (*Hoy Digital*, 08/12/07, n. p.), “[...] el “vudú” [...] se ha convertido en una atracción turística para personas con estómagos de acero”.<sup>233</sup>

Por este caminho, o vodu, e não só ele, mas grande parte da cultura haitiana, segue sendo achincalhada e depreciada – tal qual ocorre com relação à negritude a ao creole –, sendo apresentada, quase sempre, como algo primitivo e bárbaro, relacionada, também, com problemas de ordem política e econômica que possuem outra origem. Segundo Galeano (*Alter Presse*, 30/09/2011, n. p.), “Desde el punto de vista de los propietarios de la Civilización, el vudú es cosa de negros, ignorancia, atraso, pura superstición.” Nessa perspectiva, essas manifestações culturais, longe de refletirem uma cultura pujante, opulenta e singular, são tomadas, por aqueles que Galeano (2011) denomina “propietários de la Civilización”, como desvarios desses “negros ignorantes, atrasados e supersticiosos” e como demonstração da suposta incapacidade e/ou inferioridade que se lhes atribui. Esse rechaço, sobretudo com relação ao vodu e ao creole, constitui, ao lado da

---

<sup>232</sup> “[...] a atitude de desprezo sobre vodu segue uma indecorosa história de distorções no jornalismo americano e na cultura popular. A ocupação do Haiti pelas forças militares estadunidenses de 1915 a 1934 introduziram uma versão caricatural e duradoura do vodu na cultura popular. O livro ‘*Magic Island*’ (1929), de Briton, W. B. Seabrook, tornou-se um *best seller* nos Estados Unidos. Enquanto Seabrook foi defensavelmente iluminado no período, o sucesso comercial de seu livro inspirou uma série de filmes-B nas décadas de 1930 e 1940, como ‘*White Zombie*’. A imagem do vodu como uma sinistra feitiçaria tem, surpreendentemente, sobrevivido no presente período multicultural.” (Tradução nossa)

<sup>233</sup> Em outro artigo, Castellanos (*Hoy Digital*, 17/05/08, n. p.) afirma, uma vez mais, que “[...] el “vudú, rito pagano haitiano, es casi un elemento turístico [...] Yo, personalmente, he asistido a varias sesiones de “vudú” y cada vez que pienso en ellos se me ponen los pelos de punta.”

negritude, segundo Guerrero (*El Nacional*, 27/11/2013, n. p.), “[...] *los dos rasgos culturales que más identifican al pueblo haitiano, pero también los que más han contribuido a mantener su aislamiento regional*”.

Há aí um fundo de verdade, pois essas práticas não encontram guarida, de forma conjunta, em nenhuma outra nação do Caribe ou das Américas. Dessa forma, para além das questões de ordem histórica – segundo as quais, de acordo com Conde (*El Nacional*, 16/01/2010, n. p.), pesa sobre o Haiti uma “*Maldición Imperial*”, uma vez que “*Los imperios coloniales y el imperialismo moderno nunca le perdonaron al pueblo haitiano el hecho de haber fundado la primera república independiente de nuestra América*” – e daquelas de ordem racial/racista – por onde o haitiano surge caricaturado nos meios de comunicação, de acordo com Edwin Paraison, no editorial do *Alter Presse* (16/12/2004, n. p.), como “[...] *"tonto", "negro" "inferior" y "picador de cana"* – recai sobre o haitiano esse rechaço cultural, pois, de acordo com Garcia (*Hoy Digital*, 14/04/2004, n. p.),

*[...] el vudú, además de la lengua Creole no compartida por ninguna otra nación del mundo, así como el culto a la negritud enarbolado por la teoría indigenista de Jean Price Mars que rechaza las demás razas, – y debido a la cual hasta los años 1950 ninguna persona que no fuera negra podía adquirir propiedad privada alguna en Haití –, todo ello ha contribuido a la formación de unos valores autóctonos inseparables de la identidad haitiana y no compatibles con la cultura latino-americana, de la cual la República Dominicana es representativa.*

Se é certo, portanto, conforme afirmou Gratereaux (*Hoy Digital*, 17/01/2010, n. p.), que “[...] *lo que define la identidad de los pueblos [...] son las marcas de su cultura*” e que “*En la cultura está la clave de la identidad*”, podemos arriscar inferir, então, que a repulsa evidenciada em relação aos principais traços culturais do povo haitiano constitui, e em última instância, o arcabouço da denegação das identidades haitianas contemporâneas, sobretudo por parte dos dominicanos. Diferentemente das questões de ordem racial – que, a depender da forma como são colocadas em debate, recepcionadas ou rejeitadas, acabam dando ensejo a determinadas manifestações de cunho racista e a intervenções estatais e institucionais, que constroem e coagem os supostos agressores por meio de leis e estatutos

jurídicos<sup>234</sup> –, no âmbito das relações culturais, não existe um ordenamento jurídico capaz de constranger aqueles que não compartilham ou simpatizam com determinadas manifestações culturais de outro grupo qualquer, exceto, logicamente, quando o desrespeito e/ou a intolerância acabam culminando em enfrentamentos ou conflitos que atentem contra a vida.

Dessa forma, se o dominicano – ultraconservador e/ou anti-haitianista – se vê, de certa forma, constrangido<sup>235</sup> a tolerar o imigrante haitiano por questões raciais, isso não ocorre no campo cultural. No domínio da cultura, em lugar da coerção jurídica, prevalecem, quando muito, o respeito e a tolerância. O estranhamento ou a explicitação e o reforço das diferenças em relação a determinados aspectos de uma outra cultura, como no caso dominico-haitiano, não configura, na grande maioria das vezes, como no caso das questões raciais, preconceito ou discriminação. Esse estranhamento e a afirmação das diferenças culturais constituem, dessa forma, em sentido oposto, princípios de afirmação identitária.

Talvez seja essa uma das possíveis explicações para o rechaço demonstrado por parte de determinados grupos de dominicanos – e não só deles – aos elementos mais expressivos da cultura haitiana, como a negritude, o creole e o vodu, dentre outros, pois é no domínio da cultura que as diferenças afloram de maneira mais pronunciada. Nesse espaço, a denegação é parte do jogo, pois o que se nega – ou denega – é, num aparente paradoxo, parte do que se quer afirmar. Vejamos, então, em nosso penúltimo tópico, a forma pela qual determinados discursos sobre a cultura haitiana – veiculados principalmente a partir das mídias dominicanas –, estruturados a partir da retomada e da apropriação de um conjunto de ideias e representações seculares, em geral negativas e depreciativas – que buscam apresentar o Haiti e o haitiano como os opostos assimétricos da civilização – acabam influenciando na conformação das identidades haitianas contemporâneas.

---

<sup>234</sup> Um exemplo é o caso de *Dilcia Yean e Violeta Bosico*, relatado no capítulo anterior, quando a República Dominicana foi condenada pela Corte Interamericana de Direitos Humanos a pagar uma multa/indenização de 22 mil dólares por racismo, decorrente do não reconhecimento da cidadania dominicana das duas jovens pelo governo dominicano, em função, principalmente, de sua ascendência haitiana. Para saber mais, ver Inter-American Court of Human Rights Case of the Girls Yean and Bosico v. Dominican Republic. Disponível em: < [http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec\\_130\\_%20ing.pdf](http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_130_%20ing.pdf) >. Acesso em: 28 jan. 2015.

<sup>235</sup> Não só por razões jurídicas e legais, mas também em função de suas próprias raízes étnico-raciais, que fazem com que, de acordo com Messina (*Hoy Digital*, 14/04/2007, n. p.), todos os dominicanos tenham “*el negro detrás de la oreja*”, aproximando-o, portanto, do negro haitiano.

## 5.2. Haiti, “*trocito africano en el Caribe*”. A cultura como representação da diferença

O Haiti tem figurado, nos discursos que buscam representá-lo, sobretudo quando colocado em perspectiva com os demais países caribenhos ou americanos como um país exótico e excêntrico, sobretudo quando considerado do ponto de vista de suas raízes culturais, ao aparecer, de acordo com o editorial do *Hoy Digital* (06/03/2004, n. p.), “[...] *como un trocito africano en el Caribe*”. Nem americano, nem caribenho, tão pouco africano, mas, ao mesmo tempo, um pouco de tudo isso, o haitiano parece se situar num “entre-lugar” – racial, institucional, geopolítico – entre a África e as Américas, atraindo para si todos os tipos de discriminações e preconceitos que esses dois espaços comportam.<sup>236</sup>

Suas representações e, por conseguinte, suas identidades, são conformadas, em grande medida, a partir desse estranhamento, sendo pensadas ou construídas, “na articulação de diferenças culturais” ou nos “excedentes da soma das ‘partes’ da diferença”, conforme Bhabha (1998, p. 20). As identidades modernas haitianas emergem, em grande medida, portanto, do não reconhecimento do Outro, da cultura outra, da negação do espaço reivindicado, da crise que se estabelece nesse embate entre determinada tradição e o novo, entre o “Um” e o “Outro”, ou entre “*Ellos*” e “*Nosotros mismos*”, conforme afirmou Van Dijk (2007, p. 11), seja ele o dominicano, o estadunidense, o caribenho ou o latino-americano. Se nos campos político e econômico, o Estado haitiano encontrou – e ainda encontra – grandes dificuldades para se afirmar como uma nação independente, contando com a indiferença de grande parte das colônias/nações europeias ou americanas, no campo cultural podemos dizer que, ainda hoje, prevalecem, em muitos casos, se não a recusa, certamente o descaso e o desprezo.

Se o reconhecimento de sua independência político-administrativa advém, ainda que tardiamente e sob condições nem sempre louváveis – como no caso da indenização à França feita por Boyer pelo reconhecimento de sua independência –, culturalmente, o Haiti continuará renegado, tanto mais no que diz respeito às manifestações

---

<sup>236</sup> Nesse sentido, de acordo com Garcia (*Hoy Digital*, 20/07/2004, n. p.), “*Lo que une a los haitianos y los identifica como nación son sus costumbres y creencias, el vudú [...] y otras prácticas espiritistas, su creole que solo ellos entienden, y el culto a la negritud [...] que pregona el culto a lo puramente negro y africano.*”

culturais de matriz africana. Se as questões de ordem histórica, política e racial já contribuem, em maior ou menor medida, para o alheamento do Haiti do conjunto dos países caribenhos ou latino-americanos, ainda que não se possa falar em uma unidade destes, no que diz respeito à cultura haverá uma quase que completa disrupção. Outrossim, o Haiti passa a ser visto como “*un proyecto de nación no viable*”, conforme Garcia (*Hoy Digital*, 20/07/2004, n. p.). As causas, segundo este autor, são muitas, mas

*sin duda la principal ha sido el aislamiento de esa nación del resto de la comunidad de naciones latinoamericanas, como **consecuencia de hechos históricos extraordinarios que resultaron en la formación de una sociedad atípica comparadas con las del resto del hemisferio occidental, que son diametralmente opuestas a Haití en cultura, creencias, idioma, religión e intereses comunes.*** (grifo nosso)

A história e a cultura concorrem para que o Haiti seja percebido como uma sociedade “atípica”, e até certo ponto “inviável” – de acordo com Garcia (2004) – no “hemisfério ocidental”. O haitiano, cujas identidades descansam sobre esse aparato histórico e cultural, passa a ser representado, por conseguinte, como uma excrescência, pois, ainda que algumas das principais manifestações culturais haitianas possam ser compartilhadas por determinados países dessas regiões, não há, tal qual no caso haitiano, uma apropriação unívoca de todos esses elementos de cultura, crença, idioma e religião, e, tão pouco, um projeto identitário forjado sobre essa base. Não se verifica, também, um caso que se aproxime do haitiano no que tange às singularidades históricas e geopolíticas, um país cuja história passa a ser tomada, quase que de maneira geral, como um “mau” exemplo que deve ser combatido e evitado; onde dois países, obrigados a compartilhar uma pequena porção de terra, constoem seus projetos nacionais e suas identidades a partir da negação recíproca, num sentido amplo e irrestrito, onde os elementos definidores da haitianidade podem ser interpretados como o oposto daqueles sobre o qual se estabelece a dominicanidade, ou vice-versa. Nesse sentido, os traços culturais distintivos de sua força e de sua singularidade, tornam-se, concomitantemente, os signos maiores de sua negação.

Assim, se por vezes o próprio ideal de nação do povo haitiano vacila, sendo colocado em questão, tanto interna quanto externamente, o mesmo não acontece com relação a sua cultura, que, ainda que contestada, não pode ser ignorada. A força dessa cultura é tal que, segundo Grateaux (2010), o famoso poeta, ensaísta e ativista político

haitiano, René Depestre, teria afirmado que o Haiti não é um “*Estado-nación [...] propiamente dicho, pero sí una nación cultural*”, e que nem um “*Estado, ni una verdadera sociedad civil se han desarrollado nunca, pero sí lo hizo la cultura*”. Teria afirmado ainda que existe uma “*conciencia cultural*”, mas que não se pode dizer que exista uma “*conciencia nacional*” (DEPESTRE apud GRATÉREAU, *Hoy Digital*, 26/02/2010, n. p.). Verifica-se, assim, que, contrariando determinadas perspectivas – como, por exemplo, aquela apresentada por Peña Batlle (1954), que atribuía a falta de organicidade da nação haitiana à inexistência de um *aglutinante cultural* –, os laços culturais precedem outros elementos de coesão, como por exemplo, as ideologias políticas e/ou de classe, tão distantes para grande maioria da população. Desse modo, as massas encontram sua representação na sua ancestralidade, na língua e no sagrado que os conecta, que passam a desempenhar o papel de símbolos de unidade compartilhados.

No entanto, em meio a essas perspectivas, surge a necessidade de se valorizar e exaltar a influência dessa cultura, bem como o caráter positivo exercido por ela sobre as representações e sobre as identidades haitianas. Por esse percurso, a cultura haitiana é apresentada como um conjunto de práticas sólidas e pujantes, que se estabelece e se afirma – a despeito de toda a resistência que lhe é imposta ou do desdém e do menoscabo com que geralmente é tratada –, pois, conforme afirmou Danner (*The New York Times*, 21/01/2010, n. p.) “*They [o povo haitiano] are independent, proud, fiercely aware of their own singularity. What distinguishes them is a tradition of heroism and a conviction that they are and will remain something distinct, apart*”.<sup>237</sup> Esse orgulho e essa consciência, de acordo com o Danner (2010), manifestam-se no creole ou no vodu, praticado, sobretudo no interior do país onde, certamente, essas tradições encontram-se ainda mais enraizadas. Reforçando essa perspectiva, Verdecia (*El Nacional*, 01/11/2012, n. p.) afirma que

*Haití es tierra maravillosa. Cuenta con una singular historia que lo convierte en el primer país del devenir humano donde los esclavos se sublevaron y lograron establecer la primera república libre de Iberoamérica. Su cultura, formada como todo en el Caribe mediante la transculturación, con un carácter eminentemente popular, destaca por notables riquezas en la música, las artes plásticas (allí están los mejores pintores naïf del hemisferio) y la oralidad. A esto se suma una vida muy peculiar donde mito y realidad se confunden para*

---

<sup>237</sup> “Eles são independentes, orgulhosos, ferozmente conscientes de sua própria singularidade. O que os distingue é uma tradição de heroísmo e uma convicção de que eles permanecerão algo distintos, aparte.” (Tradução nossa)

*generar una dimensión mágica de la existencia. No es fortuito que fuera en contacto con lo insólito de ese país que Alejo Carpentier formulara su tesis de lo real-maravilloso.*

Mas, apesar dessa singularidade e “lamentavelmente”, lembra Verdecia que o

*Haití se conoce más en el mundo por su pobreza y el sufrimiento producto de una larga cadena de desgobierno, expoliaciones y abusos, que han generado que su superpoblada superficie esté entre las más sufridas del orbe. (VERDECIA, *El Nacional*, 01/11/2012, n. p.)*

A opulência cultural contrasta, no entanto, com a miséria e o sofrimento e, lamentavelmente, conforme explicita Verdecia (2012), apesar de sua reconhecida singularidade histórica e cultural, sobressai, predominantemente, e não por acaso, a imagem negativa e depreciativa do país e de seu povo. É relativamente comum verificar esses aspectos negativos serem apresentados como decorrência dessas práticas culturais. Desse modo, a pobreza, a miséria, a suposta incapacidade para o autogoverno, bem como as sucessivas crises que acometem o povo haitiano, seriam, em última instância, resultado dessas práticas, desde sempre consideradas espúrias, primitivas e incompatíveis com os cânones da civilização ocidental. Se a cultura constitui, então, o elo de sustentação da sociedade haitiana, não faltam, em nível mundial, conforme relata Sang Ben (*Hoy Digital*, 13/08/2012, n. p.), “[...] ‘leyendas negras’ sobre Haití y la imagen que proyectan los medios de comunicación, las ONG y cierto discurso político, tienden a pintar Haití como el país de la nada, el país del fracaso absoluto y del caos”.<sup>238</sup>

Os discursos acerca do Estado haitiano, de seu povo, e, sobretudo de seus costumes, presentes nos artigos e reportagens analisados – assim como em boa parte dos discursos midiáticos que buscam abordar a temática haitiana –, enfatizam a

---

<sup>238</sup> Nesse sentido, essas projeções acabam contribuindo para reforçar essas imagens, pois, conforme Silva (2009, p. 93), “[...] ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um ‘fato’ do mundo social [...] esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos lingüísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo”.

assertiva de Sang Ben (2012). As *leyendas negras*<sup>239</sup>, que continuam sendo “projetadas” pelos “meios de comunicação”, dão corpo a nossas hipóteses, relacionadas, dentre outras coisas, a apropriação e/ou a retomada de determinada tradição de identidade haitiana pelos discursos midiáticos contemporâneos que abordam a realidade histórica, social, cultural, política ou econômica do Haiti – em nosso caso, no período de 2004 a 2014 –, caracterizada, quase sempre, por uma abordagem predominantemente negativa e depreciativa. Assim, o Haiti segue sendo representado, de acordo com Gautier (*Hoy Digital*, 06/04/2006, n. p.) como “[...] un país *inútil*, el más *primitivo*, *atrasado* y *pobre* del mundo, cuyos *atrofiados* habitantes y *degenerados* gobernantes han destruido en el tiempo todas las riquezas naturales y de civilización que poseían sin renovar ninguna!” (grifos nossos).

Os adjetivos dispensados ao Estado e ao povo haitiano por Gautier (2006) evidenciam a perspectiva indicada por Sang Ben (2012), figurando como um desdobramento do breviário anti-haitianista, que tem suas origens na longa duração, sendo parte de um discurso que repercute a tradição de identidade haitiana que aqui se delinea. Os haitianos, nessa perspectiva, que se aproxima daquela evidenciada por Spenser (1889), são apresentados como um povo em franca decadência social, política, econômica e cultural, que se distancia, com o passar do tempo, dos cânones civilizatórios ocidentais e da pujança material que em algum momento possuiu, ainda que, como se percebe, não haja nenhuma referência mais concreta a essa *Belle Époque* haitiana.

O aparente retrocesso e o suposto primitivismo são citados também por Tueni (*Hoy Digital*, 18/01/2010, n. p.), que se refere à sociedade haitiana como “[...] una sociedad extraña con carencia real de gobernabilidad que conduce a sus habitantes al desorden, al desastre y en cierta forma a lo primitivo”. Esse uso recorrente do que poderíamos designar como “primitivismo haitiano” é parte, também, de uma estratégia discursiva e identitária dominicana já referida por Valerio-Holguín (2001). Valendo-se desse expediente, que Valerio-Holguín (2001, p. 1) associa a determinados “*tropos, imágenes y*

---

<sup>239</sup> Que constituem, originalmente, segundo Caballero (2005, p. 1), de “[...] una visión negativa de España y de los países hispánicos que se difunde en Europa durante la Edad Moderna [...] que se ha transformado en parte del imaginario colectivo vigente en la cultura hoy dominante en occidente [...] la Leyenda Negra resulta un elemento perturbador en el conocimiento de nuestra propia Historia, y como tal, un elemento negativo en el desarrollo de nuestra sociedad en aquellos aspectos que implican un trasfondo histórico, y al mismo tiempo es un factor perjudicial en las relaciones de España con los pueblos hermanos de América.” Resulta, por fim, ainda conforme Caballero (2005, p. 3-4), “[...] de una labor de propaganda, de desinformación, que a través de la presentación tendenciosa de los hechos bajo la apariencia de objetividad y de rigor histórico o científico, procura crear una opinión determinada”. Algo próximo, guardadas as devidas singularidades, do que ocorre com o Haiti.

*expresiones acerca de Haití, que aparecen en el discurso popular, literario y académico*”, e que opera, quase sempre, por meio do estabelecimento de determinadas oposições binárias – bom/mau, racional/irracional, civilizado/selvagem, cultural/natural – entre aquilo que Van Dijk (2007) classificou como “*Ellos*” e “*Nosotros mismos*”, os haitianos são apresentados como animais, canibais, selvagens, violentos, ladrões, primitivos, promíscuos e prolíficos, dentre outros (VALERIO-HOLGUÍN, 2001, p. 3).<sup>240</sup>

Ao que parece, nossa proposta encontra suporte, também, na perspectiva defendida por Valerio-Holguín (2001), sobretudo no que diz respeito à sua temporalidade, ou seja, no seu caráter transcendente, que faz com que os tropos empregados outrora continuem sendo utilizados como uma espécie de justificativa intelectual para “[...] *la deshumanización, esclavización y genocidio del pueblo haitiano*”, validando aquela perspectiva já assinalada por Sidekun (2006, p. 52), de que a cultura pode operar como uma forma de fundamentação ideológica para o “domínio” sobre outros grupos de seres humanos. Nesse sentido, de acordo com Valerio-Holguín (2001, p. 3), reforçando e respaldando nossas hipóteses, todas “*estas imágenes e ideas fueron las mismas utilizadas por los europeos para referirse no sólo los africanos y asiáticos sino también a los latinoamericanos en general y a los caribeños en particular.*”

Distanciamo-nos, em certa medida, de Valerio-Holguín (2001) apenas no que diz respeito ao caráter, poderíamos dizer, “restritivo”, que este autor confere à sua proposta, assim como afirmamos em relação a Sagás (1993), em outro momento. Acreditamos que esse “discurso primitivista” ou “primitivismo anti-haitiano” não está restrito às relações haitiano-dominicanas, muito embora estejamos de acordo com o fato de ser certamente aí que encontra maior expressão. Mas essa questão não invalida seu pressuposto, sobretudo pelo fato de tal discurso, conforme Valerio-Holguín (2001, p. 14), estar vigente e gozando de grande vitalidade, podendo ser encontrado nos “*periódicos*” e nos discursos de “alguns políticos e militares”. Nesse sentido, Vicioso (*El Nacional*, 24/01/2014, n. p. ) assevera: “*Los he oído a Uds., intelectuales, expresarse [...] casi con odio hacia los haitianos [...] consideran a los haitianos punto menos que animales, porque a los cerdos, a las vacas, a los perros no les negarían Uds. el derecho de vivir...*”.

---

<sup>240</sup> Contribuindo com essa perspectiva, Torres (*El Nacional*, 04/12/2013, n. p.) afirma que “*Los dominicanos culturalmente prefieren mantenerse alejados de Haití y desestiman a sus naciones como incapaces, en algunos casos hasta les llaman salvajes, abiertamente.*”

As imagens “projetadas” no exterior constituem, dessa forma, um grande percalço à superação, ou ainda, à relativização, dessas “*leyendas negras*” produzidas e incessantemente disseminadas acerca do Haiti, muito embora o jornalista haitiano Woody Edson Loudor (*Alter Presse*, 08/11/2006, n. p.) reconheça que, por mais triste que seja, “[...] *esas imágenes, aunque perjudican a veces a su dignidad, no dejan de reflejar la realidad de ese país*”. Esse *mea culpa*, no entanto, não ameniza ou pacifica a questão. O problema, na perspectiva aqui defendida, não diz respeito diretamente ao que se noticia, ou, ainda, ao conteúdo em si, mas, mais especificamente, à forma como essas notícias e esses conteúdos são tratados, e apresentados, precipuamente no que tange às manifestações culturais, que constituem nosso foco nesse momento. Afinal, a cultura haitiana, apesar de ser apresentada, em dados momentos, como uma cultura sólida e vibrante, figura, amiúde, como motivo de escárnio, deboche. É uma cultura indeferida, não reconhecida, denegada.<sup>241</sup>

Ocorre que o embargo promovido contra essa cultura constitui, reafirmamos, um embargo às suas próprias identidades, pois tais manifestações – dentre as quais se destacam, como já citado, a negritude, o vodu e o creole –, ainda que não sejam recepcionadas de maneira irrestrita no âmbito interno, sendo, inclusive, combatida por determinados setores, constituem, certamente, os principais referenciais a partir dos quais o Estado e o povo haitiano são percebidos em suas relações com o Outro. Observa-se, também, que esse desprezo não tem lugar apenas nas relações entre haitianos e não-haitianos. Há uma questão de fundo, interna, que diz respeito ao histórico distanciamento existente entre as massas, que constituem o grosso da população, historicamente desdenhadas e alijadas, cujas práticas culturais descritas lhe são afetas – ou atribuídas –, e as elites, que, encasteladas, observam, à distância, indiferentes – e ironicamente pasmas –, o drama horrendo vivido por seus compatriotas, repudiando, tanto quanto possível, sua (in)cultura ou, se quisermos, sua barbárie<sup>242</sup>.

As elites, segundo Casimir (2008, p. 836), “[...] *en vez de buscar alguna lógica a las creaciones endógenas, es la primera en visualizarlas como anómalas o triviales*”. São “*las élites intelectuales, económicas, sociales y políticas*” que,

---

<sup>241</sup> Nessa perspectiva, predominante, o Haiti surge representado, de acordo com Félix (*El Nacional*, 07/04/2014, n. p.) como “[...] *un conglomerado humano [...] con un escaso desarrollo cultural, por no decir con un desarrollo cultural nulo, cuya inmensa mayoría tiene como medio de comunicación dos dialectos que no se conocen en ninguna otra parte del mundo*”.

<sup>242</sup> Para saber mais a respeito, ver Casimir (2008) e/ou Rosa & Pongnon (2013).

segundo Nadal (*Hoy Digital*, 12/12/2004, n. p.), “*hablan y piensan en francés*”. Assim, Guerrero (*Hoy Digital*, 21/10/2011, n. p.) afirma, certamente com alguma razão, que o principal problema do Haiti “*es que la inmensa mayoría de su población no siente absolutamente ningún vínculo con la idea de nación que poseen los poquísimos integrantes de las élites económicas, sociales e intelectuales de Haití*”. Acreditamos, portanto, que o “problema básico”, seja, com mais acerto, que “a ideia de nação” defendida por esses pouquíssimos integrantes das elites – pensada em francês, muito provavelmente – não comporta ou não foi pensada para comportar “a imensa maioria” e muito menos suas práticas culturais ancestrais que constituem o contraponto a partir do qual o ocidente constrói parte de sua história e de suas identidades. Sob essa visão, somos levados a supor que, enquanto uma minoria, que segundo fontes diversas gira em torno de 5% da população, “fala e pensa em francês”, conforme afirmou Nadal (2004), os demais, segundo Soto (*Alter Presse*, 08/11/2005, n. p.), “[...] *en su conciencia piensan que todavía pueden volver a sus raíces africanas*”, ou seja, enquanto as massas se voltam para a África, buscando resgatar suas “origens” ancestrais e culturais, boa parte das elites intelectuais, políticas e econômicas se voltam para a França, em busca de sua “*raison d’être*”.<sup>243</sup>

Assim, o Haiti, como nação, e os haitianos, em particular, carecem, segundo declaração concedida pelo sacerdote francês Jean-Max Hugues, durante conferência proferida no *Centro de Teología Santo Domingo de Guzmán*, em Santo Domingo, publicada por Soto (*Alter Presse*, 08/11/2005, n. p.), “[...] *de una identidad nacional*, pois, segundo ele, “[...] *la falta de una conciencia de unidad nacional en el pueblo haitiano obedece a que en ese país no ha cultivado una identidad nacional*”. Respalhando essa compreensão, Félix (*El Nacional*, 26/10/2009, n. p.) assevera que o Haiti tem um “problema de identidade” e que “[...] *una sociedad no puede encontrar su estabilidad política ni su desarrollo económico, si no resuelve su problema de identidad; hay algo malo en Haití, y es que ellos no han encontrado esta identidad.*” Soto (2005) e Félix (2009) não se equivocam ao sinalizar para essa “crise de identidade”, mas certamente o fazem no tocante às suas causas.

Essa crise se desenvolve, em grande medida, a partir da negativa de grande parte do mundo ocidental em recepcionar e aceitar o sujeito haitiano como um dos seus, em função, primeiramente, de suas origens étnico-raciais africanas e, num segundo

---

<sup>243</sup> As questões referidas não são tão simples quanto parecem, ainda que haja nessas divagações uma ponta de realidade. De qualquer forma, ao que parece, algumas questões continuam pendentes, como determinadas questões de cultura e de identidade.

momento, pelo fato de o Haiti “*haber dado el ‘mal’ ejemplo de libertad*” (LOUIDOR, *Alter Presse*, 20/10/2006, n. p.) às então colônias caribenhas e latino-americanas por ocasião do levante de 1791, que acabou culminando com a independência do país, em 1804. Assim, a rejeição sofrida pelo haitiano acaba ensejando essa “crise de identidade” assinalada por Soto (2005) e Félix (2009), fazendo com que o Haiti figure, quase sempre, conforme editorial do jornal *Hoy Digital* (06/03/2004, n. p.), como não mais que um “*trocito africano en el Caribe*”. Tão perto e ao mesmo tempo tão distante, pois, de acordo com Casimir (2008, p. 814), “*La identidad que se construyen los haitianos a diario se aleja del Occidente, sin jamás terminar de cortarse el cordón umbilical [...] se fabrican una identidad y una soledad en un callejón sin salida.*”

No último subtópico desse capítulo – que também é o último de nosso trabalho –, é nossa intenção assinalar como essa “denegação”, materializada na abjeção e na repulsa ao haitiano, acaba repercutindo nas representações e nas identidades haitianas e, principalmente, naquelas daqueles países com quem o Haiti está, direta ou indiretamente ligado, em especial os dominicanos que buscam pensar suas identidades e as bases de sua dominicanidade, em grande parte, sobre essa incessante negação das bases culturais e identitárias do povo haitiano, numa perspectiva em que ser dominicano representa, antes de tudo, não ser ou não parecer ser haitiano.

### **5.3. Espanhola e suas identidades: o “ser haitiano” como “negação do que queremos ser”**

Verificou-se, ao longo de nosso trabalho, que o “ser haitiano” surge na história ocidental como um acidente, um despropósito, um ponto de inflexão ou, ainda que em menor medida, de ruptura com determinada tradição ancorada, especialmente, sobre preceitos históricos/políticos, raciais e culturais colonialistas e imperialistas, anti-negros, logo, anti-haitianos. O “ser haitiano” emerge, portanto, como o contraponto desses preceitos, por conseguinte, suas identidades foram pensadas, desde o primeiro momento, como marcos de diferença e de denegação, no que este passa a ser apresentado, quase que

invariavelmente, sob estigmas e estereótipos diversos, como um ser vil e abjeto, símbolo da barbárie. O “oposto assimétrico” – de acordo com Koselleck (2006, p. 191-193) – do colono, porta-voz da civilização, cuja identidade – branca, cristã, europeia, culturalmente diversa –, até então hegemônica, vira-se ameaçada pelas hordas bárbaras e insurretas da colônia de *Saint-Domingue*.

A história da pequena ilha de Espanhola tornou-se, nesse sentido, um importante marco nas relações que se estabelecem entre esses dois mundos. Ali que, pela primeira vez na história moderna, essa identidade ocidental foi realmente colocada em questão, e não por acaso, pois foi aí, mais especificamente em sua porção ocidental, que as elaborações maniqueístas e dicotômicas decorrentes desse embate secular atingiram seu paroxismo. Os acontecimentos que tiveram lugar na colônia de *Saint-Domingue*, representam, assim, bem mais que um simples levante de escravos, constituindo, com mais acerto, um dos primeiros e mais evidentes sinais de crise de um modelo brutal de exploração estruturado e justificado, em grande parte, sobre o estabelecimento e a explicitação dessas diferenças raciais e culturais, de maneira que os vetores identitários do “Um” tornam-se instrumentos de denegação e de dominação do “Outro”. Dessa maneira, o haitiano vai se transformando, ou sendo transformado, numa excrescência histórica e cultural não só em relação aos dominicanos, mas, também, em em suas relações com o Outro, fosse ele insular ou não. Segundo Hernandez (*El Nacional*, 31/01/2009, n. p.),

*Haití y República Dominicana comparten la misma isla y casi la misma historia hasta la llegada de los españoles, los franceses y los negros. Con los años Haití se formó diferente a la República Dominicana y al resto de los países latinoamericanos y caribeños. Su idioma, su religión, su música, su folclor, en fin, su cultura, lo separan enormemente de las demás naciones del hemisferio.*

Desenvolve-se, assim, sobretudo nos limites da pequena ilha, em decorrência das constantes pelepas ocorridas entre franceses e espanhóis, num primeiro momento, e entre colonos e escravos, haitianos e dominicanos, num momento subsequente, e como desdobramento dessa tradição secular, colonialista e anti-negra – por meio da qual o haitiano é apresentado, quase que invariavelmente a partir de um prisma negativo e depreciativo –, uma ideologia anti-haitianista. Tal ideologia institucionaliza-se como política de Estado com o advento do regime trujillista, ganhando projeção ao longo das décadas de

1930, 1940 e 1950, período em que as bases identitárias das duas nações estavam sendo colocadas em questão por movimentos que buscavam – em tese –, tanto de um lado quanto de outro, romper com os ranços colonialistas que ainda constituíam as bases de suas identidades. Foi nesse período, a partir de meados da década de 1930, que a ideologia anti-haitianista alcançou seu paroxismo, materializado no *masacre de 1937*, estabelecendo-se de forma definitiva.<sup>244</sup>

É possível notar que, apesar do discurso modernizante de parte das elites políticas e intelectuais dominicanas, no que se refere aos ranços coloniais/colonialistas, não há uma ruptura propriamente dita, havendo, quando muito, a recusa de determinados aspectos históricos e culturais, sobretudo daqueles que direta ou indiretamente remetessem à sua herança negra ou africana – apropriados do outro lado da ilha como símbolos da haitianidade – ao mesmo tempo que se dá uma valorização de suas heranças brancas, européias e colonialistas (GATES JR., 2014, 182). Assim, os projetos nacionais e identitários dos dois países tornam-se explicitamente antitéticos, tanto mais no caso da República Dominicana, que busca apresentar-se como um país que, se não chega a ser branco e europeu, faz todo o possível para não ser ou não parecer negro e africano. Negros e africanos são, nessa perspectiva, os haitianos, que abraçam a negritude com um traço distintivo de suas identidades, que passam a constituir, portanto, o contraponto do dominicano.

Por conseguinte, as identidades dominicanas, em lugar de se afirmarem de maneira positiva, por meio do enaltecimento de valores e costumes “próprios”, estruturam-se, em maior parte, em função da negação e da oposição ao haitiano. Parece haver, assim, uma oposição de princípio. Os dominicanos, ou melhor, determinados setores da sociedade dominicana, ainda que não saibam o que são, sabem perfeitamente o que não são ou o que não querem ser ou parecer: haitianos. Nesse sentido, Toribio (*Hoy Digital*, 03/09/2005, n. p.) assegura que a identidade dominicana “[...] empieza y luego se consolida por oposición a la de otra Nación [Haiti]”, acrescentando que sua nacionalidade “[...] se forma más por la negación de lo que no queremos ser, que por la afirmación de lo que queremos ser”. Gautier (2005), apesar de ver essas dicotomias com mais naturalidade, como decorrentes de um processo histórico secular, próprias da conformação das duas nações, não deixa de assinalar as contradições e hipocrisias que lhes permeiam e, também, o seu caráter performático, visto que

---

<sup>244</sup> Pois, de acordo com Prats (*Hoy Digital*, 31/07/2008, n. p.), ainda hoje, “[...] el nacionalismo dominicano es, como lo diseñó la ideología trujillista, un nacionalismo que se estructura a partir de la oposición a Haití y a lo haitiano”.

tais elaborações, apesar de frágeis e questionáveis, em determinados aspectos, constituem o arcabouço discursivo sobre o qual determinada identidade se estrutura e se mantém. Segundo Gautier (2005),

*Casi desde sus orígenes los habitantes de la partida Isla de Santo Domingo viviendo en sociedad escriben páginas de historia de culturas e idiomas diferentes que conviven paralelamente en sus territorios. La europea y la africana. La del amo y la del esclavo. La del blanco y la del negro. La del cristiano y la del converso. La de un solo Dios y la de múltiples dioses. La de sacerdotes cristianos y la de los hougans del vudú. La de España y la de Francia. Nuestra formación social isleña fraccionada es un sendero rico en casualidades, contradicciones e hipocresías para ser lo que hoy somos. (GAUTIER. *Hoy Digital*, 29/11/2005, n. p.)*

A demarcação das diferenças entre as identidades dominicanas e haitianas se dá, portanto, de acordo com Gautier (*Hoy Digital*, 29/11/2005, n. p.), a partir do estabelecimento de um conjunto difuso de contraposições históricas, raciais e culturais, sendo o campo histórico o espaço no qual esses antagonismos são inscritos e ganham sentido. É possível notar que as referências temporais indicadas pelo autor remetem a uma origem que, ao que parece, está situada no período que antecede a própria fundação dessas nações, mais especificamente, como se pode depreender, a ocupação e o estabelecimento dos franceses na parte oriental da ilha e a massiva introdução dos contingentes negros trasladados da África com vistas a atender a demanda de mão de obra da indústria açucareira, no início do século XVIII. Esses eventos, aliás, acabaram contribuindo para o desenvolvimento de uma nova dinâmica social e cultural na ilha, que daria ensejo, com o passar dos anos, reforçando a assertiva de Gautier (2005), ao estabelecimento dessas dicotomias representacionais e identitárias.

Parece evidente – até mesmo com base no que foi apresentado até o momento – a importância do papel desempenhado pelo discurso histórico na construção dessas dicotomias e, também, de sua centralidade na conformação das identidades dominicanas. Dentre as diversas causas elencadas para justificar o distanciamento e a impossibilidade de convivência entre dominicanos e haitianos, o editorial do *Hoy Digital* (29/02/2004, n. p.) apresenta, como uma das principais, o fato de as duas nações terem “*una trayectoria histórica opuesta*”. Nesse sentido, Capellán (*Hoy Digital*, 22/11/2013, n. p.) afirma que “*Los haitianos en el contexto del año 1844 hablaban francés, eran mayormente*

*negros y practicaban el vudú. En cambio, los habitantes de la parte Este de la isla eran [...] mulatos, católicos y hablaban español. Es decir, éramos; y somos hoy dos naciones diferentes*”.<sup>245</sup> Assim, a história dominicana vai sendo construída a partir da negação e do repúdio da história haitiana e, ao que parece, a afirmação da República Dominicana como nação livre e soberana passa a depender, em certa medida, do estabelecimento dessa antinomia, ratificando, em certa medida, a assertiva de Joseph (*The Haitian Times*, 2009, n. p.) de que a República Dominicana é onde o “*antihaitianismo constitutes a raison d’être*”.

Destarte, muito embora as raízes do anti-haitianismo penetrem profundamente na história dos dois países, adentrando, inclusive, ao período colonial, quando os dois lados da ilha eram dominados por espanhóis e franceses, essa questão torna-se ainda mais patente e recoberta de significados a partir das campanhas militares promovidas pelos próceres da independência haitiana contra a colônia de Santo Domingo, num primeiro momento, e posteriormente contra a recém independente República Dominicana, em 1822 – esta dá ensejo a uma ocupação que se prolongaria até 1844. Conforme Herrera-Miniño (*Hoy Digital*, 11/01/2006, n. p.), “*Las raíces de los temores dominicanos hacia los haitianos pudieran tener su origen en aquellas incursiones y desmanes que hizo el padre de la independencia haitiana [...] Así nació un repudio y temor.*” Assim, parece ser na história que as diferenças haitiano-dominicanas se constroem. O discurso histórico parece abrir caminho para que outras divergências emergjam e, talvez ainda mais importante, para que se perpetuem. Nessa direção, Lluberés (*Hoy Digital*, 29/10/2004, n. p.) pondera que

*Si tratamos de buscar el origen de la marcada separación existente entre los dominicanos y los haitianos, nos es necesario enmendar muchos agravios que pertenecen a la historia pero que han provocado heridas que aún permanecen abiertas en ambas naciones.*

As origens históricas e os movimentos de acomodação política e institucional dos dois países ao longo dos séculos XVIII e XIX, muitas vezes interdependentes, fizeram com que o discurso histórico ocupasse um lugar de destaque na conformação de suas identidades, sobretudo dos dominicanos. Nunca é demais lembrar que se trata, antes de tudo, da instrumentalização e do emprego desses discursos por determinadas

---

<sup>245</sup> Ainda nessa direção, alerta o Editorial do *Hoy Digital* (28/02/2004, n. p.): “*Hay que recordar la historia [...] las profundas diferencias étnicas, culturales, idiomáticas, religiosas y de toda índole que nos separan del país vecino*”.

minorias com o objetivo de promover, reforçar ou perpetuar a abjeção do haitiano pelo dominicano.<sup>246</sup> Esses discursos constituem, por sinal, uma estratégia utilizada de maneira recorrente por determinados setores dominicanos anti-haitianistas, com vistas, principalmente, a desviar o foco das acusações de racismo que lhes pesam. Por esse caminho, o preconceito dos dominicanos contra os haitianos passa a ser justificado por meio de argumentos de cunho histórico ou social, mas não racial. Racistas, afirmam os anti-haitianistas dominicanos, são os haitianos.

Se as perspectivas racistas defendidas por determinados setores dominicanos causam desconforto, o mesmo não acontece com questões de ordem política/histórica ou cultural. Dessa forma, as representações do “ser haitiano”, em uma perspectiva histórica e cultural, tornam-se, quando apropriadas pelos anti-haitianistas dominicanos – radicados, sobretudo, entre as elites políticas e intelectuais do país –, princípio estruturante das identidades dominicanas, ou, se quisermos, de sua dominicanidade. Afirmar-se dominicano torna-se, conseqüentemente, fazer-se diferente do, ou denegar o, haitiano naquilo que lhe conforma: a sua história e a sua cultura. Nesse sentido, García (*Hoy Digital*, 22/08/2005, n. p.) propõe que certos “dominicanos visionários” entenderam, desde muito cedo, que “para existir como nação” a República Dominicana deveria dissociar-se do Haiti em “*todos los planos, dado que las costumbres, idiomas, religión espiritista y el culto exclusivo a la cultura africana de esa nación, era incompatible con los de la sociedad cristiana y plural dominicana*”. Uma pluralidade, diríamos, bastante singular.

Assim, o “ser haitiano” é colocado na gênese da dominicanidade, passando a figurar como uma espécie de contra-identidade dominicana. Por essa perspectiva, esses discursos, sobretudo aqueles que estruturam a partir da negação de determinadas manifestações históricas/políticas, raciais e culturais, cumprem um duplo papel ao serem apropriados e retomados, pois, ao mesmo tempo que permitem aos dominicanos se afirmarem enquanto herdeiros e legítimos representantes de uma cultura hispânica e, principalmente, não-africana, perpetuam a reprodução e a disseminação de estigmas e estereótipos seculares acerca do Haiti e de seu povo. Dessa forma, tem-se que não é tão somente uma crítica às principais manifestações culturais haitianas. Trata-se, parece evidente, do estabelecimento de uma discursividade e de uma ideologia orientadas principalmente,

---

<sup>246</sup> Segundo Pérez (*Hoy Digital*, 26/06/2012, n. p.), nas relações dominico-haitianas “[...] *determinados hechos históricos, reales o inventados han sido instrumentalizados por algunos para hacer de la unicidad de nuestra identidad algo contrapuesto y en contra de personas de origen haitiano*”.

conforme afirmara Hurbon (1993, p. 11), à produção desse “bárbaro”, que, ainda segundo o autor, “[...] *lleva aún frescas todas las cicatrices de su barbarización y que se debate entre los mil y un enunciados acerca de su barbárie, como entre otras tantas fajas alrededor de su rostro*”.

Bastante frescas, acrescentaríamos. Não há exagero na assertiva de Hurbon (1993) acerca dos milhares de “enunciados” que buscam explicitar a barbárie do haitiano e/ou das “faixas” que ocultam ou deformam seu rosto, logo, suas identidades. O haitiano emerge entre esses “*mil y un enunciados*” – dos quais os jornais aqui utilizados contiuem apenas uma ínfima amostra –, como o signo da barbárie por excelência, sobretudo se levarmos em conta as produções literárias, historiográficas, culturais, midiáticas, dentre outras, produzidas e reproduzidas a partir da República Dominicana. Há, neste tocante, uma prática secular, intensa, ininterrupta e, ao que parece, incontornável, pois o “ser dominicano”, em sua pretensa superioridade, busca se afirmar como o contraponto ao “ser haitiano”, e da barbárie que lhe atribui. O anti-haitianista dominicano vê no Haiti e no haitiano, tal qual Balaguer, o seu revés, a sua decadência, seu ocaso, a corrupção de seus ideais e de suas identidades. Daí a premente necessidade de se afirmar a partir de sua negação, de ampliar o “abismo cultural” que, segundo José Baéz Guerrero (*Hoy Digital*, 29/11/2013, n. p.), separa os dois países.

É sobre essas diferenças “abismais”, assinaladas por Guerrero (*Hoy Digital*, 29/11/2013, n. p.) – “*idioma, religión, hábitos y costumbres, economía, sistemas políticos y un larguísimo etcétera*” –, e extremamente exploradas pelos promotores oficiais do anti-haitianismo, que as identidades dominicanas e haitianas se estruturam, em maior ou menor medida, desde a fundação das duas nações. Ocorre que, enquanto os haitianos buscam pensar suas identidades e sua nacionalidade a partir de um conjunto de manifestações culturais ancestrais, evidenciando, por exemplo, os traços de sua negritude, que se manifesta principalmente em suas heranças culturais africanas, certos setores da sociedade dominicana o fazem, quase sempre, de forma negativa, dando as costas para a África, renegando suas raízes e buscando combater certas influências forâneas – diga-se, haitianas.

Dessa forma, a lógica que permeia a construção dessas identidades islenhas, sobretudo de uma perspectiva dominicana, estrutura-se, por um lado, por meio da elaboração de uma representação tão negativa quanto possível do Outro haitiano, estruturada, em grande medida, a partir da apropriação – ou da retomada – e da disseminação

de uma discursividade secular, colonialista, anti-negra e anti-haitiana, produzida, como depreendido no primeiro capítulo de nosso trabalho, em decorrência dos eventos e das catástrofes que se abateram sobre a terra de Toussaint L'Ouverture, mais especificamente a partir do último quartel do século XVIII. Por outro lado, estrutura-se mediante o desenvolvimento de uma identidade que se projeta como uma pretensa antítese dessa barbárie, do caos e da corrupção física, moral e espiritual infatigavelmente atribuída ao haitiano. O “ser dominicano” e o “ser haitiano”, nessa concepção, são percebidos como duas realidades quase que incomensuráveis, a não ser pelo fato de, em determinados momentos – conforme alertara o editorial do *Hoy Digital* (23/02/2004, n. p.) –, alguém se recordar, com algum esforço, do fato de que os haitianos são “*seres humanos [...] poseedores de un alma como nosotros*”.

As identidades haitianas caracterizam-se, assim, por sua tendência predominantemente negativa e depreciativa. Tal representação resulta, ou é parte, conforme nossas hipóteses, de uma tradição de identidade secular, que remonta ao idos do período colonial, por meio da qual o conquistador, num primeiro momento, e o colono e/ou os imperialistas, num momento posterior, buscaram se afirmar, estabelecendo, por meio de uma discursividade que Léger (1907) classificou como detratora, uma contra-identidade. Tal contra-identidade estava fundada em uma ideologia que se estrutura a partir da explicitação e do reforço de um conjunto difuso de diferenças históricas, políticas, raciais e culturais daqueles conquistadores/colonizadores com relação ao autóctone, ao negro, ao *criollo*, ao haitiano e/ou, num sentido mais abrangente, ao latino-americano. Trata-se, portanto, de se afirmar como, ou a partir da, negação histórica, política, racial e cultural do Outro, cuja imagem, conforme Van Dijk (2007, p. 11), é sempre negativa.

Nesse sentido, o Estado e o povo haitiano – em especial a sua história e a sua cultura – devem figurar, necessariamente, tanto mais no que diz respeito ao dominicano, como uma impossibilidade, como seu oposto, como um revés. Guerrero (*Hoy Digital*, 20/02/2007, n. p.) assevera que o Haiti “*es cualquier cosa menos una nación*”, ou quando Messina (*Hoy Digital*, 19/12/2005, n. p.) o retrata como “[...] *un sitio anónimo [...] oscuro y confuso montón de gente y de nadie (Gente pegada, montón sobre montón, sin destino; un estar ahí sin que a nadie le importe, nadie sobre nadie [...] metida en un rincón de media isla artificial)*”, ou, ainda, quando Herrera-Miniño (*Hoy Digital*, 02/08/2013, n. p.) diz se tratar do “*país más sucio y atrasado del continente y exportador tradicional de enfermedades*”. Podemos notar que todos esses argumentos constituem, em maior ou menor

medida, ecos de uma discursividade e de uma tradição de identidade segundo a qual o Haiti tem sido e segue sendo apresentado, quase que invariavelmente, “*aún hoy*”, como sentenciou Rivas (*Hoy Digital*, 16/01/2011, n. p.), como “*un país referencia de la inestabilidad, el desorden, la corrupción y el caos*”.

Dessa forma, as manifestações culturais haitianas, sobretudo aquelas que remetem à negritude e/ou às suas raízes africanas, constituem o arcabouço das identidades haitianas e desempenham um papel de primeira ordem, também, na conformação das identidades dominicanas, dado o jogo que aí se instaura. As identidades dominicanas são pensadas, dessa forma, quase sempre a partir de seu referente haitiano, e nesse jogo de alteridade o dominicano procura estabelecer, por meio dessa discursividade e dessa ideologia, uma distância de segurança. Nesse sentido, Ramírez (*Hoy Digital*, 06/02/2010, n. p.) assevera que a “*República Dominicana dista mucho de su vecino*”, ao que complementa: “*Comparados con Haití nos encontramos muchos peldaños por encima*”. O haitiano vai sendo transformado, paulatinamente, conforme Espinal (*Hoy Digital*, 02/10/2013, n. p.) no “*cuco*<sup>247</sup> *dominicano. La negritud en oposición a la blancura, el vudú al cristianismo, el creole al español, la pobreza al progreso*”. Uma ameaça, sempre presente, uma imagem distorcida e aterradora, refletida do outro lado da fronteira.

A sociedade haitiana, diferentemente do que acreditava Peña Batlle (1954, p. 53) ao propugnar a quase completa ausência de um aglutinante cultural, de antecedentes tradicionais ou raízes espirituais capazes de lhe conferir alguma organicidade, demonstra possuir um núcleo cultural bastante denso, ainda que permanentemente questionado e desdenhado, tanto internamente, por parte de suas elites, como externamente, por parte de determinados grupos, de onde se destacam, por exemplo, os anti-haitianistas dominicanos. Talvez seja na solidez dessa cultura, caracterizada, em grande parte, pelo orgulho de sua negritude e de suas raízes africanas, conforme os editoriais do *Hoy Digital* de (14/04/2004, n. p.) e de (11/06/2004, n. p.), respectivamente, que reside a força desse país que, contrariando todas as expectativas e a despeito de todos os infortúnios e desgraças que tem marcado sua história, continua de pé.

---

<sup>247</sup> “El Cuco es una entidad indefinida que se queda siempre como una amenaza que va aparecer para amedrentar a los niños que se portan mal. Es una creencia popular a nivel nacional.”. Dominicana on line (s.d., n.p.)

Não seria um equívoco, portanto, tomando por base os discursos historiográficos, literários e midiáticos de que nos servimos ao longo do nosso trabalho, afirmar que pesa sobre o Haiti e o povo haitiano certa denegação histórica, política, racial e cultural. O Haiti surge na história, por esse caminho, como uma impossibilidade, figurando na historiografia e na literatura como uma terrível fatalidade, como um mal exemplo, como algo que não poderia ou não deveria ter acontecido. Sua Revolução, um marco incontestável da história moderna, foi recepcionada, antes, como uma afronta perpetrada por um “bando de negros africanos” contra a França e contra tudo o que ela então representava, do que como um importante passo dado contra a escravidão e a opressão de milhões de seres humanos que padeciam, e continuaram padecendo, nas terras do Novo Mundo. O Haiti entra para a história como a perfeita representação da barbárie e do caos. Sobre seu povo pesam suas origens e suas raízes culturais africanas, o colonialismo, o imperialismo, a pobreza e a miséria. Assim, o Haiti vai se transformando, ou sendo transformado, ao longo de sua conturbada história, em um Estado indigente, pois, conforme Javier (*El Nacional*, 18/02/2010, n. p.),

*Haití es el hermano no reconocido. El hermano de padre que algunos dicen hijo de la calle [...] Haití es este terrible dolor de cuerpo viejo. Una herida profunda, donde la muerte puso sus huevos [...] Haití es la tragedia de nosotros mismos [...] Haití es el delito del cuerpo que denominamos identidad, para justificar a diario nuestra inoperancia y xenofobia.*

Não causa espanto ou surpresa, contudo, a assertiva de Scaramal (2006, p. 11) de que “até os dias de hoje, aos haitianos não foi concedida a entrada – de forma cabal – à condição humana”, pois, até mesmo essa condição elementar, esse “mínimo de identidade”, de que falava Agier (2001, p. 27), escapa-lhe, sendo necessário lembrar que, a despeito do que se diz ou se quer fazer crer, são humanos, como nós. “*Haití ha sido como los ‘trapos sucios’ que ninguna familia quiere exhibir*”, conforme assinalou Almodóvar (*Hoy Digital*, 19/01/2010, n. p.), ou, segundo salientou Toribio (*Hoy Digital*, 03/09/2005, n. p.), “*la negación de lo que no queremos ser*”, tanto mais se levamos em conta ser este Outro um dominicano, cuja identidade e “razão de ser” está assentada, em maior ou menor medida, sobre a denegação histórica, racial e cultural do “ser haitiano”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que redigimos as últimas páginas de nosso trabalho, no qual, em linhas gerais, buscamos estabelecer os contornos e explicitar, tanto quanto possível, a manifestação de certa tradição de identidade haitiana nos discursos midiáticos contemporâneos – 2004-2014 –, constatamos, ao verificar as notícias veiculadas nos jornais de que nos servimos, bem como em outros que, ao que parece, o quadro social, político e econômico observado por ocasião da deposição de Jean-Bertrand Aristide, em fevereiro de 2004, não conheceu alterações substanciais, afora uma estabilidade frágil e precária. No mais, tudo permanece como antes. A intervenção prossegue. O país segue sob a tutela da ONU, ali representada pelos componentes civis e militares da MINUSTAH, que, dando mostras de não conseguir cumprir aquilo a que se propôs<sup>248</sup>, ensaia, uma vez mais, um rotundo fracasso. Ocorre que, de acordo com o mencionado nas páginas precedentes, o desfecho de mais um triste capítulo dessa tragédia secular, pelo que já é possível inferir, não destoará do conjunto da obra. O povo haitiano – ao que parece – arcará, uma vez mais, com o pesado fardo da incompetência e/ou da incapacidade alheia, reforçando, ainda mais, determinados estigmas e estereótipos, próprios da tradição de identidade anti-haitiana que buscamos delinear.

O tempo, apesar de uma antiga máxima que apregoa ser remédio para tudo, ao que parece, não foi capaz de aplacar os ânimos e cicatrizar as chagas abertas ao

---

<sup>248</sup> Conforme o estabelecido pela Resolução 1529, de 29 de fevereiro de 2004, e determinado pela Resolução 1529, de 29 de fevereiro de 2004, e pelo Informe do Secretário-Geral, de 19 de abril de 2004.

longo dos dois ou três últimos séculos de história do povo haitiano. O ímpeto e o destemor demonstrados pelo escravos de *Saint-Domingue* em sua luta contra a escravidão e a opressão repercutem, no tempo e no espaço, deixando uma terrível herança para aqueles que Javier (*El Nacional*, 18/02/2010, n. p.) classificou, de forma bastante apropriada, em função de sua longa e tortuosa história, como “*hermanos no reconocidos*” e de “*hijos de la calle*”. O haitiano torna-se *persona non grata* ao se levantar contra o sistema. Sobre o Haiti e o seu povo recaíram – e recaem –, desde os alvores de sua independência – e mesmo antes – toda a intransigência e desprezo, não só da “Pátria mãe”, contra quem ousou se levantar, mas de todos aqueles que viram naquele grito por liberdade, uma ameaça não apenas contra a ordem colonial, ocidental, mas contra aquilo que Popkin (2008, p. 295) chamou de “identidade branca”, e tudo aquilo que ambas representavam em termos históricos, raciais e culturais.

Os negros de *Saint-Domingue*, diferentemente daqueles que os precederam – nativos/ameríndios – e que haviam sido dragados pela insaciável fome de riquezas e de almas, não tombaram ante a voracidade de seu opressor e, contrariando até aquelas hipóteses mais otimistas, acabaram abalando certas estruturas da ordem colonial, dando lugar ao impensável, tornando-se um mau exemplo, que deveria ser combatido e erradicado para evitar o contágio, o haitianismo. Foi com base nos discursos e narrativas produzidas a partir desse marco histórico discursivo que nosso trabalho tomou forma e se desenvolveu.

Terminada a Revolução buscou-se sepultar os corpos e reerguer ou reconstruir as estruturas varridas por mais de uma década de conflitos. Mas as memórias, ao que parece, permaneceram insepultas, tornando-se, quando retomadas e/ou apropriadas por aqueles que Léger (1907) chamou de “detratores do povo haitiano”, um poderoso instrumento de denegação do haitiano. A partir do tencionamento dessas memórias, e de outras, relacionadas à conquista e a colonização da pequena ilha de Espanhola, estruturou-se uma discursividade e, por conseguinte, uma ideologia, anti-haitianista, que, em razão da forma recorrente com que fora retomada e apropriada ao longo dos anos, décadas ou séculos que se seguiram, acabou se consolidando como uma tradição. É justamente dessa identidade denegada e dessa tradição que se tratou aqui.

Nosso trabalho constituiu-se, assim, como uma tentativa de proceder a um mapeamento desse discurso e dessa ideologia, que, inscritos na longa duração – que remonta aos idos da conquista e, em especial, da colonização do Novo Mundo –, vão

sendo transformados, sobretudo após o trauma da Revolução – que constituiu um ponto de inflexão das relações coloniais percebidas no Mundo Atlântico<sup>249</sup> –, em elementos estruturantes e definidores de determinada identidade haitiana, ainda em voga. Desenvolve-se, assim, uma imagem preponderantemente negativa e depreciativa do “ser haitiano”, pensado em suas dimensões histórica, política, racial e cultural. Procuramos evidenciar, desta forma, as relações existentes entre determinada identidade haitiana contemporânea – conformada a partir das fontes elencadas e no recorte temporal considerado –, com certa ideologia e/ou discursividade anti-haitianista secular.

A manifestação e a exasperação desses discursos em diferentes momentos da história haitiana, especialmente em momentos de crise – que acabaram balizando a estruturação de parte do trabalho –, bem como sua apropriação por diferentes sujeitos, dentre os quais se destacam historiadores, escritores, políticos, homens de Estado, acadêmicos, aventureiros, jornalistas, dentre outros, fez-nos perceber, em dado momento de nossas pesquisas, que se tratava de algo mais que mera coincidência ou simples recorrência. As proximidades e as semelhanças da natureza das proposições enunciativas verificadas na bibliografia, na literatura e nos discursos midiáticos analisados, constituíram o fio da meada. Buscamos estabelecer, em certo sentido, a genealogia desses discursos e dessa ideologia anti-haitiana. Nessa busca, percebemos que tais manifestações, ainda que não fossem dirigidas ao “sujeito/ser haitiano”, já se faziam presentes, por exemplo, nos discursos dirigidos pelos conquistadores/colonizadores aos não europeus, aos não brancos, aos não cristãos, e a todos aqueles que não podiam ser enquadrados naquela ordem.

Assim, considerando a pertinência dessas proposições, sobre as quais encontram-se assentadas boa parte de nossas hipóteses, procuramos demonstrar como essa tradição de identidade se estrutura e se mantém, desde os primevos da conquista e da colonização do Novo Mundo, até os dias atuais, em que o Haiti se encontra, uma vez mais, sobre a tutela daqueles que, direta ou indiretamente, em maior ou menor medida, contribuíram para seu estabelecimento e para sua perenização. Buscamos evidenciar as manifestações dessa tradição de identidade a partir de diferentes perspectivas, ainda que, para nos mantermos fiéis

---

<sup>249</sup> Segundo Guimarães (2014, n. p.), “[...] podemos perceber o Mundo Atlântico como uma abordagem que tenta permitir a compreensão do nosso passado a partir das conexões estabelecidas em vários pontos do oceano. É inserido em um contexto mais amplo e complexo que as várias especificidades locais se formaram. Com efeito, esse conceito permite percebermos o processo histórico de maneira mais abrangente, destacando as várias circulações de pessoas, mercadorias, valores, administração etc, articulando o contexto macro às especificidades locais.” A região caribenha constitui, nesse contexto, um desses pontos e/ou locais.

à nossa proposta, o recorte midiático, representado, nesse caso, pelos artigos e reportagens publicados nos jornais haitianos, dominicanos e estadunidense, tenham merecido maior diligência.

Dessa forma, em um primeiro momento, que corresponde ao primeiro capítulo, privilegiamos uma abordagem histórica das manifestações desse discurso e dessas identidades, valendo-nos de um considerável acervo bibliográfico, que inclui livros e artigos, dedicados à temática. Ato contínuo procuramos evidenciar suas manifestações no campo literário, fazendo uma breve exposição e análise de alguns autores/obras que, produzidas em diferentes contextos espaço-temporais, e privilegiando abordagens diversas, acabaram se tornando emblemáticas no que diz respeito, principalmente, à difusão dessa discursividade, ainda que, em alguns casos, buscassem combatê-la. Nos três últimos capítulos, dedicados às manifestações midiáticas dessa discursividade, intentamos demonstrar, valendo-nos de um amplo e diversificado *corpus* midiático, a forma pela qual as identidades haitianas contemporâneas continuam sendo conformadas, em maior ou menor medida, a partir da retomada e da apropriação desses discursos e dessa tradição, numa perspectiva histórica/política, racial e cultural.

No primeiro capítulo, que possui um caráter introdutório, estivemos interessados em perscrutar a forma como essa tradição de identidade vai sendo conformada ao longo da história haitiana, que remonta a um período anterior à Revolução, onde tanto o espaço geográfico, quanto os tipos sociais que mais tarde dariam forma e conteúdo ao Haiti, eram ainda indefinidos e informes. Dessa maneira realizamos um périplo pela história do Haiti, tencionando, conforme anunciado, proceder à descrição e ao mapeamento desse discurso e das práticas que o acompanham, identificando seus antecedentes, seu surgimento, seu estabelecimento e sua reprodução na longa duração, de modo a evidenciar, a partir desses marcos históricos de referência (a Revolução, a intervenção estadunidense de 1915 até 1934, o período duvalierista, a “Era Aristide” e a intervenção da MINUSTAH) os contornos dessa tradição de identidade. Tentou-se, portanto, proceder ao delineamento dessas identidades a partir da explicitação histórica desses discursos e dessas práticas, ou, se quisermos, pensar essas identidades a partir de sua conformação histórica.

No segundo capítulo, procuramos fazer uma incursão por um campo que, tal qual o histórico, também é bastante profícuo no que respeita à problemática das identidades. Trata-se do campo literário, mais especificamente, de determinada literatura,

anti-haitianista, ou detratora, conforme afirmou Léger (1907). Em lugar de uma simples referência, uma citação, ou uma nota de rodapé, listando essas ou aquelas obras/autores, optamos por realizar uma apresentação pormenorizada e a análise dessas obras emblemáticas e referenciais no que tange à produção e à reprodução dessa discursividade e dessas práticas anti-haitianas. Nesse sentido *Hayti or the Black Republic*, de Spenser (1889); *Orígenes del Estado haitiano*, de Peña Batlle (1954); e *La isla al revés: Haití y el destino dominicano*, de Balaguer (1993), constituíram, de certa forma, uma espécie de compêndio anti-haitianista, visto abarcarem grande parte dos motes negativos e depreciativos produzidos sobre o país, sua história, sua cultura e sobre seu povo, ao passo que *Haiti, her history and her detractors*, de Léger (1907) e *Así habló el Tío*, de Price-Mars (1928), foram apresentados como uma perspectiva contradiscursiva, menos ruidosa, certamente, mas nem por isso menos importante.

Dessa forma, ao longo do segundo capítulo, concentramos esforços para explicitar o papel exercido por determinada literatura – “grotesca” ou “escandalosa”, de acordo com Pattee (2008, p. 146-147) – na disseminação e na reprodução dos estereótipos e dos estigmas anti-negros e anti-haitianos – delineados ao longo do primeiro capítulo – que constituem a base sobre a qual está assentada essa tradição de identidade que aqui perscrutamos. Foi possível perceber como a ação desse conjunto díspar de obras/autores repercute e impulsiona determinados motes anti-haitianistas seculares, que, paulatinamente vão constituindo a estrutura a partir da qual certa identidade haitiana vai se estruturando, vacilando entre a detração e a vitimização.

As obras de Spenser (1889), Léger (1907), Price-Mars (1928), Peña Batlle (1954) e Balaguer (1993), são recobertas de importância e significado na medida em que, conforme Santana (2003, p. 19), contribuem para consolidar os estereótipos, fixando-os, simbolicamente, dentro dos imaginários sociais. Pelas páginas desses livros, sobretudo daquele que mais repercutiu – *Hayti or the Black Republic* – o Haiti e o povo haitiano são apresentados ao mundo de forma caricata, figurando como o resultado de uma inconcebível fatalidade histórica. Parece ficar evidente que cada uma dessas obras cumpriram e continuam cumprindo essa função, tornando-se parte indissociável dessa tradição de identidade.

Seguindo o método proposto, poderíamos dizer que nos dois primeiros capítulos, em consonância com a proposta de Santos (2004), procedemos ao delineamento da “macro instância”, que consistiu no trabalho de “situar o discurso em sua conjuntura enunciativa” (SANTOS, 2004, p. 113), ou seja, de perceber as condições de

produção dessa discursividade e da emergência desses discursos ao longo da história haitiana. Tendo realizado esse trabalho inicial, que representa, de certa forma, a dissecação desse discurso, ocupamos-nos, nos três últimos capítulos, em demonstrar sua repercussão e sua influência naquilo que o referido autor classificou como “micro-instância”, que é onde se estabelecem “os potenciais de significação dos sentidos no interior de uma manifestação discursiva” (SANTOS, 2004, p. 113), nesse caso, nos discursos veiculados nos jornais *Hoy Digital*, *El Día*, *El Nacional*, *The Haitian Times*, *Alter Presse* e *The New York Times*. Tentou-se, portanto, evidenciar certas inter-relações sentidurais – interdiscursivas e intertextuais – ou, ainda, explicitar determinadas relações intradiscursivas, que podem ser percebidas, conforme Maingeuneau (2008, p. 20), como “um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos”.

Assim, nos três últimos capítulos, tendo já delineados os contornos dessa discursividade e dessa tradição, procuramos confirmar nossas hipóteses iniciais de que parte significativa dos discursos midiáticos contemporâneos que abordam a realidade histórica, política, social e cultural do Haiti, no período de 2004-2014, é responsável, consideradas as especificidades do período, por retomar e apropriar-se daquela tradição de identidade, caracterizada por um conteúdo predominantemente negativo e depreciativo do Haiti e do povo haitiano. Nossa intenção consistiu, dessa maneira, em tentar evidenciar, por meio da análise dos discursos veiculados nos jornais que nos serviram de fonte, listados anteriormente, a forma pela qual determinada discursividade, secular, anti-haitiana, continua se manifestando e influenciando na conformação de certa identidade, tributária, conforme nossas hipóteses, de uma longa tradição de identidade haitiana. Trata-se de evidenciar, dessa forma, a manifestação de uma memória discursiva que se caracteriza, conforme Fernandes (2012), pelo “reaparecimento de discursos e/ou acontecimentos outros, de diferentes momentos históricos” no presente, ou, ainda, pela “reaparição do passado em novas condições sócio-históricas (sic.)” (FERNANDES, 2012, p. 95).

A apresentação do *corpus* que nos serviu de fonte, organizada nesses três capítulos, buscou seguir a estruturação apresentada inicialmente, orientada pelos eixos temáticos ou bases identitárias históricas, raciais e culturais, que constituem espaços privilegiados de produção e reprodução dos motes anti-haitianistas que compõem essa tradição de identidade que, de certa forma, sustenta nossas hipóteses. Buscamos apresentar, então, nos terceiro, quarto e quinto capítulos, a forma como os discursos midiáticos

contemporâneos continuam contribuindo para a conformação das identidades haitianas hodiernas por meio, principalmente, da retomada e da apropriação de uma discursividade secular que, a todo tempo, buscou denegar as identidades haitianas, sua história, suas heranças/matrizes raciais e suas mais representativas manifestações culturais.

Dando continuidade, no terceiro capítulo, o qual se aproxima, em alguma medida, do capítulo primeiro – visto ter sido pensado e estruturado de maneira similar, sobretudo no que tange aos marcos históricos que balizaram a construção daquele –, tratamos, por um lado, do espaço ocupado pela história e/ou pelos discursos produzidos a partir de determinados eventos históricos, na construção e na conformação das identidades haitianas contemporâneas, ainda que considerado o distanciamento temporal de alguns destes eventos, como a Revolução, por exemplo. Por outro, e ao mesmo tempo, tentamos evidenciar a forma como esses discursos são retomados e apropriados por determinados grupos, sob determinadas bandeiras políticas e ideológicas – por meio das quais o haitiano permanece sendo apresentado como um perigo e uma ameaça, ainda que, há muito, conforme Galeano (2012, n. p.), não se saiba, realmente, a quem ameaça – para tentar justificar algumas práticas excludentes e discriminatórias que lhes são secularmente dispensadas.

No quarto capítulo, dedicamo-nos à análise daqueles enunciados de cunho racial, ou, a depender da abordagem, racistas, pois, ainda que se negue, ou se tergiverse, a raça e o racismo acabam sendo tomados, ainda hoje, como alguns dos principais elementos definidores das identidades haitianas, em especial quando são levadas em conta as relações haitiano-dominicanas. Essas questões tornam-se ainda mais relevantes com o estabelecimento do regime trujillista na República Dominicana, a partir do início da década de 1930, momento em que os projetos nacionais modernos dos dois países começam a tomar forma. Foi daí em diante que o “ser haitiano” passou a figurar, de forma definitiva, como a antítese da dominicanidade que, conforme afirmou Zaglul (2009, p. 411), estruturara-se a partir da apropriação de determinada herança cultural espanhola e, conseqüentemente, da contraposição e da negação do haitiano e de tudo que lhe representava, sobretudo sua raça e suas heranças culturais africanas. Essas, por sinal, são apresentadas como uma espécie de maldição que parece justificar grande parte dos infortúnios vividos pelo povo haitiano. Por esse ângulo o Haiti emerge nos artigos e reportagens analisados como um país deslocado, fora de lugar, perdido entre a África e as Américas, nem africano, nem americano, mas suportando os estigmas que pesam sobre os povos de cada um desses continentes.

Outro aspecto que também esteve muito presente neste estudo e que está diretamente relacionado à reprodução dos principais estigmas e estereótipos anti-haitianistas, diz respeito à cultura haitiana. Foi no âmbito das manifestações culturais haitianas – sobretudo daquelas de matriz africana –, que emergiram os principais instrumentos de contestação de suas identidades. Segundo determinados setores da sociedade dominicana, para quem, ser dominicano representa, antes de tudo, não ser ou não parecer haitiano, conforme assinalou Valerio-Holguín (2001, p. 8), a “*identidad cultural dominicana surge como negación de la cultura haitiana.*” Tal contestação pode ser traduzida, dessa maneira, como uma forma de denegação de suas identidades. Foi exatamente dessa relação, entre identidade e cultura, que buscamos tratar no quinto e último capítulo deste trabalho.

Assim, desde os primeiros momentos de sua história, até os últimos desdobramentos da intervenção, que segue em curso, o povo haitiano busca, sem sucesso, afirmar-se. Sobre sua história, sua raça e sua cultura, foi sendo construída, ao longo dos últimos séculos, uma tradição de identidade que se caracterizou, a todo tempo, por seu conteúdo predominantemente negativo e depreciativo, que fez do “ser haitiano” uma verdadeira fantasmagoria. É sobre esta tradição, sobre a incessante repetição de seus motes e de suas práticas, anti-negras e/ou anti-haitianas, que o bárbaro, conforme afirmara Hurbon (1993, p. 11), foi sendo produzido. Não há, ao longo de toda sua tortuosa história um período representativo em que os estigmas e estereótipos que dão corpo e forma a essa tradição de identidade tenham silenciado. O período compreendido por nosso recorte temporal – 2004-2014 – não constitui, portanto, uma exceção. Pelo contrário.

Foi nosso propósito, no decorrer desse trabalho de pesquisa, em que pesem nossas limitações, oferecer àqueles que se interessam pelo tema, um panorama tão abrangente quanto possível da historicidade que subsume por trás do sensacionalismo e da espetacularização com que geralmente é tratada a temática haitiana. Buscamos desvelar, na medida de nossas capacidades laborativas, acadêmicas e intelectuais, o que há para além do caos e da barbárie que costumam sobressair nas produções textuais e/ou imagéticas que buscam dar conta do Haiti e de seu povo, considerado em toda a sua complexidade e extensão. Intentamos delinear, nesse longo percurso, os contornos dessa discursividade e dessa ideologia anti-haitiana, segundo a qual o haitiano surge, e continua a ser apresentado, como um tipo inferior e incapaz, que sempre esteve e permanece caminhando marginalmente, atuando, quase sempre, como um simples coadjuvante de sua própria história.

O trabalho realizado com nossas fontes historiográficas, literárias e midiáticas, estas produzidas e publicadas a partir do Haiti, da República Dominicana e dos Estados Unidos, por seis jornais e por algo em torno de duzentos e cinquenta autores diferentes, o que constitui um conjunto diversificado de abordagens e perspectivas, permitiu-nos evidenciar, especialmente ao longo dos três últimos capítulos, que o anti-haitianismo – histórico ou de Estado –, que segundo alguns autores antecede a própria formação do Estado haitiano, e que é o cavalo de batalha dessa tradição de identidade que aqui perseguimos, permanece vivo e gozando de grande vitalidade. Acreditamos ter demonstrado, ao longo dos cinco capítulos, dentre outras coisas, o processo histórico de construção e atribuição desses discursos, seu caráter negativo e depreciativo, bem como a maneira como continuam sendo retomados e apropriados por parte dos veículos de mídia contemporâneos, dos quais os artigos e reportagens analisados constituem, não mais, que uma pequena amostragem.

Por conseguinte, verificamos que o “ser haitiano” continua sendo percebido e representado, ainda que em parte - a despeito de todos os avanços políticos, jurídicos e humanitários, que buscam resguardar os direitos da pessoa humana e regular a convivência social, sobretudo no que toca àquelas questões relativas à xenofobia, ao racismo e ao preconceito –, como uma excrescência histórica, política, social e cultural, sendo-lhe negado, algumas vezes, até aquele “mínimo de identidade” de que em outro momento nos falou Agier (2001). Acreditamos ter contribuído e avançado, em alguma medida, então, para o esclarecimento de algumas questões relacionadas com a nossa temática. Destarte, esperamos que os possíveis óbices ou lacunas que porventura possam surgir – muitos dos quais próprios do trabalho de pesquisa, que não se esgota, caracterizando-se, sempre, pela incompletude –, constituam novas oportunidades ou caminhos para novas pesquisas sobre um Estado e um povo até hoje tão mal compreendidos.

## FONTES ANALISADAS

### 1) *Jornal Hoy Digital* (República Dominicana)

- Caderno Opinião e Editorial
- Artigos/Reportagens selecionados: 1139
- Artigos/Reportagens analisados: 520
- Período das publicações: 26 de dezembro de 2003 até 19 de maio de 2014.
- Endereço eletrônico: <http://hoy.com.do/>

<b>Artigos/Reportagens Analisados do jornal <i>Hoy Digital</i> (2003 a 2014)</b>						
<b>Nr Ordem</b>	<b>Fonte</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Dia</b>	<b>Mês</b>	<b>Ano</b>
1	HD	¡Ni un paso atrás!	Editorial	28	Dez	2003
2	HD	En sólo cien palabras	Editorial	28	Dez	2003
3	HD	Haití como referencia	Pedro Gil Iturbides	5	Jan	2004
4	HD	Haití a dos siglos	Ubi Rivas	7	Jan	2004
5	HD	Utopías de misérias	Carlos Rancisco Elías	12	Jan	2004
6	HD	El caso de los niños haitianos	Francisco Alvarez Castellanos	12	Jan	2004
7	HD	Utopías de misérias	Carlos Francisco Elías	13	Jan	2004
8	HD	La muerte a “picadillo”	Gustavo Guerrero	15	Jan	2004
9	HD	Historia traumática de Haití	Editorial	16	Jan	2004
10	HD	Haití: dos siglos de anarquía	Ubi Rivas	18	Jan	2004
11	HD	Haitianitud	Editorial	19	Jan	2004
12	HD	Nación acorralada	Editorial	20	Jan	2004
13	HD	Haití y el caos	Ubi Rivas	23	Jan	2004
14	HD	Tenemos que ayudar a Haití	Editorial	8	Fev	2004
15	HD	El invierno del descontento	Editorial	8	Fev	2004
16	HD	Cartas al diretor	Roberto Canaán	12	Fev	2004
17	HD	Cartas al diretor	Néstor Cerón Suero	13	Fev	2004
18	HD	Atención a lo que pasa en Haití	Editorial	14	Fev	2004
19	HD	Ubi Rivas	Aristides Depuesto	14	Fev	2004
20	HD	Acciones preventivas anti refugiados	José B. Gautier	17	Fev	2004
21	HD	Mis buenos días	Rafael Molina Morillo	19	Fev	2004

22	HD	José Antonio Martínez Rojas	Editorial	21	Fev	2004
23	HD	No dejen que Aristide se salga de las cuerdas	Editorial	22	Fev	2004
24	HD	¡Alerta, dominicanos!	Editorial	23	Fev	2004
25	HD	Preocupación por la isla	Editorial	24	Fev	2004
26	HD	En la persistencia del drama haitiano	Editorial	26	Fev	2004
27	HD	Jugando con candela	Fabio R. Herrera-Miniño	26	Fev	2004
28	HD	No a los campamentos	Editorial	28	Fev	2004
29	HD	Haití y las verdades distanciantes	Editorial	29	Fev	2004
30	HD	Haití	Jesús De La Rosa	29	Fev	2004
31	HD	¿En la ruta nubosa de los camoquins...?	Pastor Vásquez	2	Mar	2004
32	HD	Y si cruzan, ¿qué pasaría?	Francisco Alvarez Castellanos	2	Mar	2004
33	HD	África en América	Pablo A. Fernández Sánchez	3	Mar	2004
34	HD	El Haití de mis amores	Editorial	4	Mar	2004
35	HD	Aristide depuesto	Editorial	4	Mar	2004
36	HD	La solución de crisis haitiana está en Haití	Editorial	6	Mar	2004
37	HD	Trujillo y Haití	Editorial	6	Mar	2004
38	HD	Jean Bertrand Aristide	Editorial	7	Mar	2004
39	HD	Diez lecciones sobre Haití	Carlos Morales Troncoso	11	Mar	2004
40	HD	No mezclemos a Haití	Pedro Manuel Casals Victoria	12	Mar	2004
41	HD	Precedente funesto	Editorial	20	Mar	2004
42	HD	Apoya sugerencia levantar muro	Juan F. Burgos H.	20	Mar	2004
43	HD	Hispaniola	Editorial	27	Mar	2004
44	HD	Carta de Trujillo	Miguel Aquino Garcia	4	Abr	2004
45	HD	¿Se unificará la isla?	Editorial	14	Abr	2004
46	HD	Crisis sanitaria haitiana	Editorial	14	Abr	2004
47	HD	Proyecto de nación	Editorial	14	Abr	2004
48	HD	Nacionales haitianos hacia RD	Manuel Ramón Tapia	14	Abr	2004
49	HD	Tatica, líbranos de todo mal...	Miguel Aquino Garcia	14	Abr	2004
50	HD	Deshaitianizar el país	Editorial	22	Abr	2004
51	HD	- La desintegración de Haití	Roberto Canaán	25	Abr	2004
52	HD	Límites fronterizos	Priska Ventura	30	Abr	2004
53	HD	Depredadores y hechiceros	Editorial	24	Mai	2004
54	HD	Arropado por las mentiras	José B. Gautier	2	Jun	2004
55	HD	Amnistía y la misión de la ONU	Editorial	4	Jun	2004
56	HD	De nuevas generaciones, actitudes y Haití	Editorial	6	Jun	2004
57	HD	Hay que defender al país	Editorial	11	Jun	2004
58	HD	El espejo de Haití	Editorial	12	Jul	2004
59	HD	Responsabilidad migratoria refractada	José B. Gautier	14	Jul	2004
60	HD	La quijotada de un primer ministro	Miguel Aquino García	20	Jul	2004
61	HD	Ley del talión	Roberto Canaán	29	Jul	2004
62	HD	Frutos del heroísmo	Darío Meléndez	6	Set	2004
63	HD	Del flujo migratorio haitiano	Bienvenido Alvarez Vega	12	Set	2004
64	HD	Haití...	Manuel Castro Inocencio	24	Set	2004
65	HD	Los inmigrantes haitianos	José R. Martínez Burgos	26	Set	2004
66	HD	Tramando un parricidio	José B. Gautier	30	Set	2004
67	HD	Haití abandonado	Ubi Rivas	4	Out	2004
68	HD	El Senado norteamericano y Haití	Homero Luis Hernández Sánchez	8	Out	2004
69	HD	Qué hacer con Haití	Francisco Alvarez Castellanos	14	Out	2004
70	HD	El triste ejemplo de Haití	Darío Meléndez	15	Out	2004
71	HD	CARTAS AL DIRECTOR	Roberto Canaán	17	Out	2004
72	HD	Caldera franco-haitiana	Jose B. Gautier	17	Out	2004

73	HD	Identidad, y contención a los EEUU	Diómedes Mercedes	25	Out	2004
74	HD	Africa presente, Haití ausente	Alejandro Herrera Catalino	25	Out	2004
75	HD	El territorio comercial intrafronterizo	Adolfo Moreta Félix	25	Out	2004
76	HD	Haití: ¿vecinos o enemigos?	Marlene Llubes	29	Out	2004
77	HD	La presencia haitiana en el país	Francisco Alvarez Castellanos	30	Out	2004
78	HD	Una tortuga demasiado rápida	Federico Henríquez Gratereaux	2	Nov	2004
79	HD	Un concurso entre racistas	Federico Henríquez Gratereaux	6	Nov	2004
80	HD	Ya estamos haitianizados	Miguel Aquino García	10	Nov	2004
81	HD	Nación que se extingue	José B. Gautier	17	Nov	2004
82	HD	Haití y la comunidad de países	Bienvenido Alvarez-Vega	19	Nov	2004
83	HD	Desarrollo de las Comunidades Fronterizas	José B. Gautier	30	Nov	2004
84	HD	¿Otra Bosnia-Herzegovina en Santo Domingo?	José B. Gautier	2	Dez	2004
85	HD	Coctelera	Editorial	6	Dez	2004
86	HD	La frontera	Víctor Gulías	6	Dez	2004
87	HD	Creol llegó descalzo	Nelson Didiez Nadal	12	Dez	2004
88	HD	¡Garzón, diga perejil!	José B. Gautier	13	Dez	2004
89	HD	Un concurso entre racistas	José B. Gautier	13	Dez	2004
90	HD	El colapso de la IV República	Ubi Rivas	14	Dez	2004
91	HD	La solución haitiana	Fernando I. Ferrán	18	Dez	2004
92	HD	Coctelera	Editorial	19	Dez	2004
93	HD	¡La guerra es la guerra!	José B. Gautier	22	Dez	2004
94	HD	La invasión haitiana	Miguel Aquino Garcia	3	Jan	2005
95	HD	Cartas al Director	Joaquín Ricardo	7	Jan	2005
96	HD	El desgarramiento de las vestiduras	Fabio R. Herrera-Miniño	19	Jan	2005
97	HD	Haití y la diplomacia dominicana	Rosario Espinal	19	Jan	2005
98	HD	Defender nuestra soberanía	José Antonio Martínez Rojas	22	Jan	2005
99	HD	¡Atención, peligro a la vista!	Francisco Alvarez Castellanos	29	Jan	2005
100	HD	Haití es un problema nuestro	Melvin Mañon	31	Jan	2005
101	HD	Nuestro ecosistema	Pedro Gil Iturbides	2	Fev	2005
102	HD	¡Ay, Haití!	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	4	Fev	2005
103	HD	Calidad de vida e inmigración	Jose R. Martinez Burgos	11	Fev	2005
104	HD	Los nacionalismos exacerbados	Miguel Ramón Bona Rivera	12	Fev	2005
105	HD	La patria en peligro	Luis Fco. Oviedo Moquete	16	Fev	2005
106	HD	El proceso de la Independencia	Miguel Ramon Bona Rivera	27	Fev	2005
107	HD	Un Haití sin Aristide	Antonio Gil	6	Mar	2005
108	HD	Al otro lado del Masacre	R. A. Font Bernard	19	Mar	2005
109	HD	La única solución para Haití	Hugo Guiliani Cury	13	Abr	2005
110	HD	¿Un gobierno flojo ?	Francisco Alvarez Castellanos	25	Abr	2005
111	HD	Haití: un elefante en la casa	Miguel Aquino García	25	Abr	2005
112	HD	Los haitianos	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	11	Maio	2005
113	HD	Problema haitiano se agudiza	Francisco Alvarez Castellanos	13	Maio	2005
114	HD	Hurgando... Trujillo, la frontera y el premio Nóbel	Reynaldo R. Espinal	19	Maio	2005
115	HD	La presencia haitiana	Víctor Gulías	20	Maio	2005
116	HD	Presencia haitiana: lo vaticinamos	José Antonio Martínez Rojas	20	Maio	2005
117	HD	Doce razones para el insomnio en la capital	Chiqui Vicioso	21	Maio	2005
118	HD	Haití y la denuncia de Aristide	Adolfo Moreta Feliz	23	Maio	2005
119	HD	Migraciones y reingeniería de naciones	Adolfo Moreta Félix	31	Maio	2005

120	HD	El nunca acabar de las deportaciones	César Pérez	3	Jun	2005
121	HD	La “namponyól”, territorio viable de Haití	Adolfo Moreta Félix	10	Jun	2005
122	HD	La gorra	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	10	Jun	2005
123	HD	Dominicanos y haitianos	Pedro Gil Iturbides	12	Jun	2005
124	HD	Haití, siempre Haití	Ubi Rivas	12	Jun	2005
125	HD	La irresponsabilidad dominicana ante la migración haitiana	Rosario Espinal	15	Jun	2005
126	HD	Misión imposible	Francisco Alvarez Castellanos	16	Jun	2005
127	HD	¿Por qué Haití no es prioridad de Estado?	Fabio R. Herrera-Miniño	17	Jun	2005
128	HD	Solo pereció la dominicana boba	José B. Gautier	18	Jun	2005
129	HD	Conspiración migratoria en marcha	José B. Gautier	5	Jul	2005
130	HD	La respuesta del “Estado fallido”	Melvin Matthews	23	Jul	2005
131	HD	Una isla, dos naciones	Claudia L. Mejía-Ricart A.	24	Jul	2005
132	HD	La remota hipótesis del Presidente	Fernando I. Ferrán	29	Jul	2005
133	HD	Unión siamesa	Darío Meléndez	1	Ago	2005
134	HD	Haitianos emplean a miles de dominicanos	Miguel Aquino García	2	Ago	2005
135	HD	Viaje al futuro	Ubaldo Guzmán Molina	2	Ago	2005
136	HD	Cartas al Director	Rubén Feliz Lebreault	2	Ago	2005
137	HD	¿Cuándo se vendió la patria?	José B. Gautier	5	Ago	2005
138	HD	Una nación bajo arresto	Miguel Aquino García	15	Ago	2005
139	HD	Ser o no ser fallido	José B. Gautier	16	Ago	2005
140	HD	Machete, carajo	Miguel Aquino García	22	Ago	2005
141	HD	Nueva etnia: dominico-haitiana	Eddy Pereyra	24	Ago	2005
142	HD	Palabras para Jacinto	R. A. Font Bernard	26	Ago	2005
143	HD	¿Nueva etnia?	Francisco Alvarez Castellanos	30	Ago	2005
144	HD	Pares en la adversidad	Pedro Gil Iturbides	31	Ago	2005
145	HD	La democracia haitiana	Juan D. Cotes Morales	1	Set	2005
146	HD	Patriotismo y Estado de Derecho	Wilfredo Lozano	2	Set	2005
147	HD	Con dolor	Rafael Toribio	3	Set	2005
148	HD	Aprendamos a hablar en creole	José B. Gautier	4	Set	2005
149	HD	La inmigración haitiana (1 de 2)	Lupo Hernández Rueda	7	Set	2005
150	HD	Desleal legalización tráfico laboral de haitianos	José B. Gautier	9	Set	2005
151	HD	Un gran dolor de cabeza para RD	Luis Acosta Moreta	20	Set	2005
152	HD	El revés de la patraña llamada “Exodo”	José B. Gautier	20	Set	2005
153	HD	¿Petróleo venezolano por migración haitiana?	José B. Gautier	28	Set	2005
154	HD	Haití: tragedia anunciada	Ubi Rivas	13	Out	2005
155	HD	El neoantihaitianismo	María Elena Muñoz	13	Out	2005
156	HD	Crisis quisqueyana en evolución	Fabio R. Herrera-Miniño	20	Out	2005
157	HD	La condena de la Corte Interamericana	Joaquín Ricardo	22	Out	2005
158	HD	Las ONG y los curas no son culpables	Rosario Espinal	26	Out	2005
159	HD	Política migratoria “non santa”	José B. Gautier	28	Out	2005
160	HD	Detengamos una muerte anunciada	José B. Gautier	2	Nov	2005
161	HD	Perpetua guerrilla eclesiástica	José B. Gautier	6	Nov	2005
162	HD	Pesimismo atávico hasta los tuétanos	Fabio R. Herrera-Miniño	9	Nov	2005
163	HD	Coctelera	Editorial	11	Nov	2005
164	HD	Esto no es Francia	Antonio Gil	18	Nov	2005
165	HD	NYT: Dominicana y Haití	Reginaldo Atanay	29	Nov	2005
166	HD	Sendero de pasos inciertos	José B. Gautier	29	Nov	2005

167	HD	Haití	José Lois Malkun	4	Dez	2005
168	HD	Un escenario	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	14	Dez	2005
169	HD	Flaco servicio al país	Pedro Gil Iturbides	14	Dez	2005
170	HD	Ropa interior tendida al sol	Federico Henríquez	15	Dez	2005
			Gratereaux			
171	HD	Escenario número II	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	16	Dez	2005
172	HD	Faltaron pétalos de rosas	Amanda Castillo	16	Dez	2005
173	HD	Peligro latente	Francisco Alvarez	16	Dez	2005
			Castellanos			
174	HD	Mis buenos días	Rafael Molina Morillo	18	Dez	2005
175	HD	La frontera inventada	Enmanuel Ramos Messina	19	Dez	2005
176	HD	El problema haitiano	Luis Acosta Moreta	19	Dez	2005
177	HD	Retocesio táctico hacia el pasado	Federico Henríquez	20	Dez	2005
			Gratereaux			
178	HD	Leonel y su salida de Haití	Melvin Matthews	20	Dez	2005
179	HD	Una visita impropia	Ubi Rivas	21	Dez	2005
180	HD	Vacuna para la frontera	Tony Pérez	27	Dez	2005
181	HD	Juridicidad de una sentencia histórica	Julio César Castaños Guzmán	28	Dez	2005
182	HD	Nuestro más grave problema	R. A. Font Bernard	7	Jan	2006
183	HD	La consolidación del dominicanismo	Fabio R. Herrera-Miniño	11	Jan	2006
184	HD	La gran conspiración	Manuel E. Gómez Pieterz	12	Jan	2006
185	HD	La tragedia haitiana	Ubi Rivas	15	Jan	2006
186	HD	Haití y nosotros	Leandro Guzmán	17	Jan	2006
187	HD	Crucifiquenme, pero no son dominicanos	Leila Roldán	17	Jan	2006
188	HD	“Balkanization”	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	19	Jan	2006
189	HD	Eminencia: ¿Somos una Nación?	Reynaldo R. Espinal	20	Jan	2006
190	HD	Los límites fronterizos dominico-haitianos	José B. Gautier	22	Jan	2006
191	HD	La visión de Leonel	Ubi Rivas	25	Jan	2006
192	HD	La República Quisqueyana	Fabio R. Herrera-Miniño	25	Jan	2006
193	HD	¿Donde quiera hay haitianos!	Francisco Alvarez	26	Jan	2006
			Castellanos			
194	HD	El macartismo	Chiqui Vicioso	28	Jan	2006
195	HD	La escondida verdad migratoria	José B. Gautier	31	Jan	2006
196	HD	Qué se dice	Editorial	31	Jan	2006
197	HD	Mississippi Burning, Kosovo y elecciones	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	2	Fev	2006
198	HD	Los culpables	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	3	Fev	2006
199	HD	Una oportunidad para Haití	Juan Bolívar Díaz	4	Fev	2006
200	HD	El dilema de Haití	Darío Meléndez	8	Fev	2006
201	HD	El turismo de bayonetas	José B. Gautier	15	Fev	2006
202	HD	El triunfo del pueblo haitiano	Leandro Guzmán	21	Fev	2006
203	HD	El proceso de nuestra Independencia	Miguel Ramón Bona Rivera	25	Fev	2006
204	HD	Que aparezca la ayuda para Haití	Fabio R. Herrera-Miniño	11	Mar	2006
205	HD	Qué se dice	Editorial	12	Mar	2006
206	HD	La dominicanidad se hizo sola	José B. Gautier	24	Mar	2006
207	HD	Mis buenos días	Rafael Molina Morillo	3	Abr	2006
208	HD	Dominicanización fronteriza	Rafael Molina Morillo	3	Abr	2006
209	HD	La historia del 1937 se repite	Ramón Emilio Saviñón M.	4	Abr	2006
210	HD	Reflejo moderno de “La viña de Nabot”	José B. Gautier	6	Abr	2006
211	HD	Los Angeles Times investiga	José B. Gautier	21	Abr	2006
212	HD	Gastar, no invertir (1 de 2)	Francisco Alvarez	1	Maio	2006
			Castellanos			
213	HD	El voto haitiano es pa'lante que va (2 de 2)	José B. Gautier	10	Maio	2006
214	HD	Las dos caras de Trujillo (I)	Francisco Alvarez	6	Jun	2006

			Castellanos			
215	HD	“¡Diga perejil!” estilo tejano	José B. Gautier	23	Jun	2006
216	HD	Mis Buenos Días	Rafael Molina Morillo	11	Jul	2006
217	HD	Patología haitiana en Santo Domingo	Sergio Sarita Valdez	25	Jul	2006
218	HD	La quinta columna ataca	José B. Gautier	15	Ago	2006
219	HD	Un asunto de Seguridad Nacional	Leandro Guzman	18	Set	2006
220	HD	Urge abordar lo haitiano	Rosario Espinal	3	Out	2006
221	HD	Presionan al Presidente	Francisco Alvarez	5	Out	2006
			Castellanos			
222	HD	Murallas, muros y vallados históricos	Telésforo Isaac	15	Nov	2006
223	HD	Líderes desahuciados	Federico Henríquez Gratereaux	15	Nov	2006
224	HD	La deforestación: Un problema nacional	Luis Acosta Moreta	21	Nov	2006
225	HD	Sonia Pierre denuncia	Ubi Rivas	22	Nov	2006
226	HD	Media naranja	Ángela Peña	6	Dez	2006
227	HD	Posición correcta	Víctor Gulías	6	Dez	2006
228	HD	Coctelera	Editorial	21	Dez	2006
229	HD	Coctelera	Editorial	22	Dez	2006
230	HD	¡Una lágrima por Haití!	José B. Gautier	27	Dez	2006
231	HD	Cartas	Ramón Antonio Veras	9	Jan	2007
232	HD	Semblanzas de Haití	Telésforo Isaac	28	Jan	2007
233	HD	Una isla, dos pueblos, dos historias	M. Darío Contreras	28	Jan	2007
234	HD	Coctelera	Editorial	14	Fev	2007
235	HD	Parece cúmplase teoría Louverture	Juan Terrero Pérez	18	Fev	2007
236	HD	¿Tendremos que invadir a Haití?	José Báez Guerrero	20	Fev	2007
237	HD	Ahí tendremos que llegar	Bienvenido Alvarez-Vega	23	Fev	2007
238	HD	El reto de hoy: situar la política	Diogenes Cespedes	24	Fev	2007
239	HD	La independencia nacional:	Amaury Justo Duarte	27	Fev	2007
240	HD	Godoy y el Tratado de Basilea	Reynaldo R. Espinal	28	Fev	2007
241	HD	Regular la inmigración	Bienvenido Alvarez-Vega	2	Mar	2007
242	HD	Coctelera	Editorial	11	Mar	2007
243	HD	Nacionalidad dominicana, ¿a quién?	Rosario Espinal	14	Mar	2007
244	HD	La cuestión haitiana	Eduardo Jorge Prats	16	Mar	2007
245	HD	Prejuicios raciales	Fabio R. Herrera-Miniño	17	Mar	2007
246	HD	Encadenado y blufando	José B. Gautier	21	Mar	2007
247	HD	Coctelera	Editorial	24	Mar	2007
248	HD	Perjuicio Racial	Pedro Gil Iturbides	26	Mar	2007
249	HD	Coctelera	Editorial	29	Mar	2007
250	HD	Una campaña perniciosa	Leandro Guzmán	31	Mar	2007
251	HD	Nuestra responsabilidad en la inmigración haitiana	M. Darío Contreras	3	Abr	2007
252	HD	La solidaridad en pasarela	Carmen Imbert Brugal	5	Abr	2007
253	HD	Los escrúpulos de María Gargajo	Hamlet Hermann	9	Abr	2007
254	HD	La victoria de los haitianos en el siglo XXI	Fabio R. Herrera-Miniño	12	Abr	2007
255	HD	Del can can al racismo francés	Emmanuel Ramos Messina	14	Abr	2007
256	HD	Dilema cuántico: La ciencia ante un callejón sin salida	Roberto Casado Hughes	17	Abr	2007
257	HD	Escaramuza xenófoba	Rosario Espinal	18	Jan	2007
258	HD	Una idea tonta de José Ramón	Rafael Molina Morillo	20	Abr	2007
259	HD	Nacionalidad, extranjería y racismo	José Miguel Morillo Tejada	1	Maio	2007
260	HD	Fernando tiene razón	Francisco Alvarez	2	Maio	2007
			Castellanos			
261	HD	¡Adelante, amigos de Haití!	Eduardo Klinger Pevida	7	Maio	2007
262	HD	Ante un antidominicanismo extrainsular	María Elena Muñoz	7	Maio	2007
263	HD	Los enemigos del azúcar	Jose Báez Guerrero	22	Maio	2007

		dominicano				
264	HD	El paraíso perdido	M. Darío Contreras	22	Maio	2007
265	HD	De reactivo a proactivo	Julio Santos-Cayado	26	Maio	2007
266	HD	Barbas en remojo	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	16	Jun	2007
267	HD	No al etanol con dependencia haitiana	José B. Gautier	29	Jun	2007
268	HD	Muro de Lamentaciones	José B. Gautier	4	Jul	2007
269	HD	La gran mentira	Leo Beato	10	Jul	2007
270	HD	La verdadera esclavitud haitiana	Sucre Vásquez	10	Jul	2007
271	HD	Perder el sombrero en Haití	José Báez Guerrero	13	Jul	2007
272	HD	Acerca de modernidad y esclavitud	Jacinto Gimbernard Pellerano	14	Jul	2007
273	HD	¿Somos una sociedad racista?	M. Darío Contreras	17	Jul	2007
274	HD	¿Por qué Haití es tan pobre?	Haroldo Dilla Alfonso	24	Jul	2007
275	HD	Bernardo Vega y la razón salvaje	Eduardo Jorge Prats	27	Jul	2007
276	HD	La frontera: ¿castigo o premio?	M. Darío Contreras	30	Jul	2007
277	HD	El delicado problema haitiano”	Francisco Alvarez Castellanos	8	Ago	2007
278	HD	Creole, Parte II	Rafael Molina Morillo	1º	Set	2007
279	HD	Más sobre el “creole	Rafael Molina Morillo	5	Set	2007
280	HD	¿Pierde importancia el mercado haitiano?	Haroldo Dilla Alfonso	17	Set	2007
281	HD	1 año perejil	Francisco Alvarez Castellanos	6	Out	2007
282	HD	Los haitianos: El problema invisible	Ramón Pérez Minaya	29	Out	2007
283	HD	ONU investiga racismo RD	Ubi Rivas	29	Out	2007
284	HD	Las mujeres se miran las piernas	Federico Henríquez Gratereaux	7	Nov	2007
285	HD	La estrategia global de Costa Rica en la ONU	María Elena Muñoz	8	Nov	2007
286	HD	Coctelera	Editorial	9	Nov	2007
287	HD	Ligerezas y prejuicios de una relatoría	Carlos Morales Troncoso	13	Nov	2007
288	HD	La lógica de Iraq aplicada a Haití	José Báez Guerrero	16	Nov	2007
289	HD	“The Price of Sugar”	Samuel Santana	21	Nov	2007
290	HD	Peligrosas acusaciones	Samuel Santana	27	Nov	2007
291	HD	¡Peligro, alerta!	Francisco Alvarez Castellanos	8	Dez	2007
292	HD	¡Cuidado con eso!	Francisco Álvarez Castellanos	28	Dez	2007
293	HD	¿Quiénes son los culpables?	Leonardo Díaz Jáquez	29	Dez	2007
294	HD	Qué se dice	Editorial	9	Jan	2008
295	HD	Las “In” y las “E” migraciones	Diómedes Mercedes	10	Jan	2008
296	HD	El caso de los haitianos en la frontera	Francisco Álvarez Castellanos	11	Jan	2008
297	HD	La culpa y el perdón	Melania Emeterio Rondón	15	Jan	2008
298	HD	Chantaje de Haití	Ubi Rivas	28	Jan	2008
299	HD	Un drama horrendo	Jacinto Gimbernard Pellerano	2	Fev	2008
300	HD	Lecciones haitianas	Fabio R. Herrera-Miniño	21	Fev	2008
301	HD	Las barbas, las barbas	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	23	Fev	2008
302	HD	¿Logramos liberarnos de Haíti?	Fabio R. Herrera-Miniño	28	Fev	2008
303	HD	Coctelera	Editorial	1	Mar	2008
304	HD	El látigo sin mazorca en el ahora animado Haití	Horacio	13	Abr	2008
305	HD	Qué se Dice	Claudio Acosta	18	Abr	2008
306	HD	Un futuro negro para la isla	Francisco Alvarez Castellanos	19	Abr	2008
307	HD	Haití, problema que se agudiza	Francisco Álvarez Castellanos	3	Maio	2008
308	HD	Haití, país artificial	Francisco Alvarez Castellanos	17	Maio	2008

309	HD	Retenes militares inoperantes	José Antonio Martínez Rojas	23	Maio	2008
310	HD	Con la mirada en Haití	Maria Filomena Barletta	3	Jun	2008
311	HD	La inmigración que no se controla	Fabio R. Herrera-Miniño	25	Jul	2008
312	HD	Por un nacionalismo liberal	Eduardo Jorge Prats	31	Jul	2008
313	HD	El Conep y el reto haitiano	Eduardo Jorge Prats	4	Set	2008
314	HD	Hipocresía con Haití	Fabio R. Herrera-Miniño	12	Set	2008
315	HD	¿Comprar haitianos como chivos en mercados?	José Báez Guerrero	20	Out	2008
316	HD	Conflictos de alta peligrosidad	José Antonio Martínez Rojas	1	Nov	2008
317	HD	La zurrapa de una ocupación	Fabio R. Herrera-Miniño	7	Nov	2008
318	HD	RD-Haití: La política como espectáculo	Haroldo Dilla Alfonso	15	Dez	2008
319	HD	Los minerales quisqueyanos	Fabio R. Herrera-Miniño	6	Fev	2009
320	HD	Apartheid constitucional dominicano	Rosario Espinal	17	Fev	2009
321	HD	Detalles	Emeli Tueny	20	Abr	2009
322	HD	La espada de Damocles haitiana	Fabio R. Herrera-Miniño	6	Maio	2009
323	HD	Acerca de vecinos y consecuencias	Jacinto Gimbernard Pellerano	9	Maio	2009
324	HD	Deberían avergonzarse esos malos haitianos	José Báez Guerrero	11	Maio	2009
325	HD	Falacia sobre el jus solis y el jus sanguinis	Rosario Espinal	12	Maio	2009
326	HD	Animadversión de dos razas insulares	Fabio R. Herrera-Miniño	3	Jun	2009
327	HD	RD vs Haití: convivencia o confrontación	Fabio R. Herrera-Miniño	12	Jun	2009
328	HD	A Pleno Pulmon	Federico Henríquez Gratereaux	24	Jun	2009
329	HD	La mezcla de nacionalismo y medio ambiente es infernal	Dra Amparo Chantada	6	Ago	2009
330	HD	A Pleno Pulmon	Federico Henríquez Gratereaux	8	Out	2009
331	HD	Las 29 batallas perdidas	Ubi Rivas	11	Out	2009
332	HD	Desagravio al expresidente Carter	Juan Bolívar Díaz	17	Out	2009
333	HD	República Dominicana o Haití	Carlos Juan Musa Hazim	23	Out	2009
334	HD	Haití como promesa	Pedro Gil Iturbides	26	Out	2009
335	HD	A Pleno Pulmon	Federico Henríquez Gratereaux	28	Out	2009
336	HD	La mezcla de nacionalismo y medio ambiente es infernal	Amparo Chantada	29	Out	2009
337	HD	Frontera, carbón y angustia	Jacinto Gimbernard Pellerano	30	Out	2009
338	HD	Despojo de la dominicanidad	Tahira Vargas	30	Out	2009
339	HD	Balaguer y sus profecías sobre el problema haitiano	Ramón Pina Acevedo M.	20	Nov	2009
340	HD	A Pleno Pulmon	Federico Henríquez Gratereaux	13	Jan	2010
341	HD	El dolor de Haití, es nuestro dolor	Tahira Vargas	15	Jan	2010
342	HD	La tragedia de Haití y su impacto en la RD	Ramón Núñez Ramírez	16	Jan	2010
343	HD	Se nos desangra Haití	Fidelio Despradel	16	Jan	2010
344	HD	Reconstruir Haití para los haitianos	Guillermo Caram	16	Jan	2010
345	HD	Haití hora cero	Ubi Rivas	17	Jan	2010
346	HD	A Pleno Pulmon	Federico Henríquez Gratereaux	17	Jan	2010
347	HD	Comentarios en Breve	Editorial	18	Jan	2010
348	HD	Detalles	Emely Tueni	18	Jan	2010
349	HD	Haití: terremoto y muertes	Sergio Sarita Valdez	18	Jan	2010
350	HD	Haití y el perro	Eusebio Rivera Almodóvar	19	Jan	2010

351	HD	A propósito de Haití. Lo bueno de lo malo; lo malo de lo bueno	Norys Sánchez	20	Jan	2010
352	HD	Acuérdate de 1804 y 2010	Eduardo Jorge Prats	21	Jan	2010
353	HD	Qué se dice	Claudio Acosta	22	Jan	2010
354	HD	Se arruinó el plan democrático haitiano	Melvin Matthews	22	Jan	2010
355	HD	Haití visto en perspectiva	Fidelio Despradel	23	Jan	2010
356	HD	Hubiera sido mejor	Pedro Gil Iturbides	24	Jan	2010
357	HD	Abnegación, improvisaciones, figureos y temores	Fabio R. Herrera-Miniño	27	Jan	2010
358	HD	Haití: El antes y el después	José Miguel Gómez	29	Jan	2010
359	HD	¿Experimento científico?	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	29	Jan	2010
360	HD	Mírarse en el espejo de Haití y avanzar como nación	Ramón Núñez Ramírez	6	Fev	2010
361	HD	A Pleno Pulmon	Federico Henríquez Gratereaux	23	Fev	2010
362	HD	Malas noticias	Bernardo Vega	23	Fev	2010
363	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	24	Fev	2010
364	HD	Una tarea compleja	Federico Henríquez Gratereaux	26	Fev	2010
365	HD	El país fronterizo	Federico Henríquez Gratereaux	28	Fev	2010
366	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	14	Mar	2010
367	HD	¿Cuántos contenedores necesita Haití?	Samuel Luna	3	Abr	2010
368	HD	Comentarios en Breve	Carlos Morales T.	2	Maio	2010
369	HD	Siguen los problemas con los haitianos	Francisco Alvarez Castellanos	21	Maio	2010
370	HD	Delincuentes por paga	José R. Martínez Burgos	1	Jul	2010
371	HD	Comentarios en breve	Leonel Fernández R.	30	Ago	2010
372	HD	Y una sola explicación verdadera	Juan Bolívar Díaz	4	Set	2010
373	HD	A ocho meses de la tragedia haitiana	Fabio R. Herrera-Miniño	10	Set	2010
374	HD	Lo que nos preocupa de Haití	Jacinto Gimbernard Pellerano	10	Set	2010
375	HD	Detalles	Emely Tueni	28	Out	2010
376	HD	Qué se dice	Claudio Acosta	5	Nov	2010
377	HD	Historia re-escrita con melanina	Jose Baez Guerrero	8	Nov	2010
378	HD	La casita haitiana	Eusebio Rivera Almodóvar	16	Nov	2010
379	HD	Cautela en la difusión de informaciones negativas	José Antonio Martínez Rojas	26	Nov	2010
380	HD	La doble moral gringa sobre Haití	Jose Baez Guerrero	4	Jan	2011
381	HD	Tacañería global hunde a Haití	Fabio R. Herrera-Miniño	12	Jan	2011
382	HD	RD y Haití, un año después del terremoto	Melvin Matthews	14	Jan	2011
383	HD	La bomba haitiana	Ubi Rivas	16	Jan	2011
384	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	18	Jan	2011
385	HD	De perejil a “bájate prieto”	Tahira Vargas García	21	Jan	2011
386	HD	La lógica de Iraq aplicada a Haití	Tahira Vargas García	21	Jan	2011
387	HD	Haití: el Lodebar de América	Carlos Peña	21	Jan	2011
388	HD	El problema haitiano	Ubi Rivas	23	Jan	2011
389	HD	De Haití a Santo Domingo	Sergio Sarita Valdez	24	Jan	2011
390	HD	¿Quién ordenó a Baby Doc regresar?	Ubi Rivas	24	Jan	2011
391	HD	Baby Doc y el río	Eusebio Rivera Almodóvar	25	Jan	2011
392	HD	Haití, Duvalier y la patología	José Miguel Gómez	27	Jan	2011
393	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	27	Jan	2011

394	HD	Cómo se defienden	Editorial	28	Jan	2011
395	HD	Otra desgracia más para Haití, ¿brote de polio?	Jesús Feris Iglesias	31	Jan	2011
396	HD	¿Separación o unificación?	Fabio R. Herrera-Miniño	16	Fev	2011
397	HD	Haitianos: pudo más la explotación que el patriotismo	Rosario Espinal	22	Fev	2011
398	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	28	Fev	2011
399	HD	Acerca de una responsabilidad generacional y el caso haitiano	Jacinto Gimbernard Pellerano	4	Mar	2011
400	HD	Lo habíamos vaticinado hace tiempo	José Antonio Martínez Rojas	4	Mar	2011
401	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	7	Abr	2011
402	HD	Relaciones isleñas hacia la hoguera	Fabio R. Herrera-Miniño	15	Abr	2011
403	HD	Tambores del destino	Rafael Augusto Sánchez Hijo	16	Abr	2011
404	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	27	Abr	2011
405	HD	Un panorama incierto en Haití	Fabio R. Herrera-Miniño	6	Maio	2011
406	HD	Dudas e imponderables del futuro de la isla	Fabio R. Herrera-Miniño	13	Maio	2011
407	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	15	Set	2011
408	HD	¿Un ejército para Haití?	Bernardo Vega	4	Out	2011
409	HD	Relaciones internacionales	Julio Santos-Cayado	17	Out	2011
410	HD	Nacionalismo anti-nacional	Rosario Espinal	18	Out	2011
411	HD	Haití, siamés ¿sin solución?	José Báez Guerrero	21	Out	2011
412	HD	¡Por fin el Reglamento de Migración!	Juan Bolívar Díaz	22	Out	2011
413	HD	El proyectado ejército haitiano	Bonaparte Gautreaux Piñeyro	23	Nov	2011
414	HD	Sonia Pierre, luchadora vituperada	Rosario Espinal	6	Dez	2011
415	HD	Solidaridad del Presidente	Ubi Rivas	16	Jan	2012
416	HD	La hipersensibilidad dominico-haitiana	Juan Bolívar Díaz	21	Jan	2012
417	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	16	Mar	2012
418	HD	No hay cama pa' tanta gente	José Tiberio Castellanos	20	Mar	2012
419	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	23	Mar	2012
420	HD	Elena Lorat o la identidad como cuestión	Cesas Pérez	26	Jun	2012
421	HD	Qué se dice	Claudio Acosta	2	Jul	2012
422	HD	Relaciones insulares de atracción y rechazo	Fabio R. Herrera-Miniño	6	Jul	2012
423	HD	Diáspora haitiana: generaciones de trabajo e intercambio cultural	Editorial	14	Jul	2012
424	HD	“Zero” frontera; fin de la dicha	Eusebio Rivera Almodóvar	17	Jul	2012
425	HD	Haití ¿está de moda?	Miguel Sang Ben	13	Ago	2012
426	HD	Haití y RD: ¿Cuándo empiezan a distanciarse en el desarrollo?	Miguel Ceara-Hatton	20	Set	2012
427	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	19	Out	2012
428	HD	El lento renacer haitiano	Fabio R. Herrera-Miniño	11	Jan	2013
429	HD	El problema haitiano	Ubi Rivas	13	Jan	2013
430	HD	Pellizcos hacedores de hematomas	Fabio R. Herrera-Miniño	16	Jan	2013
431	HD	La nueva desolación de la frontera	Fabio R. Herrera-Miniño	1	Fev	2013
432	HD	A Pleno Pulmón	Editorial	20	Fev	2013
433	HD	El gran tolo migratorio	Rosario Espinal	2	Abr	2013

434	HD	Independencia, Dominación Haitiana y Separación	Tirso Mejía-Ricart	6	Abr	2013
435	HD	Con el bacalao a cuesta	Fabio R. Herrera-Miniño	1	Maio	2013
436	HD	Relaciones con Haití	Ubi Rivas	5	Maio	2013
437	HD	La inmigración haitiana en la República Dominicana	Luis Vílchez González	17	Maio	2013
438	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Grateraux	17	Maio	2013
439	HD	FF. AA. e interés nacional	Ubi Rivas	9	Jun	2013
440	HD	El que sea dominicano “puro” que tire la primera piedra	Deisy Toussaint	10	Jun	2013
441	HD	Agresiones haitianas al pueblo dominicano	Fabio R. Herrera-Miniño	12	Jun	2013
442	HD	Qué se dice	Claudio Acosta	12	Jun	2013
443	HD	Veinte millones, y más	Rosario Espinal	18	Jun	2013
444	HD	Furia, odio y codicia haitiana	Fabio R. Herrera-Miniño	19	Jun	2013
445	HD	A pleno pulmón	Federico Henríquez Grateraux	19	Jun	2013
446	HD	Los huevos históricos (II)	Federico Henríquez Grateraux	20	Jun	2013
447	HD	La batalla de los pollos y huevos	Carlos Peña	21	Jun	2013
448	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Grateraux	27	Jun	2013
449	HD	Lecciones del comercio con Haití	Melvin Matthews	29	Jun	2013
450	HD	El reburujamiento de los fronterizos de la isla	Fabio R. Herrera-Miniño	5	Jul	2013
451	HD	El problema haitiano	Ubi Rivas	15	Jul	2013
452	HD	El reciente zarpazo haitiano a los dominicanos	Fabio R. Herrera-Miniño	24	Jul	2013
453	HD	Las palomas tirándole a las escopetas	Fabio R. Herrera-Miniño	2	Ago	2013
454	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Grateraux	11	Ago	2013
455	HD	Al editor de <i>El Diario Hoy Digital</i>	Dr. Vladimir Louis-Charles	16	Ago	2013
456	HD	Un clavo en el zapato	Fabio R. Herrera-Miniño	30	Ago	2013
457	HD	Territorio dominicano arrebatado por los haitianos	Fabio R. Herrera-Miniño	7	Set	2013
458	HD	De lo transitorio a la xenofobia radical anti-haitiana	Luis Scheker Ortiz	2	Out	2013
459	HD	El cuco constitucionalizado	Rosario Espinal	2	Out	2013
460	HD	En las trascendencias del desorden	Jacinto Gimbernard Pellerano	5	Out	2013
461	HD	Sentencia del TC: Cuestión de soberanía	Melvin Matthews	6	Out	2013
462	HD	El Tribunal Constitucional Puso un Huevo Cuadrado	Tirso Mejía Ricart	6	Out	2013
463	HD	Discriminación racial aprendida	Hamlet Hermann	7	Out	2013
464	HD	Inmigración	Julio Santos Cayado	8	Out	2013
465	HD	Matrimonio sin divorcio	Eusebio Rivera Almódovar	9	Out	2013
466	HD	Migración haitiana: tres falacias	Rosario Espinal	9	Out	2013
467	HD	“Les quitaron a los haitianos...”	José Báez Guerrero	18	Out	2013
468	HD	El Estado rehén	César Pérez	23	Out	2013
469	HD	Martelly aspira a unificar la isla	Melvin Matthews	27	Out	2013
470	HD	Ayuda bien intencionada, mas equivocada	José Antonio Martínez Rojas	2	Nov	2013
471	HD	La sentencia 168-13 TC: un medicamento contra-indicado	Tomás Gómez Bueno	6	Nov	2013
472	HD	Por un nacionalismo liberal	Eduardo Jorge Prats	8	Nov	2013
473	HD	Socialización y dominicanidad	Tahira Vargas García	9	Nov	2013
474	HD	Xenofobia, racismo e interés nacional, a propósito de una	Tirso Mejía Ricart	10	Nov	2013

		decisión infortunada del TC				
475	HD	Entre el caos y las circunstancias	Natanael De Los Santos	13	Nov	2013
476	HD	Haití: ¿Una amenaza regional?	Manuel Alejandro Valerio Jiminián	13	Nov	2013
477	HD	Nos quieren dar lecciones...	José Báez Guerrero	19	Nov	2013
478	HD	Haití-RD: Crisis y Geopolítica	Manuel Alejandro Valerio Jiminián	22	Nov	2013
479	HD	Duarte, Haití y la nación dominicana	Guillermo Peña Capellán	22	Nov	2013
480	HD	Una sentencia arduamente elaborada, pero urticante	Fabio Herrera Miniño	23	Nov	2013
481	HD	Los que trajeron a los haitianos	Huchi Lora	24	Nov	2013
482	HD	Una isla, dos naciones y dos estados independientes y soberanos	Guillermo Moreno	26	Nov	2013
483	HD	Dilema moral, no jurídico	José Báez Guerrero	26	Nov	2013
484	HD	Una contra propuesta de unificación	José Báez Guerrero	29	Nov	2013
485	HD	Haití: ¿Cul de Sac?	Manuel Alejandro Valerio Jiminián	29	Nov	2013
486	HD	Propuesta para superar la sentencia 168-13	Marcos V. Bello	2	Dez	2013
487	HD	Haití y el golpe a Bosch	Sergio Sarita Valdez	3	Dez	2013
488	HD	La doble moral gringa sobre Haití	José Báez Guerrero	3	Dez	2013
489	HD	Los países amigos de Haití	José Antonio Martínez Rojas	7	Dez	2013
490	HD	Carta al Editor de la revista británica The Economist	Federico Alberto Cuello Camilo	10	Dez	2013
491	HD	Quién habla de Apartheid?	Manuel Jiménez	11	Dez	2013
492	HD	Los enemigos de Haití, ¿son nuestros amigos?	Luis Scheker Ortiz	11	Dez	2013
493	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	12	Dez	2013
494	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	13	Dez	2013
495	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	16	Dez	2013
496	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	17	Dez	2013
497	HD	Sentencia 168/13 como estrategia de fragmentación social	Tomás Gómez Bueno	18	Dez	2013
498	HD	Haití: Justicia y Derecho	Manuel Alejandro Valerio Jiminián	29	Dez	2013
499	HD	Señor Presidente: Discurso magnífico y contundente	José Antonio Martínez Rojas	1	Jan	2014
500	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	3	Jan	2014
501	HD	Encuentro de expectativas e incertidumbres	Fabio Herrera Miniño	4	Jan	2014
502	HD	Yerros en diplomacia inaceptables	José Antonio Martínez Rojas	4	Jan	2014
503	HD	Pagos de reparación de Haití a Francia	Julio Santos-Cayado	7	Jan	2014
504	HD	Haití, nacionalismo liberal y empresarios	Eduardo Jorge Prats	10	Jan	2014
505	HD	Es culpa nuestra	Bernardo Vega	17	Jan	2014
506	HD	Haití: Cooperación internacional y liderazgo fallido	Manuel Alejandro Valerio Jiminián	22	Jan	2014
507	HD	Cumplan la ley, desechen el bajadero ilegal	Enrique Marchena Pérez	27	Jan	2014
508	HD	Sin titubeos: El tema de Haití	José Manuel Guzmán Ibarra	28	Jan	2014
509	HD	Una perorata falaz, huera y lesiva	César Pérez	5	Fev	2014
510	HD	El límite de la solidaridad	Eusebio Rivera Almódovar	5	Fev	2014
511	HD	A ver si lo entiendo	Deisy Toussaint	5	Fev	2014

512	HD	Desempolvando intromisiones foráneas en la isla	Fabio Herrera Miniño	13	Fev	2014
513	HD	El origen del racismo dominicano	Eduardo Jorge Prats	14	Fev	2014
514	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	26	Fev	2014
515	HD	La reconversión al obscurantismo	Rafael Acevedo	12	Mar	2014
516	HD	Estado, nación, soberanía y traidores	Rosario Espinal	2	Abr	2014
517	HD	La discriminación racial ¿Existe?	José Manuel Guzmán Ibarra	8	Abr	2014
518	HD	El torbellino quisqueyano	Fabio Herrera Miniño	26	Abr	2014
519	HD	¿Y tu abuela dónde está?	Juan Bolívar Díaz	27	Abr	2014
520	HD	A Pleno Pulmón	Federico Henríquez Gratereaux	12	Maio	2014

## 2) Jornal *El Nacional* (República Dominicana)

- Caderno Opinião e Editorial
- Artigos/Reportagens selecionados: 286
- Artigos/Reportagens analisados: 96
- Período das publicações: 28 de novembro de 2008 até 17 de maio de 2014.
- Endereço Eletrônico: <http://elnacional.com.do/>

### Artigos/Reportagens Analisados do Jornal *El Nacional* (2008 a 2014)

Nr Ordem	Fonte	Título	Autor	Dia	Mês	Ano
1	EN	Debate ante el problema haitiano El tema migratorio ha resurgido en el debate.	Amín Pérez	28	Nov	2008
2	EN	Humorada	Francisco Álvarez Castellanos	29	Nov	2008
3	EN	Infoseguridad 007	Juan Tomas Taveras	10	Dez	2008
4	EN	Censo del año 2011	Leandro Guzmán	11	Dez	2008
5	EN	La criminalización del inmigrante	Amín Pérez	12	Dez	2008
6	EN	Los lectores opinan	Editorial	18	Dez	2008
7	EN	Crónica del Presente	Euclides Gutierrez Felix	22	Dez	2008
8	EN	El bulevar de la vida	Pablo Mckinney	16	Jan	2009
9	EN	Al día	Juan José Ayuso	17	Jan	2009
10	EN	Un problema	Juan Taveras Hernandez	31	Jan	2009
11	EN	Crónica del Presente	Euclides Gutierrez Felix	27	Abr	2009
12	EN	¡Cuidado con los extremos!	Príamo H. Medina P.	2	Maio	2009
13	EN	Sin dudas, xenófobos	Orlando Gómez Torres	13	Maio	2009
14	EN	Racismo inconcebible	Danilo Cruz Pichardo	23	Maio	2009
15	EN	La dominicanidad en conserva	Rafael R. Ramírez Ferreira	30	Maio	2009
16	EN	Crónica del Presente	Euclides Gutiérrez Félix	6	Set	2009
17	EN	Al día	Juan José Ayuso	9	Jul	2009

18	EN	Crónica del Presente	Euclides Gutiérrez Félix	12	Out	2009
19	EN	Humorada	Francisco Álvarez Castellanos	15	Out	2009
20	EN	Crónica del Presente	Euclides Gutiérrez Félix	26	Out	2009
21	EN	Infoseguridad	Juan Tomás Taveras Mayor General(R) P.N.	12	Nov	2009
22	EN	Infoseguridad	Juan Tomás Taveras Mayor General (R) P.N.	14	Nov	2009
23	EN	Crónica del Presente	Euclides Gutiérrez Félix	16	Nov	2009
24	EN	Crónica del presente	Euclides Gutiérrez Félix	7	Dez	2009
25	EN	A rajatabla	Orión Mejía	12	Dez	2009
26	EN	Cápsulas	Álvaro Arvelo Hijo	14	Dez	2009
27	EN	Haití	Orlando Jorge Mera	16	Jan	2010
28	EN	Tragedia haitiana	Danilo Cruz Pichardo	16	Jan	2010
29	EN	Maldición imperial	Narciso Isa Conde	16	Jan	2010
30	EN	Catalejo	Anulfo Mateo Pérez	16	Jan	2010
31	EN	Haití en la conciencia	Juan TH	16	Jan	2010
32	EN	La tragedia hermana	Julio Martínez Pozo	16	Jan	2010
33	EN	El Bulevar de la vida	Pablo Mckinney	18	Jan	2010
34	EN	Plan Marshall para Haití	Eduardo Álvarez	19	Jan	2010
35	EN	Cartas de los lectores	Editorial	20	Jan	2010
36	EN	Vivencias cotidianas de allí y aquí	Aida Trujillo	21	Jan	2010
37	EN	Islario	Adrián Javier	21	Jan	2010
38	EN	El Bulevar de la vida	Pablo Mckinney	22	Jan	2010
39	EN	Quintaesencia	Rafael Ciprián	23	Jan	2010
40	EN	Envidiosos	Violeta Yangüela	25	Jan	2010
41	EN	Al día	Juan José Ayuso	26	Jan	2010
42	EN	Nada qué hacer en Haití	Juan TH	27	Jan	2010
43	EN	Infoseguridad	Juan Tomás Taveras Mayor General (R) P.N.	30	Jan	2010
44	EN	Catalejo	Anulfo Mateo Pérez	30	Jan	2010
45	EN	Los yanquis en Haití	Lilliam Oviedo	30	Jan	2010
46	EN	Islario	Adrián Javier	18	Fev	2010
47	EN	Crónica del Presente	Euclides Gutiérrez Félix	22	Mar	2010
48	EN	El Bulevar de la vida	Pablo Mckinney	24	Mar	2010
49	EN	¿Y el problema dominicano?	Julio Martínez Pozo	24	Jul	2010
50	EN	¿Elecciones para qué?	Álvaro Arvelo	26	Jul	2010
51	EN	Visiones de El Corte	Julio Martínez Pozo	4	Set	2010
52	EN	Crónica del presente	Euclides Gutiérrez Félix	13	Dez	2010
53	EN	Haití, año 1 D.T.	Orlando Gómez Torres	12	Jan	2011
54	EN	Duvalier e Aristide	Nelson Encarnación	22	Jan	2011
55	EN	Haití en retroceso	Julio Martínez Pozo	22	Jan	2011
56	EN	Yzaguirre, ¡quíéranos más!	Julio Martínez Pozo	19	Fev	2011
57	EN	Aristide	Chiqui Vicioso	1	Abr	2011
58	EN	La fusión de la isla	Orlando Gómez Torres	27	Abr	2011
59	EN	Martelly en un “nuevo” espectáculo	Lilliam Oviedo	14	Maio	2011
60	EN	Al día Martelly y el ejército	Juan José Ayuso	19	Maio	2011
61	EN	¡Haití vive!	Chiqui Vicioso	11	Jul	2011
62	EN	Haití como negocio	Juan TH	28	Mar	2012
63	EN	Breve que te quiero breve	Juan Carlos García	3	Maio	2012
64	EN	Manuel García Verdecia	Editorial	1	Nov	2012
65	EN	Infoseguridad	Juan Tomás Taveras	17	Abr	2013
66	EN	Presencia haitiana	Hugo A. Ysalguez	10	Maio	2013
67	EN	Voces y Ecos	Rafael Peralta Romero	18	Maio	2013
68	EN	Cartas de los lectores	Editorial	18	Maio	2013

69	EN	Futuro RD y Haití	Oquendo Medina	20	Jun	2013
70	EN	Haití en Pekín	Luis Pérez Casanova	22	Jul	2013
71	EN	Los haitianos tienen razón	José Antonio Torres	23	Jul	2013
72	EN	El Bulevar de la vida	Pablo Mckinney	30	Set	2013
73	EN	Quintaesencia	Rafael Ciprián	12	Out	2013
74	EN	¿“Todos/as... Haití”?	Editorial	19	Out	2013
75	EN	Cuando sea Presidente	José Díaz	24	Out	2013
76	EN	Fenómeno migratorio	Ernesto Guerrero	25	Out	2013
77	EN	Duarte a debate	Luis Pérez Casanova	4	Nov	2013
78	EN	Cuando sea Presidente	José Díaz	7	Nov	2013
79	EN	Amnistía y sentencia	Hugo A. Ysalguez	8	Nov	2013
80	EN	¿Pro haitianos?	Pedro P. Yermenos Forastieri	19	Nov	2013
81	EN	Sólo el diálogo	Antonio Almonte	23	Nov	2013
82	EN	“Bon jour”	Ernesto Guerrero	27	Nov	2013
83	EN	Una isla, dos naciones	Guillermo Moreno	28	Nov	2013
84	EN	Haití, Caricom y RD	Orlando Jorge Mera	30	Nov	2013
85	EN	Involucrarnos en Haití	Orlando Gómez Torres	4	Dez	2013
86	EN	Racismo frente Haití	Narciso Isa Conde	8	Dez	2013
87	EN	Enfoque Semanal	Jerez Whisky	21	Dez	2013
88	EN	Quintaesencia	Rafael Ciprián	4	Jan	2014
89	EN	La solidaridad haitiana	José Antonio Torres	7	Jan	2014
90	EN	De Bosch a la intelectualidad (II)	Chiqui Vicioso	24	Jan	2014
91	EN	Exodo haitianos ilegales	Hugo A. Ysalguez	31	Jan	2014
92	EN	Cartas de los lectores	Ricardo Tejada Guerrero,	1	Fev	2014
93	EN	Esclavitud y discriminación	Max Puig	4	Fev	2014
94	EN	Apellidos Deguis Pierre	Ernesto Guerrero	4	Abr	2014
95	EN	Crónica del Presente	Euclides Gutiérrez Félix	7	Abr	2014
96	EN	Guy Alexandre	Max Puig	15	Abr	2014

### 3) Jornal *El Día* (República Dominicana)

- Caderno Opinião e Editorial
- Artigos/Reportagens selecionados: 89
- Artigos/Reportagens analisados: 28
- Período das publicações: 13 de janeiro de 2010 até 15 de maio de 2014.
- Endereço Eletrônico: <http://eldia.com.do/>

#### Artigos/Reportagens Analisados do Jornal *El Día* (2010 a 2014)

Nr Ordem	Fonte	Título	Autor	Dia	Mês	Ano
1	ED	Haití, territorio de nadie	Padre Rogelio Cruz	17	Jan	2010
2	ED	Entonces nos tocará	Hecmilio Galván	27	Jan	2010
3	ED	Haití: modelo del nuevo colonialismo asistencial	Padre Rogelio Cruz	23	Fev	2010
4	ED	Haití: Desgracia perpetua	Dunia De Windt	27	Out	2010

5	ED	Ejemplo de tolerancia	Roberto Lebrón	8	Ago	2011
6	ED	Dos pueblos unidos por la geografía y la historia	Johnny Guerrero	8	Ago	2011
7	ED	Haití necesita técnicos, no tropas	German Marte	5	Set	2011
8	ED	La Separación de Haití	Johnny Guerrero	19	Jan	2012
9	ED	El cajón de Carlos	Elías Brache Hijo	5	Mar	2012
10	ED	Las elecciones dominicanas vistas por un haitiano	Edwin Paraison	17	Jun	2012
11	ED	La Minustah viola la soberanía y los DDHH del pueblo haitiano	Johnny Guerrero	1	Jun	2012
12	ED	El problema del vecino; Haití, República Dominicana	Nelson Guzmán Diplán	31	Jul	2012
13	ED	La insensatez de la xenofobia	David Álvarez Martin	9	Ago	2012
14	ED	El racismo anti haitiano, historia que no termina	Johnny Guerrero	9	Jan	2013
15	ED	Antidominicanismo versus antihaitianismo	Edwin Paraison	6	Ago	2013
16	ED	La xenofobia racista antihaitiana	Johnny Guerrero	11	Set	2013
17	ED	Falta una amnistía	wilkin de la cruz	3	Out	2013
18	ED	El pecado	Elías Brache	7	Out	2013
19	ED	No remuevan el altar para que no se caigan los santos	Johnny Guerrero	10	Out	2013
20	ED	A propósito de entregar excusas	Ajasta Bali	11	Out	2013
21	ED	Un paso en la buena dirección	Edwin Paraison	15	Out	2013
22	ED	2013 dominado por problemas migratorios	Edwin Paraison	30	Dez	2013
23	ED	¡Desinformación!	Edwin Paraison	25	Fev	2014
24	ED	El TNT y las reacciones oficiales	Edwin Paraison	6	Mar	2014
25	ED	ATNT: tonterías nacionalistas	David Álvarez Martin	14	Mar	2014
26	ED	Danilo y la Ley Especial de Naturalización	Euri Cabral	3	Abr	2014
27	ED	Jornada Nacional de la Diáspora	Edwin Paraison	24	Abr	2014
28	ED	Reacciones y presiones	Edwin Paraison	15	Maio	2014

#### 4) *Alter Presse* (Haiti)

- Caderno Opinião e Editorial
- Artigos/Reporagens selecionados: 158
- Artigos/Reportagens analisados: 73
- Período das publicações: 27 de novembro de 2003 até 03 de fevereiro de 2014.
- Endereço Eletrônico: <http://www.alterpresse.org/>

#### **Artigos/Reportagens Analisados do Jornal *Alter Presse* (2003 a 2014)**

<b>Nr Ordem</b>	<b>Fonte</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Dia</b>	<b>Mês</b>	<b>Ano</b>
1	AP	Haití: Hacia el poder absoluto y arbitrario	Gotson Pierre	27	Nov	2003
2	AP	República Dominicana: Puede y debe participar de una eventual solución a la crisis haitiana, según el sociólogo	Max Puig	24	Mar	2004
3	AP	Haití: Entre la espada y la pared	Sally Burch	27	Maio	2004
4	AP	Haití: ¿otra vez olvidado?	El Caribe/ Flavio Darío Espinal /18/06/04/Pág Opinión.	18	Jun	2004
5	AP	Otras fronteras, problemas y soluciones	Hoy 14-9-2004/El Mundo.	14	Set	2004
6	AP	La otra historia : Las fronteras	Hoy 20-9-2004./El Mundo.	20	Set	2004
7	AP	Gerard y Haití de cara al Sol		14	Out	2004
8	AP	Estados Unidos culpa de la crisis a los leales de Aristide	Editorial Listin Diario 13-10-2004	14	Out	2004
9	AP	La gobernabilidad en Haití	Editorial	20	Out	2004
10	AP	Crítica visión de los medios sobre inmigrantes	Diario Libre 2-11-2004/Nacionales	2	Nov	2004
11	AP	Fernandez pide en Cumbre de Río ayuda inmediata para Haití y pide incluyan Aristide en solución problema haitiano	Listín Diario 5-11-2004.	5	Nov	2004
12	AP	Haití reacciona ante la petición de deportaciones	Hoy 12-11-2004/Mundo	12	Nov	2004
13	AP	Hacen llamado a globalizar la solidaridad y profundizar las relaciones de amistad entre periodistas dominicanos y haitianos	[jls apr 04/11/2004 02:26]	4	Nov	2004
14	AP	Pide reconocer aportes de los migrantes haitianos a la República Dominicana	[jls apr 08/12/04]	8	Dez	2004
15	AP	Ex cónsul Edwin Paraison analiza factores que provocan masiva migración haitiana a la República Dominicana	[jls apr 16/12/2004 11:08]	16	Dez	2004
16	AP	SJRM exhorta a evitar actitudes xenofóbicas contra migrantes haitianos	[jls apr 11/05/2005 9:15]	11	Maio	2005
17	AP	Condenan repatriación masiva de haitianos/as y dominicanos/as en la frontera norte República Dominicana y Haití	[jls apr 16/05/2005 20:40]	16	Maio	2005
18	AP	Embajador dominicano, José Serrulle Ramia, confía en futuro promisorio para Haití	[jls apr 14/06/05 14:20]	14	Jun	2005
19	AP	Denuncia en los últimos diez años gobiernos dominicanos no otorgado ningún estatus de refugiado	[jls apr 21/06/05 10:00]	21	Jun	2005
20	AP	República Dominicana/Haiti : Fernandez reconoce su gobierno haber violado derechos de repatriados haitianos	[jls rc apr 24/06/05 18:00]	24	Jun	2005
21	AP	Presidente dominicano, Leonel Fernández, afirma Estado Haitiano no existe, tratan de crearlo	[jls apr 25/07/2005 09:53]	25	Jul	2005

22	AP	Expulsan de República Dominicana cientos de inmigrantes haitianos	[jls apr 17/08/2005 20:30]	17	Ago	2005
23	AP	Experto dominicano pide a autoridades dominicanas de asumir sus responsabilidades en relacion a la migracion haitiana	[jls rc 22-08-2005 14:30]	22	Ago	2005
24	AP	La isla de Hispaniola y nosotros	Ericq Pierre	31	Ago	2005
25	AP	Conferencia del Episcopado dominicano reclama aplicar ley de migración sobre casos haitianos	[jls gp apr 01/11/2005 16:30]	1	Nov	2005
26	AP	Confederación Dominicana de Religiosos y Religiosas apoya sacerdotes que son amenazados por trabajar con inmigrantes haitianos	[jls apr 02/11/2005 18:30]	2	Nov	2005
27	AP	R. Dominicana : Un sacerdote frances afirma que Haití carece de una Identidad Nacional	[jls gp apr 08/11/2005 08:40]	8	Nov	2005
28	AP	Gobierno dominicano revela Padre Pedro Ruquoy viaja al exterior	[jls apr 18/11/2005 20:30]	18	Nov	2005
29	AP	Haití – R. Dominicana : Caficultores quieren contratar trabajadores inmigrantes haitianos a pesar de presión que reciben	[jls gp apr 07/12/2005 23:00]	7	Dez	2005
30	AP	R. Dominicana – Haití : Fernández descartó posibilidad de enfrentamiento entre ambos países por cuestiones fronterizas	[jls gp apr 16/01/2006 00:05]	16	Jan	2006
31	AP	R. Dominicana – Haití : Reclaman del Estado Dominicano una política migratoria justa y digna	[jls apr 16/01/2006 13:50]	16	Jan	2006
32	AP	Haití: ¿Qué desafío debe encarar Préval?	Gotson Pierre	25	Fev	2006
33	AP	R. Dominicana – Haiti : Tensión en comunidad de Yabónico tras el asesinato de alcalde pedáneo y la quema de dos haitianos	[jls apr 08/03/2006 9:00]	8	Mar	2006
34	AP	Restablecer el poder del Estado en Haití : Una prioridad a la vez coyuntural y estructural	Wooldy Edson Louidor	24	Ago	2006
35	AP	Rep. Dominicana : Ley de migración vulnera derechos humanos de inmigrantes	Andrés Mendoza de León, de la Coordinadora Nacional de los Derechos Humanos (CONADHU)	14	Set	2006
36	AP	Haití : ¿de cara a su última oportunidad ? Tres meses después de la instalación del actual gobierno haitiano	Wooldy Edson Louidor	13	Out	2006
37	AP	Haití : Un contexto opuesto al ideal del fundador de la nación	Wooldy Edson Louidor	20	Out	2006
38	AP	¿ Como solucionar la inseguridad en Haití ? ¿Crear una Gendarmería nacional o restablecer las Fuerzas Armadas ?	Wooldy Edson Louidor	27	Out	2006
39	AP	Haití : Muchos movimientos políticos y una sociedad en estancamiento	Wooldy Edson Louidor	3	Nov	2006
40	AP	Imágenes de Haití en el exterior	Wooldy Edson Louidor	8	Nov	2006
41	AP	Haití : Cada día más ciudadanos haitianos manifiestan sus inquietudes	Wooldy Edson Louidor	17	Nov	2006

sobre el destino de su país

42	AP	Haití-Rep. Dominicana : El reto de construir relaciones más armoniosas entre ambos países	Woody Edson Loudor	29	Jan	2007
43	AP	Haití : La MINUSTAH en el corazón de los debates, cerca del fin de su mandato	Woody Edson Loudor	8	Fev	2007
44	AP	Preocupación de sectores de la sociedad haitiana respecto a la Resolución 1743 del Consejo de Seguridad de la ONU	Woody Edson Loudor	28	Fev	2007
45	AP	República Dominicana : Negación de derechos fundamentales a migrantes de Haití	Amnistía Internacional	21	Mar	2007
46	AP	La Lucha de Haití : De Toussaint Louverture a Jean-Bertrand Aristide	Entrevista con Michael Deibert, periodista y escritor Por Rodrigo Montealegre	29	Mar	2007
47	AP	Haití-República Dominicana : La cara servil de los gobiernos haitianos con respecto al racismo antihaitiano en la República Dominicana	Gerald Etienne	28	Maio	2007
48	AP	Haití : La urbanización acelerada, una de las causas de la degradación del medioambiente en Puerto Príncipe En torno a la celebración del aniversario número 258 de la Capital haitiana	Los diferentes análisis, hechos por varias instituciones Por Woody Edson Loudor	27	Jun	2007
49	AP	La cuestión migratoria en Haití	Gotson Pierre	9	Jul	2007
50	AP	Haití-R. Dominicana : Migrantes haitianos-as y sus descendientes reivindican trato más justo	Woody Edson Loudor	27	Out	2007
51	AP	Haití : El camino para salir de la miseria es aún incierto	Woody Edson Loudor	5	Out	2007
52	AP	Haiti-R. Dominicana : La matanza de 1937 y nosotros	Ericq Pierre	22	Out	2007
53	AP	Haití-R. Dominicana : Hacia una mayor articulación entre periodistas haitianos-as y dominicanos-as para mejorar el abordaje de la temática binacional	Woody Edson Loudor	30	Nov	2007
54	AP	Llaman a proteger los migrantes haitianos en República Dominicana	Comunicado de Solidarite Fwontalye / Solidaridad Fronteriza y del Servicio Jesuita a Refugia@s y Migrantes	18	Dez	2007
55	AP	Haití en emergencia	Por ALAI [1], con informacion de AlterPresse	11	Abr	2008
56	AP	Haití: Una crisis en múltiples facetas	Woody Edson Loudor y Angélica López	15	Jul	2008
57	AP	Haitianos y Obama	Ericq Pierre	10	Ago	2008
58	AP	Haití-R. Dominicana/Decapitación : ...Demasiado lejos	Por Hérold Jean-François	7	Maio	2009
59	AP	Haití-Terremoto : Estrategia del caos para una invasión	José Luis Vivas	19	Jan	2010
60	AP	Haití, una tragedia evitable	Por Susana Merino	29	Abr	2010
61	AP	Haiti : A seis meses del terremoto	Sergia Galván	16	Jul	2010

62	AP	Haití : Las trampas de la democracia	DebatePor Marc-Léo Laroche	16	Jul	2010
63	AP	Haití-UNFPA : Contar la población para encarar una nueva distribución después del sismo	Editorial	18	Jul	2010
64	AP	Haiti : Tras el terremoto y el cólera, Duvalier	Editorial	20	Jan	2011
65	AP	Haiti-Japon : Fobias	Marc Antoine Archer	3	Abr	2011
66	AP	Haiti-Migracion : El sentido de la trascendental petición del ACNUR y la OACDH a gobiernos para suspender las repatriaciones de los Haitianos	Edson Louidor [1	24	Jun	2011
67	AP	Haití, país ocupado	Eduardo Galeano	30	Set	2011
68	AP	Haiti : La gestión de la ayuda en un contexto de deterioro estructural	Por Julia Schünemann, Investigadora de FRIDEY Pierre Richard Cajuste, Ex delegado de Haití ante la ONU Transmitido a AlterPresse el 27 de noviembre de 2011	2	Dez	2011
69	AP	La amenaza haitiana	Eduardo Galeano	14	Out	2012
70	AP	Haití-Sismo : Un país estancado tras la tragedia	Entrevista con Gotson Pierre, periodista independiente haitiano [1 ) Por Marco Bello Tomado de Antena Misionera [2]	9	Abr	2013
71	AP	Haiti-Rep. Dominicana : Organizaciones de Derechos Humanos rechazan sentencia Tribunal Constitucional y llaman a la solidaridad	Comunicado de instituciones y organizaciones sociales en Republica Dominicana	3	Out	2013
72	AP	MINUSTAH: Una extensión de la misión y una reducción de las tropas a 2.000 soldados para el año 2015	Editorial	16	Set	2014
73	AP	Haiti : Una barca a los tumbos	Marc-Arthur Fils-Aimé	24	Set	2014

##### 5) *The Haitian Times* (Diáspora haitiana em Nova Yorque)

- Caderno Opinião e Editorial
- Artigos/Reportagens selecionados: 80
- Artigos/Reportagens analisados: 43
- Período das publicações: 2009 a 2014.
- Endereço Eletrônico: <http://www.haitiantimes.com>

##### Artigos/Reportagens Analisados do Jornal *The Haitian Times* (2009 a 2014)

Nr Ordem	Fonte	Título	Autor	Ano
----------	-------	--------	-------	-----

1	THT	Is outsourcing really responsible for the abysmal state of the U.S economy	Max A. Joseph	2009
2	THT	The latest abuse of power by the U.N Security Council	Max A. Joseph	2009
3	THT	How to stop haiti's slow descent into irrelevancy?	Max A. Joseph	2009
4	THT	Un envoy: Haiti in desperate need of socio-economic aid	Editorial	2009
5	THT	Three refugees: disillusioned but thoroughly indoctrinated	Max A. Joseph	2009
6	THT	Haiti: a brutal reality	Max A. Joseph	2009
7	THT	The time has come for a referendum on the occupation	Max A. Joseph	2009
8	THT	Haiti: the domain needs fixing	Max A. Joseph	2009
9	THT	Haiti's elected officials are responsible for the patronizing attitude of the U.N	Max A. Joseph	2009
10	THT	Is the un implementing tribalism in Haiti?	Max A. Joseph	2009
11	THT	Haiti-Dominican Republic relations in perspectives	Max A. Joseph	2009
12	THT	Innate bias or legalism	Max A. Joseph	2009
13	THT	Wanted: a savior for Haiti	Max A. Joseph	2009
14	THT	Looking toward the New Year	Editorial	2009
15	THT	The plan for reconstruction: a mirage or genuine intent	Max A. Joseph	2010
16	THT	Brazilian team gets Haitians dreaming	Editorial	2010
17	THT	Small-scale aid projects help Cite Soleil	Editorial	2010
18	THT	1915-34 revisited	Max A. Joseph	2010
19	THT	Six years on...Haiti is a U.N problem	Max A. Joseph	2010
20	THT	Repression in the name of democracy	Max A. Joseph	2010
21	THT	Democracy or demographic project	Editorial	2010
22	THT	President or Collaborator-in-Chief	Max A. Joseph	2010
23	THT	Promoting democracy: a new form of colonialism	Max A. Joseph	2010
24	THT	Aristide: villain or victim	Max A. Joseph	2010
25	THT	Needed: an emancipator	Max A. Joseph	2011
26	THT	May God save Haiti	Max A. Joseph	2011
27	THT	The politic of self-preservation of Haitian leaders	Max A. Joseph	2011
28	THT	A nation abandoned by its guardians	Max A. Joseph	2011
29	THT	The stalemate continues	Max A. Joseph	2011
30	THT	Re-colonialism: the new world order	Max A. Joseph	2011
31	THT	The united nations diversionary tactics in Haiti	Max A. Joseph	2011
32	THT	Haiti's next social challenge	Editorial	2011
33	THT	Does Haiti really need the un	Max A. Joseph	2011
34	THT	Re-creating the Haitian army: unpatriotic and irresponsible	Max A. Joseph	2011
35	THT	Must Haitians put up with the charade?	Max A. Joseph	2011
36	THT	Haiti: dubious plan; naked truth	Max A. Joseph	2011
37	THT	Martelly end run with Haitian Army	Max A. Joseph	2011
38	THT	Haiti: salvation will come from within	Max A. Joseph	2012

39	THT	Haiti and foreigners: preconceptions and prejudices	Max A. Joseph	2012
40	THT	Where is the outrage over the illegal occupation of Haiti?	Max A. Joseph	2014
41	THT	Haiti needs a grand national project, not short-term solutions	Max A. Joseph	2014
42	THT	A pattern of bigotry and cruelty link to a wider objective	Max A. Joseph	2014
43	THT	Decades-old race-based policy continues	Max A. Joseph	2014

#### 6) *The New York Times* (Estados Unidos da América)

- Caderno Opinião e Editorial
- Artigos/Reportagens selecionados: 64
- Artigos/Reportagens analisados: 28
- Período das publicações: 04 de janeiro de 2004 até 14 de janeiro de 2014.
- Endereço Eletrônico: <http://www.nytimes.com/>

#### Artigos/Reportagens Analisados do Jornal *The New York Times* (2004 a 2014)

Nr Ordem	Fonte	Título	Autor	Dia	Mês	Ano
1	TNYT	For Haiti, 200 years of mixed results	Robert Fatton jr.	4	Jan	2004
2	TNYT	Misery in Haiti : letters to the Editor	Richard Dooley	6	Jan	2004
3	TNYT	Haiti's descent	Editorial	5	Fev	2004
4	TNYT	Haiti erupts	Editorial	11	Fev	2004
5	TNYT	Hour of the gunmen in Haiti	Editorial	24	Fev	2004
6	TNYT	Hard realities in Haiti	Editorial	4	Jun	2004
7	TNYT	Nation-building : will Haiti be forgotten again so soon?	David M. Malone and Kirsti Samuels	1	Jun	2004
8	TNYT	The long haul in Haiti	Editorial	23	Jul	2004
9	TNYT	Haiti's despair, continued	Editorial	9	Mar	2009
10	TNYT	Haiti's big chance	Ban Ki-Moon	30	Mar	2009
11	TNYT	Haiti	Editorial	14	Jan	2010
12	TNYT	The underlying tragedy	David Brooks	14	Jan	2010
13	TNYT	Some frank talk about Haiti	Nicholas D. Kristof	20	Jan	2010
14	TNYT	To heal Haiti, look to History, not nature	Mark Danner	21	Jan	2010
15	TNYT	Myths obscure Voodoo, source of comfort in Haiti	Samuel G. Freedman	19	Fev	2010
16	TNYT	Thinking About a New Haiti (58 comments)	Editorial	3	Fev	2010
17	TNYT	In Haiti, Waiting for the Grand Bayakou	Amy Wilentz	25	D	2010
18	TNYT	The haitian lazarus	Amy Wilentz	15	Mar	2011
19	TNYT	Haiti's new tourists	Isabelle Dupuy	6	Set	2011
20	TNYT	Building a safer Haiti	Editorial	19	Set	2011
21	TNYT	Haiti can be rich again	Laurent Dubois and Deborah Jenson	8	Jan	2012
22	TNYT	Impunity in Port-au-Prince	Amy Wilentz	8	Fev	2012

23	TNYT	A Zombie is a slave forever	Amy Wilentz	30	Set	2012
24	TNYT	Confronting the legacies of slavery	Laurent Dubois	28	Set	2013
25	TNYT	Two versions of a Dominican tale	Mark Kurlansky / Junot Díaz / Edwidge Danticat / Julia Alvarez	29	Set	2013
26	TNYT	Suddenly, illegal at home	Lorgia García-Peña	12	Dez	2013
27	TNYT	Haiti, unfinished and forsaken	Editorial	10	Jan	2014
28	TNYT	Will we understand Haiti at last?	David X. Young	6	Set	1988

## **FONTES UTILIZADAS**

ALFONSO, Haroldo Dilla. *¿Por qué Haití es tan pobre?*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 24 jul. 2007. Disponível em: < <http://hoy.com.do/por-que-haiti-es-tan-pobre/> >. Acesso em: 24 dez. 2015.

ALMODÓVAR, Eusebio Rivera. *Haití y el perro*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 19 jan. 2010. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-y-el-perro/> >. Acesso em: 18 fev. 2016.

ALVAREZ-VEJA, Bienvenido. *Haití y la comunidad de países*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 19 nov. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-y-la-comunidad-de-paises-2/> >. Acesso em: 24 abr. 2015.

ALTER PRESSE. *Pide reconocer aportes de los migrantes haitianos a la República Dominicana*. **Alter Presse**, Porto Príncipe, 8 dez. 2004. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article1975#.Ut3MvxBTvIU> >. Acesso em: 8 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Gerard y Haití de cara al Sol*. **Alter Presse**, Porto Príncipe, 14 out. 2004. Disponível em: < [http://www.alterpresse.org/spip.php?article1802#.UnkIW\\_kbKLS](http://www.alterpresse.org/spip.php?article1802#.UnkIW_kbKLS) >. Acesso em: 24 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Ex cónsul Edwin Paraison analiza factores que provocan masiva migración haitiana a la República Dominicana*. **Alter Presse**, Porto Príncipe, 16 dez. 2004. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article2000#.Ut3NSRBTvIU> >. Acesso em: 15 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *República Dominicana : Negación de derechos fundamentales a migrantes de Haití. Comunicado de Amnistía Internacional*. **Alter Presse**, Porto Príncipe, 21 mar. 2007. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article5803#.Ut8C-RBTvIU> >. Acesso em: 12 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *Llaman a proteger los migrantes haitianos en República Dominicana. Comunicado de Solidarite Fwontalye / Solidaridad Fronteriza y del Servicio Jesuita a Refugia@s y*

*Migrantes*. **Alter Presse**, Porto Príncipe, 18 dez. 2007. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article6772#.Ut8O-BBTvIU> >. Acesso em: 12 jan. 2016.

ARVELO, Álvaro. *Cápsulas*. **El Nacional**, Santo Domingo, 14 dez. 2009. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/capsulas/> >. Acesso em: 13 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *¿Elecciones para qué?*. **El Nacional**, Santo Domingo, 26 jul. 2010. Disponível em: <<http://elnacional.com.do/elecciones-para-que/> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

AYUSO, Juan José. *Al día*. **El Nacional**, Santo Domingo, 17 jan. 2009. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/al-dia-84/> >. Acesso em: 11 jan. 2016.

BALI, Ajasta. *A propósito de entregar excusas*. **El Día**, Santo Domingo, 11 out. 2013. Disponível em: < <http://eldia.com.do/proposito-de-entregar-excusas/> >. Acesso em: 14 jan. 2016.

BEATO, Leo. *La gran mentira*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 17 jul. 2007. Disponível em: < <http://hoy.com.do/la-gran-mentira-2/> >. Acesso em: 12 fev. 2016.

BRACHE, Elías. *El pecado*. **El Día**, Santo Domingo, 07 out. 2013. Disponível em: < <http://eldia.com.do/el-pecado/> >. Acesso em: 11 jan. 2016.

BURCH, Sally. *Haití: Entre la espada y la pared*. **Alter Presse**, Porto Príncipe, 27 abr. 2004. Disponível em: < [http://www.alterpresse.org/spip.php?article1359#.Ung2h\\_kbKLs](http://www.alterpresse.org/spip.php?article1359#.Ung2h_kbKLs) >. Acesso em: 24 abr. 2015.

CABRAL, Euri. *Danilo y la Ley Especial de Naturalización*. **El Día**, Santo Domingo, 03 abr. 2014. Disponível em: < <http://eldia.com.do/danilo-y-la-ley-especial-de-naturalizacion/> >. Acesso em: 12 jan. 2016.

CANAÁN, Roberto. *A la fuerza*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 17 out. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/cartas-al-director-a-la-fuerza-2/> >. Acesso em: 2 abr. 2015.

CAPELLÁN, Guillermo Peña. *Duarte, Haití y la nación dominicana*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 22 nov. 2013. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-rd-crisis-y-geopolitica/> >. Acesso em: 11 jan. 2016.

CASANOVA, Luis Pérez. *Haití en Pekín*. **El Nacional**, Santo Domingo, 22 jul. 2013. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/haiti-en-pekín/> >. Acesso em: 22 dez. 15.

CASTELLANOS, Francisco Alvarez. *Qué hacer con Haití*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 14 out. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/que-hacer-con-haiti/> >. Acesso em: 4 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Problema haitiano se agudiza*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 13 maio. 2005. Disponível em: < <http://hoy.com.do/problema-haitiano-se-agudiza/> >. Acesso em: 29 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *Las dos caras de Trujillo (I)*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 06 jun. 2006. Disponível em: < <http://hoy.com.do/las-dos-caras-de-trujillo-i/> >. Acesso em: 13 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *¡Peligro, alerta!* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 08 dez. 2007. Disponível em: < <http://hoy.com.do/peligro-alerta/> >. Acesso em: 27 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *Haití, problema que se agudiza.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 3 maio. 2008. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-problema-que-se-agudiza/> >. Acesso em: 11 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *Haití, país artificial.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 17 maio. 2008. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-pais-artificial/> >. Acesso em: 27 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *Siguen los problemas con los haitianos.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 21 maio. 2010. Disponível em: < <http://hoy.com.do/siguen-los-problemas-con-los-haitianos/> >. Acesso em: 4 abr. 2015.

CATALINO, Alejandro Herrera. *Africa presente, Haití ausente.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 25 out. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/africa-presente-haiti-ausente-2/> >. Acesso em: 22 dez. 2015.

CEARA-HATTON, Miguel. *Haití y RD: ¿Cuándo empiezan a distanciarse en el desarrollo?* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 20 set. 2012. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-y-rd-cuando-empiezan-a-distanciarse-en-el-desarrollo/> >. Acesso em: 29 dez. 2015.

CIPRIÁN, Rafael. *Dominicano o haitiano.* **El Nacional**, Santo Domingo, 12 out. 2013. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/quintaesencia-234/> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

CONDE, Narciso Isa. *Maldición Imperial.* **El Nacional**, Santo Domingo, 16 jan. 2010. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/maldicion-imperial/> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. *Racismo frente Haití.* **El Nacional**, Santo Domingo, 08 dez. 2013. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/racismo-frente-haiti/> >. Acesso em: 22 dez. 2015.

CONTRERAS, M. Darío. *¿Somos una sociedad racista?* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 17 jul. 2007. Disponível em: < <http://hoy.com.do/somos-una-sociedad-racista/> >. Acesso em: 22 dez. 2015.

DANNER, Mark. *To Heal Haiti, Look to History, Not Nature.* **The New York Times**, Nova York, 21 jan. 2010. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2010/01/22/opinion/22danner.html?pagewanted=1&sq=mark%20danner&st=cse&scp=1> >. Acesso em: 20 abr. 2015.

DOOLEY, Richard. *Misery in Haiti : letters to the editor.* **The New York Times**, Nova York, 6 jan. 2004. Disponível em: < [http://www.nytimes.com/2004/01/06/opinion/06iht-edlet\\_ed3\\_\\_3.html](http://www.nytimes.com/2004/01/06/opinion/06iht-edlet_ed3__3.html) >. Acesso em: 20 abr. 2015.

EL NACIONAL. *¿“Todos/as... Haití”?* **El Nacional**, Santo Domingo, 19 out. 2013. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/todosas-haiti/> >. Acesso em: 11 jan. 2016.

ELÍAS, Carlos Francisco. *Utopías de miserias*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 12 jan. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/carlos-francisco-elias-utopias-de-miserias-2/> >. Acesso em: 24 abr. 2015.

ENCARNACIÓN, Nelson. *Duvalier e Aristide*. **El Nacional**, Santo Domingo, 22 jan. 2011. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/vision-global-9/> >. Acesso em: 25 abr. 2015.

ESPINAL, Reynaldo R.. *Hurgando... Trujillo, la frontera y el premio Nóbel*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 19 maio. 2005. Disponível em: < <http://hoy.com.do/hurgando-trujillo-la-frontera-y-el-premio-nobel/> >. Acesso em: 9 abr. 2015.

ESPINAL, Rosario. *Urge abordar lo haitiano*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 3 out. 2006. Disponível em: < [hoy.com.do/urge-abordar-lo-haitiano/](http://hoy.com.do/urge-abordar-lo-haitiano/) >. Acesso em: 13 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *El cuco constitucionalizado*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 2 out. 2013. Disponível em: < <http://hoy.com.do/el-cuco-constitucionalizado-3/> >. Acesso em: 16 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Sonia Pierre, luchadora vituperada*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 6 dez. 2011. Disponível em: < <http://hoy.com.do/sonia-pierre-luchadora-vituperada/> >. Acesso em: 8 abr. 2015.

ETIENNE, Gerald. *Haití-República Dominicana: La cara servil de los gobiernos haitianos con respecto al racismo antihaitiano en la República Dominicana*. **Alter Presse**, Porto Príncipe, 28 maio. 2007. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article6046#.Ut8LBRBTvIU> >. Acesso em: 21 abr. 2015.

FATTON JR, Robert. *For Haiti, 200 Years Of Mixed Results*. **The New York Times**, Nova York, 4 jan. 2004. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2004/01/04/opinion/for-haiti-200-years-of-mixed-results.html> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

FÉLIX, Euclides Gutiérrez. *Dos presidentes para una isla*. **El Nacional**, Santo Domingo, 26 out. 2009. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/cronica-del-presente-200/> >. Acesso em: 05 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Crónica del presente*. **El Nacional**, Santo Domingo, 13 dez. 2010. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/cronica-del-presente-8/> >. Acesso em: 8 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Abril*. **El Nacional**, Santo Domingo, 07 abr. 2014. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/cronica-del-presente-252/> >. Acesso em: 04 fev. 2016.

FREEDMAN, Samuel G.. *Myths Obscure Voodoo, Source of Comfort in Haiti*. **The New York Times**, Nova York, 19 fev. 2010. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2010/02/20/world/americas/20religion.html> >. Acesso em: 27 jan. 2016.

GALEANO, Eduardo. *Haiti : país ocupado*. **Alter Presse**, Porto Príncipe, 30 set. 2011. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article11643#.Ut8bnxBTvIU> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. *La amenaza haitiana*. **Alter Presse**, Porto Príncipe, 14 out. 2012. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article13550#.Ut8feRBTvIU> >. Acesso em: 30 abr. 2015.

GALVÁN, Sergia. *Haiti : A seis meses del terremoto*. **Alter Presse**, Porto Príncipe, 16 jul. 2010. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article9712#.Ut8V1hBTvIU> >. Acesso em: 25 jan. 2016.

GARCÍA, Juan Carlos. *Breve que te quiero breve*. **El Nacional**, Santo Domingo, 3 maio. 2012. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/breve-que-te-quiero-breve-280/> >. Acesso em: 2 abr. 2015.

GARCÍA, Miguel Aquino. *Tatica, libranos de todo mal...* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 14 abr. 2004. Disponível em: < [hoy.com.do/miguel-aquino-garcia-tatica-libranos-de-todo-mal/](http://hoy.com.do/miguel-aquino-garcia-tatica-libranos-de-todo-mal/) >. Acesso em: 11 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *La quijotada de un primer ministro*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 20 jul. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/la-quijotada-de-un-primer-ministro-2/> >. Acesso em: 8 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Machete, carajo*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 22 ago. 2005. Disponível em: < <http://hoy.com.do/machete-carajo-2/> >. Acesso em: 11 fev. 2016.

GAUTIER, José B.. *Sendero de pasos inciertos*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 29 nov. 2005. Disponível em: < <http://hoy.com.do/sendero-de-pasos-inciertos-2/> >. Acesso em: 11 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *La dominicanidad se hizo sola*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 24 mar. 2006. Disponível em: < <http://hoy.com.do/la-dominicanidad-se-hizo-sola-2/> >. Acesso em: 28 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *Reflejo moderno de “La viña de Nabot”*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 06 abr. 2006. Disponível em: < <http://hoy.com.do/reflejo-moderno-de-%C2%93la-vina-de-nabot%C2%94/> >. Acesso em: 02 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *“¡Diga perejil!” estilo tejano*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 23 jun. 2006. Disponível em: < <http://hoy.com.do/%C2%93diga-perejil%C2%94-estilo-tejano/> >. Acesso em: 8 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *¡Una lágrima por Haití!*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 27 dez. 2006. Disponível em: < <http://hoy.com.do/una-lgrima-por-hait/> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

GRATEREAUX, Federico Henríquez. *Un concurso entre racistas*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 06 nov. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/un-concurso-entre-racistas-2/> >. Acesso em: 29 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *Arte a punto de perderse*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 24 jun. 2009. Disponível em: < <http://hoy.com.do/a-pleno-pulmonarte-a-punto-de-perderse/> >. Acesso em: 02 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Llaga en los labios*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 17 jan. 2010. Disponível em: < <http://hoy.com.do/a-pleno-pulmonllaga-en-los-labios/> >. Acesso em: 21 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. *Una tarea compleja*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 26 fev. 2010. Disponível em: < <http://hoy.com.do/a-pleno-pulmonuna-tarea-compleja/> >. Acesso em: 02 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *El país fronterizo*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 28 fev. 2010. Disponível em: < <http://hoy.com.do/a-pleno-pulmonel-pais-fronterizo-3/> >. Acesso em: 28 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Repensar la cultura*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 14 mar. 2010. Disponível em: < <http://hoy.com.do/a-pleno-pulmonrepensar-la-cultura/> >. Acesso em: 15 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Los huevos históricos*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 19 jun. 2013. Disponível em: < <http://hoy.com.do/a-pleno-pulmonlos-huevos-historicos/> >. Acesso em: 27 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Luchas territoriales*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 11 ago. 2013. Disponível em: < <http://hoy.com.do/a-pleno-pulmonluchas-territoriales/> >. Acesso em: 23 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *Sociedades inmóviles*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 26 fev. 2014. Disponível em: < <http://hoy.com.do/sociedades-inmoviles/> >. Acesso em: 25 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *Negritud y diversidad*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 13 maio. 2014. Disponível em: < <http://hoy.com.do/fiscalia-dn-libera-tres-de-siete-pakistanies-2/> >. Acesso em: 29 dez. 2015.

GUERRERO, Ernesto. *Fenómeno migratorio*. **El Nacional**, Santo Domingo, 25 out. 2013. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/fenomeno-migratorio/> >. Acesso em: 23 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *“Bon jour”*. **El Nacional**, Santo Domingo, 27 nov. 2013. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/bon-jour/> >. Acesso em: 27 jan. 2016.

GUERRERO, Johnny. *Dos pueblos unidos por la geografía y la historia*. **El Día**, Santo Domingo, 08 ago. 2011. Disponível em: < <http://eldia.com.do/dos-pueblos-unidos-por-la-geografia-y-la-historia/> >. Acesso em: 23 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *La Separación de Haití*. **El Día**, Santo Domingo, 19 jan. 2012. Disponível em: < <http://eldia.com.do/la-separacion-de-haiti/> >. Acesso em: 30 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. *La Minustah viola la soberanía y los DDHH del pueblo haitiano*. **El Día**, Santo Domingo, 1º jun. 2012. Disponível em: < <http://eldia.com.do/la-minustah-viola-la-soberania-y-los-ddhh-del-pueblo-haitiano/> >. Acesso em: 28 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *El racismo anti haitiano, historia que no termina*. **El Día**, Santo Domingo, 9 jan. 2013. Disponível em: < <http://eldia.com.do/el-racismo-anti-haitiano-historia-que-no-termina/> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. *La xenofobia racista antihaitiana*. **El Día**, Santo Domingo, 11 set. 2013. Disponível em: < <http://eldia.com.do/la-xenofobia-racista-antihaitiana/> >. Acesso em: 9 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *No remuevan el altar para que no se caigan los santos*. **El Día**, Santo Domingo, 10 out. 2013. Disponível em: < <http://eldia.com.do/remuevan-el-altar-para-que-se-caigan-los-santos/> >. Acesso em: 13 jan. 2016.

GUERRERO, José Báez. *¿Tendremos que invadir a Haití?*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 20 fev. 2007. Disponível em: <<http://hoy.com.do/tendremos-que-invadir-a-hait/>>. Acesso em: 1º abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Haití, siamés ¿sin solución?* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 21 out. 2011. Disponível em: <<http://hoy.com.do/haiti-siames-sin-solucion/>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Nos quieren dar lecciones....* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 19 nov. 2013. Disponível em: <<http://hoy.com.do/nos-quieren-dar-lecciones/>>. Acesso em: 6 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *Una contra propuesta de unificación.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 29 nov. 2013. Disponível em: <<http://hoy.com.do/una-contra-propuesta-de-unificacion/>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

GUZMÁN, Leandro. *Una campaña perniciosa.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 31 mar. 2007. Disponível em: <[hoy.com.do/una-campana-perniciosa/](http://hoy.com.do/una-campana-perniciosa/)>. Acesso em: 13 jan. 2016.

HERNANDEZ, Juan Taveras. *Un problema.* **El Nacional**, Santo Domingo, 31 jan. 2009. Disponível em: <<http://elnacional.com.do/un-problema/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Haiti como negocio.* **El Nacional**, Santo Domingo, 28 mar. 2012. Disponível em: <<http://elnacional.com.do/haiti-como-negocio/>>. Acesso em: 1º abr. 2015.

HERRERA-MINIÑO, Fabio R. *¿Por qué Haití no es prioridad de Estado?*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 17 jun. 2005. Disponível em: <<http://hoy.com.do/por-que-haiti-no-es-prioridad-de-estado/>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *La consolidación del dominicanismo.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 11 jan. 2006. Disponível em: <<http://hoy.com.do/la-consolidacion-del-dominicanismo-2/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *A ocho meses de la tragedia haitiana.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 10 set. 2010. Disponível em: <<http://hoy.com.do/a-ocho-meses-de-la-tragedia-haitiana/>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Un panorama incierto en Haití.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 6 maio. 2011. Disponível em: <<http://hoy.com.do/un-panorama-incierto-en-haiti/>>. Acesso em: 1º abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Furia, odio y codicia haitiana.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 19 jun. 2013. Disponível em: <<http://hoy.com.do/furia-odio-y-codicia-haitiana/>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Las palomas tirándole a las escopetas.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 2 ago. 2013. Disponível em: <<http://hoy.com.do/las-palomas-tirandolea-las-escopetas/>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

HOY DIGITAL. *En sólo cien palabras.* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 28 dez. 2003. Disponível em: <<http://hoy.com.do/en-solo-cien-palabras-123/>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. *¡Ni un paso atrás!*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 28 dez. 2003. Disponível em: < <http://hoy.com.do/ni-un-paso-atras-2/> >. Acesso em: 4 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Nación acorralada*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 20 jan. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/nacion-acorralada-2/> >. Acesso em: 11 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *No dejen que Aristide se salga de las cuerdas*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 22 fev. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/no-dejen-que-aristide-se-salga-de-las-cuerdas/> >. Acesso em: 4 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *¡Alerta, dominicanos!* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 23 fev. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/alerta-dominicanos/> >. Acesso em: 21 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *No a los campamentos*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 28 fev. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/no-a-los-campamentos/> >. Acesso em: 11 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Haití y las verdades distanciantes*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 29 fev. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-y-las-verdades-distanciantes/> >. Acesso em: 11 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *La solución de crisis haitiana está en Haití*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 06 mar. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/la-solucion-de-crisis-haitiana-esta-en-haiti/> >. Acesso em: 27 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *Jean Bertrand Aristide*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 7 mar. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/jean-bertrand-aristide/> >. Acesso em: 23 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Trujillo y Haití*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 6 mar. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/trujillo-y-haiti/> >. Acesso em: 8 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Francisco del Rosario Sánchez*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 10 mar. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/francisco-del-rosario-sanchez/> >. Acesso em: 7 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Precedente funesto*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 20 mar. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/precedente-funesto/> >. Acesso em: 8 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Hispaniola*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 27 mar. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/adolfo-moreta-feliz-de-ruanda-a-la-hispaniola/> >. Acesso em: 23 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *¿Se unificará la isla?*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 14 abr. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/se-unificara-la-isla/> >. Acesso em: 21 jan 2015.

\_\_\_\_\_. *De nuevas generaciones, actitudes y Haití*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 6 jun. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/de-nuevas-generaciones-actitudes-y-haiti/> >. Acesso em: 8 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Hay que defender al país*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 11 jun. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/hay-que-defender-al-pais-2/> >. Acesso em: 13 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Coctelera*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 1º mar. 2008. Disponível em: < <http://hoy.com.do/coctelera-2184/> >. Acesso em: 13 jan. 2016.

IBARRA, José Manuel Guzmán. *Sin titubeos: El tema de Haití*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 28 jan. 2014. Disponível em: < <http://hoy.com.do/sin-titubeos-el-tema-de-haiti/> >. Acesso em: 11 jan 2016.

IBARRA, José Manuel Guzmán. *La discriminación racial ¿Existe?*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 8 abr. 2014. Disponível em: < <http://hoy.com.do/la-discriminacion-racial-existe/> >. Acesso em: 21 abr. 2015.

ITURBIDES, Pedro Gil. *Haití como referencia*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, jan. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/pedro-gil-iturbides-haiti-como-referencia-2/> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. *Pares en la adversidad*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 31 ago. 2005. Disponível em: < [hoy.com.do/pares-en-la-adversidad/](http://hoy.com.do/pares-en-la-adversidad/) >. Acesso em: 21 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *Haití como promesa*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 21 jan. 2009. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-como-promesa/> >. Acesso em: 1º abr. 2015.

JÁQUEZ, Leonardo Díaz. *¿Quiénes son los culpables?* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 29 dez. 2007. Disponível em: < <http://hoy.com.do/quienes-son-los-culpables/> >. Acesso em: 11 jan. 2016.

JAVIER, Adrián. *Islario*. **El Nacional**, Santo Domingo, 18 fev. 2010. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/islario-23/> >. Acesso em: 25 jan. 2016.

JIMINIÁN, Manuel Alejandro Valerio. *Haití-RD: Crisis y Geopolítica*. **Hoy Digital**, Porto Príncipe, 22 nov. 2013. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-rd-crisis-y-geopolitica/> >. Acesso em: 25 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Situación de los derechos humanos en Haití*. Informe presentado por el experto independiente. New York : Organização das Nações Unidas, doc. A/HRC/4/3, 2007. Disponível em: < <http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/G07/105/78/PDF/G0710578.pdf?OpenElement> >. Acesso em: 20 jan. 2015.

JOSEPH, Max A.. *Wanted: a savior for Haiti*. **The Haitian Times**, Nova Yorque, 2009. Disponível em: < <http://www.haitiantimes.com/wanted-a-savior-for-haiti/> >. Acesso em: 17 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *1915-34 revisited*. **The Haitian Times**, Nova Yorque, 2010. Disponível em: < <http://haitiantimes.com/1915-34-revisited-6431/> >. Acesso em: 20 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *President or collaborator-in-chief*. **The Haitian Times**, Nova Yorque, 2010. Disponível em: < <http://haitiantimes.com/president-or-collaborator-in-chief-6530/> >. Acesso em: 20 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Aristide: villain or victim*. **The Haitian Times**, Nova York, 2010. Disponível em: < <http://haitiantimes.com/aristide-villain-or-victim-6602/> >. Acesso em: 25 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *A nation abandoned by its guardians*. **The Haitian Times**, Nova York, 2011. Disponível em: < <http://haitiantimes.com/a-nation-abandoned-by-its-guardians-6605/> >. Acesso em: 29 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *The stalemate continues*. **The Haitian Times**, Nova York, 2011. Disponível em: < <http://haitiantimes.com/the-stalemate-continues-6713/> >. Acesso em: 27 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *May God save Haiti*. **The Haitian Times**, Nova York, 2011. Disponível em: < <http://haitiantimes.com/may-god-save-haiti-6591/> >. Acesso em: 25 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *A nation abandoned by its guardians*. **The Haitian Times**, Nova York, 2011. Disponível em: < <http://haitiantimes.com/a-nation-abandoned-by-its-guardians-6605/> >. Acesso em: 29 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Haiti and foreigners: preconceptions and prejudices*. **The Haitian Times**, Nova York, 2012. Disponível em: < <http://www.haitiantimes.com/haiti-and-foreigners-preconceptions-and-prejudices/> >. Acesso em: 27 abr. 2015.

KURLANSKY, Mark; DÍAZ, Junot; DANTICAT, Edwidge; & ALVAREZ, Julia. *Two Versions of a Dominican Tale*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 29 out. 2013. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2013/11/01/opinion/two-versions-of-a-dominican-tale.html> >. Acesso em: 13 jan. 2016.

LOUIDOR, Wooldy Edson. *Haití: Un contexto opuesto al ideal del fundador de la nación*. **Alter Presse**, Santo Domingo, 20 out. 2006. Disponível em: < [http://www.alterpresse.org/spip.php?article5278#.Ut7\\_BBBTvIU](http://www.alterpresse.org/spip.php?article5278#.Ut7_BBBTvIU) >. Acesso em: 1º abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Imágenes de Haití en el exterior*. **Alter Presse**, Santo Domingo, 08 nov. 2006. Disponível em: < [http://www.alterpresse.org/spip.php?article5335#.Ut7\\_5BBTviU](http://www.alterpresse.org/spip.php?article5335#.Ut7_5BBTviU) >. Acesso em: 04 fev. 2016.

LLUBERES, Marlene. *Haití: ¿vecinos o enemigos?*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 29 out. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-vecinos-o-enemigos/> >. Acesso em: 3 abr. 2015.

LUNA, Samuel. *¿Cuántos contenedores necesita Haití?*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 3 abr. 2010. Disponível em: < <http://hoy.com.do/cuantos-contenedores-necesita-haiti/> >. Acesso em: 25 abr. 2015.

MATTHEWS, Melvin. *Leonel y su salida de Haití*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 20 dez. 2005. Disponível em: < <http://hoy.com.do/leonel-y-su-salida-de-haiti/> >. Acesso em: 4 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *RD y Haití, un año después del terremoto. Hoy Digital*, Santo Domingo, 14 jan. 2011. Disponível em: < <http://hoy.com.do/rd-y-haiti-un-ano-despues-del-terremoto/> >. Acesso em: 7 abr. 2015.

MELÉNDEZ, Darío. *Unión siamesa. Hoy Digital*, Santo Domingo, 1º ago. 2005. Disponível em: < <http://hoy.com.do/union-siamesa/> >. Acesso em: 14 jan. 2016.

MELÉNDEZ, Darío. *Leonel y su salida de Haití. Hoy Digital*, Santo Domingo, 8 fev. 2006. Disponível em: < <http://hoy.com.do/el-dilema-de-haiti/> >. Acesso em: 3 abr. 2015.

MERINO, Susana. *El dilema de Haití. Alter Presse*, Santo Domingo, 20 dez. 2005. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article9481#.Ut8VVRBTvIU> >. Acesso em: 24 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. *Haití, una tragedia evitable. Alter Presse*, Santo Domingo, 29/04/2010. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article9481#.Ut8VVRBTvIU> >. Acesso em: 24 mar. 2015.

MESSINA, Enmanuel Ramos. *La frontera inventada. Hoy Digital*, Santo Domingo, 19 dez. 2005. Disponível em: < <http://hoy.com.do/la-frontera-inventada/> >. Acesso em: 29 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *Del can can al racismo francés. Hoy Digital*, Santo Domingo, 14 abr. 2007. Disponível em: < <http://hoy.com.do/del-can-can-al-racismo-frances/> >. Acesso em: 29 jan. 2016.

MONTEALEGRE, Rodrigo. *La Lucha de Haïti : De Toussaint Louverture a Jean-Bertrand Aristide. Alter Presse*, Santo Domingo, 29 mar. 2007. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article5827#.Ut8DdxBTvIU> >. Acesso em: 28 jan. 2016.

MORENO, Guillermo. *Una isla, dos naciones y dos estados independientes y soberanos. Hoy Digital*, Santo Domingo, 26 nov. 2013. Disponível em: < <http://hoy.com.do/una-isla-dos-naciones-y-dos-estados-independientes-y-soberanos/> >. Acesso em: 12 jan. 2016.

MORILLO, Rafael Molina. *Mis buenos días. Hoy Digital*, Santo Domingo, 19 fev. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/rafael-molina-morillo-mis-buenos-dias-249/> >. Acesso em: 21 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Dominicanización fronteriza. Hoy Digital*, Santo Domingo, 3 abr. 2006. Disponível em: < <http://hoy.com.do/mis-buenos-dias-dominicanizacion-fronteriza/> >. Acesso em: 21 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Mis buenos días creole. Hoy Digital*, Santo Domingo, 30 ago. 2007. Disponível em: < <http://hoy.com.do/mis-buenos-dias%C2%93creole%C2%94/> >. Acesso em: 12 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Creole, Parte II. Hoy Digital*, Santo Domingo, 1º set. 2007. Disponível em: < <http://hoy.com.do/mis-buenos-diascreole-parte-ii/> >. Acesso em: 25 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *Más sobre el “creole. Hoy Digital*, Santo Domingo, 5 set. 2007. Disponível em: < <http://hoy.com.do/mis-buenos-diasmas-sobre-el-%C2%93creole/> >. Acesso em: 25 jan. 2016.

MUÑOZ, María Elena. *El neoantihaitianismo*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 13 out. 2005. Disponível em: < <http://hoy.com.do/el-neoantihaitianismo-2/> >. Acesso em: 9 abr. 2015.

NADAL, Nelson Didiez. *Creol llegó descalzo*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 12 dez. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/creol-llego-descalzo-2/> >. Acesso em: 25 jan. 2015.

PARAISON, Edwin. *Las elecciones dominicanas vistas por un haitiano*. **El Día**, Santo Domingo, 17 maio. 2012. Disponível em: < <http://eldia.com.do/las-elecciones-dominicanas-vistas-por-un-haitiano/> >. Acesso em: 22 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *Antidominicanismo versus antihaitianismo*. **El Día**, Santo Domingo, 6 ago. 2013. Disponível em: < <http://eldia.com.do/antidominicanismo-versus-antihaitianismo/> >. Acesso em: 13 abr. 2015.

PELLERANO, Jacinto Gimbernard. *Un drama horrendo*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 02 fev. 2008. Disponível em: < <http://hoy.com.do/un-drama-horrendo/> >. Acesso em: 28 jan 2016.

\_\_\_\_\_. *Lo que nos preocupa de Haití*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 10 out. 2010. Disponível em: < <http://hoy.com.do/lo-que-nos-preocupa-de-haiti/> >. Acesso em: 1º abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *En las trascendencias del desorden*. **Hoy Digital**, Porto Príncipe, 5 out. 2013. Disponível em: < <http://hoy.com.do/en-las-trascendencias-del-desorden/> >. Acesso em: 1º abr. 2015.

PEÑA, Carlos. *Haití: el Lodebar de América*. **Hoy Digital**, Porto Príncipe, 21 nov. 2011. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-el-lodebar-de-america/> >. Acesso em: 15 jan. 2016.

PÉREZ, Amín. *Debate ante el problema haitiano*. El tema migratorio ha resurgido en el debate. **El Nacional**, Santo Domingo, 28 nov. 2008. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/debate-ante-el-%C2%93problema-haitiano%C2%94el-tema-migratorio-ha-resurgido-en-el-debate/> >. Acesso em: 11 jan. 2016.

PÉREZ, César. *Elena Lorat o la identidad como cuestión*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 26 jun. 2012. Disponível em: < <http://hoy.com.do/elena-lorat-o-la-identidad-como-cuestion/> >. Acesso em: 11 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Una perorata falaz, huera y lesiva*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 05 fev. 2014. Disponível em: < <http://hoy.com.do/una-perorata-falaz-huera-y-lesiva/> >. Acesso em: 14 jan. 2016.

PÉREZ, Juan Terrero. *Parece cúmplese teoría Louverture*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 18 fev. 2007. Disponível em: < <http://hoy.com.do/parece-cmplese-teora-louverture/> >. Acesso em: 5 abr. 2015.

PIERRE, Ericq. *Haiti-R. Dominicana : La matanza de 1937 y nosotros*. **Alter Presse**, Porto Príncipe, 22 out. 2007. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article6542#.Ut8OOhBTvIU> >. Acesso em: 10 abr. 2015.

PRATS, Eduardo Jorge. *Bernardo Vega y la razón salvaje*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 27 jul. 2007. Disponible em: < <http://hoy.com.do/bernardo-vega-y-la-razon-salvaje/> >. Acceso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Por un nacionalismo liberal*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 31 jul. 2008. Disponible em: < <http://hoy.com.do/por-un-nacionalismo-liberal/> >. Acceso em: 14 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Acuérdate de 1804 y 2010*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 21 jan. 2010. Disponible em: < <http://hoy.com.do/acuerdate-de-1804-y-2010/> >. Acceso em: 1º abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *El origen del racismo dominicano*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 14 fev. 2014. Disponible em: < <http://hoy.com.do/el-origen-del-racismo-dominicano/> >. Acceso em: 13 abr. 2015.

PUIG, Max. *Esclavitud y discriminación*. **El Nacional**, Santo Domingo, 04 fev. 2014. Disponible em: < <http://elnacional.com.do/esclavitud-y-discriminacion/> >. Acceso em: 22 dez. 2015.

RAMÍREZ, Ramón Núñez. *Mirarse en el espejo de Haití y avanzar como nación*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 6 fev. 2010. Disponible em: < <http://hoy.com.do/mirarse-en-el-espejo-de-haiti-y-avanzar-como-nacion/> >. Acceso em: 13 fev. 2016.

RICARDO, Joaquín. *La condena de la Corte Interamericana*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 22 out. 2005. Disponible em: < <http://hoy.com.do/la-condena-de-la-corte-interamericana/> >. Acceso em: 16 abr. 2015.

RICART, Tirso Mejía. *El Tribunal Constitucional Puso un Huevo Cuadrado*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 6 out. 2013. Disponible em: < <http://hoy.com.do/el-tribunal-constitucional-puso-un-huevo-cuadrado/> >. Acceso em: 9 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Xenofobia, racismo e interés nacional, a propósito de una decisión infortunada del TC*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 6 nov. 2013. Disponible em: < Xenofobia, racismo e interés nacional, a propósito de una decisión infortunada del TC >. Acceso em: 12 jan. 2016.

RIVAS, Ubi. *Haití y el caos*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 23 jan. 2004. Disponible em: < <http://hoy.com.do/ubi-rivas-haiti-y-el-caos-2/> >. Acceso em: 22 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Aristides depuesto*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 14 fev. 2004. Disponible em: < <http://hoy.com.do/ubi-rivas-aristides-depuesto-2/> >. Acceso em: 24 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *La bomba haitiana*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 16 jan. 2011. Disponible em: < <http://hoy.com.do/la-bomba-haitiana/> >. Acceso em: 15 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Solidaridad del Presidente*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 16 jan. 2012. Disponible em: < <http://hoy.com.do/solidaridad-del-presidente/> >. Acceso em: 8 abr. 2015.

RODRÍGUEZ, Fernando. *El trujillismo 53 años después*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 1º jun. 2014. Disponível em: < <http://hoy.com.do/el-trujillismo-53-anos-despues/> >. Acesso em: 9 abr. 2015.

ROJAS, José Antonio Martínez. *Yerros en diplomacia inaceptables*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 4 jan. 2014. Disponível em: < <http://hoy.com.do/yerros-en-diplomacia-inaceptables/> >. Acesso em: 2 abr. 2015.

SÁNCHEZ, Pablo A. Fernández. *África en América*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 3 mar. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/pablo-a-fernandez-sanchez-africa-en-america-2/> >. Acesso em: 24 abr. 2015.

SANG BEN, Miguel. *Haití ¿está de moda?* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 13 ago. 2012. Disponível em: < <http://hoy.com.do/haiti-esta-de-moda/> >. Acesso em: 25 jan. 2016.

SOTO, José Luiz. R. *Dominicana : Un sacerdote frances afirma que Haití carece de una Identidad Nacional*. **Alter Presse**, Santo Domingo, 08/11/2005. Disponível em: < <http://www.alterpresse.org/spip.php?article3535#.Ut7yPxBTvIU> >. Acesso em: 05 fev. 2016

THE HAITIAN TIMES. *Wanted: a savior for Haiti*. **The Haitian Times**, Nova York, 2009. Disponível em: < <http://haitiantimes.com/wanted-a-savior-for-haiti-6034/> >. Acesso em: 15 fev. 2016.

TORIBIO, Rafael. *Con dolor*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 03 set. 2005. Disponível em: < <http://hoy.com.do/con-dolor-2/> >. Acesso em: 10 fev. 2016.

TORRES, José Antonio. *Los haitianos tienen razón*. **El Nacional**, Santo Domingo, 23 jun. 2013. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/los-haitianos-tienen-razon/> >. Acesso em: 23 dez. 2015.

TORRES, Orlando Gómez. *Sin dudas, xenófobos*. **El Nacional**, Santo Domingo, 13 maio. 2009. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/sin-dudas-xenofobos/> >. Acesso em: 13 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *Involucrarnos en Haití*. **El Nacional**, Santo Domingo, 4 dez. 2013. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/involucrarnos-en-haiti/> >. Acesso em: 04 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *La solidaridad haitiana*. **El Nacional**, Santo Domingo, 7 jan. 2014. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/la-solidaridad-haitiana/> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

TUENI, Emely. *¿Ahora se conmostrarán?* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 18 jan. 2010. Disponível em: < <http://hoy.com.do/detallesahora-se-conmostraran/> >. Acesso em: 04 fev. 2016.

VARGAS, Tahira. *Despojo de la dominicanidad*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 30 out. 2009. Disponível em: < <http://hoy.com.do/despojo-de-la-dominicanidad/> >. Acesso em: 11 abr. 2015.

VÁSQUEZ, Sucre. *La verdadera esclavitud haitiana*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 10 jul. 2007. Disponível em: < <http://hoy.com.do/la-verdadera-esclavitud-haitiana/> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

VEGA, Bienvenido Alvarez. *Del flujo migratorio haitiano*. **Hoy Digital**, Santo Domingo, 12 set. 2004. Disponível em: < <http://hoy.com.do/del-flujo-migratorio-haitiano/> >. Acesso em: 9 abr. 2015.

VERDECIA, Manuel Garcia. [Sem título]. **El Nacional**, Santo Domingo, 1º nov. 2012. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/manuel-garcia-verdecia/> >. Acesso em: 02 fev. 2016.

VICIOSO, Chiqui. *¡Haití vive!* **Hoy Digital**, Santo Domingo, 28 jan. 2006. Disponível em: < <http://hoy.com.do/el-macartismo/> >. Acesso em: 28 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *El macartismo*. **El Nacional**, Santo Domingo, 11 jul. 2011. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/haiti-vive/> >. Acesso em: 27 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *De Bosch a la intelectualidad (II)*. **El Nacional**, Santo Domingo, 24 jan. 2014. Disponível em: < <http://elnacional.com.do/de-bosch-la-intelectualidad-ii/> >. Acesso em: 4 fev. 2016.

WILENTZ, Amy. *The Haitian Lazarus*. **The New York Times**, Nova York, 15 mar. 2011. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2011/03/16/opinion/16wilentz.html?pagewanted=all> >. Acesso em: 17 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Impunity in Port-au-Prince*. **The New York Times**, Nova York, 8 fev. 2012. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2012/02/09/opinion/impunity-in-port-au-prince.html> >. Acesso em: 23 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *A Zombie Is a Slave Forever*. **The New York Times**, Nova York, 30 out. 2012. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2012/10/31/opinion/a-zombie-is-a-slave-forever.html> >. Acesso em: 22 abr. 2015.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo : Ed.SENAC, 2002.

AINSA, Fernando. *Reflejos y antinomias de la problemática de la identidad en el discurso narrativo latinoamericano*. In: UBIETA GOMEZ, Enrique. (org.) *Identidad cultural latinoamericana*. Enfoques filosóficos literários. La Habana : Editorial Academia, 1994, p. 53-72.

AGIER, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de Globalização*. Mana, n. 7, v. 2, 2001, p. 7-33.

ALFONSO, Haroldo Dilla. Los usos del “otro”: las relaciones de República Dominicana con Haití. *Estudios Latinoamericanos*, Nueva Epoca, n.º 22, p. 171-181, jul./dez. 2008.  
Disponível em: < <http://www.journals.unam.mx/index.php/rel/article/view/20288/19277>>.  
Acesso em: 19 ago. 2014.

ANNCOL Brasil. *Meu governo seguramente não foi derrubado pelo povo*. Disponível em: < <http://anncol-brasil.blogspot.com.br/2010/02/meu-governo-seguramente-nao-foi.html> >.  
Acesso em: 13 jan. 2015.

ANTONIN, Arnold. *Haití en el Caribe*. Nueva Sociedad, nro. 63, p. 103-112, nov./dez. 1982.  
Disponível em: < [http://www.nuso.org/upload/articulos/1003\\_1.pdf](http://www.nuso.org/upload/articulos/1003_1.pdf) >. Acesso em: 16 out. 2014.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro : Contraponto, 1997.

ARISTIDE, Jean-Bertrand; WARGNY, Christophe. *Todo homem é um homem: tout moun se moun*. Trad. de Antonio de Padua Danesi. São Paulo : Paz e Terra, 1995.

BÁEZ, Fernando. *A história da destruição cultural da América Latina*. Trad. de Léo Schlafman. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2010.

BATISTA JR. Paulo Nogueira. *Haiti: ajuda ou recolonização. Folha de São Paulo*, Folhaonline, São Paulo, 4 fev. 2010. Dinheiro. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0402201007.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

BATLLE, Manuel Arturo Peña. *Orígenes del Estado Haitiano*. Prólogo de Héctor Incháustegui Cabral. Ciudad Trujillo : Ed. Montalvo, 1954.

\_\_\_\_\_. *Historia de la cuestión fronteriza dominico-haitiana*. Santo Domingo : Sociedad Dominicana de Bibliófilos, 2012.

BALAGUER, Joaquín. *La realidad dominicana: semblanza de un país y de su régimen*. Buenos Aires : Ferrari Hermanos, 1947.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone*, Maria Aparecida Silva Bento (Org.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58.

\_\_\_\_\_. *La isla al revés: Haiti y el destino dominicano*. Santo Domingo, República Dominicana: Ed. Corripio, 1993.

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2003.

BIGATÃO, Juliana de Paula. *As Operações das Nações Unidas pela Manutenção da Paz no Pós-Guerra Fria: o caso dos conflitos armados intra-estatais*. IN: Maria Celina D'Araujo; Samuel Alves Soares; Suzeley Kalil Mathias. (Org.). *Defesa, Segurança Internacional e Forças Armadas, I Encontro da ABED*. 1.ª ed. Campinas : Mercado de Letras, 2008, v. 1, p. 267-282.

BOSCH, Juan. Prefácio. In: PIERRE-CHARLES, Gerard. *Radiographie d'une dictature*. Port-au-Prince : Imprimiere Le Natal, 1986.

BUCK-MORSS, Susan. Hegel e Haiti. Tradução de Sebastião Nascimento. *Novos Estudos – CEBRAP*, n.º 90, p. 131-171, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n90/10.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

CABALLERO, Javier Sáenz del Castillo y. *La leyenda negra hispanoamericana*. **Revista Arbil. Anotaciones de pensamiento y crítica**, n.º 90, mar. de 2005. Disponível em: <<http://www.arbil.org/90leye.htm>> Acesso em: 03 fev. 2016.

CABRAL, Héctor Incháustegui. Prefácio. In: BATLLE, Manuel Arturo Peña. *Orígenes del Estado Haitiano*. Prólogo de Héctor Incháustegui Cabral. Ciudad Trujillo : Ed. Montalvo, 1954.

CÂMARA, Irene Pessôa de Lima. *Em nome da democracia. A OEA e a crise Haitiana – 1991/1994*. Brasília : Instituto Rio Branco, 1998.

CAROIT, Jean-Michel. *Haiti: rude transição para a democracia. Folha de São Paulo*, Folhaonline, São Paulo, 26 fev. 2006. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2602200613.htm>>. Acesso em: 03 mai. 2010.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. *Identidades Culturais: Contribuições Para Uma Necessária Reflexão Teórica*. In: MORAES, Cristina de Cássia Pereira (Org.) História e cultura afro-brasileira e africana. CIAR/UFG : Goiânia, 2014. Disponível em: < [http://www.historiaecultura.ciar.ufg.br/modulo1/capitulo2/conteudo/arquivos/historiaafrica\\_mod1cap2.pdf](http://www.historiaecultura.ciar.ufg.br/modulo1/capitulo2/conteudo/arquivos/historiaafrica_mod1cap2.pdf) >. Acesso em: 16 nov. 2015.

CASIMIR, Jean. Haiti y sus élites: el interminable diálogo de sordos. *Foro Internacional*, vol. XLVIII, n.º 4, p. 807-841, 2008. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=59921010003> >. Acesso em: 22 set. 2015.

CASTOR, Suzy. *La ocupación norteamericana de Haiti y sus consecuencias 1915-1934*. Ciudad de México : Casa de las Américas, 1971.

CASTRO, Fábio Fonseca de. A identidade denegada. Discutindo as representações e a autorrepresentação dos caboclos da Amazônia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 56, n.º 2, p. 431-475, 2013. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/82538/85513> > Acesso em: 14 jan. 2016.

CAVALLARO, James L.. Relatório “*Mantendo a Paz no Haiti?*”: uma avaliação da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti usando o seu mandato como parâmetro de sucesso. HARVARD Law Students advocates for Human Rights & CENTRO de Justiça Global. Rio de Janeiro: Março de 2005. Disponível em <<http://www.global.org.br/haitiportuguese.pdf>>. Acesso 15 set. 2009.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Trad. de Angela M. S. Corrêa. 1. ed., São Paulo : Editora Contexto, 2009.

COSTA RICA. Inter-American Court of Human Rights. *Decisão*. Case of the Girls Yean and Bosico v. Dominican Republic, San José, Costa Rica, 8 de setembro de 2005. Disponível em: < [http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec\\_130\\_%20ing.pdf](http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_130_%20ing.pdf) >. Acesso em: 28 jan. 2016.

CURSINO, Luzmara. *Os sentidos do olhar: o leitor e a escrita da mídia nas sociedades democráticas*. In: PIOVEZANI FILHO, Carlos; CURSINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. *Discurso, semiologia e história*. 1 ed. São Carlos : Claraluz, 2011.

D'ADESKY, Jacques. *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro : Pallas, 2001.

DEIBERT, Michael. *Por que o Brasil deve permanecer no Haiti*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 15 jan. 2006. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1501200604.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2010.

DEPESTRE, René. Prefácio. In: PRICE-MARS, Jean. *Así habló el Tío*. Série Literatura Caribenha. Colcección La Otra Orilla. Santo Domingo : Editora Manati, 2000.

DERBY, Lauren. *Haitians, Magic, and Money: Raza and Society in the Haitian-Dominican Borderlands, 1900 to 1937. Society for Comparative Study of Society and History*, Universidade de Chicago, 1994. Disponível em: <  
[https://www.academia.edu/8160140/Haitians\\_Magic\\_and\\_Money\\_Raza\\_and\\_Society\\_in\\_the\\_Haitian-Dominican\\_Borderlands\\_1900-1937](https://www.academia.edu/8160140/Haitians_Magic_and_Money_Raza_and_Society_in_the_Haitian-Dominican_Borderlands_1900-1937)>. Acesso em: 23 out. 2015.

DERBYS, Robin L. H.; TURITS, Richard. Historias de terror y los terrores de la historia: la masacre haitiana de 1937 en la Republica Dominicana. *Estudios Sociales*, Santo Domingo, n.º 92, Año XXVI, p. 65-76, abr/jun. 1993. Disponível em: <  
<http://biblioteca.funlode.net.do/articulosdigitalizadosrc/bibliografiadelahistoriadominicana/pdf/ESTUDIOS%20SOCIALES---%20La%20Masacre%20Haitiana%20de%201937%20en%20la%20Rep%C3%ABblica%20Dominicana.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2014.

DESPRADEL, Alberto. *Jean Price Mars y Así habló el Tío*. In: PRICE-MARS, Jean. *Así habló el Tío*. Série Literatura Caribenha. Colección La Otra Orilla. Santo Domingo : Ed. Manati, 2000.

DÍAZ, Emilio Sánchez de Rojas. *Sobre el denominado “Mediterráneo Americano”*. Actas del XV Encuentro de Latinoamericanistas Españoles. Congreso Internacional “América Latina: la autonomía de una región”, Madrid : Trama Editorial, 2012. Disponível em: <  
<http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/87/68/96/PDF/XVencuentro-p1337.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2014.

DIÈNE, Doudou; & Mcdougall, Gay. *Racismo, discriminación racial, xenofobia y formas conexas de intolerancia: seguimiento y aplicación de la declaración y programa de acción de Durban. Misión a la República Dominicana*. New York : Organização das Nações Unidas, doc. A/HRC/7/19/Add.5 e A/HRC/7/23/Add.3, 18/03/2008. Disponível em: <  
<http://www.refworld.org/cgi-bin/texis/vtx/rwmain/opendocpdf.pdf?reldoc=y&docid=47e23b362>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

DOMINICANA on line República Dominicana. *Mitos y creencias*. Disponível em: <  
[http://www.dominicanaonline.org/portal/espanol/cpo\\_mitos.asp](http://www.dominicanaonline.org/portal/espanol/cpo_mitos.asp)>. Acesso em: 16 fev. 2016.

DUSSEL, Enrique: *1492 – O Encobrimento do Outro – A origem do mito da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

ESPINAL, Francisco Bernardo Regino. Herencia colonial de las naciones dominicana y haitiana. *Clío*, Santo Domingo, ano 76, n. 174, p. 67-98, jul/dez. 2007. Disponível em: <  
<http://en.calameo.com/read/0005307751fa8ce97dfa5>>. Acesso em: 11 set. 2014.

ÉTIENNE, Sauveur Pierre. *L'énigme haïtienne. Échec de l'État moderne en Haïti*. Montréal : Les Presses de L'Université de Montréal, 2007.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Tradução de José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1968.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Os sujeitos e os discursos na história*. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; BERTOLDO, Ernesto Sérgio; MUSSALIN, Fernanda; e SANTOS, João Bosco Cabral dos. *Sujeito, identidade e memória* (orgs.). Uberlândia : EDUFU, 2004.

\_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia : Trilhas Urbanas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Sujeito em Michel Foucault*. São Paulo : Editora Intermeios, 2012.

FERRO, Marc (Org.) *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.

FONTELLA, Leandro Goya; MEDEIROS Elisabeth Weber. *Disc. Scientia*. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 59-70, 2007.

<<http://sites.unifra.br/Portals/36/CHUMANAS/2007/revolucao.pdf>> Acesso em: 13 maio. 2014.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Mídia e lugares de memória discursiva. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; POSSENTI, Sírio. *Mídia e Rede de Memória* (Orgs.). Vitória da Conquista : Edições Uesb, 2007, p. 11-37.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo : Edições Loyola, 2009.

FRANCO, Franklin. Prefácio. In: FRANCO, José Luciano. *Historia de La Revolución de Haití*. 3. ed. Santo Domingo : Sociedad Dominicana de Bibliófilos, 2008.

FRANCO, José Luciano. *Historia de La Revolución de Haití*. 3. ed. Santo Domingo : Sociedad Dominicana de Bibliófilos, 2008.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. O Brasil no epistolário de Simón Bolívar: uma análise sobre o desconhecimento entre as Américas. *História Revista*, Goiânia, vol. 8, nº 1/2, p. 89-115, jan./dez. 2003.

FREIRE, Vinícius Torres. *Como se faz um Haiti? Folha de São Paulo*, Folhaonline, São Paulo, 17 jan. 2010. Dinheiro. Disponível em:  
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1701201008.htm>>. Acesso em: 11 mai. 2010.

GALVÃO, Vinícius Queiroz. *Cônsul do Haiti atribui tremor à religião africana. Folha de São Paulo*, Folhaonline, São Paulo, 16 jan. 2010. Mundo. Disponível em:  
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1601201014.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

GATES JR., Henry Louis. *Os negros na América Latina*. Trad. de Donaldson M. Garschagen. São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

GENOVESE, Eugêne. *Da Rebelião à Revolução*. Trad. de Carlos Eugênio M. Moura. São Paulo : Global Editora, 1983.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. Tradução de Bernardo Joffily. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

GIORGIS, Liliana. *El “hombre” en las fronteras de la “identidad”*. Mimeo, Córdoba, Argentina, 1993, p. 1-6.

GODOY, Sonia Maria Saura de. *Pós-colonialismo e identidade: aspectos do jogo de poder*. Revista de Letras, São Paulo, v. 43, n.º 1, pp. 97-111, jan./jun. 2003.

GRAFENSTEIN, Johanna von. *La Revolución e independencia de Haití: sus percepciones en las posesiones Españolas y primeras repúblicas vecinas*. Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 2010. Disponível em: <  
<http://www.20-10historia.com/articulo7.phtml>>. Acesso em: 29 jan. 2015.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos : Claraluz, p. 95-109, 2003.

\_\_\_\_\_. *Discurso, História e a Produção de Identidades na Mídia*. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; POSENTI, Sírio (Orgs). *Mídia e Rede de Memória*. Vitória da Conquista : Edições Uesb, 2007. p. 39-60.

GRONDIN, Marcelo. *Haiti: cultura, poder e desenvolvimento*. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1985.

GUIMARÃES, Matheus Silveira. História e Mundo Atlântico: contribuições para o estudo da escravidão africana nas Américas. *Cadernos Imbondeiro*. João Pessoa, v.3, n. 2, 2014. Disponível em: < <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ci/article/view/21838/12853> >. Acesso em: 22 mar. 2015.

GUTIÉRREZ, Jorge Luiz. *Aspectos históricos sobre a Brevíssima Relação da Destruição das Índias de Frei Bartolomeu de Las Casas na ocasião da publicação da tradução para o português dos Tratados*. Revista Primos Vitam, São Paulo, ano 1, n. 1, segundo semestre de 2010. Disponível em: <  
[http://mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCH/primus\\_vitam/jorge.pdf](http://mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCH/primus_vitam/jorge.pdf)>. Acesso em: 15 mai. 2014.

HAITI NAS TREVAS. Tradução de Jean Marcel C. França. Folhaonline, São Paulo, 17 jan. 2010. +(s)ociedade. Disponível em: <  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1701201018.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HERNÁNDEZ, Carlos Sánchez. Haiti, Aristide, y la política exterior y militar de estados unidos (1990-2010). *Nómadas*, Universidad Complutense de Madrid, nr. 25, jan-jun/2010, n.p.. Disponível em: <  
<http://revistas.ucm.es/index.php/NOMA/article/view/NOMA1010140081A/25934>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1984, pp. 9-23.

HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: o vodu haitiano*. São Paulo: Paulinas, 1987.

\_\_\_\_\_. *El bárbaro imaginario*. Trad. de Jorge Padín Videla. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

JAMES, Cyril Lionel Robert. *Os jacobinos negros*. Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. Trad. de Afonso Teixeira Filho. São Paulo : Boitempo, 2000.

JONES, Christina Violeta. *Together Once Again: An Attempt at Haitian Unification 1822-1844*. The College of Saint Rose, 2006. Disponível em: < <http://www.strose.edu/academics/academicinstitutesandcenters/centerforcitizenshipraceandethnicitystudies/thecrestworkingpaperscollection/thecrestworkingpaperscollection20062007> >. Acesso em: 10 set. 2014.

JOHNSON, James Weldon. *Self-Determining Haiti*. New York : The Nation, Inc., 1920. Disponível em: < <http://haiti-now.org/wp-content/uploads/2012/08/Self-determining-Haiti-c1920-James-Weldon-Johnson-The-National-Association-For-the-Advancement-Of-Colored-People.pdf> >. Acesso em: 28 out. 2014.

JOINET, Louis. *Situación de los derechos humanos en Haití*. Informe presentado por el experto independiente. New York : Organização das Nações Unidas, doc. E/CN.4/2005/123, 2005. Disponível em: < <http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/G05/104/45/PDF/G0510445.pdf?OpenElement> >. Acesso em: 20 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. *Situación de los derechos humanos en Haití*. Informe presentado por el experto independiente. New York : Organização das Nações Unidas, doc. A/HRC/4/3, 2007. Disponível em: <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/G07/105/78/PDF/G0710578.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

KARNAL, Leandro. Brasil e América Latina: história denegada. *Ciênc.let.*, Porto Alegre, n. 28, p. 91-97, jul./dez. 2000.

KAWAGUTI, Luis. *Comércio e Justiça voltam à vida no Haiti*. *Folha de São Paulo*, Folhaonline, São Paulo, 17 mai. 2009. Mundo. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1705200906.htm> >. Acesso em: 05 mai. 2010.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro : Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevíssima relação da destruição das Índias: o Paraíso destruído*. Trad. de Heraldo Barbuy. Apresentação de Eduardo Bueno. Porto Alegre : L&PM Editores S/A, 1991.

LARRAIN, Jorge. *Modernidad, razón e identidad en América Latina*. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1996.

LÉGER, Jacques Nicolas. *Haiti, her history and her detractors*. New York and Washington : The Neale Publishing Company, 1907. Disponível em: < <https://ia600208.us.archive.org/1/items/haitiherhistoryh00lguoft/haitiherhistoryh00lguoft.pdf> >. Acesso em: 8 set. 14.

LEYBURN, James G.. *El Pueblo Haitiano*. Santo Domingo : Sociedad Dominicana de Bibliófilos, 2011.

LILÓN, Domingo. Inmigración, xenofobia y nación: el caso dominicano. *Revista del CESLA*, vol. 1, n.º 13, Varsovia : p. 287-300, 2010. Disponível em: < Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243316419022> >. Acesso em: 22 out. 2015.

LIMA, Renato. *Mais do Mesmo?*. Campo Grande : ContextoMídia Comunicação Completa. Disponível em: < <http://www.contextomidia.com.br/site/2013/06/mais-do-mesmo/> >. Acesso em: 29 jan. 2015.

LOUIS-JUSTE, Jean Anil. *Internacional Comunitária: ONGs chamadas alternativas e Projeto de Livre Individualidade: crítica à parceria enquanto forma de solidariedade de espetáculo no desenvolvimento de comunidade no Haiti*. 2007. 354 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Doutorado em Serviço Social) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas em História da Universidade Federal de Pernambuco/Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Carla Bassanezi & LUCA, Tania Regina (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MACCORKLE, Willian A.. *The Doctrinte Monroe in its relation to the Republic of Haiti*. New York : The Neale Publishing Company, 1915. Disponível em: < <https://archive.org/details/monroedoctrinein00macc> >. Acesso em: 21 out. 2014.

MCCLELLAN III, James E.. *Colonialism and Science: Saint Domingue in the Old Regime*. Baltimore and London: Johns Hopkins University Press, 1992, p. 47. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/revolution/d/500/>. Acesso em: 11 maio 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo : Parábola Editorial, 2008.

MAISONNAVE, Fabiano. *Valdés pede mais quatro anos*. Diplomata quer ONU mais tempo no Haiti. *Folha de São Paulo*, Folhaonline, São Paulo, 23 ago. 2005. Mundo. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2308200506.htm> >. Acesso em: 28 jan. 2015.

MANIGAT, Leslie. *Haiti: da hegemonia francesa ao imperialismo americano*. In: FERRO, Marc (org). *O livro negro do colonialismo*. Trad. de Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro : Ediouro, 2004.

MÁRQUEZ, Elba Y. Coria. Estudo migratorio de República Dominicana. In: *Estudio comparativo de la legislación y políticas migratorias en Centroamérica, México y República Dominicana*. Ciudad del Mexico : CEDES & Sin Fronteras IAP, p. 559-606, 2011. <[http://www.sinfronteras.org.mx/attachments/article/1292/REP%C3%A9BLICA\\_DOMINICANA.pdf](http://www.sinfronteras.org.mx/attachments/article/1292/REP%C3%A9BLICA_DOMINICANA.pdf)>. Acesso em: 5 jan. 2016.

MARTINEZ, Juan Francisco Peria. Haití, el Antiguo Régimen. *La Revista Del CCC*, ano 3, n.º 8, jan./abr., n. p., 2010. Disponível em: <<http://www.centrocultural.coop/modules/revista/exportarpdf.php?id=151>>. Acesso em: 22 mai. 2014.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MATSAGANIS, Matthew D.; KATZ, Vikki S. e BALL-ROKEACH Sandra J.. *Understanding Ethnic Media: Producers, Consumers, and Societies*. Los Angeles : SAGE Publications, 2011.

MUÑIZ, Humberto García; e GIOVANNETTI, Jorge, L.. Garveyismo y el racismo en Caribe: El caso de la población cocola en la República Dominicana. *Revista CLÍO*, Santo Domingo, Ano 73, n.º 168, p. 119-202, jul/dez 2004. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/000530775d98d603e5102>>. Acesso em: 5 jan. 2016.

MUÑOZ, Dustin. *¿Es racista el pueblo dominicano?*. GENERATIO NOVA UASD, Santo Domingo, República Dominicana, 2008. Disponível em: <[http://www.gnuasd.com/index.php?view=article&catid=53%3Anoticias-filosofia&id=342%3Aies-racista-el-pueblo-dominicano&format=pdf&option=com\\_content&Itemid=54](http://www.gnuasd.com/index.php?view=article&catid=53%3Anoticias-filosofia&id=342%3Aies-racista-el-pueblo-dominicano&format=pdf&option=com_content&Itemid=54)>. Acesso em: 21 Ago. 2014.

NAGAI, Eduardo Eide. A colonização da memória no discurso historiográfico. In: Machado, Julio Cesar; e RIBEIRO, Jocenilson. *Linguagem e discurso: reflexões contemporâneas*. São Carlos : Pedro & João Editores, 2012, p. 193-205.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. Mídia, Memória e Identidade. In: FONSECA-SILVA, POSSENTI, Sírio. *Mídia e Rede de Memória* (Orgs.). Vitória da Conquista : Edições Uesb, 2007, p. 93-110.

NICHOLLS, David. *Ideologia dos movimentos políticos no Haiti, 1915-1946*. In : FERRO, Marc (Org). *O livro negro do colonialismo*. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro : Ediouro, 2004.

OLIVEIRA, Giselle Garcia de. *O antilhanismo de Eugênio Maria de Hosto (1963-1903)*. 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <[https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Giselle\\_Garcia.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Giselle_Garcia.pdf)>. Acesso em: 28 dez. 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Conselho de Segurança. *S/2004/143*. Disponível em: UNBISnet. <<http://daccessdds.un.org/doc/UNDOC/GEN/N04/250/18/PDF/N0425018.pdf?OpenElement>> Acesso em: 28 ago. 2009.

\_\_\_\_\_. Conselho de Segurança. S/RES/1542 (2004). Disponível em: <<http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/1542%20%282004%29>> Acesso em: 28 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Conselho de Segurança. S/2009/439. *Informe do Secretário-Geral sobre a Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti*. Disponível em: UNBisnet <<http://daccessdds.un.org/doc/UNDOC/GEN/N09/494/54/PDF/N0949454.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 08 out. 2009.

\_\_\_\_\_. Conselho de Segurança. S/2014/617. *Informe do Secretário-Geral sobre a Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti*. Disponível em: <[http://www.un.org/en/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=S/2014/617&referer=http://www.un.org/en/sc/documents/sgreports/2014.shtml&Lang=S](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2014/617&referer=http://www.un.org/en/sc/documents/sgreports/2014.shtml&Lang=S)> Acesso em: 29 abr. 2015.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP : Pontes, 2007.

OTTEN-ANNISETTE, Wilesse. "La sentencia TC/0168/13: ¿Antihaitianismo o algo más?". Sexta reunión de la asociación de los latinoamericanistas. *Academia.edu*. Disponível em: <[https://www.academia.edu/9012435/La\\_sentencia\\_TC\\_0168\\_13\\_Antihaitianismo\\_o\\_algo\\_m%C3%A1s](https://www.academia.edu/9012435/La_sentencia_TC_0168_13_Antihaitianismo_o_algo_m%C3%A1s)>. Acesso em: 13 jan. 2015.

PARO, Carlos Silva. Direito e cidadania no Brasil. *CIÊNCIA & POLÍTICA*, Cuiabá, v. 11, n. 1, p. 71-78, jan/jun. 1992.

PATTERSON, Orlando. *Slavery and Social Death: a comparative study*. Massachusetts : Havard University Press, 1982.

PATTEE, Ricardo. *Haití: Pueblo Afroantillano*. 2. ed. Santo Domingo : Sociedad Dominicana de Bibliófilos, 2008.

PEÑA, Raymundo Manuel González de. Peña , historiador nacional. *Revista CLÍO*, Santo Domingo, Ano 76, n.º 174, p. 159-192, jul/dez 2007. Disponível em: <<http://en.calameo.com/books/0005307751fa8ce97dfa5>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

PEREIRA, Augusto Heleno Ribeiro. Palestra "Operação de Paz no Haiti". Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. Brasília : outubro de 2005. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/gsi/SAEI/paginas/operacaodepaznohaiti.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

PETERSSON, Sigrid. *La inmigración haitiana en la prensa dominicana : un análisis de discurso*. Stockholm, SU : Stockholm University, 2011. Disponível em: <<http://su.diva-portal.org/smash/get/diva2:489452/FULLTEXT01.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2015.

PETROZZIELLO, Allison J.; HINTZEN, Amelia & DÍAZ, Juan Carlos González. *Género y el riesgo de apatridia para la población de ascendencia haitiana en los bateyes de la República Dominicana*. Santo Domingo : OBMICA, 2004. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2015/10128.pdf?view=1>>. Acesso em: 5 jan. 2016.

PIERRE-CHARLES, Gerard. *Radiographie d'une dictature*. Port-au-Prince : Imprimiere Le Natal, 1986.

\_\_\_\_\_. *Haiti (1930-1975): a crise ininterrupta*. In: CASANOVA, Pablo Gonzalez (org). América Latina: História de Meio Século. Volume 3. Brasília, DF: Ed Universidade de Brasília, 1990.

PONS, Frank Moya. *The Dominican Republic since 1930*. IN: BETHELL, Leslie (Org.). The Cambridge History of Latin America. New York, NY : Cambridge University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. *Antihaitianismo histórico y antihaitianismo de Estado*. **Diario Libre**, Santo Domingo, 5 dez. 2009, n.p.. Lecturas, historia y memoria. Disponível em: < [http://www.diariolibre.com/noticias/2009/12/05/i226089\\_antihaitianismo-historico-antihaitianismo-estado.html](http://www.diariolibre.com/noticias/2009/12/05/i226089_antihaitianismo-historico-antihaitianismo-estado.html) >. Acesso em: 19 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. *Antihaitianismo de Estado*. **Diario Libre**, Santo Domingo, 12 dez. 2009, n.p. Lecturas, historia y memoria. Disponível em: < [http://www.diariolibre.com/noticias/2009/12/12/i227038\\_antihaitianismo-estado.html](http://www.diariolibre.com/noticias/2009/12/12/i227038_antihaitianismo-estado.html) >. Acesso em: 20 ago. 2014.

POPKIN, Jeremy D.. Uma revolução racial em perspectiva: relatos de testemunhas oculares da Insurreição do Haiti. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 24, nº 39, p. 293-310, jan/jun 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/vh/v24n39/a14v24n39.pdf> >. Acesso em: 18 mai. 2014.

PRICE-MARS, Jean. *Así habló el Tío*. Série Literatura Caribenha. Colcección La Otra Orilla. Santo Domingo : Ed. Manati, 2000.

\_\_\_\_\_. *La República de Haití y la República Dominicana – Tomos I e II*. Santo Domingo : Editora Taller, 2000.

ROSA, Renata de Melo. A Noblesse Haitiana nos Duzentos Anos de Império Negro. In: ALMEIDA, JAIME; CABRERA, OLGA. (Org.). *Caribe: sintonias e dissonâncias*. Goiânia: Ed. CECAB, n. p., 2004.

\_\_\_\_\_. A Construção da Desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais. *Revista Universitas Relações Internacionais*, Brasília: v. 04, p. 5-30, 2006. Disponível em: < <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/relacoesinternacionais/article/view/160/297> >. Acesso em: 22 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. República Dominicana: a construção do ‘pueblo criollo’. *Revista Universitas Relações Internacionais*, Brasília, v. 6, n.º 1, p. 53-77, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/relacoesinternacionais/article/download/822/713>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Subjetividade e subversão do racismo: um estudo de caso sobre os haitianos na república dominicana. *Rev. Inter. Mob. Hum.*, Brasília: Ano XVIII, n.º 34, p. 99-112, jan./jun. 2010. Disponível em: < <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/211/194> >. Acesso em: 23 out. 2014.

\_\_\_\_\_. Weber despedaçado: até quando dura a dominação carismática?: uma análise da política no Haiti. *Universitas Relações Internacionais*, Brasília, v. 10, n.º 2, p. 107-114, jul./dez. 2012. Disponível em: <[www.publicacoesacademicas.uniceub.br](http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br)>. Acesso em: 14 jan. 2014.

ROSA, Renata de Melo; & PONGNON, Vogly Nahum. A República do Haiti e o processo de construção do Estado-nação. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luis-MA, Brasil, Vol. XIII, n.º 26, p. 461-494, Jan./Jun. 2013. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/relacoesinternacionais/article/download/822/713>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

ROSARIO, Reina; & ULLOA, Jorge. Algunos aspectos socioculturales de la inmigración haitiana hacia la República Dominicana. *Ciencia y Sociedad*, Instituto Tecnológico de Santo Domingo República Dominicana, vol. XXXI, nr. 1, p. 64-124, jan/mar. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87031105>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

SAGÁS, Ernesto. *Antihaitianismo in the dominican republic*. 313 f. Tese (Doutorado) – University of Florida, Department of Political Science in the College of Liberal Arts and Sciences and to the Graduate School, 1993. Disponível em: <<https://ia600405.us.archive.org/2/items/antihaitianismoi00saga/antihaitianismoi00saga.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. A Case of Mistaken Identity: Antihaitianismo in Dominican Culture. *Latinamericanist*, vol. 29, n.º 1, p. 1-5, 1993. Disponível em: <<http://www2.webster.edu/~corbetre/haiti/misctopic/dominican/antihaiti.htm>>. Acesso em: 10 set. 2014.

SANTANA, Márcio Antônio de. *Literatura e construção da comunidade imaginada Haitiana: uma leitura de Jacques Stephen Alexis e Jacques Roumain (1915-1917)*. 178 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 2003.

SANTOS, Hélio. Discriminação racial no Brasil. In: SABÓIA, Gilberto. Anais de seminários regionais preparatórios para a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata. Brasília : Ministério da Justiça, 2001. Disponível em: <[http://www2.tjce.jus.br:8080/esmec/wp-content/uploads/2008/10/discriminacao\\_racial\\_no\\_brasil.pdf](http://www2.tjce.jus.br:8080/esmec/wp-content/uploads/2008/10/discriminacao_racial_no_brasil.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2016.

SANTOS, João Bosco Cabral dos. *Uma reflexão metodológica sobre Análise de Discursos*. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral dos (Orgs). *Análise do Discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia : EntreMeios, 2004. p. 109-118.

SANTOS, Melody Fonseca. *Discursos ideológicos y construcción del otro haitiano: las intervenciones militares de Estados Unidos en Haití durante el siglo XX*. Asociación Histórica Contemporánea. Actas Encuentro Jovenes Investigadores. Instituto Valentín Foronda, 2012. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4721853>>. Acesso em: 20 out. 2014.

SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. *Haiti: fenomenologia de uma barbárie*. Goiânia : Cãnone Editorial, 2006.

SCHOELCHER, Víctor. *Haití (1492-1825): Historia de una revolución bajo la óptica de un abolicionista francés, defensor de los derechos del hombre y gran crítico del sistema colonialista*. Isla Negra : Ambos Editores, 2011. E-book. Não paginado.

\_\_\_\_\_. *A manutenção da paz e as lições do Haiti: colapso ou reedificação do Estado?*. OBREAL/EULARO specialist papers: São Paulo, dezembro de 2006. Disponível em: < <http://www.obreal.org/newsletter/www.obreal.unibo.it/Filee3fc.pdf?IdFile=753>> Acesso em: 19 out. 2009.

SCHWARTSMAN, Hélio. *Graças ao açúcar, “pedaço da África” já foi uma “pérola”*. *Folha de São Paulo*, Folhaonline, São Paulo, 14 jan. 2010. Mundo. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1401201013.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2010.

SEITENFUS, Ricardo. *Haiti: a soberania dos ditadores*. Porto Alegre : Solivros, 1994.

\_\_\_\_\_. *Haiti, ano I?*. *Folha de São Paulo*, 01 mar. 2005. Disponível em: < <http://www.seitenfus.com.br/arquivos/FSP-haiti.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. *A manutenção da paz e as lições do Haiti: colapso ou reedificação do Estado?* OBREAL/EULARO specialist papers, São Paulo, dez. 2006. Disponível em: < <http://www.cries.org/filemanager/fileuser/39.pdf> >. Acesso em: 25 jan. 2015.

SIDEKUN, Antônio. *Cultura e Alteridade*. In: TREVISAN, Amarildo Luiz; e TOMAZETTI, Elisete M. (Orgs). *Cultura e Alteridade: Confluências*. Ijuí, RS : UNIJUI, 2006, p. 52-63.

SILIÉ, Rubén; SEGURA, Carlos; e CABRAL, Carlos Dore. *La nueva inmigración haitiana*. Santo Domingo, República Dominicana : FLACSO, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei; e SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo : Contexto, 2009.

SOARES, Carlos Eugênio; & GOMES, Flávio. *Sedições, haitianismo e conexões no Brasil escravista*. *Novos Estudos CEBRAP*, n.º 63, julho de 2002, p. 131-144.

SPENSER, Buckingham St. John. *Hayti or the Black Republic*. New York : Scribner & Welfort, 1889. Disponível em: < [www.archive.org/details/cu31924021174564](http://www.archive.org/details/cu31924021174564) >. Acesso em: 8 set. 14.

TEILLERY, Juan Castaingts. *Antropología simbólica del malinchismo (un estudio de economía antropológica)*. *IZTAPALAPA* 37, Iztapalapa, jul/dez. 2005, p. 213-222. Disponível em: < <http://tesiuami.uam.mx/revistasuam/iztapalapa/include/getdoc.php?id=499&article=507&mode=pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

THOMAS, Omar Ribeiro. *O Haiti estava de joelhos; agora, está prostrado. Folha de São Paulo*, Folhaonline, São Paulo, 14 jan. 2010. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1401201002.htm>>. Acesso em: 07 mai. 2010.

\_\_\_\_\_; JORGE, Otávio Calegari. *Haiti, que ajuda?. Folha de São Paulo*, Folhaonline, São Paulo, 18 jan. 2010. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1801201010.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. de Beatriz Perrone Moisés. 4. Ed. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2010.

TOKATLIÁN, Juan Gabriel. Intervención en Haití, misión frustrada. Una crítica de América Latina. *FRIDE*, Madri, set. 2005. Disponível em: <[http://fride.org/descarga/COM\\_Haiti\\_ESP\\_oct05.pdf](http://fride.org/descarga/COM_Haiti_ESP_oct05.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2014.

TORRES-SAILLANT, Silvio. El anti-haitianismo como ideología occidental. *Cuadernos Inter.c.a.mbio sobre Centroamérica y el Caribe*, San José, año 9, n.º 10 : p. 15-48, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ucr.ac.cr/index.php/intercambio/article/view/2973>>. Acesso em: 5 mai. 2014.

VALERIO-HOLGUÍN, Fernando. Nuestros vecinos, los primitivos: identidad cultural dominicana. *Latin American Studies Association (LASA)*, Conference, Washington D. C., 2001, 24 p. Disponível em: <[https://www.academia.edu/4869993/Nuestros\\_vecinos\\_los\\_primitivos\\_-Fernando\\_Valerio-Holguin](https://www.academia.edu/4869993/Nuestros_vecinos_los_primitivos_-Fernando_Valerio-Holguin)>. Acesso em: 17 nov. 2015.  
<[https://www.academia.edu/4869993/Nuestros\\_vecinos\\_los\\_primitivos\\_-Fernando\\_Valerio-Holguin](https://www.academia.edu/4869993/Nuestros_vecinos_los_primitivos_-Fernando_Valerio-Holguin)>

VAN DIJK, Teun A. Discurso Racista. In: PEROSANZ, Juan José Igartua; e MURIEL, Carlos Muñiz (orgs.). *Medios de comunicación, inmigración y sociedad*. Salamanca : Ediciones Universidad de Salamanca, 2007, pp. 9-16.

VASCONCELOS, Alex Donizete. *Sarmiento e Bilbao: da barbárie à utopia – Conformação das identidades sul-americanas no século XIX*. 2007. 119 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

\_\_\_\_\_. *A MINUSTAH e a alteridade: representações e identidades haitianas nos discursos da ONU e da Folha de São Paulo (2004-2010)*. 2010. 189 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás/Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

VERAS, Ramón Antônio. *Contratos y reclutamientos de braceros: entradas clandestinas o repatriación*. In: Colóquio Internacional “La cuestión Haitiana en la República Dominicana”, Santo Domingo, República Dominicana : FLACSO, p. 107-119, 1991. Disponível em: <<http://www.flacsoandes.edu.ec/biblio/catalog/resGet.php?resId=24761>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

VIAU, Alfred. *Negros, Mulatos y Blancos*. Ciudad Trujillo, República Dominicana : Ed. Montalvo, 1955.

WALLACE, Hunter. Review: Hayti, or, the Black Republic. *Occidental Dissent – Caribbean Project*. 19 fev. 2014. Disponível em: < <http://www.occidentaldissent.com/2014/02/19/caribbean-project-review-hayti-or-the-black-republic/> >. Acesso em: 16 set. 14.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WOODING Bridget; MOSELEY-WILLIAMS, Richard. *Inmigrantes haitianos y dominicanos de ascendência haitiana en la República Dominicana*. Santo Domingo : CID/SJR, 2004. Disponível em: < [http://espacinsular.org/IMG/\\_Inmigrantes\\_haitianos.pdf](http://espacinsular.org/IMG/_Inmigrantes_haitianos.pdf) >. Acesso em: 11 set. 2014.

WOODING, Bridget. El impacto del terremoto en haití sobre la inmigración haitiana en República Dominicana. *América Latina Hoy*, Universidad de Salamanca España, vol. 56, diciembre, p. 111-129, 2010. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30816743006>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

YRI, Jørgen. *El bárbaro vago y la isla indivisible: la representación de lo haitiano en la oficialidad dominicana ejemplificada por la lectura de El ocaso de la nación dominicana y La isla al revés – Haití y el destino dominicano*. 2008. 135f. Dissertação (Mestrado em História) – Institutt for fremmedspråk Universitet i Bergen, Høsten, 2008.

ZAGLUL, Jesús M. *Una identificación nacional “defensiva”*: el antihaitianismo nacionalista de Joaquín Balaguer. Una lectura de *La isla al revés*. In: SILVA, Lusitania Francisca Martínez Jiménez (compiladora). *Filosofía dominicana: pasado y presente*. Archivo General de la Nación, t. II, v. XCIV, Santo Domingo, República Dominicana : Editora Alfa & Omega, 2009. Disponível em: < [http://www.agn.gov.do/sites/default/files/publicaciones/volumen\\_94\\_0.pdf](http://www.agn.gov.do/sites/default/files/publicaciones/volumen_94_0.pdf)>. Acesso em: 29 dez. 2014.

## ANEXO A – Mapa político do Haiti



Fonte: Disponível em: <[http://www.mapcruzin.com/free-maps-haiti/haiti\\_pol99.pdf](http://www.mapcruzin.com/free-maps-haiti/haiti_pol99.pdf)>. Acesso em: 19 maio. 2015.



## **APÊNDICE A – Cronologia**

- 6 Dez 1492 Desembarque de Cristovão Colombo em Hispaníola (Haiti) (Etienne)
- 1503 Introdução dos primeiros negros em Espanhola. (Etienne)
- 1625 Estabelecimento dos aventureiros franceses em Saint-Domingue (na parte ocidental da Ilha). (Etienne)
- 1654 A Espanha toma a ilha de Tortuga, ao norte de La Española(ou Hispaniola, de acordo com os historiadores ingleses). Tortuga servia de abrigo aos piratas que contrabandeavam carne defumada ou boucan; por essa razão, eram chamados de bucaneiros (James)
- 1665 Os franceses se estabelecem em Tortuga. (James)
- 1697 Assinatura do Tratado de Ryswick (a parte ocidental da Ilha torna-se oficialmente uma colônia francesa). (Etienne)
- 1743 Nascimento de Toussaint. (James)
- 1758 Suplício de Mackandal, líder negro que utilizava o vodu, em São Domingos. (James)
- 1789-1791 Assembléia Constituinte na França. (James)
- 1791 Governo girondino. Assembleia Constituinte estabelece a igualdade de direitos em São Domingos. Revolta e morte de Boukman. Rebelião dos escravos no Sul e no Lado Ocidental. (James)
- 29 Out 1793 Proclamação da liberdade geral dos escravos em Saint-Domingue. Toussaint L'Ouverture é nomeado general da República. (James/Etienne).
- 1795 Assinatura do Tratado de Basiléia. Santo Domingo (a parte espanhola) é cedida à França. (James)
- 1801 São Domingos proclama uma Constituição e a ilha se torna província autônoma da França. Toussaint toma posse, de fato, da parte espanhola. Toussaint proclama uma Constituição. (James)
- 29 Jan 1802 Desembarque da frota napoleônica em Saint-Domingue (Etienne).
- 7 Jun 1802 Prisão e deportação de Toussaint L'Ouverture. (Etienne)
- Out 1802 Começa a guerra de independência do Haiti. (Etienne)
- 1803 Toussaint morre em Forte Joux, perto de Pontarlier, aos 27 de abril. Rochambeau, sucessor de Leclerc, general de Napoleão, capitula diante de Jean-Jacques Dessalines e Alexandre Sabès Pétion. (James)
- 1º Jan 1804 Proclamação da Independência do Haiti: Jean-Jacques Dessalines torna-se Governador Geral. (Etienne)

Set 1804	Jean-Jacques Dessalines proclama-se Imperador Jacques I. (James)
1804-1805	Império. (James)
1806	Morte de Dessalines. O país se divide em dois: o Norte é comandado por Henri Christophe e o Sul, por Pétion. (James)
1811	Christophe proclama-se Rei Heney I, Rei do Haiti. (James)
1807-1812	Guerra Civil. (Etienne)
Mar 1812	Reunificação do Oeste e do Sul. (Etienne)
1820	Independência de Santo Domingo (República Dominicana). Christophe suicida-se com uma bala de prata, após ser derrubado por Jean-Pierre Boyer, sucessor de Pétion no Sul. (James)
1822	Anexação da República Dominicana.
1838	Reconhecimento oficial da independência do Haiti pela França. (Etienne)
1843	Exílio de Boyer. (James)
1844	Separação da República Dominicana. (Etienne)
1847-1849	Presidência de Faustin Soulouque. (Etienne)
1849-1859	Em 1840 Fautin Soulouque proclama-se Imperador do Haiti. Império de Faustin I. (Etienne)
1862	Reconhecimento da independência do Haiti pelos Estados Unidos. (Etienne)
28 Jul 1915	Intervenção militar estadunidense no Haiti. (Etienne)
1915-1934	Ocupação estadunidense do Haiti. (Etienne)
1828	Jean Price-Mars publica <i>Asi habló el Tío</i>
1930	Início do primeiro governon de Trujillo na República Dominicana.
1934	Fim da ocupação estadunidense do Haiti. (Etienne)
1956-1957	Crise política aumenta: cinco governadores provisórios. (Etienne)
1957	François Duvalier é eleito presidente do Haiti.
1957-1971	Presidência de François Duvalier.
1971	Morte de François Duvalier
1971-1986	Presidência de Jean-Claude Duvalier. (Etienne)
7 Fev 1986	Fuga de Jean-Claude Duvalier para a França.
1986-1991	Caótico período de transição política: regimes militares autoritários, golpes de Estado (cinco governos efêmeros). (Etienne)
1991	Presidência de Jean-Bertrand Aristide. (Etienne)
Set 1991	Golpe de Estado militar do General Raoul Cedras. (Etienne)
1991-1994	Ditadura de Raoul Cedras.
1994	Restabelecimento de Jean-Bertrand Aristide em suas funções de Chefe-de-Estado graças a uma intervenção militar estadunidense de 23.000 soldados. (Etienne)
1996-2001	Presidência de René Garcia Préval. (Etienne)
2001-2004	Presidência de Jean-Bertrand Aristide. (Etienne)
Fev 2004	Queda de Jean-Bertrand Aristide.
Mar 2004	Estabelecimento da Força Multinacional Provisória pela ONU.
1º Jun 2004	Estabelecimento da MINUSTAH em substituição à FMP.
12 Jan 2010	Terremoto mata cerca de 230.000 pessoas e deixa mais de um milhão de desabrigados.
1º Jun 2014	MINUSTAH completa 10 anos de ocupação do Haiti.

Fontes: ÉTIENNE, Sauveur Pierre. *L'énigme haïtienne. Échec de l'État moderne en Haïti*. Montréal : Les Presses de L'Université de Montréal, 2007, p. 333-341. / JAMES, Cyril Lionel Robert. *Os jacobinos negros*. Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. Trad. de Afonso Teixeira Filho. São Paulo : Boitempo, 2000, p. 379-382.

**APÊNDICE B – Principais acontecimentos geopolíticos e históricos na demarcação fronteiriça entre o Haiti e a República Dominicana**

ANO	REGISTROS E FATOS	REPÚBLICA DOMINICANA	HAITI
1629	Primeiro registro da presença de flibusteiros e <i>bucaneros</i> na ilha de <i>Tortuga</i> , ao noroeste da ilha de Espanhola, atualmente denominada Ilha de Santo Domingo.	Possessão Espanhola, denominada La Española. Sede da Real Audiência e primeira colônia espanhola nas Américas	
1697	Tratado de Ryswick. Após o estabelecimento e dispersão dos <i>flibusteiros</i> e <i>bucaneros</i> na parte ocidental da ilha, a Espanha reconheceu o fato e cedeu à França 1/3 da ilha. Entretanto, os limites entre as “duas partes” não foram estabelecidos oficialmente.	Parte espanhola (leste da Ilha) denominada Santo Domingo (Espanha)	Parte francesa (oeste da Ilha) denominada <i>Saint Domingue</i> (França).
1777	Tratado de Aranjuez. Convênio firmado entre as metrópoles espanhola e francesa que visava estabelecer limites em ambas as possessões.	Colônia de Santo Domingo	Colônia de <i>Saint Domingue</i> (França)
1795	Tratado de Basileia. Como consequência da ausência de limites precisos entre ambas as colônias, iniciaram-se inúmeros conflitos entre os habitantes de ambas as colônias. Esse tratado objetivava pôr fim a esses conflitos por uma via diplomática. Contudo, nem o tratado de Aranjuez nem o de Basileia lograram êxito.	Colônia de Santo Domingo (Espanha)	Primórdios da nação haitiana, conduzida pela Revolução dos Escravos (1791) e por L’Ouverture (1791/1802).
1801 a 1802	Invasão da parte espanhola por Toussaint L’Ouverture e proclamação da ilha “ <i>une et indivisible</i> ”.	Desaparecimento da linha fronteiriça entre a S.D.E. e a S.D.F.	
1806	Retomada pelos espanhóis da S.D.E. e restabelecimento da fronteira, segundo o Tratado de Aranjuez.	D.E.	Haiti/independente. Reino do Norte e Reino do Sul.
1821	Independência da República Dominicana. Limites fronteiriços do Tratado de Aranjuez (1777).	República Dominicana (RD)	Haiti/unificado República do Haiti (RH)
1822 a 1844	Invasão da República Dominicana por Jean Pierre Boyer.	Desaparecimento da linha fronteiriça entre a RD e a RH.	
1845	Restabelecimento da fronteira, segundo o Tratado de Aranjuez.	RD	RH
1849 a 1855	Tentativas de invasão da República Dominicana por Faustin Soulouque. Não logrou êxito.	RD	RH
1874 a 1895	Período de formulação de inúmeros tratados e convênios para definição da fronteira. Solução irresoluta manteve as linhas especificadas pelo Tratado de Aranjuez	RD	RH
1912	Estabelecimento da fronteira nos parâmetros do Estado Maior em Washington. A República Dominicana e a República do Haiti recorreram aos EUA como árbitro na decisão	RD	RH

<b>ANO</b>	<b>REGISTROS E FATOS</b>	<b>REPÚBLICA DOMINICANA</b>	
<b>1929</b>	Convênio de delimitação da fronteira acordado entre os presidentes da RD e da RH. Sob tutela dos EUA, esse convênio de delimitação pretendeu ser “definitivo”, não logrando êxito.	RD (Horácio Vasquez)	RH (Louis Borno)
<b>1931</b>	Retomada do convênio de 1929 entre os presidentes de ambas as repúblicas. Por manterem “relações amistosas”, não contaram com a arbitragem de outro país.	RD (Rafael Trujillo)	RH (Stenio Vincent)
<b>1936</b>	Estabelecimento e delimitação geopolítica definida entre a RD (Trujillo) e a RH (Stenio Vincent). Essa delimitação vigora até o momento.	RD (Rafael Trujillo)	RH (Stenio Vincent)

Fonte: SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. *Haiti: fenomenologia de uma barbárie*. Goiânia : Cãnone Editorial, 2006, p. 120-121.

## APÊNDICE C – The Demographics of Saint Domingue (1789-1790)

	Free Whites	Free People of Color	Slaves
<b>Populations Breakdowns</b>			
(Total = 560,000)	32,000	28,000	500,000
Percentage of Population	6	5	89
Growth rate (%/yr)	1.35	4.5	6
Doubling time (yrs)	52	16	12
<b>Racial Makeup (%)</b>			
White	[90]	[15]	0
Black	0	35	[94]
Mulatto	[10]	50	[5]
Other	0	0	[1]
<b>Sex Ratios (%)</b>			
Men	80	45	60
Women	20	55	40
<b>Origins (%)</b>			
Immigrant	75	[5]	67
Native	25	[95]	33

Note: Numbers in brackets are estimatives

Fonte: MCCLELLAN III, James E.. *Colonialism and Science: Saint Domingue in the Old Regime*. Baltimore and London: Johns Hopkins University Press, 1992, p. 47. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/revolution/d/500/>. Acesso em: 11 maio 2015.